

CIZINA CÉLIA FERNANDES PEREIRA RESSEL

**DESAMPARO PSÍQUICO NOS FILHOS DE *DEKASSEGUI*
NO RETORNO AO BRASIL**

**ASSIS
2014**

CIZINA CÉLIA FERNANDES PEREIRA RESSEL

**DESAMPARO PSÍQUICO NOS FILHOS DE *DEKASSEGUI*
NO RETORNO AO BRASIL**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Mestre em Psicologia (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade).

Orientador: Prof. Dr. José Sterza Justo

**ASSIS
2014**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

R435d Resstel, Cizina Célia Fernandes Pereira
Desamparo psíquico nos filhos de Dekasseguis no retorno
ao Brasil / Cizina Célia Fernandes Pereira Resstel. Assis, 2014
363 f. : il.

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras
de Assis - Universidade Estadual Paulista.

Orientador: Prof. Dr. José Sterza Justo

1. Dekasseguis. 2. Criança. 3. Imigrantes. 4. Desamparo
(Psicologia). 5. Psicanálise. 6. Educação bilíngue. 7. Identidade
(Psicologia). I. Título.

CDD 150.1952
325.1

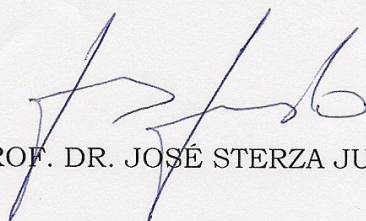
CIZINA CÉLIA FERNANDES PEREIRA RESSTEL

DESAMPARO PSÍQUICO NOS FILHOS DE
"DEKASSEGUIS" NO RETORNO AO BRASIL

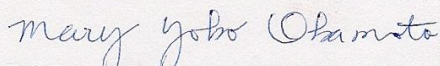
Dissertação apresentada à Faculdade
de Ciências e Letras – UNESP para a
obtenção do título de Mestra em
PSICOLOGIA (Área de Conhecimento:
Psicologia e Sociedade)

Data da Aprovação: 23/01/2014

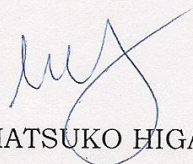
COMISSÃO EXAMINADORA



Presidente: PROF. DR. JOSÉ STERZA JUSTO - UNESP/Assis



Membros: PROFA. DRA. MARY YOKO OKAMOTO - UNESP/Assis



PROFA. DRA. MARÍLIA MATSUKO HIGA - UNESP/Marília

Ao meu querido esposo, Fábio Resstel

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus sobre todas as coisas.

Aos meus pais, José Fernandes e Tercília Marani, pessoas simples, não mediram esforços para dar-me uma formação superior.

Em especial, ao meu esposo, Fábio Resstel, companheiro inseparável, pessoa admirável por sua cumplicidade incondicional, contribuiu para que pudesse dar sequência aos meus estudos no Brasil, apoiando-me em todos os momentos difíceis, para a realização dos meus objetivos.

À minha querida irmã, Ana Paula, pessoa admirável por ser uma figura singular e especial em minha vida.

Ao meu irmão, José Junior, que é migrante em terras brasileiras, pelo seu afeto.

Ao meu avô, Lázaro Marani, que aos 96 anos de idade é um exemplo de força e vida.

Aos meus saudosos avós, Cisino Fernandes e Maria Rosa, que caminham juntos em minhas lembranças.

Às minhas amigas que fui encontrando ao longo da vida, Selminha Ishi, Andréa Yonamine, Daniela (Psicóloga), Cleuza do Japão e Rosa Tamashiro.

Às professoras e psicólogas, Deíse Gouvêa e a Dra. Marília Higa, pelo afeto e apoio.

À minha amiga, Adriana Oliveira, mais do que companheira de grupo do Mestrado, sempre esteve atuante em minha nova formação.

Ao grupo de Orientação de Mestrado, ao Alexandre, Cledione e Felizardo, pela colaboração.

Às companheiras de psicologia clínica, Heloísa Boechat, Édna Cardoso, supervisora e psicanalista Regina Colucci e à minha psicoterapeuta Márcia Guedes, pelo carinho.

À professora e Dra. Mary Okamoto, por ter me convidado para a participação do projeto da JICA em parceria com a UNESP/Assis (2012).

Ao professor Dr. Francisco Hashimoto, pela sua sensibilidade e afetividade, ao me acolher e amparar na UNESP de Assis.

Ao meu orientador, Prof. Dr. José Sterza Justo, por ter me orientado nesta dissertação de Mestrado, acompanhando-me em momentos difíceis e aliviando-me de minhas angústias, ensinando e me apoiando a todo instante.

Ao Nikkey Clube de Marília, que abriu as portas da instituição para que eu pudesse realizar a pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento e auxílio no desenvolvimento da pesquisa.

Aos amigos e aos familiares, pelo carinho e auxílio.

Enfim, agradeço a todos os participantes da pesquisa, pela paciência e colaboração.

Encontros e Despedidas

*Mande notícias do mundo de lá
Diz quem fica
Me dê um abraço, venha me apertar
Tô chegando
Coisa que gosto é poder partir
Sem ter planos
Melhor ainda é poder voltar
Quando quero
Todos os dias é um vai-e-vem
A vida se repete na estação
Tem gente que chega pra ficar
Tem gente que vai pra nunca mais
Tem gente que vem e quer voltar
Tem gente que vai e quer ficar
Tem gente que veio só olhar
Tem gente a sorrir e a chorar
E assim, chegar e partir
São só dois lados
Da mesma viagem
O trem que chega
É o mesmo trem da partida
A hora do encontro
É também de despedida
A plataforma dessa estação
É a vida desse meu lugar
É a vida desse meu lugar
É a vida*

(Fernando Brant e Milton Nascimento, 1985)

RESSTEL, Cizina Célia Fernandes Pereira. **Desamparo psíquico nos filhos de *dekasseguis* no retorno ao Brasil**. 2014. 363 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2014.

RESUMO

O fenômeno *dekassegui* tem se destacado no Brasil pelo expressivo contingente de descendentes de japoneses que tem se deslocado para o Japão, em busca de trabalho e de uma poupança financeira, e retornado novamente, depois de um longo período ou de sucessivas idas e vindas. A proposta geral deste estudo elegeu, como objeto de investigação, a experiência do migrante *dekassegui*, particularmente dos filhos desses migrantes, descendentes de japoneses que fizeram o caminho inverso ao de seus avós e que, atualmente, estão retornando para o Brasil. O objetivo específico da pesquisa foi investigar, nessas crianças que passaram a primeira infância ou parte dela no Japão, como vivenciaram o processo de adaptação à cultura brasileira, particularmente no que diz respeito a sentimentos e ansiedades de desamparo. Para tanto, foi tomada a psicanálise como referencial teórico de fundo e o método clínico de investigação científica baseado em entrevistas com os pais e as crianças. Nos relatos dos casos, notou-se que o desamparo psíquico abordado na pesquisa no processo de adaptação/readaptação dos filhos de *dekasseguis* na chegada ao Brasil pôde ser identificado nas crianças e também nos próprios pais *dekasseguis*. Os pais sentem-se desamparados antes mesmo de retornarem para o Brasil. Portanto, são inúmeras as dificuldades da família *dekassegui* na chegada ao Brasil, tendo como pano de fundo o estranhamento do ambiente que antes era bastante familiar, gerando, ainda, um estranhamento de si mesmo. Além disso, os pais se defrontam com a questão da identidade cultural de seus filhos, fortemente enraizada na cultura japonesa, o que não se tornava tão evidente quando viviam no Japão. A língua será o principal indicador das raízes mais profundas da identidade cultural dos filhos e o desafio maior a ser enfrentado. Também o fator idade, o tempo de permanência no exterior e o grau de escolaridade em que essas crianças se encontram no ato da imigração acabam contribuindo para as dificuldades de adaptação/readaptação na escola.

Palavras-chave: *Dekasseguis*; criança; retorno; desamparo psíquico e psicanálise.

RESSTEL, Cizina Célia Fernandes Pereira. **Psychic abandonment in *dekasegi* children in returning to Brazil**. 2014. 363 f. Dissertation (Master's in Psychology) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2014.

ABSTRACT

The *dekasegi* phenomena has been highlighted in Brazil due to the significant number of Japanese descendants who migrate to Japan in search of good jobs and financial improvement, then come back to Brazil after a long period or frequent coming and going trips. The overall purpose of this research elected as an object of investigation the experience of the *dekasegi* migrants, especially the sons of these migrants, Brazilian Japanese descendants who did performed the reverse way of migration in comparison with their grandparents and now are coming back to Brazil. The specific purpose of this research was to investigate how migrants' children, who spent their early childhood or part of it in Japan, face the cultural adaptation process in Brazil, especially concerning to feelings and anxiety of abandonment. In order to that, psychoanalysis it was taken as a background theoretical reference and as a clinical method of scientific investigation based on interviews with parents and children. We noticed that in the cases' reports a psychic abandonment discoursed in this research in *dekaseguis*' children adaptation/readaptation process at the arrival at Brazil can be identified on children but also on *dekaseguis* parents themselves. These parents feel forgotten even before returning to Brazil. Therefore, there are uncountable difficulties for the *dekasegui* family at arriving at Brazil, being a bad feeling about the environment that were so familiar before as background, extending to a bad feeling about themselves. Besides, parents face their children's cultural identity issue, hardly rooted at Japanese culture, what did not become so evident when they lived at Japan. Language will be the main index of deepest roots in children's cultural identity, and the biggest challenge to be faced. As well, the age factor, foreign land standing period and scholarity degree these children have at the immigration moment eventually help to school adaptation/readaptation difficulties.

Keywords: Dekasegi; Children; Return; Psychic abandonment; Psychoanalysis

SUMÁRIO

PRÓLOGO	12
APRESENTAÇÃO	18
1 FENÔMENO MIGRATÓRIO	22
1.1 Fenômeno Migratório: o caso dos <i>Dekasseguis</i>	22
1.2 A Chegada dos Japoneses ao Brasil	25
1.3 Desafios do Imigrante	27
1.4 A Chegada dos <i>Dekasseguis</i> ao Japão	31
2 TRANSNACIONALISMO	35
2.1 Conceito de Transnacionalismo	35
2.2 Transnacionalidade e Identidade	41
2.3 Identidade Híbrida	43
2.4 Partir e Retornar: experiências básicas do imigrante	45
2.5 A Chegada/Retorno do <i>dekassegui</i> ao Brasil	48
2.6 Imigração/Nascimento	51
3 A EXPERIÊNCIA DA SEPARAÇÃO PARA OS IMIGRANTES	54
4 DESAMPARO PSÍQUICO	60
4.1 Contextualizando o Desamparo	60
5 OBJETIVO E JUSTIFICATIVA	72
6 MÉTODO	73
7 APRESENTAÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA	75
7.1 Pais de Eiko e Letícia: Sr. Ito / Sra. Natsu	75
7.2 Caso Eiko	76
7.3 Caso Letícia	78
7.4 Mãe da criança Goro: Sra. Haru	79
7.5 Caso Goro	80

8 ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS ENTREVISTAS	83
8.1 Pais <i>Dekasseguis</i>	83
8.1.2 Pais <i>dekasseguis</i>: retorno ao Brasil	85
8.1.3 Experiência de desamparo dos pais <i>dekasseguis</i>	85
8.1.4 Brasil/Língua: dificuldades de adaptação em família	91
8.1.5 Cultura: Brasil <i>versus</i> Japão	94
8.1.6 Escolas: Japonesa/Brasileira	96
8.1.7 Retorno para o Japão	98
8.1.8 Sentimento de culpa dos pais	99
8.1.9 Família/Identidade	101
8.1.10 Preconceito/Japão	104
8.2 Crianças e Adolescentes <i>Dekasseguis</i>	106
8.2.1 Caso Eiko	106
8.2.1.1 <i>Vivência de desamparo de Eiko com os pais</i>	106
8.2.1.2 <i>Desamparo em relação à língua</i>	109
8.2.1.3 <i>Desamparo no ambiente escolar</i>	115
8.2.1.4 <i>Filhos de <i>dekasseguis</i>: brasileiros ou japoneses?</i>	124
8.2.1.5 <i>Filhos de <i>dekasseguis</i>: o difícil retorno</i>	126
8.2.1.6 <i>Sentimentos de vergonha</i>	132
8.2.1.7 <i>Urashima Tarô</i>	134
8.2.1.8 <i>Análise dos desenhos</i>	135
8.3.2 Caso Letícia	139
8.3.2.1 <i>Vivência de desamparo de Letícia com os pais</i>	139
8.3.2.2 <i>Desamparo em relação à língua</i>	140
8.3.2.3 <i>Desamparo no ambiente escolar</i>	146
8.3.2.4 <i>Filhos de <i>dekasseguis</i>: brasileiros ou japoneses?</i>	152
8.3.2.5 <i>Filhos de <i>dekasseguis</i>: O difícil retorno</i>	154
8.3.2.6 <i>Sentimento de vergonha</i>	159
8.3.2.7 <i>Urashima Taro</i>	159
8.3.2.8 <i>Análise dos desenhos</i>	160
8.3.3 Caso Goro	167
8.3.3.1 <i>Vivência de desamparo de Goro com os pais</i>	167
8.3.3.2 <i>Desamparo em relação à língua</i>	169
8.3.3.3 <i>Desamparo no ambiente escolar</i>	171

8.3.3.4 <i>Filhos de dekasseguis: brasileiros ou japoneses?</i>	175
8.3.3.5 <i>Filhos de dekasseguis: O difícil retorno</i>	176
8.3.3.6 <i>Sentimento de vergonha</i>	177
8.3.3.7 <i>Urashima Tarô</i>	179
8.3.3.8 <i>Análise dos desenhos</i>	179
9 DISCUSSÃO	186
10 CONCLUSÃO	209
REFERÊNCIAS	216
GLOSSÁRIO	222
ANEXOS	226
Anexo A - 1ª Entrevista: Pais de Eiko e Leticia – Sr. Ito (“Pai”) e Sra. Natsu (“Mãe”)	227
Anexo B - 1ª Entrevista: Filha – Eiko	241
Anexo C - 1ª Entrevista: Filha – Letícia	298
Anexo D - 1ª Entrevista: Mãe de Goro – Haru	333
Anexo E - 1ª Entrevista: Filho – Goro	341

PRÓLOGO

Este tema de pesquisa estabelece um forte vínculo com minha experiência de vida. Fui uma *dekassegui*¹, vivi intensamente essa experiência e, se não fosse por isso, talvez dificilmente tivesse elegido esse tema de pesquisa para o meu mestrado.

Durante o forte movimento *dekassegui*, na década de 1990, eu e meu marido também fomos tomados pela ideia de trabalhar no Japão, já que conhecíamos muitos descendentes que estavam na terra do sol nascente. O meu marido é descendente de japonês da chamada terceira geração, ou seja, é um *sansei*². Pensávamos na construção de um futuro próspero. Eu, recém-formada em Psicologia, e meu marido, bacharel em Direito, na época funcionário público. Deixamos tudo. Partimos para o Oriente em busca de realizações pessoais. Algo muito intenso alimentava a ideia de tentar a vida no Japão. Entretanto, sabíamos que não seria fácil. Estávamos cientes das dificuldades. Tínhamos em mente as questões das diferenças culturais, a língua japonesa, a comida, o sistema de trabalho em ritmo acelerado, a rigorosa disciplina. Porém, a primeira impressão de estranhamento veio quando estávamos no avião, sobrevoando o território japonês. Comecei a sentir tudo aquilo como estranho e desconhecido para mim, nada familiar. O desejo era de não descer ali, ou psicanaliticamente falando, não refazer, naquele momento, o que parecia ser outro nascimento. Mesmo não sendo o interior de um avião um ambiente familiar para mim, me soava, naquele instante, como um lugar de aconchego e proteção que poderia me levar de volta à terra-mãe e me livrar daquela que, do alto, parecia inóspita. A primeira sensação no solo, ainda dentro do aeroporto de Nagoya, foi de um calor até reconfortante, mas que se dissipou rapidamente e foi substituída por uma sensação do frio intenso que fazia a uma temperatura abaixo de zero, naquele dia 31 de dezembro de 1996. A recepção foi feita por um funcionário da empreiteira, onde iríamos trabalhar, e um casal de parentes. Fomos para o Estado/Província de Shizuoka, localizado na região central do Japão. Assim começava minha história de vida como *dekassegui*.

Esta história não se difere de tantas outras vivências de muitos que partem em busca de sucesso profissional e financeiro no Japão e se separam de seus familiares, amigos, de seus objetos amados em busca de algo desconhecido, novo e idealizado. Uma mudança radical

¹ *Dekassegui*: originado do japonês *Deru* (sair) e *Kasegu* (ganhar dinheiro). Aquele(a) que sai para trabalhar fora em serviços temporários para ganhar dinheiro. Anteriormente, o termo *dekassegui* era usado para os japoneses das ilhas do norte e nordeste que se deslocavam temporariamente para as regiões do sul do Japão em busca de trabalho para fugir dos invernos rigorosos da região. Entretanto, o termo *dekassegui* também é usado para os descendentes de japoneses que se deslocam para o Japão em busca de trabalhos temporários. (Tradução nossa).

² *Sansei*: Sansei (mf), cidadão (cidadã) brasileiro(a) neto(a) de emigrante (imigrante) japonês; terceiro(a) (HINATA, 1998, p. 373).

como essa vivenciada pelos *dekasseguis* quando desembarcam no Japão e travam os primeiros contatos com essa terra tão distante e diferente dispara sensações, sentimentos, afetos, pensamentos, imaginações de todo tipo. É uma verdadeira tempestade emocional, sobretudo, porque, diferentemente de um viajante temporário ou de um turista, o *dekassegui* não se vê diante de uma paisagem curiosa ou de lugar exótico para ser contemplado, experimentado levemente e tateado a distância, mas sim, se vê diante de um lugar absolutamente estranho, no qual irá viver por certo tempo, no qual terá que produzir suas condições de existência.

Mesmo em companhia de familiares, como era meu caso, um dos sentimentos inevitáveis é o do desamparo e insegurança, quando não alguma persecutoriedade, acompanhada de sentimentos de desconfiança e da percepção de um ambiente hostil. O desamparo parece ser o sentimento básico nessa experiência, desencadeado pela sensação e percepção de perda das ancoragens e dos referenciais de si mesmo estabelecidos ao longo da vida assentada num determinado lugar; de perda do entorno geográfico, social, cultural e psicológico, até então fixo, estável e bastante familiar.

No Japão, trabalhei como operária numa fábrica. As dificuldades iam aparecendo diariamente. O serviço era árduo, acelerado e havia uma grande exigência das chefias, normalmente ocupadas por japoneses natos. O funcionário que errava se tornava uma “máquina estragada” e imprestável para exercer sua função na fábrica. Meu objetivo e do meu marido era conseguir fazer uma boa poupança para retornar ao Brasil. Voltávamos ao alojamento após 12 horas de trabalho. Optamos por morar no alojamento. Era pequeno e sem conforto. Tínhamos a intenção de economizar o quanto fosse necessário. Quanto à questão da adaptação, foi acontecendo aos poucos, mas nos primeiros meses sentíamos saudades da família e da comida brasileira. A língua japonesa fez com que eu me sentisse como um bebê que vai aprendendo as primeiras palavras no seu ambiente de convivência, assolado pelo desejo de se comunicar, de se fazer entender e entender os outros. As saudades do Brasil e dos meus familiares permaneceram durante os oito anos que morei no Japão. Como *dekassegui*, me sentia insegura, ameaçada e em perigo. Não tinha garantia de emprego e muito menos de moradia. Os administradores da empreiteira abusavam dos seus poderes, intimidando os funcionários de despejo se não os obedecessem. Sob ameaças e sem forças para quaisquer enfrentamentos, a tendência é ir se anulando e contendo impulsos e desejos à custa de muito sofrimento.

O tempo foi passando e a esperança de retornar era o que mais alimentava a vida. Para tornar a situação ainda mais problemática, a economia japonesa começou a entrar em recessão. A insegurança aumentava vivendo num país desconhecido, me sentindo sozinha e ameaçada de perder o emprego, totalmente desprotegida.

A saída do Japão, onde permanecemos por oito anos longe do Brasil, foi uma experiência de deixar a terra que não simbolizava a mãe natural, mas que acabou tratando bem seus filhos adotados, imigrantes, dando-lhes o sustento e uma poupança adicional. De terra estranha e distante, passou a me soar como próxima e familiar, produzindo significações emocionais e criando um espaço mental como lugar de morada por tempo determinado e de estabelecimento de laços de amizade e de absorção de crenças, práticas e valores, como a rígida disciplina, por exemplo, que muito estranha aos brasileiros. Mal sabia que o retorno não seria tão menos problemático do que fora a saída do Brasil. Depois desses oito anos no Japão, a partida ressuscitou novamente o fantasma da separação, trazendo-me de volta sentimentos de dor, perda e medo do novo. No Brasil, seria um reinício, uma readaptação ao sistema brasileiro e a reconquista de um novo espaço.

Ao chegarmos ao país de origem, tivemos a percepção de que não era propriamente desconhecido, mas que estava diferente, ou seja, modificado pelo tempo, dando-nos uma sensação de estranheza. O crescimento e desenvolvimento da cidade, as feições das pessoas não eram mais aquelas dos orientais, às quais já havia me habituado. Novamente nos deparamos com o choque cultural, entretanto, talvez até pior do que aquele vivido na chegada ao Japão porque, agora, tratava-se de retificar registros fortemente estabelecidos e que não mais correspondiam ao que percebíamos e sentíamos. Ressurge o medo, o perigo e o desamparo psíquico, nessa percepção de estar duplamente expatriado ou desfilado: nem a mãe natural, nem a adotiva. No retorno, senti, na pele, o que é a chamada experiência de se constituir, como sujeito, no “entre”, ou seja, no espaço que liga dois lugares; que está entre dois lugares distintos. Nem aqui, nem lá, mas entre os dois. Nas primeiras sensações do retorno, me sentia exatamente assim: nem no Japão, nem no Brasil. Fora de um lugar e, agora sim, inteiramente desamparada porque, se antes, chegando ao Japão, podia me refugiar nas lembranças acolhedoras do Brasil, agora sequer a lembrança era um porto seguro, aliás, ela era o maior fator de instabilidade e insegurança, pois a cada momento sentia que o que havia deixado para trás na primeira partida já não estava mais ali.

Mesmo com o passar dos anos do retorno e com a readaptação razoavelmente realizada, não deixei de reconhecer como parte inextrincável de mim o que resultou dessa experiência radical como *dekasegui*. Seguramente, muito do que uma experiência assim suscita, sequer conseguimos reconhecer com clareza e perceber suas influências no modo de ser agora. Essa proposta de pesquisa é, indubitavelmente, mais um desdobramento da minha experiência como *dekasegui* e espero conseguir, por meio dela, trazer alguma contribuição ao conhecimento do fenômeno migratório, cada vez mais proeminente na atualidade.

A minha experiência de viver um longo período no Japão fortalece a impressão que já tinha sobre as dificuldades das crianças *dekasseguis*. Perante a atual e dura realidade dos filhos de *dekasseguis* que vivem no Japão, veio a confirmar o desamparo psíquico desencadeado pelas longas ausências diárias dos pais e pela dificuldade em aprender o novo idioma, e talvez o único de seu conhecimento. Lembrando que muitas dessas crianças nasceram no Japão e frequentaram escolas japonesas, estando sempre correndo atrás do atraso escolar.

De forma sucinta, não poderei deixar de comentar e escrever sobre a minha segunda viagem para o Japão, que posteriormente pretendo descrever no doutorado. Não poderia imaginar que tão logo retornaria à “Terra do Sol Nascente”. O convite para participar do “Programa de Desenvolvimento de Apoio Psicológico no Estado de São Paulo voltado aos *dekasseguis* e seus descendentes que retornam ao Brasil”, veio da Dra. Mary Yoko Okamoto, coordenadora do projeto e professora da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Campus de Assis (FCL/UNESP). Esse trabalho teve início em 2012 e está sendo realizado pela UNESP de Assis em parceria com a JICA (*Japan International Cooperation Agency*). O retorno para o Japão aconteceu no dia 03 de setembro de 2012, juntamente com a coordenadora e mais duas colegas psicólogas que também participam do projeto. A coordenadora permaneceu no Japão por quinze dias, porém, eu e minhas colegas psicólogas ficamos por um período de três meses, cada qual, em um Estado/Província japonesa.

A princípio, surgiu em mim um sentimento de felicidade, por estar retornando ao Japão, onde morei e trabalhei por longos oito anos, juntamente com meu esposo. Fiz dessa “terra” a minha “casa”. A percepção do reencontro com a terra japonesa novamente veio no avião. Estava muito ansiosa de como encontraria a minha terra adotiva, a japonesa. Desta segunda vez, tive a sensação de que a terra nipônica não era mais seca, e sim estava arborizada e diferente do primeiro contato que havia avistado em 1996. A paisagem mudara, estava mais bonita de se ver e gerava em mim, um aspecto mais agradável.

As diferenças vão surgindo quando nos deparamos diretamente com o solo japonês. Agora, encontrava-me em outra condição: não era mais uma “imigrante *dekassegui*”, era uma “estrangeira” num país que era “familiar”. Mesmo sendo “familiar”, o tempo surge como sendo “outro”, ou seja, “outro tempo” as pessoas não são as mesmas e nem o lugar é o mesmo que antes. Apesar, de estar acompanhada, senti que era um novo momento da minha vida e desconhecido, não sabia o que realmente os japoneses esperavam do nosso trabalho. Surgem

vários sentimentos, a insegurança, o medo de errar, a impotência, a tristeza e, algumas vezes, o sentimento de desamparo. Encontrava-me sozinha, na cidade de Nagoya, hospedada no hotel da JICA.

A cada dia percebia o quanto de Japão tinha em mim. Embora tendo pouco conhecimento da língua japonesa, considero-a a principal problemática da comunicação no mundo nipônico, por ser uma língua muito difícil e totalmente diferente da nossa. Sentia a necessidade de “querer compreender o outro” e “de desejar ser compreendida por esse outro”, no novo momento de vivência oriental. Entretanto, dessa vez, no Japão, não cheguei somente com o Brasil, mas também com um Japão que se encontrava adormecido dentro de mim. No contato do dia a dia com o território e com os japoneses natos foram despertando as palavras, expressões nipônicas, comportamentos mais contidos, hábitos, paladar. Porém, não cheguei totalmente “vazia” como da primeira vez. Já não era mais considerado um bebê recém-nascido, psicanaliticamente falando, e sim, já tinha oito anos de vida nipônica. Portanto, estava crescida, embora ainda não soubesse me comunicar fluentemente na língua japonesa.

Durante essa nova experiência de vida lá, fica nítida a “condição de ser estrangeira” nesse país. Os japoneses desejavam me “escutar”. Diferentemente de quando era uma “imigrante”, uma simples operária, e “nunca era escutada”. Duas experiências tão diferentes, vividas pela mesma pessoa, como dizem os compositores Fernando Brant e Milton Nascimento (1985) na música “Encontros e Despedidas”, “[...] são só dois lados da mesma viagem, o trem que chega é o mesmo trem da partida [...]”. Anteriormente, como “imigrante *dekassegui*” o palco da vida era outro. O cenário muda completamente, a paisagem não é mais a mesma. Nesse novo cenário no Japão era a estagiária da JICA (*Japan International Cooperation Agency*), ou seja, psicóloga que partiu do Brasil para o Japão, com o propósito de contribuir com a nova e difícil realidade da família *dekassegui*. Como “imigrante”, o vértice é outro. Ouvia dos japoneses líderes da fábrica a palavra “*dame*³”, ou seja, “não pode”, e, como “estrangeira”, só ouvia a palavra “*daijōbu*⁴”, quer dizer “tudo bem”, “pode” no sentido de aprovação. Duas palavras tão próximas: “imigrante” e “estrangeiro”, vividas no mesmo mundo de formas tão distintas.

Diante da nova realidade, agora, como psicóloga, numa “condição de estrangeira”, ou seja, numa condição de retorno muito melhor do que a “condição da chegada do imigrante *dekassegui* no Japão”, porém, é visto que muda a forma de tratamento dos japoneses em

³ *Dame*: [adj-v] inútil, ruim; sem esperança; impossível; dever, não poder (OHNO, 1989, p. 87).

⁴ *Daijōbu*: [adj-v] seguro; certo (OHNO, 1989, p. 83).

relação à sua condição de profissional no país. Como estrangeira em terras nipônicas sentia-me acolhida pelos japoneses e o sentimento de desamparo era mais atenuado.

Na condição de imigrante *dekassegui*, o sentimento de desamparo permaneceu durante os oito anos de Japão, prosseguiu e foi intensificado no retorno ao Brasil. Nessa segunda viagem ao Japão, esse sentimento ocorreu de forma menos ameaçadora, sentia-me mais segura. Diferentemente do sentimento de desamparo para o imigrante *dekassegui* que parece ser constante, não cessar nunca, não ter um fim, como se o sentimento de desamparo lhe acompanhasse e fizesse parte do seu destino na condição de imigrante.

Foram duas experiências bem distintas, cada uma despertando determinados sentimentos, afetos e provocando reflexões específicas, que me impeliam a examinar minha própria vida e também a daqueles que, tal como eu, se dispuseram a ir tão longe e a enfrentar tantos desafios.

Entre as tantas questões que poderia formular em torno da experiência dos *dekasseguis*, elegi uma que não me atingiu diretamente, mas que me sensibilizou bastante: a dos filhos dos imigrantes. Não tive filhos, mas me tocava profundamente e me chamava bastante a atenção esta situação dos filhos dos meus conterrâneos *dekasseguis*. Se para os adultos os desafios eram grandes, para as crianças como seria, de repente, estar em “outro mundo”, seja tendo nascido no Brasil ou inversamente, tendo nascido no Japão? Como elabora as referências das duas culturas com as quais tem contato direto ou indireto? Como ocorre sua adaptação nas mudanças de país? Quais seriam as dificuldades ou choques de ser uma criança brasileira no Japão ou uma japonesa, no Brasil?

São essas indagações que pretendo tomar como guia para esta pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Embora o fluxo de deslocamentos de brasileiros descendentes de japoneses para trabalharem no Japão tenha sido intenso, sobretudo nas décadas de 80 e 90 – produzindo uma série de consequências situadas tanto no plano econômico como no das relações familiares e no psicológico –, pouca atenção foi dada pela ciência a esse fenômeno denominado de *dekassegui*, nas primeiras grafias que tentavam registrar a sonoridade dessa palavra na língua japonesa, ou como “decasségui”, tal como já foi dicionarizada na língua portuguesa falada no Brasil.

De acordo com Portes, Guarnizo e Landolt (1999), a migração de ida e volta dos imigrantes sempre existiu, não atingindo até o momento atual um volume crítico e a complexidade efetiva para se lançar no campo social emergente. Esses imigrantes são pessoas que vivem em dois lugares, falam dois idiomas e mantêm contatos contínuos entre ambos os países.

O movimento de retorno dos *dekasseguis* ao Brasil vem ocorrendo em razão das várias recessões econômicas japonesas que vêm se prolongando por muito mais tempo no país de destino. Nesses últimos anos, os *dekasseguis* que estão voltando para o Brasil vêm se tornando um problema social e despertando nas ciências um novo olhar para esse trânsito migratório, apesar desse interesse por essa população ainda ser tímido.

Para piorar mais ainda a situação política e econômica japonesa, além da crise da falência imobiliária dos *Lehman Brothers*⁵, em 2008, que afetou a economia mundial, o Japão vem sendo afetado por grandes maremotos e radiação nuclear decorrentes desses grandes abalos sísmicos e que continuam sendo uma ameaça para quem mora no país.

Para o ex-presidente da ACEMA (Associação Cultural e Esportiva de Maringá), senhor M. Hossokawa, citado por Asari e Tomita (2000, p. 54), “[...] o que era para ser uma alternativa de vida, vem se tornando um problema”. Nessas idas e vindas entre Japão e Brasil, os *dekasseguis*, ao retornarem para a sua terra natal, se deparam com a falta de emprego e uma formação profissional, desencadeando o “movimento pendular” (ASARI; TOMITA, 2000, p. 54).

Diante dos fatos, essas idas e vindas dos *dekasseguis* estão cada vez menos frequentes, por causa da crise econômica japonesa e do próprio governo japonês que vem fechando as portas de entrada do país, assim, aplicando medidas provisórias de cunho político e socioeconômico, a fim de segurar o país em razão da falta de emprego em que se encontra.

⁵ A Crise imobiliária dos Lehman Brothers ocorreu no final de 2008, nos Estados Unidos da América, afetando financeiramente todo o planeta. O banco de investimentos Lehman Brothers é o quarto maior dos EUA (LEHMAN..., 2008).

Surge um novo fluxo migratório, desta vez, com expressivos contingentes de *dekasseguis* que retornam ao Brasil. Esse fluxo de retorno traz novos desafios para os migrantes. Agora, é um retorno para a terra natal, o Brasil, como se fosse a última e definitiva viagem, em virtude do fim da “era de ouro” que marcou a grande onda *dekassegui*. Podemos dizer que, além das dificuldades de retorno encontradas pelos *dekasseguis*, atualmente, surgem outras novas: o corte da facilidade de voltar ao Japão, como se tivesse que lidar com um “fim”, mesmo que esse “fim” seja por um tempo indeterminado, ainda não previsto.

“Voltar é muito mais difícil que partir”, é assim que os emigrantes dizem se sentir a respeito do retorno para o solo natal, o retorno para a casa. O problema do retorno para a terra de origem é muito mais complexo do que se imagina. Depois de uma temporada de vida e trabalho em outro país, com uma cultura tão diferente da brasileira, mesmo para os descendentes, os emigrantes são profundamente afetados, passando a assumir ou a aprofundar uma identidade híbrida, incrustada na sua história familiar – uma identidade transnacional (ASSIS; CAMPOS, 2009).

Segundo Tajiri e Yamashiro (1992 apud DELIBERADOR, 2011), são vários os fatores que fazem o homem se deslocar de um lugar para o outro e, ao longo de toda a história da humanidade, não tem sido diferente. O homem transita, tentando desbravar o desconhecido, por questões políticas, econômicas, sociais, religiosas e tantas outras.

A restauração da “Era *Meiji*”, em 1868, trouxe novas transformações políticas e econômicas no Japão. O sistema moderno de Estado acaba afetando a economia e ocasionando muitos desempregos no país. Diante desse período tão difícil vivido pelos japoneses, a alternativa que lhes restava era migrar para o Brasil, já que, no início do século XX, o Brasil contratava mão de obra para as lavouras cafeeiras no Estado de São Paulo. A imigração japonesa acontece com a chegada do navio a vapor *Kasatu Maru*, em 18 de junho de 1908, no porto de Santos (DELIBERADOR, 2011).

Ressalvamos que esse fluxo migratório de japoneses, nesse 18 de junho de 1908, rumo às terras brasileiras, foram os primeiros *dekasseguis* nipônicos a chegarem no Brasil. Esses imigrantes tiveram que enfrentar a dura realidade da época, o estranhamento entre países tão distintos, as dificuldades da língua, a comida, o clima, entre outras eventualidades.

Antes de completar um século da imigração japonesa no Brasil, ocorre o fenômeno que ficou conhecido na década de 80, como *dekassegui*. Agora, são os descendentes de japoneses que se deslocaram do Brasil para trabalharem de operários nas fábricas japonesas, buscando melhores salários e enriquecimento rápido.

Legalmente, a imigração de japoneses para executar trabalhos pouco qualificados no Japão se deu a partir de 1991. A população local, de alto nível de instrução, opta por trabalhos técnicos e específicos, o que resulta na necessidade de mão-de-obra imigrante para os trabalhos indesejáveis. Paralelamente, no fim dos anos 80 e início da década de 1990, o Brasil passava por um processo extremamente penoso, de mudança de moeda e hiperinflação, resultando na desvalorização da força de trabalho e descapitalização dos salários. Essa situação favoreceu o movimento “*dekassegui*”. (OSAWA, 2006).

De acordo com Sasaki (1999, p. 243), a palavra *dekassegui* significa “trabalhar fora de casa”. Portanto, é o indivíduo que trabalha fora, vindo de outras regiões ou de outros países. Esses trabalhadores, a maioria braçal, foram contratados para fazer o serviço sujo, penoso e perigoso, ou seja, o trabalho que os japoneses não queriam fazer. Portanto, realizam serviços de baixa qualificação na terra dos seus avós.

Ito (2007 apud AMARAL; CORES; MATSUO, 2010) destaca, no movimento *dekassegui*, a situação das crianças nas famílias que se mudam para o Japão com filhos em idade escolar. Enquanto permanecem no Japão, as crianças brasileiras ingressam nas escolas japonesas. Lá não aprendem o idioma português, portanto, elas têm que se adaptar ao modelo escolar japonês, muito diferente do modelo implantado em nossas escolas. As dificuldades e a demanda são tamanhas, que surgem escolas brasileiras para atenderem especialmente os filhos dos *dekasseguis*.

São inúmeras as dificuldades que vão surgindo nesses imigrantes ao se depararem em terras estrangeiras, tais como: novos hábitos, a língua japonesa; a comida é sentida gustativamente como “não temperada” ou “sem sal”, totalmente diferente do tempero brasileiro que se acentua ao sabor do sal e de outros condimentos na comida brasileira; o ritmo acelerado de trabalho; a moradia pequena e, às vezes, sem nenhum conforto; a própria adaptação dos filhos, sobretudo nas escolas e com as longas ausências diárias dos pais operários; a distância do Brasil; e tantas outras. No turbilhão de estranhamentos e dificuldades, em vista do choque cultural, é comum surgir o sentimento de desamparo. O desejo de retornar para o Brasil está intrinsecamente vinculado ao imigrante *dekassegui*, portanto, uma grande parte dos descendentes de japoneses opta por morar no Japão.

O retorno ao Brasil não é menos problemático. Apesar de considerarem seu solo natal, acabam trazendo consigo um pouco do Japão e um Brasil dentro de si que nem sempre corresponde inteiramente àquele que acabam encontrando no retorno, sobretudo depois de certo tempo de ausência. Assim, trazem consigo, como sujeitos híbridos, a cultura de dois países que são extremos opostos, amalgamada numa subjetividade duplamente social. Se tais

choques, contrastes e vivências díspares são problemáticos para os adultos, para as crianças a situação também não é simples, mesmo com suas especificidades.

Nessa perspectiva, Asari e Tomita (2000, p. 54) argumentam “que as experiências mais amargas têm ocorrido com os filhos que acompanharam os pais e tiveram que frequentar as escolas em dois países”. No Japão, os filhos menores de dezesseis anos de idade são obrigados a frequentar uma escola, senão os pais podem ser penalizados.

Os referidos autores apontam, ainda, que esses filhos de *dekasseguis* interromperam os estudos no Brasil e tiveram que estudar em escolas japonesas e, diante do sistema japonês, enfrentam “[...] a discriminação e as dificuldades de adaptação, principalmente no que respeita a não compreensão da língua japonesa” (ASARI; TOMITA, 2000, p. 55). E ao retornarem para o Brasil, novamente se deparam com problemas de “readaptação psicológica, emocional, somada à nova adaptação curricular” (ASARI; TOMITA, 2000, p. 55).

Observa-se que o aprendizado da língua portuguesa está sendo um fator de grande sofrimento emocional para esses filhos de *dekasseguis* ao retornarem ao Brasil.

No entanto, no já restrito campo das produções científicas sobre as questões dos *dekasseguis*, os estudos sobre seus filhos são igualmente poucos, considerando-se a importância e a amplitude das questões que emergem nessa experiência dos infantes. Entre as pesquisas existentes, predomina a preocupação com os aspectos econômicos da situação dos *dekasseguis* e com as dificuldades de adaptação escolar das crianças. Assim, no presente estudo, pretendemos abordar uma questão básica do desenvolvimento psicológico, bastante mobilizada nessa experiência: a questão do desamparo psíquico.

1 FENÔMENO MIGRATÓRIO

1.1 Fenômeno Migratório: o caso dos *Dekasseguis*

Viejas como el hombre, las migraciones humanas han sido encaradas desde muchos puntos de vista. Numerosos estudios han considerado las implicaciones históricas, demográficas, culturales, religiosas, políticas, ideológicas, económicas, etc., de las migraciones, implicaciones que son, sin duda, importantes y trascendentales. (GRINBERG; GRINBERG, 1984, p. 11).

O *Homo Viator*

Diversas características têm sido tomadas como centrais no homem e consideradas as primeiras responsáveis pelo seu desenvolvimento enquanto uma espécie animal bastante diferenciada. A inteligência foi uma dessas características consideradas tão fundamentais que deram ao homem a alcunha de *Homo sapiens*⁶. Outras qualidades também foram enfatizadas mediante tantas outras denominações, tais como: *Homo erectus*⁷, *Homo sacer*⁸, *Homo habilis*⁹, *Homo faber*¹⁰, *Homo ludens*¹¹, e assim por diante.

⁶ *Homo sapiens*: “O *Homo sapiens* (homem inteligente) seguiu-se ao *Homo erectus*. Os cientistas sabem pouco acerca de como o *Homo sapiens* substituiu o *Homo erectus*. Essa transformação ocorreu em épocas diversas em diferentes partes do mundo. Uma forma primitiva do *Homo sapiens* pode ter-se transformado no tipo humano atual por volta de 300.000 a.C., na África e na Europa, e por volta de 100.000 a.C. na Ásia oriental” (ENCICLOPÉDIA DELTA UNIVERSAL, 1980, p. 4057).

⁷ *Homo erectus*: “Os primeiros seres humanos. Por volta de 1200.000 a.C., havia surgido uma forma de ser humano primitivo mental e fisicamente mais avançado do que os australopitecos. Os indivíduos tinham a altura de 150cm e uma ampla fronte obliquamente recuada, maxilar proeminente e um cérebro com cerca de duas vezes o tamanho de um australopiteco. Os cientistas denominam esse tipo de ser humano pré-histórico de *Homo erectus* (homem ereto). O *Homo erectus* vivia na África, na Ásia e na Europa. Usava ferramentas talhadoras e machadinhas de mão. Aprendeu a produzir fogo e provavelmente foi o primeiro a usar vestimentas” (ENCICLOPÉDIA DELTA UNIVERSAL, 1980, p. 4056).

⁸ *Homo sacer*: De acordo com Gomes (2012, p. 32) “o *Homo sacer*, ou homem sagrado, representava, na Roma antiga, a pessoa que podia ser banida ou morta por alguém, mas que não podia ser sacrificada em rituais religiosos. Essa pessoa não possuía direitos e era considerada amaldiçoada”.

⁹ *Homo habilis*: “Ancestrais Antropóides: Os cientistas pensam que os primeiros seres humanos provieram de criaturas antropóides, isto é, parecidas com o homem, chamadas australopitecos, nome que vem do termo científico da espécie *Australopithecus* (símio da região sul). [...] surgiram inicialmente, há mais de cinco milhões de anos. Quase todos os fósseis de australopitecos foram descobertos no sul e no leste da África. Os pesquisadores descobriram também uns poucos fósseis de australopitecos em Java, uma ilha do sudeste da Ásia. Alguns estudiosos admitem que essas criaturas foram os primeiros seres humanos existentes, e que devem ser chamados de *Homo habilis* (homem hábil). A partir de meados da década de 1960, os cientistas descobriram muitos fósseis de australopitecos na África Oriental. Descobriram também ferramentas de pedra num sítio arqueológico que data cerca de 2.600.000 A.c.” (ENCICLOPÉDIA DELTA UNIVERSAL, 1980, p. 4056).

¹⁰ *Homo faber*: Filogeneticamente *Homo* significa gênero dos primatas do qual a espécie humana faz parte e *faber* define o estágio do qual torna-se capaz de fazer e fabricar ou criar. De acordo com Max Frisch (1957 apud KANAAN, 2013) define o *Homo faber* como aquele que constrói o seu próprio destino.

¹¹ *Homo ludens*: A tese central da obra *Homo ludens* é a de que o jogo é uma realidade originária, que corresponde a uma das noções mais primitivas e profundamente enraizadas em toda a realidade humana, sendo do jogo que nasce a cultura, sob a forma de ritual e de sagrado, de linguagem e de poesia, permanecendo

Outra característica que não poderíamos deixar de destacar como central para a construção da humanidade seria a da mobilidade, ou seja, a capacidade e disposição do homem para se deslocar, para sair de um lugar e ir para outro. Marcel (1967) considerava tão importante a itinerância do homem que não teve dúvidas em considerá-lo como *Homo viator*. Rouanet (1993), na mesma linha de pensamento, enfatiza que a essência do homem é viajar, mesmo que sejam viagens fortuitas, como essas atuais que turistas fazem por lugares fugazes, como a Disneylândia. Ainda que não se queira considerar a movimentação humana como um traço fundamental, segundo Maffessoli (2001, p. 21), em seu livro *Sobre o nomadismo* mencionado no texto “A pulsão de errância”, a mobilidade do homem é decorrente do desejo que o movimenta, que o pulsiona constantemente para o deslocamento, traz com ele a pulsão da andança, “o desejo de errância como sede do infinito”.

Ainda que não se considere a mobilidade como um traço central, indubitavelmente ela é uma parte constitutiva fundamental do homem. Ao lado da sabedoria, da capacidade laborativa, da postura ereta e de tantas outras está também a itinerância, o nomadismo, a errância, a andança, enfim, a disposição e a habilidade do homem para realizar deslocamentos no plano geográfico, social, psicológico e cultural.

Entre as diferentes experiências humanas de deslocamento e mobilidade estão essas que se expressam no chamado fenômeno migratório. O conceito de migração não é simples e nem existe consenso em torno dele. De maneira geral, refere-se a deslocamentos de um lugar a outro, a movimentações que possuem uma origem e um destino imbuídas de um propósito, de se fixar ou residir em outro território. Tais movimentações tendem a formar fluxos de trânsito de uma região a outra, dentro de um mesmo país, como no caso das chamadas “migrações internas” ou a fluxos de movimentações entre diferentes países ou continentes, como ocorre com os chamados “migrantes internacionais”, comumente designados “imigrantes”. Os fluxos de partida foram nomeados como “emigração” e os da chegada ao destino como “imigração”. Paralelamente, surgiram os conceitos de “emissão” e “recepção” para caracterizar regiões ou países dos quais partiam ou para os quais chegavam os migrantes.

No mundo atual, o conceito de migração se torna ainda mais complexo, em razão do aumento vertiginoso das diferentes formas de mobilidade e de trânsito entre uma localidade e outra, entre regiões geograficamente distantes, entre países, continentes e entre povos e culturas marcadamente diferentes. Hoje, diferentemente de outras épocas, de intercâmbios

subjacente em todas as artes de expressão e competição, inclusive nas artes do pensamento e do discurso, bem como na do tribunal judicial, na acusação e na defesa polêmica, portanto, também na do combate e na da guerra em geral (ALBORNOZ, 2009).

culturais e científicos e tantas outras viagens, a saber, com duração bastante variável. É possível permanecer em um lugar longínquo por alguns dias ou por uma larga temporada ou, ainda, ter domicílios em diferentes países. Por exemplo, são considerados “migrantes regionais” cantores e demais artistas que se deslocam do nordeste brasileiro para se fixarem na cidade do Rio de Janeiro ou em São Paulo. Santamaria (2002) chama a atenção para o fato de que o fenômeno migratório é uma construção fortemente assentada no imaginário social e em formações discursivas transpassadas por relações de poder, interesses econômicos e políticos, e por dinamismos psicológicos. Dessa forma, o “imigrante” carrega consigo, frequentemente, imagens que o retratam como um intruso, perigoso, um ser inferior, incivilizado e tantas outras que até podem, inversamente, retratá-lo de forma positiva. Destaca, ainda, esse mesmo autor, que a experiência da imigração se desenvolve, precipuamente, na relação com o estranho, com o desconhecido, no desafio do encontro com um “outro radical”, ou seja, com tudo aquilo, especialmente outros seres humanos, que soa como não familiar como absolutamente diferente.

O caso dos *dekasseguis* pode ser tomado como paradigmático, enquanto uma experiência de encontro/confronto com o estranho, com o “outro radical”. Mesmo sendo descendentes de japoneses emigrados para outros países – como o Brasil e o Peru, na América Latina –, os *dekasseguis*, ao retornarem para o país dos seus antepassados, se confrontam com uma cultura e um modo de vida muito diferente daqueles do seu país natal. Vivem uma experiência de estranhamento muito particular, porque se trata de não se reconhecerem nas imagens daquele outro, de um espelho que, mesmo a distância, fez parte da constituição de suas referências de si mesmo: a cultura japonesa veiculada pelos seus antepassados que emigraram do Japão e cultivaram hábitos, costumes, a língua, culinária, tradições e tantas outras referências simbólicas oriundas da terra natal. Portanto, a compreensão das experiências dos *dekasseguis*, tomadas como experiências fundamentalmente construídas no encontro/confronto com a figura do outro, não se restringe a um caso particular, mas sim oferece elementos para o entendimento dos desafios que a mobilidade e, conseqüentemente, os relacionamentos com o estranho colocam para o *Homo viator* da contemporaneidade.

Fusco e Souchaud (2010) afirmam que a imigração de retorno dos *dekasseguis* tem sido pouco estudada na América Latina, em virtude da predominância do interesse no fluxo migratório de outras etnias, como a europeia, a asiática e a africana. No entanto, aos poucos, os *dekasseguis* estão ocupando espaços na ciência e nas políticas públicas, sobretudo, com os desafios e problemas gerados pelos retornos desses migrantes ao Brasil, intensificados pela desaceleração da economia japonesa nos últimos tempos.

1.2 A Chegada dos Japoneses ao Brasil

Ennes (2001) traz, em seu trabalho, a trajetória da imigração japonesa no Brasil, destacando a primeira visita oficial japonesa feita, em 1884, pelo deputado Massayo Neguishi, com o propósito de escolher o Estado mais adequado para adaptação dos japoneses ao Brasil. Ele conheceu os Estados de Pernambuco, Minas Gerais e São Paulo, resultando da sua viagem a escolha do Estado de São Paulo por causa da terra e do clima proporcionarem condições consideradas ideais para os japoneses fixarem o seu lugar de morada. O primeiro tratado comercial marítimo Brasil/Japão foi firmado em 1895, seguido da iniciativa do governo japonês de enviar ao Brasil um diplomata japonês. “Esse tratado se baseava nos seguintes princípios: paz perpétua entre Brasil e Japão, instalação de representação diplomática, liberdade econômica e comercial, isenção de tributos sobre importação e liberdade de consciência, entre outros” (ENNES, 2001, p. 49).

Em 1897, foi assinado um contrato entre a Companhia de Imigração Tôyo do Japão e a empresa Prado & Jordão, prevendo a vinda de 1500 japoneses para trabalharem nos cafezais paulistas. Porém, a empresa brasileira rompeu o contrato desses imigrantes. Depois de sete anos, o Japão voltou a pensar no envio dos japoneses ao Brasil. Por intermédio dos veículos de comunicação eram oferecidas propostas otimistas sobre prodigiosas terras e um futuro melhor no Brasil.

Entre 1906 e 1907, o presidente da Companhia Colonizadora Kôkuko, Ryû Mizuno, faz visitas ao Brasil. Na primeira viagem fez um reconhecimento das condições ambientais e agrícolas do Estado de São Paulo. Na segunda, firma com o governo estadual um contrato no qual se estabeleceu a imigração de 3.000 pessoas por ano a partir de 1908. No dia 28.4.1908, parte do porto de Kobe o navio “Kasato Maru” com destino ao Brasil. Trazia a bordo 167 famílias, num total 761 pessoas, sendo 601 do sexo masculino e 190 do sexo feminino. O navio atracaria 52 dias após no porto de Santos, trazendo sonhos e a esperança de “fazer a América” e depois voltar para a terra natal. (ENNES, 2001, p. 50).

Nessa época, o Brasil, por um lado, vivia a expansão cafeeira e necessitava contratar mão de obra para as lavouras de café, e o fluxo de imigrantes italianos havia diminuído drasticamente por iniciativa do governo daquele país. Por outro lado, o governo japonês, numa franca política desenvolvimentista e expansionista, estava interessado em enviar parcelas de seus agricultores de regiões mais pobres para países que eram estratégicos, tal como os da América.

Os imigrantes japoneses, também chamados de *dekasseguis*, com pouco ou nenhum conhecimento dos interesses de Estado e de empresários que circundavam a arrojada

iniciativa de deslocar grandes contingentes de trabalhadores entre extremos do planeta, vinham com o objetivo de acumular dinheiro e retornar para o Japão, galgando uma ascensão social com o presumível enriquecimento obtido no exterior.

O Japão, país de ilhas e arquipélagos, isolado de outros territórios, mantinha peculiaridades no modo de vida de seu povo que eram tidas pelas culturas ocidentais como sendo de um povo marcado por uma forte rigidez, senso de disciplina, obediência severa, reverência à hierarquia e disposição para o trabalho e para o sacrifício. Mesmo tendo que enfrentar o intenso apego ao solo natal e as estereotípias do olhar dos estrangeiros sobre eles, japoneses tradicionais e empobrecidos se dispuseram a serem aríetes da política de abertura do Japão para o mundo, fustigados pelo sonho de “fazer a América”.

Para entendermos melhor a imigração dos descendentes de japoneses brasileiros ao Japão, precisamos voltar ao passado e percorrer um pouco pela história do país, precisamente em 1868 nas terras nipônicas. Nessa época, o Japão atravessava por um período de grandes mudanças em sua história, na política, nos setores econômicos e sociais. Anteriormente, o país era um Estado Feudal e passa para um Estado Moderno. Deliberador (2011) relata que a economia dos japoneses, predominantemente centrada na agricultura, passou a ser manufatureira e industrial. Muitos camponeses deixaram suas terras para trabalhar nas indústrias, e esse deslocamento trouxe consequências para o país. A indústria precisava de mão de obra qualificada e não de camponeses despreparados para o trabalho nessas indústrias. Em razão dessas transformações políticas no país, muitos camponeses perderam suas terras com a reforma tributária de 1873. Uma década após, o Brasil vivia o período da abolição da escravidão e estava contratando mão de obra estrangeira nas lavouras cafeeiras. Em 1906, o Brasil vivenciava a crise cafeeira da superprodução e do preço baixo do café. A imigração japonesa acontece com a chegada do navio a vapor *Kasatu Maru*, em 18/06/1908, no porto de Santos, quando o Brasil já se recuperava da crise cafeeira.

A Reforma Tributária de 1873 não permitiu mais o pagamento dos tributos em espécie e sim em dinheiro. O reflexo dessa medida pode ser observado no fato de que, entre 1883 e 1890, aproximadamente 367.000 lavradores perderam suas propriedades pelo confisco e, entre 1884 e 1886, 1/7 de todo território arável foi perdido por hipotecas. O governo japonês, diante da penúria do campo, não mais impediu a saída dos cidadãos para o exterior. (DELIBERADOR, 2011, p. 36).

Em 1902, o governo italiano proibiu a emigração subsidiada, provocando um forte declínio do número desses imigrantes para o Brasil. A crise cafeeira de 1906, decorrente de superprodução e baixa dos preços do produto no mercado internacional, também afetou os

movimentos migratórios. Porém, a rápida adoção de políticas de proteção permitiu que houvesse uma acelerada recuperação da economia cafeeira e a retomada da imigração. Nesse contexto, os japoneses, considerados como exímios agricultores, passaram a ser vistos, pelos fazendeiros brasileiros, como uma alternativa de mão de obra para o cultivo do café.

O desembarque dos primeiros imigrantes japoneses foi cercado de curiosidades e de sentimentos díspares. Havia imagens negativas, anteriormente formadas em torno do “perigo amarelo”, que incluíam até os chineses, mas também apareceram, nas primeiras observações acerca dos hábitos de condutas dos recém-chegados, imagens de um povo aseado, paciente e bem comportado. Iniciava-se um grande e radical encontro/confronto entre duas nacionalidades e culturas bastante distintas.

1.3 Desafios do Imigrante

Grinberg e Grinberg (1984) enfatizam que o indivíduo alimenta o desejo de se deslocar, e que, às vezes, esse desejo surge de forma surpreendente, ao passo que em outras ocasiões suscita aspirações impossíveis de se concretizarem, se contentando com fantasias. Muitas pessoas migram por razões externas, como a necessidade financeira, buscando melhores condições de vida para si e para a família.

Ainda conforme Grinberg e Grinberg (1984), ao chegar num mundo desconhecido, o imigrante pode encontrar muitas dificuldades internas para se integrar ao meio, por entrar em contato com objetos que soam estranhos, tal como o idioma, os costumes, e tantos outros aspectos que compõem o lugar. Surge o temor do perigo de não se comunicar com os outros e consigo mesmo. Esses estados chamados de confusionais podem resultar do fracasso de se manter em uma dissociação eficaz e também uma precoce tentativa de integração que ainda não pode ocorrer. O imigrante usa mecanismos de defesas primitivos, como a dissociação e a idealização no novo ambiente em que chegou. Surgem também sentimentos de desvalia e persecutoriedade em relação ao novo lugar e a todas as pessoas que ficaram no antigo ambiente. “*Esta disociación le sirve para evitar el duelo, el remordimiento y las ansiedades depresivas que se agudizan por la misma migración, sobre todo cuando se trata de una migración voluntaria*” (GRINBERG; GRINBERG, 1984, p. 19).

Tais sentimentos de idealização do novo e desvalorização do antigo são percebidos na experiência migratória como negação da ansiedade e do sentimento de culpa. Grinberg e Grinberg (1984) mencionam outra situação que pode ocorrer, na qual a terra prometida fica desencantada, ou seja, com defeitos, com aspectos negativos e persecutórios.

Lo esencial es mantener la disociación: <<lo bueno>> en un extremo y <<lo malo>> en otro, no importa cuál de ellos represente una u otra de esas características. Porque, en el caso de fracasar la disociación, surge inexorablemente la ansiedad confusional, con todas sus temidas consecuencias: ya no se sabe quién es el amigo y quién el enemigo, donde se puede triunfar y donde fracasar, cómo diferenciar lo útil de lo perjudicial, cómo discriminar entre el amor el odio, entre la vida y la muerte. Esta confusión puede llegar a ser vivida, entonces, como el castigo por el impulso migratorio, por el deseo de <<conocer>> un mundo nuevo... distinto. (GRINBERG; GRINBERG, 1984, p. 20).

Aliás, qual a diferença entre “imigrante” e “estrangeiro”? Por que todos os “imigrantes” não são simplesmente tratados como “estrangeiros”?

Para Grinberg e Grinberg (1984), a migração nomeia a condição da pessoa no lugar, ou seja, ela passa a ser vista e tratada como “emigrante”, por aqueles que ficaram no lugar de onde partiu ou como, “imigrante”, por aqueles do lugar para onde foi. Passa a ser reconhecida precipuamente como aquela que se desloca de um país a outro ou como alguém proveniente de lugar distinto e distante e que se instala como um intruso no cotidiano alheio, por um determinado tempo, impondo uma convivência cotidiana com os locais. Há uma diferença significativa entre trabalhadores estrangeiros e imigrantes. O trabalhador estrangeiro tem um tempo determinado para retornar ao país de origem e é visto pelos locais mais como um convidado desejado do que um intruso, ao passo que os “imigrantes”, mesmo tendo autorização para ingresso e trabalho no país receptor, como ocorre com os *dekasseguis*, são percebidos como intrusos, perigosos, não confiáveis e tantas outras peças negativas. Formam uma categoria social específica, decorrente do lugar em que são colocados pelas funções que exercem e catalisam no plano econômico, político, cultural e psicossocial.

Higa (2006, p. 47), em sua tese de doutorado *Conflitos intrapsíquicos e interpessoais em um grupo de migrantes brasileiros no Japão*, traz uma importante e instigante citação de Sayad (1998) sobre a questão da migração:

Estudioso arguto da questão da imigração argumenta que embora possa parecer banal, é importante assinalar que a imigração é um fato social completo. Torna-se pertinente dizer que o itinerário de um imigrante ancora-se no cruzamento das ciências sociais e como o ponto de encontro de disciplinas como história, geografia, demografia, direito, sociologia, psicologia, psicologia social e até mesmo das ciências cognitivas, antropologia, linguística, sociolinguística, ciências políticas, etc. Insiste Sayad que como “fato social total” o fenômeno da imigração diz respeito à sociedade como um todo seja na dimensão diacrônica, isto é, numa perspectiva histórica e também em sua extensão sincrônica, isto é, a partir das estruturas da sociedade e de seu funcionamento. Enfatiza Sayad que o imigrante é aquele que se deslocou fisicamente para um país estrangeiro mas, para fazê-lo, assinala, o imigrante emigrou de seu país de origem. Enfim, imigrante e emigrante são duas faces de um mesmo processo. O autor adverte ainda sobre a confusão entre estrangeiro e imigrante. Para o autor um estrangeiro é definido enquanto tal até as fronteiras mas continua estrangeiro mesmo além fronteiras, ou seja, durante a

permanência no país. Não se trata da mesma situação do imigrante que é definido como estrangeiro até o limite da fronteira. Ultrapassada esta, diz Sayad, deixa de ser estrangeiro para tornar-se imigrante. Se “estrangeiro” é a definição jurídica de um estatuto, “imigrante” é antes de tudo, uma condição social. (SAYAD, 1998 apud HIGA, 2006, p. 47).

Grinberg e Grinberg (1984) distinguem duas categorias: a dos emigrantes voluntários e a dos emigrantes forçados. Muitos emigrantes são forçados a deixarem seu país, por motivos sociopolíticos ou até pela ausência de condições mínimas para a subsistência. A migração forçada também pode ocorrer em massa, como em 1947 e 1950, quando dez milhões de pessoas foram obrigadas pelos seus governantes a emigrarem do Paquistão para Índia e, inversamente, sete milhões da Índia para Paquistão, por questões religiosas. Existe a “*no migraciones forzadas*”, caracterizada por situações em que há o impedimento da entrada de estrangeiros ou da saída de cidadãos para outros países. Muitas pessoas, impedidas de partirem, sentem-se presas no país em que vivem e que não querem permanecer, ao passo que outras desertam e passam a viver como ilegais em outro país.

Há migrações chamadas de “*resistencial cambio*”, conforme apontam Grinberg e Grinberg (1984, p. 32). De forma contraditória, a resistência e a troca são migrações de pessoas que se sentem ameaçadas, têm medo de perder os valores, suas condições de vida e partes do próprio eu e que não conseguem enfrentar seus medos primários. As migrações sedentárias são caracterizadas por pessoas que não querem se separar do velho conhecido grupo familiar, ir para o novo desconhecido, tentando permanecer numa condição inalterada, sem modificações.

A veces, paradójicamente, ciertos cambios sociales importantes pueden determinar migraciones por <<resistencia al cambio>> y el temor a la amenaza de pérdida de valores, de condiciones de vida y, en última instancia, de las partes del self que ese cambio podría involucrar. En estos casos, el individuo no se atreve a enfrentar miedos primarios, como ser el miedo a la pérdida de estructuras establecidas, la pérdida de acomodación a pautas prescritas en el ámbito social, los que generan intensos sentimientos de inseguridad, incrementando el aislamiento, la soledad y debilitando, fundamentalmente, el sentimiento de pertenencia a un grupo social establecido. Muchos de los que emigran por este motivo suelen buscar sitios que, aunque puedan ser lejanos geográficamente, presentan condiciones y características similares a las del lugar de origen, previas al cambio. En estos casos podría hablar de <<migraciones sedentarias>>, ya que se busca rehuir lo nuevo o lo distinto, para recrear y mantener sin modificaciones lo familiar y conocido. Ese irse de un sitio para poder seguir quedándose en lo mismo: es irse para no cambiar. (GRINBERG; GRINBERG, 1984, p. 32).

Alguns autores se preocuparam com aspectos psicológicos da “emigrabilidade”, tentando construir uma tipologia psicológica dos emigrantes mediante levantamentos de características da personalidade que lhes seriam próprias.

Menges (1959) define el concepto de <<emigrabilidad>> como “la capacidad potencial del emigrante de adquirir en el nuevo ambiente, en forma gradual y comparativamente rápido, una cierta medida de equilibrio interno que es normal para él – siempre y cuando el nuevo ambiente lo haga razonablemente posible – y que, al mismo tiempo, pueda integrarse en el nuevo contexto sin ser un elemento perturbado o perturbador dentro del mismo.” (MENGES, 1959 apud GRINBERG; GRINBERG, 1984, p. 32).

Calvo (1977 apud GRINBERG; GRINBERG, 1984), enfatiza que as migrações, hoje, estão bastante incorporadas às formas e condições de vida contemporâneas profundamente marcadas pela mobilidade geográfica, social e psicológica. Não são apenas as motivações econômicas que impulsionam as migrações, mas sim, todo um conjunto de dispositivos cinéticos que se estabelece no ser humano e o lança para a busca de outros lugares para viver, ainda que temporariamente.

Podemos dizer que os desafios do imigrante *dekassegui* são inumeráveis na transição de um lugar conhecido para outro desconhecido. Justo (2008, p. 100) faz uma importante citação em seu texto “A Chegada dos Imigrantes Japoneses e a Partida dos Decasségus: Dois lados da mesma viagem”:

São muitos os sentimentos que brotam na saga dos migrantes: medo, angústia, culpa, alegria, esperança, prazer e dor. Além dos próprios sentimentos, existem ainda os dos outros que também o afetam, tanto daqueles que ficaram como daqueles que o recebem. Da parte dos que ficaram carregam imagens ambivalentes, talvez de admiração, respeito e reconhecimento, mas quiçá também de inveja e recriminação por terem desertado. Daqueles com os quais passam a conviver são alvo de olhares dúbios, nos quais mesclam sentimentos de simpatia, confiança, compaixão e solidariedade, por exemplo, com sentimento de cobiça, rejeição e escárnio.

Para Justo (2008), os migrantes, ao cruzarem fronteiras e realizarem conexões entre povos e terras distantes, contribuíram para o desenvolvimento econômico, político e cultural da humanidade, além do enriquecimento psicológico possibilitado pelas experiências de enfrentamento de desejos, afetos, sentimentos e cognições candentes que brotam no contato com o estranho, com o não familiar. O autor acrescenta, ainda, que talvez essa tarefa tenha sido a mais importante e difícil do imigrante: enfrentar o fantasma do desconhecido, do diferente, do outro radicalmente encarnado na figura do estrangeiro. Morar em outras terras é enfrentar o novo e o desconhecido. Ademais, é construir outra “subjetividade”. “Formas diferentes de pensar, sentir, perceber e falar, exige transformações pessoais profundas que beiram a uma despersonalização ou a um desmanche da identidade pessoal, difícil de ser suportada” (JUSTO, 2008, p. 100).

1.4 A Chegada dos *Dekasseguis* ao Japão

La primera migración se remontaría, pues, a Adán y Eva. Estos, impulsados por la curiosidad (simbolizada por la serpiente), se trasladaron a la zona prohibida del Paraíso, donde se encontraba el árbol... <<que era Bueno para comer, agradable a los ojos y codiciable para alcanzar la sabiduría>>... << Eva comió de su fruto y dio a su marido>>... <<y fueron abiertos los ojos de entrambos>>... <<Conocieron el bien y el mal>>..., lo que les valió la expulsión-exilio del Paraíso, perdiéndolo con todas sus gratificaciones y condiciones de seguridad y placer. (GRINBERG; GRINBERG, 1984, p. 15).

Na década de 1980, ocorre o fenômeno denominado *dekassegui*. Desta feita, na direção contrária à da imigração de japoneses para o Brasil, são seus descendentes, aqui nascidos, que se deslocam para o Japão para trabalhar nas fábricas visando melhores salários e formação de uma poupança. Nesse período, cabe lembrar que o Brasil passava por um momento de crise econômica e política.

De acordo com Sasaki (2004), o Brasil era considerado país de destino, país receptor, entretanto, nas últimas duas décadas, vem ocorrendo o processo inverso. Além de receber trabalhadores migrantes de outros países, o país também passou a enviar, se transformando, concomitantemente, em emissor e receptor. Em 1990, o governo japonês restringiu a entrada dos trabalhadores estrangeiros ilegais, medida que facilitou a entrada dos descendentes de japoneses no país.

Diversos autores, ao iniciarem os seus trabalhos, tentam compreender o significado da palavra *dekassegui*, como forma de adentrar às primeiras compreensões desse fenômeno. Alguns enfatizam que, etimologicamente, *dekassegui* significa “trabalhar fora de casa”. No Japão, o termo *dekassegui* referia-se especificamente aos trabalhadores que saíam das suas regiões de origem e iam para outras, como os japoneses nortistas e nordestinos que fugiam do inverno rigoroso e improdutivo (SASAKI, 1999, p. 243).

Dekassegui refere-se ao termo que designava, originalmente, o japonês que, nos invernos rigorosos, migrava para a cidade grande em busca de trabalho temporário nas indústrias, retornando para o campo após o inverno. Com o tempo, o termo passou a compreender qualquer trabalhador migrante que alimenta o desejo de voltar à terra natal. Nos anos oitenta a expressão *dekassegui* assumiu conotação pejorativa, por estar associada diretamente à mão-de-obra sem qualificação. (MIURA, 2004, p. 192).

Trata-se, portanto, do indivíduo que trabalha fora, vindo de outras regiões ou de outros países. Esses trabalhadores, em sua maioria braçal, são contratados, tradicionalmente, para fazer o serviço sujo, penoso, perigoso, estafante ou mal remunerado, recusado pelos próprios

japoneses. Os *dekasseguis* atuais, como aqueles provenientes da América Latina, percorreram o caminho inverso dos seus pais e avós imigrantes japoneses. Foram à “Terra do Sol Nascente”, bem longe de seu país natal, atravessaram oceanos e continentes movidos pelo desejo de concretizar seus sonhos, sobretudo, o sonho do enriquecimento, tal como ocorreu com seus avós quando emigraram do Japão.

Em meados da década de 1980, Sasaki (2004), relata as primeiras notícias dos filhos e netos de japoneses que moravam no Brasil e saíram para a “Terra do Sol Nascente”, ou seja, chegaram ao Japão os *dekasseguis* como trabalhadores temporários. Não tiveram problemas burocráticos, já que muitos tinham dupla nacionalidade. Como ressalta Sasaki (2004), o fenômeno *dekassegui*, nessa época, era caracterizado como “movimento tímido em termos de volume”. Nesse mesmo período, o Brasil vivia uma intensa recessão econômica, marcada pela inflação e pelo desemprego no país, ao passo que no Japão, os mais jovens buscavam empregos promissores, que não eram aqueles oferecidos pelas pequenas e médias empresas. Tudo isso se agravava com o baixo índice de natalidade dos japoneses, que produzia o envelhecimento da população e a queda na força de trabalho. Em decorrência da falta de mão de obra japonesa, muitas empresas faliram, tendo que contar com trabalhadores estrangeiros. Entre 1986 a 1991, o Japão vivia uma boa situação econômica, atraindo muito trabalhadores estrangeiros, muitos até ilegais, e a maioria proveniente de países asiáticos.

Segundo Yamanka e Komai (1996, 1990 apud SASAKI, 2004), o Japão foi substituindo os trabalhadores ilegais por trabalhadores descendentes de japoneses. Dando ênfase à consanguinidade, com aval em exercer as atividades no Japão, por tempo indeterminado, podendo residir permanentemente no país.

A política de imigração favorável aos “latinos-americanos” [sic] de origem japonesa é vista pelas autoridades japonesas como um meio de baixo custo político para ajudar a resolver a falta de mão-de-obra, com a vantagem adicional de que os imigrantes de ancestralidade japonesa não perturbariam a homogeneidade étnica mítica do país. (CORNELIUS, 1995, p. 396 apud SASAKI, 2004, p. 212).

Em virtude da descendência japonesa, os *dekasseguis* foram aceitos no Japão, uma vez que o parentesco facilitaria a sua adaptação no país, sem questionar a nacionalidade.

Para Miura (2004), o fluxo migratório dos descendentes para o Japão, como país de destino, traz em sua peculiaridade o encontro com as suas origens étnicas e novos significados daquilo que era passado pelos pais e avós.

Ocada (2002), em sua dissertação de mestrado intitulada *Nos Subterrâneos do Modelo Japonês*, menciona a figura dos 3 Ks – *Kitanai*¹² (sujo), *Kiken*¹³ (perigoso) e *Kitsui*¹⁴ (pesado) – utilizada para caracterizar o tipo de trabalho destinado aos estrangeiros e pergunta pelas razões que levam o migrante *dekassegui* a partir para o Japão e se submeter a tais condições de trabalhos desqualificados. A conclusão da sua pesquisa foi que os entrevistados buscam altos salários e trabalhos temporários.

Kawamura (2001 apud SASAKI, 2004, p. 219) apresenta “os 5 Ks: Kitanai (sujo), Kiken (perigoso), Kitsui (pesado), ‘Kibishii¹⁵’ (exigente) e ‘Kirai¹⁶’ (detestável)”, correspondentes a postos de trabalhos de baixa qualificação, corroborando o significado pejorativo do termo *dekassegui*.

Galimberti (2002) retrata as dificuldades e os sofrimentos emocionais daqueles que se aventuram a deixar o solo natal e buscar outro lugar distante para trabalhar. Nessa perspectiva, Cibele Cristina Osawa (2006) aponta um trabalho de resenhas críticas bibliográficas sobre “Trabalho ‘porco, perigoso e pesado’ dos *dekasseguis* e incidência de doenças psíquicas” do livro de Galimberti (2002), *O caminho que o dekassegui sonhou (Dekassegui no yumê-ji): cultura e subjetividade no movimento dekassegui*, em que se depara com relatos de sofrimentos emocionais dos *dekasseguis* retornados logo no primeiro contato da consulta psiquiátrica. Diante das queixas apresentadas pelos *dekasseguis* ao médico, são diagnosticados vários transtornos psiquiátricos nessa população de retorno (OSAWA, 2006).

Conforme Sasaki (2004), no período dos anos oitenta, logo no início do movimento *dekassegui*, os descendentes de japoneses que saíam do Brasil para trabalhar no Japão não eram bem-vistos. Como nomeia Sasaki (2004), era “um mal necessário”, havia uma imagem negativa daquele indivíduo que deixava o seu país de origem, porém, o Japão precisava de mão de obra não-qualificada e barata, ou seja, de imigrantes que fizessem o trabalho sujo, perigoso e penoso que os japoneses se recusavam a fazer. Com o passar do tempo, foi se construindo uma imagem mais positiva do trabalhador *dekassegui* entre os *nikkeis*¹⁷, ligando-os à ideia de ancestralidade, consanguinidade e de busca pelo conhecimento da cultura japonesa e de aproximação das suas raízes.

¹² *Kitanai*: [adj] sujo (OHNO, 1989, p. 368).

¹³ *Kiken*: [s, adj-v] perigo, risco, perigoso (OHNO, 1989, p. 355).

¹⁴ *Kitsui*: Apertado(a), duro(a), pesado(a), áspera, severo(a) (HINATA, 1998, p. 219).

¹⁵ *Kibishii*: [adj] severo, rigoroso; intenso (OHNO, 1989, p. 349).

¹⁶ *Kirai*: [adj-v] desgosto, antipatia, aversão, ódio (OHNO, 1989, p. 360).

¹⁷ *Nikkei*: [*Nikkei no*] de origem japonesa (HINATA, 1998, p. 315).

Yamanaka (1996 apud SASAKI, 2004, p. 221) classifica esse movimento dos descendentes de japoneses como uma “migração de retorno”. Para conseguir trabalhar no Japão, o requisito exigido é ser de origem japonesa, os chamados *nikkeyjin*¹⁸, ou estrangeiros. Kawamura (2008) faz uma citação em seu texto *Brasileiros no Japão: Direitos e Cidadania*, em que associa o termo *nikkey* aos japoneses e descendentes que moram fora do Japão.

Podemos dizer que os descendentes de japoneses, voltando ao Japão, estão repetindo o mesmo trajeto dos seus pais e avós, numa forma de elaboração?

¹⁸ *Nikkei-jin*: Pessoa (f) de origem japonesa (HINATA, 1998, p.315).

2 TRANSNACIONALISMO

2.1 Conceito de Transnacionalismo

As migrações contemporâneas têm sido alvo de interesse dos estudiosos, em razão da frequência e da rapidez com que esses deslocamentos migratórios têm ocorrido na atualidade. Esses fluxos migratórios têm alterado o comportamento étnico, modificando a forma de ser das pessoas, influenciando as políticas econômicas e envolvendo questões religiosas, culturais e sociais de todos os países. Essa mobilidade espacial tem traçado novos destinos e formado novos grupos sociais. Esses deslocamentos sempre fizeram parte da história da humanidade, porém, vêm trazendo novos sentidos para as ciências contemporâneas. Em sua obra *Nuevos retos del transnacionalismo en el estudio de las migraciones*, Solé, Parella e Cavalcanti (2008, p. 13) assinalam que as antigas migrações são distintas das contemporâneas:

Una de las imágenes más frecuentes y arraigadas sobre la inmigración responde a las primeras etapas históricas de los movimientos migratorios, en las que se asume que los migrantes llegan a otro país para quedarse y pierden progresivamente los vínculos con su país de origen. Pero estas concepciones binarias ya no son válidas a la hora de captar las actuales migraciones internacionales en su complejidad. En la actualidad, los inmigrantes desarrollan redes, actividades, estilos de vida e ideologías que engloban a la vez las sociedades de origen y de destino.

Nesse novo cenário migratório, o imigrante mantém o vínculo com o seu país de origem que ultrapassa as fronteiras. Assim, Solé, Parella e Cavalcanti (2008, p. 13) apontam que “*este hecho permite hacer emerger nuevos perfiles de inmigrantes y requiere nuevas conceptualizaciones*”. Esse novo perfil que surge na população imigrante é o que podemos nomear transnacionalismo? O que é transnacionalismo?

Definimos transnacionalismo como los procesos através de los cuales los inmigrantes construyen campos sociales que conectan su país de origen y su país de asentamiento. Los inmigrantes que construyen campos sociales son designados «transmigrantes». Los transmigrantes desarrollan y mantienen múltiples relaciones – familiares, económicas, sociales, organizacionales, religiosas, políticas – que sobrepasan fronteras. Los transmigrantes actúan, toman decisiones y se sienten implicados, y desarrollan identidades dentro de redes sociales que les conectan a ellos con dos o más sociedades de forma simultánea. (GLICK SCHILLER; BACH; SZANTON BLANC, 1992 apud SOLÉ; PARELLA; CAVALCANTI, 2008, p. 15).

De acordo com Solé, Parella e Cavalcanti (2008, p. 14), “*No todos los migrantes necesariamente se ven imbricados en prácticas sociales de carácter transnacional*”. Porém,

isso nos mostra que nem todos os imigrantes são transnacionais, mas, em decorrência do desenvolvimento de novas tecnologias, que é considerado um grande marco nas ciências contemporâneas, tem acelerado os meios de comunicação e de transporte, facilitando e interligando a vida de quem mora do outro lado do mundo. Essas interconexões, o acesso fácil à internet e a transmissão das imagens em tempo real para qualquer lugar do mundo têm possibilitado a participação do imigrante na vida familiar, social e até nos seus negócios fora do país de destino. A velocidade das comunicações e o tempo estão juntamente arraigados, promovendo o desaparecimento da distância geográfica, ultrapassando as nacionalidades e construindo várias e novas formas de espaços sociais. O vínculo estabelecido pelos imigrantes é de extrema importância para o funcionamento das redes sociais na atualidade, produzindo uma série de efeitos globais.

A través de dichas prácticas transnacionales se superan las aproximaciones teóricas convencionales que conciben las migraciones desde planteamientos unidireccionales, basadas en la errónea premisa de que los inmigrantes y sus descendientes rompen necesariamente sus relaciones y vínculos con la sociedad de origen. (SOLÉ; PARELLA; CAVALCANTI, 2008, p. 13).

O imigrante transnacional não costuma romper as relações sociais com o seu país de origem. Portanto, podemos dizer que o imigrante contemporâneo é sinônimo de transnacionalidade? O conceito de imigrante transnacional, segundo Solé, Parella e Cavalcanti (2008, p. 14) é diferente do conceito de imigrante internacional, transfronteiriço e multinacional: “[...] *puesto que si fuera así se trataría de un concepto redundante, sin capacidad heurística y analítica*”. Os autores ainda salientam que o transnacionalismo pode ser entendido como “[...] *el establecimiento de vínculos de naturaleza diversa entre el lugar de origen o de referencia y el lugar de establecimiento o de llegada*” (SOLE; PARELLA; CAVALCANTI, 2008, p. 14). Então, podemos inferir que o imigrante transnacional é aquele indivíduo que se mantém vinculado ao seu país de origem e ao país de destino.

O vínculo que os imigrantes estabelecem entre o seu lugar de destino e o lugar de origem determina o marco que distingue as velhas e as novas migrações. Não esquecendo também que essas migrações transnacionais estão formando novas identidades ligadas ao capitalismo global e ao trabalho.

Diante de uma economia globalizada, são inúmeros os motivos que levam os emigrantes a saírem do seu país de origem. A esse respeito, Solé, Parella e Cavalcanti (2008) apontam que as causas das migrações já estão definidas pelos emigrantes quando se deslocam para o país de destino. Sabendo que o emigrante, quando parte, parte de algum lugar concreto e chega também

em outro lugar concreto. Existe um lugar de origem e um lugar de destino. Muitos desses emigrantes permanecem no lugar de destino e outros acabam retornando ao país de origem.

Alguns estudiosos discutem a analogia dos termos global e local fazendo referência à globalização. Roland Robertson (1994 apud SCHILLER, 2008, p. 26) menciona, de forma comparativa, que “[...] *la idea de que lo local y lo global son ámbitos que se construyen el uno con ayuda del otro*”.

[...] sólo un enfoque comparativo puede darnos una idea aproximada de qué procesos de la dinámica global-local son propios de un sitio y vienen determinados por la historia local y cuáles se hallan estructurados de un modo más amplio, haciendo que la penetración de lo global provoque como resultado que los lugares se hagan similares entre sí en determinados aspectos. (TILLY, 1983; FOX, 2002; NORFACE, 2008 apud SCHILLER, 2008, p. 26).

No final da década de 1980, Schiller (2008), juntamente com outros estudiosos, tem lutado para que as pesquisas científicas migratórias não fiquem somente dentro de um território estado-nação, que possam transcender além dos paradigmas geográficos, uma vez que suas vidas transmigram a ambos os lados das fronteiras. Por esta razão, o autor define o nacionalismo metodológico como uma tendência intelectual, subdividindo-o em três itens, a saber: “(1) *da por hecho que la unidad de estudio y la unidad de análisis vienen definidos por las fronteras nacionales*, (2) *identifica sociedad con estado-nación*, y (3) *combina los intereses nacionales con la finalidad y las materias clave de la ciencia social*” (SCHILLER, 2008, p. 27).

Para Schiller, Beck e Wimmer (apud SCHILLER, 2008) o nacionalismo metodológico tem sido de grande importância para a ciência social ocidental, abrangendo tudo nas principais correntes de estudos migratórios, visando explicar a integração, a inclusão e a exclusão. O nacionalismo metodológico interpreta, através da história e da sociedade, os processos migratórios, com base em suposições que relacionam entre si. Portanto, isso acaba limitando a visão sobre o desenvolvimento transnacional e suas consequências nos fatores econômicos, sociais e intelectuais, mostrando dados que não condizem com a realidade dos lugares.

Schiller (2008, p. 27) salienta que “*el nacionalismo metodológico establece una estructura lógica que presenta a los inmigrantes como la principal fuerza diferenciadora que amenaza el tejido social de la nación*”. De acordo com essa citação, os imigrantes representam a diferença cultural, compartilhando do mesmo Estado-nação e devem ser semelhantes ao grupo. O autor acrescenta, ainda, que “*Así, el estudio de la interacción entre los nativos y las personas de origen inmigrante o de otras nacionalidades se enfoca bajo la premisa de que la diferencia étnica es un factor esencial en la formación de las relaciones entre ellos*” (SCHILLER, 2008, p. 27).

Com o nacionalismo metodológico delimitando o Estado-nação como unidade de estudo, lança-se a ideia de um mundo fundamentado na mesma origem, e os emigrantes que partem do mesmo Estado-nação são semelhantes do ponto de vista cultural e religioso. Esses emigrantes que se relacionam entre si e que pertencem ao mesmo Estado-nação são definidos como “*comunidades étnicas o minoritarias*” (SCHILLER, 2008, p. 28).

O nacionalismo metodológico também se torna importante a partir dos estudos das localidades específicas nos meios migratórios. Limitado na visão da influência dos imigrantes como Estado-nação, não consegue visualizar o “*papel transformador de éstos en la reestructuración y el reescalamiento de las localidades*” (SCHILLER, 2008, p. 28).

Nessa perspectiva, Schiller (2008) menciona que dificilmente os estudiosos de migrações contemporâneas relacionam as imigrações e as localidades como objetos de estudos teóricos, não apontando como esses imigrantes constroem essas conexões com os lugares específicos e como contribuem na transformação desse espaço de acolhimento.

Antigamente, os deslocamentos migratórios eram centralizados na perspectiva nacional. Conforme Cinel (1990 apud SCHILLER, 2008, p. 28) “*se habla de los italianos, los irlandeses o los chinos – no se trataba de migraciones nacionales, sino del traslado de personas provenientes de unas regiones y lugares específicos*”. Além, disso esses imigrantes não se fixavam em todo território de um país.

Schiller (2008) coloca que alguns pesquisadores da migração transnacional conseguiram escapar das consequências do nacionalismo metodológico e outros não, mostrando em suas pesquisas os efeitos globais de reestruturação de capital, porém, deixando de identificar o tempo e o espaço dessas transformações correlacionadas. Portanto, o paradigma transnacional pode ser visto por meio da história e da geografia. Nesse sentido, Harvey (1973, p. 13-14 apud SCHILLER, 2008, p. 29) salienta que:

Charles Wright Mills entendía tal reflexividad como la aplicación práctica de la imaginación sociológica, mediante la cual «el individuo sólo puede entender su propia experiencia [...] situándose él mismo dentro del periodo [...] La imaginación sociológica nos permite captar los factores históricos y biográficos y las relaciones entre ambas dentro de la sociedad» (1959:5). El geógrafo David Harvey (1973:24) ha apuntado que existe también una «imaginación geográfica», o conciencia espacial que nos permite «reconocer cómo las transacciones entre individuos y organizaciones se hallan afectadas por el espacio físico que las separa». Debo indicar, no obstante, que para Harvey y muchos otros geógrafos contemporáneos ni el tiempo ni el lugar son conceptos invariables, sino que más bien «las distintas costumbres humanas crean y hacen uso de diferentes conceptos de espacio: el absoluto, el relativo y el relacional».

Os imigrantes surgiram de todos os lugares do globo terrestre. Schiller (2008) explica que foi a partir do século XIX e início do século XX que esses imigrantes forjaram os sistemas econômicos do continente americano e estabeleceram redes transnacionais. Assim, promovendo o estabelecimento de vínculos familiares, culturais, econômicos, sociais, religiosos e políticos. Portanto, o termo transnacionalismo passou a ser reconhecido pela importância dessas conexões. Entretanto, os fluxos migratórios diminuíram no período entre a “*Gran Depresión y la Segunda Guerra Mundial*”, e passaram a ser rotulados, vistos como pessoas maltrapilhas e que deveriam se desligar definitivamente de suas origens, acionando as teorias e políticas assimilacionistas (SCHILLER, 2008, p. 30).

Porém, foi na década de 1990 que o paradigma da migração transnacional se tornou popular, em razão das discussões sobre a globalização. Por enquanto, ainda não eram mencionados os efeitos das novas tecnologias. Nessa mesma época, somente enfatizava a importância da formação e acumulação de capital, própria do neoliberalismo. No ano de 1970, destaca-se a importância do câmbio dado à economia mundial, que favoreceu os movimentos globais de capital e mão de obra. Em 1971, com o fim dos acordos de Breton Woods, Schiller (2008, p. 30) aponta o que “[...] *el abandono del patrón oro y la decisión de las instituciones financieras de permitir la libre fluctuación de divisas dentro de un mercado abierto [...]*”, ou seja, “[...] *nuevas vías de formación de capital mediante la reorganización de la relación entre producción y territorio*”.

Schiller (2008, p. 31) considera o neoliberalismo como:

[...] una serie de proyectos contemporáneos de acumulación de capital que modifican la estructura de las relaciones sociales de producción, lo que incluye cambios en la organización del trabajo, el espacio, las instituciones del Estado, el poder militar, la administración, la ciudadanía y la soberanía. Esta reestructuración neoliberal comprende la reducción de servicios y ayudas estatales, la aplicación de fondos y recursos públicos al desarrollo de industrias privadas orientadas a la prestación de servicios que abarcan desde la sanidad hasta la vivienda (a veces por medio de acuerdos que reciben el nombre de asociaciones público-privadas), y el incesante impulso de la producción global a través de la supresión de la intervención del Estado en gran número de cuestiones económicas, desde los aranceles a los derechos de los trabajadores.

No final da década de 1980, muitos pesquisadores começaram a mostrar interesse pelas migrações transnacionais. Nesse mesmo período, muitas indústrias tornaram-se multinacionais. Entre os anos de 1987 e 2000, novamente surgem as teorias transnacionais, movidas pelos câmbios nos processos globais. De acordo com Harvey (1989; 1992 apud SCHILLER, 2008), estava declarada a era pós-moderna e enfatizava-se uma nova visão de deslocalização dentro

das teorias da modernidade. Giddens (1990, p. 18 apud SCHILLER, 2008, p. 31) mostra que “[...] *el advenimiento de la modernidad fomentaba las ‘relaciones entre ‘ausentes’, geográficamente alejados de cualquier situación de interacción cara a cara’*”.

O rompimento da migração transnacional com o nacionalismo metodológico da imigração, que conservava ainda o interesse pelos Estados-nação, desperta novos olhares entorno da discussão sobre o assunto. Schiller (2008, p. 32) considera que “[...] *dábamos más importancia a las imágenes e ideas de movilidad, desconexión, disyunción y localidad y prestábamos poca atención al concepto de lugar*”. Harvey (1989 apud SCHILLER, 2008, p. 32) chamava a atenção para o tempo e o espaço:

[...] había popularizado en un extenso ensayo sobre los vínculos entre la reestructuración de capital y la aparición del posmodernismo, para expresar que el lugar por sí mismo había dejado de tener importancia; sin atender a los insistentes llamamientos de Harvey en el sentido de que el capital, al igual que las relaciones sociales, seguía formándose en lugares específicos.

O neoliberalismo proporcionou aos pesquisadores uma melhor compreensão bem como a formação de novos conceitos sobre a migração transnacional. Estimulou geógrafos a entender e perceber a concepção transformadora de espaço e lugar, possibilitando uma reestruturação urbana, conceitos de relações de escala e governo. Assim, menciona Schiller (2008), os geógrafos teriam que deixar as teorias preestabelecidas sobre a imigração, não direcionando a geografia ao espaço físico das unidades sociopolíticas de residência.

Schiller (2008) assinala que o espaço e o lugar são conceitos e que todas as localidades contemporâneas estão sincronizadas num processo de globalização, transmutando diante dos programas neoliberais.

Dentro dos estudos migratórios, podemos destacar a imigração japonesa como inusitada na escala planetária da mobilidade humana. O tempo não apagou os sentimentos dos seus descendentes para com a terra natal dos seus avôs. Por mais de um século, desde a partida dos primeiros emigrantes japoneses para o Brasil, em 1908, vem se fortificando com a viagem de retorno dos *dekasseguis* à terra dos seus antepassados em meados da década de 1980, permanecendo um estado de ligação contínua que sobreviveu à falta de tecnologias, à lentidão dos transportes e das comunicações daquela época. O velho se mistura com o novo, se transformando num estado uno. A emigração/imigração japonesa representa, no mundo contemporâneo, o que denominamos de transnacionalidade, em virtude dos imigrantes descendentes de japoneses continuarem mantendo laços afetivos com o Japão.

O vínculo que é estabelecido e que sempre existiu na população *dekassegui*, com os parentes, ou a própria terra, não se perdeu com a distância geográfica, portanto, resultou na formação de novos espaços subjetivos e geográficos, construindo uma nova subjetividade de sujeito.

2.2 Transnacionalidade e Identidade

Primeiramente, o Brasil era considerado receptor de imigrantes, o processo se inverte na década de 1980, quando o Brasil passa a enviar mão de obra para o exterior. Na atualidade, deparamo-nos com a volta dos pais *dekasseguis* e seus filhos para o Brasil. Essas crianças estão fortemente vinculadas às terras de seus bisavós, trazendo um mundo japonês dentro de si. Então, podemos pensar numa nova construção identitária? Qual é a identidade desse novo sujeito contemporâneo?

Stuart Hall (2005), em seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, coloca em discussão as novas identidades contemporâneas, dentro de uma visão social. Hall aponta que, durante muito tempo, as velhas identidades na modernidade viram o sujeito como ser unificado. Atualmente, há um desabamento dessas velhas identidades, fragmentando o sujeito pós-moderno, originando novas identidades. Essas desconstruções identitárias contemporâneas compõem o que Hall (2005, p. 7) chama de “crise de identidade”.

A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2005, p. 7).

Hall (2005, p. 8) assevera que a identidade do sujeito na modernidade está “descentrada”. Considera que é um assunto novo e difícil pela sua complexidade, portanto, gera amplas discussões para os sociólogos. Além disso, o autor explicita que o conceito de identidade ainda não está definido, por requerer maior compreensão no campo da ciência social.

O sujeito da pós-modernidade está vivendo um processo de mudanças que se iniciou na era moderna, no final do século XX. As transformações que vêm ocorrendo nas sociedades contemporâneas têm alterado as nossas próprias identidades, alerta Hall (2005, p. 9), “[...] abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados”. Caracteriza ainda o autor, como a “perda de um sentido de si estável” (HALL, 2005, p. 9). Esse processo de

mudança acaba alterando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, modificando a maneira de ser de cada indivíduo no planeta.

Hall (2005) explica que o sujeito contemporâneo passa a não ter uma localização social sólida. O indivíduo perde a sua referência de lugar no mundo social e cultural e de si mesmo. A esse respeito, Mercer (1990, p. 43 apud HALL, 2005, p. 9) comenta que “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”.

Então, podemos dizer que o sujeito pós-moderno surge numa identidade que está em movimento? Para Hall (2005, p. 10), o sujeito pós-moderno pode ser visto como sujeito “pós”, de modo relativo, não pertencente a uma identidade fixa, porém buscando compreender e fundamentar a subjetividade do homem.

Hall (2005) apresenta três concepções de identidade: sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. Segundo o autor, essas concepções de identidade são distintas uma das outras.

O sujeito do Iluminismo era definido como o indivíduo sendo o centro de tudo, dono de suas próprias capacidades intelectuais, de consciência e de ação. Portanto, desde o nascimento até a sua morte, ele permaneceria sendo o mesmo sujeito, por toda a sua vida. Hall (2005, p. 11) considerava essa concepção do sujeito e da sua identidade “individualista”, já que o próprio sujeito do Iluminismo era falado no gênero masculino. O eu do sujeito era formado na própria relação de si mesmo.

O sujeito sociológico era formado na relação com o outro. Surge a visão de mundo interno e externo. O homem toma consciência de suas fraquezas e impotência, buscando valores, sentidos para o seu mundo. Mead e Cooley (apud HALL, 2005, p. 11) juntamente com os interacionistas simbólicos na sociologia conceituaram a “[...] concepção interativa da identidade e do eu”. Dessa maneira, dentro da sociologia clássica, entende-se que “[...] a identidade é formada na interação entre o eu a sociedade” (MEAD; COOLEY apud HALL, 2005, p. 11). Então, o indivíduo nasce com um eu interior que pode ser construído de forma contínua com o mundo exterior.

De acordo com Hall (2005), usamos mecanismos de projeção e internalização para interagir com o mundo externo. De forma automática, colocamos para fora nós mesmos e recebemos de fora para dentro do nosso eu significados que vão construindo parte de nós. Assim, associamos os nossos sentimentos aos lugares que ocupamos geograficamente, socialmente e culturalmente. Portanto, a identidade liga o sujeito à estrutura. Ajustando, antecipadamente de forma unificada, o sujeito ao seu mundo cultural.

Enfatiza Hall (2005, p. 12) que as coisas estão “mudando”. Antes, o sujeito tinha uma identidade estável e unificada. Atualmente, o sujeito está se tornando fragmentado e “senhor” de várias identidades. Dessa forma, não se pode contar com uma estrutura fora para se assegurar subjetivamente as próprias necessidades, em razão das “mudanças estruturais e institucionais”. Surge no sujeito um novo processo de identificação de mundo, que Hall chama de “provisório, variável e problemático”.

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

[...]

É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”. (HALL, 1990 apud HALL, 2005, p. 12-13).

Hall (2005) afirma que não existe uma identidade plena, unificada, segura e coerente, pois, se assim fosse, seria uma fantasia. Os sistemas de significação e representação cultural vêm se multiplicando e nos desestabilizando, e compondo diversas identidades com as quais poderíamos nos identificar momentaneamente.

2.3 Identidade Híbrida

No livro *Língua(gem) e identidade*, no texto “Sendo índio em português” de Tereza Machado Maher (1998, p. 120) mostra os professores índios querendo aprender a língua tradicional do seu povo para ensiná-la aos alunos:

Esta vontade ((de aprender Shawādawa)) vem porque além de ser a nossa língua de minha comunidade, ela é nossa língua própria mesmo... Eu falo, eu estou falando aqui em português: a cara, a língua, a boca tudo é minha, agora a fala não é minha porque é emprestada... ((após uma pequena pausa, sorrindo)) Num é e é, né?... vai e vem...é, e num é.

Podemos notar que, no discurso acima, o professor índio, ao mencionar a língua portuguesa, diz que a sua fala está sendo “emprestada”, porém, desconsiderando a língua portuguesa como língua nativa.

Qual é a língua nativa de *Eiko* que nasceu no Japão e foi educada na língua japonesa? Quanto à língua de *Letícia*, que nasceu no Brasil e migrou para o Japão antes de completar um ano de idade, teve a mesma formação educacional da sua irmã *Eiko*? E em relação ao menino *Goro*, brasileiro nato que partiu para Japão com quase dois anos de idade e a sua educação teve o mesmo seguimento de suas primas. Qual será a língua emprestada dessas crianças? Podemos pensar numa identidade híbrida?

O que é uma identidade híbrida?

Podemos pensar que um indivíduo possa ter várias identidades ao mesmo tempo, na pós-modernidade?

O espaço geográfico tornou-se pequeno para o homem. Então, podemos dizer que o sujeito não está mais cabendo em seu próprio mundo? Diante de tudo isso, surge um novo sujeito e novas formas de construções da subjetividade humana. O mundo tornou-se pequeno para o homem, não podendo dosar medidas, como no passado, de um mundo mais controlável e estável, tendo que ultrapassar as barreiras geográficas e criar novos espaços. Nesse desconhecido e novo mundo, a velocidade e o tempo transportam informações, produzindo comunicações numa rapidez incalculável a qualquer lugar do planeta. Com todo esse desenvolvimento tecnológico, o mundo passou a viver a era da insegurança, instabilidade, mobilidade física e espacial do sujeito; influenciando, portanto, na formação identitária do homem.

Quando se pensa em mudança na modernidade tardia, podemos pensar em globalização? A globalização está produzindo identidades híbridas?

Hall (2005) relaciona a identidade ao caráter de mudança na modernidade tardia. E caracteriza esse processo de mudança como globalização e produção de identidades culturais. Para o autor, as sociedades modernas estão em constantes mudanças, rápidas e contínuas, o que as torna distintas das sociedades tradicionais.

É o permanente revolucionar da produção, o abalar ininterrupto de todas as condições sociais, e incerteza e os movimentos eternos... Todas as relações fixas e congeladas, com o seu cortejo de vetustas representações e concepções, são dissolvidas, todas as relações recém-formadas envelhecem antes de poderem ossificar-se. Tudo que é sólido se desmancha no ar [...]. (MARX; ENGELS, 1973, p. 70 apud HALL, 2005, p. 14).

Antony Giddens (1990 apud HALL, 2005) salienta que as sociedades tradicionais consideram a cultura passada e as experiências geracionais, aliadas ao tempo e ao espaço, preservando o sentido de continuidade do passado, presente e futuro, nas formas de práticas

sociais. Também menciona que as formas de práticas sociais estão sendo constantemente modificadas pelas informações recebidas e alterando o caráter.

Hall (2005) define o hibridismo como uma mistura entre distintas tradições culturais e novas formas de construções culturais na modernidade tardia. Essa modernidade tardia é conhecida pelo nome de globalização.

Para Naputano (2012), em sua tese de mestrado *Identidades culturais em imigrantes de segunda geração – Os filhos de Pedrinhas*, o hibridismo não é soma de culturas distintas, porém considera um processo de formações culturais. Naputano (2012, p. 108) considera que “a cultura é sempre híbrida no sentido de ter uma perspectiva de construção histórica datada e de tensões político-sociais em sua formação”.

Assim, híbrido não é uma soma e sim o próprio processo dos elementos que constituem a formação cultural, em outras palavras, a ideia de hibridismo é relacionada ao processo de encontro e de produção de novas matrizes de identificação que não são estritamente relacionadas a um resultado matemático da soma entre culturas/pertencimentos diversos. (NAPUTANO, 2012, p. 108).

2.4 Partir e Retornar: experiências básicas do imigrante

Na psicanálise, Freud (1911-1913/1996, p. 165-166), em seu texto “Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II)”, argumenta que “o paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu e reprimiu, mas o expressa pela atuação ou atua-o (acts it out)”. Em seguida, explica que a compulsão à repetição tem relação com a transferência e com a resistência. Comenta, ainda, que a transferência “é, ela própria, apenas um fragmento da repetição e que a repetição é uma transferência do passado esquecido, não apenas para o médico, mas também para todos os outros aspectos da situação atual” (FREUD, 1911-1913/1996, p. 166). Freud (1911-1913/1996, p. 167) coloca que “o paciente repete em vez de recordar”. Assim, o manejo da transferência é de extrema importância para a superação da compulsão à repetição do paciente, podendo desencadear a recordação, a tomada de consciência, desse modo, libertando-o da resistência.

Lembramo-nos que Eliade (1972), segundo o qual, na tentativa de abolir o tempo, de dominá-lo diante do tormento de passagem e da finitude humana, o homem utiliza da técnica de “voltar atrás” ou de “retornar às origens”, ou seja, “para curar-se da obra do tempo é preciso ‘voltar atrás’ e chegar ao princípio do mundo”. (HIGA, 2006, p. 34).

Segundo Higa (2006), o “voltar atrás” não é no sentido da cura, mas sim no sentido da elaboração, ou seja, o retorno ao passado é vivenciado como meio de libertação.

A migração é a reedição dos desafios fundantes da vida e, por isso mesmo, Roanet (1993) afirma que ninguém mais do que o migrante realiza de maneira integral, as experiências fundamentais da vida, as experiências básicas da humanidade. O migrante refaz as experiências fundadoras da humanidade, aquelas que permitiram ao homem constituir-se como tal, desbravando o planeta e refaz também a difícil e delicada experiência ontogenética da grande viagem rumo ao total desconhecido, deflagrada como nascimento. Refaz ao mesmo tempo a experiência filogenética do deslocamento humano pela terra e a experiência ontogenética de exploração pelo recém-nascido. Da mesma forma que, filogeneticamente, o ser humano em suas incursões por regiões desabitadas do planeta explorava e tateava a terra-mãe e o bebê, por sua vez, tateia o mundo para reencontrar a mãe perdida, o migrante também tem que buscar outras paragens para reaver um solo perdido, um solo que abandonou ou do qual foi expulso. Ao partir em busca de algo que não conseguiu no lugar de origem, mas que gostaria de tê-lo ali, já engatilha seu retorno, imaginando trazer de volta aquilo que falta e, assim, viver a satisfação de uma vida plena assentada no solo natal. (JUSTO, 2008, p. 108).

O imigrante *dekassegui* volta à terra dos seus avós, retorna ao passado e às suas origens. Ao nascer, o bebê se desloca do mundo interno representado pelo útero materno, considerado como sua casa até seu nascimento (o lugar de sua morada), para o mundo externo, ou seja, parte rumo ao mundo desconhecido.

Diante de novos costumes, as dificuldades *dekasseguis* são várias, tais como as dos recém-nascidos: o idioma japonês, a comida, o ritmo de trabalho, a moradia, a própria adaptação dos filhos, a distância do Brasil e tantos outros fatores. No turbilhão de estranhamentos e dificuldades, diante do choque cultural, é comum surgir o sentimento de desamparo. Segundo Ferreira e Garcia (2002), o *dekassegui* considera o Brasil a sua casa e o Japão é sentido como lugar de destino por um tempo definido, ainda que possa ser longo.

De acordo com Hashimoto (1995), quando os migrantes chegam num país desconhecido, surge uma tensão por não saberem qual é o seu lugar. Então, aproximam-se uns dos outros com a finalidade de se apoiarem, buscando sentimentos comuns para elaborarem as crises que irrompem com frequência. Assim, a força do grupo coopera para atenuar o efeito impactante do mundo novo e do desconhecido, permitindo que a negação da nova realidade possa ser superada.

Destacam Grinberg e Grinberg (1984) que esses deslocamentos migratórios provocam impactos distintos nas diferentes etapas da vida do indivíduo. Os autores ressaltam a importância do fator idade do indivíduo, no momento em que ocorre a migração; e diferem a migração infantil do adolescente, do adulto e do idoso, não ocorrendo da mesma forma para

essas pessoas, estando em tempos diferentes. Consideram, ainda, que a migração infantil apresenta problemas mais complexos do que a do adulto.

Antecipando informações coletadas nas entrevistas que realizamos como trabalho de campo desta pesquisa, um de nossos participantes mencionou a questão da adaptação relacionada ao ciclo de vida:

Com certeza! O processo de adaptação no Japão e no Brasil devido à idade. Acho que o processo de adaptação foi mais acentuado. A dificuldade maior foi aqui no Brasil do que no Japão devido à idade. Ela foi com três anos e retornou já estava com dez. Então, essa questão de como ela foi muito pequena para lá, a adaptação ficou até mais fácil e aceitação foi bem melhor do que agora. [...]

O retorno é engraçado, assim, a questão da idade realmente pega bastante no processo de adaptação. Nossa filha caçula, melhor, ela foi menorzinha. Ela foi de colo, com seis meses e voltou agora com seis, sete anos. O processo de adaptação dela foi mais tranquilo, então essa questão idade pega bastante. (Anexo A/Sr. Ito).

Diante dessas circunstâncias, Grinberg e Grinberg (1984, p. 138) argumentam que a criança imigrante tem uma família que lhe acompanha, podendo amenizar situações traumáticas em comparação com o adulto. Consideram a família como uma “capa protetora”, aquela que serve de continência para a criança, porém não esquecendo que essa mesma família imigrante também está vivendo a experiência da migração e também precisando de um continente.

Le Bon (1855 apud FREUD, 1920-1922/1996) afirma que, quando o indivíduo se compõe num grupo psicológico, qualquer diferença que esse tenha fica submergida, surgindo uma mente coletiva. Seus pensamentos, seus sentimentos, e ações passam a ser grupais.

Le Bon pensa que os dotes particulares dos indivíduos se apagam num grupo e que dessa maneira, sua distintividade se desvanece. O inconsciente racial emerge; o que é heterogêneo submerge no que é homogêneo. [...] tais dessemelhanças, é removida, e as funções inconscientes, que são semelhantes em todos, ficam expostas à vista (LE BON, 1855 apud FREUD, 1920-1922/1996, p. 85).

Os imigrantes agem psicologicamente como as massas diluídas num inconsciente comum. Apegam-se aos conterrâneos como forma de provimento de segurança e proteção.

Segundo Hashimoto (1995, p. 103), o trabalho também aparece como mecanismo de ajuda para elaboração da separação e proteção do ego. “A necessidade de trabalhar, trabalhar para esquecer a dor nas atividades árduas e transformá-la em uma sensação boa, de produção”.

O anseio por trabalhar – socialmente valorizado – proporciona satisfações secundárias. Mas, como a nossa estrutura social aliena o indivíduo do seu trabalho (em função do princípio do desempenho), somos levados a crer que, no fundo desse anseio de trabalhar, existe na verdade uma forma de suicídio velada e vagamente reconhecível. (CARUSO, 1986 apud HASHIMOTO, 1995, p. 103).

Os *dekasseguis*, após algum tempo no Japão, costumam desvalorizar o Brasil comparando-o, por exemplo, ao esgoto do rio Tietê – um lugar de dejetos, poluído de sujeiras.

A desvalorização do ausente, que significa a negação dos aspectos positivos da terra natal, enquanto busca do seu próprio caminho, é dificultada pela rejeição da terra presente. Apesar da única tentativa de solução do impasse ser a desvalorização, mesmo que agressiva, torna-se difícil a passagem para a idealização do ausente. É a vivência da perda, através do desgaste da imagem ideal, o mecanismo usado para possibilitar o engrandecimento desse ideal perdido, num processo de reparação e de projeção para o passado. (HASHIMOTO, 1995, p. 93).

As dificuldades que os imigrantes têm em se fixar na terra nova aparecem na idealização de retorno. Pensar em voltar é a forma que o ego encontrou para não se desvincular da terra-mãe. A distância da terra-mãe gera conflito com a nova realidade. Na própria partida para outro país surge a negação do tempo. “Viver o tempo na presença do objeto amado é muito diferente de vivê-lo na ausência. Consequentemente, o viver um tempo vivo é diferente de um tempo morto” (HASHIMOTO, 1995, p. 95).

2.5 A Chegada/Retorno do *dekassegui* ao Brasil

O *homo viator* está na origem do *homo sapiens*... Só os homens viajam, pois os animais se limitam a migrar... só os viajantes são inteiramente humanos, pois enquanto os que ficam não se distinguem das plantas, que têm raízes num certo húmus, e dos bichos, que não podem sobreviver fora do ecossistema em que nasceram, os viajantes exercem, em sua plenitude, a prerrogativa máxima da espécie, a de cortar, consciente e voluntariamente, por algum tempo ou para sempre, os vínculos com o país de origem. (ROUANET, 1993 apud JUSTO, 2008, p. 104).

Sasaki (2004) menciona que há relatos de trabalhadores *dekasseguis* apontando muitas dificuldades para retornarem ao Brasil, entre as quais mencionam a falta de condições financeiras e os baixos salários brasileiros comparados àqueles pagos no Japão. Depois de idas e vindas entre um e outro país, sentem viver entre os dois lugares ao mesmo tempo: Japão e Brasil.

Conforme Sasaki (2004), os descendentes de japoneses vêm ganhando visto de permanência no Japão, comprando sua casa de morada. Porém, muitos se sentem divididos entre dois países, não sabendo qual é o seu lugar.

Sasaki (2004) mostra que a realidade japonesa atual é muito diferente das lembranças contadas pelos avós imigrantes. Essa imagem do Japão passado permanece como uma cena congelada, na qual a noção temporal se perde nos anos de trabalho árduo. Os migrantes sentem saudades daquilo que ficou em suas lembranças, preservado como sentimento de pertencimento.

Lembra Hashimoto (1995) que o migrante, depois de algum tempo longe da terra-natal, pode perceber a diferença do que é idealizado e real. Assim, essa desilusão faz o processo de luto se concretizar com o processo de diferenciação. O migrante passa a perceber a nova terra e começa a se separar da terra-mãe. Não entanto, tal separação não implica o esquecimento total, senão o ego se sucumbiria.

Na separação, a pessoa deve desligar-se da imagem idealizada do ausente e procurar substituí-la por outros ideais. Além disso, precisa continuar desenvolvendo as suas atividades normais para possibilitar a continuidade do ego. A separação consiste portanto, na tentativa de vencer os sentimentos de ambivalência entre a lembrança idealizada e o frágil compromisso com o objeto atual. A forma mais adequada de solucionar tais conflitos é lançar mão de defesas. São esses mecanismos que vão possibilitar o desenvolvimento e adaptação à situação nova [...] e controlar essa ambivalência. (HASHIMOTO, 1995, p. 96).

Justo (2008) corrobora que o desejo de retornar ao país de origem se mantém vivo e forte no imigrante. Esse retorno não difere de outras experiências de voltar ao lugar de origem, para o lugar que se conhece, marcado pela história de sua infância que representa em suas memórias o passado.

Como se sabe, ocorre aí um temor maior do que aquele que assalta o viajante ao aventurar-se pelo desconhecido. Enquanto o viajante teme o que não conhece, aquele que retorna teme o que já conheceu, teme não reencontrar o que foi deixado ali, aquelas imagens fortemente registradas na memória. É como se uma parte do sujeito, de repente, desaparecesse, morresse, deixasse de existir. Como que se ele sofresse uma amputação, um corte com sua origem e não conseguisse mais reconhecer suas filiações primárias; como se os marcos de sua origem tivessem sido removidos e ele ficasse à deriva, sem ancoradouros. (JUSTO, 2008, p. 110).

Segundo Justo (2008, p. 110), o partir e o retornar estão intrinsecamente relacionados. O autor cita o exemplo do viajante que, na despedida, já manifesta o desejo de voltar. Portanto, se despedir dizendo “até a volta”, “volte sempre” ou “volte logo”, faz parte do vocabulário do cotidiano alimentado pela ânsia do retorno.

A miragem do retorno não acompanha apenas viajantes e imigrantes. Freud (1926) chegou a atribuir o movimento do retorno a uma tendência geral do funcionamento psicológico. Segundo ele, o organismo tende a restabelecer um estado de equilíbrio anterior perdido. O objetivo do psiquismo seria, na sua base mais elementar, retornar

a um estado anterior de ausência de qualquer estimulação ou de qualquer perturbação da quietude do gozo absoluto. O objetivo maior da vida seria o retorno ao estado inanimado. A impossibilidade de manutenção de um estado nirvânico é que poria o aparelho psíquico em funcionamento, no entanto, procurando resgatar o “paraíso perdido”, tarefa essa fadada ao fracasso. (JUSTO, 2008, p. 110).

O imigrante vive a busca pela figura materna que não foi interditada. Espera dar a seus filhos a realização plena dos seus desejos malogrados. Conforme Justo, essa busca do imigrante o levaria a retroceder fantasmaticamente a um estado anterior de gozo absoluto e de plena felicidade. Quanto mais intenso o desejo pelo objeto, maior a idealização e mais longínqua fica sua realização, tornando o imigrante um ser incansável e desejanse. “Por isso mesmo, a realização plena dos desejos dos migrantes está fadada ao fracasso, tornando-os eternos aventureiros em busca de um tesouro perdido” (JUSTO, 2008, p. 111).

Se aquilo que se busca na partida vai se tornando mais distante e inatingível, o mesmo ocorre com o retorno. O que foi deixado para trás também não está mais lá, aguardando a chegada daquele que, um dia, partiu. De fato, o imigrante vive um estranhamento quando retorna ao seu país de origem. Justo (2008) ressalta que esse estranhamento pode ser até maior do que aquele vivenciado no país estrangeiro. O sentimento é de se sentir um estrangeiro em seu próprio país.

A “Readaptação dos *dekasseguis* no Brasil” foi tema da 4ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Pesquisadores *Nikkeis* (SBPN), evento marcado pela criação do documento: “Carta de São-Carlos – Moção de Apoio aos trabalhadores Brasileiros na Rota Brasil – Japão”. Trata-se de um diagnóstico da situação atual desses trabalhadores, evidenciando as dificuldades enfrentadas principalmente no âmbito dos direitos trabalhistas, na deterioração das condições físicas e psicológicas dos trabalhadores, bem como na dificuldade de readaptação das crianças às escolas brasileiras; apresenta ainda sugestões ao governo brasileiro no sentido de uma maior mobilização para a solução dos problemas. Feita esta análise da situação atual dos *dekasseguis* no Japão, pode-se dizer que o fenômeno da migração poderá trazer, a médio e longo prazos, consequências para a vida física, social e psíquica do trabalhador. (MIURA, 2004, p. 196).

Mas, não são apenas as condições objetivas, como a readaptação a leis trabalhistas e ao sistema escolar que representam obstáculos e desafios ao retorno. Existem também os entraves subjetivos que, até mesmo, podem ultrapassar os fantasmas emergentes das experiências individuais imediatas e ontogenéticas.

Justo (2008) considera a imigração uma saga familiar dos *dekasseguis*. Nesse sentido, o imigrante porta heranças familiares que se perdem na sua linhagem, entre elas estão os legados construídos pelas gerações anteriores, dos quais se apropria, e também dívidas

(conflitos) que recaem sobre ele como fardos que tem que carregar. Assim, o desejo de migrar, de ir para longe em busca do almejado, no caso da imigração de retorno, carrega consigo, inevitavelmente, o desejo de reaver legados dos antepassados deixados na terra natal, como se fossem tesouros soterrados.

Justo ressalta que o retorno dos *dekasseguis* ao solo natal de seus antepassados pode ser entendido como um movimento psicológico de repetição, uma tentativa de elaboração: “Grosso modo, diríamos que o imigrante vai e volta sempre buscando algo que jamais conquistará, tal como um garimpeiro ou um apostador que acredita numa sorte maior” (JUSTO, 2008, p. 112).

2.6 Imigração/Nascimento

Grinberg e Grinberg (1984, p. 15) mencionam que o mito do Éden representa o símbolo do nascimento, no qual o bem supera o mal. Os autores consideram, ainda, que “[...] *el símbolo del nacimiento, la primera migración de la historia individual, con la disociación consecutiva al mismo (<<supieron del bien y del mal>>)*”. As primeiras experiências primitivas de ansiedades paranoides e depressivas são sentidas pela perda do objeto idealizado e desencadeiam a vivência da angústia de desamparo, ficando o bebê com sua própria força. Essas experiências são consideradas migratórias e fazem parte da evolução do homem que se distancia do seu objeto original materno.

<<Parir con dolor>>: el dolor del propio nacimiento; del desprendimiento; y <<ganarse el pan con el sudor de la frente>> perder el suministro continuo e incondicional del cordón umbilical, tener que buscar el propio alimento (pecho), sufrir por la pérdida de objeto (destete) y esforzarse por su reparación y recuperación. (GRINBERG; GRINBERG, 1984, p. 16).

Podemos dizer que o nascimento é uma experiência migratória. Geralmente, o bebê se desloca de um mundo bastante protegido para outro mundo no qual terá que se defrontar com experiências de acolhimento, mas também de desamparo. O feto salta da barriga da mãe para renascer numa outra condição, deixando a total dependência, caminhando para a chegada em um mundo diferente e desconhecido, tendo que lidar com a dor da separação e com o processo de adaptação. O feto, ao se deslocar para fora, passa a ser representado pela figura de um bebê, trazendo formas primitivas e rudimentares de comunicação. Há uma mudança fundamental logo ao nascer: o feto sai de uma condição passiva e passa para uma condição relativamente ativa no seu novo ambiente.

À semelhança do recém-nascido, o imigrante não sai propriamente de uma situação inteiramente passiva, mas abandona uma situação de relativa segurança e familiaridade para enfrentar o desconhecido, um outro mundo.

La inmigración, justamente, no es una experiencia traumática aislada, que se manifiesta en el momento de la partida-separación del lugar de origen, o en el de llegada al sitio nuevo, desconocido, donde se radicará el individuo. Incluye, por el contrario, una constelación de factores determinantes de ansiedad y de pena. (GRINBERG; GRINBERG, 1984, p. 23).

Grinberg e Grinberg (1984) prosseguem, ponderando que o imigrante poderá ou não viver como um trauma esta experiência de deixar o solo natal e buscar outro país, pois dependerá da sua constituição psíquica e do conjunto das suas vivências dadas no momento da imigração.

O período inicial de adaptação do imigrante pode ser considerado como um período de latência, porque nele são mobilizados os traumas acumulados e os chamados “duelos postergados”.

A esse respeito, Grinberg e Grinberg (1984, p. 4) salientam que a experiência traumática poderia ser categorizada por “*traumatismos acumulativos y de tensión*”, considerando que suas reações nem sempre serão ruins e aparentes, entretanto, os seus efeitos serão profundos e duradouros.

Os traumas ressuscitados na experiência do imigrante podem ser comparados com os da adolescência ou entendidos como uma crise evolutiva. Nas crises de desenvolvimento, há momentos de privações e perdas, como ocorre no nascimento e em todas as fases da vida. Essas transições são sentidas como perigos, aumento da vulnerabilidade e de doenças psíquicas. Winnicott (1971 apud GRINBERG; GRINBERG, 1984) sustenta que a herança cultural assegura a continuidade do homem em suas crises, ou rupturas. Grinberg e Grinberg (1984) acreditam que quando ocorrem rupturas, a herança cultural não pode segurar sozinha a continuidade tal como pode acontecer com os migrantes que passam a viver em outro lugar.

Winnicott considera <<la herencia cultural>> como una extensión del <<espacio potencial >> entre el individuo y su ambiente. El uso del <<espacio potencial>> está, pues, supeditado a la formación de un <<espacio entre dos>>, entre el yo y el no-yo, entre el <<adentro>> (grupo de pertenencia) y el <<afuera>> (grupo de recepción), entre el pasado y el porvenir. (GRINBERG; GRINBERG, 1984, p. 25-26).

El inmigrante necesita un <<potencial>> que le sirva de <<lugar de transición>> y <<tiempo de transición>>, entre el país-objeto materno, y el nuevo mundo externo; <<espacio potencial>> que otorgue la posibilidad de vivir la migración como <<juego>>, con toda la seriedad e implicaciones que este tiene para los niños (GRINBERG; GRINBERG, 1984, p. 26).

Ao fracassar a criatividade, nesse espaço potencial, é produzida a ruptura na continuidade do “*entorno y del self*”. De acordo com Grinberg e Grinberg (1984), a ruptura que ocorre no sujeito é sentida como longas ausências do objeto cuidador. A criança perde a capacidade de simbolização e usa de defesas primitivas arcaicas.

Então, a migração é um estado de desorganização que, posteriormente, pode ou não se reorganizar. Essa desintegração considerada transitória é ocasionada pelas angústias que irrompem em situações de estresse. Trata-se de uma experiência marcada por agitações e tormentos, na qual o migrante caminha entre as tempestades na transição de um momento de vida a outro, tal como acontece com o adolescente na passagem da infância para a vida adulta. Os migrantes, à semelhança dos adolescentes, deixam o mundo velho infantil para chegar ao mundo novo e desconhecido. Levará muito tempo até chegarem à terra firme na qual poderão se sentir realmente seguros num novo mundo.

3 A EXPERIÊNCIA DA SEPARAÇÃO PARA OS IMIGRANTES

Se o mundo, hoje, exige maior plasticidade do sujeito quanto às suas referências identitárias e faculta experiências de mobilidade, desenraizamento, nomadismo, desterritorialização e tantas outras que rompem com experiências marcantes de outras épocas quando predominava o sedentarismo. No entanto, o deslocamento de um lugar a outro, de uma cultura a outra, é acompanhado de grandes dilemas, dificuldades e desafios, sobretudo, no plano psicológico. A adaptação ao novo lugar, à nova cultura, a um novo país mobiliza figuras e processos de subjetivação bastante enraizados e básicos no funcionamento psicológico.

Freud (1893-1895/1996) considera que uma das formas de expressão da não adaptação pode se configurar nos sintomas histéricos, trazendo efeitos e resíduos de excitações que atuaram sobre o sistema nervoso como traumas. Na histeria, considera-se que uma parte dessa soma de excitação do trauma é transformada em sintomas puramente somáticos. Outras maneiras de adoecer podem se impor e dependerão do quanto cada indivíduo tenha se desenvolvido emocionalmente.

Uma das ansiedades básicas estruturantes das relações do Eu com o mundo emerge nas primeiras experiências de separação entre o bebê e a mãe, na medida em que se instala o reconhecimento, por parte do bebê, da existência autônoma e independente de si mesmo e do mundo à sua volta.

Para Quinodoz (1993, p. 46):

Os processos de diferenciação e de separação estão estreitamente relacionados com o trabalho de luto, porque aceitar separar-se de outra pessoa implica não só a capacidade de efetuar um trabalho de luto a nível da [sic] relação entre duas pessoas, uma aceitando separar-se da outra, mas também a capacidade de efetuar o trabalho de luto a nível do ego [sic], o que supõe a renúncia à fusão com o objeto do qual se separa, um aceitando diferenciar-se do outro.

Nessa linha de pensamento, Winnicott (1896-1971/2005, p. 26-27) assinala que:

O *holding* tem muita relação com a capacidade da mãe de identificar-se com seu bebê. Um *holding* satisfatório é uma porção básica de cuidado, só experimentada nas reações a um *holding* deficiente. O *holding* deficiente produz extrema aflição na criança, sendo fonte da sensação de despedaçamento, da sensação de estar caindo num poço sem fundo, de um sentimento de que a realidade exterior não pode ser usada para o reconforto interno e de outras ansiedades que são geralmente classificadas como “psicóticas”.

Uma primeira indagação que surge, diante da importância e da dificuldade da elaboração matricial da separação mãe-bebê, é sobre a mobilização e a eventual irrupção, na experiência dos filhos dos *dekasseguis* e até mesmo neles próprios, das ansiedades que acompanham vivências ontogenéticas de separação. Então, o abandono do solo natal ressuscita as antigas ansiedades depressivas? Outros questionamentos também emergem desta situação, tais como: As crianças, ainda não inteiramente assentadas na experiência de distanciamento dos pais e de outros objetos com os quais já desenvolveram vínculos emocionais, sofrem com a iminência de uma separação mais acentuada, tanto na realidade como no simbólico? O retorno ao Brasil acrescentará outras separações dolorosas com objetos e vínculos, desta vez deixados no Japão? O reencontro com familiares brasileiros e a evocação de outras imagens de amparo e de vinculações anteriores minimizam os efeitos das sobreperdas que ocorrem no retorno?

Por meio da minha própria experiência de vida no Japão, pude constatar que não somente eclodem sentimentos básicos, constitutivos da estrutura e do funcionamento psicológico, como também se desencadeiam crises na articulação da experiência da realidade com conteúdos e estruturas psíquicas consolidadas ou em formação. Tais crises soam como experiências traumáticas diante da dificuldade de se assimilar, elaborar e responder adequadamente às estimulações e excitações provenientes de uma realidade estranha e desconhecida.

Segundo Laplanche e Pontalis (2001, p. 522), “o termo ‘trauma’ vem do grego e significa ferida e deriva de furar, designa uma ferida com efração”. Os termos trauma e traumatismo são considerados sinônimos na Medicina. O traumatismo define-se como econômico por uma quantidade excessiva de excitações em relação à tolerância do sujeito e à sua capacidade de dominar e de elaborar emocionalmente estas excitações. Ocorre de duas formas: positiva, quando o indivíduo se adapta ao novo ambiente e elabora a situação traumática; e na situação oposta, quando não consegue elaborar a situação traumática, em que afloram sentimentos de ansiedade, perigo, chegando a um estado de desamparo e adoecimento.

Freud (1925-1926/1996) definiu, inicialmente, em 1894, a ansiedade como transformação da tensão acumulada. Posteriormente, em “A Interpretação dos Sonhos” (1900), a ansiedade é considerada um impulso libidinal cuja origem está no inconsciente e é inibida pelo pré-consciente. Freud (1925-1926/1996, p. 83) salienta que, na quarta edição de “Os três ensaios”, a ansiedade neurótica tem origem na libido, que é produto de sua transformação e que, assim, se relaciona com ela, “da mesma forma que o vinagre com o

vinho”. Freud não considerava mais a ansiedade como libido transformada, mas como uma reação específica a situações de perigo. Em 1933, na Conferência XXXII de suas “Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos” (FREUD, 1932-1936/1996), considera que também a neurose de angústia surge da ansiedade, uma reação relacionada à situação traumática. Classifica-a em ansiedade: realística, quando o perigo é conhecido; neurótica, quando provocada por um perigo desconhecido; automática, quando o ego não está preparado para tal experiência; e de sinal ou de alarme, que corresponde à vivência de um perigo ocorrido anteriormente e agora se repete de forma atenuada como um sinal de alarme. O que determina a ansiedade automática é a ocorrência de uma situação traumática, e sua essência é uma experiência de desamparo por parte do ego diante de um acúmulo de excitação, seja de origem externa, seja de origem interna, com o qual não consegue lidar. A ansiedade, de sinal ou de alarme, é então, a resposta do ego à ameaça ou à possibilidade de ocorrência de uma situação traumática.

Freud (1925-1926/1996) esclarece que a ansiedade é algo que se sente, portanto, um estado afetivo. A ansiedade é resultado de um aumento de excitação, que, por um lado, produz o caráter de desprazer e, por outro, encontra seu alívio por meio dos atos de descarga. Segundo o autor, quando a criança descobre, pela experiência, que um objeto externo perceptível pode pôr termo à situação de perigo, revive o nascimento. Nesse caso, o conteúdo do perigo que ela teme é deslocado da situação econômica para a condição que determinou essa situação, a saber, a perda do objeto. É a ausência da mãe, por exemplo, que agora constitui o perigo, e logo que surge esse perigo a criança dá sinal de ansiedade, antes que a temida situação econômica se estabeleça. Essa mudança constitui a primeira reação de providência adotada pela criança, para autopreservação, representando, ao mesmo tempo, uma passagem do aparecimento automático e involuntário da ansiedade para a reprodução intencional da ansiedade como sinal de perigo. O fenômeno automático é um sinal de salvação, que considera que a ansiedade é um produto de desamparo mental da criança, o qual corresponde naturalmente a seu desamparo biológico.

Na realidade, é provável que as primeiras repressões, bem como a maioria das seguintes, sejam motivadas pela ansiedade do ego, no tocante a processos do id. Uma situação semelhante ao trauma de nascimento se estabelece no id, seguindo-se uma reação automática de ansiedade. Assim, o perigo psíquico é equivalente ao perigo de vida quando o ego do indivíduo é imaturo. A geração de ansiedade provoca a geração de sintomas em movimento e, na realidade, é um requisito prévio dele, pois se o ego não despertasse a instância de prazer-desprazer, gerando ansiedade, não conseguiria força para paralisar o processo que está preparando no id e que o ameaça com perigo.

Para Rank (apud FREUD, 1925-1926/1996, p. 147), “o processo de nascimento é a primeira situação de perigo, e a convulsão econômica que ele produz torna-se o protótipo da reação de ansiedade”. Conforme Freud (1920-1922/1996), a ansiedade é um estado particular de esperar o perigo ou preparar-se para ele, ainda que possa ser desconhecido. O medo exige um objeto definido de que se tenha temor. Susto, porém, é o nome que se dá ao estado em que alguém fica quando entra em perigo sem estar preparado para ele, dando-se ênfase ao fator surpresa.

Para Freud (1925-1926/1996), o verdadeiro perigo é um perigo conhecido. Nesse caso, a ansiedade é realística. A ansiedade neurótica é a ansiedade provocada por um perigo desconhecido, que tem ainda de ser descoberto. Trata-se de um perigo real pulsional, que leva esse perigo não conhecido do ego até a consciência. Existem duas reações ao perigo real, uma é a reação afetiva, repentina da ansiedade; a outra é a reação protetora. A análise deve revelar que, além do perigo real conhecido, há um perigo pulsional desconhecido.

Situação de perigo, segundo Freud (1925-1926/1996), consiste no julgamento do paciente diante da própria força, em comparação com a amplitude do perigo e o seu relacionamento de desamparo em face desse perigo: desamparo físico, se o perigo for real; e desamparo psíquico, se for pulsional. Ao proceder assim, o indivíduo se orienta pelas experiências reais que teve. Denominamos essa situação de desamparo como traumática.

Freud (1925-1926/1996) ressalta, ainda, que o indivíduo terá alcançado importante progresso em sua capacidade de autopreservação se puder prever e esperar uma situação traumática dessa espécie, ou seja, que desencadeia desamparo, em vez de esperar que ela simplesmente aconteça. Na expectativa de uma situação de perigo, o sinal da ansiedade é emitido. Esta, por conseguinte, é, por um lado, uma expectativa de um trauma, e por outro, uma repetição dele em forma atenuada. Assim, os dois traços de ansiedade percebidos têm uma origem diferente. Sua ligação com a expectativa pertence à situação de perigo, ao passo que sua indefinição e falta de objeto pertencem à situação traumática de desamparo. Ansiedade – perigo – desamparo (trauma) – presume-se agora que a situação de perigo seja uma situação reconhecida, lembrada e esperada de desamparo. A ansiedade, reação original ao desamparo no trauma, é reproduzida depois da situação de perigo como um sinal em busca de ajuda. O ego, que experimentou o trauma passivamente, agora o repete ativamente, em versão enfraquecida, na esperança de ser ele próprio capaz de dirigir seu curso. A importância decisiva cabe ao primeiro deslocamento da reação de ansiedade de sua origem na situação de desamparo para uma expectativa dessa situação, isto é, para a situação de perigo e, posteriormente, o determinante do perigo como a perda do objeto e das modificações dessa

perda. Isso pode estimular o indivíduo a permanecer no estado de infância, cujo período de vida se caracteriza por desamparo psíquico e motor.

Para Freud (1925-1926/1996), há uma ligação estreita entre a ansiedade e a neurose, visto que o ego se defende contra um perigo pulsional com a ajuda da reação de ansiedade, do mesmo modo que o faz contra um perigo real externo. Frequentemente, uma exigência pulsional torna-se um perigo interno, desde que a satisfação provoque um perigo externo, isto é, porque o perigo interno representa um perigo externo. Portanto, o perigo externo (real) deve ser internalizado, para ser significativo para o ego. Ele deve ter sido reconhecido como relacionado com certa situação de desamparo já experimentada. À situação traumática, na qual o paciente está desamparado, convergem perigos externos e internos, perigos reais e exigências pulsionais. O desamparo motor do ego encontra expressão no desamparo psíquico.

Considerando todo esse processo psíquico, sobre a teoria do trauma psíquico, neste trabalho, pretendemos nos ater à situação das crianças que deixam o seu país de origem para viverem em outro país – neste caso específico, a ida ao Japão –, e depois de um período retornam ao seu país de origem para viverem em um ambiente modificado pelo tempo e enfrentando adaptações. Esses indivíduos revivem a experiência da separação para se adaptarem ou não ao novo ambiente, ou seja, uma experiência traumática de vivência primitiva é atualizada, interferindo no processo de adaptação?

Os indivíduos, quando retornam ao seu país, se veem diante de uma segunda situação de separação e de convívio com um novo ambiente, reagindo de maneiras específicas. Aqueles que conseguem elaborar ou superar experiências traumáticas pregressas terão se desenvolvido para atingir a adaptação à nova situação, mobilizando recursos internos e psíquicos para enfrentar o novo ambiente e as condições que eles mesmos lhes impõem. Porém, aquelas pessoas que passam por experiências traumáticas e que não conseguem enfrentar ou superá-las adequadamente com mecanismos que possibilitem a adaptação recorrem provavelmente a defesas de maneira patológica e adoecem. As manifestações de sintomas – somáticos, afetivos ou comportamentais – estarão presentes em muitos ao retornarem para o Brasil, por isso necessitam de acompanhamento psicológico e psiquiátrico. O desamparo mobilizado nessas pessoas pode ser considerado, baseando-se em Freud (1925-1926/1996), semelhante ao vivenciado no trauma do nascimento.

A experiência de se perceber sozinho em um novo ambiente leva o indivíduo a se sentir único e separado. Diante dessas impressões, surge a dor, o sofrimento da perda, e as renúncias, como à própria liberdade, para que possa se adaptar de acordo com as exigências da realidade externa.

Para Winnicott (1975, p. 133):

Freud, em sua topografia da mente, não encontrou lugar para a experiência das coisas culturais. Deu um novo valor à realidade psíquica interna e disso proveio um novo valor para coisas que são reais e verdadeiramente externas. Freud utilizou a palavra “sublimação” para apontar o caminho a um lugar em que a experiência cultural é significativa, mas talvez não tenha chegado ao ponto de nos dizer em que lugar, na mente, se acha a experiência cultural.

Winnicott (1975, p. 135) acrescenta que:

O trauma implica que o bebê experimentou uma ruptura na continuidade da vida, de modo que defesas primitivas agora se organizaram contra a repetição da “ansiedade impensável” ou contra o retorno do agudo estado confusional próprio da desintegração da estrutura nascente do ego.

Julgamos ser importante refletir sobre esta questão, pois as crianças que aqui nasceram e migraram com os pais para o Japão passam pela angústia de separação, revivendo o trauma do nascimento, e ao retornarem passam novamente por uma separação, que igualmente gera angústia, levando-as a reviver o trauma do nascimento, mesmo retornando à terra-mãe, considerada o útero materno, para enfrentar novas diversidades em um mundo entre o reconhecido/desconhecido. Redescobrem as sensações de estar só, diante do conhecido. Enfrentam a desconstrução da cultura japonesa internalizada (língua e linguagem, gestos, comportamentos, comidas, espaço físico, fantasias, relações objetais, etc...), e a reconstrução do novo “eu”, em seu próprio país de origem, com sentimentos de impotência e de esperança.

4 DESAMPARO PSÍQUICO

4.1 Contextualizando o Desamparo

A palavra desamparo foi encontrada nas escritas Freudianas em 1895, no “Projeto para uma psicologia científica”, no contexto “a experiência de satisfação”. Freud (1886-1889/1996) relata que o recém-nascido precisa de ajuda alheia para promover a ação específica de que necessita para sua sobrevivência. Essa comunicação que ocorre e que se estabelece entre o bebê e a sua mãe é de extrema importância para o desenvolvimento emocional do infante. O sentimento de desamparo já é sentido pela criança logo ao nascer.

O desamparo foi adquirindo várias conotações, desde a imaturidade infantil até a necessidade de dependência que o bebê tem de ter o objeto primário para realizar suas ações específicas. O desamparo, por sua vez, indica em sua essência vivida o sentimento de abandono, que é experimentado na descoberta do eu do indivíduo com o mundo.

A figura materna tem o papel fundamental no desenvolvimento emocional do bebê em relação ao seu mundo interno e externo. A mãe funciona como intérprete das suas ansiedades e medos. Portanto, a mãe usa as informações que são manifestadas na relação por esse bebê e passa a transformá-las, devolvendo de forma interpretativa ao mesmo. Assim, uma boa relação e comunicação fazem o bebê se sentir amparado. De forma contrária, quando a mãe não consegue perceber a real necessidade do bebê, esse pode cair em estado de desamparo psíquico.

Freud (1927-1931/1996), em seu texto “O futuro de uma ilusão”, destaca que a mãe satisfaz a fome da criança, e se torna o primeiro objeto amoroso e fonte de proteção dos perigos externos e ansiedades. Em seguida, a mãe é substituída pelo pai na função de proteção. Porém, a criança admira o pai e também o teme, por causa da relação anterior dela com a mãe.

O homem cresce e percebe que seu destino é permanecer uma eterna criança e que sempre precisará da proteção de poderes superiores. Conforme a figura de um pai, o homem “[...] cria para si os seus deuses a quem teme, a quem procura propiciar e a quem, não obstante, confia sua própria proteção” (FREUD, 1927-1931/1996, p. 33).

Podemos dizer que o homem cria Deus e não Deus cria o homem, para se defender do desamparo infantil no adulto, criando, assim, a religião como forma de proteção dos seus próprios instintos e ameaças externas.

Afinal, o que é desamparo psíquico? A não compreensão da língua materna, a portuguesa, pode desencadear desamparo psíquico no retorno dos filhos de *dekasseguis* ao Brasil?

Encontramos na *Bíblia Sagrada*, em São Mateus, versículo 46, a passagem da morte e ressurreição de Jesus Cristo, quando Ele clama pelo Pai, implora por Sua proteção e se sente abandonado à própria sorte. O sentimento de desamparo já aparece esboçado nas escrituras sagradas.

Desde a hora de sexta, até à hora nona, as trevas envolveram toda a terra. E, cerca da hora nona, Jesus clamou em alta voz: <<Elli, Elli, lema sabacthani>> Isto é: <<Meu Deus, Meu Deus, porque Me abandonaste>>. Alguns dos que ali se encontravam, disseram ao ouvi-lo: Está a chamar por Ellias [...]. (BÍBLIA SAGRADA, 1971-1972, p. 1007).

O dicionário de português *Mini Aurélio* (FERREIRA, 2008, p.296) traz o significado da palavra desamparo como “falta de amparo e abandono”. O *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Veja Larousse* (2006, p. 84) define o desamparo como uma “Condição do que ou de quem está abandonado, sem ajuda material ou moral”.

Termo da linguagem comum que na teoria freudiana assume um sentido específico: estado do lactente que, dependendo inteiramente de outrem a satisfação das suas necessidades (sede, fome), se revela impotente para realizar a acção específica adequada para pôr fim à tensão interna. Para o adulto, o estado de desamparo é o protótipo da situação traumática geradora de angústia. (LAPLANCHE; PONTALIS, 1970, p. 156).

Laplanche e Pontalis (1970, p. 157) citam a palavra em alemão “*Hilflosigkeit*” que requer uma única tradução e destacam da língua francesa a expressão “*état de détresse*” que significa estado de desamparo em vez de “*détresse*” (desamparo) por si só, por se tratar de um dado específico:

[...] a impotência do recém-nascido humano; este é incapaz de empreender uma acção coordenada e eficaz (ver: Acção específica); foi isso que Freud designou pela expressão *motorische Hilflosigkeit*. Do ponto de vista econômico, tal situação resulta no acréscimo da tensão da necessidade que o aparelho psíquico não pode ainda dominar; é a *psychische Hilflosigkeit*. (LAPLANCHE; PONTALIS, 1970, p. 157).

Como podemos notar, o conceito de estado de desamparo foi sendo construído de várias ordens.

No plano genético, Freud (1895) na primeira parte do Projecto de uma psicologia (*Entwurf einer Psychologie*), é a partir dela que podem compreender-se o valor princeps da vivência de satisfação, a sua reprodução alucinatória e a diferenciação entre processo primário e secundário.

O estado de desamparo, correlativo da total dependência da criança humana relativamente à mãe, implica a onipotência desta. Influencia assim de forma decisiva a estruturação do psiquismo, voltado a constituir-se inteiramente na relação com outrem.

No quadro de uma teoria da angústia, o estado de desamparo torna-se o protótipo da situação traumática. É assim que em *Inibição, Sintoma e Angústia* (*Hemmung, Symptom und Angst*, 1926) Freud reconhece aos <<perigos internos>> uma característica comum; perda ou separação que acarreta um aumento progressivo da tensão, ao ponto de, num caso extremo, o indivíduo se ver incapaz de dominar as excitações e ser submergido por elas - o que define o estado gerador do sentimento de desamparo.

Freud liga explicitamente o estado de desamparo à prematuração do ser humano: <<a sua... existência intra-uterina parece relativamente abreviada em comparação com a da maioria dos animais; ele está menos acabado do que estes quando vem ao mundo. Por este facto, a influência do mundo exterior é reforçada, a diferenciação precoce entre o ego e o id é necessária, a importância dos perigos do mundo exterior é exagerada e o objecto, que é o único que pode proteger contra estes perigos e substituir a vida intra-uterina, vê o seu valor enormemente aumentado. Este factor biológico estabelece pois as primeiras situações de perigo e cria a necessidade de ser amado, que nunca mais abandonará o homem>>. (LAPLANCHE; PONTALIS, 1970, p. 157).

Costa (2007) menciona que o termo desamparo aparece nos textos de Freud na discussão sobre os estímulos interiores ou exteriores que afetam o organismo do ser humano. Considera que a resposta adequada a esses estímulos é a “ação específica” motora ou psíquica. Sua função é cessar o estímulo pela satisfação ou pela fuga da situação de sofrimento. Quando isso não ocorre, o estímulo excede a capacidade de resposta. Entretanto, o indivíduo cai em desamparo, podendo desencadear defesas inadequadas, ou seja, psicopatologias.

Em outro texto, o desamparo aparece como ideia de “pré-maturação” do ser humano.

Entre os fatores que contribuem para causar as neuroses, e que criam as condições nas quais as forças psíquicas se medem umas às outras, três se destacam particularmente: um fator biológico, um fator filogenético e um fator psicológico. O fator biológico é o estado de desamparo e de dependência muito prolongado do filhote do homem. A existência intra-uterina do homem é relativamente breve, em relação à maioria dos animais. Ele é menos acabado que esses últimos, ao ser lançado ao mundo. A influência do mundo exterior real se acha, por isso, reforçada. A diferenciação do eu com isso é adquirida precocemente, os perigos do mundo exterior ganham uma importância maior e, por essa razão, o valor do objeto é aumentado, de modo enorme, pois ele é o único a poder proteger o eu de tais perigos. Assim, o fator biológico está na origem das primeiras situações de perigo e cria de ser amado, que jamais abandonará o ser humano. (FREUD, 1925-1926/1968 apud COSTA, 2007, p. 60).

Costa (2007) caracteriza o desamparo, nos dois contextos, como um despreparo do organismo humano para lidar com certos estímulos do meio. Em sequência, Freud distingue o eu e o corpo.

Desamparo do organismo corporal não é a mesma coisa que desamparo de um eu que, em situações de perigo, apela para o objeto e cria “a necessidade de ser amado que jamais abandonará o ser humano”. No primeiro uso do termo, desamparo designa estados subjetivos descritos de modo fiscalista. Freud, com ou sem consciência, falava do indivíduo como um organismo físico. Pouco importa se a idéia de “organismo psíquico” ou de “corpo imaginário” estava pressuposta na descrição. O fato é que o desamparo era assimilado ao estado de necessidade reconhecido pelo organismo de forma reflexa e automática. Ao estarmos com fome, apanhamos o alimento desejado por meio da “ação específica”; ao estarmos com sede ou premidos por estímulos sexuais fazemos o mesmo. (COSTA, 2007. p. 61).

A expressão “ter necessidade” é conceituada por Costa (2007) na descrição de estados afetivos. O autor cita exemplos de aparelhos eletrônicos que precisam da energia para recarregar suas baterias para ter um funcionamento adequado, e não é porque dependem da energia que são desamparados. Então, ter necessidade, especificamente nesses casos, significa que sem a energia regulada, os aparelhos estarão paralisados ou prejudicados, diferentes dos estados afetivos de “falta ou carência” caracterizados aos organismos de fala, capazes de atos intencionais, como os organismos humanos.

Costa (2007, p. 62) menciona que Freud, de forma explícita, declara a existência do eu, autorizando o uso do termo desamparo. Esse termo desamparo é empregado “diante de um ser de linguagem que pode saber o que é sentir desamparado, antes ou depois da aquisição da habilidade linguística”.

Falar de desamparo, em uma descrição psicológica dos organismos humanos, justifica-se porque projetamos no outro, adulto ou criança, as qualidades mentais que possuímos ou que eles poderão vir a possuir no curso do desenvolvimento, se trata de crianças. Ao dizermos que o bebê é desamparado porque é prematuro queremos dizer que, em situações similares a da prematuração, sentimos algo que chamamos de desamparo. Essas situações são aquelas em que dependemos de outrem para sobreviver, para viver melhor ou, ao contrário, situações nas quais o sujeito e o outro são impotentes para deterem o risco de morte ou sofrimento. (COSTA, 2007, p. 62).

A noção Freudiana de desamparo foi apresentada, pela primeira vez, em 1895, no “Projeto para uma psicologia científica” (FREUD, 1886-1889/1996), no contexto sobre “a experiência de satisfação”, expressando que:

O organismo humano é, a princípio, incapaz de promover essa ação específica. Ela se efetua por ajuda alheia, quando a atenção de uma pessoa experiente é voltada para um estado infantil por descarga através da via de alteração. Essa via de descarga adquire, assim, a importantíssima função secundária de comunicação, e o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais [Cf.pág.420]. (FREUD, 1886-1889/1996, p. 370).

Fortes (2008, p. 28), em seu artigo sobre “Masoquismo e desamparo no sofrimento contemporâneo”, comenta “a dependência absoluta e radical do outro” do contexto de Freud apontado acima. O sujeito humano sofre uma pressão interna das “fontes endossomáticas” (frio, fome, dor, etc.) em decorrência dos estímulos endógenos pode desencadear uma “ação específica” que provoque alguma reação externa e, assim, possa diminuir a tensão, promovendo uma sensação de alívio.

Quando a pessoa que ajuda executa o trabalho da ação específica no mundo externo para o desamparado, este último fica em posição, por meio de dispositivos reflexos, de executar imediatamente no interior de seu corpo a atividade necessária para remover o estímulo endógeno. A totalidade do evento constitui então a experiência de satisfação, que tem as conseqüências mais radicais no desenvolvimento das funções do indivíduo. (FREUD, 1886-1889/1996, p. 370).

Freud (1886-1889/1996), em uma nota de rodapé, explica que o grito do bebê pode ser considerado uma alteração interna. Provavelmente, um pedido de ajuda desse para o outro.

Nessa perspectiva, Fortes (2008) aponta que o bebê precisa ter o outro para realizar a ação específica, mobilizando um sentimento no outro de pedido de ajuda para satisfazer suas necessidades. Portanto, modificando o meio externo.

É no fato de o bebê precisar da ajuda de um outro que reside o desamparo primordial [...] Portanto, neste momento do “Projeto para uma psicologia científica”, o desamparo é equivalente à necessidade de ajuda por parte da criança. Esta precisa de um outro que a acompanhe no caminho em direção à satisfação (FORTES, 2008, p. 28).

Freud (1895/1977 apud COSTA, 2007, p. 28) assevera que o desamparo inicial dos seres é “a fonte primordial de todos os motivos morais”. Isto quer dizer que o sujeito está sempre na dependência e ligado ao outro. “Dizer que o desamparo está na base da moral é sustentar como a figura do outro intervém desde o início na formação do sujeito”.

Pereira (1999 apud FORTES, 2008) recorda a importância da noção de desamparo para o bebê no início da sua vida, que se manifesta como um processo psíquico, de forma complexa e importante para elaborações posteriores. E ressalta que “Freud desenvolve como as vivências de desprazer do bebê serão interpretadas pelo adulto como sinais de um desamparo radical, constituindo-se numa forma de apelo ao outro” (FORTES, 2008, p. 28).

Freud (1925-1926/1996) em “Inibições, sintomas e ansiedade”, relata que o desamparo está relacionado com a ansiedade na situação de perigo.

[...] ela consiste na estimativa do paciente quanto à sua própria força em comparação com a magnitude do perigo e no seu relacionamento de desamparo em face desse perigo - desamparo físico se o perigo for real e desamparo psíquico se for instintual. [...] Denominemos uma situação de desamparo dessa espécie, que realmente tenha experimentado, de situação traumática. (FREUD, 1925-1926/1996, p. 161).

Para Freud, a ansiedade “é por um lado, uma expectativa de um trauma e, por outro, uma repetição dele em forma atenuada”. Entretanto, a ansiedade percorre caminhos distintos, “a origem é diferente”. “Sua vinculação com a expectativa pertence à situação de perigo, ao passo que sua indefinição e falta de objeto pertencem à situação traumática de desamparo – a situação que é prevista na situação de perigo” (FREUD, 1925-1926/1996, p. 162).

Seguindo essa sequência, ansiedade-perigo-desamparo (trauma), podemos agora resumir o que se disse. Uma situação de perigo é uma situação reconhecida, lembrada e esperada de desamparo. A ansiedade é a reação original ao desamparo no trauma, sendo reproduzida depois da situação de perigo como sinal em busca de ajuda. O ego, que experimentou o trauma passivamente, agora o repete ativamente, em versão enfraquecida, na esperança de ser ele próprio capaz de dirigir seu curso. É certo que as crianças se comportam dessa maneira em relação a toda impressão aflitiva que recebem, reproduzindo-a em suas brincadeiras. Ao passarem assim da passividade para a atividade tentam dominar suas experiências psiquicamente. (FREUD, 1925-1926/1996, p. 162).

O perigo da criança, segundo Freud (1925-1926/1996), é de perder o objeto protetor, aquele que a livra da situação de desamparo psíquico e motor. A criança precisa de ajuda do outro para sua própria sobrevivência.

Freud (1925-1926 apud FORTES, 2008, p. 28) descreve que “o desamparo é associado ao medo da perda do amor do ser que ocupa a função de protetor. Dada a dependência do sujeito, o perigo maior é o de ser abandonado, deixado à própria sorte e ao próprio desamparo”. Quando se perde o amor do outro, surge a angústia de separação.

Retomando o texto, Freud (1932-1936/1996) explica que a ansiedade está relacionada com a situação traumática. Segundo Freud, o que determina a ansiedade automática é a ocorrência de uma situação traumática, em que resulta uma experiência de desamparo por parte do ego diante de um acúmulo de excitação, podendo ser de origem externa ou interna, com o qual o ego não pode lidar.

A ansiedade, como sinal, é então, a resposta do ego à ameaça da ocorrência de uma situação traumática. Esta ameaça constitui uma situação de perigo. Os perigos internos sofrem modificações de acordo com o período de vida, mas possuem uma característica comum, a saber: envolvem a separação ou perda de um objeto amado, ou perda de um amor. Uma perda ou separação que, de várias maneiras, poderá conduzir a um acúmulo de desejos insatisfeitos

e, assim, levar a uma situação de desamparo. Na ansiedade como sinal, Freud relata que existe um mecanismo pelo qual o ego restringe a geração de experiências dolorosas. Dessa maneira, a libertação do desprazer fica restrita em quantidade, e seu início atua como um sinal ao ego para que este fixe sua defesa normal em funcionamento (FREUD, 1932-1936/1996).

Estabelece-se, assim, uma correlação entre a angústia e o desamparo: “... como um fenômeno automático e como um sinal de salvação, verifica-se que a angústia é um produto do desamparo mental da criança” (p. 162). A angústia, aqui, de maneira diferente da primeira teoria da angústia, tem a função de um sinal para a evitação de uma situação de perigo”, sendo o maior dos perigos a possibilidade da separação da mãe, [...] (FREUD, 1925-1926 apud FORTES, 2008, p. 29).

Reafirmando Freud (1925-1926/1996), a ansiedade é o resultado de um aumento de excitação do ego, podendo produzir o caráter desprazer, como também, o alívio por meios dos atos de descarga. Segundo o autor, quando a criança descobre, pela experiência, que um objeto externo perceptível pode pôr termo à situação de perigo, revive o nascimento. Portanto, o conteúdo do perigo que ela teme é a perda do objeto. Entretanto, é a ausência da mãe, por exemplo, que agora constitui o perigo, e logo que surge esse perigo a criança dá sinal de ansiedade, antes que a temida situação econômica se estabeleça. Essa mudança constitui a primeira reação de providência adotada pela criança, para autopreservação, representando, ao mesmo tempo, uma passagem do aparecimento automático e involuntário da ansiedade para a reprodução intencional da ansiedade como sinal de perigo. O fenômeno automático é um sinal de salvação, e a ansiedade é um produto de desamparo mental da criança, o qual corresponde naturalmente a seu desamparo biológico.

Nessa perspectiva, cabe retornar à afirmação de Rank (apud FREUD, 1925-1926/1996, p. 147), de que “o processo de nascimento é a primeira situação de perigo, e a convulsão econômica que ele produz torna-se o protótipo da reação de ansiedade”.

Pereira (1999 apud FORTES, 2008, p. 29) indica a leitura dos seguintes textos para a compreensão do desamparo, em Freud: “O futuro de uma ilusão” (1927); “Inibições, sintomas e ansiedade” (1930) e “O mal-estar na civilização” (1930), porque constitui a teorização da problematização do desamparo. Em “O futuro de uma ilusão”, Freud compreende o desamparo não como um momento do funcionamento do psiquismo, mas como uma condição que acompanha o sujeito por toda a sua existência, como sendo seu destino (FREUD, 1927-1931/1996).

Segundo Fortes (2008), o desamparo na concepção freudiana em seu estado inicial era considerado como uma imaturidade do ser humano e seria ultrapassável com o seu desenvolvimento. Trata-se da “[...] condição última da falta de garantias do funcionamento

psíquico, que o homem tem de enfrentar quando se livra de todas as ilusões protetoras que cria para si mesmo” (FREUD, 1930 apud FORTES, 2008, p. 29).

Fortes (2008) analisa o texto “O futuro de uma ilusão”, em que o homem busca nas religiões a figura de um pai, associada ao que é divino. Essa é a proteção para seus perigos, vindos da natureza e do destino, contra todo o sofrimento da humanidade. Freud afirma, em suas escritas, “[...] a desagradável suspeita de que a perplexidade e o desamparo da raça humana não podem ser remediados” (FREUD, 1927-1931/1996, p. 27). Entretanto, existe o desamparo na criança e no adulto.

As religiões asseguram que o sujeito não ficará desamparado, que terá alguém que não lhe abandonou e que poderá se sentir protegido e amparado. Em “Mal-Estar na Civilização”, Freud (1927/1931/1996) assinala que o homem deve renunciar seus desejos, ou seja, deixar suas pulsões para viver na civilização, porém, deve privar-se do prazer e da agressividade que traz perigo para si e para o outro. Assim, não perderá o amor do outro e não sentirá culpa. Ínterim, ganhará as bênçãos dos céus. Com a renúncia de suas pulsões o homem não correrá o risco de ser abandonado pelo Divino Pai.

Nos desdobramentos posteriores das teorizações matrizes de Freud, Melanie Klein (1946-1963/1991) teve um papel relevante e acabou por fundar uma importante escola dentro do amplo movimento psicanalítico, sobretudo pelas suas contribuições teóricas sobre as ansiedades iniciais que incidem sobre o funcionamento e estruturação da psique. Basicamente, ela destaca duas ansiedades básicas como modos estruturantes e estratégias utilizadas pelo aparelho psíquico para lidar com os fantasmas que o assaltam, valendo-se das pulsões destrutivas. Segundo essa psicanalista, o sentimento de hostilidade e a correspondente divisão do Eu, como estratégia básica de enfrentamento, e o sentimento de perda com a correspondente tentativa de produzir a unificação do Eu, do objeto e mantê-los ligados constituem os desafios primeiros da vida e instalam modos de funcionamento psicológico que serão ativados ulteriormente. A esses dois modos e estratégias primordiais ela deu o nome de posição esquizoparanoide e posição depressiva. Tais posições são consideradas “estados momentâneos de organização do ego” transitando por toda vida no indivíduo (KLEIN apud QUINODOZ, 1993, p. 75).

Para Klein (1946-1963/1991), o início da vida da criança é distinto da visão de Freud, que denominava narcisismo primário. Klein fala de indiferenciação ego-objeto que ocorre desde o nascimento, e que a angústia está a trabalho interno da pulsão de morte. De acordo com Klein (1946-1963/1991), é na primeira infância que surgem as ansiedades de cunho psicótico.

Segundo Melanie Klein, no nascimento já existe ego suficiente para experimentar ansiedade, usar mecanismos de defesa e formar relações de objeto primitivas na fantasia e na realidade. Descreve, também, um mecanismo de defesa primitivo, isto é, a deflexão do instinto de morte, que ocorre no início da vida; seu conceito de realização de desejo alucinatório implica um ego capaz de formar uma relação de objeto e fantasia. (SEGAL, 1975, p. 36).

A criança, logo ao nascer, se depara com a pulsão de morte, que é a primeira angústia vivida pela criança. Esta situação é escrita por Klein e denominada angústia de aniquilamento. A criança vai usar de mecanismos de defesas primitivos, como a projeção e introjeção, para lidar com essa angústia que é projetada para o mundo externo e, assim, vai construindo a fantasia do objeto mau que ameaça o ego de fora. Nem tudo é projetado para fora, por causa dos mecanismos de defesas, projeção e introjeção, fica uma parte do objeto mau no mundo interno da criança, esse passa a ser o objeto persecutório e a criança vive uma ameaça também dentro do seu mundo interno. Ao lado do objeto mau, também há um objeto bom introjetado (QUINODOZ, 1993).

Para Segal (1979 apud QUINODOZ, 1993, p. 75) “[...] a angústia é mais pela perda do objeto bom do que de ser atacado pelo objeto mau”. Portanto, podemos pensar que a vivência da perda do objeto bom gera angústia e, em consequência disso, pode resultar num estado de desamparo emocional. Entretanto, o sentimento de culpa que surge na posição depressiva por ter perdido o objeto bom (mãe) internalizado em decorrência das pulsões e fantasias agressivas, cria no bebê a fantasia de ter sido abandonado e que a morte será o seu destino.

A esse respeito, Quinodoz (1993) enfatiza que, na posição depressiva aparecem sentimentos ambivalentes na criança e em suas relações objetais. Surge o medo de perder o objeto amado, em razão de seu ódio e suas pulsões agressivas direcionadas a ele, e que destrua o objeto do qual depende totalmente. A criança descobre a sua dependência pelo objeto e até sente a necessidade de protegê-lo contra seus próprios ataques destrutivos. Nessa posição, em virtude da onipotência da criança, também surge o medo de perder o objeto bom internalizado.

Embora tenha suposto que o resultado da posição depressiva depende da elaboração da fase precedente, atribui, não obstante, à posição depressiva um papel central no desenvolvimento inicial da criança. Isso porque, com a introjeção do objeto como um todo, as relações de objeto do bebê se alteram fundamentalmente. A síntese entre os aspectos odiados e amados do objeto completo dá origem a sentimentos de luto e culpa que implicam progressos vitais na vida emocional e intelectual do bebê. Esse é também, um ponto crucial para a escolha da neurose ou psicose. (KLEIN, 1946-1963/1991, p. 22).

Klein (1946-1963/1991) defende que, quando o ego não consegue elaborar a posição-depressiva, esse regride para a posição esquizoparanoide. Surgem os medos persecutórios e os

traços esquizoides, podendo desencadear estados de desintegração do ego. Também de outro lado, poderão ser reforçados os traços depressivos.

Ainda de acordo com Klein (1946-1963/1991, p. 24), “a ansiedade de ser destruído a partir de dentro permanece ativa”. Entretanto, a ausência dessa ligação e o ego sob pressão tende a despedaçar. O ego despedaçado caracteriza os estados de desintegração nos esquizofrênicos.

Klein (1946/1991, p. 21) aponta que “a fase persecutória” foi posteriormente denominada de “posição paranoide” e que essa posição vem antes da “posição depressiva”.

Para Segal (1979 apud QUINODOZ, 1993, p. 75), a angústia da posição esquizoparanoide é vivida de forma persecutória e o medo é de que o “[...] perseguidor destrua ao mesmo tempo o ego (self) e o objeto idealizado”. Em decorrência da posição esquizoparanoide os mecanismos primitivos de defesas são utilizados: a cisão, a idealização e a negação onipotente. Segundo a autora, a frustração é vivida como persecutória e as relações boas são vistas como idealizadas.

A ansiedade, segundo Klein (1946-1963/1991), surge da pulsão de morte sentida dentro do organismo como medo de aniquilamento e, com isso, se torna o medo persecutório.

O medo do impulso destrutivo parece ligar-se imediatamente a um objeto, ou melhor, é vivenciado como medo de um incontrolável objeto denominador. Outras fontes importantes de ansiedade primária são o trauma do nascimento (ansiedade de separação) e a frustração de necessidades corporais. E também essas experiências são sentidas desde o início como sendo causadas por objetos. (KLEIN, 1946-1963/1991, p. 24).

Portanto, por meio da introjeção esses objetos se tornam perseguidores internos e perigosos. Sob ameaça, o medo do impulso destrutivo interno é reforçado (KLEIN, 1946-1963/1991).

Na gratificação alucinatória, entram os mecanismos de defesas, como a cisão do objeto e a negação, sentidos na frustração como na perseguição.

O objeto frustrador e perseguidor é mantido completamente separado do objeto bom idealizado. No entanto, o objeto mau não é apenas mantido separado do objeto bom; sua própria existência é negada, assim como são negados toda a situação de frustração e os maus sentimentos (dor) a que a situação de frustração dá origem. Isso se relaciona com a negação da realidade psíquica. A negação da realidade psíquica só se torna possível através de fortes sentimentos de onipotência, uma característica essencial da mentalidade arcaica. A negação onipotente da existência do objeto mau e da situação de dor é, para o inconsciente, igual à aniquilação pelo impulso destrutivo. Entretanto, não são apenas uma situação e um objeto que são negados e aniquilados: é uma relação de objeto que sofre esse destino e, portanto, uma parte do ego, da qual emanam os sentimentos pelo objeto, é negada e aniquilada também (KLEIN, 1946-1963/1991, p. 26).

Durante o processo de desenvolvimento da criança, várias situações são experimentadas de separação ou de perda, que significa uma ameaça em cada etapa vivida. Para Klein, as primeiras grandes perdas para a criança são o nascimento e o desmame, com isso a perda do objeto idealizado. Portanto, a separação e as perdas acabam desencadeando “uma reação de luto, acompanhada de tristeza e de nostalgia, o que o torna um elemento da posição depressiva” (QUINODOZ, 1993, p. 78).

Na aprendizagem do controle esfinteriano, a criança precisa renunciar às fezes internas idealizadas; o andar e o falar também implicam o reconhecimento de si próprio como individualidade separada. Na adolescência, a dependência infantil deve ser abandonada; na idade adulta, é preciso enfrentar a perda de seus próprios pais e de figuras parentais e, pouco a pouco, a perda de sua própria juventude. A cada etapa do desenvolvimento, é preciso escolher novamente entre regredir, para fugir da dor depressiva, em direção a um modo de funcionamento esquizoparanoide, ou elaborar essa dor depressiva para permitir que o desenvolvimento se complete. Nesse sentido, podemos dizer que a posição depressiva nunca é totalmente elaborada: a elaboração completa da posição depressiva levaria a algo com perfeita maturidade. Porém, o grau alcançado de elaboração da depressão e de integração dos bons objetos internos pelo ego determinam a maturidade e o equilíbrio do indivíduo. (SEGAL, 1979 apud QUINODOZ, 1993, p. 78).

Klein (1946-1963/1991) postula que é na posição depressiva que o ego pode ser mais considerado integrado, porque pode ter uma visão mais completa de realidade interna e externa, como também enxergar de forma total os dois mundos.

O impulso de reparação que, nesse estágio passa a primeiro plano, pode ser visto como consequência de um maior *insight* sobre a realidade psíquica e de uma síntese crescente, pois demonstra uma resposta mais realista aos sentimentos de pesar, culpa e medo da perda, resultantes da agressão contra o objeto amado. (KLEIN, 1946-1963/1991, p. 33).

A reparação para Klein (1946-1963/1991) tem o objetivo de proteger o objeto que foi destruído, assim, as relações objetivas se tornam mais satisfatórias e as sublimações das pulsões mais elaboradas para integração do ego.

Mesmo considerando o excessivo “internalismo” da teoria kleiniana, que parece desconsiderar ou não contemplar as condições objetivas nas quais se desenrolam as experiências subjetivas, parece útil recorrer aos conceitos de posição esquizoparanoide e depressiva para compreender alguns aspectos da vivência dos filhos dos *dekasseguis*.

As crianças, ao migrarem para outro país, acabam se deparando com as angústias persecutórias e depressivas, como se voltassem num tempo de vivências muito primitivas. Essas crianças fazem novos nascimentos, numa linguagem psicanalítica, em todas as suas

viagens de mudanças e andanças por esse mundo afora. Entretanto, tendo que nascer e desmamar das suas terras-mães, passando por separações e vários lutos em sua tenra idade.

A posição esquizoparanoide e a posição depressiva de Melanie Klein descritas nesse contexto nos mostram os estados momentâneos de organização mental em que se encontram essas crianças (e)imigrantes. A negação da realidade psíquica e a onipotência são mecanismos primitivos de defesas do ego, assim, a criança acaba se esquivando do contato com a nova realidade. O sentimento onipotente que surge nessas crianças é exatamente para preservar o antigo objeto idealizado, no caso o Japão, assim, evitando para não cair em desamparo emocional.

A construção e a formação de novos vínculos saudáveis ocorrem quando a criança se encontra mais integrada emocionalmente. O ego já está mais fortalecido e os objetos persecutórios mais controlados. Portanto, é na posição depressiva que a criança (e)imigrante poderá ficar inteira nas relações objetais, assim, percebendo o seu estado de dependência pelo objeto e que a ausência do objeto pode desencadear o estado de desamparo. Dessa forma, entendemos que os processos esquizoides e depressivos, presentes no funcionamento psicológico, são ativados ou não dependendo de situações emergentes na relação do sujeito com o outro, com o seu mundo.

Birman (2006) esboça as transformações nas formas de mal-estar na contemporaneidade, as quais são reconhecidas nos discursos psiquiátricos e psicanalíticos. Enuncia o corpo como o registro do mal-estar e a insatisfação do homem. Caracteriza a atualidade como a sociedade dos excessos. A ação, a compulsão, maneira de agir sem pensar, a falta de tempo e espaço, o vazio no sentir que aparece no psiquismo, tudo isso mostra que o excesso se encontra subjacente. “Em face do excesso, o psiquismo procura dele se livrar pela ação, para não correr o risco de ficar paralisado pela angústia” (BIRMAN, 2006, p. 183). O corpo também é um meio do psiquismo se livrar da angústia.

À vista do exposto, podemos concluir que, em qualquer tempo, o indivíduo pode regredir e usar de mecanismos de defesas arcaicas. O homem parece fugir do sentir desamparado, mobilizando uma série de ansiedades primitivas contra esse sentimento. O homem volta no mundo infantil para tentar buscar o aconchego do objeto primário. Assim, a contemporaneidade é caracterizada pelo tempo de desamparo, pelo individualismo, pelo isolamento, no qual o outro tende a representar mais uma ameaça do que uma segurança.

A criança (e)imigrante, em sua curta história de vida, traz consigo marcas profundas das condições atuais de mobilidade e desamparo vivida na (e)imigração. O sofrimento emocional desencadeado por esse trânsito migratório percorre por toda uma vida.

5 OBJETIVO E JUSTIFICATIVA

Pretendemos, nesta pesquisa, examinar o problema da adaptação/readaptação das crianças filhos de *dekasseguis*, quando chegam ou retornam ao Brasil. Boa parte dos *dekasseguis* emigra para o Japão com seus filhos ou concebem filhos no Japão e retornam com eles já com certa idade. Como essas crianças elaboram essa experiência de se defrontar com outro universo bem distinto daquele no qual viviam? Sentem as mesmas dificuldades dos pais? Acusam a mudança do ambiente de forma semelhante aos adultos, estranhando a alimentação, a língua, o cotidiano, os costumes e outras diferenças? Que condições se tornam mais desafiadoras e problemáticas à adaptação? Os pais funcionam como fator de proteção e segurança, minimizando o desamparo?

Enfim, estamos investigando como é, para a criança, acompanhar seus pais na aventura *dekassegui*, sobretudo, no momento do retorno ao Brasil e de readaptação à cultura brasileira, dando especial atenção para a vivência de sentimentos de desamparo.

Como referencial teórico de base, valemo-nos da psicanálise, partindo das concepções de Freud sobre a eclosão de temores, inseguranças e ansiedades no processo de desenvolvimento psicológico ao longo das experiências de encontro e confronto do Eu com o mundo e com o outro, encontros nem sempre harmoniosos e que exigem mudanças mútuas.

A ideia de realizar uma pesquisa científica já se encontrava nos projetos da pesquisadora, diante de sua própria experiência de vida no Japão. As questões sobre a vida dos *dekasseguis* no Japão foram nos motivando para que, no curso de especialização em Psicoterapias de Orientação Psicanalítica pela Faculdade de Medicina de Marília (Famema), fosse possível pesquisar sobre o sentimento de desamparo psíquico na psicanálise.

Assim, esta pesquisa pretende contribuir com a psicologia clínica e social, a educação, a comunidade de descendentes de japoneses e com a própria ciência.

6 MÉTODO

Realizamos, neste estudo, uma abordagem clínico-qualitativa. A pesquisa qualitativa tem como característica o estudo do particular, em profundidade (TURATO, 2003), buscando qualidades, significações do fenômeno investigado e não sua simples mensuração e quantificação.

Utilizamos a psicanálise como referencial teórico, para a leitura e compreensão dos emergentes afetivos emocionais na experiência dos filhos dos *dekasseguis*.

A pesquisa foi realizada com três crianças-púberes de 9 a 13 anos, que passaram a primeira infância no Japão e retornaram recentemente ao Brasil. O acesso a essas crianças se deu por meio do Nikkey Clube de Marília¹⁹.

Em agosto de 1930, foi fundada a primeira associação da colônia japonesa em Marília (SP), entidade esta que funcionou durante 10 anos, quando teve suas atividades paralisadas em virtude da proibição das reuniões em grupo por causa da explosão da Segunda Guerra Mundial. Em agosto de 1945, com o término da Guerra, foram retomadas as atividades e, com isso, nasceu a Associação Nipo-Brasileira de Marília. Em primeiro de dezembro de 1991 foi fundado o Nikkey Clube de Marília, incorporando a Associação Cultural e Esportiva.

O Clube também oferece subsídios para a elaboração de projetos de apoio e atenção aos associados. Cabe salientar que já obtivemos a declaração de interesse, a concordância e o apoio para a realização deste estudo.

Foram selecionados três participantes que cumpriram os requisitos da pesquisa, ou seja, que se enquadraram na faixa etária estabelecida e que viveram no Japão, em companhia dos pais. Todos os procedimentos éticos, estabelecidos pela CONEP/MS (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa), sob Registro CEP nº 045/2011, Processo nº 1512/2011, foram seguidos rigorosamente. Preliminarmente, os pais foram esclarecidos sobre os objetivos da pesquisa e foi-lhes dada toda a condição para que pudessem decidir com ampla liberdade e reflexão. As crianças foram contatadas depois que conversamos com os pais e foram igualmente informadas sobre a natureza e o objetivo da pesquisa, convidadas e deixadas à inteira liberdade para decidirem participar ou não.

As identidades dos participantes da pesquisa estão sendo preservadas como determina o Conselho de Ética.

Como desenho geral da pesquisa, foram realizadas entrevistas com os pais (pai e mãe), voltadas especificamente para o levantamento de dificuldades que perceberam nos seus filhos,

¹⁹ Nikkey Clube de Marília: Associação cultural e desportiva.

referentes à adaptação tanto no Japão como no retorno ao Brasil. Também perguntamos aos pais a que atribuem os problemas de retorno ao Brasil, como diagnosticaram e como procuraram lidar com eles.

Com as crianças, utilizamos entrevistas e desenhos projetivos, com a finalidade de compreender, por meio deles, possíveis experiências de desamparo psíquico no retorno ao Brasil.

As entrevistas que foram realizadas com os pais e as crianças compreendem questões disparadoras que dizem respeito ao processo de adaptação e às dificuldades da migração. Com seu consentimento, utilizamos o gravador na primeira entrevista com cada participante da pesquisa. Assim, as três questões elaboradas sobre as dificuldades de adaptação no Japão e no retorno ao Brasil foram feitas para os pais e as crianças. Em seguida, foram desenvolvidas, semanalmente, entrevistas com as crianças que foram emergindo em conversas sobre a velha e a nova realidade. Essas entrevistas foram registradas por meio de anotações e em seguida digitalizadas numa tentativa de aproximar e preservar a originalidade das expressões dos participantes. O tempo estabelecido para cada entrevista foi de uma hora.

As questões propostas para o início das entrevistas com os pais e as crianças, foram as seguintes:

- 1) Você e seu cônjuge perceberam alguma dificuldade de adaptação do seu filho no Japão e no retorno ao Brasil? (Somente para os pais) Você está sentindo alguma dificuldade de adaptação no retorno ao Brasil? (Para as crianças)
- 2) Vocês poderiam me descrever, detalhadamente, as dificuldades que perceberam e ao que vocês atribuem essas dificuldades?
- 3) Como lidaram com essas dificuldades? Que fizeram para superá-las?

7 APRESENTAÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

7.1 Pais de Eiko e Letícia: Sr. Ito / Sra. Natsu

O primeiro contato com o senhor Ito foi por telefone. O senhor Ito, pai das crianças Eiko e Letícia, ligou dizendo que tinha interesse em participar da nossa pesquisa voltada aos filhos de *dekasseguis* que retornam ao Brasil. Ele obteve essa informação sobre a pesquisa de retorno dos filhos *dekasseguis* no Nikkey Clube de Marília.

O pai das crianças Eiko e Letícia tem 39 anos de idade, cursou o ensino médio no Brasil. Há 15 anos imigrou para o Japão. O senhor Ito é *sansei*, ou seja, terceira geração de descendentes de japoneses. O senhor Ito foi para o Japão em 1992, quando tinha 20 anos de idade. O seu último emprego no Japão foi numa fábrica de componentes eletrônicos, trabalhava no setor de almoxarifado, no período da manhã e à noite. Antes de ir para o Japão, era feirante. O que o fez emigrar para o Japão foi a intenção de adquirir uma casa própria no Brasil.

A mãe das crianças tem 33 anos de idade, concluiu o ensino médio no Brasil. A mãe, que chamaremos de Natsu, é também *sansei*, ou seja, neta de japoneses. Aos 17 anos de idade, em 1997 deixou o Brasil e foi para o Japão. Em seu último emprego, a senhora Natsu trabalhava em um hotel no Japão, e desempenhava vários tipos de funções, desde arrumadeira de colchões até eventos para festas. O seu período de trabalho era de 4 horas diárias, de domingo a domingo, assim poderia ficar parte do tempo com as crianças. O que a levou a emigrar para o Japão foi o desejo de formar uma poupança para cursar uma universidade no Brasil.

A senhora Natsu diz saber falar e escrever o idioma japonês. O senhor Ito também diz falar o idioma japonês, porém, tem menos conhecimento na escrita da língua em relação à sua esposa.

A família de Eiko e Letícia já se encontrava no Japão em 2003 e retornou para o Brasil em meados de 2009, após o Japão ter entrado em recessão, desencadeada pela crise financeira global e somando a falência do banco *Lehman Brothers*, que ocorreu em setembro de 2008. O senhor Ito fica desempregado como outros milhares de *dekasseguis*. A senhora Natsu continua vinculada ao hotel, porém, o seu salário não sustentava a família, já que trabalhava um período de 4 horas diárias. A decisão de retornar para o Brasil foi tomada pelo pai das crianças.

O senhor Ito e a senhora Natsu foram solteiros para o Japão. O senhor Ito conheceu sua esposa, a senhora Natsu, no Japão. Vieram para o Brasil para pedir a mão dela em casamento aos sogros. Casaram-se no Brasil e retornaram para o Japão. O senhor Ito refere-se à família como sendo muito tradicional e que gosta de tudo certinho. Quando retornaram para o Brasil, em 2009, o casal veio acompanhado das duas filhas.

No Brasil, o casal investiu em um negócio comercial. A família do senhor Ito estava residindo em uma edícula que é a casa dos pais da senhora Natsu, avós maternos das crianças. Os avós maternos das crianças permaneceram no Japão trabalhando por mais alguns anos e retornaram para o Brasil em meados de 2012. Atualmente, estão morando todos juntos numa casa maior, a família do senhor Ito, avós maternos e mais uma tia materna com três filhos que também retornaram em 2012 do Japão, por causa da crise econômica que vem afetando o Japão.

No primeiro contato, o casal, o senhor Ito e senhora Natsu, chegaram no horário marcado, usavam trajes sociais, típico de um encontro formal. A senhora Natsu expressava-se em um tom de voz um pouco mais baixo do que costumamos ouvir, sua voz era suave, apresentava um comportamento delicado. O casal tem traços físicos japoneses.

Uma entrevista foi realizada com casal, com a duração de 2 horas, no dia 12/04/2012.

Apresentaremos, a seguir, os casos Eiko e Letícia.

7.2 Caso Eiko

A adolescente Eiko está com 13 anos de idade, nasceu na cidade Matsumoto, na Província/Estado de Nagano, região central do Japão. Depois do nascimento de Eiko, os pais ficaram por um período de seis meses no Japão e, em seguida, vieram para o Brasil e permaneceram por mais de dois anos. Antes de Eiko completar três anos de idade a família retornou para o Japão. Os pais relatam que sua filha Eiko diz ser japonesa, porque nasceu no Japão. No seu registro de nascimento consta o nome da cidade em que nasceu, Matsumoto/Japão, porém Eiko não é uma japonesa nata, e sim, uma brasileira.

No Japão, Eiko frequentou creche e escola japonesas. Havia terminado o terceiro ano do ensino fundamental. Na escola japonesa, Eiko apresentou dificuldades com a escrita denominada “*kanji*”²⁰, tendo que frequentar aulas de reforço do idioma japonês. No Japão há outras formas de escritas, o “*hiragana*”²¹, “*katakana*”²² e “*romanji*”²³. No arquipélago

²⁰ *Kanji*: Forma de caracteres da escrita japonesa (Tradução nossa).

²¹ *Hiragana*: Forma de escrita japonesa. O *hiragana* é usado para palavras de origem japonesa (Tradução nossa).

oriental, mesmo Eiko se considerando uma japonesa, era uma estrangeira, na terra dos seus antepassados. A comunicação em casa com os pais ocorria no idioma japonês. A adolescente Eiko, no Japão, não tinha contato com a língua portuguesa.

Quando Eiko veio para a primeira entrevista, estava com 12 anos e meio de idade. Eiko apresentava todos os traços físicos e comportamentos de uma criança nipônica: a timidez, a delicadeza de uma pequena japonesinha. Costuma vestir-se semelhantemente às adolescentes nipônicas: tênis, saias curtas e meias acima dos joelhos. O som de sua voz quase não se ouve, misturada com uma fonética trêmula, entrecortada, como se não pudesse fazer uma ligação entre as palavras faladas com a língua portuguesa. As palavras eram ditas com muitas dificuldades; a sua forma de se expressar e de andar tinham um jeito contido; mostrava-se diferente do comportamento de uma criança brasileira. Porém, Eiko é filha de brasileiros, portanto, brasileira, nascida no Japão. Diante das circunstâncias da crise econômica japonesa, teve que retornar para o Brasil juntamente com os pais, sem saber o idioma português aos nove anos e nove meses de idade. Eiko, quando chegou ao Brasil, se deparou com as diferenças culturais e as dificuldades de adaptação para se reintegrar ao novo e desconhecido país, mas Eiko não considerava o Brasil seu país de “origem”, e sim o país de “destino”, que ela não escolheu para viver. Atualmente, sua voz está mais fortalecida, porém, as dificuldades de adaptação ainda continuam, principalmente com a língua portuguesa e por não conseguir estabelecer vínculos de amizades. O comportamento japonês permanece imbricado no jeito de ser de Eiko.

A adolescente Eiko frequenta a 7ª série/8º ano, reprovou a 4ª série/5º ano, pois havia acabado de chegar ao Brasil, em julho de 2009 e se encontrava com quase 10 anos de idade. As duas irmãs ingressaram na escola brasileira em agosto de 2009, sem saber o idioma português. Seus pais, durante esse período, contrataram professores particulares para ensiná-las. Também se dispuseram a estudar junto com as suas filhas. Portanto, Eiko não consegue falar fluentemente a língua portuguesa, continua apresentando muitas dificuldades de compreensão das formas mecânica e subjetiva da língua portuguesa. Além disso, sente-se envergonhada para se expressar, acaba se isolando e não tendo amigos.

Foram realizadas 24 entrevistas com a adolescente Eiko, no período de 19/04/2012 a 02/07/2013. A entrevista gravada teve a duração de 16 minutos. Utilizamos desenhos para a compreensão do desamparo emocional da criança.

²² *Katakana*: Forma de escrita japonesa. O *katakana* é usado para palavras de origem estrangeira (Tradução nossa).

²³ *Romanji*: O alfabeto romano (Tradução nossa).

7.3 Caso Letícia

A filha caçula Letícia, tem 10 anos de idade, nasceu no Brasil, na cidade de Tupã/Estado de São Paulo, portanto é brasileira nata. Antes de completar um ano de idade foi para o Japão e retornou para o Brasil com 7 anos completos. Quando Letícia veio até ao nosso consultório, pela primeira vez, se encontrava com nove anos de idade. No Japão, frequentou creche e iniciou a primeira série na escola japonesa. No Brasil, a filha caçula entrou na 1ª série/2º ano, em uma escola particular. Ela está podendo acompanhar o currículo da escola brasileira, tendo sido alfabetizada no Japão e no Brasil.

A criança Letícia, como a sua irmã Eiko, é delicada, magra, parece uma bonequinha japonesa. O seu comportamento contido diferencia das crianças brasileiras. Apresenta traços físicos japoneses, costuma usar roupas parecidas com o tipo de vestimentas de crianças nipônicas.

Letícia fez algumas amigas na escola em que estuda. Está cursando a 5ª série/6º ano. Os pais dizem que a filha Letícia fala que estudou na escola japonesa e aprendeu a cultura do país, e por isso pretende voltar para o Japão. A caçula fala fluentemente os dois idiomas, o português e o japonês.

Diferentemente da sua irmã Eiko, Letícia não teve nenhuma reprovação escolar. Porém, apesar de ter mais facilidade para aprender o novo idioma, o português, ainda tem se deparado com muitas dificuldades com a construção abstrata da língua. Diz que não consegue compreender os significados das palavras, e que cansa procurá-las no dicionário de língua portuguesa, vivendo um desânimo que ela mesma chama de preguiça.

As crianças Eiko e Letícia sempre estudaram em escolas japonesas e não aprenderam a língua portuguesa. Em casa, os pais se comunicavam com as suas filhas na língua do país de destino, a japonesa. Os pais justificam que as escolas brasileiras no Japão não oferecem profissionais especializados, nem têm uma estrutura física e metodológica de ensino considerada adequada, totalmente diferente da escola japonesa. E, por isso, optaram por matriculá-las em escola japonesa.

No contato com o aprendizado da língua portuguesa, as duas irmãs Eiko e Letícia choravam constantemente. O relato trazido pelas crianças é que a língua portuguesa é muito difícil de ser compreendida e que o comportamento das demais crianças brasileiras as assusta.

Foram realizadas 23 entrevistas com a criança Letícia, no período de 03/05/2012 a 02/07/2013. A entrevista gravada teve a duração de seis minutos. Utilizamos desenhos para compreensão do desamparo emocional da criança.

7.4 Mãe da criança Goro: Sra. Haru

A senhora Haru havia acabado de chegar ao Brasil quando tivemos o nosso primeiro contato. Ela nos procurou interessada em participar da pesquisa do retorno dos filhos de *dekasseguis* ao Brasil. A mãe da criança Goro teve conhecimento da realização da pesquisa por intermédio da irmã, Natsu.

A senhora Haru é *sansei* e tem 30 anos de idade. Tem traços físicos japoneses. Sabe falar fluentemente o idioma japonês. Frequentou uma universidade estadual no Brasil, antes de ir para o Japão, porém não conseguiu concluí-la.

A senhora Haru estava grávida de seis meses quando se casou. Relata que a gravidez foi o motivo para casar-se. A senhora Haru não pôde terminar os seus estudos. Durante o namoro, a senhora Haru engravidou do pai de Goro. Diz: “*Fiquei grávida antes de casar e por isso parei com a universidade*” (Anexo D/Sra. Haru).

A separação ocorreu um ano após seu casamento. Aconteceu de uma forma amigável. A família da senhora Haru nunca aceitou o seu casamento, porque o seu marido não conseguia ter um emprego estável e não demonstrava confiança. O pai de Goro tem o ensino fundamental concluído e não tem descendência japonesa e sim, afro-descendência. Quando se casaram no civil, foram morar separados, a senhora Haru ficou na casa dos seus pais e o marido na casa dos pais dele. O relacionamento era conturbado. A senhora Haru pediu a separação ao pai de Goro. Em 2005, quando Goro tinha um ano e nove meses de idade, a senhora Haru aos 23 anos de idade, juntamente com a avó materna de Goro foram trabalhar no Japão. Como *dekassegui*, trabalhou de operária em uma fábrica de cartuchos e conseguiu o cargo de líder. Permaneceram no Japão por sete anos sem retornar ao Brasil. Moraram na Província de Nagano, na cidade de Matsumoto.

No último serviço no Japão, trabalhou numa fábrica na linha de montagem de cartuchos para impressora e com o tempo conquistou a liderança, por saber falar o idioma japonês. Como líder dos brasileiros, também fazia a tradução da língua japonesa para os *dekasseguis* brasileiros e da língua portuguesa para os líderes japoneses da fábrica. A senhora Haru fazia a intermediação entre japoneses e brasileiros desenvolvendo a função de intérprete no trabalho. Nesse serviço, fazia três horas extras diárias ou mais, ficando sem tempo de ficar com o seu filho Goro. A avó materna de Goro trabalhava oito horas diárias. Após o término do horário de serviço, tinha o compromisso de buscar o neto Goro na creche.

No Japão, a senhora Haru conheceu o seu atual companheiro, com quem tem um relacionamento estável há cinco anos. O seu companheiro também é *sansei* (mestiço), com quem teve mais dois filhos, um menino de três anos de idade e o outro de um ano e meio de idade.

No Japão, a língua falada dentro de casa era a japonesa. A senhora Haru diz que a criança, por frequentar escola japonesa, usava o idioma japonês para se comunicar em família.

A senhora Haru retornou em maio de 2012 para o Brasil com os seus pais. No Brasil, foram morar na casa com a irmã mais velha juntamente com os dois sobrinhos e cunhado. Atualmente, a irmã mais velha passou a morar em outra casa. A família do senhor Ito passou a morar na mesma casa da senhora Haru, juntamente com os avós maternos. Essa casa pertence aos avós maternos das crianças. O companheiro da senhora Haru permaneceu trabalhando por mais um ano no Japão e retornou em maio de 2013.

O menino Goro não conhece e não tem nenhum contato com o seu pai biológico. A mãe diz que o filho não sabe da sua história de vida. A criança Goro considera a sua família sendo os avós maternos, mãe e o padrasto, a quem chama de “titio”. Define o pai como sendo aquele quem cria. A mãe relata que a criança não mostra interesse em conhecer o seu pai biológico, porém, teme um reencontro do filho com seu verdadeiro pai. A mãe justifica que pai e filho se parecem e que teme esse reencontro.

A entrevista gravada com a senhora Haru no dia 28/06/2012 teve duração de 28 minutos. Tivemos mais um contato, no dia 16/08/2012, juntamente com o seu filho, por ele não conseguir falar a língua portuguesa. O diálogo com a senhora Haru e o seu filho Goro, ocorreu no idioma japonês, e foi realizada a tradução para o idioma português.

7.5 Caso Goro

A criança Goro tem 10 anos de idade, é natural da cidade de Bastos, estado de São Paulo.

No primeiro contato, a criança parecia estar retraída, seu olhar era cabisbaixo e apresentava-se assustada com o novo meio. Seu comportamento era de esquiva dentro do entorno. Entretanto, Goro se encontrava num ambiente desconhecido. Além do mais, não falava a língua portuguesa, apresentando certa resistência em se vincular. A princípio, queria a companhia da mãe, a senhora Haru. Por possuir conhecimento básico em língua japonesa, passamos a fazer uso do idioma japonês. Com um vocabulário simples da língua, perguntava para a criança se estava bem. A criança arregalou os olhos, parecendo se sentir surpresa ao

nos ver comunicando na mesma língua, a qual era do seu conhecimento. A partir desse episódio, inicia o nosso diálogo, na língua japonesa. Daí por diante, em todos os nossos contatos utilizamos expressões japonesas.

Goro é uma criança mestiça japonesa, porém, os seus cabelos são encaracolados, e os olhos mais amendoados, o que difere fisicamente do japonês nativo. Sua mãe, a senhora Haru, fala que seu filho Goro se sentia complexado no Japão por ser fisicamente diferente dos japoneses. A criança queria ser igual aos japoneses e se via uma criança feia.

No Japão, quando era o dia dos pais, a criança ficava triste. A professora pedia para fazer um desenho, porém, a criança desenhava a figura da mãe ou da avó no lugar do pai. Portanto, preenchia essa falta com figuras femininas.

A criança ingressou na escola *Kumon*²⁴ para aprender o idioma português e também a matemática, onde cursou durante sete meses. A forma de calcular a matemática na escola brasileira é diferente do sistema de ensino japonês. A senhora Haru optou por alfabetizar a criança primeiramente na escola de idiomas, antes de matriculá-la diretamente numa instituição de ensino brasileira. A criança terminou a segunda série no Japão.

A criança Goro, no Japão, havia sido aprovada para a 3ª série, porém chegou ao Brasil em meados de 2012 e não foi diretamente matriculada na escola de ensino fundamental. A criança tinha 9 anos de idade. A criança Goro foi matriculada no início de 2013 na 3ª série/4º ano, numa escola particular. A mãe pediu à direção para colocá-lo na 3ª série, também pelo currículo escolar do Japão ser diferente do Brasil. Dessa forma, não daria sequência no ano real que seria a 4ª série. Assim, iniciaria a 3ª série que não cursou no Japão e nem no Brasil. Goro ficará um ano escolar atrasado em relação à sua idade cronológica. A criança vem apresentando dificuldades nas disciplinas de português, ciências e história. Entretanto, vem conseguindo alcançar a média nas avaliações.

Ficamos impossibilitados de gravar a primeira entrevista com a criança Goro por não falar o idioma português e por tratar de expressões abstratas.

Foram realizadas 11 entrevistas com a criança Goro, no período de 05/07/2012 a 06/07/2013.

Breve comentário

Essas três crianças somente estudaram em escolas japonesas, aprenderam a falar e a sentir a linguagem do mundo oriental, totalmente oposta à do mundo ocidental.

²⁴ *Kumon*: Escola de idiomas (japonês, português, inglês e matemática) (Tradução nossa).

A comunicação, dentro de casa, se dava no idioma japonês. A língua portuguesa permaneceu ausente durante anos para essas crianças e, de uma forma repentina, veem suas vidas em outro mundo, entram em contato com outro idioma, o qual não era o japonês, mas o idioma português.

8 ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS ENTREVISTAS

8.1 Pais *Dekasseguis*

8.1.2 Pais *dekasseguis*: retorno ao Brasil

Para os pais *dekasseguis*, as dificuldades de retorno para o Brasil se iniciam antes mesmo da chegada ao país. Os pais demonstram preocupações com a vida escolar dos seus filhos, sabendo que o ano letivo japonês se inicia em abril, ficando desajustado com ano letivo brasileiro. A criança chega ao Brasil “atrasada” ou “em déficit” em relação ao tempo escolar brasileiro. E essas diferenças já começam a aparecer no Japão, em virtude do cronograma escolar japonês ser diferente do cronograma escolar brasileiro, o tempo muda, não é mais o mesmo. Assim, diz o senhor Ito:

Na verdade a dificuldade já começa lá no Japão. Você vai sair de lá e medo de crianças, escola. O ano letivo lá não casa como ano letivo daqui. Então, esse é um problema muito grande nessa questão. Porque lá, eles seguem o ano, seguem a estação. Termina assim, quando termina o inverno e começa a primavera. Em abril começa a primavera. Tem esse problema, que na verdade ela termina o ano lá e já se inicia ano letivo aqui. Praticamente é fevereiro que se começa. Já perderam uns meses. Tem essa questão. Termina uma série lá e teoricamente para ela continuar essa mesma série aqui é difícil. Acaba retrocedendo. É feito um levantamento mais ou menos de conhecimento para ver onde que ela serve. Que não dá para voltar para o primeiro ano. Tem que ser engajada. (Anexo A/Sr. Ito).

Quando chegaram ao território brasileiro, a atitude dos pais foi de tirar tudo que se referisse e representasse o Japão de Eiko e Letícia, como filmes, *mangás*²⁵ e a língua japonesa. Exigiram que elas usassem somente o português para se comunicar dentro da própria casa. Os pais disseram que não adiantou nada ter tomado esse tipo de atitude com suas filhas. As crianças constantemente choravam diante das dificuldades em aprender a nova língua. Durante os seis primeiros meses, os pais permaneceram com essa mesma conduta em relação às suas filhas. Após esse período, resolveram matriculá-las no Nikkey Clube, para terem contato com a língua japonesa. Fizeram o processo inverso. No clube japonês a adolescente Eiko passou a se sentir em casa, encontrou um espaço onde pudesse falar a mesma língua, a japonesa. Ela passou a ser uma adolescente comunicativa e se integrar com

²⁵ Mangás: História (f) em quadrinhos, desenho (m) animado, tira (f) cômica, cartum (m) (HINATA, 1998, p. 263).

as demais crianças. Entretanto, diferentemente do que está ocorrendo na escola regular, Eiko vive sozinha, não tem amigos e se isola.

Por incrível que pareça, nesse meio termo, depois de meio do ano desse sofrimento, percebemos que não havia melhora, não havia avanço. Por incrível que pareça, a gente fez ao contrário. Procuramos a escola. Na verdade estávamos tentando procurar alguma coisa que motivasse ela no Brasil. Que não era o fim. Que existia, que escola oferecia, tinha teatro e aula música, tinha um monte de coisa. Vamos tentar. Tentando achar alguma coisa que fora os horários de estudos e estudo que a gente estava proporcionando, ter alguma coisa que fosse meio lazer e... Era brincadeira aprender. Não estávamos encontrando. Por incrível que pareça, depois de seis meses a gente resolveu colocar na escola japonesa. Totalmente o oposto, que todo mundo falou. Mas foi realmente onde ela se encontrou de novo. Que é muito engraçado isso daí, porque é totalmente ao contrário. Foi de contramão. Ela gosta. Na escola japonesa são duas vezes por semana. São três dias na semana. A sexta-feira é cultural, é uma brincadeira, é uma parte mais cultural. (Anexo A/Sr. Ito).

Os pais desorientados e desamparados ao chegarem ao Brasil, procuraram alguma solução para lidarem com as dificuldades que estavam enfrentando em família.

A irmã Letícia diz sentir-se bem no clube japonês. A caçula frequentou a mesma sala que sua irmã Eiko, onde estavam as crianças com um nível maior de conhecimento na língua japonesa. Entretanto, os pais, no ano passado, tiveram que retirar suas filhas do Nikkey Clube, por não terem condições financeiras de mantê-las na instituição. As duas irmãs sonham em retornar para o Nikkey Clube, pois lá não se sentiram desamparadas.

A criança Letícia é comunicativa e rapidamente constrói laços de amizades. Letícia, apesar da sua pouca idade e das dificuldades com o aprendizado em língua portuguesa, está conseguindo se desenvolver bem na escola. Ao contrário da sua irmã Eiko, que já havia se alfabetizado e estudado até a terceira série numa escola japonesa.

Diferentemente da criança Goro, que ao chegar ao Brasil, já pela experiência das dificuldades das primas Eiko e Letícia vivida pela tia Natsu, a senhora Haru decidiu matriculá-lo na escola de idiomas, para se alfabetizar na língua portuguesa. O método de ensino dessa escola é o japonês. Nessa escola, a criança Goro teve contato pela primeira vez com o aprendizado da língua portuguesa. Dessa forma, Goro inicia a sua alfabetização no Brasil.

A mãe Haru, estando muito preocupada com o aprendizado do filho, também o matriculou na mesma escola para aprender a matemática. A criança Goro, após ter frequentado sete meses essa escola, teve que deixá-la, pois sua mãe não pôde mantê-lo, já que iria iniciar o ensino médio numa escola particular.

A senhora Haru relata os seus estranhamentos em relação ao funcionamento do Brasil:

Eu pelo menos estou sentindo muito! A gente sente primeiro a falta das coisas. A gente fala: Ah derramou! Então, vamos pegar a caixa de lenço e não tem. É muita coisa que a gente acostuma com o conforto, que a gente tem lá no Japão, com a praticidade. Lá é tão prático. Você vai lá pagar as contas já tem na esquina uma loja de conveniência. Lá tem tudo, vinte e quatro horas. Aqui não, fecham. Lá também as lojas também não fecham, como aqui fecham. Nossa! A gente sente uma falta. Nossa! Que falta que me faz o Japão nessas horas. Com relação às outras coisas não sinto falta, dificuldades. (Anexo D/Sra. Haru).

Continuando:

Agora, as crianças também estão sentindo um pouco: a comida que é diferente, até os chocolates para eles “é diferente”, porque é mais doce e mais forte, eles não comem. Biscoitos assim também, não é qualquer coisa que eles comem. Eu falo: Nossa! Como é difícil comprar coisas para vocês! Porque isso não come e aquele não come. Tem que ficar vendo o que eles gostaram para comprar. É sempre um ou outro. O meu mais velho tem muita mania de não querer experimentar. Primeira coisa ele olha e fala: “É ruim”. Eu falo: “Experimenta! Experimenta!” Ai, ele come e vê que é diferente, aí fala que é gostoso. Ai ele come. Comigo no caso a saudade do pai que ficou, do tio. Estão sentindo muito. As coisas, realmente a praticidade. A gente sente muita falta, que a gente fica mal acostumado. Você tem tudo na mão, na hora que você quer, você já tem. Aqui não. Você fala assim: “Como a gente vai fazer?” Não tem. Então, tem que lavar roupa, limpar a casa, tudo e tudo muito trabalhoso. Quando a gente vê a diferença, a gente fala: “Nossa! Que saudade do Japão!” A gente acaba acostumando. (Anexo D/Sra. Haru).

Ao retornar para o Brasil, o *dekassegui* faz muitas comparações entre os dois países. As diferenças cotidianas, como a nova alimentação. A idealização do país japonês surge em seus relatos, que lá no Japão é tudo muito mais prático e menos trabalhoso do que no Brasil. O objeto bom e idealizado pelos pais e os filhos de *dekasseguis* fica sendo o país estrangeiro, o Japão. No Japão, a preocupação maior era com o emprego, e agora nasce um novo olhar, o olhar para a casa, para a família, que denomina de “trabalhoso”.

8.1.3 Experiência de desamparo dos pais *dekasseguis*

Os *dekasseguis* morando há anos no Japão, a viagem de retorno para seu país de origem (Brasil), parece cada vez ficar mais distante da sua realidade como imigrante. Os *dekasseguis* acabam adiando a sua viagem de volta à sua terra natal, deixando para o futuro, como se não pudessem determinar ou estabelecer um “fim” para a vida de imigrante no Japão. O desejo de retorno ao Brasil permanece nos *dekasseguis*, é algo que se mantém vivo com o

passar dos anos, mas o tempo de partir do Japão rumo ao solo brasileiro é muito difícil, já que estariam adaptados com a vida japonesa.

De acordo com o senhor Ito, com certo tempo de permanência no Japão, os valores vão mudando. Quando foi para o Japão, buscava conquistar a sua casa própria. Porém, se casou e teve suas filhas. O senhor Ito e a família passaram a não visar somente ao dinheiro, deram prioridades para os momentos da vida que estavam vivenciando, já que não dá para ser “imigrante de retorno” perante as fases da vida. Portanto, o tempo passado é um caminho que não tem volta, a não ser através das lembranças.

Na verdade é econômica, né? Eu vim de uma criação mais simples. Eu trabalhei era comerciante, era feirante, né? A gente busca sonhos. Lógico, dar condições. Seria iniciar algo. É tão engraçado, eu saí daqui com um sonho Vamos lá e adquirir uma casa própria, coisas assim. Por que realmente, por isso que há 15 anos atrás eu saí daqui em época de inflação não tinha nem plano real Fui lá e ela foi depois. Conheci ela lá. Casamos. Retornamos. Nesse tempo todo você começa a medir a questão valores. O que você valoriza mais? Será que tudo é o dinheiro, será que não é. Acaba mudando um pouco. Aquela primeira ideia que a tudo custo e fazer o seu pezinho de meia vai mudando. Então, o nosso caso não foi diferente. Foi lá e acabou mudando certos valores. Foi o que realmente. Acho que tudo tem o momento certo para fazer e se você não aproveitar esses momentos para fazer, depois não faz mais. Realmente tem que aproveitar [...]. (Anexo/Sr. Ito).

No caso da senhora Natsu, a sua ida para o Japão foi para realizar um sonho de cursar uma universidade no Brasil. Para isso, teria que fazer uma boa poupança lá. “*Eu sai aos 17 anos daqui. Eu terminei o colegial e já fui para lá. Fui com a intenção de voltar para pagar uma faculdade*” (Anexo A/Sra. Natsu).

Sempre falávamos assim: “Se um dia voltarmos para o Brasil, como vai ser? Será que a gente não poderia investir não no ramo de eventos?” Lógico, todo mundo sonha. Quem está lá sonha em voltar, adquirir e ter um negócio. Ter alguma coisa própria. Foi aí que a gente se lançou nesse projeto. (Anexo A/Sr. Ito).

O Japão, apesar de ser um país de primeiro mundo, vive tendo recessões. Com a crise global que ocorreu em 2008, o país viveu uma das piores crises econômicas de sua história. Milhares de imigrantes que trabalhavam no país foram demitidos das indústrias. Esses imigrantes viram, de uma hora para outra, o seu mundo desabar; ficaram sem empregos, sem dinheiro, sem chão e sem escolhas. O caminho de volta ao Brasil seria a única saída naquele momento. Muitos *dekasseguis* ficaram sem esperança e viram seus sonhos serem interrompidos. Até então, as recessões eram conhecidas pelos *dekasseguis* como de curta duração, de apenas alguns meses. Essa recessão de 2008 parecia não ter um fim, levando muitos *dekasseguis* a voltar para a casa. A terra japonesa era vista como aquela que poderia

dar bons frutos aos seus filhos imigrantes. Era idealizada pelos *dekasseguis*. Porém, esses filhos imigrantes do Japão passam a ver o outro lado dessa terra, a mãe real, antes rica, e agora empobrecida, sem recursos para dar aos seus filhos, que não são natos, mas que adotaram, psicanaliticamente falando, a terra japonesa como sua mãe.

Sr. Ito: É na crise. Da quebra do Lehman Brothers. Da crise imobiliária que teve nos Estados Unidos. Então, afetou muito o Japão, né? Foi uma época difícil. Não tinha muito serviço. Também queria pegar aquele auxílio desemprego. Pesquisadora: Ficou desempregado lá? Sr. Ito: Chegou. Nunca vi uma crise tão forte no Japão. De você sentir muito ruim. Os brasileiros saíam “teiji”²⁶ [17:00 horas]. Realmente quando nunca tinha imaginado aquilo. Foi realmente incrível. (Anexo A/Sr. Ito).

Com a crise econômica japonesa, o pai das crianças Eiko e Letícia ficou desempregado. O senhor Ito relata que o motivo de voltar para o Brasil foi por ter perdido o emprego. Os pais dessas crianças vivem momentos de incertezas, como se não pudessem enxergar mais o futuro para sua família no Japão. Portanto, a vida da família no Brasil é sentida pelo Sr. Ito como incerta.

Exatamente! Qual que seria? Na verdade é assim, onde você se lança e fala assim: “O que conta no bolso? Ou espera?” Realmente vê e utiliza das suas economias e o que pode ser feito. Lógico, na verdade o retorno para o Brasil você lança do mesmo jeito. Quer dizer, a diferença básica na verdade você não consegue mais ver, prever o futuro, daquela maneira que a gente se previa. Vamos fazer um cálculo anual e pronto, fica sem saber direitinho. Como agora também. Atualmente monta uma empresa e a gente não sabe bem o dia de amanhã. Até pelo menos você conseguir formar e engajar a empresa fica complicado mesmo. O momento de incerteza. Com certeza, infelizmente é ruim. É ruim para todo mundo. Na verdade a incerteza é ruim. No momento a gente resolveu assim, né? Naquela época da crise pensava em ser empreendedor mesmo, já que era obrigado a viver pela incerteza, né? (Anexo A/Sr. Ito).

Diante dessa crise japonesa, a família do senhor Ito decide voltar para o Brasil. A decisão de voltar para o Brasil foi tomada pelo pai das crianças.

[...] eu tomei toda essa decisão de retorno. A gente acabou mudando todo o foco do projeto. A busca de, não vou dizer que é só minha... A gente passou por uma consequência. Na verdade, não foi uma escolha para elas. Não foi uma escolha que elas: “ai então, vou embora”. Na verdade eu preciso ir. Falei: “Vamos voltar. Vamos ver como vai ficar”. Isso realmente engana muito, porque não dei um fator de escolha para elas. (Anexo A/Sr. Ito).

A senhora Haru e as crianças estavam se sentindo inseguras em relação aos abalos sísmicos da terra japonesa. Em decorrência do grande maremoto de nove graus na escala

²⁶ *Teiji*: Horário (m) ou período (m) estabelecido (HINATA, 1998, p. 465).

Richter que ocorreu na região de Myagui, em março de 2011, milhares de pessoas perderam suas vidas. Além disso, agravou-se mais ainda com o vazamento radioativo da usina nuclear de Fukushima, que foi fortemente atingida pelo terremoto, contaminando o reservatório de água. A população japonesa e a estrangeira teve que conviver constantemente em estado de alerta, por causa dos terremotos que vinham ocorrendo em todo o país, em consequência desse grande maremoto. Além do mais, ainda a crise econômica continuava gerando altas taxas de desempregos no país. Esses fatores acabaram mobilizando a família de Haru para retornar para o Brasil. Alguns familiares já haviam retornado para o Brasil. Restava-lhe a única alternativa no momento. O retorno para terra de origem seria a decisão mais sensata e viável, após sete anos morando em terras japonesas. A decisão de voltar foi tomada pela mãe da criança.

Pesquisadora: Quando vocês decidiram retornar, ele foi informado? Você pediu a opinião dele? Sra. Haru: Eu falei primeiro que a gente estava voltando. Uma, pela condição do Japão, né? Já estava apresentando risco. Nós já presenciamos o terremoto, lá em Nagano, apesar de ser um estado longe, nós sentimos. Abalou. Até que as crianças ficavam meio assim, toda vez que ficava balançando as coisas, eles ficavam com medo. Até tinha deixado uma bolsa de emergência junto, perto, quando acontecesse alguma coisa pra a gente poder correr, né? Então, eu falei assim, pra gente não sentir essa insegurança. Ele falava: “Para onde a gente vai correr”, né? “Pra onde a gente tem que ir? Para onde a gente tem que ir?” Então, acho melhor a gente voltar para o Brasil, que lá já é um país mais assim, lá não tem essas coisas. E também a questão financeira lá e aqui vai dar na mesma. Porque lá a gente está trabalhando, mas já está gastando tudo só pra viver e não dá mais nada pra guardar. Então, a gente precisa voltar, né? Também tem essa questão, nós não somos japoneses e nunca vamos ser. Então, é bom voltar para onde é o nosso lugar, né? (Anexo D/Sra. Haru).

A partida ou deixar um país não é fácil para os adultos. Imaginem para essas crianças, tendo que deixar o seu mundo de uma hora para outra. Elas parecem sofrer caladas, a separação e o processo de luto. Mesmo a criança tendo os seus pais por perto, sofre por deixar o seu mundo e partir para outro país, mesmo que esse país seja conhecido por ela. A tristeza da criança Goro percebida pela sua mãe na despedida dos amigos e da sua escola no Japão é um sintoma da separação.

Ele ficou triste. Tanto que, até o último dia de aula, ele ficou meio assim. Não quis despedir dos colegas. Entregou os presentinhos que é hábito quando sai da escola, sai da creche, sai de algum lugar, você entrega para cada criança alguma lembrança, né? Então, ele levou, entregou para crianças e professores, mas percebeu que ele ficou triste. Não queria ir embora. Pesquisadora: Ele chegou a falar alguma coisa pra você? Sra. Haru: Não. Ele não falou nada. (Anexo D/Sra. Haru).

Depois de alguns anos fora do país, os pais *dekasseguis*, ao chegarem ao Brasil, se veem acompanhados pelos seus filhos, não estão mais sós. Emergem em suas mentes outros

tipos de preocupações, que até então não estavam ali. Os pais, angustiados pela nova mudança, passam a se questionar o tempo todo, sobre como proceder no Brasil, ficando sem respostas plausíveis que possam aliviar suas ansiedades: Como farão a escolha da escola para as crianças? Dará certo o comércio/emprego no Brasil? Como fazer para as crianças se adaptarem/readaptarem ao país?

De acordo com o relato do senhor Ito, para montar uma empresa no Brasil é muito complicado, pois quando veio anteriormente do Japão com a sua esposa e sua filha Eiko, ainda de colo para o Brasil, pesquisaram sobre um imóvel comercial, que na época seria um bom investimento. Portanto, retornaram para o Japão e permaneceram por mais tempo do que o previsto e nesse atual retorno ao Brasil perceberam que o mercado ficou saturado e moderno, que seria difícil conseguir acompanhar e ganhar espaço comercial.

Realmente sentimos que a gente tinha algum potencial para brigar por isso, só precisava ter capital. Vamos retornar de novo? Era para dois anos e acabou ficando para cinco. (Anexo A/Sr. Ito).

Continuando:

Tem muitas coisas que não são contáveis. Existem fatores e fatores no Brasil que fogem do nosso conhecimento contável. Construir uma obra que “ele” acabou consumindo todas as nossas economias. Você iniciou, ou você termina ou você termina! Porque se você não terminar, você não consegue trabalhar. (Anexo A/Sr. Ito).

Continuando:

Conseguimos atingir até um certo ponto e partir disso vê se dá certo. Claro, um dia a gente ia conseguir chegar nesse patamar que estava e daí continuar. Estamos quebrando a cabeça sim. Mas desistir? O que move é aquela esperança. Acreditar? Não tem outro caminho mais. Já foi. A última seria assim o fator cruel assim. Talvez fator assim de extremo. Seria entregar o prédio para a locação. Que não seria interessante para a gente. Depois de tanto tempo. É um projeto que tem mais de 10 anos. Então, eu acho assim, ou tenta. De qualquer maneira tem que tentar, porque se não você não vai ficar sem saber. Fica aquela incógnita. No último caso seria, se realmente falar assim: Não tem jeito. Então, a gente desiste. E passa para a locação. (Anexo A/Sr. Ito).

As dificuldades da família são inúmeras diante do velho e novo mundo em que se vive. A família passa pelo processo de separação e perdas ao deixar a terra oriental, tendo que renascer ou nascer no Brasil. Esses pais sofrem emocionalmente com essa situação, ficam conturbados com a volta, se sentem sozinhos e sem direção, nesse caminho diante dessa nova

realidade. Sem ter onde procurar ajuda, onde possa ter uma orientação, acabam caindo em desamparo emocional.

Os pais das crianças, ao tomarem conhecimento do nosso trabalho, por meio do Nikkey Clube de Marília, procuraram-nos de forma espontânea para participarem da pesquisa. Diante dos fatos, os pais vêm em busca de ajuda, pois vivem um desamparo emocional, procuram respostas para as suas perguntas, querem compreender todo esse processo de adaptação/readaptação no país, principalmente no que diz respeito às suas atitudes e às dificuldades dos filhos.

Realmente, fazer parte do mundo japonês não deve ser fácil, mesmo tendo descendência nipônica. O imigrante, ao chegar a outro país, tem que lidar com o processo de adaptação, que também não difere do processo de readaptação ao seu país de origem. Os imigrantes se deparam com novos jeitos de ser do nativo. Aparecem novos sentimentos, o de se sentir estranho, o diferente diante do outro; dúvidas sobre se a sua própria presença naquele lugar é bem vinda ou não. Para a senhora Haru, os japoneses são caracterizados como um povo frio. Essa frieza dos japoneses sentida pela a senhora Haru mostra a distância entre os dois mundos, se deparando com sentimento de rejeição e a falta do calor humano. Nesse momento, distante de todos, a senhora Haru se vê sozinha e desamparada emocionalmente.

Lá do Japão é mais a frieza dos japoneses. Você sente logo que você chega. Que, vamos dizer, se eles realmente te “aceitou”, porque você não sabe se eles realmente te aceitaram ou não. Eles podem falar, te elogiar. Eles são fechados. Até eles te aceitarem. E olha lá! Mas no fundo, no fundo, não te aceitaram. Depois de muitos anos que vão se passando a gente vai vendo isso. Logo no início a gente acha isso: Ah não, já aceitou. Porque aqui no Brasil é assim. Todo mundo é tão assim. Mas não. O japonês não aceita. Ele tem essa cabeça. É essa cabeça. Sim é sim, e não é não. Então, para eles não tem meio termo. Eles não são flexíveis. Então, eu pelo menos sofri muito. Mas de resto, o serviço acabou achando fácil. Mas acho que o meu filho deve ter sofrido um pouco com adaptação, apesar dele não falar na época. (Anexo D/Sra. Haru).

Diante dessa nova mudança tão radical, a senhora Haru faz do tempo o seu aliado no processo de readaptação ao Brasil, precisando do tempo para lidar com essa nova situação e, com isso, fala que “tudo é passageiro”.

Eu tento pensar que tudo é passageiro, né? Então, nós estamos ainda numa fase de adaptação. Como a gente foi para um lugar de país de primeiro mundo, lá tudo tem as coisas. Nós voltamos aonde? No Brasil, que ainda está em desenvolvimento. Tem que colocar isso na cabeça. Vai ser tudo muito mais difícil no início, até a gente acostumar. Tudo é uma questão da gente acostumar. Com um tempo a gente vai, né? Como que se diz? Superando tudo isso, né? (Anexo D/Sra. Haru).

8.1.4 Brasil/Língua: dificuldades de adaptação em família

As primeiras dificuldades de adaptação/readaptação percebidas pelos pais de Eiko e Letícia foram no retorno ao Brasil, relacionando com o fator idade na qual as crianças se encontravam no momento da migração.

Com certeza! O processo de adaptação no Japão e no Brasil devido à idade. Acho que o processo de adaptação foi mais acentuado, a dificuldade maior foi aqui no Brasil do que no Japão devido à idade. Ela foi com três anos e retornou já estava com dez. Então, essa questão de como ela foi muito pequena para lá, a adaptação ficou até mais fácil e aceitação foi bem melhor do que agora. (Anexo A/Sr. Ito).

O retorno é engraçado. Assim, a questão da idade realmente pega bastante no processo de adaptação. Nossa filha caçula melhor, ela foi menorzinha. Ela foi de colo, com seis meses, e voltou agora com seis, sete anos. O processo de adaptação dela foi mais tranquilo. Então essa questão idade pega bastante. (Anexo A/Sr. Ito).

Os pais consideram que o fator idade da criança imigrante é relevante para se adaptar ao novo meio. Quando se deslocam bebês ou menorzinhos para outros lugares, ou países, parecem poder assimilar mais facilmente a nova vida.

Para os pais, a sua filha Eiko teve muito mais dificuldades na chegada ao Brasil por causa do fator idade do que a criança Letícia, que chegou menorzinha. Quando chegou ao Brasil, Eiko tinha quase dez anos de idade e Letícia, sete anos. Além do fator idade, temos que levar em conta o grau de escolaridade dessas crianças quando no ato da migração. Eiko alfabetizou-se na língua japonesa e concluiu no Japão a 3ª série, iniciando a 4ª série do ensino fundamental. Enquanto isso, Letícia, aos seis anos, cursou a metade da 1ª série no Japão e retornou aos sete anos de idade para o Brasil. A criança Goro chegou aos nove anos de idade ao Brasil, tendo cursado no Japão até a 2ª série do ensino fundamental. Será que o fator idade pode intensificar ou não o desamparo emocional dessas crianças e/imigrantes?

Outro entrave vivenciado pelas duas famílias foi a dificuldade com o aprendizado da língua portuguesa dos filhos e talvez a principal problemática na chegada dessas crianças ao Brasil. As três crianças participantes da pesquisa chegaram ao Brasil sem saber o idioma português.

O desamparo emocional vivido pelas três crianças que não sabiam a língua portuguesa ao chegar ao Brasil reflete no sentimento de perda do conhecimento da única cultura, que é perder a sua própria língua, que traz conhecimentos abstratos promovendo um trânsito entre os dois mundos, do emocional (interno) e da realidade (externa). As crianças, ao perderem a língua japonesa, passam a se sentir “estrangeiras” dentro do próprio lar.

Pesquisadora: Vocês conversavam em português dentro de casa com elas no Japão? Sra. Natsu: Só japones. (Anexo A/Sra. Natsu).

Os pais, o senhor Ito e a senhora Natsu, logo que chegaram ao Brasil, proibiram o uso da língua japonesa em casa e passaram a fazer uso somente da língua portuguesa com as suas filhas, que até então era desconhecida por elas. Eles tiraram qualquer tipo de referência japonesa. Essas filhas de *dekasseguis*, durante seis meses, tiveram que renascer no antigo e novo mundo, Brasil.

Sr. Ito: O emocional é difícil trabalhar, porque como ela ficou cinco anos estudando lá, voltou para cá não dominava a língua. Inicialmente teve um problema com a língua, a dificuldade de comunicação da leitura de texto e acompanhamento da matéria, a língua portuguesa. Mas os métodos de adaptação foram um pouco drásticos. Tentamos inicialmente um ponto inicial: forçar o português de tudo qual jeito. Foi forte, foi brusco, de tudo que ela tinha aprendido na cultura dela, tudo que ela levava e vivia simplesmente jogar [...] Inicialmente foi feito um tipo de uma coisa, vamos falar assim: se cortar a utilização do poder, de cortar por exemplo a língua japonesa, cortar desenhos, cortar, tentar tirar um pouco. Isso foi muito drástico, foi uma revolta muito grande e não estava dando. Pesquisadora: Isso foi logo no início? Sr. Ito: Logo no início. Na verdade ela tinha excesso de dados, tinha aula particular, a gente ficava todos os dias até sete e oito horas da noite estudando. Passava o dia inteiro estudando e contando um para o outro: A língua portuguesa, não sei! Então, cortamos todas as regalias. Acaba indo, naturalmente, ela acaba indo para a língua japonesa. Forçamos bastante nesse quesito, mas não houve resultado positivo. Então, era muito não aceitava. Chorava muito. Então, para aceitar estava muito difícil. (Anexo A/Sr. Ito).

Os pais de Eiko e Letícia não puderam considerar a existência de um mundo japonês internalizado pelas suas filhas, desprezando-o e não permitindo o acesso das suas filhas à cultura japonesa. Como se suas filhas tivessem chegado ao Brasil vazias. Os sentimentos de vazio e o de não saber acabaram gerando o sentimento de impotência nessas crianças. A exigência externa era que construíssem de forma rápida um novo mundo dentro de si, como se todos os seus conhecimentos sobre o velho mundo não prestassem mais para essa nova realidade. Portanto, teriam que assimilar ou introjetar um Brasil dentro de si, sem ter “um tempo” para processar todas essas novas informações. As filhas de *dekasseguis* passam a se sentir recém-nascidas, sem poder ter os pais para dar um amparo psíquico e nem ter a língua japonesa considerada “familiar”. Assim, vivem o desamparo psíquico dentro do próprio lar. Portanto, elas tiveram que conviver com outra língua, a portuguesa, ou seja, a estrangeira, considerada “estranha”. Entretanto, no Japão os pais e as filhas falavam a mesma língua, a japonesa, diferentemente do Brasil que falam línguas diferentes.

Logo abaixo, na citação do senhor Ito, em que a sua filha Eiko diz querer falar a língua japonesa:

Até hoje fala que quer falar japonês. Fantástico assim! Fico muito triste quando vejo as notas dela. Realmente o primeiro ano de adaptação, o segundo ano ela passou? Claro que não passou. Depois de muita conversa com a diretoria da escola... Esse ano, não sei como vai ser. Está muito difícil, mas é uma coisa que ao longo do tempo para aprender. Essa parte dela pulou. Praticamente ela pulou o primário inteiro, então a adaptação, a língua é meio complicada, isso daí. Eu falo assim, ela tem capacidade. Uma capacidade enorme, porque na língua japonesa, eu gostaria que fosse no português, mas no japonês. Ela fez um teste proficiência há um ou dois anos atrás, ela tirou a pontuação máxima. (Anexo A/Sr. Ito).

Apesar dos anos terem passado, a língua japonesa continua viva nessas crianças descendentes de japoneses que passaram parte da infância no Japão. A língua de um país é também um representante simbólico e cultural de uma nação. O fato é que Eiko chegou ao Brasil já alfabetizada na língua japonesa, diferentemente da sua irmã Letícia que foi alfabetizada no Brasil.

No Japão, na casa da senhora Haru, a língua falada dentro de casa era a japonesa. Argumenta a senhora Haru que essa escolha pela língua japonesa foi feita com a intenção de evitar sofrimento para o seu filho Goro na creche. A mãe se preocupava com o desenvolvimento escolar do seu filho em escola japonesa, por ela não ser uma japonesa nata. Assim, justifica que o seu filho também já poderia levar para a escola alguns conhecimentos sobre as palavras e sentidos do mundo nipônico, que ela mesma ensinava em casa ao seu filho. Portanto, a criança não chegaria completamente vazia na escola japonesa. Assim, já estaria abastecida de alguns recursos que a própria mãe lhe interpretara de mundo e protegeria a criança de um desamparo emocional.

Pesquisadora: Vocês falavam que língua? Sra. Haru: Japonês. Japonês, porque assim não sofresse na creche. Porque a criança de japonês, os japoneses eles ensinam já desde pequeno, já ler mais ou menos. Dá uma noção para a criança do que é isso, do que é aquilo, da fruta, cor, tudo, tudo lá as crianças lá já sabem muita coisa, né? Os tipos de pássaros, até às vezes uma criança de quatro ou cinco anos já sabe. Eu não queria que ele sofresse, como vou lhe dizer, uma certa, pode ser, que ele não soubesse nada. Então, comecei ensinar o japonês, ensinar as frutas para ele, os animais, para ele começar a ter uma noção do japonês. (Anexo D/Sra. Haru).

As escolas japonesas além de terem uma estrutura física melhor do que as escolas brasileiras oferecem mais qualidade de ensino. A criança ao estudar na escola japonesa pública, apenas tem um custo mensal de viagens e alimentação, num valor muito abaixo das

demais escolas brasileiras que são particulares. Portanto, a Sra. Haru era favorecida pela prefeitura da cidade, tinha alguns benefícios por criar seu filho sozinha no país.

Ao perguntar para senhora Haru se a criança fala a língua portuguesa ela responde:

Sra. Haru: Ele não fala muito o português. Muito ruim o sotaque dele. Quando ele fala, inverte tudo. Pesquisadora: Ele compreende o que você fala? O português? Sra. Haru: O português ele compreende e na hora de responder é tudo o japonês praticamente. E comigo, não sei como ele sabe que eu entendo, ele não faz um menor esforço em aprender ou em responder em português. Já espontaneamente sem querer está falando só japonês comigo. Agora, com o primo que no caso dele está aqui e não sabe japonês, ele tenta. Vamos jogar “game”? “Game”, pega o controle. Ele inverte, mas ele tenta, se esforça e tenta se comunicar. Os dois se dão bem. Eles estão lá brincando. Eu pensei que fosse ter essa dificuldade: Será que na escola ele vai se adaptar? Por ele ser essa criança meio retraída. Ele chegou com o primo e já foi conversando. E com as primas, não tem jeito, as primas também são japonesas. Tem mais facilidade, né? (Anexo D/Sra. Haru).

Nesse relato da senhora Haru, no diálogo com seu filho, a língua japonesa é usada para se comunicar com a mãe. Ao passo que com os primos brasileiros, Goro se esforça para se comunicar no idioma português, sem ter um tempo para mediar esse trânsito tão radical de um lugar para o outro.

8.1.5 Cultura: Brasil versus Japão

As culturas, a brasileira e a japonesa são apontadas pelos pais das crianças como sendo muito distintas. A mãe Natsu relata que as filhas perceberam que eram diferentes das crianças brasileiras. Portanto, elas falam das dificuldades de construir vínculos de amizade, como se não pudessem se identificar com a criança brasileira. Além das crianças brasileiras terem comportamentos diferentes das crianças nipônicas, Eiko e Letícia destacam o comportamento dos professores na sala de aula, distinto do professor japonês. Estamos diante de dois contrastes, a obediência do povo japonês e a desobediência ou liberdade dos alunos brasileiros na sala de aula.

Ela fala que as crianças daqui são bem diferentes, para fazer amizade é mais difícil. Não sei o colégio também. Pesquisadora: Onde ela estuda? Sra. Natsu: No “B” [particular]. Tem muita dificuldade para fazer amizade aí. Pesquisadora: Tem dificuldades para fazer amizade. Tem mais dificuldades que você percebe? Sra. Natsu: É bem diferente. Apesar de criança [...] os adultos e os professores falam assim. Porque lá no Japão os professores deixa a classe, faz isso e eles fazem. Agora aqui, ela fala: “Nossa! A professora tem que ficar gritando para eles obedecerem!” Não sei o porquê que acontece isso. Aqui é diferente. (Anexo A/Sra. Natsu).

O Japão é um país que vive de forma hierárquica, ou seja, todos têm que respeitar o líder, ou a pessoa mais velha dentro da hierarquia. O senhor Ito diz que essas diferenças são sentidas também na chegada ao Japão. Relata que os japoneses submetem e idolatram o imperador. Entretanto, no Brasil, os brasileiros parecem não saber viver com a própria liberdade.

[...] na verdade é aquela submissão, até que eles mantêm o sistema de idolatrar o imperador. Por exemplo, aqui no Brasil é tão democrático, é tão que chega a ser democrático demais. Todo mundo tem a liberdade, tem o excesso de liberdade, que acaba se tornando... De certa forma confunde, fica, tem... As pessoas têm liberdade demais até. Então, talvez seja um choque. (Anexo A/Sr. Ito).

Continuando:

Então é diferente. Infelizmente é diferente. Lá a pessoa fala, se é um professor, independente se é um professor do que for, quando se fala que é um professor, um mestre, impõe respeito, e aqui não. Então existe essa... Aliás, então é a grande diferença, é um choque na verdade até para os adultos, pra gente também. (Anexo A/Sr. Ito).

Acrescenta, ainda, que:

Infelizmente no nosso país não tem nada que faça, só tem a Copa do Mundo. Mas criar um certo patriotismo... Mas isso é, realmente faz a diferença da cultura. No caso delas é essa liberdade, né? Às vezes acaba atrapalhando, porque os amigos ou as amiguinhas fazem o que interessa fazer. Na verdade então existem leis de jogo de interesse, não existe o ideal. Seria comunitário. (Anexo A/Sr. Ito).

O senso de sociedade coletiva faz parte do mundo japonês. O senhor Ito coloca que somente se vê o patriotismo do brasileiro diante de uma Copa do Mundo, diferentemente dos japoneses que visam ao senso coletivo cotidianamente para viverem em sociedade. Portanto, os professores japoneses, sendo transformadores sociais, são denominados mestres, figuras respeitadas por todos no país.

Em contato com a realidade brasileira, a criança Goro deixa as suas fantasias de um Brasil visto como ruim e conhece o Brasil real. A diferença é nítida em relação ao espaço territorial entre os dois países, podendo ser percebido logo na chegada ao Brasil. A maioria das casas brasileiras tem quintais, ao passo que em todo o Japão falta espaço geográfico. Anteriormente, no Japão, a criança era discriminada pela sua aparência física, por ter uma “imagem meio-japonesa”. Ao retornar para o Brasil, percebe a diversidade racial, não se sentindo diferente dos brasileiros em relação à sua própria imagem.

Haru: Ele tinha uma visão muito ruim do Brasil. Ele achava que o Brasil era ruim. Quando ele chegou aqui, ele foi na casa da minha irmã, ele viu como é que é. Tem espaço, dá para brincar fora. Começou a ver que não era aquela coisa que ele estava imaginando, né? Agora, ele está aceitando. Até que aqui as pessoas são diversas raças, você encontra japonês, encontra de tudo aqui. Então, ele não sentiu essa diferença assim, né? Também ele está morando junto com a minha mãe. Acho que isso tem um pouco mais de segurança. (Anexo D/Sra. Haru).

A sociedade brasileira é heterogênea, distinta da homogeneidade japonesa. O Brasil é um país mestiço, onde podemos encontrar vários povos do mundo todo.

8.1.6 Escolas: Japonesa/Brasileira

Escola Japonesa

A escolha da escola pública japonesa pelos pais de Eiko e Letícia se deu por vários motivos. Os pais argumentam que as estruturas físicas das escolas japonesas são amplas e os professores são profissionais qualificados. Ao contrário das escolas particulares brasileiras no Japão, que não oferecem um espaço adequado para as crianças; muitos professores não têm formação específica nas disciplinas que lecionam para as crianças.

[...] sabe que na verdade no Japão, nós temos escolas particulares entre aspas, que não são bem escolas, são adaptações, improvisações de escolas, mesmo sendo privadas, pagas, com mensalidades e tudo mais. Elas carecem de estruturas, né? E o público lá, o público é até uma coisa de você ficar até assustado, realmente, não só defendendo a questão econômica, mas também a questão de bem estar mesmo, porque muito se ouvia que isso não era escola, um depósito de criança e não-sei-o-quê. A criança fica o dia inteiro “confinado” e coisa e tal. Então realmente, né? Era muito fraco, em termos de estrutura. De repente não vou desclassificar os profissionais que davam aula lá, mas a estrutura era fraca. Aí optamos por colocar em colégios públicos, em escolas públicas, e muito bem servidas mesmo realmente. Pesquisadora: “Desde o início?” Sr. Ito: Desde o início. Foi feito um levantamento eu e ela. (Anexo A/Sr. Ito).

A intenção dos pais de Eiko e Letícia era que as filhas pudessem terminar os seus estudos no Japão e, posteriormente, que elas mesmas tomassem a decisão de escolher onde quisessem morar. Em decorrência da situação da crise econômica japonesa, o pai decide retornar para o Brasil. Em consequência disso, as crianças interromperam os seus estudos no Japão.

Lógico, pensar em voltar, tínhamos. Tínhamos um projeto na verdade, o projeto era até mais longo. É que fatos e fatos ocorrem que acabou mudando todo o nosso projeto, mas dentro

daquele momento, daquela fase, falamos assim: “Bom, a intenção era terminar os estudos lá no Japão. Então, pelo projeto inicial a gente previa até ficar mais tempo, muito mais tempo no Japão. De repente, porque não qualificar ela lá, e depois deixar para ela decidir, o que seria melhor seguir?” Mas infelizmente em determinados momentos problemas de crises e outras situações que aconteceram que não era previsível “pegou”. Na verdade era uma coisa que pegou todo mundo, vamos dizer assim, e acabou forçando e mudando todo contexto, aquele projeto, e tive que repensar, calcular, vão ver como vão fazer, recalcular e como resolver a situação. (Anexo A/Sr. Ito).

A escolha pela escola japonesa pública pela mãe de Goro se deu pela questão financeira, por ter um custo menor em relação à escola brasileira no Japão. Entretanto, a Sra. Haru, por ser uma mulher divorciada e com um filho pequeno na época em que chegou ao Japão, passou a receber auxílio financeiro da prefeitura da sua cidade para manter a criança. Em seu relato diz que as mensalidades das escolas brasileiras eram altas e sentia dúvidas quanto ao tipo de tratamento dessas crianças nas creches brasileiras.

Pesquisadora: Como foi a sua escolha por uma escola japonesa? Sra. Haru: Mais pela parte financeira. Porque no início a gente veio, a minha mãe tava com esse trabalho só de 8 horas, não ganhava muito e não dava para colocar numa creche brasileira. A creche brasileira é mais do que o dobro de que uma creche japonesa. Pesquisadora: A creche japonesa tem algum custo? Tem que pagar alguma coisa? Sra. Haru: Tem que pagar, mas é baixo. No caso como era divorciada, então o governo me ajudava e a prefeitura também me ajudava. Eu pagava menos na creche, as consultas médicas tanto minha como a dele voltavam. Então, eu tinha ajuda de custo. Então, isso me ajudava bastante. Por isso, na creche brasileira se eu fosse colocar era aquele valor, independente se eu sou divorciada, não sou, isso ou aquilo, posso ter os meus problemas, mas isso não tem nada a ver. Era aquele valor, era aquele valor. Era muito caro. (Anexo D/Sra. Haru).

Escola Brasileira

Os pais, ao retornarem para o Brasil, optam por colocar suas filhas Eiko e Letícia numa escola particular, diferentemente da escolha no Japão, onde optaram por escolas públicas japonesas.

Quando voltamos para cá, para não sentir tanto assim, falei: “Vamos colocar em uma instituição particular aqui.” “Devido aqui” as condições do Brasil se invertem... Quase as melhores. Senão for a segunda melhor, é a primeira melhor e tem uma estrutura fantástica. Para não sentir tanto esse choque, choque tanto cultural dos receios das crianças... Queira ou não queira, não quero desqualificar as crianças dizendo assim: “Quanto maior ou menor a sua renda, ou coisas, pode ter uma educação familiar um pouco mais precária” Mas é lógico, tem tanto assim, pelo o que eu imaginava. Então, tanto em termos de estrutura também, porque lá ela tinha aula de música e tudo mais, né? Espera aí, vou por numa escola a altura para não sentir esse choque tão grande, né? Mas o choque não é muitas vezes só essa questão do ambiente também, um pouco é o emocional. (Anexo A/Sr. Ito).

Diante de tantas dificuldades de retorno ao Brasil vividas pela a família da irmã Natsu, a senhora Haru decide matricular o filho Goro em uma escola de idiomas para aprender a língua portuguesa, antes de ingressar diretamente na escola de ensino fundamental. Portanto, a criança ao ingressar na escola de ensino fundamental já chegaria alfabetizado.

Pesquisadora: Ele está frequentando escola? Sra. Haru: Ainda não. Ainda não, porque como nós chegamos em maio, ele vai perder praticamente esse meio ano inteiro, né, estudando, né? Não vai aprender nada. Então, eu falei pra ele: “Vamos entrar e estudar no “Kumon”?” Para fazer a língua portuguesa e aprender um pouquinho, porque o ano que vem já pegar a escola o ano inteiro. Tanto que a professora do “Kumon” falou a mesma coisa para mim: “Não é bom você colocar na escola agora. Vai pagar e pagar e seu filho vai ser reprovado. Então, compensa mais você o quê? Dar mais uma assistência agora na língua portuguesa. Adiantar ele, para ver se o ano que vem ele consegue se firmar e seguir o ano que ele está”. (Anexo D/Sra. Haru).

A senhora Haru, diferentemente da sua irmã Natsu, buscou preparar a criança no mundo das letras. Não queria que seu filho chegasse sem o mínimo de conhecimento na língua portuguesa. A não compreensão da língua escrita e falada, ao ingressar na escola, numa classe já alfabetizada e estando em outro ritmo, pode trazer sérias consequências para a criança filha de *dekassegui*. Acaba surgindo nessas crianças o sentimento de impotência diante da sua própria vida, gerando resistências para aprender o novo idioma, isolando-se e, além disso, também as dificuldades de construir novos vínculos.

8.1.7 Retorno para o Japão

As filhas do senhor Ito e da senhora Natsu *sonham* com a volta para o Japão. Nessa citação abaixo, o pai fala da filha Eiko:

Hoje, ela fala muito de voltar para o Japão, que a terra dela é lá e coisa e tal. Eu falo: “Se vai voltar, então estuda”. O japonês está indo bem, o problema é o português. Pensa então, tem estudar o português. Tem uma amiga dela que está fazendo uma faculdade agora e está tentando uma bolsa de estudos no Japão. Eu falo: “Você viu! Ela está fazendo uma faculdade. Para fazer uma faculdade, para você ingressar lá, primeiro tem que aprender o português, sai bem nos estudos de português e entrar na faculdade. No Brasil também pode cursar uma universidade lá. Você precisa dos dois.” A gente está buscando realmente, porque talvez seja, é um caminho que já teve, e é uma coisa que leve ela passar, não precisa estudar. Verdade que isso realmente não é fácil. É difícil. (Anexo A/Senhor Ito).

A criança Letícia, apesar de ser sociável, diz a mãe (Sra. Natsu) que a filha deseja retornar para o Japão.

Eu não sei o que é, mas ela é bem diferente essa nossa caçula. Porque é bem sociável. O jeito dela é bem diferente. A mais velha é mais retraída. Agora a caçula não é, conversa com todo mundo. Da classe dela, ela é amiga de todo mundo. Ela consegue fazer amizade fácil. Também é diferente. Pesquisadora: A caçula está tendo problema na escola? Como ela está? Sra. Natsu: Ela tinha bastante [...]. Foi um pouco difícil. Só que talvez ela “consegue” se soltar. Ela não segura para ela. Acabou ficando bom para ela. Só que ainda fala de voltar para o Japão. Fala que gosta mais de lá. Pesquisadora: Quem? A caçula? Sra. Natsu: A caçula. (Anexo A/Sra. Natsu).

Novamente nos deparamos com o fator da idade da criança no ato da sua migração. Então, podemos pensar que quanto menor a idade da criança (e)imigrante ao chegar a outro país, mais facilidade terá de construir novos vínculos e de se integrar a nova cultura?

8.1.8 Sentimento de culpa dos pais

No relato do senhor Ito, aparecem alguns sentimentos, como a dúvida, a impotência por não ter conseguido fazer mais por suas filhas, o egoísmo por ter resolvido tudo sozinho; enfim, o sentimento de culpa por ter não ter dado a opção de escolha para as filhas decidirem sobre o retorno ao Brasil.

Assim, daqui para frente fico imaginando isso, pensando assim. Na verdade os pais “é” uma coisa assim que não tinha prestado atenção, a gente vive em prol dos filhos. Até fico comentando com ela [esposa]: “Será que a gente não deveria ter pegado, se sacrificado?” Nem se fosse para mim, sacrificar o ideal alguma coisa. O nosso propósito era montar alguma empresa aqui, e tudo mais, ser sucedido e coisa e tal. De repente, se era para o bem delas, teria que ser empregado pelo resto da minha vida. Mas não imagina assim. Eu imaginei uma forma mais fácil e fui até um pouco egoísta, pensando na minha questão e não na questão dela. Só que fui perceber aqui. Já era bem tarde. Fica um pouco complicado. (Anexo A/Sr. Ito).

Continuando:

Então fica aquela questão. Aquele valo. Na verdade, falo assim: “Você largaria em prol da felicidade das suas filhas? Você largaria de tudo? Voltaria a viver, sacrificaria a sua vida?” Falo assim, pra felicidade delas. Acho que sim. Viveria, sacrificaria, mas a situação não permite isso (Anexo A/Sr. Ito).

Continuando:

Agora entrou no contexto que a gente percebeu, que por mais que a gente tente preparar tudo e dizer: “Vão voltar pra lá?” Tem gente que voltou. Conheço pessoas daqui mesmo, que vieram e tentaram o mesmo caminho que a gente. Teve a crise. Teve os problemas lá. A coisa

ficou no mundo. Então, retornaram. Por questão dessas dificuldades de adaptação dos filhos, retornaram para o Japão. Acabaram retornando para o Japão. Agora, entendi. Compreendi. Muitas vezes comentei com ela: “Se tivesse uma condição boa lá, a gente retornaria, até se sacrificaria a vida, mas é por essa opção.” Você realmente quer dar o melhor para eles. É duro, né? Às vezes a melhor coisa não é nem ser a melhor escola. É duro, né? O país inteiro. Todas as questões. Às vezes ficam se comentando, comentando, porque tem tantos buracos na rua? Por que tem quebra-mola? É complicado, né! Por quê, né? Até eu às vezes fico pensando: “Por que tem tantos encargos? Por que tantos impostos?” Você vai para exterior, existem outros lugares que realmente... Você foi lá e voltou, [...] você viu a, o valor de gasolina mais barata e está tão cara aqui. Lá não se produz uma gota. Você fica assim. Pesquisadora: É verdade! (Anexo A/Sr. Ito).

Diante de tantas dificuldades, os pais não conseguem compreender o porquê da revolta das suas filhas, sobretudo da filha mais velha, em que ela diz que os amigos estavam esquecendo-a. Novamente, os pais se deparam com o sentimento de impotência diante do sofrimento emocional das suas filhas.

A expressão de revolta dessas crianças filhas de *dekasseguis* é uma forma de lidar com a dor de tantas perdas em tão pouco tempo em suas vidas. Elas não perderam somente a língua, porém, toda uma convivência cultural, separações de vínculos de amizades. Portanto, passaram a viver privadas do mundo japonês.

Complicado, né? Na verdade, não tínhamos o que fazer. Dentro do possível é conversa, é conversar, né? É muito complicado assim, porque realmente, não está entendendo o porquê elas se revoltaram tanto. Foi difícil. Na verdade a ficha foi cair muito tempo depois, né? Ela falou que chorava bastante e sonhava. “São difíceis” contar sentimentos. Na verdade, assim, ela dormia e coitada ela sonhava, e aquilo era tão forte, tão forte para ela, que mexia. Quando ela acordava, amiguinhos. Tem um fato que ela contou para gente e que me marcou. Eu fiquei muito sentido. Ela me falou que os amigos estavam esquecendo. Que todo mundo estava “esquecendo dela”. (Anexo A/Sr. Ito).

Os pais tentaram fazer contatos com a escola, amigos, por meio de cartas, porém, nunca obtiveram uma resposta. Portanto, nas escolas japonesas é comum os professores serem transferidos para outros lugares. A atitude desses pais é mais um pedido de ajuda, ou seja, um pedido de socorro para suas filhas. De certa forma, eles tentam resgatar algum vínculo do passado, sem ter algum êxito.

Mandamos carta para a escola e não voltou. Eu não consigo fazer nada. Como vou fazer algum amigo para ela? Como vou fazer algum contato com professor? (Anexo A/Sr. Ito).

Continuando:

Não houve retorno. É complicado também, porque lá no Japão os professores mudam muito. Eles não ficam estabilizados numa escola só. De tempos em tempos eles estão mudando de lugar. É um aperfeiçoamento constante. Eles têm até aulas na faculdade. Então, aquela professora e aquele professor não poderiam estar mais lá. A carta endereçada foi para lá, mas lá não tem o professor. Não tem esse. De repente não conseguiu um outro contato. Ela falou que sonhava. É duro essa questão de sentimento. (Anexo A/Sr. Ito).

Essas crianças filhas de *dekasseguis*, quando chegam ao Brasil, temem ser esquecidas pelos seus professores e amigos que tinham no Japão. Portanto, elas também têm que lidar com o sentimento de abandono. Essas fantasias de perder o que conquistou no lugar onde morou, acabam sendo manifestadas nos seus sonhos e também nas dificuldades de adaptação/readaptação no Brasil. De forma inconsciente, surgem as resistências em aprender o novo idioma, a criança teme esquecer o que aprendeu no país em que morou.

Por mais que a gente fale e fale. A gente explica e conversa bastante com ela. Realmente aqui é diferente. Ela tem que se adaptar. Por mais que a gente fale acho que o sentimento não acompanha. (Anexo A/Sra. Natsu).

Pesquisadora: E hoje, você percebe o quê? O que está permanecendo? Continuando? Sra. Natsu: Ela não aceitou da gente morar aqui. Ela acha que a gente tem que voltar para lá. Pesquisadora: Ela fala isso claramente? Ela fala em português ou em japonês? Sra. Natsu: Em japonês. Pesquisadora: E o português dela, como está? Sr. Ito: O português dela está bem gradativo. (Anexo A/Sra. Natsu/Sr. Ito).

A criança Eiko manifesta a sua insatisfação e as dificuldades de adaptação/readaptação por morar no Brasil. O seu desejo é de voltar para o Japão. A mãe, Sra Natsu, coloca que a filha Eiko “*tem que se adaptar*”, como se adaptação no país fosse a única saída para tanto sofrimento da criança.

8.1.9 Família/Identidade

A questão da identidade das filhas era motivo de discussão em família. As filhas se consideravam japonesas e elas questionavam o porquê dos pais não serem japoneses. As filhas de *dekasseguis* Eiko e Letícia se consideravam japonesas, em virtude da aparência física. Essas crianças estavam identificadas com a cultura japonesa, e o brasileiro, para elas, era chamado de estrangeiro ou “*gaijin*”, por ter costumes e hábitos diferentes do que já estavam acostumadas na sociedade nipônica. As crianças não se consideravam estrangeiras dentro do Japão.

Podemos pensar numa identidade híbrida dessas crianças? Afinal, estamos falando de duas experiências culturais distintas, a japonesa e a brasileira, dessas crianças imigrantes.

Na verdade existe um problema de choque cultural pelo seguinte: a gente, engraçado, elas consideram japonesas. Olha só que coisa engraçada! Ela, no registro de nascimento dela, ela nasceu no Japão. Está lá Matsumoto [nome da cidade japonesa], tudo direitinho. É uma coisa engraçada assim. Aparência física de “nikkey”, “nikkey”, ela se achava assim. Quando ela entrou na escola pública lá e tudo mais, na verdade fala assim: “Por que papai e mamãe não é japonês?” Querendo ou não querendo, eu não sei se é, porque, de certa forma, existe um certo preconceito. “Existe” todos os países, existe um certo... o patriotismo, que é o tal “gaijin” de pessoas de fora. A sociedade é formada e educada de um certo jeito. Chega uma pessoa e ela não conhece essa formação e essa educação. Ela faz de hábitos diferentes, causa certo, como que se fala, chama a atenção. De chamar atenção e muitas vezes chama atenção infelizmente pelo lado negativo. Vamos dizer assim: no Brasil muitos jovens, o brasileiro não vai fazer a limpeza. Eu fui criado no Brasil, onde sempre teve servente na escola. Quem faz a limpeza é a servente. Existe toda uma cultura enraizada em cima disso. Sem querer resolver, é uma cultura minha. Só que lá não. Tem que limpar. Lá não tem servente e quem que limpa é o próprio aluno. De repente nisso, nesse contexto acaba se criando uma atenção, uma atenção negativa, porque se fosse positiva... De repente não, olha que bacana! Sempre causa negativo. Aí cria-se aquela questão de racismo. Moleque você é brasileiro. Eu ouvia muito isso! Devido à forma física de ser “nissei”, achava que era japonesa. A minha filha começou a perguntar para mim: o que a gente era? Brasileiro. Por quê? (Anexo A/Sr. Ito).

Continuando:

Ela tinha uma certa vergonha. Um certo preconceito. Não que seja preconceito. O preconceito que nem lhe expliquei agora. Por que ocorre esse preconceito? Devido a isso, ela: “eu sou japonesa”. É engraçado ela ouvir dizer que amiguinhos dela “chegou”, que eram brasileiros. Fala que é “gaijin”. Que “gaijin” o quê minha filha? Você é brasileira. Não é mamãe. Não é, por quê? Tenho aparência de japonês. Quando a gente fala português, ela queria que a gente fosse japonês. Da melhor maneira possível, ela fala: fala que é japonês! (Anexo A/Sr. Ito).

Continuando:

Isso lá no Japão. Porque lá, ela tinha um certo constrangimento por ser brasileira. Minha filha você é brasileira. Como os amiguinhos nunca estavam com essa aparência... Não só aparência, mas nossos costumes. Tenho uma avó muito rigorosa. Costumes de “Nikkei-jin”, “nissei”. Para a gente falar o japonês era simples. Fácil. (Anexo A/Sr. Ito).

A mãe da criança Goro, a senhora Haru, relata que no Japão teve muitas dificuldades pela aparência do filho, por ser mestiço de brasileiro/japonês. Ela era constantemente questionada pelo seu filho, que se sentia diferente diante das crianças nipônicas em virtude de seus traços físicos. Para a criança, a sua imagem não era inteira, não poderia ser um completo japonês, como se lhe faltasse a sua outra metade.

Tiveram muitas dificuldades, hein? Inclusive já pela aparência do meu filho por ser mestiço. Ele era mestiço. Então, ele se sentia muito complexado por ele não ter olho puxado. Já começou por aí. Ele ficava me perguntando: “Mamãe, por que eu não tenho o olho puxado?” Pra ele, os japoneses eram bonitos e ele era feio. Eu falava para ele: “Nossa meu filho! Você está pensando diferente, porque os japoneses querem ser ocidentais.” Tanto é que lá os homens e as mulheres eles fazem o possível para terem os olhos grandes, o cabelo enrolado. Quer parecer com ele. Eu falei para ele: “Quer parecer com você”, mas ele não aceitava isso. Até hoje ele fala isso, que bonito é o japonês. Que ele é feio. Já começou por aí. Mas tirando essas coisas também, costumes, né? Os costumes dos japoneses, eles são mais frios. Então, principalmente os pais das crianças, a gente sente que a gente nunca vai se igualar a eles. Por mais que você saiba falar japonês, por mais que você tente entrar na sociedade e frequentar, a gente nunca vai ser igual a eles. Eles são sempre superiores a nós, então fica difícil. Eles cultivam isso nas crianças também. Então, por isso começou a criar um certo complexo de inferioridade, onde gerou um pouco de insegurança nele. Percebia isso nele. (Anexo D/Sra. Haru).

A situação vivida pela criança Goro provoca um sofrimento emocional por ser diferente das demais crianças. A nacionalidade brasileira pela criança é vista como sendo a problemática por essa diferença.

Pesquisadora: Como foi esse complexo de inferioridade? Sra. Haru: Ele já começou a falar pela aparência. Ele começava sempre a se achar menos que os outros. Falava: “Fulano-detal é assim, mas eu não consegui”. Ele sempre vinha falando pra mim: “Mamãe eu não vou conseguir! Eu não consigo, porque é difícil.” Ele sempre colocava muitos empecilhos e ele não conseguia. Aí, ele falava até que, “porque eu sou brasileiro”. Eu falava não, né? Que isso não tem nada a ver, todo mundo consegue. Ele falava: “Não, mas é porque sou brasileiro”. Ele colocou isso na cabeça dele. (Anexo D/Sra. Haru).

Apesar de Goro chamar a atenção das crianças japonesas pela diferença física, aguçava entre elas a curiosidade pelo estranho. A criança Goro se afastava das demais crianças japonesas por não ser igual a elas, e ser alvo de brincadeiras maldosas que ele mesmo não aceitava. Nessa citação, relatada pela sua mãe, Goro nega completamente a identidade brasileira.

Os coleguinhas dele no primeiro ano, até queriam chegar e saber mais dele. Só que ele acabava afastando as crianças. As crianças queriam: “Como que é o Brasil? Como se fala isso em português?” Mas ele não queria, ele detestava falar sobre o Brasil. Porque pra ele, ele não quer ser brasileiro, não aceitou o Brasil. Então, ele falava assim: “Eu não sou brasileiro! Eu sou japonês!”, ele falava pra mim. Por ele ter sido criado lá e crescido lá, né? (Anexo D/Sra. Haru).

Continuando:

Pesquisadora: Hoje ele fala que é japonês ou brasileiro? Sra. Haru: Hoje, ele fala que é brasileiro. Ele até fala que é brasileiro. Mas quando você vê esses jogos de “games” que precisam colocar a bandeira do país, ele não coloca a bandeira do Brasil. Você vê que a

bandeira é do Japão. Ele escreve o nome dele em japonês... E a bandeirinha dele é japonesa. Eu falo para ele: “Mas a bandeira do Brasil não é essa, né!” Ele fala: “Mas não. Está bom essa.” Não faz questão de mudar. Quando eu coloco meu nome e coloco a bandeira do Brasil ele fala: “Mãe, por que a mãe colocou essa bandeira?” Eu falo: “Mas a mãe não é japonesa. A mãe é brasileira.” Ele fica meio assim, não fala nada. Quando ele vai jogar ou desenhar assim, ele é japonês. (Anexo D/Sra. Haru).

O contato com a nova realidade brasileira, o deslocamento geográfico e espacial, do Japão para o Brasil traz uma mudança na fala da criança Goro sobre a sua identidade. Portanto, no Japão, queria ser japonês; no Brasil, diz ser brasileiro. Porém, não é o que ele sente quando escolhe a bandeira japonesa no jogo de futebol como sendo o seu país.

8.1.10 Preconceito/Japão

Para o senhor Ito, o preconceito é gerado por falta de conhecimento da cultura do outro. A partir do momento que o imigrante começa a interagir de forma contínua com a cultura do país onde está vivendo, passa a ter uma compreensão cultural entre os diferentes grupos.

[...] a gente pensava que existia um certo preconceito. Não entendia direito a questão do preconceito. Nós somos operários, que coisa chata! Depois que a gente passou a frequentar a escola japonesa, escola pública, “começamos ganhar” a sociedade. Nós que criamos os nossos próprios preconceitos falando que eles são preconceituosos. É uma falta de entender a cultura deles. Você está no local diferente e você tem que “adequar” à cultura deles. Na verdade o homem é assim: como não conhecemos a cultura, fala que é preconceito, preconceito. Não é. É que a gente está fazendo errado. O que rege os costumes, o que rege a educação, a gente não conhecia. Falava que era preconceito. Da escola passamos para biblioteca. Queria deixar de ser operário e pegar um serviço que trabalhava com japoneses. O preconceito estava na gente mesmo, na nossa formação. O que mudou? A partir daí, ela começou a ter contato. Eu também peguei um serviço melhor. Não mais na linha, era no almoxarifado. (Anexo A/Sr. Ito).

O preconceito para a senhora Haru foi sentido de imediato no ambiente escolar. O sentimento que surgiu foi o de exclusão e de desprezo por parte dos pais japoneses, na participação da reunião escolar. Depara-se com o sentimento de “ser invisível” diante do outro, de não poder se fazer presente na condição de imigrante. Justifica que perante a comunidade japonesa os brasileiros “não são bem vistos” na cidade e, em decorrência disso, são discriminados.

Então, os professores, eles mesmos já estavam acostumados a lidar com brasileiros. Apesar dos japoneses serem frios e tudo, o tratamento é igual, né? Eles cumprimentam e tudo. Os

professores em si, eu não senti diferença, né? Eles tratavam as crianças iguais, mas por parte dos pais, que a gente sente essa discriminação. (Anexo D/Sra. Haru).

Continuando:

Pesquisadora: O que você sentiu dos pais japoneses? Sra. Haru: Eles têm. Porque o brasileiro lá no Japão é muito mal visto, né? Já começa pela questão disso. Por causa de poucos que acabam fazendo muitas coisas, acidentes, rouba e isso e aquilo, matam. Então, por causa desses poucos nós somos muito mal vistos. Eles têm medo, têm receio de se aproximar da gente e da gente fazer isso. A cabeça deles ainda é muita fechada. Eles não conhecem muito o Brasil. Então, eles não sabem como que é o país, as pessoas de lá. Então, eles generalizam. Formou essa cabeça, esse pensamento com relação ao brasileiro. Então, é assim. É difícil a gente quebrar isso daí. Só que com a convivência eles sabem que não é bem assim. Na creche não foi tanto. Eu senti mais quando eu coloquei ele na escola. Eu me senti mal. Até pensei: “Será que o meu filho está se sentindo bem?” Porque o primeiro dia que teve a reunião dos pais, eu me senti uma pessoa totalmente diferente. Eles me excluíram assim de uma forma tão visível, que eu me senti mal. Pesquisadora: Como eles te excluíram? Que você sentiu? Sra. Haru: Assim, tem muita coisa que tem participar junto, conversar, né? Eles não perguntaram a minha opinião. Acabou assim: “Ela é brasileira, ela não entende. Pode passar e rodar.” Então, pensei que poderia perguntar e chamar, mas nem isso. Eles decidiram: “É assim, é assim”. Pesquisadora: Qual era o Estado em que vocês estavam e a cidade em que vocês moraram no Japão? Sra. Haru: Estado “Nagano-Ken”, a cidade “Matsumoto-Shi”. Só que eu tava, lá era uma vila. Que acabou virando cidade de “Matsumoto”. Lá o pessoal é muito mais fechado. Tem muito idoso. Então, a cabeça mais fechada ainda deles. Eles não aceitam muitas coisas, né? Tanto é que a gente fala que é brasileiro, tem lugar que eles não dão serviço, né? Por ser brasileiro e fazer muitas coisas erradas. Então, a gente acaba ficando mal visto nisso, né? (Anexo D/ Sra. Haru).

Diante da experiência da discriminação vivida pela senhora Haru na escola japonesa, passa a se questionar sobre o filho Goro na escola. A preocupação da mãe com o filho é se ele está podendo se sentir bem na escola. A criança, ao ser indagada pela mãe, diz que “tudo bem”. Porém, se queixa das crianças japonesas que fazem comparações físicas mostrando que Goro é diferente do japonês nativo.

Mas eu percebia que ele ia para a escola, mas não se sentia muito bem. Ele sempre falava que: “As crianças falam muito do meu cabelo”. Que o cabelo dele é enrolado. “Falavam que eu sou cabelo enrolado. Ficam me chamando de vários nomes”. Comparam que o olho dele é diferente de grande. Então, não tem nada a ver com japonês, e a pele dele é branca e não chega a ser amarela igual os japoneses. Então, ele fala: “Por que que sou assim diferente?” Porque seu pai é brasileiro, diferente. Por isso que você é assim. Mas ele não entendia. Acabava não entendendo. (Anexo D/Sra. Haru).

O trabalhador imigrante é visto como “estranho” perante a sociedade em que vive. A marginalização sofrida pelo imigrante traz mudanças de comportamentos em ambas as culturas. Alguns incidentes de roubos, furtos e homicídios que são praticados pelos imigrantes

acabam, concretamente, alvo de condenação aos olhos dos japoneses. Tudo isso acaba dificultando a aproximação e a formação de vínculos entre ambas as culturas.

A adaptação é a maneira de ajustar-se ao meio onde está vivendo. O processo de adaptação é uma forma de mudança, em que o indivíduo, no contato com o meio, vai se ajustando, acomodando às necessidades do grupo onde passa a morar.

A adaptação é também um ajuste entre as fantasias e a realidade. Tanto os *dekasseguis* chegam ao Japão com uma série de fantasias sobre esse país, como também os japoneses natos possuem uma série de fantasias sobre o Brasil, os brasileiros e os próprios *dekasseguis*. As fantasias nem sempre condizem com a realidade e isso exigirá um ajuste nada fácil, especialmente, quando esbarram em imaginações e idealizações bem estabelecidas.

É comum haver preconceitos de ambas as partes, resistências em se absorverem uns aos outros e vencerem as diferenças. Há um receio mútuo de perda da identidade: os imigrantes temem perderem sua cultura de origem e os nativos temem também terem sua cultura modificada pela presença de “estrangeiros”, mesmo quando esses “estrangeiros” são, como no caso dos *dekasseguis*, descendentes de emigrados do próprio solo.

8.2 Crianças e Adolescentes *Dekasseguis*

8.2.1 Caso Eiko

8.2.1.1 Vivência de desamparo de Eiko com os pais

As crianças acabam percebendo as dificuldades financeiras da família. Fazem comparações entre o país em que viviam e o país onde estão morando atualmente. A criança (e)imigrante percebe que se encontra em outra condição financeira, como Eiko, que se sente com poder aquisitivo abaixo do que tinha quando morava no Japão. A adolescente comenta que falta dinheiro na família, em razão das instalações comerciais dos pais serem novas na cidade e por eles não terem ainda conquistado um espaço nesse setor que pudesse ter um retorno financeiro.

Pesquisadora: Você está indo no Nikkey? Eiko: Eu parei de ir ao Nikkey. Agora, está um pouco com problema, com dinheiro também. Está complicado. Voltamos agora do Japão, o trabalho não dá. O salário não é bom. A gente estava tentando não sair da escola e não sair do Nikkey. Quando acabar esse ano, vai colocar em outra escola. As pessoas não vêm muito. Não acreditam que o salão, não quer fazer festa no nosso salão. Está um pouco complicado. Os salões velhos todo mundo sabe. Dá para acreditar? Nossa loja é novinha. Então é difícil

de entrar os clientes que querem fazer a festa. Pesquisadora: O que pensa de ter que parar com o Nikkey? Eiko: Sinto um pouquinho triste. Tenho que segurar um pouco. Quando era pequena pedia qualquer coisa e eles compravam e agora tenho que ajudar um pouquinho. No ano que vem vai colocar novamente no Nikkey, se conseguir. Pesquisadora: Como é a sua tristeza? Eiko: Que não vou conseguir ver o amigo todos os dias. Tem amiga "Y" brasileira que fala japonês e português. Ela tem 18 anos. "R", de 12 anos, nasceu no Japão e sabe português e japonês. (Anexo B/10ª Entrevista).

A experiência da angústia familiar do imigrante para conseguir seus próprios recursos financeiros para se sustentar na sua terra natal é uma batalha enfrentada diariamente. O sonho de Eiko para ficar com a sua turma no *Nikkey* teve que ser interrompido mais uma vez, por questões financeiras, antes, no Japão, e agora no Brasil. Anteriormente, no Japão, os seus pais tinham o poder aquisitivo de compra, portanto, atualmente, esses pais estão mais empobrecidos, com poucos recursos financeiros, mobilizando em Eiko frustrações e solidariedade com a família.

O sentimento de impotência vivida não somente pelos pais, mas também por Eiko diante da vida, como se o Brasil, a terra que não escolheu para viver lhe apresentasse o outro lado, ou seja, o lado difícil da vida.

Além da família de (e)imigrante ter que lidar com o sustento da casa, existem muitas outras preocupações, que são as dificuldades apresentadas pelas crianças em processo de adaptação/readaptação no país da chegada. A família, quando migra para outro país, encontra-se desestabilizada, desorientada, em estado de confusão emocional, necessitando de ajuda alheia, portanto, vivendo um estado de desamparo emocional.

A despreparação dos pais em relação aos seus filhos fica nítida quando a criança ingressa na escola. O sofrimento emocional passa a ser de ambos, os pais desorientados ficam pressionando para que seus filhos aprendam num ritmo acelerado, sem terem tempo de processar emocionalmente a nova vida, além disso, exigem que as crianças apresentem bons resultados em seus estudos e, porém, a própria criança acaba se sentindo na obrigação de se sobressair em seus estudos. Ambos, pais e filhos, se sentem castrados pela nova e difícil realidade.

O sentimento de culpa dos pais está ligado à tomada de decisão de retorno ao Brasil, por não terem consultado suas filhas e, também, pelo tratamento educacional rígido que têm dado a essas crianças. Os pais, ao perceberem que se trata de uma mudança tão radical e que vem acarretando sofrimentos emocionais na família, se culpam por não terem anulado seus próprios objetivos no Brasil pelas suas filhas. Além dos pais sentirem culpa por tantas experiências dolorosas, as crianças manifestam a sua culpa, por não conseguirem

corresponder às expectativas desses pais em relação à dura e difícil realidade. A culpa surge por não atingirem as médias nas avaliações escolares, portanto, temem a perda desse amor. Entretanto, essas crianças vivem, em suas fantasias, experiências de abandono que acarretam em desamparo emocional. Esses pais e as crianças imigrantes parecem padecer de um sofrimento de “culpa dobrada”.

A escola é uma caixa de ressonância magnética, onde aparecem as dificuldades das crianças. Na sexta série, Eiko recebeu uma ocorrência na disciplina de língua portuguesa, porque fez uma menção de “não” com a cabeça, quando a professora pediu que lesse os verbos. Com a disciplina de matemática recebeu a segunda ocorrência, porque se esqueceu de fazer a tarefa de casa. A forma de calcular a divisão no Japão é diferente da forma brasileira, Eiko enfatiza que sofreu muito para aprender matemática e que chorava muito, porque a sua mãe não conseguia compreendê-la. Argumentava Eiko para com a sua mãe que a divisão do Japão era diferente da divisão do Brasil. Em suas lembranças, traz pensamentos que não havia aprendido a matemática dessa forma: “*Não sei fazer essa coisa*”. A matemática significa “*coisa*”, diante de tantas dificuldades, surge o sentimento de desprezo para com a área de exatas. Afirma: “*Aprendi divisão chorando*” (Anexo B/18ª Entrevista).

O sofrimento de Eiko vai além da escola, portanto, em casa com a sua mãe, a senhora Natsu tentava justificar as suas dificuldades no aprendizado de matemática, portanto, nesse momento se via sozinha e mal entendida pela sua própria mãe, vivendo uma situação de desamparo emocional.

Pesquisadora: Parece-me Eiko que a sua mãe não pode entender que era diferente a forma de divisão do Japão e do Brasil. Eiko: Não! Eu vi na apostila do Japão e mostrei para a minha mãe. Ela entendeu. Foi no ano passado. No quinto ano ficava pensando e a aula acabava. Não vi essa conta. Como posso fazer? O que significa? É menos? É mais? Não perguntava. Pensei: Acho que é uma forma do Brasil. Acho que não é de menos e não mais. Pesquisadora: Parece-me que se sentiu sozinha. Como se não tivesse ninguém para lhe ajudar. Eiko: Sim! Teve um formulário e tive que escrever, eu não entendia o que era “emprego”, só “trabalho”. O sétimo ano era muito difícil. (Anexo B/18ª Entrevista).

Nesse questionário citado acima por Eiko tinha uma pergunta referente ao tipo de raça, que ela deveria responder, portanto, Eiko ficou se imaginando nas cores, amarela, branca e negra. Optou por branca. Ela ri e fala que não sabia. Portanto, sente que mentiu em sua resposta escrita, por não ter conhecimento. Hoje, sabe que sua raça é amarela. Ela cita um exemplo dos degraus de uma escada, classificando-a gradativamente, que se encontra nos primeiros degraus do ensino escolar e os colegas nos degraus acima, e que, a prova está

classificada por Eiko como estando no décimo degrau. Eiko se sente atrasada em relação aos colegas de classe e isso tem consequências no aprendizado e para o seu emocional (Anexo B/18ª Entrevista).

8.2.1.2 Desamparo em relação à língua

O aprendizado da língua portuguesa, para Eiko, vem sendo uma das principais problemáticas na chegada ao Brasil. As crianças que estudaram somente em escolas japonesas, acabaram desenvolvendo a comunicação e a escrita no idioma japonês. No Japão, muitas dessas crianças passaram a se comunicar com os pais na língua japonesa, não fazendo uso da língua portuguesa em família. Além do mais, essas crianças que foram alfabetizadas na língua japonesa alcançaram um nível maior de compreensão do pensamento abstrato japonês, do qual os pais não conseguem acompanhá-las no mesmo nível, porque falta conhecimento do idioma japonês e do pensamento simbólico da língua. Portanto, os pais estão em déficit na compreensão e comunicação da língua japonesa com os próprios filhos, como se não pudessem ter mais livre acesso ao mundo dos seus filhos. Quando essas crianças chegam ao Brasil, se deparam com a dificuldade da língua, além das diferenças culturais encontradas no país. Essas crianças, filhos de *dekasseguis*, passam a se sentir um “estrangeiro” dentro do seu próprio país e, às vezes, dentro do seu próprio ambiente familiar, caindo em um estado de desamparo psíquico.

A menina Eiko tem um jeito japonês de comunicação oral, fala com muitas dificuldades a língua portuguesa. As conjugações verbais da língua portuguesa feitas por ela, muitas vezes, ficam “fora do tempo real”.

A adolescente Eiko, quando questionada sobre a sua dificuldade de adaptação no retorno ao Brasil, não hesita em nos dizer que a língua portuguesa tem sido difícil em sua vida. Sente-se sozinha e atrasada em relação ao desenvolvimento do seu aprendizado escolar.

Hum... Com a palavra em português está um pouquinho difícil. E também não conseguindo ir junto com os meus colegas, eu atrasei um pouquinho. (Anexo B/1ª Entrevista).

As dificuldades do novo idioma são tantas que aparecem logo em seguida na própria entrevista, Eiko não consegue compreender a pergunta formulada pela pesquisadora na citação a seguir:

Pesquisadora: Você poderia me descrever detalhadamente as dificuldades que está sentindo e a que você atribui essas dificuldades? Eiko: O que é atribuí? Pesquisadora: O que acha que é no sentido, por que você está tendo essas dificuldades? Seria isso. Eiko: Porque, hum, ham... Os colegas fala em português e tem algo nas palavras que não sei. Eu me sinto com pouco de dificuldades. Pesquisadora: Por que dessas dificuldades da língua portuguesa? Por que você acha que está com essas dificuldades? Eiko: Porque têm muitas palavras que eu ainda não aprendi e não consigo entender. (Anexo B/1ª Entrevista).

Pesquisadora: Como você lida com essas dificuldades? O que faz para conseguir melhorar? Eiko: O que é lida? Pesquisadora: Lidar é como você faz para conseguir melhorar. Eiko: Pergunto para o meu pai e mãe a irmãzinha que sabe mais português, [...]. Olho um pouquinho no dicionário, pergunto para professora e colegas. Não consigo aprendi muito. Pesquisadora: Por que você acha que não consegue aprender muito? Eiko: Hum. Porque é me acostumei no Japão e eu nunca usei o português no Japão. E acostumei falar japonês e não estou conseguindo aprender muito o português e é difícil. (Anexo B/1ª Entrevista).

Lembrando que no Japão a língua falada pelos pais e as suas filhas era a língua japonesa. O processo se inverte ao chegarem ao Brasil: os pais passam a usar a língua portuguesa na comunicação com as filhas, sabendo que a língua não era do conhecimento delas. Repentinamente, a língua dos pais muda ao migrar para o Brasil. No Japão, pais e filhas falavam a mesma língua, a japonesa, portanto, os pais, ao chegarem ao Brasil, passam a falar a língua estrangeira, a estranha, ou seja, a língua diferente e que não era familiar. Além de Eiko estar vivendo o processo e a elaboração de luto por se separar do Japão, também tem que lidar com a perda da própria língua em família.

Eu com minha irmãzinha falava japonês. Às vezes, ensinava falar português, mas não conseguia aprender escrever, mas minha mãe e meu pai conversava em português e eu não entendia. (Anexo B/1ª Entrevista).

Surge o sentimento nessas crianças de se sentirem “estrangeiras” dentro do seu próprio lar.

Podemos pensar em três situações de perda da língua nesse momento: a mudança de país; o acesso ausente de comunicação na língua japonesa em família; e no novo ambiente.

O desamparo emocional desencadeado pela perda de toda uma representação simbólica e cultural traz à tona o trauma do nascimento. Eiko se vê sozinha e desamparada, não podendo contar com a ajuda dos próprios pais.

As dificuldades da comunicação oral da língua portuguesa que Eiko sente atravessam e acompanham outros territórios familiares. As dificuldades são sentidas de ambas as partes, pelos parentes (tios e primos) e pela criança e/imigrante.

Pesquisadora: Você conseguia falar com a sua tia, tio e primos? Eiko: Tia entendi um pouquinho o japonês. O tio não entende. Só o português. Com o primo só brincava e não falava. Com a prima foi acostumando com o japonês e foi entendendo algumas palavras. (Anexo B/4ª Entrevista).

Paisagem do Sonho

Para tentarmos entender o mundo que Eiko vive, perguntamos para ela em qual língua sonhava e qual era a paisagem dos seus sonhos. Ela tenta fugir da resposta, porém, fomos mais direto na pergunta.

Pesquisadora: A paisagem do seu sonho é do Brasil ou do Japão? Eiko: Às vezes aparece do Japão, dos amigos e dos professores. Às vezes do Brasil. Não sonho muito com o Brasil. Às vezes sonho com paisagem que eu criei também. (Anexo B/6ª Entrevista).

Continuando:

Pesquisadora: Você sonha com mais paisagens do Japão ou do Brasil? Eiko: Com mais paisagens do Japão, porque lembro muito tempo, fica na cabeça. No Brasil, consigo ver a paisagem e eu esqueço, dá para ver de novo. No Japão não dá para ver de novo, acaba sonhando com do Japão.

A criança se depara com o sentimento de “fim”, mesmo que esse “fim” seja por um tempo indeterminado. Menciona que o Japão não dá para encontrá-lo novamente e, por isso, as suas paisagens são japonesas.

Língua do sonho

A língua falada no sonho de Eiko:

Todo japonês [ri]. Quando sonho no Brasil é japonês, não sei o porquê. Nunca sonhei português, nem inglês e língua diferente. Pesquisadora: O que pensa de sonhar na língua japonesa? Eiko: Não sei o porquê eu já acostumei a falar em japonês. No Japão nunca sonhei em português. As pessoas que estão no sonho falam inglês, português e japonês; e eu só falava japonês e eles me entendem. Pesquisadora: Quem falava inglês? Eiko: A professora de inglês do Brasil. Eu não entendia o inglês, mas respondia algumas palavras que eu entendia. Eu respondia o que eu sabia. A professora de inglês respondia em inglês e eu falava com ela em japonês e ela entendia o japonês. (Anexo B/6ª Entrevista).

A adolescente Eiko, mesmo estando vivendo no Brasil, o seu mundo interno é completamente oriental. A paisagem e a língua sonhadas são japonesas. Entretanto, Eiko, em

seu sonho, sente-se compreendida na língua dominante, a japonesa, porém não é o acontece na realidade. Sente-se sem voz e mal interpretada na língua portuguesa e desamparada emocionalmente.

Eiko não consegue fazer a interpretação da língua portuguesa para a japonesa para sanar as curiosidades das crianças brasileiras. Portanto, para isso, ela teria que ter um vocabulário maior e a compreensão do pensamento abstrato. A comunicação entre Eiko e os demais colegas de classe, não ocorre, paralisando-se diante do outro.

No Japão tem coisas gostosas. Roupas que vestia. Eu não conseguia trocar as palavras do Japão para o Brasil. Tem coisas que não tem no Brasil e é difícil de explicar. Exemplo: “DS” “games”²⁷ [São jogos que não tem no Brasil]. (Anexo B/11ª Entrevista).

Tempo de recordações/língua

Nesse dia, as duas irmãs trazem seus álbuns escolares e de alguns lugares ou parques que visitaram no Japão. As duas irmãs usam os dois idiomas, o português e o japonês para se comunicarem uma com a outra. A irmã Letícia intervém falando na língua japonesa na tentativa de ajudar a sua irmã Eiko na compreensão da língua portuguesa. A irmã caçula dá o amparo emocional na língua para Eiko.

No Japão, é costume ser chamado pelo sobrenome da pessoa. Eiko e Letícia não eram chamadas pelo sobrenome japonês e sim pelos seus nomes que é comum no Brasil. As crianças mostram fotos da escola e da sua turma de classe. Trazem também fotos que estão com seus trajes típicos japoneses. Elas chegam para as entrevistas trazendo imagens do seu mundo, usando o voltar atrás na tentativa de elaborar a separação e a perda (Anexo B/13ª Entrevista).

Ao nos encontrarmos pela primeira vez, em 2013, entregamos-lhe uma revista legítima japonesa. A estória em quadrinhos de *Naruto* é relatada por Eiko onde esse se libertou de um monstro interno e se tornou o salvador da pátria. A sua leitura é feita em voz alta e sem titubear.

Pesquisadora: Você teve dificuldade com a leitura japonesa? Eiko: Não tive dificuldade de ler. Pesquisadora: É mais fácil ler o japonês do que o português? Eiko: É muito mais fácil, porque já estou acostumada e sei bastante o japonês. (Anexo B/14ª Entrevista).

²⁷ Games: Jogos eletrônicos (Tradução nossa).

A adolescente diz ter vontade de fazer amizades, porém, tem estudado a língua japonesa nos intervalos da escola.

Pesquisadora: Por que tem que estudar japonês? Eiko: Para não esquecer e não perder para a minha amiga. (Anexo B/14ª Entrevista).

Em sequência, Eiko mostra o desejo de voltar para o Japão e ser professora de língua japonesa.

Quero ir e trabalhar. Ser professora de japonês. Não sei se vou conseguir. Porque se ficar adulta e tímida não vou conseguir dar aula de japonês. (Anexo B/14ª Entrevista).

O esquecimento da língua japonesa traria muitas perdas para Eiko. A língua japonesa, além de representar a mãe-japonesa, também é uma forma de estimular uma integração com as crianças descendentes de japonês e que estudam a língua. Portanto, manter a língua viva é manter o desejo vivo de retorno para o Japão.

Ao perguntar para Eiko o que traria do Japão para o Brasil: “não traria ‘judiação’, porque lá os japoneses judiam com as palavras. Ao contrário, levaria do Brasil para o Japão as suas histórias de vida, as coisas que não têm no Japão e a música brasileira”. Entretanto, só conhece o estilo de música sertaneja que não faz o seu estilo e nem dos japoneses (Anexo B/14ª Entrevista).

As revistas em quadrinhos de histórias japonesas escritas em português, Eiko *não* consegue compreendê-las totalmente:

Pesquisadora: Como foi ler o ‘mangá’ português? Eiko: Consegui entender algumas partes e outras não. Se fosse em japonês entenderia tudo. Pesquisadora: Qual é a parte difícil do português? Eiko: Onde tem que entender o significado. Tem significado igual e muda as palavras. Não consigo entender. O japonês entendo bem melhor. (Anexo B/15ª Entrevista).

De acordo com Eiko, as imagens dos “mangás” brasileiros e japoneses são iguais, porém, menciona que as palavras e a língua são diferentes: “*Eu entendo mais o japonês*” (Anexo B/15ª Entrevista).

Como aluna da escola japonesa tirava notas vermelhas na escrita em “*kanji*” e fez aulas de recuperação até conseguir a média de 6 pontos (Anexo B/15ª Entrevista).

O “kanji” era um pouco difícil de aprender, porque veio da China. Confundia com vários outros “kanjis”. O adulto tem que aprender o “kanji” e dá para entender mais coisas e

palavras. Pesquisadora: Como se sentia no Japão? Eiko: Não tinha medo. Tinha que fazer a recuperação até tirar nota azul. Eu conseguia. Eu fiz duas vezes, estava difícil. (Anexo B/15ª Entrevista).

Apesar de Eiko dominar a língua japonesa, as dificuldades escolares aparecem com o aprendizado da língua na condição de imigrante no Japão.

No Brasil, sente-se como o seu cachorro que ouve o português, mas não entende. As dificuldades no Brasil são maiores do que no Japão. A falta de conhecimento da cultura brasileira, dos hábitos e dos costumes está sendo árduo para Eiko. Por falta de conhecimento da língua portuguesa, não conseguiu entender as diferenças entre os termos masculino e feminino. Ainda se sente confusa e perdida nessa nova vida.

Pesquisadora: Você se sentiu igual ao 'Shiro', ouve o português, mas não sabe. Eiko: Sinto muito! É ruim! Eu não entendi o que estava escrito. Eu sou fiel. O que é fiel? É muito ruim! Se não entender, não dá sentido nada. Se não entender a fala, só fica vendo desenho. Pesquisadora: Parece-me que não pode compreender o sentido completo. Sentindo que compreende as coisas pela metade. Eiko: Uhum. Pesquisadora: No Japão, aconteceu isso? Eiko: Quando estava no Japão entendia, mas não conseguia responder. Estava no infantil. Tinha três ou quatro anos. Pesquisadora: Como fazia? Eiko: Respondia com a cabeça, mãos [gestos]. Pesquisadora: Qual foi mais difícil, o Japão ou o Brasil? Eiko: Quando voltou para o Brasil foi mais difícil. Eu não entendi nada. Os amigos e amigas pediam para trocar para o japonês [os amigos pediam para falar o japonês, traduzir o português para o japonês]. Era difícil fazer, mas fazia. Não gostava, porque tinha que pensar. Só sabia algumas palavras em português. Não sabia as regras, os costumes. Ainda está sendo muito difícil. É mais fácil acostumar com os costumes, um ano. Estava muito tempo no Japão. Não pode tirar os sapatos. Não pode dar descarga no vaso com papel higiênico. Não sabia o banheiro masculino e feminino. Eu entrei no banheiro de homem. Se tem figuras, tudo bem! Foi numa loja. Pensei: "Banheiro de menino." Sabia o que era mulher, menina e menino e homem. Não sabia masculino e feminino. A porta do banheiro é diferente. No Japão quando está ocupado fica vermelho e azul quando está sem ninguém. Já fui devagar na porta e tinha uma pessoa, me assustei. Pesquisadora: Você fala que estranhou muito o Brasil. Você ainda estranha? Eiko: Às vezes, um pouquinho. Quando anda de carro fica barulhento. Fazer coisas que não vi no Japão. (Anexo B/19ª Entrevista).

A língua japonesa é de extrema importância para se vincular ao Brasil. Define a língua japonesa como sendo uma ponte que faz a ligação com a língua portuguesa. Porém, surge a preocupação e o medo de esquecer a sua língua oriental, tendo que estudar para que não caia no esquecimento. Esse medo de perder a própria língua, a língua dominante, nos remete a pensar que Eiko teme perder as suas referências orientais. Parece-nos que é uma maneira de conseguir se integrar, não esquecendo a mãe japonesa, mas se unindo com a mãe brasileira.

Pesquisadora: O que pretende fazer nas férias? Eiko: Nas férias estudar um pouquinho de japonês, que está esquecendo e brincar um pouquinho. Pesquisadora: Parece-me que você tem medo de esquecer a língua japonesa. Eiko: Para mim o japonês é uma ponte que

atravessa a língua portuguesa. Não quero quebrar. Pesquisadora: Como que é essa ponte? Eiko: Para mim, não consigo falar inglês e nem entender, não dá certo. Falta a língua portuguesa e a japonesa. Para aprender a língua portuguesa, tem que usar a língua japonesa. Exemplo: Uma palavra que não sabia, pergunto para a minha mãe e ela traduz. A minha mãe explica em japonês para entender mais fácil o português. Pesquisadora: Você sente que precisa do japonês para entender a língua portuguesa. Eiko: É. Pesquisadora: Quando não sabe a palavra na língua japonesa e nem a portuguesa? Eiko: Se é palavra em japonês, se não entender, fico procurando no dicionário japonês. Em português não consigo. O dicionário explica difícil. Pra mim, não entende. Pesquisadora: Então, você fica sem entender. Eiko: É. (Anexo B/24ª Entrevista).

A busca por respostas imediatas para a compreensão de mundo e nem sempre ser aquilo que condiz com a realidade deixa Eiko confusa e com muitas dúvidas.

Diante dos novos acontecimentos, reafirmo que esses filhos de *dekasseguis* passam a se sentir “estrangeiros” dentro do país que é considerado de origem, o Brasil.

O contato com a nova língua, no Brasil, seu país de origem, é a grande problemática da comunicação entre pais e seu país, nesse novo mundo que até então era desconhecido e tão distante, porém tão próximo.

8.2.1.3 Desamparo no ambiente escolar

A idade da criança imigrante deve ser considerada nesse processo de deslocamento. Lembrando que Eiko havia terminado o terceiro ano na escola japonesa e iniciado o quarto ano no Japão. Ela chega com quase 10 anos de idade no Brasil e ingressa na 4ª série da escola brasileira, alfabetizada na escrita japonesa, portanto, Eiko chega sem conhecimento nenhum do mundo escolar brasileiro. A língua portuguesa é totalmente desconhecida por ela.

Apesar da sua pouca idade como (e)imigrante, Eiko está vivendo outra fase imigratória em sua vida. Atualmente, está com 13 anos de idade, está transitando da infância para a vida adulta, encontra-se na adolescência, crescendo para maturidade. Entre dois mundos, a infância e a puberdade, dentro dessas turbulências da própria fase de adolescência aparecem turbilhões de emoções sem saber qual é o caminho a ser enfrentado nessa longa jornada de transição.

No clube japonês de Marília, a adolescente se sentiu como se estivesse no Japão, amparada emocionalmente pela professora e as demais crianças. Justifica que a língua falada nessa instituição é a japonesa, que se usa pouco a língua portuguesa. A adolescente se sente na sua casa japonesa, onde fala a mesma língua, ou seja, a língua que conhece e é familiar.

É legal, não usa muito o português e elas também “conversa” comigo, não fico vergonha e não fico quietinha. Pesquisadora: Isso no Nikkey? No Nikkey você conversa? Eiko: Uhum. Pesquisadora: Na escola que estuda você tem amigo? Eiko: Tenho pouquinho. Não consigo

ficar muito amiga comum que eu fico no Nikkey. Pesquisadora: No Nikkey já é diferente. Você sente que consegue ter mais amizades no Nikkey. Eiko: Uhum! (Anexo B/1ª Entrevista).

O sentimento de desamparo de Eiko dentro da sala de aula. Na citação abaixo, Eiko diz que “*Eu perguntei pequeno*”, ou seja, ela não teve voz suficiente para falar e ser correspondida e, por isso, não pode ser vista. Entretanto, faltou o olhar do adulto para que não caísse em desamparo emocional.

Pesquisadora: Disse-lhe que se o coleguinha fosse morar no Japão e fosse para a escola japonesa, também não saberia as palavras japonesas. São através das perguntas, ou seja, perguntando que vamos conhecendo. Você viveu alguma situação que não sabia e perguntou ao professor e os colegas riram? Eiko: Eu perguntei pequeno. Pesquisadora: Você falou baixo? Eiko: Não ouviu. (Anexo B/ 2ª Entrevista).

A preocupação com o futuro escolar é manifestado na quarta entrevista de Eiko, pois, ir bem na escola é maneira de garantir um futuro promissor no Brasil.

Pesquisadora: Como que foi na prova? Eiko: Mal. Porque a matéria que está estudando são coisas de células, onde foi criada, nomes, memorizar é muito difícil. Pesquisadora: O que é ir mal à prova? Eiko: Achei que vai tirar nota vermelha na prova. Tem que aprender mais. Se não conseguir recuperar a nota, acho que terei que fazer recuperação. Fico preocupada com o futuro. Pesquisadora: Como assim, preocupada com o futuro? Eiko: Fica de recuperação. Acho que não vou conseguir recuperar a nota. Fico com medo. (Anexo B/4ª Entrevista).

A leitura e a não compreensão da língua portuguesa faz Eiko se desinteressar pelo texto: “*Tem muitas palavras que não entendo. Não gosto. Gosto mais de aventura. Não é desse tipo de livro que gosto*” (Anexo B/5ª Entrevista).

Podemos perceber que Eiko se sente socialmente desajustada e que gostaria de criar a sua própria história de vida, em outro lugar que escolhesse para morar. De certa forma, idealiza um novo lugar para a sua vida. Surge a fantasia de fuga para outro lugar muito melhor que o real.

Pesquisadora: Que tipo de livro você gosta? Eiko: Tipo de livro. A viagem no centro da terra. Faz aventuras. Vai em outro lugar, que gosto. Pesquisadora: Qual seria para você esse outro lugar que gosta? Eiko: O que os homens não “foi”. O centro da terra. O sol. Coisas que ninguém conseguiu fazer [ri]. Fico imaginando dentro, assim. Pesquisadora: Como que é dentro? Eiko: O centro da terra eu imagino, que é um lugar muito lindo, tem árvores com folhas muito lindas, cachoeiras que brilham. Nunca as pessoas imaginam que tem na realidade. (Anexo B/5ª Entrevista).

O choque cultural é intenso no primeiro contato com a escola brasileira. Eiko se depara com uma nova situação, encontra-se em um novo ambiente escolar que é totalmente estranho para ela. Sentiu-se perdida e muito assustada porque não sabia se era uma escola ou biblioteca. Nesse dia, os pais acompanharam Eiko até a porta de entrada da sala de aula.

O que eles estão falando? Será que eles não entendem japonês? Estava pensando. E aqui nesse balão a amiga estava falando coisa que não entendia. (Anexo B/5ª Entrevista).

Continuando:

*Pesquisadora: Quais eram as palavras que sabia? Eiko: Algumas palavras eu entendo. Não sei falar e nem escrever. Não sei perguntar. O que estava falando? Eu respondia: japonesa. Quando perguntavam as palavras japonesas eu respondia. Pesquisadora: Quais eram as palavras? Eiko: Como se fala xícara em japonês? Se no Japão come “sushi”? Se na escola põem sapatos? Pesquisadora: E lá no Japão põe sapato? Eiko: Só sapatos dentro da escola. Chama “*uwa-baki*”²⁸, não é sandália e nem sapato, parece um chinelinho fechado. Pesquisadora: Como que você se sentiu nesse dia? Eiko: Nossa! Um pouquinho! É realmente brasileiro? Estão no Japão? Muito assustada! Eles conseguem falar muitas palavras em brasileiro. Lugar é diferente. A professora parece brava. Senti totalmente diferente. Pesquisadora: Como diferente? Eiko: Que no Japão e no Brasil é diferente. A escola é muito diferente. Estranhava. Não era escola. Pensava que não era escola. Porque usava caneta, usava dentro da escola sapatos, era muito grande a escola. Os professores, amigos e outras pessoas não “era” japonês. O rosto do japonês percebe que é japonês. O rosto do brasileiro parece italiano. Não limpava a escola. A escola acaba antes do almoço aqui. Eu estava pensando se era escola de verdade. Pensava que era outro lugar. Pesquisadora: Que lugar que pensava? Eiko: (Ri). Biblioteca. Até parecia. Acho que é biblioteca. Pesquisadora: Quando foi percebendo que era escola? Eiko: Eu estava usando uniforme e as amigas também. Tinha as aulas que estava assistindo. Tinha prova. Essas coisas. Eu fiquei um pouquinho: escola ou biblioteca? Passava o tempo e eu entendi que era escola. Que a escola normal do Brasil era assim. (Anexo B/5ª Entrevista).*

A percepção das diferenças culturais torna-se mais acentuada no ambiente escolar. Agora, a língua é outra, denominada por ela como a “língua brasileira”. Comenta que os traços físicos dos brasileiros são distintos dos japoneses, percebendo a mudança de imagens entre os povos de culturas distintas. Portanto, Eiko começa a se deparar com novos costumes e hábitos na escola. Muitas dúvidas ficaram vagando pelos seus pensamentos, parecia não ter certeza de nada, diante do choque cultural e do estranhamento de que se tratava de um ambiente escolar.

No primeiro dia fiquei perdida. Quando terminou o lanche, “foi” no banheiro. Eu entrei no banheiro. As amigas foram beber água. Eu estava no banheiro, no primeiro andar. Eu saí do banheiro e não sabia onde estava o bebedouro. Não sabia onde estavam as amigas, mas

²⁸ *Uwa-baki*: Sapatilha que se usa dentro das escolas japonesas (Tradução nossa).

procurei. Eu estudava no segundo andar. Eu procurei no terceiro andar e também no primeiro. Eu não sabia. Eu abria a porta e via o professor e os alunos. Nossa! Tinha esse amigo nessa sala? Até passei na minha sala. Não conseguia achar a minha sala. Pesquisadora: E como achou? Eiko: Eu estava perdida. Uma moça perguntou o que estava acontecendo. Eu respondi: “Perdi”. Ela perguntou: “O que perdeu?” Eu respondi: “Eu.” A professora estava procurando eu. (Anexo B/5ª Entrevista).

O sentimento de não poder encontrar a si mesmo, de ficar realmente perdida no ambiente escolar ocorreu de fato. A busca pelo “eu” de Eiko não termina depois que ela é encontrada pela inspetora de aluna, torna-se uma busca incessante de si encontrar na vida. Este relato acima mostra que Eiko viveu mais uma experiência de desamparo emocional entre tantas outras.

A adolescente Eiko no relato abaixo define o seu sentimento de estranhamento no país:

Aqui é diferente. Assim, ficar um pouquinho com dúvida. Um lugar que nunca vi e nunca fui. Pesquisadora: Onde você se sente estranha? Eiko: Mesa é diferente, mesa, piso parece uma pedra, o clima, o ar é diferente, é quente. Tem pessoas falando línguas diferentes. Tem outras pessoas com rosto que não é Japão. Pesquisadora: Você gosta de vir aqui conversar comigo? Eiko: Sim. Porque a professora [psicóloga] entende o que eu falo. (Anexo B/5ª Entrevista).

Portanto, surge o sentimento de não pertencimento, como se não identificasse ou não reconhecesse o seu “eu” na figura do “outro”.

As principais queixas da adolescente se centralizam na escola. Podemos perceber que a escola também não está ajustada para lidar com as crianças migrantes e, assim, acaba fortalecendo os sintomas de inibição e repressão dessas crianças no ambiente escolar. De certa forma, a escola não deixa de ser uma instituição castradora.

Hoje, a dificuldade está na palavra. Tenho prova de português e inglês e não sei algumas palavras. A professora fala que não pode responder e eu não posso perguntar. Fico com dúvidas. Será que eu consigo? (Anexo B/6ª Entrevista).

Continuando:

Pesquisadora: Você sabe hoje a sua nota de português? Eiko: Hoje não sei. Esqueci. A nota vermelha ficou de língua portuguesa e ciência. Ciência não estava muito ruim. Estou estudando bactérias e eu troco com vírus. Pesquisadora: É a língua que não compreende e fica difícil de compreender o texto? Eiko [Faz uma menção com a cabeça afirmando]: Cai outras palavras, fungos, bactérias, celulares. Eu confundo. Qual era qual? Quando tem a explicação da professora e pergunto: Fungo era o quê? Não consigo. Na apostila o que é fungo, o que é bactéria, eu errei. Troquei. Acho que a explicação era da bactéria e coloquei

no fungo. Fiquei um pouquinho com dúvidas nisso. Pesquisadora: Você pergunta para a professora? Eiko: Às vezes a professora de história fala que pode perguntar algumas palavras. A professora de português não disse para perguntar as palavras. É difícil entender o português. Pesquisadora: Qual seria a solução? Eiko: Não quero que os professores e professoras coloquem as palavras difíceis. As palavras têm milhões. Eu procuro no dicionário e eu não entendo nada. No dicionário está escrito difícil. Procuro e acho mais uma palavra difícil. Fico fazendo isso. Se eu perguntar para a minha mãe, ela responde, mas tem limite. Seu eu perguntar trinta palavras para minha mãe, tem limite, fica brava. Não consigo perguntar muito. Se perguntar para o meu pai também fica bravo. No computador, às vezes não sei trocar a palavra japonês para português. Eu ensino japonês para a minha prima e ela ensina português para mim. Ela digitou isso, não era o que eu queria falar “sussurrar” e a flor não fala baixinho. “Sasayaatteru” (Sentido de estar alegre e reunida). Na internet saiu sussurrando, não é esse o significado. No computador às vezes está errado. Pesquisadora: Você gostaria de compreender melhor o português? Eiko: Não quero que coloca palavra difícil. Minha cabeça confunde. Vou procurando no dicionário e eu esqueço, por procurar muitas palavras. No computador se eu digitar no Google “aspectos” e sair em japonês, falo que entendi. Aí se a tradução estiver errada, acabo aprendendo errado. Por isso não consigo aprender muitas palavras. (Anexo B/6ª Entrevista).

Na escola, nem mãe brasileira e nem mãe japonesa. É assim que se sente Eiko, órfã e sem as duas mães para ampará-la.

Diante da vivência de Eiko, indagamos se ela teve dificuldades que ficaram marcadas em ambas as escolas, a japonesa e a brasileira. Ela responde que não, porém, não poderá estar perto para ver os amigos crescerem e o sentimento de medo de não poder reconhecer mais a fisionomia do que era familiar. O sentimento de estranhar o que era conhecido e de ter que lidar com a separação e perda. Surge o temor de perder suas próprias referências.

Na escola do Japão não fiquei chateada com os amigos e amigas. Fiquei chateada quando fui voltar para o Brasil. Fiquei chateada, se crescer quer me ver. Eu também quero ver. Estou pensando, se conseguir voltar lá no Japão, não vou conseguir ver os amigos. Vão mudar os rostos, altura e o modo com que as pessoas. Na escola do Japão não era quietinha, tinha medo que todos rissem de mim. Pesquisadora: Eles riam de você? Eiko: Quando fazia alguma coisa engraçada. Quando caía no chão, nunca riram de mim. Pesquisadora: O que você falava de engraçado? Eiko: Contava estórias engraçadas de livros de desenhos do Japão. Pesquisadora: Parece-me que todos riam junto com você e não riam de você. Eiko: É. Eu quero ir à faculdade do Japão, não dá para ir agora. Os amigos do Japão, lá tem pessoas que morrem. Não sei se consigo ver. Pesquisadora: Você fala com esses amigos? Eiko: Minha escola não usava internet, porque era a partir do quarto ano. Não tinha e-mail. (Anexo B/9ª Entrevista).

Nessas crianças, podemos perceber a ausência de vínculos com as pessoas que ficaram no Japão. Atualmente, vivemos num mundo globalizado em que a rapidez das informações e das comunicações se propaga na velocidade do tempo e espaço. Portanto, o transnacionalismo parece não correr no mundo dessas crianças.

Escola Japonesa

Pesquisadora: No Japão, qual a disciplina que era a mais difícil? Eiko: Acho que era o “Kokugo”²⁹ que é a língua do país. Tinha “Kanji”. Eu tinha mais dificuldade em “Kanji”. Pesquisadora: Por que tinha dificuldades em “Kanjis”? Eiko: Eu achava difícil. Tinha que decorar para a prova. Na vida inteira tinha que deixar lembrado. A forma de escrever é diferente. Tem iguais e isso é muito difícil. (Anexo B/21ª Entrevista).

Eiko disse-nos que, na escola japonesa, havia uma classe internacional, onde crianças de outros países aprendiam o idioma japonês. O aprendizado do idioma japonês é dado concomitantemente no período de aula. A criança é retirada da sala de aula e, por um período, passa a frequentar a sala internacional. Eiko era uma das crianças que frequentava as aulas de reforço para aprender a língua japonesa. Também diz que não sabia nada em relação ao ano que se encontrava na escola. Não sabia se estava adiantada ou atrasada. Tudo era muito confuso.

Eu estava na quarta série e tinha que fazer várias aulinhas. Fotos, revistas. Eu escolhi ajudar as pessoas. Pegar lixo. Não conseguia ir, porque não conseguia levantar. Dormia. Só fui uma vez. Pesquisadora: Você, Eiko, era uma boa aluna? Eiko: Da primeira até segunda série, sim. Da terceira até a quarta fiquei ruinzinha. Porque na primeira e segunda série tinha medo dos meninos e não conseguia falar as coisas. Porque o menino batia na menina. (Anexo B/13ª Entrevista).

No Japão, Eiko aprendeu a se defender das crianças japonesas e, com isso, também protegia uma menina que era maltratada pelos meninos. Encontrou um jeito de mostrar o seu punho fechado, no sentido de inibir a ação desses meninos. Na escola japonesa recebeu o apelido de “demônio” e depois que se viu no espelho aceitou o apelido, pois viu e sentiu que era um demônio. Esse outro lado, reconhecido como demônio, representa o lado forte de Eiko, a defesa para a vida. Na escola japonesa o comportamento de Eiko é bem diferente da escola brasileira, no Japão sabia se defender, porém, no Brasil usa de defesas primitivas, como se afastar das pessoas, ou seja, usa do isolamento e da esquivas para não se vincular ao outro.

Escola brasileira

Na escola, fiquei chateada, no começo com todo mundo fiquei um pouquinho. O rosto, a língua, a altura era diferente, fiquei com medo. Pesquisadora: Qual era esse medo? Eiko: As pessoas do Japão não falam as palavras, ficam magoadas. No Brasil já ouvi tanto as palavras

²⁹ *Kokugo*: [s] língua japonesa; língua pátria (OHNO, 1989, p. 383).

burra e chata. Pesquisadora: Falaram para você? Eiko: Não. As amigas falam para outras amigas. Fico com medo de ser falada. No Japão falava isso quando a briga era muito terrível. Exemplo: Jogava a cadeira e falava burro, chata e idiota. No Brasil falam brincando essas palavras, não percebem que o outro fica magoado. (Anexo B/9ª Entrevista).

Eiko costuma pensar e se preocupar com o seu futuro. Aparecem as dúvidas se vai conseguir concretizar o seu desejo de retorno para o Japão. Por ser criança, a preocupação ainda permanece pequena e distante da realidade; com o seu crescimento, a preocupação se tornará maior e próxima da nova realidade. Portanto, é nesse período que irá encontrar com o seu próprio tempo, ou seja, o “tempo das suas escolhas” e talvez decidir qual será a sua nova direção.

Pesquisadora: Como está a preocupação, pequena ou grande? Eiko: Está pequena, porque sou criança. Os meus pais são novos. Então, não vou trabalhar ainda. No futuro a dúvida vai ficar maior. Se eu conseguir tirar nota boa na prova de japonês, vou entrar na faculdade com 18 ou 19 anos. (Anexo B/10ª Entrevista).

A língua portuguesa ainda continua sendo difícil para Eiko, como mostra na citação abaixo:

A matéria eu consigo entender mais ou menos. Não consigo entender o que está pedindo na pergunta. Vou procurar no dicionário e não consigo entender. Vou procurando e aí já esqueci a primeira palavra que estava procurando. (Anexo B/10ª Entrevista).

Após três anos morando no Brasil e estudando numa escola brasileira, pergunto-lhe se sente dificuldades.

Um pouquinho. Ainda não consigo entender o exercício. Às vezes, a professora fala e eu não consigo entender. E a minha língua que falo, o português é muito difícil de entender. Pesquisadora: É difícil que o outro lhe entenda? Eiko: Acho que sim. A professora de matemática pediu para cortar o papel e eu cortei “kirigami³⁰” e o papel dobrado “origami”. Eu escrevi um livro, tinha que apresentar o que fez. A minha vez não tive coragem de mostrar para a professora, para entender para os outros. A professora leu, todo mundo da classe ficou com rosto de dúvida. E disse que era difícil de entender. A irmãzinha disse também. Eu pareço tudo com japonês e a irmã com brasileiro. Pesquisadora: A professora pediu que você explicasse? Eiko: Não. Mas conseguiu entender. É difícil de entender um pouquinho. (Anexo B/11ª Entrevista).

³⁰ *Kirigami*: Uma prática artística, como origami, que utiliza como matéria-prima papel cortado (Tradução nossa).

O aprendizado da língua portuguesa e a sua compreensão abstrata continuam sendo as principais queixas de Eiko. Além disso, Eiko acaba percebendo que as outras crianças não conseguem compreendê-la quando lê sua redação, demonstrando dúvidas que ficam estampadas em suas fisionomias.

Na escola, na hora do intervalo para o lanche, Eiko às vezes procura a companhia da irmã menor ou da prima de 16 anos de idade. Não procura vincular-se a outras crianças. Explica que não gosta do sol do Brasil por ser muito quente. A adolescente parece caminhar pelas sombras, se escondendo do brilho do sol.

Às vezes, elas têm coisas para fazer e eu não quero ir. Às vezes tenho que estudar. Às vezes não quero sair lá fora, não gosto do sol, que é muito forte para mim. No Japão é fraquinho, aqui parece um deserto e acabo ficando com minha irmã e a prima. Eu fico me escondendo do sol. Fico resmungando um pouquinho. (Anexo B/11ª Entrevista).

Intervalos na escola

A vivência de ser abandonada é sentida por Eiko dentro da própria escola. Sente-se sozinha e desamparada emocionalmente, reforçando em Eiko um sentimento de desistência em vincular-se ao outro. O processo de adaptação à vida escolar de Eiko tem sido longo e demorado, desencadeando sofrimentos emocionais em sua vida.

Teve uma vez que pedi para amiga lanchar junto comigo e elas me deixaram. Fui ao banheiro e me esqueci de perguntar onde elas iam comer. Eu não consegui encontrá-las. Procurei por alguns minutos. O horário estava passando e lanchei sozinha. Voltei para sala de aula e pedi desculpas para as amigas. Elas também me pediram desculpas, porque não me disseram onde iriam comer. Pesquisadora: Hoje, você lanchou com quem? Eiko: Hoje fiquei sozinha. Às vezes eu fico sozinha para ir à biblioteca e ficar desenhando. Pesquisadora: Você conseguiu lanchar alguma vez com essas amigas? Eiko: Sim. Eu gostei, mas quando estava lanchando os meninos vieram e não tinha lugar para sentar, tive que mudar de lugar. Perto do banheiro onde tinha um cantinho. Pesquisadora: Você ficou sozinha nesse cantinho? Eiko: Não. As amigas também mudaram. Pesquisadora: Parece-me que não gostou de mudar de lugar? Eiko: Não. Tinha sombra e ventava mais no lugar. (Anexo B/12ª Entrevista).

As dificuldades de se vincular ao outro ficam nítidas na escola. O estado de congelamento de Eiko é como se tivesse parado no tempo passado e não conseguisse sair mais desse estado. Emocionalmente, Eiko deseja até arriscar e sair desse estado, porém, o corpo permanece uma estátua de forma enrijecida, Eiko não está podendo viver por inteira, encontra-se dividida entre dois mundos, Brasil e Japão. Analisando psicanaliticamente, o lado estátua, o que fica congelado é o seu lado morto, que evita sentir, que nega a nova realidade.

O outro lado, mais enfraquecido, é o que representa a vida, está completamente negado na vida de Eiko. Os colegas de classe até tentam se aproximar da amiga que voltou do Japão, mas eles não conseguem alcançá-la. Nessa citação abaixo fica claro que Eiko se sente sozinha e desamparada emocionalmente. Será que Eiko vai conseguir se adaptar ao Brasil? Os colegas de classe tentam inseri-la no contexto social, porém, Eiko não se identifica com a turma.

É um pouquinho difícil. A minha aparência na escola é silenciosa e gelada com todo mundo. Pesquisadora: O que é aparência silenciosa? Eiko: Não fala muito. Muito baixinho. Pesquisadora: E aparência gelada? Eiko: Exemplo: As pessoas falam: Vamos brincar? Eu falo não. Não quer mesmo? Não. É gelado com as pessoas. Não quer brincar muito. Pesquisadora: Você tem vontade de brincar quando te convidam? Eiko: Tenho! Não gosto de brincar. Pesquisadora: Parece-me que já fica indisposta a não ir brincar. Eiko: Sim! Eu gosto de desenhar, do que movimentar o corpo e a cabeça. Fico desenhando. Pesquisadora: Deve ser triste ficar sozinha. Eiko: É, mas quando estou desenhando a atenção está toda no desenho. Então, o professor entra na sala e não vejo. Dou atenção aos desenhos. Não consigo ficar ligada a outras coisas. Pesquisadora: Parece-me que fica distante daqui. Como se não estivesse no Brasil. Distante. Eiko: Está longe o que eu penso dos sentimentos dos outros. Meus sentimentos no Japão e os sentimentos dos colegas no Brasil. Quando eles vêm conversar diminui um metro. Eles ficam berrando para alcançar os meus sentimentos. Pesquisadora: Parece-me que eles querem você perto deles. Eiko: Eu não fico ligando. Fico no cantinho da sala. Pesquisadora: Deve ser difícil não se permitir fazer contato com o outro. Eiko: Parece que sim! Na aula de reforço de português me chamou para ir à lousa. A vontade “querer ir”, mas o corpo não quer ir, não quer mover. Pesquisadora: Ficou dividida. Eiko: Todo dia é assim. Penso: “Vou me esforçar.” O corpo fica parado. Não consegue mover. Pesquisadora: Você já tentou ajudar o corpo a se mover? Eiko: Já tentei! Fui ao meio do caminho e voltei. Pesquisadora: Qual é o sentimento que aparece aí? Eiko: Quero mudar um pouquinho. Ainda está igual quando veio no Brasil, mas o corpo acostumou. Não quer acreditar de verdade. Já acostumou com pessoas do Japão, cultura e língua. O corpo sente mais do que sentimento, não quer fazer mexer. Pesquisadora: Lá no Japão era diferente? Eiko: Era bem diferente no Japão. Estou brincando e conversando com os amigos. Estou sozinha no Brasil. Estou juntos com os amigos no Japão. Quando começava a aula todos prestavam atenção. No Brasil berram. Não prestam atenção, então é difícil um pouquinho. Pesquisadora: Quando você olha e vê que está no Brasil, como que é? Eiko: Já conversei com a mãe. O meu sentimento e corpo não quer acertar isso. Estou sentindo que estou no Brasil. O sentimento de verdade, não quer acertar. Está muito difícil. (Anexo B/17ª Entrevista).

Na escola, apresenta uma “fisionomia séria”, ou seja, uma “fisionomia fechada” como se ficasse o tempo todo na defensiva para não se vincular ao outro. Portanto, diz que é porque não está nem muito feliz e nem triste. Mostra preocupações com as avaliações de geografia, porque não conseguiu memorizar. Apresenta dificuldades em conjugar os tempos verbais e não consegue escrever corretamente a língua inglesa.

Eiko: Fico muito feliz! Acho que até chorar. Fico feliz! Pesquisadora: O que você imagina? Eiko: Vou voltar aonde nasci e cresci. Acho que consigo encontrar com amigos e amigas. Brincar de novo nos lugares. Falar o japonês. Fico muito feliz! Pesquisadora: Você fica sentindo que está lá no Japão? Eiko: É! (Anexo B/17ª Entrevista).

Ela reprovou a quarta série do ensino fundamental na escola brasileira, parecia não ser importante para Eiko, pois desconhecia o significado da palavra “reprovar”, ou seja, não sabia o que era uma “reprova”, dizendo que não manifestou nenhum sentimento e que no momento não considerava importante essa situação (Anexo B/20ª Entrevista).

Eu estou aprendendo e esquecendo coisas que aprendi no 6º e 7º ano. Estou esquecendo. Pesquisadora: Por quê? Eiko: Se eu aprender coisas novas, esqueço que aprendi no passado. [Eiko retira o seu jogo eletrônico da sacola e nos ensina a brincar]. (Anexo B/21ª Entrevista).

Para Eiko, o aprendizado no Brasil é sentido como uma ameaça para as suas referências. De forma que aprender a nova cultura poderá ser sentida como o “esquecimento” e a “perda” do velho mundo japonês. Como se não aprender fosse a maneira que encontrou de manter o Japão vivo dentro de si.

8.2.1.4 Filhos de *dekasseguis*: brasileiros ou japoneses?

A identidade é um assunto complexo e muito discutido pelos pesquisadores. Especialmente, quando se trata da identidade dessas crianças imigrantes, já que Eiko nasceu no Japão, porém, não é japonesa nata. A adolescente estudou em escolas japonesas e conviveu com a cultura desse país.

Logo na citação abaixo, ao ser questionada sobre a sua identidade, mostra-nos dúvidas como se não pudesse pertencer a nenhum país, portanto não tendo uma resposta pronta.

Hum, acho que nenhum dos dois, no Japão também as minhas amigas e meus amigos ficavam falando que eu era brasileiro e no Brasil falava que eu era japonês, e não conseguiu do qual sou brasileiro ou japonês. (Anexo B/ 1ª Entrevista).

Essas filhas de *dekasseguis* são crianças que têm a experiência de viver em duas culturas, são consideradas híbridas. Surge em Eiko o sentimento de ambivalência, de ficar no Brasil, mas também de construir o futuro próximo no Japão.

Que é intenção? Pesquisadora: Vontade. Qual a sua vontade? Eiko: Quero ir no Japão fazer outras coisas, fazer minha faculdade, mas também quero ficar no Brasil e fazer o [Nome do comércio dos pais], meu pai e mãe vai [Nome do comércio dos pais], porque fica velho no [Nome do comércio dos pais], então também quero ficar no Brasil e no Japão. (Anexo B/1ª Entrevista).

Logo no primeiro dia de escola, Eiko é apresentada à classe pela sua nova professora, como sendo japonesa. Os alunos questionavam Eiko sobre a sua identidade, perguntando-lhe se era chinesa ou japonesa. Ela mesma responde dizendo que é japonesa.

A professora falou “Nova aluna é japonesa, vai estudar aqui.” Todo mundo fez: “Oooo...” Todo mundo veio, começou a conversar. Pesquisadora: O que eles conversavam? Eiko: Se é japonesa ou chinesa? Pesquisadora: O que disse? Eiko: Era japonesa. Era difícil de usar um pouquinho o brasileiro. (Anexo B/5ª Entrevista).

A identidade surge na questão da consanguinidade, diante do sentimento de impotência de Eiko que aparece diante das dificuldades escolares. Destacando que o seu sangue também é “brasileiro”.

Gosto. Às vezes fico chateada e triste. Por que colega consegue e eu não. Eu também sangue de brasileiro. Por que eles conseguem fazer essas coisas e fico chateada e triste. Pesquisadora: O que você gostaria de conseguir? Eiko: Conversar mais. Eu não quero ser tímida. Quero mais amigos e amigas. Pesquisadora: Você acha que a timidez lhe atrapalha em alguma coisa? Eiko: Sim. Quando pede para ler, não consigo. Os colegas vão rir de mim. Fico tímida e acabo não lendo. (Anexo B/5ª Entrevista).

Em outra citação, a adolescente justifica as suas diferenças culturais, a sua identidade, dizendo que é inteira japonesa e a que sua irmã é brasileira.

Quando era pequena no Japão era igual, até três anos. Depois que subi um pouquinho ficou diferente. Ela, a Letícia, estudou coisas de Deuses. O Japão não acredita em Jesus, mas os brasileiros acreditam. Eu fiquei parecida com o japonês. Quando escrevo a letra e a irmã, fica muito diferente. A letra fica muito redonda. Pesquisadora: Cada pessoa tem a sua forma de escrever. Eiko: Hum? Forma? Pesquisadora: O jeito de escrever. Eiko: Mas eu gosto da minha letra. Porque as professoras falam que a minha letra é bonita. (Anexo B/11ª Entrevista).

Ao ver uma foto da cidade de Bastos, de quando esteve no Brasil pela primeira vez, enfatiza que conseguiu se sentir brasileira pela condição de lugar. Entretanto, não conseguiu lembrar por inteira, como se faltasse uma parte de si mesma.

Fiquei um pouquinho feliz vendo a foto. Vendo a foto eu consegui sentir que era brasileira também. Pesquisadora: Como é a foto? Eiko: Por exemplo: Eu morava em Bastos. Tinha museu, ossos de dinossauros. Lembrava quando via a foto. Só parte da foto que lembrava do Brasil. Outros não consegue lembrar. (Anexo B/11ª Entrevista).

O Japão e o Brasil já tinham enfrentado uma partida de futebol em terras brasileiras. O jogo foi no domingo, dia 23 de junho de 2013, na Copa das Confederações. Eiko não assistiu à partida, alegando que não tem sinal de TV em sua casa e que ficou brincando com seus jogos e lendo revistas japonesas. Questionamos Eiko sobre para qual time torceria para ganhar a partida. Ela nos responde: “*Se torcer, quer torcer no Japão*” (Anexo B/23ª Entrevista).

Pesquisadora: Por que torce para o Japão? Eiko: Porque é meu país. Pesquisadora: O Brasil ganhou de 3 a 0 contra o Japão. Eiko: Eu acho o Brasil forte. Pesquisadora: Quem você acha que vai ganhar, Brasil ou Japão? Eiko: Acho que Japão. Eu acho 30% de vencer. O Japão também ficou forte. Se perdeu do Brasil, acho um pouquinho fraco. (Anexo B/23ª Entrevista).

Afirma que o Japão é o seu país e que se fortaleceu, porém, se o Japão perder a partida contra o Brasil é porque está enfraquecido. O lado japonês de Eiko é o lado dominante, mesmo que não sobressaia como vencedor.

8.2.1.5 Filhos de dekasseguis: o difícil retorno

A adolescente Eiko sente-se curiosa por querer conhecer o lugar onde passou parte da sua primeira infância, mesmo misturada com sentimentos de tristeza. Agora era sua segunda viagem ao Brasil, sem previsão de retorno ao Japão. Lugar onde a adolescente Eiko havia estado pela primeira vez, aos seis meses de vida e morado por quase dois anos e meio no Brasil, antes de retornar ao Japão.

Essa segunda viagem não é simplesmente uma mudança para o Brasil. É uma despedida do mundo oriental, mesmo que seja por um tempo indeterminado.

Fiquei um pouquinho triste, mas eu também queria vir no Brasil, porque queria conhecer. Estava pensando quando era pequena, ouvi onde que eu fiquei, quando era fica no Brasil [sussurrou as últimas palavras]. (Anexo B/1ª Entrevista).

Continuando:

Não queria sair da escola, porque tinha amigas e amigos, professoras e professores que eu gostava e tinha minhas primas, tias e tios e avós. (Anexo B/1ª Entrevista).

A criança ao imigrar para outro país sente falta do ambiente social que fazia parte da sua convivência. A separação do país, da escola e dos amigos, é sentido pela criança como duras perdas que terá que lidar quando migra de um lugar para outro. O sentimento de tristeza é a representação simbólica do luto.

A criança Eiko relata que foi consultada sobre o retorno ao Brasil, mas a decisão foi dos pais, conforme diz abaixo:

Fui, mas tinha que vir, não tinha jeito. Eu também queria conhecer o Brasil. Porque o Brasil, na minha memória, não consigo lembrar nada. Só vendo a foto que consigo entender que estava aqui. (Anexo B/11ª Entrevista).

A primeira vez que Eiko ouviu a mãe dizer que iria voltar para o Brasil estava na primeira série e que quando chegasse na sexta série do ensino fundamental iria retornar para o Brasil. Argumenta que faltava um mês antes da viagem de partida para o Brasil, quando ouviu de verdade a decisão tomada pelo pai de ir embora para o Brasil. Na época, estava no início da quarta série no Japão, até então, não sabia. A princípio Eiko se sentiu feliz, queria ver o Brasil novamente. Porém, sentiu saudades ao deixar os amigos.

Pensei que fosse morar no Brasil e depois voltar para o Japão. Eiko percebe que não poderá voltar ao Japão após um ano estando morando no Brasil. Que não pensou sobre o que os pais vieram fazer no Brasil. Pesquisadora: Por que pensou que fosse retornar para o Japão? Eiko: Eu acho o Japão minha casa. (Anexo B/20ª Entrevista).

Continuando:

Pesquisadora: Como considera o Brasil? Eiko: Um país diferente. A adolescente diz que pensou que as cidades brasileiras fossem mais bonitas que as cidades japonesas. Viu ruas sujas e feias. Porém, gosta da natureza do Brasil, do arco íris que só viu uma vez no Japão, neblina, cachoeiras, etc... (Anexo B/20ª Entrevista).

Essa mudança tão radical de retornar para o Brasil, não deve ter ficado bem esclarecida para Eiko. Para ela, o Brasil é o país de destino e o Japão o país de origem. Continua idealizando o Japão, como um país bom e desvalorizando o Brasil se interessando pelo mundo selvagem da natureza brasileira.

Quando Eiko chegou ao Brasil, logo no primeiro dia, teve dificuldades para dormir, lembrando que o Japão e o Brasil têm doze horas de diferença por causa do fuso horário. Eiko se depara com o sentimento de estranhamento do tempo e do espaço. Além disso, os hábitos e costumes brasileiros são distintos da cultura japonesa.

Depois “foi” em casa e dormi. Dormi rapidinho. Estava com sono. Era outro lugar. A gente dorme a primeira vez. Não consegui dormir até chegar amanhã. Eu e a irmã estávamos brincando no corredor de desenhar. No avião dão presentes só para crianças e estávamos vendo e outras coisas. Pesquisadora: Porque não conseguiu dormir? Eiko: O ar é diferente. O

lugar que no Japão dormia era deixar o colchão no chão e dorme. Nunca dorme na cama. Fiquei um pouquinho estranha e não consegui dormir. Pesquisadora: O que mais sentiu diferente no Brasil? Eiko: Muito grande. Em casa entrava com sapatos. Tinha o banheiro não podia dar descarga com papel higiênico, no Japão podia. (Anexo B/4ª Entrevista).

Na sétima entrevista Eiko traz duas músicas japonesas, uma música fala sobre o tempo e os sonhos para o futuro, e a outra música retrata sobre os desejos que gostaria de realizar. Outro mecanismo de defesa que aparece nessa citação é a cisão, pois o Brasil e o Japão não podem ser misturados, ou seja, não podem ser integrados.

Eu não queria misturar assim. Eu gosto de separar. Se eu copiei no Japão, é no Japão. Não posso misturar com do Brasil. Igual o “origami”³¹ [pássaro de papel] que vem tudo misturado e tem que separar. Não quero misturar. Igual à comida do Japão é toda separado. Pesquisadora: Por que não poderia estar juntando? Eiko: Porque se juntar, não sei. Alguma coisa dentro de mim fala: “Separa, separa essa coisa.” Então separo. (Anexo B/7ª Entrevista).

A fantasia que Eiko trazia sobre o Brasil era de uma época muito primitiva. É a mesma noção que os japoneses têm do Brasil. Para os japoneses, o Brasil se resume na cidade de São Paulo, Rio de Janeiro e Amazonas. Subentende que o Brasil todo se compõe de apenas três estados.

Nessa viagem para o Brasil, Eiko voltaria ao estado mental primitivo e faria um novo nascimento.

Índios, desertos, índios pelados e que comem bichos. Os japoneses ficavam falando e tinham uma foto também. Eu pensei que fosse assim. Vi uma foto de Cristo. Nossa! Homem branco que está grande! Está morando lá. Pensei que tivesse o dourado e o rosa em outras cidades. Acho que tem no Amazonas, é um lugar muito conhecido em outros países. Foi melhor quando chegou. (Anexo B/10ª Entrevista).

Continuando:

As pessoas que voltam para o Brasil, a gente gosta do Japão. O Brasil era muito quente, falava língua diferente. Eu ficava resmungando essas coisas. Se passar muitos anos no Brasil acaba gostando um pouquinho (Anexo B/10ª Entrevista).

³¹ *Origami*: Dobradura (f) (HINATA, 1998, p. 338).

O contato com a pesquisadora

Eu achei muito bom. Porque eu não conversava com os brasileiros. Melhorei um pouquinho. O que eu não consigo conversar, converso com a Cizina. Eu acho legal também aqui. Porque eu não conversava com os brasileiros, tinha um pouquinho de vergonha de errar a palavra. Tinha vergonha de falar a palavra: O que eu faço? Como eu explico essa palavra? Eu pensava tudo na cabeça em japonês eu trocava em português. Quando não consigo trocar uma palavra, não consigo responder. Exemplo: a palavra japonesa “hottikisu³²” significa prendedor de folha. Eu não conseguia trocar essa palavra. Não respondi a pergunta que a amiga deu. (Anexo B/11ª Entrevista).

Continuando:

Pesquisadora: Você gostou de mudar do Japão para o Brasil? Eiko: Ainda um pouco de saudades do Japão também. No Brasil também tem coisas legais, mas acho bom ter mudado para o Brasil também. Pesquisadora: Quais as saudades que sente do Japão? Eiko: Ainda o meu tio está lá. O pai do meu primo. Estou preocupada um pouquinho. No Japão acho que vai vir um “tsunami³³” de novo. Eu quero ver os amigos e as amigas. Esse “tsunami” é muito grande e faz tempo que não vem. Se vir o Japão pode sumir. Tenho medo, um pouquinho. Meu avô disse que o Japão está gastando muito dinheiro. As pessoas estão viajando para onde quer. Não sabe quando vão vir. Antes de morrer querem comprar as coisas e viajar. Têm muitas pessoas assim. (Anexo B/12ª Entrevista).

Questionamos Eiko se quando viu o seu álbum de fotos, recordou o Japão. O que sentiu? O que pensou?

Quero ir de novo ao Japão. Eu quero ir brincar. Tirar fotos. Quero comprar para o meu pai e mãe. Exemplo: Disney, comer... Ainda quero. Quero ver meus amigos. Brincar no parque de diversão. No futuro ir à faculdade do Japão. Pesquisadora: Parece-me que sonha muito com o Japão. Eiko: Sim. Pesquisadora: Como você se imagina lá? Eiko: Que o Japão está mais lindo, mais desenvolvido, mais alegre, feliz, assim. (Anexo B/13ª Entrevista).

Continuando:

Pesquisadora: E aqui no Brasil, como está? Eiko: Está um pouco difícil de falar a verdade. O sentido verdade para as pessoas. Tenho um pouco, já me acostumei no Japão. No Brasil têm coisas, costumes diferentes. Não consigo me acostumar muito com os costumes e a cultura. Não consigo ficar muito alegre. Pesquisadora: Por que está falando que está difícil de dizer a verdade? Eiko: Minha personalidade tem bastante e igual eu. Fácil de falar e comunicar, mais do que no Brasil. No Brasil a personalidade é diferente das personalidades das pessoas. É difícil falar, não consigo muito. Pesquisadora: Por que não consegue ficar muito alegre? Eiko: Algumas vezes trago notas vermelhas. A minha mãe não fica muito brava. Fico um pouco triste. Não consigo falar a verdade para amigas e amigos. Pesquisadora: Do que você

³² *Hottikisu*: Grampeador (apropriação de *hotkeys*) (Tradução nossa).

³³ *Tsunami*: Maremoto (Tradução nossa).

tem medo? Eiko: As minhas ideias são diferentes dos brasileiros. Eu tenho medo. Tenho medo de falar dessa ideia esquisita. Tenho medo de passar que os japoneses têm ideias esquisitas. Então, não falo. Pesquisadora: Você se sente muito sozinha? Eiko: Não sinto, mas às vezes sim. Pesquisadora: Dê um exemplo dessa ideia esquisita? Eiko: Agora, tem um trabalho de “ensino religião”. Não sabe de Japão e nem japonês. Eu queria falar várias coisas. Pesquisadora: Quais são as coisas que gostaria de falar? Eiko: Se fazer assim, não fica bom. Se achar esquisito, fico um pouquinho triste e não fico falando. Pesquisadora: Parece-me que tem receio de não ser compreendida. Eiko: É. Pesquisadora: Gostaria que as pessoas lhe compreendessem. Eiko: Fico um pouquinho triste. Pesquisadora: Você consegue compreender todo mundo? Eiko: Às vezes. Quando eu não gosto, não. Pesquisadora: Como seria no Japão? Você seria compreendida? Eiko: Acho que sim. A gente usa ideia dos outros. Usa de todo mundo. A gente vai indo e consegue fazer. Pesquisadora: No Japão, você sente que todo mundo pode ajudar a todos. No Brasil você se sente sozinha. Eiko: É. (Anexo B/13ª Entrevista).

Nesses cadernos trazidos por Eiko estão suas produções artísticas, são os seus desenhos. Conta-nos que fez os desenhos aqui no Brasil. Alguns desses desenhos ela mesma criou e outros são baixados na internet e assim, olha os desenhos e faz os seus traçados. Ela é uma garota muito crítica, quando os desenhos não ficam do jeito que deseja, diz redesenhá-los. Percebemos a perfeição dos traços, a expressão marcante nos olhos dessas figuras que parecem mostrar os sentimentos, muitas vezes de alegria como de tristeza, preocupação e raiva. A clareza e a leveza dos seus traçados fazem reconhecer que Eiko já é uma grande artista. A maioria dos seus desenhos é de rostos de pessoas, que parece falar, ou seja, ter voz.

Por meio das projeções dos desenhos trazidos por Eiko pudemos perceber que ela trava uma grande luta em sua vida, a batalha para vencer na escola e na vida. Aparecem sentimentos de impotência e de tristeza ao não conseguir atingir a média na escola.

Pesquisadora: Você sente que está lutando sozinha? Eiko: Não sinto muito. Um pouco. Pesquisadora: Como é esse pouco? Eiko: Contra as provas e os exercícios também. Pesquisadora: Parece-me que essa luta é difícil. Você sente que está conseguindo? Eiko: Mais ou menos. Às vezes sou derrotada também. Pesquisadora: O que é derrotada? Eiko: Quando tem prova e tirar nota vermelha. Sou derrotada. Pesquisadora: Como você fica? Eiko: Fico um pouquinho triste. Como fala...? Não é consigo. Pesquisadora: Tentar? Eiko: Sim. Pesquisadora: Quando você tenta, consegue ou não? Eiko: Quando tento, percebo que não consigo. Não quero desistir. Pesquisadora: Você já desistiu alguma vez? Eiko: Quando tenta, tenta e tenta. Não consigo e desisto. Se crescer mais um pouquinho, volta e faz. Às vezes no mesmo dia. Às vezes demora um ano. Pesquisadora: Parece-me que precisa de um tempo para poder aprender. (Anexo B/16ª Entrevista).

Eiko sorri e afirma que necessita de um tempo para o desenvolvimento do seu aprendizado. Num outro desenho a figura expressa o desejo de vencer. Ao questionarmos sobre o seu sentimento de querer vencer também, diz sim e que não deseja perder as coisas como as provas e as amizades. Expressa o desejo de vencer nos estudos e na vida.

Muitas fantasias acabam surgindo no mundo interno de quem está partindo para outro lugar. O tempo da despedida é de extrema importância para a criança imigrante, assim, permite a elaboração de um luto mais saudável, sem agravar mais ainda o seu estado emocional. A despedida da escola e dos amigos de classe pôde ser feita por Eiko.

Pesquisadora: Quando saiu do Japão, você despediu dos seus amigos? Eiko: Os amigos não foram até o aeroporto. Na escola abriram uma festa de despedida. Eles mandaram mensagens, fez joguinhos e eu dei joguinhos. Pesquisadora: O que falavam as mensagens? Eiko: Era legal ficar com você. Você era gentil também. É coisas boas e de verdade que estava falando. Mas também não sei se sou gentil e bonzinho. Pesquisadora: Por quê? Eiko: Têm pessoas que só vê o lado bom e lado ruim. É difícil só acreditar do lado do bem. Muda muito fácil e pode ser mentira. É difícil de acreditar. Se o outro falar e ainda acredita. Se eu falo é difícil acreditar. Pesquisadora: Por que não pode acreditar nas suas coisas boas? Eiko: Ainda quero acreditar. Se o lado bom faz o bem para outras pessoas. Não sei se esse lado é bom ou mau. Pesquisadora: O que é bom? O que é lado ruim? Eiko: Ajudar as pessoas. O lado ruim é ficar falando mal dos outros. Judiar dos outros. Não obedecer a mãe e o pai. Pesquisadora: Parece-me que fica em dúvida qual é o lado que você tem. Eiko: Uma pessoa tem o lado ruim e o bom também. Pesquisadora: Você tem os dois lados. Eiko: Sim! (Anexo B/17ª Entrevista).

No site de redes sociais, em abril desse ano de 2013, Eiko resolveu ter o seu próprio endereço. Ela conheceu um adolescente no *Nikkey*, ele é descendente de japonês. No *Facebook*, não é nada tímida, envia mensagens, exige resposta do outro e se não obtiver uma resposta, ameaça-o com um soco, como fazia no Japão. Portanto, até nas redes sociais vive um desamparo emocional, faz tentativas para criar vínculos e não consegue, não é respondida, como se não conseguisse fazer ligação com outra pessoa.

Eiko: Você está bem? Responde alguma coisa! Se não responder, vou entrar no meio do seu “Facebook” e vou aprontar. Se eu encontrar com você vou te dar um chute. Ele falou para a amiga. Ele disse que não quer encontrar Eiko. Se eu encontrar com Eiko ela disse que vai me matar. Pesquisadora: Parece-me que você espera uma resposta dele. Eiko: Hum Hum. Pesquisadora: Vocês vivem como o gato e o rato. Quem é o gato dessa estória? Eiko: Ele é o rato. Ele é mais inteligente de português. Eu sou inteligente de japonês. O gato tenta pegar o rato, mas o rato está com o cachorro e não consegue. Pesquisadora: Eiko parece-me que pegou uma pessoa para conversar com você, que não fala. Eiko: Ele fez o pedido para o “Facebook”. Eu fico um pouquinho brava no computador. Parece que estou conversando sozinha. Parece que estou conversando eu mesma e por isso fica brava. Pesquisadora: Qual a sensação de conversar com você mesma? Eiko: É um pouquinho esquisita. Parece que estou conversando com eu. (Anexo B/19ª Entrevista).

Em casa tem conversado com o cachorro de estimação. Para Eiko o cachorro é como se fosse uma pessoa e ele entende mais o japonês do que o português, porque desde pequeno só ouviu o japonês e não sabe o português. Eiko projeta no cachorro os seus sentimentos de

impotência e as dificuldades de adaptação à língua “*Eu fico conversando com o cachorro. Oi “Shiro”! Você está bonitinho! Mas eu não entendo as palavras dos cachorros!*” (Anexo B/19ª Entrevista).

As comparações entre os dois países continuam sendo feitas pelas crianças imigrantes, mesmo com o passar do tempo. Eiko descobre que no teto da sua casa tem várias teias de aranha que ficam no alto do corredor, porém, não gosta de aranhas e pequenos insetos. Ela diz que está acostumando mais com a casa, apesar de ser diferente do Japão. Aparece nessa citação de Eiko uma das sensações mais primitivas do ser humano que é a sensação “olfativa”. O Brasil e o Japão cheiram diferente. “*Pesquisadora: Vocês gostam da casa? Eiko: Agora, já estou mais acostumada. A casa é diferente. O cheiro do Japão é um pouquinho de chuva*” (Anexo B/22ª Entrevista). Para Eiko, o Japão não cheira “fedor”: “*Não cheira no Japão. Lá o lixo tem lugar para por. Às vezes voltava da escola estava cheirando um pouquinho, mas não era esgoto*” (Anexo B/22ª Entrevista).

8.2.1.6 Sentimentos de vergonha

A adolescente Eiko considera o Japão muito importante, por ter se adaptado ao país. Sente-se acolhida pelos colegas japoneses de classe, não se sentindo desamparada emocionalmente. No Brasil surgem vários sentimentos: O sentimento de vergonha é um deles, e está relacionado com o medo de errar, de se expor, reforçando o isolamento em Eiko. Existe o desejo de se comunicar com as demais crianças, porém, se sente paralisada diante da nova realidade.

Eiko: O Japão é mais, acostumei mais Japão, e consigo ficar, não ficar com vergonha e assim, não ficar sem conversar com colegas, conversa com colegas, então eu gosto de lá. Pesquisadora: O que é o Brasil? O que você pensa do Brasil? Eiko: Legal e importante para mim. Mas a língua é diferente do Japão, eu fico um pouquinho com dúvidas e, não consigo falar muito com colega e fico um pouquinho com judiada com comigo mesmo. Pesquisadora: Como é ficar judiada com você mesmo? Eiko: Porque não consigo, não consigo ficar, falar o que eu quero e de conversar. Tenho vergonha de falar errado e fico quietinha, não consigo. (Anexo B/ 1ª Entrevista).

O sentimento de vergonha da criança filha de *dekassegui* também está relacionado com o medo de ser ridicularizada pelos colegas da sala de classe.

Eiko: Não aprendo o português. Aprendi com a mãe, o pai e a irmãzinha. Tinha palavra que o som era alto e não conseguia falar e ficava com vergonha. Pesquisadora: Dê um exemplo?

Eiko: A palavra hífen. Pesquisadora: O que é vergonha? Eiko: Vergonha é falar errado, outras conseguem. Exemplo: Irmãzinha é mais nova que eu, não consigo e fico com vergonha. (Anexo B/1ª Entrevista).

O hífen faz parte da língua portuguesa, tem a função de separar, mas manter ligada as palavras, formando um único sentido. A não compreensão de Eiko pela palavra “hífen” caracterizando o seu estado emocional, como se não pudesse fazer uma ligação entre as palavras, ou seja, entre os dois mundos. Eiko diz se esforçar, que vai tentar integrar-se ao meio, asseverando que vai conversar com os amigos e professores, porém, surge uma preocupação por ser mais tímida em relação à irmã Letícia: *“Eiko: Por exemplo: A Letícia fala de tudo. A Letícia fala de tudo: - A minha mãe construiu uma loja. Tenho vergonha. Sou tímida. O que eles pensam de mim?”* (Anexo B/7ª Entrevista).

A leitura feita por Eiko na sala de aula mostra o quando tem sofrido com o aprendizado, cada passo dado por ela é uma conquista, mesmo lendo com a voz tímida, quase sem força, porém, continuam os seus medos de cometer algum erro e ser motivo de chacota na classe. A sua rigidez é extrema, como não se permitisse falhar perante a si mesmo. O sentimento de vergonha percebido por Eiko em outras crianças teve o fator surpresa. A importância de perceber que esse sentimento de vergonha não é sentido somente por ela e que as outras crianças também sentem.

Eiko: Tenho vergonha, ainda um pouco. Já li uma vez que a professora pedi. Pesquisadora: Como foi? Eiko: Todo mundo ficou um pouco contente. Pesquisadora: O que sentiu na hora em que estava lendo? Eiko: Senti que não posso errar. Tenho medo de ser “hidoi”³⁴ para todo mundo. Pesquisadora: Eiko, o que é “hidoi”? Eiko: Eu não sei falar em português. Pesquisadora: Fale do seu jeito. Eiko: “Hidoi” é todo mundo falando que ela errou. Tenho medo de ter sido “zoada”. Uma vez na aula de artes, eu fiquei conversando com as amigas, disse que a voz era pequena. Pesquisadora: Como assim? Eiko: A voz muito baixinha. Pesquisadora: Elas ficaram zoando de você? Eiko: Elas falaram que também tem vergonha de ler o que está escrito nas apostilas Eu também tenho que expressar mais um pouquinho. Pesquisadora: Você percebeu que todos sentem vergonha. Eiko: Eu achei esquisito quando elas têm que falar e não falam. Elas conversam quando não precisam. Pesquisadora: Você sente muita vergonha? Eiko: Alguma coisa não deixa falar. Pesquisadora: Você tem vontade de falar? Eiko: Quero falar também, mas tenho medo. (Anexo B/12ª Entrevista).

As formas de cumprimentos são distintas em ambas as culturas. A cultura japonesa o cumprimento é feito com uma menção com a cabeça e o corpo. No Brasil, usa-se o abraço, beijo no rosto e apertos de mãos. Eiko diz que esse tipo de cumprimento brasileiro para os japoneses significa um vínculo amoroso. Por não compreender a cultura brasileira, se sente invadida pelo outro e acaba se defendendo de ser abraçada e beijada.

³⁴ *Hidoi*: [adj] forte, intenso, violento, extremo, cruel, terrível, atroz (OHONO, 1989, p. 191).

Eu bati no menino. Eu pensei que fosse de verdade. Eu tinha vergonha. Até em abraçar as meninas. Eu não estava acostumada, porque no Japão não tinha essas coisas. Pesquisadora: Hoje como você os cumprimenta? Eiko: Com os meninos faço diferente, dou as mãos. Tenho vergonha. No Japão abaixo a cabeça que é normal. As meninas ainda beijar não. Cumprimento no rosto, só encostando. Pesquisadora: Parece-me que é difícil o cumprimento aqui. Eiko: Quando estava estudando no “Nikkei” tínhamos a mesma idade. Tinha um menino da minha idade que havia chegado do Japão. Eu brincava de pular as meninas. Ele ficou assustado, porque não estava acostumado. É que no Japão é muito diferente. Essas coisas de abraçar faz no ensino médio. Quando está namorando. (Anexo B/14ª Entrevista).

O sentimento de vergonha é sempre disparado quando tem que se expor diante de uma situação corriqueira. O sentimento de vergonha é sentido pelas crianças como medo de errar, que é uma vivência constante em suas vidas, como se não pudessem lidar com as falhas e o fracasso, ou seja, com sua própria impotência. A vergonha e o medo de errar mostram o quanto a cultura japonesa está assimilada por essas crianças em suas vidas. A perfeição e a condenação parecem caminhar juntas nas tradições milenares do povo japonês.

8.2.1.7 *Urashima Tarô*

Quando Eiko se encontra em outro país, percebe-se estando em um mundo à parte, distinto do qual já conhece. Surge um estado de congelamento do tempo, do espaço e dos seus sentimentos. Às vezes, esses turbilhões de emoções, percepções se desmoronam diante da vida. Podemos fazer uma analogia com o conto japonês de “*Urashima-Taro*³⁵”, um o pescador que se descongelou dos anos que viveu no fundo do mar ao se deparar com a nova realidade, percebeu que o tempo não poderia mais voltar atrás e o espaço havia mudado diante dos anos passado.

Eiko: Sim. Ele era um japonês que salvou a tartaruga dos rapazes que estavam maltratando-a. Veio à tartaruga maior e levou para o reino no mar e depois ele quis voltar para cima e lá embaixo tinha uma princesa que deu um caixinha para ele e ele abriu. Pesquisadora: O que ocorreu? Eiko: O tempo do mar é bastante diferente do tempo da terra. Pesquisadora: Como assim? Eiko: O tempo do mar era devagar de passar e o tempo da terra era rápido. (Anexo B/2ª Entrevista).

Pesquisadora: Parecem-me os dois mundos, o Japão e o Brasil. Como que é para você? Eiko: O tempo passa rápido quando estou muito alegre e quando não estou alegre o tempo passa devagar [Silêncio]. Pesquisadora: Está pensando? Eiko: Por exemplo: Quando está na aula com prova, passa rápido. Porque não consigo perceber o tempo que está. Porque é uma coisa séria. Quando brinco com colegas, irmãzinha, o tempo passa rápido, quando percebe está na hora de dormir. Pesquisadora: O tempo sempre passa rápido para você? Eiko: Quando tem

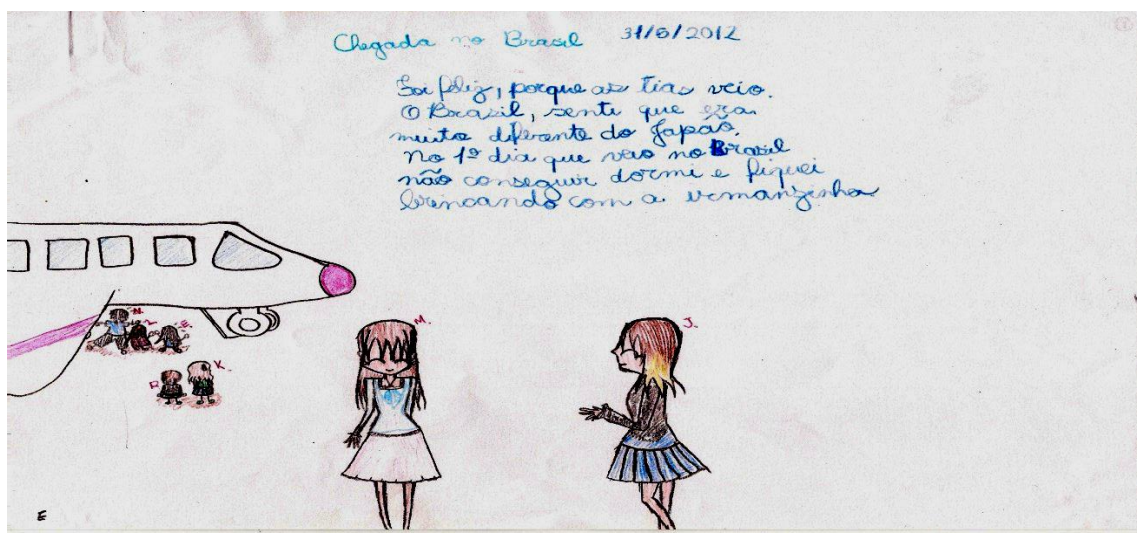
³⁵ *Urashima-Taro*: Conto infantil japonês (Tradução nossa).

coisa triste o tempo passa devagar. Quando vejo o relógio só passou 5 minutos. Quando está alegre, o tempo passa rápido. Quando está chateada, o tempo passa devagar. Eu não encontro resposta, por que o tempo algumas vezes passa rápido e outras vezes passa devagar. Pesquisadora: Você ainda não sabe? Eiko: Parece que na prova, parece estar em outro mundo. Só tem eu e a prova, não consigo pensar em outras coisas. A prova não gosto. Não consigo perceber o tempo, está passando rápido. (Anexo B/2ª Entrevista).

O sofrimento emocional de Eiko aparece nos dois mundos tão diferentes, sem poder ter conhecimento do seu espaço e do seu tempo real. O sentimento de tristeza parece ter tempo e espaço maiores em sua vida no Brasil. O desamparo emocional de Eiko, nessa citação, encontra-se no tempo e no espaço em que vive, sem se entender e não podendo compreender o cenário do seu novo mundo, como ela mesma diz: “*Eu não encontro resposta, por que o tempo algumas vezes passa rápido e outras vezes passa devagar*” (Anexo B/2ª Entrevista).

8.2.1.8 Análise dos desenhos

Chegada ao Brasil

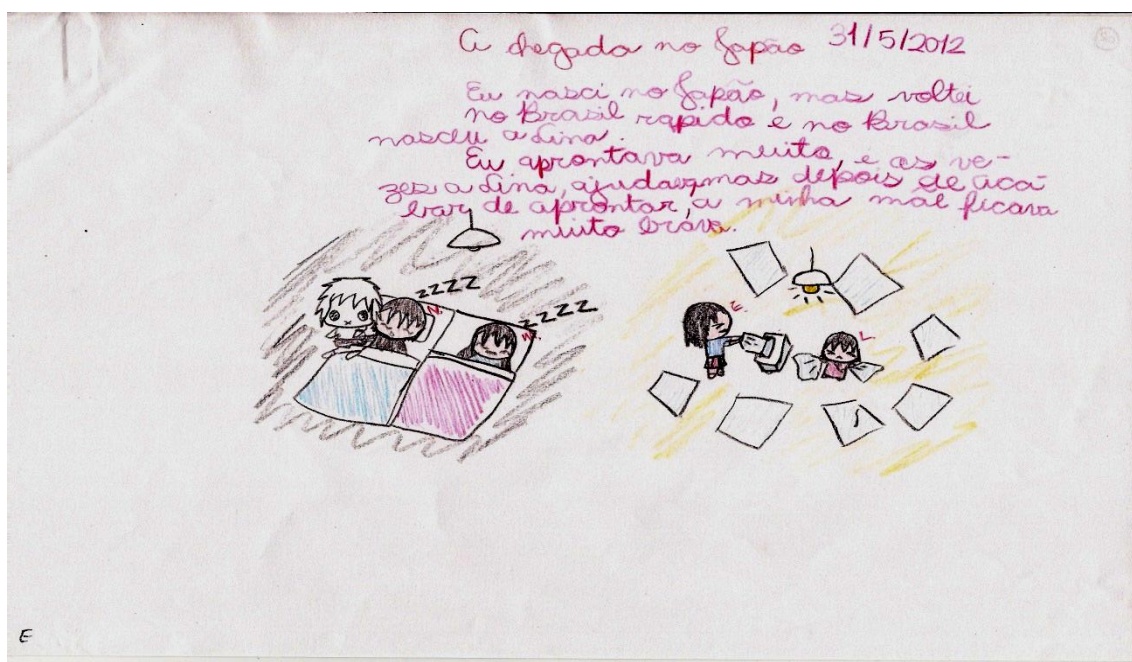


O desenho da chegada de Eiko ao Brasil traz primeiramente metade de um avião do lado esquerdo da página de sulfite, que podemos pensar que ao chegar ao Brasil Eiko perde o seu outro lado e parte da sua potência, porém, se sente feliz, porque estava com toda a família. Esse avião desenhado por ela trouxe a sua família (a mãe que se encontra de frente, a tia que está de perfil, os dois primos brasileiros e do lado direito embaixo do avião, estão a Letícia,

Eiko e o pai) do Japão para o Brasil. Portanto, se sente acolhida pelos parentes que vieram recebê-la no aeroporto e amparada emocionalmente.

Em suas escritas no desenho da chegada ao Brasil, traz logo a percepção de que o Brasil e Japão são distintos e de que não conseguiu dormir.

Chegada ao Japão



Afirma Eiko que nasceu no Japão, por isso não foi para lá. Nesse desenho, os pais estão dormindo em um quarto, enquanto Eiko e sua irmã estão brincando com caixinhas de lenços em uma sala da casa japonesa. Mesmo a sua mãe ficando brava, por esparramar os lenços pela sala, Eiko não se inibe e se sente em casa, onde ela chama o estado de “estar aprendendo” ou fazer algo de errado, porém, se divertindo e se sentindo à vontade.

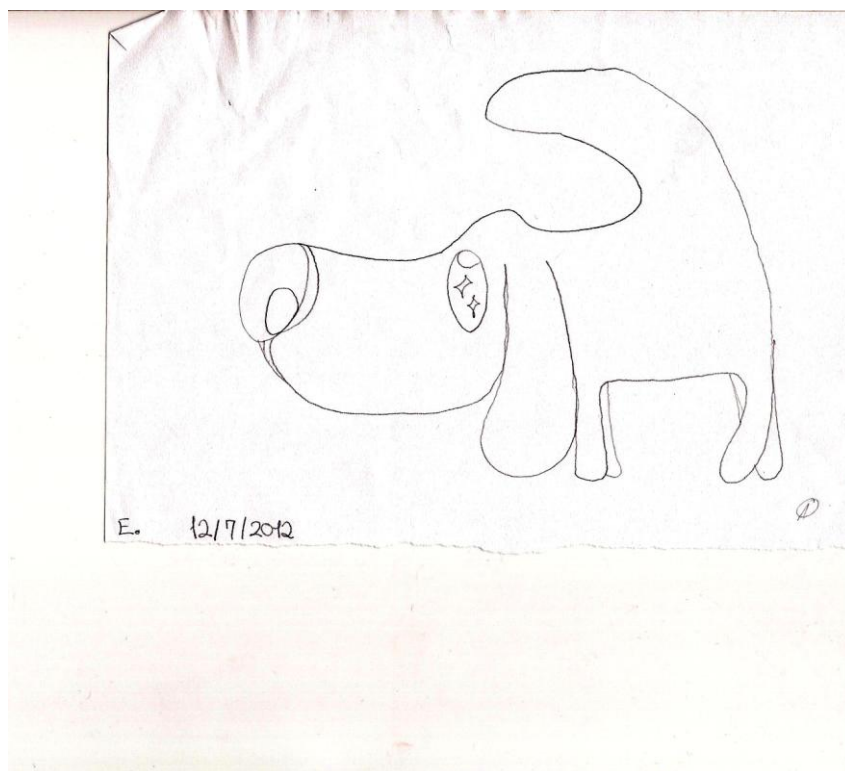
O primeiro dia na escola



Este desenho mostra a expressão corporal de Eiko diante do desconhecido ambiente escolar. A figura feminina que representa Eiko está de frente à folha, os olhos são amendoados, grandes e desproporcionais ao rosto; os pés voltados para dentro; os braços estão postos para trás, como se estivesse nítido em Eiko a sua timidez e a vergonha. Na figura, há ausência do nariz, como se perdesse seu próprio faro e ficasse sem direção.

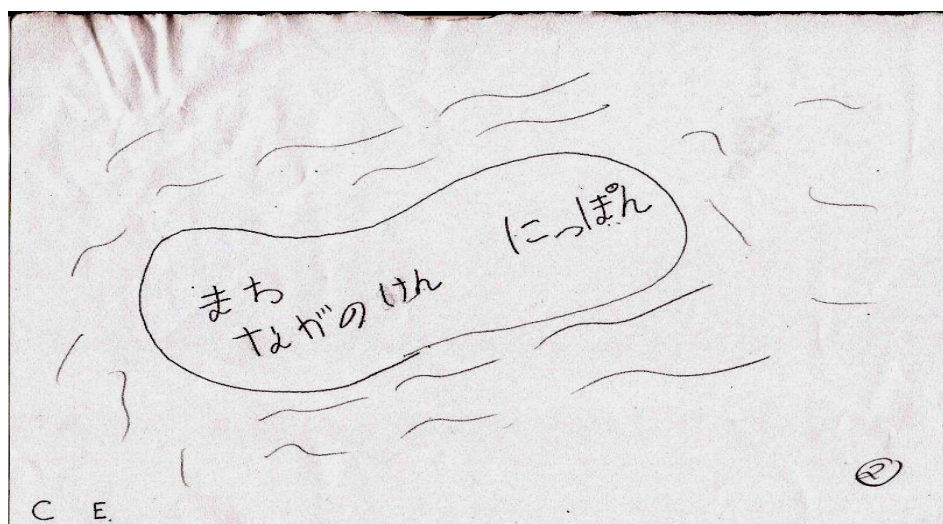
Os balões são os pensamentos de Eiko, não entendia o que as outras crianças e a colega de classe desenhada ao seu lado perguntavam-lhe. Sem saber a língua portuguesa e por desconhecer o local, a criança se sentiu assustada diante dessa nova realidade. O ambiente era de curiosidade por parte dos colegas de classe pela nova aluna que havia acabado de chegar do exterior. Entretanto, Eiko fica paralisada diante da sala de aula e, praticamente, sem voz para repetir algumas palavras no idioma japonês que as demais crianças questionam-lhe. Apesar de estar acolhida fisicamente, Eiko se sente perdida e sozinha e vive uma situação de desamparo emocional.

Desenho do Rabisco (Anexo B/8ª Entrevista)



Iniciamos o desenho e Eiko termina-o. O desenho é de um cachorro com o nome japonês que quer dizer “comprido”. O cachorro está voraz por comida, deseja se alimentar rapidamente. Ela menciona a morte de um cachorro que era da prima, porém, o seu cachorro continua vivo.

Desenho do Rabisco 2 (Anexo B/8ª Entrevista)



Neste segundo desenho da técnica do rabisco, Eiko inicia e nós terminamos. Eiko diz que pensou que nós fôssemos fazer um barquinho com duas pessoas na região norte do Brasil. Desenhamos o Japão e logo ela traz as lembranças dos amigos e professores que deixou lá. O sentimento de perda da própria liberdade em terras brasileiras, de passear e de brincar, surge o medo de ladrão. Na sua fala aponta que em ambos os países, tanto o povo brasileiro como o japonês são diferentes. Além disso, escreve em japonês no corpo do desenho as palavras: Cidade; Nagano-Ken e Japão, como se tivesse nomeando o lugar em que nasceu no Japão.

8.3.2 Caso Letícia

8.3.2.1 Vivência de desamparo de Letícia com os pais

A companhia da família no processo de migração é sentida pela criança Letícia como um amparo para as suas angústias. A criança recorre aos pais para livrá-la das dificuldades que estão em seu entorno. *“Eu tinha dificuldade, mas com família é melhor ficar sem dificuldade. Fico perguntando pra a minha mãe e pra o meu pai”* (Anexo C/1ª Entrevista).

A criança Letícia enfatiza sempre a importância de estar junto com a família no Brasil. A felicidade é considerada como *“holding”* familiar e também de poder continuar com a sua vida. *“Felicidade para mim, é uma felicidade de vir aqui no Brasil. Feliz, para mim, é ir junto com a minha família e ir à escola”* (Anexo C/2ª Entrevista).

A senhora Natsu faz a função materna de interpretar e traduzir os novos significados da língua e da cultura brasileira à sua filha, porém, a língua japonesa é de conhecimento de ambas e é usada para fazer a ligação entre os significados da linguagem e a compreensão para o mundo brasileiro das palavras.

Pesquisadora: Você canta em japonês ou em português? Letícia: Japonês. É difícil cantar em português. Japonês é mais fácil. Tem aquela palavra “inclusive”, eu achava que era menos. Pesquisadora: Como descobriu? Letícia: Eu perguntei para a minha mãe. Inclusive os usuário. Ai “inclusive” não é menos. A minha mãe explicou direitinho e eu entendi. Pesquisadora: Você pediu explicação para os professores? Letícia: Eu não pedi explicação para os professores, eles falam em português e a minha mãe fala em japonês e ela entende mais. (Anexo C/9ª Entrevista).

A criança afirma que ainda têm palavras da língua portuguesa que são difíceis e outras não são. Tem se sentido desmotivada para consultar o dicionário, alegando que perde tempo e que a sua curiosidade é baixa.

O dicionário perde tempo. Eu pergunto para minha mãe, se ela não souber deixo de lado. Não quero saber mais. A minha curiosidade é muito baixa. Que não tenho muitas dúvidas. Têm palavras que são fáceis para todo mundo, mas eu não sei. Quando eu procuro no dicionário, como eu canso! A professora mistura português com matemática! Que as coisas são diferentes. Guarda as coisas importantes na cabeça. (Anexo C/16ª Entrevista).

Além de retornar para o Brasil, Letícia teve que deixar parte da sua família que convivia no Japão, os avôs maternos, tia e primos que não puderam retornar. Menciona a palavra saudades para se referir à falta da terra japonesa e dos seus familiares e define como sendo “*alguma coisa que quer encontrar, mas não dá*” (Anexo C/19ª Entrevista).

O tempo passado é um tempo de lembranças, saudades e mortes. A criança relata que desde cinco anos de idade vem pensando nas futuras mortes que possa ter em sua vida. Essas mortes representam as várias perdas que tem enfrentado na vida de criança imigrante. Quantos lutos Letícia terá que elaborar emocionalmente? (Anexo C/19ª Entrevista).

8.3.2.2 Desamparo em relação à língua

O encontro com a língua portuguesa no Japão não soava como “familiar”, mas como “estranha”, ou seja, a língua portuguesa era a língua “estrangeira” para Letícia. Enfatiza o fator idade ao chegar ao Japão, ainda pequena e a condição de ser criança imigrante em terras orientais, favoreceu para que aprendesse a língua japonesa na escola, porém, não a considera fácil. Ao chegar ao Brasil aos sete anos de idade, a criança se depara com o problema da língua portuguesa e também com o fator idade por ser maiorzinha e sentir na própria pele a experiência de desamparo emocional da língua.

Pesquisadora: O Japão e o Brasil, ficam misturados? Letícia: Não! Não é que o Japão é tão fácil. Eu fui para o Japão e ficou fácil para mim. Estudei desde criança. Quando vim para o Brasil ficou difícil para mim, porque não acostumava, não sabia ler. Pesquisadora: Você assistia aos filmes brasileiros no Japão? Letícia: Não. Porque não sabia o português. Tinha uma loja de brasileiros, pequena e que vendia de tudo. Pensava: “O que eles estão falando?” Pesquisadora: Você gostaria de saber o que eles estavam falando? Letícia: Eu não queria saber! Porque pensava: “Se eles forem bobos?” Pensava que tivessem errando o japonês. Não pensava que tivesse o japonês e o português. (Anexo C/16ª Entrevista).

No mundo de Letícia só existia a língua japonesa, como se não tivesse espaço para as duas línguas, a japonesa e a portuguesa. Entretanto, a criança não traz em seus relatos nenhum contato com a língua portuguesa em casa com os seus pais. Ao se deparar com a língua portuguesa demonstra surpresa ao ver e ouvir todos conversando e se comunicando em outra

língua, da qual não era conhecida pela criança. Portanto, a criança percebe, no Japão, a nova língua e que era difícil (Anexo C/ 6ª Entrevista).

Na chegada ao Brasil, o sentimento de estranhamento surge diante da nossa cultura. Além dos costumes e hábitos serem diferentes dos orientais, a língua portuguesa se destaca entre as queixas trazidas por essas crianças no contato com país da chegada, que era para ser “familiar”, porém, soa como “estranha”. A criança Letícia é brasileira nata, porém, a sua tenra idade quando imigrou para o Japão, antes de completar um ano de vida, não traz lembranças de um Brasil conhecido. O Japão representa a maior parte da sua vida.

Pesquisadora: Você viu essa diferença e qual é a dificuldade? Letícia: A dificuldade era saber português. Pesquisadora: Você não sabia português? Letícia: Não. Pesquisadora: O que você falava no Japão? Letícia: No Japão eu só falava japonês. Pesquisadora: Você falava só o japonês! (Anexo C/1ª Entrevista).

A língua falada em família era a língua japonesa. Portanto, a língua portuguesa soava como “estranha” para a criança Letícia.

Pesquisadora: O que você fez para aprender o português? Letícia: Eu estudei mais ou menos com minha mãe e com irmã, fui aprendendo e quando quase há 4 anos. Eu tava mais ou menos estava aprendendo. Pesquisadora: Quando chegou você disse que não sabia o português. Como você fez para conversar com o seu amigo? Letícia: Minha mãe comprou um livro de português. Eu não sabia ler, mas a minha mãe falou como era a letra, então eu consegui ler mais ou menos. Pesquisadora: E hoje? Letícia: Hoje está muito fácil para ler e pra escrever. Pesquisadora: Você fala bem o português? Letícia: Eu não sei, mas acho que falo mais português do que o japonês. (Anexo C/1ª Entrevista).

A solução para “o não saber” da língua portuguesa de Letícia é ter a sua mãe por perto para dar o amparo emocional necessário de que precisa. Portanto, Letícia, sozinha, tenta procurar por respostas a fim de compreender essa nova linguagem cultural de mundo. Dessa forma, é uma tentativa de crescer e buscar certa independência.

Nessas dificuldades tem um monte de palavras que não pergunto para a minha mãe e por isso, eu tenho que procurar no dicionário e tem palavra de novo que não entendo, por isso procuro de novo no dicionário, aí então, entendo o que é. (Anexo C/1ª Entrevista).

A criança Letícia, apesar das muitas dificuldades, *a priori*, da língua portuguesa, aos poucos foi se interagindo com a turma da sua classe, podendo construir novos vínculos de amigos. Portanto, se sente amparada pelos seus pais e amigos.

Pesquisadora: Você tem amigos? Letícia: A classe inteira sabe o meu nome e eu gosto de ficar conversando com eles. Pesquisadora: Você acha que seus amigos a compreende? Letícia: Sinto, quando meus amigos colaboram e meus pais também, eu aprendo o português, mas acho que é um pouquinho difícil e por isso tenho que estudar. Pesquisadora: O que acha difícil no português? Letícia: As palavras “R” e “L”, ficam muito difíceis de falar. Pesquisadora: Quer falar mais alguma coisa? Letícia: Eu vim no Brasil, eu sou feliz, aprender brasileiro e encontrar com novas pessoas. (Anexo C/2ª Entrevista).

Ressaltamos que as crianças descendentes de japoneses têm dificuldades em pronunciar e escrever algumas letras do alfabeto da língua portuguesa, porque o alfabeto japonês não consta algumas letras que fazem parte do nosso vocabulário, como por exemplo a letra “L”, que é pronunciado como sendo a letra “R”. São tantas diferenças que vão surgindo na chegada ao novo país e, mesmo assim, a criança demonstra o desejo de aprender a língua portuguesa que é chamada por ela de “brasileiro”.

Língua do sonho

O sonho de Letícia parece ser mudo, não tem “som”, porque não tem uma língua. O som do mundo representa, simbolicamente, uma língua, ou seja, uma comunicação abstrata e não simplesmente uma comunicação mecânica instrumental. A ausência do som no sonho é a representação de um mundo sem voz e sem escuta, ou seja, sem nenhuma língua. Enfatizando que quando muda de ideia ou podemos pensar que quando muda de mundo, responde em português, porém, não consegue compreender o outro e nem ser compreendida por esse outro. Sozinha e desamparada, a criança Letícia se sente não correspondida no novo ambiente.

Pesquisadora: Qual a língua que você fala no sonho? Letícia: Não tem som no sonho. Parece que estão falando, mais não tem um som. É muito esquisito. Às vezes eu acho que não estão falando. Pesquisadora: Como é o sonho que não tem som? Letícia: Quando eu sonho, é o barulho de destruição do monstro. O sonho não dá para mudar. Não sei por que não tem som. Pesquisadora: E no Japão, você sonhava? Letícia: Não me lembro do sonho. Lá no Japão só falava japonês. Não sabia o português. Sonhava falando japonês. Pesquisadora: As pessoas falam com você no sonho? Letícia: Elas falam, mas não sei o que elas estão falando. A minha resposta dá para ouvir, mas a dos outros não dá. Pesquisadora: Que respostas são essas? Letícia: Eu não sei as respostas que falo. Eu mudo de ideia e faço outra resposta. Pesquisadora: Quando você dá a resposta, qual é a língua que você usa? Letícia: Português mesmo. Pesquisadora: O que é uma resposta? Letícia: Você faz uma pergunta e você tem que responder. Para mim, resposta é uma coisa difícil. Quando eles falam dá para entender uma outra coisa. Então, é difícil de responder. (Anexo C/Entrevista 5ª).

O seu sonho no Japão passa a ter um significado marcado pela presença da língua japonesa, ou seja, a criança tem voz e não fica muda. No Brasil ocorre um encontro com o

desconhecido e novamente surge o sentimento de desamparo emocional na língua de Letícia no desencontro da comunicação cultural de dois mundos distintos: Brasil e Japão.

Paisagem do sonho

Os sonhos de Letícia revelam imagens de ansiedades persecutórias de uma fuga familiar pela sobrevivência. De acordo com o sonho de Letícia a imagem do monstro que a persegue e que lhe causa medo se assemelhava com a imagem do ser humano. A criança traz em seu sonho uma família que está perdida em algum lugar e ao mudar a paisagem do sonho para o ambiente familiar que denomina de “casa” se sente internamente amparada, porém, a porta que se abre nessa nova história nos remete a pensar sobre o contato de Letícia com o novo ambiente misturado com sentimentos de vida e morte. O frio e ameaça de congelamento sentidos pela criança no sonho, nos mostram que o perigo sentido pela criança encontra-se no mundo externo. Essa é uma manifestação do sofrimento emocional de desamparo de Letícia e o seu “tremar” refere o quanto a família estava totalmente desamparada emocionalmente e que precisava ser coberta pelo calor humano.

Às vezes, eu sonho quando a minha família está em algum lugar, fugindo de alguma coisa e troca. Acho que estava fugindo de um monstro que a gente não estava conseguindo pegar e quase quando pega o monstro e vai para o outro sonho. Pesquisadora: Como que é esse monstro? Letícia: Era grande, maior que a gente, barrigudo, barba, cabelos, mãos, pernas e usava roupa. Parecia com o ser humano mesmo. Ele poderia dominar o mundo, e a gente não queria que ele dominasse, por isso que a gente quase o pegou e mudou para outro sonho. O outro sonho mudou para a nossa casa. Estava vivendo muito feliz. A porta e a janela estavam fechadas, a gente tremia de frio, a gente era muito feliz. Quando abriu a janela e a porta, nós morremos de frio e acabou o sonho. Pesquisadora: Como é morrer de frio? Letícia: A gente estava tremendo, que quase a gente congelou de frio. (Anexo C/5ª Entrevista).

Logo na citação abaixo, a paisagem do sonho de Letícia representa um mundo empobrecido passando a viver na escuridão e na ausência da mãe lua e do pai sol. O novo tempo vivido pela criança parece ser um “tempo de ausências”.

Ao ir se adaptando com o Brasil, a ausência e a privação do mundo japonês em sua vida levam Letícia a passar a sonhar com as imagens brasileiras. Podemos pensar que as imagens japonesas, nesse momento, estão ficando “embaladas”, ou seja, a criança está deixando-as de lado e podendo entrar em contato com a nova realidade.

Pesquisadora: Qual era a paisagem do sonho? Letícia: Era normal. Tudo normal. Não tinha sol e nem lua. Só tinha um céu e a noite ficava escura. Pesquisadora: Por que não tinha nem

sol e nem lua? Letícia: Não sei. Só tinha um céu e a nuvem. Pesquisadora: Qual é a paisagem, do Japão ou do Brasil? Letícia: Do Brasil. Porque estou quase acostumando aqui e quase não vejo as paisagens do Japão. (Anexo C/5ª Entrevista).

Ao cursar a 5ª série/6º ano escolar, a criança menciona que a língua portuguesa ficou mais difícil, não compreendendo os substantivos, advérbios, a linguagem coloquial e os tempos verbais.

As matérias ficaram difíceis. A língua portuguesa que não sei. Ficou muito difícil a língua portuguesa. As palavras estão difíceis. Pesquisadora: Quais palavras? Letícia: Substantivos e advérbios. Pesquisadora: Dê um exemplo? Letícia: A letra da música está na língua coloquial e a gente tem que por na língua certa. Não pode por “você” e “te”. Pesquisadora: Você acha que está difícil à língua portuguesa? Letícia: Se estudar. Às vezes entendo, confundo com as palavras. Tem a língua verbal e não verbal. Pesquisadora: Você pergunta para a professora? Letícia: Ela explicou e eu entendi mais ou menos. Eu resolvi estudar em casa, sozinha. Pesquisadora: Hoje, o que está mais difícil? Letícia: Esses dias não tenho tanto dificuldades. (Anexo C10ª/Entrevista).

Ao perguntarmos para Letícia qual a língua que considera mais difícil nas leituras que tem feito nas revistas japonesas e revistas brasileiras, ela rapidamente responde com toda convicção que a língua portuguesa é mais difícil e assim diz: “*O japonês já acostumei. O ‘mangá’ brasileiro não é igual*”. Valendo-nos do relato de Letícia, podemos perceber a facilidade com que ela lê as grafias da língua japonesa. Detalhista e delicada, demonstra entusiasmo ao mostrar parte do seu mundo, algo muito significativo para ela, parecendo estar tão perto e tão longe, ocupando o mesmo tempo e o mesmo espaço (Anexo C/13ª Entrevista).

Pesquisadora: Qual é mais fácil, a leitura japonesa ou a portuguesa? Letícia: O japonês. Mesmo a estória sendo igual, no ‘mangá’ fica diferente. O japonês dá para aprender mais. Não consigo entender tudo em português. Às vezes pergunto para minha mãe. (Anexo C/14ª Entrevista).

Atualmente, para Letícia, as tarefas escolares vêm diminuindo e com isso consegue acabar mais cedo. Em seu relato, as coisas melhoraram desde quando chegou ao Brasil: “*Porque comecei aprender o português*”. O aprendizado da língua portuguesa vem acontecendo de forma rápida para Letícia, durante o aprendizado da língua, disse que não teve tempo para sentir saudades das férias. Em casa recebeu um livro complicado e difícil de língua portuguesa de sua mãe. Desabafa dizendo que sente raiva da língua portuguesa usada pelos internautas que acabam escrevendo errado e relaxando na escrita (Anexo C/17ª Entrevista).

Provavelmente, as dificuldades escolares diminuíram, sentindo que está podendo prosseguir na vida escolar com o aprendizado e conhecimento da língua portuguesa, até se posicionando com uma crítica aos internautas que usam de outra escrita. Portanto, a criança vem podendo ter um maior domínio da língua portuguesa.

No dia quatro do mês de junho de dois mil e treze, a criança chega cabisbaixa em nosso consultório, expressando um desânimo e sonolência. Quando a indagamos sobre a estória do livro que está lendo, nos responde: *“Eu tenho preguiça de ficar lendo, porque a estória é sem graça”* (Anexo C/20ª Entrevista).

A dificuldade da compreensão da leitura é tão exacerbada que a criança não sabe nem nos dizer sobre o assunto da estória que está lendo, diz: *“Eu não entendi nada, mas vou ler mais uma vez. É difícil de falar”* (Anexo C/20ª Entrevista).

A estória infantil que Letícia abraçava em seu corpo era de Nicolelis (1991) chamada de “O segredo da casa amarela” e nos oferecemos para lê-la em voz alta para que a criança pudesse acompanhar juntamente conosco. No decorrer da leitura, fomos esclarecendo para a criança alguns termos da língua portuguesa que não foram compreendidos dentro da estória. Portanto, Letícia não poderia compreendê-la sem, primeiramente, entender os significados da língua portuguesa. Os termos são: “xereta”; “chegar de fininho”; “tabuleiro”, entre outros (Anexo C/20ª Entrevista).

Ao interpretar a leitura para a criança Letícia, novamente indagamos sobre o que havia compreendido na estória. De forma imediata veio a sua resposta a respeito das dez primeiras páginas que lemos e explicamos para a criança. Ela consegue relatar a estória que poucos minutos antes se expressava como impossibilitada de compreender o texto (Anexo C/20ª Entrevista).

Destaca a criança, na citação abaixo, que a *“linguagem”* foi a principal problemática ao se deparar com o retorno ao Brasil, porém, fazer novos vínculos de amizades é considerado como *“mais ou menos difícil”* (Anexo C/ 23ª Entrevista).

Foi difícil na linguagem. Fazer amigos foi mais ou menos difícil. A prova fazia de qualquer jeito, mas ainda era 2º ano [1ª série]. Tem prova, mas ainda não consegue se adaptar na prova. Pesquisadora: No seu caso, não era reprovada? Letícia: Não. No caso de Eiko era difícil, porque começou no 5º ano, eram palavras difíceis. (Anexo C/23ª Entrevista).

A criança Letícia, apesar da sua tenra idade, ao ingressar na escola brasileira passa a vivenciar a dificuldade do aprendizado da língua portuguesa. Demonstra preocupação com a irmã mais velha, porque Eiko não teve oportunidade de iniciar o primeiro ano escolar no

Brasil, tendo que dar sequência à série escolar brasileira, que não havia frequentado, ou seja, a irmã Eiko ao ingressar na escola já pegou o “bonde andando”. Novamente nos deparamos com a questão da idade das crianças imigrantes no ato da migração e que deve ser considerado um fator relevante nos processos de adaptação no momento do deslocamento. Diante de tudo isso, surge em Letícia a preocupação com o negócio da família e também com a futura estadia no Brasil.

8.3.2.3 *Desamparo no ambiente escolar*

O ambiente escolar promove o aprendizado e a socialização das crianças. Portanto, é um espaço para o social. Além das dificuldades da língua portuguesa no âmbito escolar, outra preocupação é com a formação de vínculos de amizades na chegada dessas crianças que moraram em outro país.

O desamparo escolar vivido pela criança logo quando chegou ao Brasil, nos primeiros dias de aula é dela poder se perceber na classe, sem a língua portuguesa e a impossibilidade de não ser correspondida pelas outras crianças. Em seu relato, Letícia destaca a importância da função materna, ou seja, da sua mãe como tradutora desse mundo cultural brasileiro, de poder interpretar, nomear as coisas desconhecidas, ensinando a nova linguagem, que até então não era “nomeável” para a criança. A criança se viu num mundo sem nomes e irreconhecível. Conforme foi aprendendo a simbolizar o novo ambiente, por meio da linguagem, também pôde vincular-se mais facilmente. A mãe é o primeiro objeto com o qual a criança se vincula logo ao nascer. Depois de certo tempo a criança vai se desenvolvendo e conseguindo estabelecer novos vínculos dentro da própria família e, em seguida, com o mundo.

Pesquisadora: Você chegou aqui e já entrou na escola? Letícia: Não rápido, mas eu entrei de 8 anos [ela tinha 7 anos de idade]. Pesquisadora: Como foi para você? Letícia: Pra mim era difícil ter amigos, mas a minha mãe ensina português, então os meus amigos entenderam muito bem. (Anexo C/1ª Entrevista).

Letícia: Para dificuldades aparecerem eu primeiro não tinha aprendido muito o português, por isso eu chorava quando não aprendia português. Por isso quando ia na escola tinha um monte de palavras que não sabia então e eu colocava na cabeça e falava para minha mãe. Pesquisadora: E você chorava? Letícia: Chorava quando não aprendia o português era difícil de escrever. (Anexo C/1ª Entrevista).

Quando uma criança ingressa na escola, ela chega com uma linguagem que aprendeu com a família, e que é conhecida pelas demais crianças do seu novo meio. Diferentemente do

que ocorreu com a Letícia, que chegou sem essa linguagem, portanto, chegou com a linguagem japonesa, desconhecida pelos futuros colegas de classe. Assim, a formação de vínculos com outras pessoas acaba se tornando mais difícil e demorada. O sofrimento emocional de Letícia surge em lágrimas, tendo que lidar com o sentimento de impotência por não compreender a língua que pudesse dar o amparo emocional. O seu desejo era corresponder e ser correspondida por outrem.

A criança Letícia teve que fazer um novo nascimento escolar aos sete anos de idade e, ainda, teria que aprender todo o “be-a-ba” da língua portuguesa e da cultura brasileira.

Pesquisadora: Como foi a sua chegada à escola? Letícia: No primeiro dia, sentei na primeira carteira, não estava acostumada com as pessoas, eu não sabia quem era no lanche e no recreio. Comecei a falar com elas e elas tornaram minhas amigas. Foi difícil, porque as minhas amigas só falavam o português e eu não entendia. Pesquisadora: Foi difícil? Letícia: Eu queria falar em japonês, mas eles não entendem. Eu falava a palavra mais fácil. Pesquisadora: Quais eram as palavras? Letícia: A palavra era “compreensão”, “ritmo” e “felicidade”. Não entendia. Entendia só “feliz”. Pesquisadora: O que é felicidade? Letícia: Felicidade para mim, é uma felicidade de vir aqui no Brasil. Feliz para mim, é ir junto com a minha família e ir na escola. (Anexo C/2ª Entrevista).

As palavras “compreensão” e “ritmo”, que ainda Letícia desconhecia, naquele momento, era tudo que ela mais precisava receber das pessoas, ser compreendida e de paciência para poder acompanhar o ritmo do novo mundo.

Pesquisadora: Como você está na escola hoje? Letícia: As minhas amigas falam devagar. Dá para entender mesmo assim. Pesquisadora: Você está indo bem nas disciplinas? Letícia: Nas disciplinas estou indo bem. Eu tenho preguiça de estudar. Tenho que procurar as palavras no dicionário. Como tenho preguiça não procuro depois. Pesquisadora: Qual é a disciplina que tem dificuldades? Letícia: Quase não tenho. A minha mãe me ensinou um monte de coisas, dá para entender. Quase não tenho dificuldades nas disciplinas. Pesquisadora: O que mudaria na escola para lhe ajudar? Letícia: Que tivesse uma professora que soubesse falar japonês e explicar para mim as palavras que eu não sei. (Anexo C/5ª Entrevista).

A citação abaixo mostra o estado de desamparo emocional exacerbado da criança, que acabava desencadeando sentimentos confusos, como de sentir-se perdida na própria escola. O desejo era de querer ser compreendida e compreender o outro, por isso perdia a sua própria voz. Entretanto, Letícia passa a se sentir uma “estrangeira” dentro do ambiente escolar brasileiro.

Pesquisadora: No início foi difícil para você. Letícia: Lembro que a professora falava alguma coisa para mim e não entendia nada. Pensava: O que ela está falando? Eu não conseguia fazer

as tarefas. Pesquisadora: Você conseguia falar? Letícia: Eu não conseguia. Conseguia, mas não entendia muitas coisas que a professora e os amigos falavam. (Anexo C/15ª Entrevista).

Pesquisadora: Como você resolveu? Letícia: Eu fazia de qualquer jeito. Depois que consegui entender como era. A professora explicava novamente e não entendia e por isso não falava. Pesquisadora: Por que não falava? Letícia: Porque mesmo falando. Não sei por que não falava. (Anexo C/ 15ª Entrevista).

Continuando:

Pesquisadora: Era difícil ficar sem entender o outro! Letícia: Era difícil! Pensei que era outro país. Às vezes confundia as palavras. Ainda não sei os sinônimos das palavras. Antônimo é mais fácil, mas os sinônimos não. Tem que colocar o mesmo significado nas palavras. Ficava pensando: “Nossa! Todo mundo sabe! Menos eu. O que estou fazendo aqui?” Daí, nunca mais eu aprendi sinônimo. Não memorizei nenhuma coisa de sinônimo. Eu fico esperando a correção. (Anexo C/Entrevista 15ª).

A criança Letícia se depara com o sentimento de “estrangeiro” no ambiente escolar, chegando a pensar que se tratava de outro país. Entretanto, no primeiro dia de aula de Letícia, ela se encontra sem os seus pais, tendo que enfrentar sozinha novas situações em um lugar desconhecido, passa a se sentir a verdadeira “estrangeira” na sala de aula. Diante do novo ambiente, são disparados vários sentimentos, o de vergonha, estranhamento e a vivência de desamparo emocional. A criança perde os seus movimentos, permanecendo como uma “estátua”, não conseguindo promover uma ação específica que pudesse salvá-la desse mundo inundado de sentimentos, porém, paralisado, enrijecido, ou seja, “robotificado” pelo novo ambiente. Portanto, a salvação foi grudar na amiga, como um bebê que gruda em sua mãe para salvá-lo da angústia de morte.

Pesquisadora: O primeiro dia de aula, quem estava com você? Letícia: Meus pais, eles não entraram. Tive dificuldade de entrar na aula. Tinha vergonha de falar na frente de todo mundo. Prestavam atenção em mim. Eu virava estátua. Agora dá para conversar. Quando faz trabalho tem que ficar na frente, eu não gosto. Eu viro estátua [na frente da classe]. Fiz um trabalho junto com a minha amiga, senão iria virar estátua se fizesse sozinha. Pesquisadora: O que é estátua? Letícia: É difícil de mexer, falar. É como se fosse um robô. Porque é uma vergonha quando falo. Não gosto de falar na frente de todo mundo, o meu coração quase explode de tanta vergonha. Agora não passo vergonha, eu respondo quando a professora pergunta. Pesquisadora: Foi um momento difícil para você? Letícia: Difícil! Muito difícil! Tinha dificuldade de falar português, não sabia se ia fazer amigo. O Japão é mais fácil que o Brasil, porque já acostumei com o Japão. No Japão era para eu estar no 4º ano e não no 5ºano. Lá é um ano atrasado, não tem nono ano. (Anexo C/4ª Entrevista).

Diante da impossibilidade de não fazer novos vínculos de amizades no Brasil, Letícia acaba se deparando com o sentimento de impotência. Na escola japonesa, Letícia se identifica

com uma criança chinesa, ou seja, “estrangeira” que se encontrava na mesma condição dela. A aproximação por meio da identificação com a criança chinesa possibilitou a formação de novos vínculos.

Pesquisadora: Letícia, você teve alguma dificuldade que ficou marcada quando frequentou escola japonesa e na escola brasileira? Letícia: Dificuldade. Pensei e fiquei chateada, fazer amigo. Eu não sabia fazer amigo. Quando cheguei ao Brasil, achei que ninguém quisesse brincar comigo. No Japão tem algumas pessoas assim. Pensei se eu seria amiga de alguém. Uma menina japonesa queria ser minha amiga e ela me apresentou aos amigos dela. Essa amiga foi importante para mim. O nome dela é “Lin”. Ela é amiga. Ela veio de outro país. Ela nasceu no Japão, só que os seus pais vieram de outro país. (Anexo C/8ª Entrevista).

A princípio, no Brasil, Letícia não consegue se identificar com ninguém, o que acaba dificultando a construção de laços de amizades.

O sentimento de impotência dispara também em contato com as dificuldades escolares, no que diz respeito a não compreensão da língua portuguesa e da cultura brasileira.

Pesquisadora: Como está? Letícia: Bem. Tem palavras que não sei, mas pergunto para a professora. Pesquisadora: Quais são as palavras? Letícia: Não me lembro. Acho que foi. [Silêncio]. Tem palavras curtinhas. Tem palavras longas. Arquiteto. Não sei. Pesquisadora: O arquiteto é aquele que faz os desenhos da casa, dos edifícios e outras coisas. Letícia: Entendi. Também não sei o que é “antiesportivo”. A professora disse que “anti” é contra. Pesquisadora: Um jogo de futebol, quando um jogador agride alguém se torna antiesportista. Letícia: Humm. Pesquisadora: Quando não compreende o que sente? Letícia: Eu procuro no dicionário. Mas procuro pedir para a professora e colega, porque é mais fácil e no dicionário as palavras são mais difíceis. (Anexo C/4ª Entrevista).

Férias escolares

As crianças filhas de *dekasseguis* que estudaram somente em escolas japonesas ao se depararem com outro ambiente escolar, o qual não conhecem, percebem-se “atrasadas” em relação ao ritmo escolar e à sua turma. Essas crianças passam a correr atrás de um tempo que não pode ser vivido por elas, ou seja, elas correm atrás de um “tempo morto”. O tempo passado é sentido como tempo perdido e sem vida.

Pesquisadora: Letícia, o que você está fazendo nas férias? Letícia: Estou estudando tabuada e os livros. No ano passado e retrasado eu não fazia, tinha preguiça. Eu queria brincar com todo mundo. Pesquisadora: Era mais difícil? Letícia: Era! Porque tinha que fazer trabalho. Trabalho dá trabalho. Eu não queria fazer e chorava. (Anexo C/7ª Entrevista).

Escola no Japão

Na escola japonesa, Letícia se sentia acolhida pelo grupo. Apresentava também dificuldades de compreensão na língua japonesa. Não compreendia a escrita em “*kanji*” que é a forma de caracteres mais difícil da escrita. O caminho que Letícia percorria para lidar com o “não saber” era pedir ajuda à sua mãe e à irmã Eiko, que muitas vezes não conseguiam sanar as suas dúvidas. Muitas vezes, tentava resolver sozinha, buscando as respostas no dicionário.

*Pesquisadora: Lá no Japão você tinha amigos? Letícia: Tinha muitos amigos. Eu ficava no grupo. Brincava com várias pessoas. Gostava mais de brincar com as meninas. Pesquisadora: Quais eram as brincadeiras? Letícia: Areia, desenhar e parque. Letícia: Tinha pessoas que eu não conhecia. Eu também não entendia as palavras do Japão. A palavra “kanji”, eu não sabia. Perguntava para minha mãe e irmã e elas não sabiam, procurava no dicionário e não encontrava. Pesquisadora: Como se sentia quando não encontrava no dicionário. Letícia: Sentia que minha mãe podia ensinar japonês. A minha mãe me ensinou algumas palavras em português. “Oi”. **Só entendia “oi”.** (Anexo C/2ª Entrevista).*

As dificuldades escolares ocorrem para essas crianças em ambos ambientes. No ambiente escolar brasileiro Letícia se encontra acima da média, porém, chegou ao Brasil com uma única palavra do seu conhecimento na língua portuguesa e que aprendeu com a sua mãe, que foi a palavra “oi”.

Durante a realização do desenho do primeiro dia de aula na escola brasileira, Letícia vai relatando sobre o ambiente escolar japonês. A criança estava aprendendo a tocar um instrumento musical chamado de tamborim que ela mesma escolheu para praticar.

No Japão não lembro direito. No Japão, lembro das coisas do pré. Da escola não foi tanto, porque voltei rapidinho. Pesquisadora: Que coisas são essas? Letícia: Quando a gente brincava. Tinha muita educação física. Tinha que ir e voltar pulando coelhinho. Era muito difícil. Era estranho. Porque não era só com uma turma, era com outras turmas. Não tem professora de educação física. Era só uma professora. Eu gostava da educação física. Lembro-me das coisas de Natal. Eu ia para escola um pouquinho. A gente ia ganhar presente de Papai Noel. A professora pediu um bilhete para o Papai Noel. Eu desenhei um ursinho todo colorido. Era estranho, o corpo pintei de rosa, as patas verdes. Queria assim, porque achei que o papai poderia trazer um bem melhor que eu desenhei. (Anexo C/4ª Entrevista).

A professora gostava que a gente ia para o parque, porque todo mundo brinca com todo mundo. No Japão é diferente daqui, lá tem mais horas nas escolas. No pré a minha mãe mandava comida, eu gostava e não conseguia comer tudo. Quando chegava em casa a minha mãe ficava brava, porque não tinha comido tudo. No primeiro ano na escola a gente não leva almoço, a escola dava. Era público, não precisava pagar. A escola era muito grande, tinha duas quadras, tinha lugar que não podia ir, só o terceiro ano. A minha irmã tinha muitos amigos. Ela queria brincar na escola e podia. Fui brincar na escola de passar no rio e caía, chegava em casa molhada. Minha irmã dizia para minha mãe que tinha caído no rio [Brincadeira de atravessar a ponte]. (Anexo C/4ª Entrevista).

Na época que frequentava as aulas de língua japonesa no Nikkey, a criança se sentia deslocada, por não ter uma turma para sua idade. Como se Letícia ainda não tivesse encontrado a sua verdadeira turma. A criança ainda não pode encontrar o meio termo para o seu aprendizado na língua nipônica, ou seja, nem muito fácil e nem muito difícil.

Pesquisadora: No “Nikkey”, o “nihongo” está difícil para você? Letícia: Está difícil! Porque estou na turma especial. É turma para quem sabe “nihongo”. Estudo com minha irmã. Tem quatro pessoas na classe. Eu tinha que mudar de classe. Pesquisadora: Por que não muda? Letícia: Não quero. A outra turma da minha idade é fácil o “nihongo” e a outra, é difícil. Eu não tenho turma. Letícia: Eu acho estranho um japonês falar o português. O tom de voz fica esquisito. Pesquisadora: Como assim? Letícia: Como a palavra “exemplo”, em japonês fala “exempuro”. Os brasileiros também falam diferentes, porque acho que aprender japonês deve ser difícil para eles. (Anexo C/4ª Entrevista).

Intervalos escolares

Apesar de Letícia afirmar que tem muitos amigos, nessa citação abaixo se encontra sozinha no horário do lanche escolar, justificando que o lugar onde se encontram as demais crianças tem barulhos.

Pesquisadora: Como está no intervalo da escola? Letícia: Agora, estou no fundamental dois e era acostumada comer às 9:00 horas e agora são às 9:30 horas. No pátio tem barulho e eu fico na escada comendo o lanche. A classe inteira é muito amiga. (Anexo C/11ª Entrevista).

Além do mais, os meninos falam palavras de baixo calão e Letícia por não saber os seus significados recorre às amigas e as questiona sobre o que não pode ser dito em público: “*Eu pergunto para as amigas: Por que eles ficam falando se não podem falar?*” (Anexo C/11ª Entrevista).

Escola brasileira

A criança comenta que o mês de abril passou muito rápido e relaciona a situação experimentada com a semana de provas na escola. Expõem suas notas: Nota de inglês (10) e matemática (9.0). Faz uma crítica ao professor do primo Goro, argumentando que foi injustiçado pela escola. Que o primo tirou a nota 8.0 numa prova e consideraram 7.0, porque não participou das aulas (Anexo C/18ª Entrevista).

A instituição escolar ainda não se encontra preparada para lidar com as crianças imigrantes. A criança Letícia, apesar da sua pouca idade, pode perceber a falta do olhar do professor para com o seu primo Goro para a problemática da adaptação da criança ao meio.

Assim, distancia o aluno do professor e reforça o comportamento de isolamento da criança que é mais um sintoma da migração.

Diante de tantas queixas, Letícia pensa que não é justo os professores ficarem dando sermões para todos, por causa de alguns alunos que apresentam mal comportamento, sente-se incomodada e cansada por ter que ouvir inúmeras vezes a mesma coisa. Além do mais, sente que tudo isso atrapalha o andamento da disciplina e do futuro (Anexo C/18ª Entrevista).

Após ter passado três anos morando no Brasil a criança nos relata que se adaptou ao país, porém, as dificuldades escolares ainda continuam incomodando a sua vida.

Pesquisadora: Hoje, você se acostumou no Brasil? Letícia: Sim! Acostumei. Pesquisadora: Depois de 3 anos vivendo no Brasil, estudando em uma escola brasileira, você tem dificuldades? Letícia: Agora, tenho poucas dificuldades. Eu pergunto para a minha mãe, tia, avó e professora mesmo. Pesquisadora: Quais são as dificuldades? Letícia: As palavras de ciências sociais, história e geografia. Eu tenho mais dificuldades. Pesquisadora: Em que sente dificuldades? Letícia: Na palavra mesmo. Nas palavrinhas que existem. É difícil de ler e eu pergunto. Pesquisadora: Em relação a viver no Brasil, tem dificuldades? Letícia: Não tem. Depois da escola eu vivo normal. Na escola são as dificuldades. (Anexo C/10ª Entrevista).

Como a própria criança nos relata que as suas dificuldades se encontram nas palavras ou “*palavrinhas que existem*”, visando a vida escolar como centro ou fonte dos seus problemas e das suas dificuldades. Caracteriza a vida fora da escola como sendo “normal” (Anexo C/10ª Entrevista).

8.3.2.4 Filhos de dekasseguis: brasileiros ou japoneses?

A questão da identidade das crianças imigrantes no mundo contemporâneo é um assunto que tem promovido muitas discussões por parte dos pesquisadores, por causa da sua complexidade.

A criança Letícia define a sua identidade pelo lugar de nascimento e, por isso, se considera brasileira, como mostra a citação logo abaixo:

Pesquisadora: Você é japonesa ou brasileira? Letícia: Brasileira. Pesquisadora: Por quê? Letícia: Porque eu nasci aqui. (Anexo C/1ª Entrevista).

A confusão sobre a questão da identidade de Letícia toma uma dimensão maior quando entra em contato com outras crianças na escola.

Letícia: Minha colega me chama para aprender chinês. Eu falo que não. A outra amiga fala que não é chinesa e sim japonesa. A outra diz que é da mesma raça. Raça não é de cachorro? Pesquisadora: Temos várias raças, como a raça negra, a raça branca, e os japoneses? Letícia: Raça amarela. Pesquisadora: Você ficou chateada? Letícia: Não fiquei chateada, porque eles falaram de brincadeira. (Anexo C/4ª Entrevista).

A professora que a criança acabara de conhecer no seu primeiro dia de aula, apresenta-a para a classe, como sendo “japonesa”, e não como sendo “brasileira”. Os traços orientais que estão estampados em seu rosto, é o que define a sua identidade logo na sua chegada ao Brasil, na visão do outro. A imagem oriental da criança liga ao sentido de identidade. Além do mais, a própria criança, nessa citação abaixo, se sente menos japonesa que a sua irmã.

No primeiro ano tinha a mesma dificuldade, eles pensavam que sou japonesa. E a professora me apresentou assim mesmo. Eu pensei: “Nossa! Não é assim não, no meu coração”. Eu fui conversar com uma menina e quis ser amiga dela. Pesquisadora: O que vocês conversaram? Letícia: Eu conversei de como era a escola, que eu não sabia. Ela me apresentou vários amigos. Pesquisadora: Quando a professora falou que você era japonesa, como ficou? Letícia: [Sorriu]. As meninas perguntaram se eu era japonesa. Eu disse que era brasileira. Não sei por que ela disse isso. Eu acho que a professora me confundiu com a minha irmã. Eu não acho isso. As minhas amigas acham que sou japonesa e continua assim mesmo. (Anexo C/8ª Entrevista).

A negação do lado japonês de Letícia se desfaz quando diz o Japão é o seu lugar favorito e importante para ela.

Pesquisadora: O que é o Japão para você? Letícia: O Japão é meu lugar favorito, porque é um lugar importante. Pesquisadora: E o Brasil? Letícia: É um lugar normal. (Anexo C/19ª Entrevista).

O Brasil e o Japão jogaram uma partida de futebol na Copa das Confederações de 2013. Ao perguntar para Letícia para quem torceria, nem titubeou ao dizer que torceria pelo Japão. O lado japonês representa a força do mundo oriental que se encontra internalizada na criança. Portanto, podemos pensar que é o seu lado dominante.

Letícia: Eles estão jogando futebol? Eu torço para o Japão, porque o Japão está ficando forte. O Brasil a gente estava torcendo e ele perdeu. Por isso vou torcer para o Japão. Pesquisadora: Entre o Brasil e o Japão, quem vai ganhar? Letícia: O Japão. A minha televisão passa programa do Brasil. Pesquisadora: O que você assiste nos programas brasileiros? Letícia: Nenhuma coisa. (Anexo C/22ª Entrevista).

8.3.2.5 Filhos de dekasseguis: O difícil retorno

A decisão de migrar ou não para outro lugar, geralmente é tomada pelos pais que são os responsáveis pela criança. No caso de Letícia, a migração de retorno para o Brasil não ficou clara para ela. Relata-nos que ficaria no Japão por ter se adaptado à cultura e ao país. A viagem de retorno para o Brasil não soube nos dizer precisamente quanto tempo antes ficou sabendo, talvez dois, três dias ou um mês antes (Anexo C/19ª Entrevista).

Pesquisadora: Você foi consultada sobre o retorno para o Brasil? Letícia: A minha mãe não perguntou. Porque a gente foi direto para o Brasil. Pesquisadora: Você queria voltar para o Brasil? Letícia: Não sabia direito. Não queria voltar. Não entendia direito. Era bom eu ficar no Japão, porque tinha acostumado do que no Brasil. (Anexo C/10ª Entrevista).

O tempo para a criança fazer a sua própria despedida é de extrema importância para o processo de elaboração do luto. A criança Letícia fez a sua despedida na escola juntamente com os amigos de classe, antes de regressar ao Brasil. A senhora Natsu notificou a professora sobre a viagem de retorno ao Brasil. Recorda-se Letícia que passou horas e horas esperando no fundo da classe os colegas arrumarem a sala para a sua despedida. Diz que recebeu uma caixa de “origamis” e um texto produzido pelos colegas de classe. A experiência de despedida foi sentida como boa pela criança e, por isso, ficou feliz, porém sente saudades dos amigos que deixou para trás em sua vida: “*Eu sinto saudades deles. Eles me ensinavam. Brincavam comigo*” (Anexo C/16ª Entrevista).

Pesquisadora: Você pensa nesses seus amigos? O que pensa sobre os amigos que estão lá no Japão? Letícia: Penso! Não sei. Fico só pensando. Será que estão bem na prova? Pesquisadora: Se fosse retornar para o Japão hoje, como sentiria? Letícia: Acho que pularia até o céu acabar. Eu morreria de saudades. Acho que não conseguiria dormir umas semanas, porque tenho que acostumar com o quarto e a vida. (Anexo C/16ª Entrevista).

O choque cultural é intenso dessas crianças imigrantes que passaram uma temporada fora do país, e quando retornam para o país de origem, não o reconhecem como sendo a sua “casa”. Dentro da própria casa passam a lidar com costumes e hábitos diferentes.

Pesquisadora: Quais são as dificuldades que você tinha? Letícia: Japão e o Brasil é diferente, então eu achei no primeiro entra na casa sem sapato. Pesquisadora: Lá no Japão? Letícia: [Menção com a cabeça afirmando]. Pesquisadora: E aqui? Letícia: Entra com sapato. (Anexo C/1ª Entrevista).

O sentimento de estranhamento da criança caracteriza um desligamento do tempo real, surgindo fantasias com futuras mudanças dos pais. Atualmente, relata-nos se sentir melhor diante da realidade, como se tivesse “*mais direitinha*” (Anexo C/11ª Entrevista).

Pesquisadora: Como que é se sentir estranha? Letícia: Antes queria estudar, a professora fala e eu penso em outra coisa. “O que eu vou fazer depois? Será que meus pais vão sair para algum lugar?” Agora, fiquei mais direitinha. (Anexo C/11ª Entrevista).

Pesquisadora: Você gosta do Brasil? Letícia: Primeiro não gostava, agora gosto. Achava que o Brasil era diferente do Japão, não sabia o que era. Eu não gostava então. Pesquisadora: Você mora na casa da tia? Letícia: Sim. No Brasil fico chateada, porque no Brasil tem muita grama e fica coçando a minha perna. (Anexo C/2ª Entrevista).

Na citação abaixo, percebemos as dificuldades que Letícia tem enfrentado para construir novos vínculos de amizades. O seu desejo é que japoneses e brasileiros se vinculem.

Pesquisadora: Por que são tão importantes os amigos? Letícia: Porque não ter amigos é chato. Não ter uma conversa gostosa. Acho que é importante fazer amizades com todos. Eu acho que é importante fazer amizades com brasileiros e japoneses. Pesquisadora: Hoje, você tem amigos? Letícia: Tenho muitos amigos, a turma inteira e a outra também. Eu encontrei vários amigos no shopping domingo. Que coincidência! Porque são rostos conhecidos. No shopping vai conversa vai e demora muito. Gosto de encontrá-los na escola. (Anexo C/8ª Entrevista).

As experiências de perdas, de encontros e despedidas são mencionadas pela criança como desabafos. Os laços de amizades são rompidos quando não passam a frequentar mais a mesma instituição ou migram para o Japão. A dor da separação e a vivência de luto de Letícia na hora do adeus.

No Japão tem uma palavra assim: Pode falar em japonês e pode falar em português. Você encontra uma pessoa que você não sabe, e se torna alguma coisa dela e depois dá adeus. A gente tinha no “Nikkey” uma amiga, quando encontrei a amiga ela parou com o “Nikkey”. Os pais dela pensou melhor, ela esquecer o japonês. Aí vai melhor o português. Esse ano meu amigo do “Nikkey” foi para o Japão. Depois encontrei a minha avó. Você encontrou uma amiga e depois vai falar adeus para amiga. (Anexo C/9ª Entrevista).

O espaço para a realização da nossa pesquisa é visto por Letícia como o lugar para falar dos seus sentimentos mais profundos. Diante desses turbilhões de sentimentos de Letícia, na relação com a pesquisadora se sente acolhida e amparada.

Estou feliz do mundo! Aqui dá para falar as coisas que não dá para falar em outros lugares. Tem muitas coisas no mundo que não são legais. O português era difícil. Tenho tristeza também com os avôs que estavam no Japão e dava terremotos e eles vieram. (Anexo C/9ª Entrevista).

Pesquisadora: Como é para você vir aqui? Você me encontrou! Letícia: Hum. Para a minha mãe não falou tudo. Eu gosto de você. As coisas que falou do Brasil, eu falo para Cizina. As coisas do coração dá para falar. Eu amo conversar com as pessoas adultas. Estou aprendendo muitas coisas com você. Pesquisadora: Você sabe que é psicologia? Letícia: É conversar com o outro. A psicóloga da escola não escuta direito as coisas que tenho para falar. Não gosto de conversar com ela, fico dormindo. É uma conversa que não tem a ver com a gente. Por isso não gosto da psicóloga da escola. Pesquisadora: Por que vai à psicóloga da escola? Letícia: Eu vou junto com as salas. Eu não faço coisas violentas. Cortar laços de amizades. Pesquisadora: O que gostaria de falar com a psicóloga da escola? Letícia: Eu gostaria de falar de sentimentos do meu coração. Não tem graça para mim. Não ensina nada para mim. Pesquisadora: Você gosta de vir aqui? Letícia: Encontrei a psicóloga mais legal do mundo. O coração tem um risquinho, não de ferida e você cura. Eu fico feliz sempre. Quando tenho coisas desesperadas e a Cizina dá para falar e dá para fazer amizades. E agora, eu gosto mais da escola, desde quando eu vim aqui. Aprendi muitas coisas, tive mais amigos e não brigar com eles. Eu cresci no coração mais um pouquinho. Aos sábados e aos domingos não penteava os cabelos e nas férias era pior. Tinha preguiça. Pesquisadora: E hoje como está a dona preguiça? Letícia: Às vezes deixo de pentear. Agora é uma preguicinha. Os cabelos ficam doendo. (Anexo C/ 9ª Entrevista).

Futuro

A criança Letícia fala da sua incerteza sobre as realizações futuras, trabalhando com porcentagens de dar certo ou não.

Pesquisadora: Como você se imagina no futuro? Letícia: Eu imagino que quero uma casa. E eu terei uma casa, linda e grande. E quando crescer ter mais anos, eu queria virar cantora, e eu não sei se vou conseguir. Pesquisadora: Você não sabe se vai conseguir ou não, por quê? Letícia: Porque não sei do futuro, não sei se vou virar as ideias, ou se vou morrer antes de virar cantora. Tem 50% de virar cantora. Eu posso falhar na prova de cantora e ficar muito triste. (Anexo C/9ª Entrevista).

Retorno ao Japão

Pesquisadora: Você quer saber alguma coisa do Japão? Letícia: O Japão está tendo terremoto? Pesquisadora: O Japão tem terremotos. É um país que vive com terremotos. Letícia: Quando crescer quero ir ao Japão. Fazer doações de doces e moedas. Fazer uma fábrica de docinhos para crianças normais também. Eu quero tentar qualquer coisa. No Brasil o emprego é difícil também. Eu quero ser cantora também. Eu só sei cantar música do Japão. (Anexo C/11ª Entrevista).

Pesquisadora: O que sente e pensa quando vê as fotos do Japão? Letícia: Às vezes penso que quero voltar mais uma vez para o Japão. Pesquisadora: O que iria fazer no Japão? Letícia: Brincar mais. Fazer as coisas direito. Eu queria fazer e não conseguir fazer. Pesquisadora:

Você fala que tem vontade de voltar para o Japão? Letícia: Muito! Pesquisadora: Quais são essas coisas que gostaria de fazer no Japão? Letícia: Ir para a escola e estudar direito. Fazer muitos amigos. Fazer compras nas lojas. Fazer uma casa. Pesquisadora: Hoje, você sente vontade de voltar para o Japão? Letícia: Tenho como antes. Pesquisadora: Aqui no Brasil, como se sente? Letícia: O Brasil é o lugar que nasci. Agora, estou de volta. De primeiro achava que era um lugar chato. Agora, estou gostando. Pesquisadora: Por que achava o Brasil um lugar chato? Letícia: Não era igual o Japão. No Japão é muito liso. No Brasil tem quebra-molas. E por isso, eu não gosto. Pesquisadora: No Brasil têm obstáculos que você não gosta. Qual é o seu maior obstáculo? Letícia: No Japão a comida e a escola são gostosas. No Brasil a comida é mais ou menos. As lojas não são bonitas. Eles vendem coisas que não prestam. Pesquisadora: Você prefere o Japão ou Brasil? Letícia: Os dois. Acho que é legal. Pesquisadora: Você sente muita falta do Japão? Letícia: É. Pesquisadora: Você está sempre pensando no Japão? Letícia: Sempre. Acordo e durmo. No Japão tinha coisas legais. Tinha neve. Coisas que eu interessava. Pesquisadora: O que você gosta no Brasil? Letícia: Gosto dos meus amigos que são legais. Coisas para aprender. Acho que gosto mais ou menos. Pesquisadora: Está falando que do Brasil gosta mais ou menos. E do Japão? Letícia: Eu gosto muito! Pesquisadora: Você pretende algum dia voltar para o Japão? Letícia: Quando crescer, eu quero tentar ir. Morar lá. Fazer faculdade. Pesquisadora: Qual a faculdade que gostaria de fazer? Letícia: Não sei ainda. Pesquisadora: Você sonha com o Japão no seu futuro. Letícia: Sim. (Anexo C/12ª Entrevista).

Os terremotos que ocorrem no Japão são vistos por Letícia como impedimento para o retorno ao Japão. Além disso, a condição de ser criança é outro impedimento para retornar ao Japão, já que não tem como retornar sozinha. A criança apresenta-se queixosa por ter se separado do Japão.

Pesquisadora: Você gostaria de estar voltando para morar no Japão? Letícia: Senão fosse o terremoto. A gente sempre saía. No Brasil a gente sempre fica presa. No Japão a gente ia andando, aqui não anda mais. Fico triste dessas coisas do Japão. Das coisas que fazia. Pesquisadora: E hoje você não pode fazer mais. Letícia: Hoje, não estou com isso agora. Posso ir e não ir. Letícia: Os amigos, da escola e da professora, é um pouco triste. De primeiro no Japão pensou que fosse separar do Japão. Pesquisadora: Foi difícil para você. Letícia: Foi! Eu não queria separar dos meus amigos, mesmo que não goste das matérias é um bom lugar. (Anexo C/16ª Entrevista).

Depois de algum tempo morando no Brasil, ao perguntar à Letícia o que traria do Japão para o Brasil, ela desabafa expondo que a realidade japonesa não é tão fácil para a criança imigrante. As crianças não imigrantes desconhecem a realidade nipônica e idealizam o mundo japonês. Surge o olhar do outro distorcido da realidade sobre o mundo que Letícia conhece muito bem. Entretanto, Letícia vive uma ansiedade de cisão quando traz que os brasileiros são preguiçosos e sem educação.

Pesquisadora: O que traria do Japão para o Brasil? Letícia: Eu não sei o por quê. Eu não gosto que eles sabem. Acho que fui no Japão e eles ficam falando “fácil”. Eles não sabem que é difícil. Eles falam que lá é legal. No Brasil, precisaria fazer coisas úteis. Eu traria comida

para fazer. O doce do Brasil é doce. Eu traria os estudos do Japão para contar como foi. Eu acho que eles não vão gostar da escola japonesa. Eles falaram que não querem ir para a escola japonesa. Os brasileiros são muitos preguiçosos. Uma aluna disse-me que tinha feito a matéria e não tinha feito. São sem educação, porque a professora pede para parar e eles não param. Depois ficam chorando que não conseguiu nota boa na prova. Pesquisadora: Você tirou notas boas? Letícia: São mais que 7. A prova do livro tirei 5, a nota máxima. (Anexo C/13ª Entrevista).

Na citação abaixo, Letícia inicia sua fala de uma maneira mais flexível emocionalmente, comentando que no Brasil encontra pessoas boas e ruins e que levaria os conhecimentos, comida e “*mangás*” brasileiros para os japoneses. Logo em seguida, as diferenças são gritantes entre os dois países, as ruas japonesas são consideradas como tapetes e as ruas brasileiras, esburacadas. O Japão real e ideal parece caminhar lado a lado, seria quase impossível distinguir o Japão real, do Japão ideal.

Pesquisadora: O que levaria do Brasil para o Japão? Letícia: Levaria os conhecimentos. Como as pessoas são. Têm pessoas boazinhas e outras não. Levaria um “mangá” para todo mundo. Levaria comida. Ia falar que tinha muita diferença entre Brasil e Japão. As ruas japonesas são lisas e no Brasil não é bem feita. As roupas são diferentes. No Brasil está usando roupas verdes, os japoneses não gostam. Pensava que tivesse neve no Brasil. As casas são grudadas. Nossa! Por que as casas são grudadas? Por que será que é diferente? (Anexo C/13ª Entrevista).

A fantasia de que o Brasil era um lugar deserto, inabitável, aparece no relato de Letícia, como ter que deixar o oásis japonês e se deslocar para um lugar sem recursos e ainda ter que sobreviver ao inóspito. A criança faz várias comparações entre o Brasil e Japão. Acaba criticando a tecnologia brasileira, considerando-a de baixa qualidade, o mau comportamento dos brasileiros em relação aos professores e a falta de consciência dos brasileiros ao jogarem lixo na rua. Essas diferenças são nitidamente observadas pela criança.

Pesquisadora: Você sente feliz no Brasil? Letícia: Às vezes sinto feliz. Às vezes acho chato ir para escola. Eu conheci amigos. A escola é boa. Pensei que o Brasil era um deserto. Monte de areia e muito quente. Pesquisadora: No Brasil não tinha gente morando? Letícia: Não. Pesquisadora: Então, vocês seriam os primeiros habitantes. (Anexo C/15ª Entrevista).

A desvalorização do país presente, Brasil, é no sentimento de rejeição que a criança encontrou para negar a nova realidade vivida por ela. Assim, consegue preservar o país ausente. “*O Brasil cheira muito fedido. Não tem esgoto. Cheira xixi e cocô*” (Anexo C/21ª Entrevista).

Após os estados dissociativos de Letícia, a criança passa a ser mais coerente sobre o pensar a realidade brasileira: “*Pensei que fosse um lugar muito chato. Depois comecei a gostar*” (Anexo C/15ª Entrevista).

O medo de ser esquecida pelos amigos de classe repercute no diálogo de Letícia, logo abaixo:

Pesquisadora: Como você é na sala de aula? Letícia: Uma pessoa que não fala tanto. Que estuda. A inteligência é igual para todo mundo. Presta atenção nas aulas. Esqueceram de mim, rapidamente. A classe toda. Só quatro amigas lembram de mim. Um exemplo, que eu não fui no encontro de vida. Eles foram, só perguntaram de mim após alguns dias. Pensei: Nossa! A turma se esqueceu de mim! (Anexo C/16ª Entrevista).

8.3.2.6 Sentimento de vergonha

O sentimento de vergonha de Letícia ficou transparente logo no primeiro dia de aula. O sentimento de vergonha da criança está ligado ao “não saber”, ao desconhecido.

Pesquisadora: O que você desenhou? Letícia: Eu tinha ido para o Brasil. A professora tinha saído da classe. Eu estava com a mala. Fiz poucas carteiras, porque são muitas. Pesquisadora: O que você estava fazendo? Letícia: Estava esperando a professora. Quando ela chegou, me apresentou. Eu tinha vergonha. Pesquisadora: Por que você tinha vergonha? Letícia: Não sabia as coisas direito, não sabia as palavras. Pesquisadora: Como era essa vergonha? Letícia: Vergonha de falar. No Japão não tinha vergonha dos amigos da minha irmã. Pesquisadora: Hoje, você sente vergonha? Letícia: Não. Tem algumas palavras que não sei. Às 7:00 horas tem oração e depois ficamos cinco minutos conversando na sala de aula. É muito legal. Tem um amigo que quer aprender japonês. (Anexo C/4ª Entrevista).

8.3.2.7 Urashima Taro

A família é considerada uma estrutura física e emocional importante para Letícia. Portanto, é um meio que a ampara.

Contamos para Letícia a estória de “*Urashima Tarô*”. Ela prestou atenção na lenda japonesa. Ela não aceitara ir embora para o reino das águas como fez *Urashima Tarô*, pois nessa viagem perderia sua família.

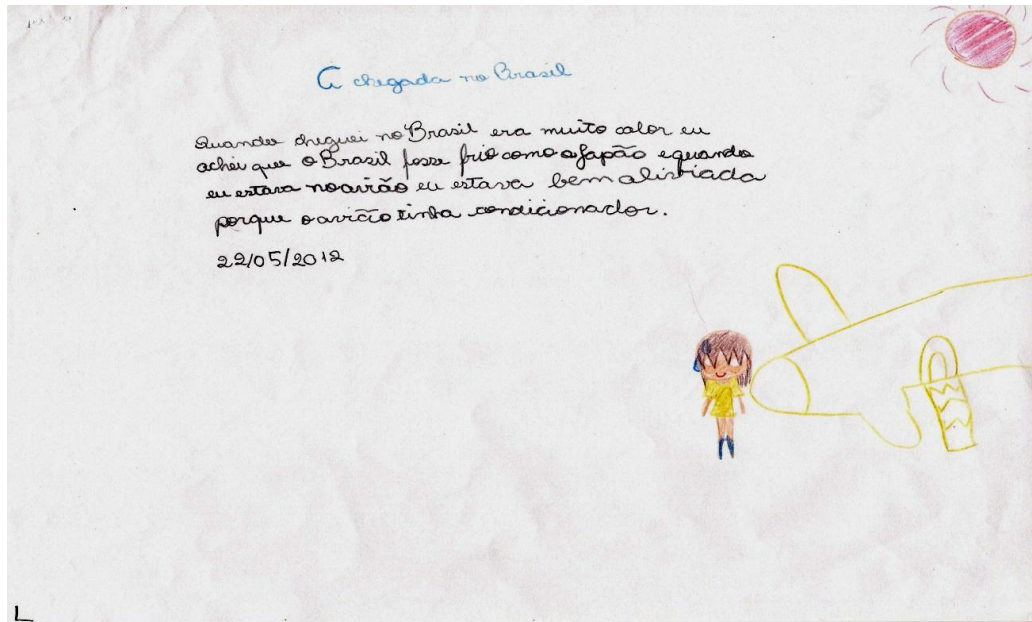
Pesquisadora: O que pensou da estória de “Urashima Tarô”? Letícia: Nesta estória, esse moço ajudou a tartaruginha. Ele não poderia aceitar o convite da princesa. Se eu fosse ele não teria aceitado, passaram 300 anos, vou ficar triste, não vou ter pai, mãe e irmã. Vou achar esquisito. (Anexo C/3ª Entrevista).

A criança que migra vivencia várias perdas ao se separar do convívio com a terra-mãe.

Pesquisadora: Como você resolveria? Letícia: Só iria no fundo do mar um ano; ou um dia para conhecer a princesa. Pesquisadora: Você iria ficar pouco tempo? Letícia: Sim. Pesquisadora: O que pensa sobre isso? Letícia: Eu acho que ele se sentiu muito triste. Ele viu as construções e os lugares. Eu ficaria muito triste também. Ele também tinha vida bem curtinha. Ele passou a vida no castelo da princesa. Pesquisadora - Você mudaria a estória? Letícia: Sim. Ele foi para o mar. Ele voltou de primeiro dia. Os pais preocuparam e o encontrou. Ele passou o resto da vida bem feliz. (Anexo C/3ª Entrevista).

8.3.2.8 Análise dos desenhos

Chegada ao Brasil



A criança inicia o desenho pela figura da menina, em seguida faz o sol que está preenchido em vermelho e depois desenha a parte da frente do avião, como se lhe faltasse psicanaliticamente a sua outra metade, mostrando uma porta aberta e as escadas. O sol desenhado na cor vermelha não parece ser o sol brasileiro e sim, o sol japonês. Portanto, o sol vermelho é a representação simbólica da cor da bandeira japonesa.

Ao perguntarmos o que desenhou, disse ser ela. No desenho da figura feminina tem duas gotas de suor azuis que escorrem pelos cabelos, representando o calor da chegada ao Brasil. Na figura feminina há ausência de nariz e os olhos faltam às pupilas, estão brancos como se estivessem vazios. Os seus pés estão inclinados verticalmente, como se Letícia ficasse na

posição de uma bailarina clássica. Parece que Letícia não podia pisar no novo solo juntamente com os dois pés no chão, teria que ser cautelosa na terra desconhecida, porque se encontra sem algumas partes de si mesma, como se os órgãos dos sentidos lhe faltassem, sem o seu nariz, acaba ficando sem direção e sem seus olhos para enxergar a nova e difícil realidade.

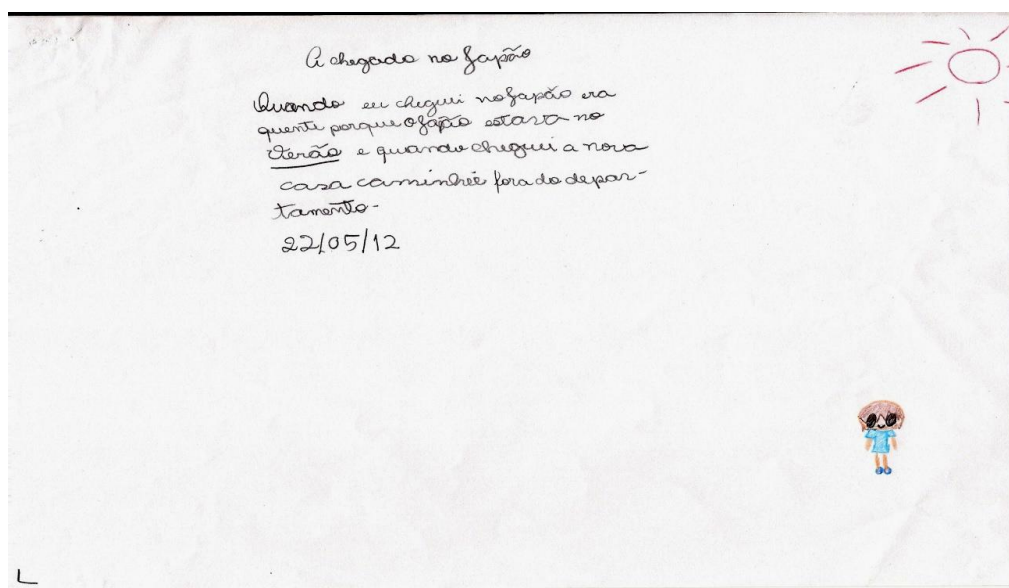
Eu estava suando com o calor do sol do Brasil. Eu tinha que tomar muita água, estava muito suado. Tinha chegado ao Brasil. O avião estava bem limpo. Quando estava no avião estava aliviada e quando saí estava com calor. No avião tem ar condicionado. Quando ficou de dia, ficou muito calor. (Anexo C/3ª Entrevista).

O impacto na chegada da criança com o novo ambiente traz um grande desconforto, o clima brasileiro é outro, diverge do Japão. Ela faz um apontamento sobre a diferença logo na chegada. Podemos pensar que, nessa situação, Letícia revive o trauma do nascimento, tendo que deixar o ambiente agradável e seguro do avião representado pela “barriga da mãe” e nascer em outro lugar, totalmente diferente do ambiente familiar.

Letícia: Quando cheguei ao Brasil era muito calor. Eu achei que o Brasil fosse frio como Japão e quando eu estava no avião eu estava bem aliviada, porque o avião tinha ar condicionado. (Anexo C/3ª Entrevista).

Ao desembarcar do avião, a figura de Letícia se encontra sozinha sem a família, sentindo-se emocionalmente desamparada.

Chegada ao Japão



O desenho de chegada ao Japão tem a figura feminina muito pequena em relação à folha, descentralizada, do lado direito da folha. A figura apresenta os olhos grandes e preenchidos pela cor preta. Tem um sol vermelho lançando raios solares. Há ausência de nariz e das pupilas. O sol japonês não está preenchido por dentro pela cor vermelha.

A figura feminina desenhada representa Letícia e está com os pés postos de forma horizontal, porém, falta o chão para Letícia pisar, apesar de parecer descontraída nas terras dos seus ancestrais.

Pesquisadora: Quem é essa? Letícia: Eu. Pesquisadora: O que está fazendo? Letícia: Eu estava caminhando junto com a família. Quando havia chegado no Japão, acho que era verão, porque era muito calor. A primeira coisa que fiz lá, fui até a casa e um “depaato”³⁶ [loja]. Eu ficava brincando. Eu tinha quase um aninho e estava com sono. Pesquisadora: Por que o sol um está desse jeito preenchido e o outro não? Letícia: Porque o sol no Japão é diferente. Pesquisadora: Como diferente? Letícia: O sol do Brasil é calor. O Brasil é mais quente. (Anexo C/3ª Entrevista).

Apesar das diferenças climáticas representadas pelos sóis das duas terras, o calor brasileiro é distinto do calor japonês. Para Letícia o sol brasileiro é mais quente do que o sol japonês.

Letícia: Quando eu cheguei no Japão era quente, porque o Japão estava no verão. E quando cheguei à nova casa caminhei fora do departamento. (Anexo C/3ª Entrevista).

A figura feminina se encontra sozinha na chegada ao Japão, porém, escreve que está com a família. Apesar da sua tenra idade quando chegou ao Japão, traz em suas fantasias a imigração para o país de destino.

³⁶ *Depaato*: Loja (f) de departamentos, magazine (m) (HINATA, 1998, p. 60).

Primeiro dia de aula na escola do Brasil

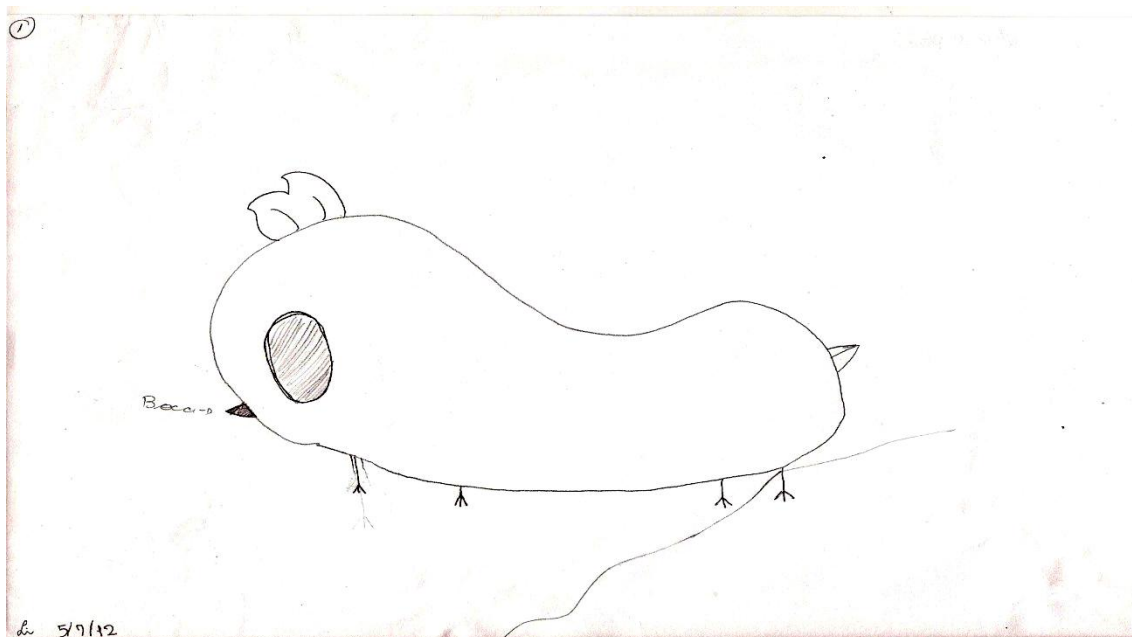


A criança Letícia desenha uma figura feminina que representa a sua chegada à escola. Encontra-se com uma mochila posta no chão. Na frente dessa figura tem duas carteiras vazias e atrás um quadro verde, ou seja, uma lousa. Os olhos são amendoados, pretos e muito grandes, tendo uma marca que define a pupila. O pequeno nariz quase não se vê, fica misturado com os cabelos. Há ausência de chão no desenho. Mostra-se envergonhada por se sentir “estranha”, diferente das demais crianças, por não conhecer as pessoas, a língua portuguesa e nem o sistema escolar brasileiro.

Pesquisadora: O que você desenhou? Letícia: Eu tinha ido para o Brasil. A professora tinha saído da classe. Eu estava com a mala. Fiz poucas carteiras, porque são muitas. Pesquisadora: O que você estava fazendo? Letícia: Estava esperando a professora. Quando ela chegou, me apresentou. Eu tinha vergonha. Pesquisadora: Por que você tinha vergonha? Letícia: Não sabia as coisas direito, não sabia as palavras. Pesquisadora: Como era essa vergonha? Letícia: Vergonha de falar. No Japão não tinha vergonha dos amigos da minha irmã. (Anexo C/4ª Entrevista).

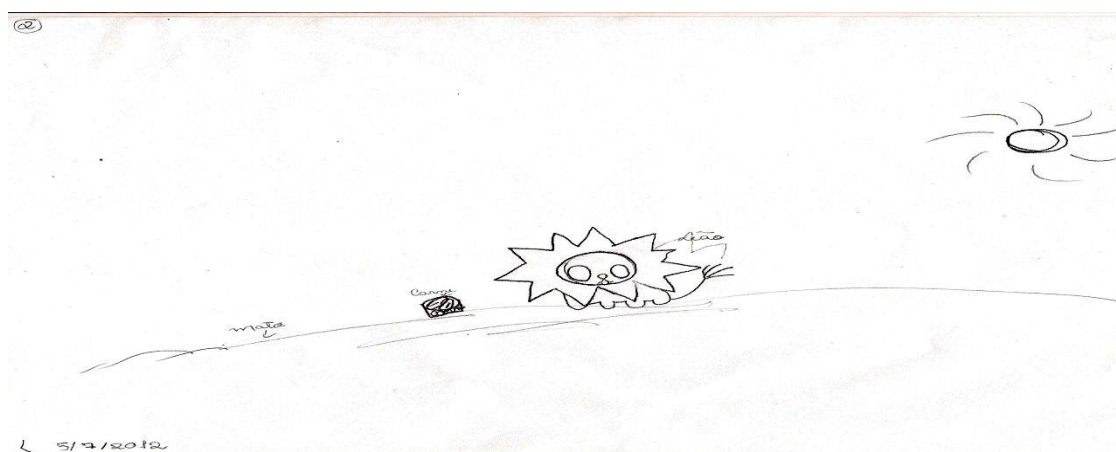
Os olhos arregalados da figura parecem surpresos diante do novo meio. Percebe-se sozinha diante do desconhecido e desamparada.

Desenho do Rabisco



Iniciamos o desenho e a criança o terminou. O desenho tem aparência de um pintinho, porém, Letícia relata-nos que tem dúvidas se realmente é um pintinho ou uma galinha. Logo em seguida, confirma que desenhou uma galinha. A figura da galinha está desenhada horizontalmente, dando para ver um dos seus lados. Apresenta um olho grande sem as pupilas, um bico pequeno, uma crista na cabeça, um rabo e quatro pés. Traz uma galinha mãe que está feliz por estar com os pintinhos. Letícia enfatiza, nesse desenho, a importância de estarem juntos em família e bem alimentados (Anexo C/6ª Entrevista).

Segundo Desenho do Rabisco

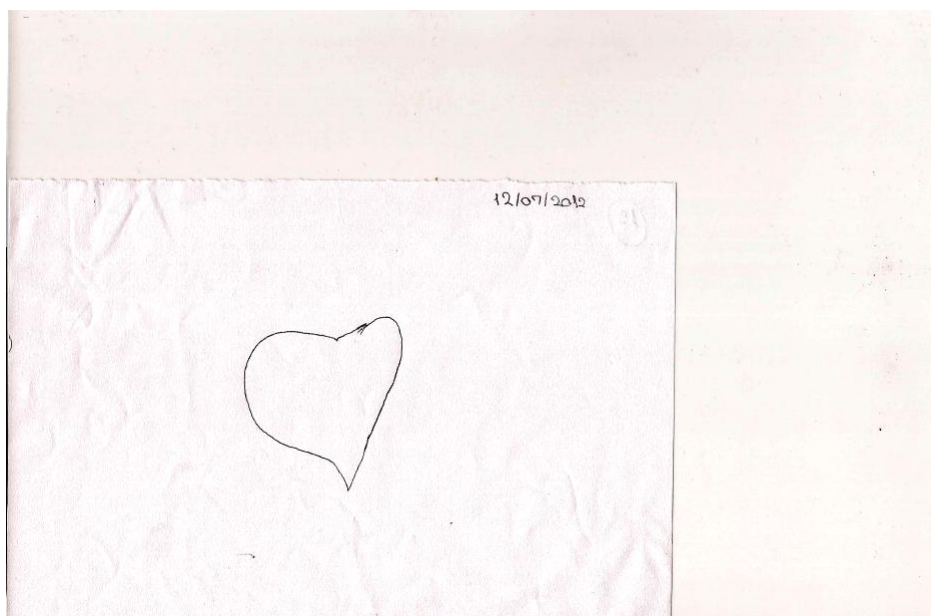


Nós iniciamos o desenho e a criança o terminou. A criança desenha um leão. O desenho do leão apresenta uma enorme juba, olhos arredondados, porém sem as pupilas, nariz que parece uma pequena bolinha juntamente com a boca, um rabo e quatro pernas. Há ausência dos pés. No desenho também tem um sol e a carne está logo à frente do leão. Apresenta um traçado quase apagado, onde o leão faz o seu caminho (Anexo C/ 6ª Entrevista).

A criança relata que o leão foi capturado e depois trazido para o Brasil. Está preso no zoológico de Marília para ser visto por todos, portanto, vive sozinho, sem os pais e não tem amigos.

O desenho mostra o desamparo emocional de Letícia ao ser capturada no Japão e trazida para o Brasil. Os pais da criança representam os caçadores que a arrancaram do território japonês e a trouxeram para morar no Brasil. Sente-se sozinha, mesmo estando no meio de outros leões, por não poder depositar confiança neles. Esses leões são vistos como extremamente perigosos, a criança vive uma cisão, não poderá confiar no outro se sentindo ameaçada de morte, ou seja, poderá ser devorada pelos leões que estão ao seu redor. Expressa a necessidade de ter uma vida normal.

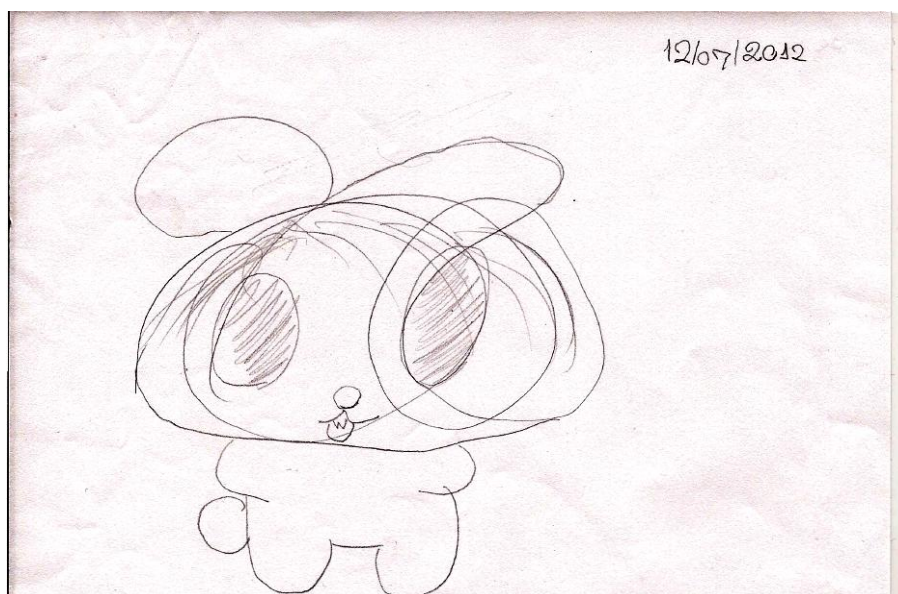
Terceiro Desenho do Rabisco



A criança inicia o desenho e nós o terminamos. O desenho é de um coração. Letícia guarda nele as lembranças da família, do lugar que nasceu, dos amigos de classe dos anos anteriores, do *Nikkei* e da escola japonesa (Anexo C/7ª Entrevista).

As lembranças ocupam um espaço na mente de Letícia, pois retratam o lugar do seu nascimento e as pessoas que são importantes para ela. Lembrando que Letícia é uma brasileira nata.

Quarto Desenho do Rabisco



Nós iniciamos o desenho e Letícia termina-o. O desenho é a figura de um urso. O urso apresenta cabelos sombreados sobre o rosto, nariz, boca, dente, olhos sombreados por dentro, orelhas, rabo, dois braços e duas pernas. Há ausência de mãos e pés. O desenho está posicionado de frente da folha de papel (Anexo C/7ª Entrevista).

A criança Letícia relata que é um urso de cinco anos de idade, que não tem os pais, porém, mostra o seu dente para que todos possam brincar com ele. Entretanto, o amigo dele é cego e quase gêmeo. Essa cegueira foi ocasionada por um acidente de carro, onde esse foi atropelado. Esse urso amigo só vai enxergar quando completar dez anos de idade. Os pais desse urso tiveram uma vida trágica, a mãe morreu e o pai levou um tiro de um homem.

Parece-nos que Letícia retrata o seu outro lado, acidentada, sem os olhos para enxergar o mundo, porém, é uma cegueira temporária que passará ao completar dez anos de idade. A morte dos antigos pais japoneses e a difícil orfandade que sente por viver em terras brasileiras, mas que adotou como sendo sua nova família brasileira.

8.3.3 Caso Goro

8.3.3.1 Vivência de desamparo de Goro com os pais

A mãe de Goro e seus irmãos foram morar juntos na mesma casa com a família da tia materna que é a mesma casa dos avós maternos. Enfim, todos moravam juntos na casa dos avós. A importância dos parentes acolherem a família, logo na chegada ao Brasil, evita que a família caia em desamparo emocional. O contato de Goro com os primos brasileiros permitiu que buscasse aprender e se esforçar para começar a falar a língua portuguesa (Anexo E/3ª Entrevista).

No terceiro contato com a senhora Haru, ela relata que seu filho Goro *“ainda não está entendendo a leitura”*. Faz uma crítica ao ensino e ao material didático utilizado pelas crianças brasileiras. *“Quando era criança, eu não entendia. Goro está sentindo dificuldade”*. Perguntamos para Goro se ele está entendendo a nossa conversa, ele responde: *“Eu entendi e não entendi”*. A senhora Haru comenta que *“Ele consegue entender a base do contexto, porém os pormenores ele não entende”*. Um exemplo que a senhora Haru traz são as dificuldades de Goro na disciplina de geografia, não conseguindo definir o que é movimento de rotação e de translação. A mãe passa um vídeo para explicar a matéria. Porém, se complica quando tem que dizer que a terra gira em torno de si. Percebe que o filho não entende a matéria, mesmo usando o idioma japonês e fazendo gestos com as mãos (Anexo E/5ª Entrevista).

A mãe percebe as dificuldades do seu filho em relação ao aprendizado escolar, se sentindo sem direção e impotente. A senhora Haru olha para o seu passado e recorda das suas dificuldades escolares e que sofria para aprender como o seu filho Goro.

A mãe relata que o filho está tomando medicamento homeopático porque sofre com a falta de concentração. A criança não passou por uma avaliação neurológica.

Sra. Haru: Um dia tem quantas horas? Goro: Trinta dias. Depois disse 11 horas. Nem na língua japonesa sabe a noção de tempo. No Japão ele era atrasado em relação ao tempo. Não conseguia entender 10 minutos. Sra. Haru: Goro é uma criança desorganizada. Ele não lava o rosto. Ele molha os dois dedinhos e passa nos olhos. Eu ensino. Ele come e não limpa a boca. (Anexo E/5ª Entrevista).

O tempo da criança Goro não parece ser o mesmo tempo real. O tempo de Japão e o tempo de Brasil não estão conectados. São dois tempos distintos um do outro. Podemos perceber os estados confusionais e as ansiedades dissociativas.

A senhora Haru fala sobre o comportamento de Goro no Japão:

Sra. Haru: Ele era pior. Ficava no banho sentado e não tinha feito nada. Tudo que ele não gosta, se dispersa. Ele viaja. Deixei um recado para a professora, ele não entregou. Ele tem muito receio de entregar. Ele leva muito ao pé da letra. Se a professora pede para ficar quieto, ele fica parado. Ele disse que a professora havia dito: “Azar o seu”. Não entendeu o que ela queria dizer. (Anexo E/5ª Entrevista).

Entretanto, se Goro lavasse a toca da aula de arte culinária e a rasgasse o problema seria dele. A mãe vive sofrendo por não conseguir lidar com essas dificuldades corriqueiras que o seu filho vem apresentando. O mundo de Goro parece estar mais no concreto, porém, tem dificuldades de compreender a subjetividade da comunicação de ambas as línguas. Portanto, falta a subjetividade da língua portuguesa e da japonesa.

Sra. Haru: No Japão a criança foi para escola e a gente acabou falando o japonês. Eu falava o português e ele respondia em japonês. Ele não me deu opção. Na escola no Japão faz teste de positivo e negativo. Ele não tem iniciativa de resolver logo. Em matemática era bom. (Anexo E/5ª Entrevista).

O sentimento de culpa da mãe está em perceber a necessidade e a falta do aprendizado da língua portuguesa na volta para o Brasil do seu filho Goro. A senhora Haru se justifica ao dizer que ficou sem opção de ensinar a língua portuguesa em casa, porque ele chegava e falava a língua japonesa.

Os pais *dekasseguis*, não esquecendo que são operários no Japão, vivem praticamente o dia inteiro nas fábricas trabalhando, pois manter o emprego é primordial para o sustento da família. Esses operários têm uma rotina diária de doze horas ou mais, o que dificulta executar a função materna ou paterna com seus filhos, acabam delegando à escola ou a algum familiar e muitas vezes a criança, após a jornada escolar, encontra-se sozinha em sua casa.

O reencontro de Goro com o seu padrasto ocorreu em meados de 2013, pois o padrasto havia ficado sozinho trabalhando no Japão. A criança diz ter se sentido feliz com a volta do “pai” para o lar. A criança notou algo diferente no padrasto, disse que havia crescido, dizendo que estava “alto”. Portanto, Goro não conseguiu olhar para si, projetando o seu próprio crescimento no padrasto. O casal decidiu que Goro continuará estudando numa escola particular, porém, os seus irmãos menores estudarão em escolas públicas (Anexo E/8ª Entrevista).

8.3.3.2 Desamparo em relação à língua

Essas crianças filhas de *dekasseguis*, ao deixarem o Japão, passam por muitas perdas e ao chegarem ao Brasil, perdem a sua própria língua. A primeira língua que a criança aprende é se comunicar com a mãe, denominada língua materna. A linguagem materna é, a princípio, a comunicação primordial para a sobrevivência do recém-nascido. Em decorrência do desenvolvimento da criança passam a aprender outras linguagens, como a língua paterna, a língua da sua pátria e a língua cultural.

Logo na primeira entrevista com a criança Goro, a língua portuguesa foi a principal dificuldade que encontramos para tentarmos um diálogo. Em virtude da experiência da pesquisadora como *dekassegui*, no Japão, e por ter conhecimento básico da língua japonesa, foi possível estabelecer uma humilde comunicação com a criança na língua japonesa, a qual era familiar para Goro.

Ao perguntarmos em português para a criança qual era o seu nome, surgiu um longo silêncio. Goro não se expressava em português. Lembrando que quando veio até nós, estava iniciando as aulas de português na escola de idiomas. Diante de tantas dificuldades, fizemos a mesma pergunta, agora no idioma japonês, e imediatamente veio a resposta, falou o seu segundo nome, que é o nome japonês. Geralmente os pais *dekasseguis* registram seus filhos com o primeiro nome português e o segundo nome sendo japonês. Esses pais costumam chamar os seus filhos pelo segundo nome, o japonês (Anexo E/1ª Entrevista).

Nessa terceira entrevista, pedimos para que a mãe da criança Goro pudesse fazer a tradução da nossa entrevista para o português. Apesar da experiência da pesquisadora em morar no Japão durante oito anos, a vida de imigrante se resume ao trabalho, portanto, o aprendizado intermediário da língua japonesa não ocorreu, já que o trabalho consumia seis dias na semana e os domingos eram programados para as realizações dos afazeres domésticos, assim, só sobrava o cansaço.

Pesquisadora: Você está tendo dificuldades aqui no Brasil? Goro [tradução da Sra. Haru]: Não tenho nenhuma dificuldade. Só o idioma. Falar. Pesquisadora: Quais as dificuldades na língua portuguesa? Goro: Dificuldade para formar as frases. (Anexo E/3ª Entrevista).

A língua portuguesa, para Goro, está sendo umas das suas principais dificuldades na chegada ao Brasil.

A língua do sonho

A língua sonhada da criança é a japonesa, conforme apontamos logo abaixo:

Goro [tradução da Sra. Haru]: Falo a língua japonesa no sonho. Nunca sonhei com nada daqui. Sra. Haru: No Japão Goro dormindo chorava muito à noite. Aqui no Brasil, ele sempre está mais alegre. (Anexo E/3ª Entrevista).

A mãe, ao perceber que tirou o seu filho do mundo oriental para morar no Brasil, justifica dizendo que o Brasil está fazendo bem para o seu filho, pois ele não tem chorado como chorava no Japão. Essa explicação dada pela mãe ameniza o seu sentimento de culpa em relação à sua tomada de decisão de retorno ao Brasil (Anexo E/3ª Entrevista).

A paisagem sonho

As paisagens sonhadas por Goro são as japonesas:

Goro [tradução da Sra. Haru]: Não sonho. Somente com paisagens do Japão. Tenho sonhos assustadores. Tenho medo. Sonha com uma senhora japonesa que usa butox e que ficou deformada. (Anexo E/3ª Entrevista).

O mundo da criança Goro é inteiro japonês. O Brasil não é sonhado pela criança. A criança olha para a senhora japonesa, representando psicanaliticamente a sua mãe japonesa, como sendo uma pessoa envelhecida, deformada e que sente medo. Como se a sua viagem de retorno para o Brasil tivesse estragado a mãe japonesa. A criança Goro fantasia uma mãe má, que assusta o seu filho imigrante porque a deixou.

O diálogo de Goro com a sua mãe ocorre no idioma japonês. A comunicação por meio da língua japonesa entre filho e mãe fortalece o sentimento de segurança sentido por Goro, de ser correspondido e não desamparado emocionalmente.

Pesquisadora: Na sua casa, qual o idioma que conversa com a sua mãe? Goro: Japonês e o português. Pesquisadora: Qual a língua que sua mãe usa para conversar com você? Goro: Japonês e o português. “Oobasan” e “Ojichan” também. O irmão só português. (Anexo E/4ª Entrevista).

A língua japonesa é mencionada primeiramente por Goro para dialogar com os seus familiares. Os irmãos menores estão aprendendo a língua portuguesa na escola. Goro está

fazendo uso da língua portuguesa com os irmãos, já que seus irmãos estão no infantil e a comunicação deles ocorre no sentido mais concreto, tornando-se mais fácil a compreensão da língua para Goro.

A criança nos relata que tinha poucos amigos japoneses e que eles pediam para ensinar o idioma português: “*Pesquisadora: Você ensinou o português? Goro: Peixe*” (Anexo E/Entrevista 4ª).

No Japão, a criança Goro não tinha praticamente nenhum vocabulário na língua portuguesa, apesar de tentar sanar as curiosidades das crianças japonesas que demonstravam interesse pela língua de Goro.

Ao perguntarmos para a criança Goro qual era a língua mais fácil, o português ou japonês, ele nos responde: “*Japonês. Porque é mais fácil de ler e escrever*” (Anexo E/6ª Entrevista).

A dificuldade de Goro na chegada ao Brasil é o não “*falar*” a língua portuguesa. A princípio, afirma o seu desconhecimento pela língua, em seguida, comenta que sabia falar “*um pouquinho errado o português*” (Anexo E/9ª Entrevista).

Pesquisadora: Quando chegou ao Brasil, qual era a sua dificuldade? Goro: De falar. É ruim um pouquinho complicado para mim. Difícil de aprender. Pesquisadora: Como fazia para falar? Goro: Falar com cuidado, pra não errar. Pesquisadora: Quando chegou ao Brasil, falava o português ou japonês? Goro: Português. Alguns queriam que falasse japonês. Alguns meninos, né. Eu falava o japonês e português. Falava um pouquinho errado o português. Pesquisadora: Parece-me que hoje você tem falado melhor o português? Goro: Se não, as pessoas não entendem. Pesquisadora: Parece-me que também tem conseguido entender melhor o português. Goro: O português. (Anexo E/9ª Entrevista).

O desejo de Goro era de saber falar a língua portuguesa antes de chegar ao Brasil para compreender e ser compreendido pelo outro. Essa criança, filha de *dekasseguis*, chega ao Brasil com o Japão dentro si e com um sentimento de vazio sobre o mundo brasileiro.

8.3.3.3 Desamparo no ambiente escolar

A criança Goro fez o processo inverso das suas primas que chegaram ao Brasil. Logo que as primas chegaram ao Brasil, já foram matriculadas na escola sem saber o idioma português. A mãe Haru somente matriculou o seu filho Goro, depois de ter sido alfabetizado na língua portuguesa na escola de idiomas, onde a metodologia de ensino é a japonesa, apenas tendo cursado sete meses.

Antes de Goro ser alfabetizado na língua portuguesa, os nossos diálogos eram praticamente silenciosos. Portanto, a nossa comunicação ocorria no idioma japonês.

No ano de 2013, Goro ingressa pela primeira vez numa escola particular de ensino fundamental no Brasil. Ele está frequentando a 3ª série/4º ano, após ter cursado a escola “*Kumon*” onde teve seu primeiro contato com a língua portuguesa. A criança não pôde continuar aprendendo o português na escola de idiomas, a mãe optou que Goro cursasse uma escola particular de ensino fundamental e que não poderia manter as duas escolas.

Depois de ter passado sete meses se alfabetizando no idioma português, Goro, ao retornar ao nosso consultório, no início de 2013 para darmos sequência às entrevistas, já nos mostrava que sabia falar algumas pequenas frases na língua portuguesa. Ele já não era totalmente dependente, Goro havia mudado o seu estado de total dependência, conseguido se desenvolver na língua portuguesa e mantendo-se parcialmente dependente. Na relação com a sua mãe, às vezes balbuciava como um bebê. Nesse dia, ele não queria entrar no consultório, queria acompanhar a sua mãe até ao mercado. Portanto, usamos o idioma japonês para cumprimentá-lo e ele acaba aceitando ficar a sós conosco. Foi nesse contato com a criança Goro que usamos mais o idioma português, porque ele estava compreendendo um pouco mais a língua. Portanto, o desamparo emocional ocorre quando Goro *faz* tentativa para se comunicar com o outro e não é correspondido, ficando sozinho em seu mundo.

A língua portuguesa continua sendo difícil para a criança, por não entendê-la subjetivamente. A matemática é a disciplina que Goro está podendo se desenvolver com mais facilidade, porque é uma ciência exata.

Pesquisadora: Como está na escola? Goro: Mais ou menos. Por que não entendo o português. Pesquisadora: Quando não entende o português, o que faz? Goro: Tenta falar, mas não consegue. (Anexo E/4ª Entrevista).

Pesquisadora: Qual a disciplina que vai melhor? Goro: Matemática. Sou bom de matemática. Pesquisadora: E a disciplina que vai pior? Goro: Português, porque erro bastante as letras. (Anexo E/4ª Entrevista).

Antes de Goro ingressar na escola, vivia antecipadamente angustiado por não conhecer o seu funcionamento e o novo ambiente. A criança fantasia que será motivo de riso pelas outras crianças, teme se sentir desprezado no ambiente escolar.

Sra. Haru: Antes de ir para a escola ficava falando: “Como é? Será que as crianças vão rir de mim?” Ele voltou contente, porque todos mostraram a escola para ele. Antes de começar

as aulas conversei com a professora e expliquei como meu filho era. Ele é muito ingênuo de tudo. Têm coisas que ele acredita. Ele não é maturo? (Anexo E/5ª Entrevista).

A preocupação da senhora Haru com a condição do seu filho Goro na escola é imensa e, por isso, decidiu conversar com a professora e prepará-la a respeito da ingenuidade de seu filho. Nas entrevistas com os pais das crianças, eles comentam que as crianças que moram no Brasil estão na frente em quesito amadurecimento, esperteza e a malícia, diferentemente das crianças japonesas, que prolongam o tempo de infância.

Para a criança compreender algumas disciplinas escolares, é necessário a compreensão da língua portuguesa.

Sra. Haru: Ciências não consegue entender. O inglês está aprendendo rápido. História e geografia estão com dificuldades. O português estava indo, agora com os verbos fica perdido justamente com o passado, presente e futuro que mexe com ele. Ele pergunta: “Por que o português tem tantos verbos? (Anexo E/5ª Entrevista).

No aprendizado do idioma japonês, Goro conseguia colocá-lo nos tempos verbais corretos. Entretanto, no Japão encontrava-se num “ritmo da falta”, faltava leitura japonesa para desenvolver na língua.

Sra. Haru: No japonês ele consegue pôr os verbos no tempo. A professora japonesa dizia que faltava leitura. Ele procurava livros com imagens no Japão. Fala que vai demorar de ler. O português fala que não sabe escrever e que prefere falar? (Anexo E/5ª Entrevista).

A queixa de Goro é porque ainda não conseguiu aprender a língua portuguesa, não consegue escrever as palavras que são extensas e as palavras que contêm acentos. Parece-nos que Goro ainda não pôde compreender as regras da nova língua. O medo que a criança sente ao lidar com o “não saber” mostra que se depara com a sua própria impotência diante do desconhecido mundo escolar. Além do mais, a criança percebe que não consegue agradar a sua mãe, faz uma comparação da sua vida escolar com a vida escolar da mãe, colocando-a como excelente aluna, sendo uma das primeiras da classe. A criança se sente na obrigação de ficar entre os primeiros alunos da classe, assim, se conseguir ir bem no aprendizado escolar, ganhará bolsa de estudos e livrará a sua mãe dos seus gastos escolares. Dessa forma, a criança tentará fazer a reparação com mãe, deverá ser reconquistada por Goro que se mostrará potente em seus estudos. A criança busca fazer a reparação com a sua mãe, pois sente muita culpa por não alcançar bons resultados escolares.

Pesquisadora: Goro, você estudou no “Kumon”. O que aprendeu? Goro: Letras, palavras e comprar. Pesquisadora: Como foi aprender as letras e as palavras na escola “Kumon”? Goro: Foi legal! Porque aprendi bastante. Pesquisadora: Você está podendo falar o português. O que pensa sobre isso? Goro: Matemática hoje está bom, porque aprendi no “Kumon”. Pesquisadora: E o português? Goro: Está indo mais ou menos, porque eu erro palavras. Pesquisadora: Quais são as palavras? Goro: Palavras compridos e de acento. Pesquisadora: Você lembra alguma palavra para me dizer? Goro: Paralelepípedo. Pesquisadora: Essa palavra parece um palavrão! Goro: [Ri] Essa palavra não consegue escrever. Pesquisadora: O que sente quando não consegue? Goro: Sente com medo. Pesquisadora: O que pensa? Goro: Que vai errar. Pesquisadora: O que poderá acontecer se errar? Goro: Que a professora vai ficar brava. Pesquisadora: Você tem sentido muito medo na escola? Goro: Tem. Pesquisadora: Qual é o seu maior medo? Goro: Texto. Pesquisadora: Então, o texto lhe assombra. Você sabe que é assombrar? Gor: Não. Pesquisadora: É ficar com muito medo. Goro: Porque a minha mãe fica muito brava. Porque a minha mãe tirava nota mais ou menos e depois tudo dez. Pesquisadora: Parece-me que sua mãe lhe cobra. Goro: Ela era 2º e 1º. Pesquisadora: O que pensa sobre isso? Goro: Que é bom. Aí, não precisa mais pagar a escola. Pesquisadora: Como assim? Goro: Se ficar em 1º não precisa mais pagar a escola. Pesquisadora: Você está me dizendo, que se ficar em primeiro lugar da classe não pagará mais a escola? Goro: Hum. (Anexo E/6ª Entrevista).

A criança vem mostrando insatisfação por não ter atingido notas melhores nas avaliações escolares. Goro tirou a nota 9.3 em inglês, porém, a nota de língua portuguesa conseguiu 7.3 pontos que está acima da média, justifica que foi mais ou menos na avaliação, porque está um pouco acima dos seis pontos e que é a média para a sua aprovação. A pontuação de 5.8 ficou na disciplina de ciências, nomeia de nota ruim, por estar abaixo da média escolar (Anexo E/7ª Entrevista).

Pesquisadora: O que você não entendeu em ciências? Goro: Não entendeu as palavras e os bichos. Palavras que põem acentos. Do Japão é mais fácil. Pesquisadora: Parece-me que as palavras portuguesas têm mais acentos. Quando não entende, o que sente? Goro: Sinto com medo de não saber escrever. De não entender. (Anexo E/7ª Entrevista).

O medo de não saber escrever ou de entender, refere-se ao medo de ficar impotente diante da vida. Entretanto, a criança teme viver uma eterna castração.

Escola japonesa

Pesquisadora: Você gosta dos “games” brasileiros? Goro: Gosto mais do Japão, porque faz barulho. A quadra é grande [Ele quis dizer que a tela é grande desses jogos japoneses]. A minha escola é grande no Japão. Até o sexto ano, tem sexto andar. Pesquisadora: No Brasil como está a escola? Goro: Está um pouco melhor. Eu fico mais conversando. Pesquisadora: Como é a escola? Goro: É pequeno, porque a minha mãe escolheu. No Japão tinha outro escola, mas eu mudei de escola. Tinha artes e ideogramas, gramáticas. Tem laboratório. Ainda não faz no Japão. (Anexo E/7ª Entrevista).

Pesquisadora: Foi difícil aprender matemática? Goro: Foi difícil, porque não sabia fazer conta de cem. A divisão não sabia. (Anexo E/8ª Entrevista).

Pesquisadora: A prova de português? Goro: Acho que foi ruim, porque tinha bastante erro. Fiquei com medo, ne. Não entendeu as palavras. (Anexo E/8ª Entrevista 8ª).

A matemática é uma ciência exata, por isso é uma linguagem própria e completamente da língua portuguesa. Apesar de Goro ter inicialmente dificuldades com o aprendizado da matemática, ele consegue, após um tempo, compreender a lógica dessa ciência. O não conhecimento da língua portuguesa dentro do ambiente escolar acarreta o desamparo emocional na criança, uma vez que ela não consegue comunicar o que sente para a família sobre suas necessidades, para que possa ser ajudada e se sentir satisfeita.

Surge o medo de errar no aprendizado escolar, como se tivesse que se esquivar do sentimento de impotência.

8.3.3.4 Filhos de dekasseguis: *brasileiros ou japoneses?*

O nome brasileiro/japonês dessas crianças filhas de *dekasseguis* mostra que os próprios pais têm dificuldades de definir a identidade de seus filhos: Brasileiros ou japoneses? Cria-se uma ambivalência identitária, gerando um sentimento de não pertencimento nessas pequenas crianças. Ao contrário, poderíamos pensar numa soma de ambas as culturas, já que estamos lidando com crianças híbridas.

Ao perguntar para Goro se ele é brasileiro ou japonês, ele responde: “*Brasileiro, porque nasci no Brasil, na cidade de Bastos*” (Anexo E/4ª Entrevista).

A identidade está sendo definida pelo lugar de nascimento. Será que Goro se sente brasileiro ou japonês?

Pesquisadora: Para quem está torcendo, Brasil ou Japão? Goro: Eu falei do Brasil. Eu estou morando no Brasil. Já na verdade, eu sou brasileiro. O meu pai gosta de assistir. Eu acho que o Japão fez um gol. Pesquisadora: Quem ganhou o jogo? Goro: Brasil. Não sei. O Brasil ganhou de 2 ou 3. O Japão fez 1 ou 2. (Anexo E/10ª Entrevista).

8.3.3.5 Filhos de dekasseguis: *O difícil retorno*

Com a criança Goro, em sua primeira entrevista, tivemos a sensação de que estávamos no Japão. Ele compreende somente o idioma japonês. A língua portuguesa parecia nunca ter

sido usada por Goro e era vista como algo estranho, pois era desconhecida pela criança (Anexo E/1ª Entrevista).

Na primeira entrevista, a criança expressa o desejo de retornar para o Japão. Depois de três semanas e com novos acontecimentos ocorridos no Japão, a criança diz não pensar num futuro retorno para o Japão, como mostra nessa citação abaixo:

Pesquisadora: Você veio para o Brasil. Você pensa em retornar para o Japão? Goro: Não. Lá tem terremotos e tsunamis. Eu não quero morrer lá. Sinto falta dos brinquedos. Eu tinha amigos lá. (Anexo E/3ª Entrevista).

Os empecilhos naturais, como os maremotos e terremotos citados pela criança Goro são motivos para não pensar num futuro retorno ao Japão, caracterizando como obstáculos ou impedimentos para a volta ao país do sol nascente. Motivado pela pulsão de vida, Goro foge da morte. Surge o sentimento de insegurança e da ameaça de morte em terras japonesas.

A criança menciona a falta que sente do ambiente em que vivia. Além do mais, os amigos e os seus brinquedos não estão mais em seu entorno. A criança (e)imigrante ao se deslocar para outro país passa pelo processo de separação, vive “enlutada”, tentando elaborar as suas perdas.

Pesquisadora: Como está o Brasil para você? Goro: Bom. Pesquisadora: O que você gosta? Goro: Comida, arroz com feijão, frangos e carnes. Pesquisadora: Você tem saudades do Japão? Goro: Não tem muito. Mais ou menos. Pesquisadora: O que sente mais saudades do Japão? Goro: Da guerra que vai começar. Gostava dos games e dos brinquedos. São chiques e duros. (Anexo E/ 4ª Entrevista).

A senhora Haru ressalva o contato do filho Goro conosco:

Sra. Haru: Ele voltou contente daqui, dizendo que conversou com você. Com a professora não conversa. Acho que ela brinca demais. A visão de professora para ele é bem diferente. Tem ser mais madura. Ele dá muito crédito para essas pessoas. (Anexo E/5ª Entrevista).

Goro não está podendo compreender o comportamento da professora, ele acaba se isolando na sala de aula.

O futuro é visto como algo ameaçador para a criança, como se enxergasse um acidente em sua vida. Logo após, fica em silêncio. Goro brinca com o jogo da vida, tendo que aprender as novas regras desse jogo para ultrapassar os obstáculos encontrados em seu caminho.

Pesquisadora: O que pretende fazer no futuro? Você sabe o que é futuro? Goro: Sim. Tenho medo. Porque vai bater o carro. Pesquisadora: Fale um pouquinho sobre isso! Goro: Estava vendo meu avô dirigindo o carro. Todo dia que vai na escola. (Anexo E/6ª Entrevista).

A comunicação do retorno de Goro ao Brasil foi feita pela sua mãe. A criança sentiu medo em deixar a terra oriental, já que era a terra conhecida. Traz em suas lembranças o medo que sentiu na chegada ao Japão e do futuro retorno para o Brasil. O Brasil era considerado estranho por Goro, também não conhecia os seus parentes brasileiros.

Pesquisadora: O que pensou quando sua mãe lhe contou que iria voltar para o Brasil? Goro: Eu ficou com medo. Quando tinha dois anos fui para Japão e não conheceu nada. Eu ficou com medo. Pesquisadora: Com medo do quê? Goro: Da escola. Todo mundo brigou. Pesquisadora: Alguém brigou com você lá? Goro: Não! Eu era novo. Pesquisadora: O que sentiu? O que pensou? Goro: Senti um pouquinho de medo. Ainda não conhecia meu tio, minha tia e meu Brasil. (Anexo E/7ª Entrevista).

O retorno para o Brasil não era discutido em família. As diferenças entre os dois países são encontradas perante a nova realidade cotidiana. O contato de Goro com a nova cultura faz com que possa ir se adaptando ao novo ambiente, tornando-se mais acessível.

Pesquisadora: Sua mãe falava do Brasil com você? Goro: Não falava do Brasil. Enfatiza que no Japão pode jogar o papel higiênico no vaso sanitário e aqui no Brasil não se usa fazer isso. Que não sabia disso. Pesquisadora: Parece-me que está aprendendo a fazer novas coisas aqui. Goro: Ai vai ficando mais fácil. (Anexo E/7ª Entrevista).

Pesquisadora: Você sabe por que voltou do Japão? Goro: Vai ter guerra, se ficar vai morrer. Os coreanos vão fazer um míssil para explodir tudo. Pesquisadora: Por que você voltou do Japão? Goro: Também por causa da guerra. Meu pai demorou bastante para vir. (Anexo E/8ª Entrevista).

A viagem de retorno de Goro ao Brasil encontra-se cheia de fantasias misturadas com um toque de realidade. O Japão vive se sentindo ameaçado pelos mísseis coreanos, já que a Coreia testa seu arsenal bélico direcionando ao arquipélago japonês. Porém, Goro cria a fantasia de ter retornado para o Brasil por causa da possibilidade de uma guerra e que poderia causar sua própria morte.

8.3.3.6 Sentimento de vergonha

O sentimento de vergonha não está só presente nos diálogos das crianças filhas de *dekasseguis*, a senhora Haru também diz sentir vergonha, como medo de cometer alguma falha.

Pesquisadora: Você tem amigos? Goro: Todo mundo! Pesquisadora: No intervalo como que é? Goro: Conversa pouco. Eu tenho vergonha. Vai rir de mim. Pesquisadora: Por que pensa que as pessoas vão rir de você? Goro: Penso assim. (Anexo E/4ª Entrevista).

A senhora Haru idealiza os japoneses nativos como aqueles que não sentem vergonha.

Sra. Haru: Os japoneses não têm vergonha. O fato dele não ser japonês mexeu com ele. Tem esse complexo de inferioridade. Pesquisadora: A vergonha está nos descendentes de japonês? Sra. Haru: A gente repara que as crianças japonesas questionam os professores. Goro: Ainda não tem isso. (Anexo E/5ª Entrevista).

Para a senhora Haru, o sentimento de vergonha é:

Sra. Haru: Estar na frente de todo mundo e falar errado. Nossos termos são antigos. Eles usam muitos termos ingleses. Penso: “Será que falo? Ou não falo?” Pesquisadora: Você fica na dúvida? Sra. Haru: Sim. Penso “Será que falo? E se falar errado?”. Japonês é tudo sistemático. Às vezes você não se encaixa aí. Nós somos descendentes e somos criados nesses sistemas. Japonês é cheio de pormenores. Tudo tem uma palavra para usar. Eu ficava me perguntando: “Aí? E agora? O que falo? Preferia nem fala”. Têm coisas que a gente pergunta e é falta de educação. O brasileiro pergunta. Eu me preocupo falar coisas que ofendem. O jovem japonês é mais fácil falar. Com os mais velhos é melhor não falar nada. Com a professora japonesa eu falava, não tinha problema. Ela entendia, era uma pessoa de mais ou menos acima dos 50 anos de idade. (Anexo E/5ª Entrevista).

O sentimento da senhora Haru no diálogo acima não parecia ser de uma brasileira imigrante diante dos japoneses. A senhora Haru parecia ser uma japonesa que não sabia falar corretamente a língua pátria e se sentia envergonhada por não corresponder na forma verbal nipônica. Surgem sentimentos de ambivalência sobre sua própria identidade.

O sentimento de desistência é denominado por Goro como preguiça. Diante das dificuldades escolares que vem enfrentando. Portanto, passa a autoagredir, se desvalorizando como preguiçoso.

Pesquisadora: Você gosta de algum livro em português? Goro: Não. Tem vez com “prigui”. Não gosto muito. Pesquisadora: Tem vez que sente preguiça? Goro: É. Pesquisadora: Você acha difícil ler um texto em português? Goro: É. Porque não sei muito palavra. Pesquisadora: Parece-me que não sabe compreender o que está escrito. É isto? Goro: [Faz uma menção de afirmação com a cabeça]. Pesquisadora: Quando não consegue compreender, qual é o seu sentimento? Goro: Vergonha. Pesquisadora: O que é vergonha? Goro: Todo mundo ri. Pesquisadora: Isso está acontecendo? Goro: Não. (Anexo E/6ª Entrevista).

A vergonha também acaba impedindo a formação de novos vínculos de amizade. Ressaltamos que, no início do ano de 2013, a criança Goro estava iniciando o ano escolar no Brasil, já havia se alfabetizado, porém, apresentava muitas dificuldades de comunicação na língua portuguesa. Será que a falta de conhecimento na língua portuguesa dificulta a formação de novos vínculos?

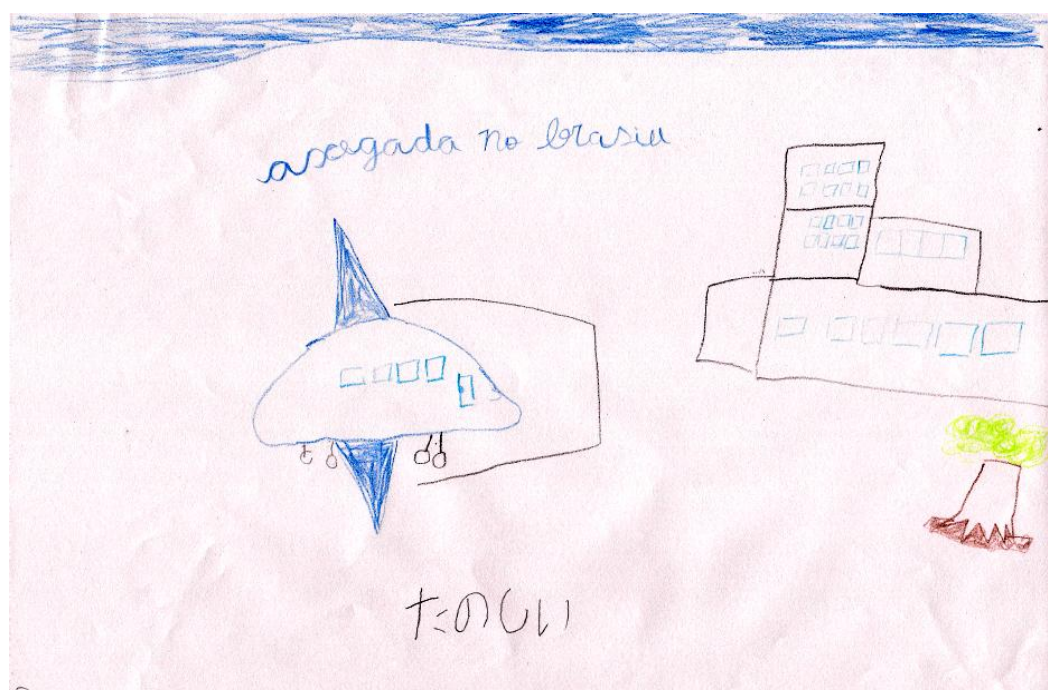
Goro: No começo do ano não perguntava, porque tinha vergonha. Pesquisadora: O que é vergonha? Goro: De falar com os amigos. Pesquisadora: E agora? Goro: Eu converso com meu amigo e o outro não. Tenho dois amigos. A gente conversa de “game” e pega-pega. (Anexo E/7ª Entrevista).

8.3.3.7 Urashima Tarô

A estória de ‘Urashima Tarô’ é conhecida por todos que estudam em escolas japonesas. A criança Goro diz conhecê-la, porém, de forma direta não deseja mudar nada na estória. Cabe destacarmos o fato de que Goro parece ainda não ter pensado no tempo e no espaço.

8.3.3.8 Análise dos desenhos

Chegada ao Brasil

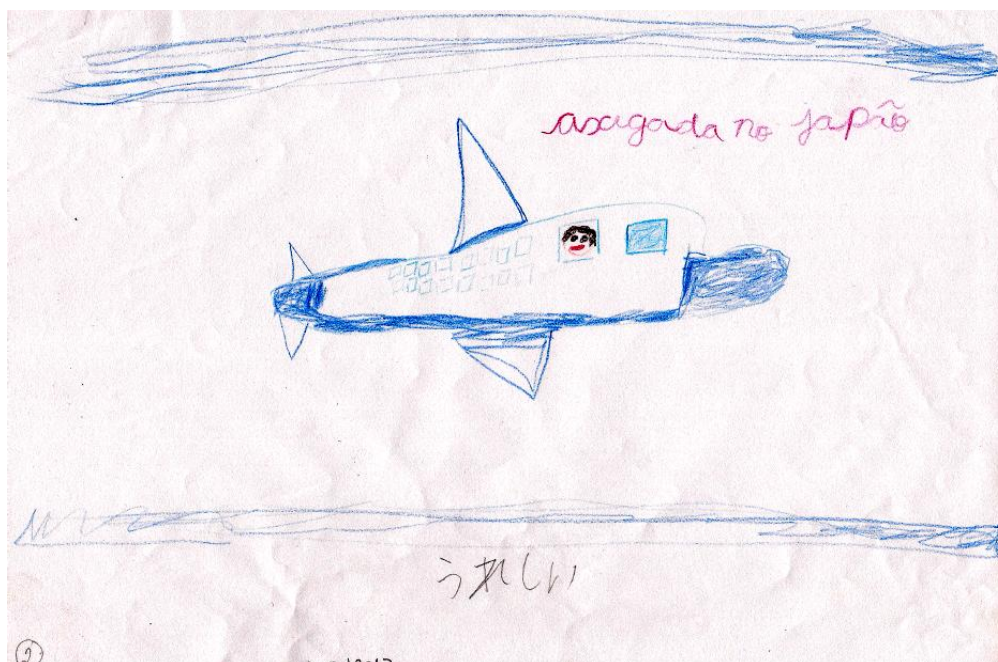


Pedimos para a criança desenhar a sua chegada no Brasil. Esse pedido foi na língua japonesa. Ele desenha uma árvore: chão, raízes, tronco e a copa sobre o tronco, do lado direito da folha de papel, um avião, céu e um prédio com várias janelas dispostas horizontalmente. Ele escreve no desenho: “axegada no brasiiu” e também a palavra “tanoshii³⁷”, que está “hiragana” e significa agradável e feliz.

³⁷ Tanoshii: [adj] agradável, feliz, apreciável, alegre, contente (OHNO, 1989, p. 759).

Na chegada ao Brasil, Goro não desenhou o chão, como se no momento não pudesse se sentir em terra firme. Não tem nenhuma figura familiar acolhendo-o, nem sua própria figura foi desenhada. Ele chega ausente em terras brasileiras.

Chegada ao Japão



O desenho da chegada ao Japão traz um avião com várias janelas e a figura da cabeça da criança estampada na janela do avião. Seus lábios estão vermelhos, os olhos preenchidos com lápis preto e há ausência do nariz. Fez o céu e a terra. Ele escreve no desenho: “axegada no Japão” e também a palavra “ureshii³⁸” em “hiragana”, que significa estar contente.

A chegada ao Japão, apesar de ter quase dois anos de idade, Goro traz o céu azul e a pista ou chão azul. Parece-nos que na chegada ao Japão tinha onde pisar.

A sua figura está desenhada na janela, parecendo ser de uma pessoa mais velha e não de Goro. Talvez ele tentasse olhar pela janela o encontro com o novo mundo oriental.

O avião é um símbolo fálico, ele está dentro de uma grande potência, porém, há ausência do nariz na figura. A criança fica dentro do avião, não saindo para fazer outro nascimento, em solo da mãe japonesa.

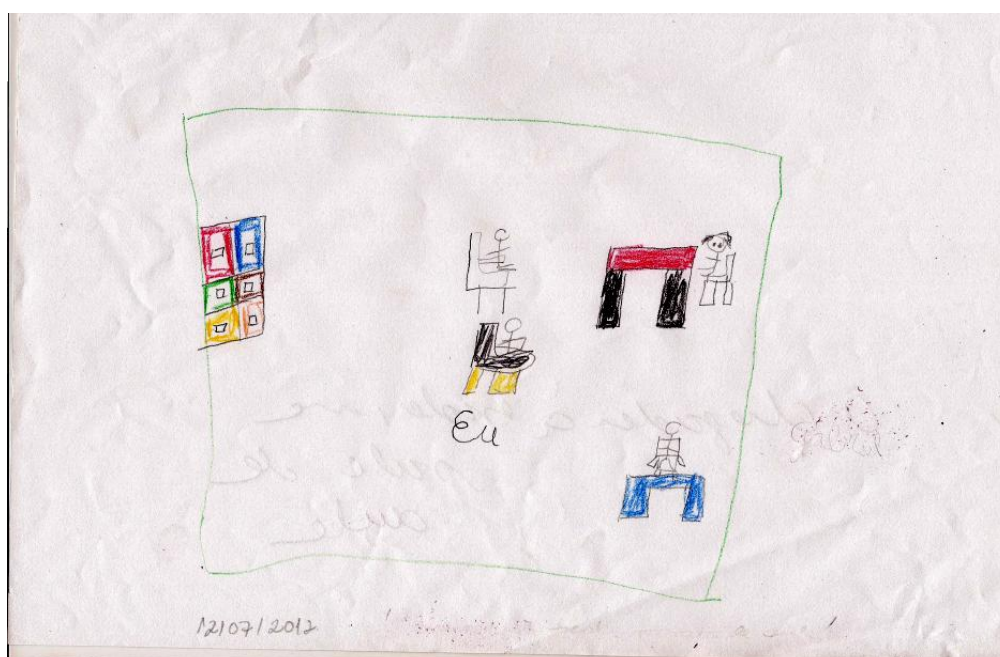
A criança Goro, apesar de escrever que está feliz na chegada ao Japão, não aparece nenhuma figura familiar para ampará-lo. Ele se sente sozinho e pela metade, só de cabeça, ao chegar ao Japão.

³⁸ Ureshii: [adj] estar feliz, contente, satisfeito, alegre (OHNO, 1989, p. 855)

Desenho da chegada na escola de idiomas

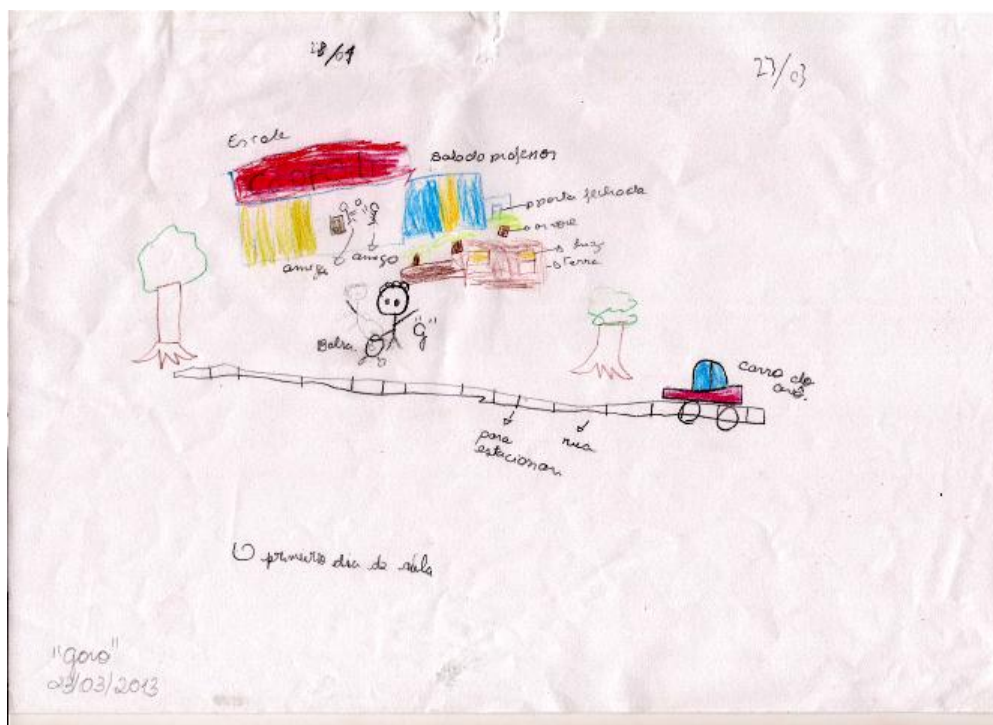


A criança desenha uma casa lateral, com janela, porta, escadas e vários traçados quadriculados em outra sala. Fez três estacionamentos para carros e um carro passando na rua. A casa desenhada pela criança é como se estivesse voando e sem chão. O desenho da casa mostra que a criança vive muitas fantasias, porém, representa o seu eu que precisa se organizar.



No segundo desenho, Goro desenha a escola de idiomas por dentro. Nele tem a figura da professora na frente da sala e aula, com mais três alunos. O seu desenho está centralizado entre as duas carteiras. Encontra-se sentado na cadeira, onde está escrito a palavra “Eu”. No fundo da sala há um armário colorido. Todas as figuras estão dentro de um cercado. As figuras desenhadas por Goro são traçados primitivos, parecem ter sido feitos por crianças menores. Esse cenário desenhado por Goro é uma ressonância do seu mundo interno, encontrando-se num estado de regressão e privação.

Primeiro dia de aula na escola de ensino fundamental



A criança Goro inicia o desenho pelo lado esquerdo da folha de papel. Desenha a sua escola. Em seguida, faz o desenho de uma árvore e a segunda árvore do lado direito. Depois escreve o nome da escola no prédio. Desenha algo que está na cor marrom que nomeia “terra”, “luz” e “árvores”. Logo abaixo, faz uma figura humana muito pequena e usa a borracha para apagar o desenho. Novamente desenha a figura humana um pouco maior com uma bolsa que nomeia de Goro. Desenha dois amigos jogando bola na quadra. Por último, uma rua, os estacionamentos e o carro que o avô materno usa para levá-lo à escola.

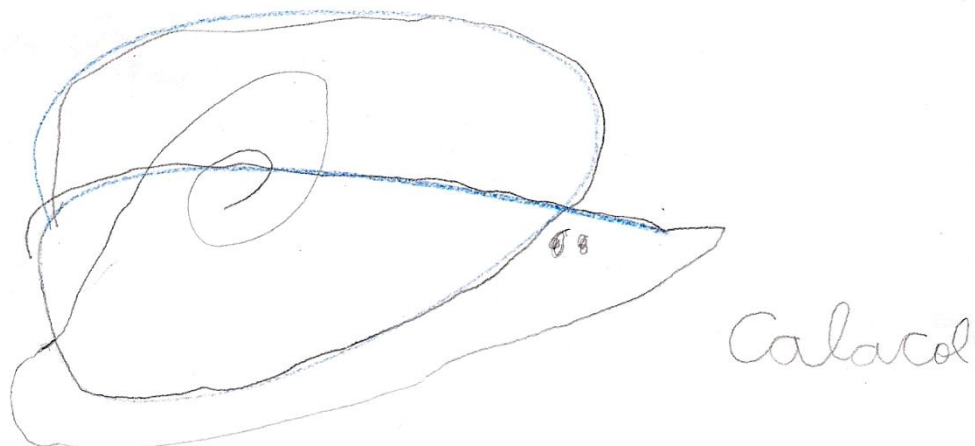
Ao chegar à escola, Goro se depara sozinho para carregar a sua bagagem. Nesse desenho, a criança Goro mostra que está do lado de fora das brincadeiras com os amigos. As figuras humanas desenhadas pela criança apresentam formas rudimentares diante da sua

idade. São figuras que têm uma cabeça, tronco e membros. As figuras que representam dois amigos, os seus rostos não contêm olhos, orelhas, nariz, boca e há ausência de cabelos. No desenho que representa Goro, há ausência do nariz, da boca e das orelhas, considerando que essas partes do corpo humano representam os órgãos dos sentidos. Parece-nos que Goro vive grandes perdas, como se lhe faltasse a audição, a direção e a comunicação, ficando somente com a visão do seu entorno. Os amigos parecem ser surdos, mudos, sem faro e sem visão.

Pesquisadora: O que você desenhou? Goro: Eu indo para escola. [As árvores ficam fora da escola. A luz e a terra são para ir à noite para escola. Disse-nos que a porta está fechada, porque o professor a fechou]. Pesquisadora: Como é o seu professor? Goro: Mais ou menos. Pesquisadora: O que é mais ou menos? Goro: Bravo. Pesquisadora: Ele é bravo com você? Goro: Pouquinho. Pesquisadora: O que ele fala para você? Goro: Presta atenção! Pesquisadora: O que sentiu? Goro: Assustou. Pesquisadora: Falou alguma coisa para ele? Goro: Não. Assustou. Pesquisadora: O que você pensou que fosse fazer? Goro: Brigar. Pesquisadora: Mas ele brigou? Gor: Não. Goro: Está carregando a bolsa para ir à escola. Já está indo à escola. Amiga e amigo estão na quadra brincando de bola. Eu estou carregando a bolsa e logo vou chegar à escola. (Anexo E/4ª Entrevista).

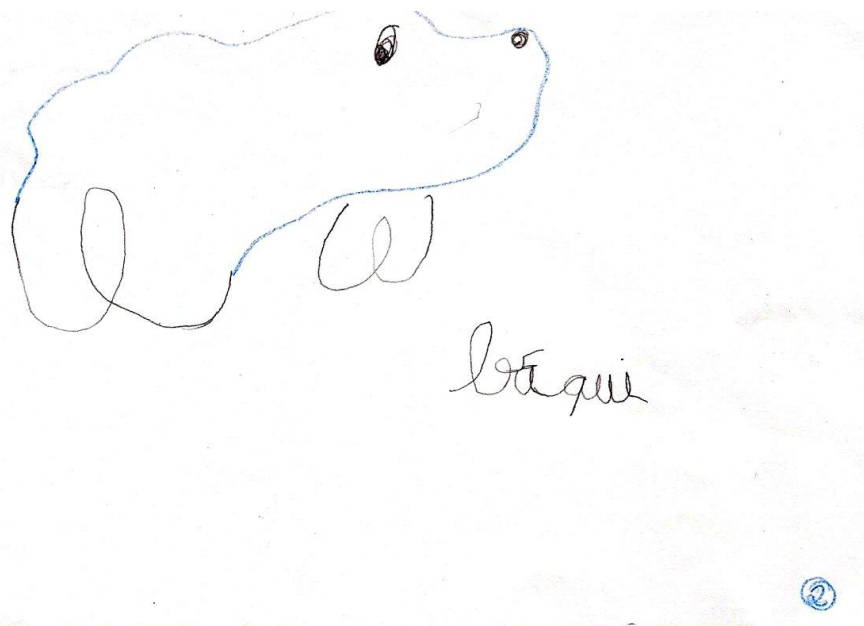
Esse desenho feito pela criança Goro mostra o desamparo emocional na escola e na sala de aula. As ansiedades persecutórias que a criança sente em relação ao ambiente escolar. O comportamento do novo professor bem como o tom de sua voz e a forma de ensinar soam estranho para Goro. Portanto, surge o medo de ser destruído na condição de aluno de não conseguir corresponder à autoridade.

Desenho do Rabisco



①

Os desenhos do rabisco não puderam ser realizados na técnica correta, pois Goro começou e terminou os desenhos. O primeiro desenho foi um caracol que parece mostrar o seu estado emocional, regredido na chegada ao Brasil, fragilizado e rastejando como caracol pelo chão, tendo que se mostrar pela metade, como se tivesse que se esconder em sua capa protetora.



O segundo desenho é de um cachorro que denominou “baqui”. Nesse desenho, há ausência de orelhas e da boca.

Desenho dos borrões de tintas



A criança Goro pega o jogo de pintura e vai misturando as tintas nos vidros e colocando-as no papel sulfite. Disse-nos que nunca havia feito esta mistura. Juntamente com a criança, em outra folha, vamos misturando as tintas. Parece-nos que a criança está podendo se misturar conosco. É uma nova descoberta de Goro. Algumas cores são verdes escuras, porém, outras são cores pretas e a cores vermelhas com laranja do sol. Podemos pensar que pode ser um novo sol, o sol brasileiro com a cor amarela juntamente com o sol japonês, com a cor vermelha, resultando num sol alaranjado. O sol da integração Brasil e Japão, no meio de muitas dores e lutos.

9 DISCUSSÃO

O retorno do imigrante ao país de origem significa muito mais do que voltar ao lugar que parecia ser familiar, portanto, a volta não é tão simples como imaginamos ser. Os *dekasseguis* dizem sentir o problema de retorno à sua terra natal como mencionam Assis e Campos (2009), que “voltar é muito mais difícil que partir”. Entretanto, o retorno ao país de origem traz muitos sentimentos de “estranhamentos”, dificuldades de adaptação ou readaptação ao que era familiar e que agora tem o lado “estranho”, principalmente de lembranças, ou seja, referências anteriores que tinham vivas em suas mentes e já não condizem com a nova realidade. O tempo é outro, faz parte de um passado que não existe no tempo presente e, além disso, o espaço geográfico modificou-se com o tempo, a paisagem não é mais aquela do passado, e ainda com tudo isso, a família ou parentes que ficaram no Brasil se tornam “líquidos”. Não conseguem se encontrar mais nos mesmos espaços e tempos passados que, pelo menos serviriam como conforto e amparo emocional. Sentem-se desamparados ao não encontrar mais a vida passada.

Conforme Grinberg e Grinberg (1984), ao chegar num mundo desconhecido, o imigrante pode encontrar muitas dificuldades internas para se integrar ao meio, por entrar em contato com objetos que soam estranhos, tal como o idioma, os costumes, e tantos outros aspectos que compõem o lugar. Surge o temor do perigo de não se comunicar com os outros e consigo mesmo.

Morar em outras terras é enfrentar o novo e o desconhecido, ademais, é construir outra “subjetividade”, “formas diferentes de pensar, sentir, perceber e falar, exige transformações pessoais profundas que beiram a uma despersonalização ou a um desmanche da identidade pessoal, difícil de ser suportada” (JUSTO, 2008, p. 100).

Para essas crianças, filhas de *dekasseguis*, “partir” para o Brasil talvez não estivesse em seus projetos. Diante dessa nova realidade migratória, elas têm vivenciado muitos sofrimentos emocionais.

Essas crianças tiveram que fazer mais de um nascimento nessas idas e vindas ao Japão e Brasil. Qual seria o refúgio dessas crianças no Brasil, já que Eiko nasceu no Japão e tem algumas recordações remotas do Brasil? Apesar das crianças Letícia e Goro terem nascido no Brasil e em tenra idade terem ido para o Japão, praticamente não trazem lembranças de suas vivências anteriores em terras brasileiras.

Nessas andanças migratórias entre Japão e Brasil, pais e filhos fazem vários nascimentos em família. Como é o retorno ou a volta dos *dekasseguis* em família para o Brasil? As dificuldades de adaptação ou readaptação geram desamparo emocional? O

desconhecimento da língua portuguesa nessas crianças imigrantes leva ao desamparo emocional?

Portanto, a vida por si só já pode ser considerada uma imigração, logo após o nascimento do indivíduo. O indivíduo, quando nasce, se desloca de uma condição de certo conforto gestacional para uma nova condição de vida, ou seja, se depara com o mundo desconhecido, vivendo ansiedades persecutórias, depressivas e confusionais.

Freud (1925-1926/1996) esclarece que a ansiedade é algo que se sente, portanto, um estado afetivo. A ansiedade é resultado de um aumento de excitação, que, por um lado, produz o caráter de desprazer e, por outro, encontra seu alívio por meio dos atos de descarga.

Para Rank (apud FREUD, 1925-1926/1996, p. 147), “o processo de nascimento é a primeira situação de perigo, e a convulsão econômica que ele produz torna-se o protótipo da reação de ansiedade”. Conforme Freud (1920-1922/1996), a ansiedade é um estado particular de esperar o perigo ou preparar-se para ele, ainda que possa ser desconhecido.

Esse novo nascimento desses imigrantes na terra brasileira seria feito em família. Destacando que os pais estariam retornando com seus filhos. Portanto, não estariam mais sozinhos.

Para Leon Grinberg e Rebeca Grinberg (1984, p. 138), a família é uma “*capa protetora*” para a criança. Lembrando que os referidos autores relatam que esses pais encontram-se desestabilizados emocionalmente com a migração e também precisando de um continente, se sentindo desamparados.

Na verdade, a dificuldade já começa lá no Japão. Você vai sair de lá e medo de crianças, escola. O ano letivo lá não casa como ano letivo daqui. Então, esse é um problema muito grande nessa questão. (Anexo A/Sr. Ito).

Conforme a citação acima, relatada pelo senhor Ito, a possibilidade de reencontrar com a terra brasileira gera preocupações e medos, antes mesmo de partir do Japão rumo ao Brasil. Enfatizando que as suas preocupações de retorno ao Brasil estavam ligadas às crianças e à futura vida escolar.

Diante da fragilidade emocional dos pais imigrantes caracterizada por dois momentos de experiência, da “partida” e da “chegada”, podemos pensar até que ponto esses pais conseguiram ser a “capa protetora” dos seus filhos? Já que eles também estariam vivendo uma experiência de desamparo emocional.

Além das preocupações com as filhas, os pais de Eiko e Letícia também viviam momentos de muitas incertezas com relação ao futuro emprego e ao sustento da família no Brasil.

Lógico, na verdade o retorno para o Brasil você lança do mesmo jeito. Quer dizer, a diferença básica na verdade você não consegue mais ver, prever o futuro, daquela maneira que a gente se previa. (Anexo A/Sr. Ito).

Atualmente monta uma empresa e a gente não sabe bem o dia de amanhã. Até pelo menos você conseguiu formar e engajar a empresa fica complicado mesmo. O momento de incerteza. (Anexo A/Sr. Ito).

O senhor M. Hossokawa, citado por Asari e Tomita (2000), mostra que os *dekasseguis*, ao retornarem para o Brasil, se deparam com a falta de emprego e uma formação profissional.

Os pais se sentem castrados em terras nipônicas, ou seja, perdem sua potência salarial que daria o poder da continuidade de morada no Japão. Eles perdem o objeto bom internalizado e idealizado. Portanto, esses pais vivem muitas perdas, como até então, a perda da segurança financeira que haviam adquirido de forma que pudessem lidar com a lógica e previsão em terras japonesas. Na atual situação, esses pais se viram desamparados na terra dos seus avós.

Sasaki (2004) menciona que há relatos de trabalhadores *dekasseguis* apontando muitas dificuldades para retornarem ao Brasil, entre as quais mencionam a falta de condições financeiras e os baixos salários brasileiros comparados àqueles pagos no Japão.

Ao perceber que sozinho tomou a decisão de retornar para o Brasil, não dando uma opção de escolha para as suas filhas, o senhor Ito se depara com o sentimento de culpa, em decorrência da separação de suas filhas do mundo japonês. Diante disso, passa a sofrer de sentimento de culpa. Podemos pensar em um “duplo sentimento de culpa”, pelo “medo em dobro”; por sua tomada de decisão de retorno ao Brasil e por perceber o sofrimento das suas filhas, ou seja, o pai se responsabiliza por todos os transtornos ocasionados pela migração.

O senhor Ito assume uma posição tipicamente depressiva ao olhar e perceber as dificuldades de adaptação e o sofrimento emocional de suas filhas, depois de seis meses morando no Brasil. Diferentemente do seu estado emocional no Japão e da chegada ao Brasil, que se encontrava em meio a ansiedades persecutórias e confusionais por causa da real situação econômica japonesa que influenciou nas mudanças de direção dos seus planos, afetando a vida familiar, ou seja, pensar na volta para o Brasil era, ao mesmo tempo, pensar na “saída” e na “solução” do problema, mesmo que seja momentâneo, como uma pulsão de vida para autopreservação da espécie. O senhor Ito age com onipotência sobre a decisão de retorno ao Brasil, como se fosse um tripulante de um navio vivendo um naufrágio que luta pela sua sobrevivência e de sua família.

O imigrante pode ser considerado um sobrevivente por natureza, em razão de tantas intempéries emocionais que percorrem durante a sua vida migratória. Ele demonstra a enorme capacidade de resiliência e a plasticidade do ser humano para viver em condições diversas.

Para a senhora Haru, os abalos sísmicos e os problemas com as radiações das usinas nucleares japonesas despertaram medos e inseguranças. Entretanto, a família passa a viver no Japão sentimentos primitivos de ansiedades, como o medo de aniquilamento. A fantasia de que a terra japonesa agora é um objeto mau e que ameaça de morte seus filhos imigrantes, passa a ser constante em suas vidas. O retorno para o Brasil se configura, subjetivamente, como um mecanismo de defesa, de fuga para a sobrevivência do ego, deixando para trás um ambiente inseguro e refugiando-se em terras brasileiras.

Sra. Haru: Eu falei primeiro que a gente estava voltando. Uma, pela condição do Japão, ne. Já estava apresentando risco. Nós já presenciamos o terremoto, lá em “Nagano”, apesar de ser um estado longe, nós sentimos. Abalou. Até que as crianças ficavam meio assim, toda vez que ficava balançando as coisas, eles ficavam com medo. Até tinha deixado uma bolsa de emergência junto, perto, quando acontecesse alguma coisa pra a gente poder correr, ne. (Anexo D/Sra. Haru).

Podemos dizer que os perigos vividos pela senhora Haru, ocasionados pelos abalos sísmicos japoneses, eram perigos reais e, portanto, conhecidos. A ansiedade sinal ou de alarme corresponde a um perigo já vivido de uma experiência anterior e que se repete de forma atenuada, como um aviso ou sinal de alarme. Portanto, é uma forma que o ego encontrou para se preparar e proteger de um perigo interno ou externo, evitando a ansiedade automática que é a ocorrência de uma situação traumática, e a sua essência é uma experiência de desamparo por parte do ego, com o qual não pode lidar (FREUD, 1932-1936/1996).

Os pais *dekasseguis* e seus filhos vivem momentos difíceis nas terras dos seus antepassados. “Partir” ou “ficar”, é assim que os pais se viam naquelas semanas precedentes à viagem de retorno ao Brasil, já que a volta para o Brasil não seria tão fácil para essas famílias que estavam morando alguns anos no Japão. Teriam que deixar tudo para trás, não somente o Japão, mas a história de suas vidas.

Para Grinberg e Grinberg (1984), o trabalhador estrangeiro tem um tempo determinado para retornar ao país de origem e é visto pelos locais mais como um convidado desejado do que um intruso, ao passo que os “imigrantes”, mesmo tendo autorização para ingresso e trabalho no país receptor, como ocorre com os *dekasseguis*, são percebidos como intrusos, perigosos, não confiáveis e tantas outras peças negativas. Formam uma categoria social específica, decorrente do lugar em que são colocados, pelas funções que exercem e

catalisam no plano econômico, político, cultural e psicossocial. Portanto, o “estrangeiro” tem um prazo determinado para deixar o país, ou seja, a sua estadia no exterior tem um “fim”, já o “imigrante”, é ele quem decide a sua condição de “ficar” ou “partir” do país receptor.

As famílias, ao chegarem ao Brasil, normalmente são acolhidas pelos parentes que as esperavam no aeroporto. É de extrema importância esse acolhimento familiar para o imigrante que retorna de outro país. Na partida ou na chegada, os parentes que ficaram no Brasil, a princípio, servem como uma âncora protetora, ou seja, um continente para amparar os que vão embora e os recém-chegados, no que condiz aos sentimentos de estranhamentos e de choque cultural no país da chegada.

A idade da criança imigrante é relevante no processo migratório, conforme destacam Grinberg e Grinberg (1984), ao colocarem que a imigração é experienciada de forma distinta para cada fase, sendo que a adolescência por si só já é uma fase migratória, pois, segundo esses autores, o adolescente encontra-se fazendo uma viagem de transição para a vida adulta.

O senhor Ito também aponta o fator idade da criança imigrante como relevante no processo de adaptação/readaptação no país. Quando se deslocam bebês ou menores para outros lugares, ou países, parecem poder assimilar mais facilmente a nova vida. Além do mais, enfatiza que a dificuldade maior foi no retorno para o Brasil.

Com certeza! O processo de adaptação no Japão e no Brasil devido à idade. Acho que o processo de adaptação foi mais acentuado, a dificuldade maior foi aqui no Brasil do que no Japão devido à idade. Ela foi com 3 anos e retornou já estava com 10. Então, essa questão de como ela foi muito pequena para lá, a adaptação ficou até mais fácil e aceitação foi bem melhor do que agora. (Anexo A/Sr. Ito).

A idade da criança imigrante deve ser considerada nesse processo de deslocamento. Lembrando que Eiko havia terminado o terceiro ano na escola japonesa e iniciado o quarto ano no Japão. Ela chega aos 9 anos e 9 meses de idade no Brasil e ingressa na escola alfabetizada na escrita japonesa. A língua portuguesa é soada como estranha e desconhecida por ela.

Ao nascer, o indivíduo faz sua própria imigração. Assim, Grinberg e Grinberg (1984) consideram a história que cada um percorre durante a sua vida. Entretanto, o indivíduo é um imigrante de seu próprio mundo ao fazer a sua própria história. Apesar da sua pouca idade como (e)imigrante, Eiko está vivendo outra fase imigratória em sua vida. Atualmente, está com 13 anos de idade – transitando da infância para a vida adulta –, encontra-se na adolescência, crescendo para atingir a maturidade. Entre dois mundos, a infância e a

puberdade, dentro dessas turbulências da própria fase de adolescência, aparecem turbilhões de emoções sem saber qual é o caminho a ser enfrentado nessa longa jornada de transição.

Além do fator idade, temos que levar em consideração o grau de escolaridade dessas crianças no ato da migração. Eiko se alfabetizou na língua japonesa e concluiu no Japão a 3ª série, iniciando a 4ª do ensino fundamental; ao passo que Letícia, aos 6 anos, cursou a metade da 1ª série no Japão e retorna aos 7 anos de idade para o Brasil; e o menino Goro chegou aos 9 anos de idade ao Brasil, tendo cursado no Japão até a 2ª série do ensino fundamental.

Além do fator idade, a questão do tempo de permanência da criança imigrante na escola japonesa pode ser caracterizada como mais um dos impasses na chegada à escola no Brasil e gerador de desamparo emocional?

Será que o fator idade contribui para intensificar o desamparo emocional dessas crianças e/imigrantes?

Podemos perceber que são três crianças dentro da própria família que fazem caminhos escolares distintos, por causa da idade, do grau de escolaridade e da escolha de seus pais. Eiko e Goro chegaram ao Brasil com quase a mesma idade. Goro, logo na chegada ao Brasil, não foi matriculado imediatamente na escola. Ele foi matriculado na escola de idiomas e, assim, pôde ter contato e ir se preparando para a alfabetização da língua portuguesa. Diferentemente de Eiko e Letícia que, sem saberem a língua portuguesa, foram matriculadas na escola de ensino fundamental.

Os pais senhor Ito e senhora Natsu acreditavam, na época, que contratando uma professora de língua portuguesa e também estudando junto com as suas filhas pudessem obter, de forma rápida, excelentes resultados. Pressionadas pelos seus pais, Eiko e Letícia tinham que aprender a todo custo a nova língua. Portanto, a família se depara com uma necessidade real escolar.

Esse novo momento de vida para essas crianças é de fazer um novo e duro nascimento. Essas crianças filhas de *dekasseguis* perderam não somente a língua japonesa, mas também toda uma representação cultural vinculada a uma maternagem oriental vivida na relação com as professoras das escolas japonesas e com a própria mãe que, ao tornar-se imigrante, muda sua forma de se relacionar com os filhos.

Os pais de Eiko e Letícia, ao proibirem o uso da língua japonesa dentro de casa e tudo que se referenciasse ao Japão, quebraram a construção da comunicação subjetiva e do pensamento abstrato familiar. O sentimento dessas crianças é de se sentirem “estrangeiras” dentro do seu próprio lar.

Pesquisadora: Vocês conversavam em português dentro de casa com elas no Japão? Só japonês. (Anexo A/Sra. Natsu).

Ao chegarem ao Brasil, Eiko e Letícia perderam os pais bons e se depararam com os pais onipotentes, castradores, ou seja, pais ruins. Os métodos de aprendizagem dentro de casa com os pais são considerados drásticos pelo próprio senhor Ito, como mostra na citação abaixo:

Mas os métodos de adaptação foram um pouco drásticas. Tentamos, inicialmente, um ponto inicial forçar o português de tudo qual jeito. Foi forte, foi brusco, de tudo que ela tinha aprendido na cultura dela, tudo que ela levava e vivia simplesmente jogar [...] Inicialmente foi feito, um tipo de uma coisa, vamos falar assim: De cortar a utilização do poder, de cortar, por exemplo, a língua japonesa, cortar desenhos, cortar tentar tirar um pouco. Isso foi muito drástico, foi uma revolta muito grande e não estava dando. (Anexo A/Sr. Ito).

Continuando:

Pesquisadora: Isso foi logo no início? Logo no início. Na verdade ela tinha excesso de dados, tinha aula particular, a gente ficava todos os dias até sete e oito horas da noite estudando. Passava o dia inteiro estudando e contando um para o outro: A língua portuguesa, não sei! Então, cortamos todas as regalias. Acaba indo, naturalmente, ela acaba indo para a língua japonesa. Forçamos bastante nesse quesito, mas não houve resultado positivo. Então, era muito não aceitava. Chorava muito. Então, para aceitar estava muito difícil. (Anexo A/Sr. Ito).

O desamparo emocional já é sentido dentro da própria família. Contradizendo Grinberg e Grinberg (1984, p. 138), os quais salientam que a família é considerada uma “capa protetora”, portanto, no exato momento da migração esses pais se encontravam desajustados emocionalmente e precisando de ajuda alheia, entretanto, eles vivem uma situação de desamparo emocional. No ato da migração, pais e as crianças não tiveram a quem recorrer, ou seja, gritar por um pedido de socorro. As crianças se viram sozinhas, sem um continente que lhes pudesse acolher emocionalmente.

Podemos pensar na noção Freudiana de desamparo, apresentada pela primeira vez em 1895, no “Projeto para uma psicologia científica” (FREUD, 1886-1889/1996), no contexto sobre “a experiência de satisfação”, expressando que:

O organismo humano é, a princípio, incapaz de promover essa ação específica. Ela se efetua por ajuda alheia, quando a atenção de uma pessoa experiente é voltada para um estado infantil por descarga através da via de alteração. Essa via de descarga adquire, assim, a importantíssima função secundária de comunicação, e o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais [Cf.pág.420]. (FREUD, 1886-1889/1996, p. 370).

Paradoxalmente, os pais senhor Ito e senhora Natsu estão em torno das crianças, porém ausentes de olhares e escutas emocionais para com as suas filhas. Esses pais não puderam dar às suas filhas o amparo emocional que tanto necessitavam na época. Não havia uma linguagem familiar que pudesse interpretar e ligar os dois mundos: dos pais e das crianças, assim, tornando-se quase “incomunicáveis”.

De acordo com Winnicott (1896-1971/2005, p. 26-27), suas teorias contribuem para a compreensão da capacidade materna na relação com o bebê. Portanto, o autor cita que “O holding tem muita relação com a capacidade da mãe se identificar-se com seu bebê. Um holding satisfatório é uma porção básica de cuidado [...]”. Portanto, logo na chegada ao Brasil, as filhas Eiko e Letícia perderam o continente da linguagem familiar. Deparando-se com a falta da relação materna satisfatória.

A relação materna satisfatória com o bebê proporcionará à criança uma maior capacidade de desenvolvimento emocional.

Os sonhos de Letícia revelam imagens de ansiedades persecutórias de uma fuga familiar pela sobrevivência. De acordo com o sonho de Letícia, a imagem do monstro que a perseguia e que trazia medo se assemelhava com a imagem do ser humano. Associa uma família que está perdida em algum lugar e ao mudar a paisagem do sonho para o ambiente familiar que denomina de “casa” se sente internamente amparada, porém, a porta que se abre nessa nova história nos remete a pensar sobre o contato de Letícia com o novo ambiente misturado com sentimentos de vida e morte. O frio e a ameaça de congelamento sentidos pela criança no sonho nos mostram que o perigo sentido por ela encontra-se no mundo externo. De acordo com Freud (1925-1926/1996), a ansiedade é algo que se sente, portanto, um estado afetivo. Esse sonho é uma manifestação do sofrimento emocional de desamparo de Letícia e o “tremor” indica o quanto a família estava totalmente desamparada emocionalmente e que precisava ser coberta por uma continência humana.

Às vezes eu sonho quando a minha família está em algum lugar, fugindo de alguma coisa e troca. Acho que estava fugindo de um monstro que a gente não estava conseguindo pegar e quase quando pega o monstro e vai para o outro sonho. Pesquisadora: Como que é esse monstro? Letícia: Era grande, maior que a gente, barrigudo, barba, cabelos, mãos, pernas e usava roupa. Parecia com o ser humano mesmo. Ele poderia dominar o mundo, e a gente não queria que ele dominasse, por isso que a gente quase o pegou e mudou para outro sonho. O outro sonho mudou para a nossa casa. Estava vivendo muito feliz. A porta e a janela estavam fechadas, a gente tremia de frio, a gente era muito feliz. Quando abriu a janela e a porta, nós morremos de frio e acabou o sonho. Pesquisadora: Como é morrer de frio? Letícia: A gente estava tremendo, que quase a gente congelou de frio. (Anexo C/5ª Entrevista).

A experiência de mudança de lugar é tão forte e marcante, na saga migratória dos *dekasseguis*, que até os sonhos utilizam a mudança como principal metáfora. Letícia destaca, nas narrativas de seus sonhos, imagens de mudança e também utiliza a mudança (de um sonho a outro) como estratégia de enfrentamento de ansiedades emergentes.

Língua

Pensando no Japão, pais e filhos falavam a mesma língua, a japonesa. No Brasil, passam a falar línguas diferentes, a língua portuguesa, ou seja, a língua “estrangeira” para as crianças.

No livro *Língua(gem) e identidade*, o texto “Sendo índio em português”, de Tereza Machado Maher (1998, p.120), mostra os professores índios querendo aprender a língua tradicional do seu povo para ensiná-la aos alunos.

Esta vontade ((de aprender Shawādawa)) vem porque além de ser a nossa língua de minha comunidade, ela é nossa língua própria mesmo [...] Eu falo, eu estou falando aqui em português: a cara, a língua, a boca tudo é minha, agora a fala não é minha porque é emprestada [...] ((após uma pequena pausa, sorrindo)) Num é e é, né? vai e vem [...] é, e num é.

Podemos notar que, no discurso acima, o professor índio ao mencionar a língua portuguesa diz que a sua fala está sendo “emprestada”, porém, desconsiderando a língua portuguesa como língua nativa.

Qual é a língua nativa de Eiko que nasceu no Japão e foi educada na língua japonesa? E quanto à língua de Letícia que nasceu no Brasil e migrou para o Japão antes de completar um ano de idade, ela teve a mesma formação educacional da sua irmã Eiko? E o menino Goro, brasileiro nato que partiu para o Japão com quase dois anos de idade e a sua educação teve o mesmo seguimento de suas primas? Qual será a língua emprestada dessas crianças?

Esse é outro entrave com o qual nos deparamos: a barreira da língua portuguesa. Durante toda a sua permanência no Japão, essas três crianças estudaram somente em escolas japonesas. A comunicação dos pais e filhos no Japão ocorria na língua japonesa. Portanto, no Brasil, os pais fazem o processo inverso, usam a língua “estrangeira”, ou seja, a língua portuguesa para se comunicar em família, uma língua que não era da compreensão das crianças. Esse rompimento com a língua japonesa foi imposta pelos pais de Eiko e Letícia de maneira drástica.

Eiko: Hum... Com a palavra em português está um pouquinho difícil. E também não conseguindo ir junto com os meus colegas, eu atrasei um pouquinho (Anexo B/1ª Entrevista).

Pesquisadora: Por que você acha que não consegue aprender muito? Eiko: Hum. Porque é me acostumei no Japão e eu nunca usei o português no Japão. E acostumei falar japonês e não estou conseguindo aprender muito o português e é difícil. (Anexo B/1ª Entrevista).

Eiko: Eu com minha irmãzinha falava japonês. Às vezes ensinava falar português, mas não conseguia aprender escrever, mas minha mãe e meu pai conversava em português e eu não entendia. (Anexo B/1ª Entrevista).

Essas crianças, além de lidarem com tantas perdas, como a vida em terras japonesas, os vínculos que lá construíram e deixaram para trás, também perderam o convívio com a cultura do país que elas consideravam familiar, além do mais, na chegada ao Brasil, perderam a única língua que até então conheciam e fazia parte do seu mundo.

O desamparo emocional desencadeado pela perda da língua japonesa que tem toda uma representação simbólica e cultural, traz à tona o trauma do nascimento. Eiko se vê sozinha e desamparada, não podendo contar com a ajuda dos próprios pais.

São tantas as barreiras da língua enfrentadas por essas crianças no Brasil, que vão além de outros territórios, trazendo dificuldades e afetando a comunicação com os próprios parentes que acolheram no Brasil, e o mais agravante, no ambiente escolar. Essas dificuldades de compreensão da língua oral são sentidas por ambas as partes: por aqueles que estão ao redor dessas crianças e pelas próprias crianças imigrantes que desconhecem a representação da linguagem cultural brasileira. Portanto, ambos os lados desconhecem o mundo do outro.

Pesquisadora: O Japão e o Brasil, ficam misturados? Letícia: Não! Não é que o Japão é tão fácil. Eu fui para o Japão e ficou fácil para mim. Estudei desde criança. Quando vim para o Brasil ficou difícil para mim, porque não acostumava, não sabia ler. Pesquisadora: Você assistia aos filmes brasileiros no Japão? Letícia: Não. Porque não sabia o português. (Anexo C/16ª Entrevista).

Pesquisadora: Quando chegou ao Brasil, qual era a sua dificuldade? Goro: De falar. É ruim um pouquinho, complicado para mim. Difícil de aprender. Pesquisadora: Como fazia para falar? Goro: Falar com cuidado, pra não errar. Pesquisadora: Quando chegou ao Brasil, falava o português ou japonês? Goro: Português. Alguns queriam que falasse japonês. Alguns meninos, ne. Eu falava o japonês e português. Falava um pouquinho errado o português. Pesquisadora: Parece-me que hoje você tem falado melhor o português? Goro: Se não, as pessoas não entendem. Pesquisadora: Parece-me que também tem conseguido entender melhor o português. Goro: O português. (Anexo E/9ª Entrevista).

As paisagens e a língua dos sonhos dessas crianças estão no mundo oriental, conhecido e dominante em seus pensamentos e sentimentos.

Goro [Tradução Haru]: Falo a língua japonesa no sonho. Nunca sonhei com nada daqui. Haru: No Japão Goro dormindo chorava muito à noite. Aqui no Brasil, ele sempre está mais alegre. (Anexo E/3ª Entrevista).

Eiko: Com mais paisagens do Japão, porque lembro muito tempo, fica na cabeça. (Anexo B/6ª Entrevista).

Todo japonês [ri]. Quando sonho no Brasil é japonês, não sei o porquê. Nunca sonhei português, nem inglês e língua diferente. (Anexo B/6ª Entrevista).

O esquecimento da língua japonesa traria muitas perdas para Eiko. A língua japonesa, além de representar a mãe-japonesa, o objeto bom internalizado, também é uma forma de estimular uma integração com as outras crianças descendentes de japoneses que moram no Brasil e que estudam a mesma língua, que Eiko conhece. Portanto, manter a língua viva para *Eiko* é manter o desejo vivo do sentimento de retorno e a possibilidade de se encontrar novamente com a mãe oriental.

Pesquisadora: Por que tem que estudar japonês? Eiko: Para não esquecer e não perder para a minha amiga. (Anexo B/14ª Entrevista).

A competição instigada pelos próprios descendentes de japoneses nesses testes de proficiência da língua japonesa gera um sentimento de disputa entre eles, como se fosse uma corrida por quem conhecesse melhor a mãe japonesa. Esse desejo veemente pelo conhecimento do mundo japonês buscado pelas crianças filhas de *dekasseguis* representa o filho, que mesmo de longe está vinculado às lembranças, às experiências, à linguagem mecânica e cultural do país, mobilizando nesses filhos muitos significados emocionais.

Retorno para o Japão

Segundo Higa (2006), o “voltar atrás” não é no sentido da cura, mas sim no sentido da elaboração, ou seja, o retorno ao passado é vivenciado como meio de libertação.

Lembramos-nos que Eliade (1972) segundo o qual, na tentativa de abolir o tempo, de dominá-lo diante do tormento de passagem e da finitude humana, o homem utiliza da técnica de “voltar atrás” ou de “retornar às origens”, ou seja, “para curar-se da obra do tempo é preciso “voltar atrás” e chegar ao princípio do mundo”. (ELIADE apud HIGA, 2006, p. 34).

Justo (2008) corrobora que o desejo de retornar ao país de origem se mantém vivo e forte no imigrante. Esse retorno não difere de outras experiências de voltar ao lugar de

origem, para o lugar que se conhece, marcado pela história de sua infância que representa em suas memórias o passado.

Segundo Justo (2008, p. 110), o partir e retornar estão intrinsecamente relacionados. O autor cita o exemplo do viajante que, na despedida, já manifesta o desejo de voltar. Portanto, se despedir dizendo “até a volta”, “volte sempre” ou “volte logo”, faz parte do vocabulário do cotidiano alimentado pela ânsia do retorno.

Fazer muitos amigos. Fazer compras nas lojas. Fazer uma casa. Pesquisadora: Hoje, você sente vontade de voltar para o Japão? Letícia: Tenho como antes. Pesquisadora: Aqui no Brasil, como se sente? Letícia: O Brasil é o lugar que nasci. Agora, estou de volta. De primeiro achava que era um lugar chato. Agora, estou gostando. (Anexo C/12ª Entrevista).

Essas filhas de *dekasseguis* são crianças que têm a experiência de viver em duas culturas. Surge em *Eiko* o sentimento de ambivalência, de ficar no Brasil, mas também de construir o futuro próximo no Japão.

Eiko: Que é intenção? Pesquisadora: Vontade. Qual a sua vontade? Eiko: Quero ir no Japão fazer outras coisas, fazer minha faculdade, mas também quero ficar no Brasil e fazer o [Nome do comércio dos pais], meu pai e mãe vai [Nome do comércio dos pais], porque fica velho no [Nome do comércio dos pais], então também quero ficar no Brasil e no Japão. (Anexo B/1ª Entrevista).

O desejo de retorno não é somente encontrado nos adultos, entretanto, apesar de ainda serem crianças, mostram o desejo de voltar à terra japonesa.

Pesquisadora: Você prefere o Japão ou Brasil? Letícia: Os dois. Acho que é legal. Pesquisadora: Você sente muita falta do Japão? Letícia: É. Pesquisadora: Você está sempre pensando no Japão? Letícia: Sempre. Acordo e durmo. No Japão tinha coisas legais. Tinha neve. Coisas que eu interessava. Pesquisadora: O que você gosta no Brasil? Letícia: Gosto dos meus amigos que são legais. Coisas para aprender. Acho que gosto mais ou menos. Pesquisadora: Está falando que do Brasil gosta mais ou menos. E do Japão? Letícia: Eu gosto muito! Pesquisadora: Você pretende algum dia voltar para o Japão? Letícia: Quando crescer, eu quero tentar ir. Morar lá. Fazer faculdade. Pesquisadora: Qual a faculdade que gostaria de fazer? Letícia: Não sei ainda. Pesquisadora: Você sonha com o Japão no seu futuro. Letícia: Sim. (Anexo C/12ª Entrevista).

Pensar em voltar é a forma que o ego encontrou para não se desvincular da terra-mãe. A distância da terra-mãe gera conflito com a realidade (HASHIMOTO, 1995).

Pesquisadora: Você quer saber alguma coisa do Japão? Letícia: O Japão está tendo terremoto? Pesquisadora: O Japão tem terremotos. É um país que vive com terremotos.

Letícia: Quando crescer quero ir ao Japão. Fazer doações de doces e moedas. Fazer uma fábrica de docinhos para crianças normais também. Eu quero tentar qualquer coisa. No Brasil o emprego é difícil também. Eu quero ser cantora também. Eu só sei cantar música do Japão. (Anexo C/Entrevista 11^a).

Pesquisadora: O que sente e pensa quando vê as fotos do Japão? Letícia: Às vezes penso que quero voltar mais uma vez para o Japão. Pesquisadora: O que iria fazer no Japão? Letícia: Brincar mais. Fazer as coisas direito. Eu queria fazer e não conseguir fazer. Pesquisadora: Você fala que tem vontade de voltar para o Japão? Letícia: Muito! Pesquisadora: Quais são essas coisas que gostaria de fazer no Japão? Letícia: Ir para a escola e estudar direito. (Anexo C/12^a Entrevista).

A fantasia de que o Brasil era um lugar deserto, inabitável surge no relato de Letícia, como ter que deixar o oásis japonês e se deslocar para um lugar sem recursos em busca de sobrevivência. A criança faz várias comparações entre o Brasil e o Japão. Acaba criticando a tecnologia brasileira, considerando-a de baixa qualidade, o mau comportamento dos brasileiros em relação aos professores e a falta de consciência em jogar lixo na rua. Essas diferenças são nitidamente observadas pelas crianças.

Pesquisadora: Você sente feliz no Brasil? Letícia: Às vezes sinto feliz. Às vezes acho chato ir para escola. Eu conheci amigos. A escola é boa. Pensei que o Brasil era um deserto. Monte de areia e muito quente. Pesquisadora: No Brasil não tinha gente morando? Letícia: Não. Pesquisadora: Então, vocês seriam os primeiros habitantes. (Anexo C/15^a Entrevista).

A desvalorização do país presente, Brasil, é o sentimento de rejeição que a criança encontrou para negar a nova realidade vivida por ela. Assim, portanto, consegue preservar o país ausente. “O Brasil cheira muito fedido. Não tem esgoto. Cheira xixi e cocô” (Anexo C/21^a Entrevista).

Pesquisadora: Por que achava o Brasil um lugar chato? Letícia: Não era igual o Japão. No Japão é muito liso. No Brasil tem quebra-molas. E por isso, eu não gosto. Pesquisadora: No Brasil têm obstáculos que você não gosta. Qual é o seu maior obstáculo? Letícia: No Japão a comida e a escola são gostosas. No Brasil a comida é mais ou menos. As lojas não são bonitas. Eles vendem coisas que não prestam. (Anexo C/12^a Entrevista).

Para a criança imigrante, filha de *dekassegui* que chega ao Brasil, parece ocorrer o processo inverso, não desvaloriza o país ausente, no caso o Japão. Ela passa a desvalorizar o país presente, mantendo os aspectos positivos do país japonês ausente.

De acordo com Hashimoto (1995, p. 93):

A desvalorização do ausente, que significa a negação dos aspectos positivos da terra natal, enquanto busca do seu próprio caminho, é dificultada pela rejeição da terra presente. Apesar da única tentativa de solução do impasse ser a desvalorização, mesmo que agressiva, torna-se difícil a passagem para a idealização do ausente. É a vivência da perda, através do desgaste da imagem ideal, o mecanismo usado para possibilitar o engrandecimento desse ideal perdido, num processo de reparação e de projeção para o passado.

Permanecem, nessas crianças, a idealização da terra ausente, a japonesa, negando os aspectos bons da terra brasileira. Assim, dificultando na elaboração do luto. Elas passam a negar a nova realidade psíquica, usando de defesas maníacas, como a onipotência, o desprezo e o triunfo sobre os aspectos negativos do mundo brasileiro.

Depois de algum tempo de separação da terra japonesa, Eiko e Letícia não conseguiram se desligar da terra ausente.

Na separação, a pessoa deve desligar-se da imagem idealizada do ausente e procurar substituí-la por outros ideais. Além disso, precisa continuar desenvolvendo as suas atividades normais para possibilitar a continuidade do ego. A separação consiste portanto, na tentativa de vencer os sentimentos de ambivalência entre a lembrança idealizada e o frágil compromisso com o objeto atual. A forma mais adequada de solucionar tais conflitos é lançar mão de defesas. São esses mecanismos que vão possibilitar o desenvolvimento e adaptação à situação nova [...] e controlar essa ambivalência. (HASHIMOTO, 1995, p. 96).

Hashimoto (1995) lembra, ainda, que o migrante, depois de algum tempo longe da terra-natal, pode perceber a diferença do que é idealizado e real. Assim, essa desilusão faz o processo de luto se concretizar com o processo de diferenciação. O migrante passa a perceber a nova terra e começa a se separar da terra-mãe. Não entanto, tal separação não implica o esquecimento total, senão o ego se sucumbiria.

Ambiente escolar japonês e brasileiro

As dificuldades encontradas por essas crianças são sentidas em ambos ambientes escolares, ou seja, tanto na escola japonesa como na escola brasileira. O choque cultural e o sentimento de estranhamento ocorrem quando elas se deparam com a língua e o ensino escolar programado.

Eiko: O “kanji” era um pouco difícil de aprender, porque veio da China. Confundia com vários outros “kanjis”. O adulto tem que aprender o “kanji” e dá para entender mais coisas e

palavras. Pesquisadora: Como se sentia no Japão? Eiko: Não tinha medo. Tinha que fazer a recuperação até tirar nota azul. Eu conseguia. Eu fiz duas vezes, estava difícil. (Anexo B/15ª Entrevista).

Não podemos deixar de considerar que esses pais *dekasseguis* – descendentes de japoneses –, mesmo sabendo falar e ter certo domínio da língua japonesa, não são japoneses nativos. Esses *dekasseguis* são imigrantes, foram para o Japão para trabalharem em serviços de baixa qualificação, se ausentando da vida cotidiana de seus filhos, em razão do excesso de carga horária de trabalho e da exaustão física e emocional. Portanto, esses pais acabam tendo pouco tempo para ficar com os seus filhos, geralmente esses poucos encontros acontecem nos finais de semana, que dividem entre os filhos e suas compras em mercados.

Essas crianças se sentem em “déficit” aqui ou lá no Japão, tendo que correr atrás de um “tempo perdido”. Apesar das dificuldades da escrita e compreensão em “*Kanji*”, *Eiko* conseguiu recuperar as suas notas nas avaliações. Entretanto, no Brasil, a situação é muito mais complicada, porque a sua dificuldade não é tão simples. A adolescente *Eiko* corre atrás de um tempo que não existiu em sua vida.

Eiko: Quando estava no Japão entendia, mas não conseguia responder. Estava no infantil. Tinha 3 ou 4 anos. Pesquisadora: Como fazia? Eiko: Respondia com a cabeça, mãos [gestos]. Pesquisadora: Qual foi mais difícil, o Japão ou o Brasil? Eiko: Quando voltou para o Brasil foi mais difícil. Eu não entendi nada. (Anexo B/19ª Entrevista).

Continuando:

Só sabia algumas palavras em português. Não sabia as regras, os costumes. Ainda está sendo muito difícil. É mais fácil acostumar com os costumes, um ano. Estava muito tempo no Japão. (Anexo B/19ª Entrevista).

O tempo para se adaptar a outro país é preciso e deve ser considerado nesse processo, portanto, é como um bebê que vai introjetando esse novo meio durante o seu desenvolvimento biológico, psicológico e social. Diante de tudo isso, essas crianças imigrantes vivem num “tempo acelerado”, porém atrasadas no tempo e no aprendizado escolar brasileiro, tendo que lidar constantemente com o sentimento de fracasso e impotência, ocasionando desânimo e preguiça.

Pesquisadora: O que pretende fazer nas férias? Eiko: Nas férias, estudar um pouquinho de japonês, que está esquecendo e brincar um pouquinho. Pesquisadora: Parece-me que você tem medo de esquecer a língua japonesa. Eiko: Para mim o japonês é uma ponte que atravessa a língua portuguesa. Não quero quebrar. Pesquisadora: Como que é essa ponte?

Eiko: Para mim, não consigo falar inglês e nem entender, não dá certo. Falta a língua portuguesa e a japonesa. Para aprender a língua portuguesa, tem que usar a língua japonesa. Exemplo: Uma palavra que não sabia, pergunto para a minha mãe e ela traduz. A minha mãe explica em japonês para entender mais fácil o português. Pesquisadora: Você sente que precisa do japonês para entender a língua portuguesa. Eiko: É. Pesquisadora: Quando não sabe a palavra na língua japonesa e nem a portuguesa? Eiko: Se é palavra em japonês, se não entender, fico procurando no dicionário japonês. Em português não consigo. O dicionário explica difícil. Pra mim, não entende. Pesquisadora: Então, você fica sem entender. Eiko: É. (Anexo B/24ª Entrevista).

Na citação abaixo, Eiko mostra o sentimento de desamparo dentro da sala de aula. Não teve voz suficiente para falar e ser correspondida. Como Freud menciona no projeto para uma psicologia científica (1886-1889/1996, p. 370), que “o organismo humano é, a princípio incapaz de promover essa ação específica. Ela se efetua por ajuda alheia [...]”. Eiko não pode ser vista, faltou o olhar do adulto para que não caísse em desamparo emocional. Freud diz que a descarga por meio da via de alteração interna da criança promove a função secundária de comunicação entre a criança e o adulto. Entretanto, Eiko não consegue se comunicar e nem se livrar da sua angústia, ficando sozinha e desamparada emocionalmente na sala de aula.

Eiko: É legal, não usa muito o português e elas também conversa comigo, não fico vergonha e não fico quietinha. Pesquisadora: Isso no Nikkey? No Nikkey você conversa? Eiko: Hum. Pesquisadora: Na escola que estuda você tem amigo? Eiko: Tenho pouquinho. Não consigo ficar muito amiga comum que eu fico no Nikkey. Pesquisadora: No Nikkey já é diferente. Você sente que consegue ter mais amizades no Nikkey. Eiko: Hum hum! (Anexo B/1ª Entrevista).

As duas mães integradas, a japonesa e a brasileira seriam a relação satisfatória, ou seja, a relação com um objeto total, integrado e não parcial e fragmentado.

Formação de vínculos

A identificação dessas crianças migrantes com a cultura brasileira e com os colegas brasileiros não ocorre de imediato. A formação de novos vínculos dessas crianças em terras brasileiras fica prejudicada, acaba demorando mais tempo para fazer uma nova construção de amizade.

O desconhecimento da língua portuguesa, afeta na formação de novos vínculos? O sentimento de vergonha dessas crianças acaba atrasando a formação de novas amizades?

Eiko, até o momento presente, não conseguiu fazer novas amizades. Ela já sabe se comunicar o suficiente para construir laços de amizades, portanto, vive isolada.

O isolamento é um mecanismo de defesa inconsciente que o imigrante utiliza como uma proteção e preservação do ambiente antigo.

As demais crianças – Letícia e o primo Goro – estão mais integradas ao novo meio, dizem ter amigos, apesar de estarem ainda superando diariamente as dificuldades com a língua portuguesa.

Sentimento de vergonha

O sentimento de vergonha é sempre disparado quando tem que se expor diante de uma situação corriqueira. O sentimento de vergonha é sentido pelas crianças como medo de errar, que é uma vivência constante em suas vidas, como se não pudessem lidar com as falhas e o fracasso, ou seja, com sua própria impotência. A vergonha e o medo de errar mostram o quanto a cultura japonesa está assimilada por essas crianças em suas vidas. A perfeição e a condenação parecem caminhar juntas nas tradições milenares do povo japonês.

Eiko: Tenho vergonha, ainda um pouco. Já li uma vez que a professora pedi. Pesquisadora: Como foi? Eiko: Todo mundo ficou um pouco contente. Pesquisadora: O que sentiu na hora em que estava lendo? Eiko: Senti que não posso errar. (Anexo B/12ª Entrevista).

O sentimento de vergonha da criança está ligado ao “não saber” diante do desconhecido.

Pesquisadora: O que você estava fazendo? Letícia: Estava esperando a professora. Quando ela chegou, me apresentou. Eu tinha vergonha. Pesquisadora: Por que você tinha vergonha? Letícia: Não sabia as coisas direito, não sabia as palavras. Pesquisadora: Como era essa vergonha? Letícia: Vergonha de falar. No Japão não tinha vergonha dos amigos da minha irmã. (Anexo C/4ª Entrevista).

O sentimento de vergonha não está só presente nos diálogos das crianças filhas de *dekasseguis*, porém, a mãe de Goro, a senhora Haru diz sentir vergonha, como medo de cometer alguma falha.

Pesquisadora: Você tem amigos? Goro: Todo mundo! Pesquisadora: No intervalo como que é? Goro: Conversa pouco. Eu tenho vergonha. Vai rir de mim. Pesquisadora: Por que pensa que as pessoas vão rir de você? Goro: Penso assim. (Anexo E/4ª Entrevista).

Sra. Haru: Estar na frente de todo mundo e falar errado. Nossos termos são antigos. Eles usam muitos termos ingleses. Penso: “Será que falo?” Ou não falo? Pesquisadora: Você fica na dúvida? Sra. Haru: Sim. Penso “Será que falo? E se falar errado?” Japonês é tudo sistemático. Às vezes você não se encaixa aí. (Anexo D/5ª Entrevista).

A senhora Haru nega que os japoneses possam sentir vergonha, como se fosse um sentimento gerado nos descendentes de japoneses brasileiros. A idealização do povo japonês

perfeito, sem sentimentos de inferioridade ficando com o bom e os seus descendentes brasileiros ficando com a vivência do sentimento ruim.

Pesquisadora: Quando não consegue compreender, qual é o seu sentimento? Goro: Vergonha. Pesquisadora: O que é vergonha? Goro: Todo mundo ri. Pesquisadora: Isso está acontecendo? Goro: Não. (Anexo E/6ª Entrevista).

Para a criança Goro, o sentimento de vergonha é não compreender a disciplina escolar e o medo de que as outras crianças possam ridicularizá-lo.

Transnacionalismo/Descendentes de japoneses

A migração de ida e volta dos imigrantes sempre existiu, não atingindo, até o momento atual, um volume crítico e a complexidade efetiva para se lançar no campo social emergente. Esses imigrantes são pessoas que vivem em dois lugares, falam dois idiomas e mantêm contatos contínuos entre ambos os países (PORTES; GUARNIZO; LANDOLT, 1999).

Em sua obra *Nuevos retos del transnacionalismo en el estudio de las migraciones*, Solé, Parella e Cavalcanti (2008, p. 13) assinalam que as antigas migrações são distintas das contemporâneas. As velhas migrações perdem o vínculo com o seu país de origem, ao passo que nas novas migrações, o imigrante se mantém vinculado à sua originalidade: “*En la actualidad, los inmigrantes desarrollan redes, actividades, estilos de vida e ideologías que engloban a la vez las sociedades de origen y de destino*”. Portanto, o transnacionalismo é definido como “*los procesos a través de los cuales los inmigrantes construyen campos sociales que conectan su país de origen y su país de asentamiento*” (GLICK SCHILLER; BACH; SZANTON BLANC, 1992 apud SOLÉ; PARELLA; CAVALCANTI, 2008, p. 15).

Os descendentes de japoneses podem ser caracterizados como a única migração transnacional secular. Portanto, ao migrarem para outro país, não hesitaram em retornarem para a terra dos seus antepassados. Os “*nikkeys brasileiros*” se mantiveram vinculados ao Japão, por meio de cartas dirigidas aos parentes que lá ficaram, que atravessaram oceanos para chegar ao seu destino, diante de uma época que o transporte marítimo não havia uma tecnologia rápida e avançada, comparada com a nossa atual tecnologia.

De acordo com Solé, Parella e Cavalcanti (2008, p. 14), “*No todos los migrantes necesariamente se ven imbricados en prácticas sociales de carácter transnacional*”. Isso nos mostra que nem todos os imigrantes são transnacionais; entretanto, em decorrência do desenvolvimento de novas tecnologias, que é considerado um grande marco nas ciências

contemporâneas, tem acelerado os meios de comunicação e de transporte, facilitando e interligando a vida de quem mora do outro lado do mundo.

Os *dekasseguis* são eminentemente transnacionais, diferentemente do que ocorre com brasileiros que emigram para outros países, muitos dos quais acabam perdendo contato com familiares e amigos deixados no Brasil. A grande maioria dos *dekasseguis* vive um verdadeiro trânsito entre Brasil-Japão, deslocando-se mais de uma vez do Brasil ao Japão e mantendo vínculos afetivos, sociais e econômicos bastante estreitos com amigos e familiares brasileiros. Contudo, a experiência de transnacionalidade para os filhos é bem distinta da dos pais. Primeiro porque os filhos que emigraram bem novos ou que nasceram no Japão não possuem, pelo menos não de maneira forte, referências identitárias brasileiras e nem mantêm contatos estreitos com os familiares que residem no Brasil, durante o período da vida que passam no Japão. Também não conseguem manter algum vínculo com o que deixaram no Japão, quando se instalam no Brasil com seus pais retornados.

As crianças filhas de *dekasseguis* não têm conseguido manter o vínculo com o Japão, o qual se rompeu abruptamente no momento da sua partida. Mesmo com tantos recursos tecnológicos, não conseguem estabelecer uma conexão com a outra parte do mundo. Como nos mostra o senhor Ito abaixo:

Tem um fato que ela contou para gente e me que marcou. Eu fiquei muito sentido. Ela me falou que os amigos estavam esquecendo. Que todo mundo estava esquecendo dela. (Anexo A/Sr. Ito).

Os pais tentaram fazer contatos com a escola e amigos, por meio de cartas, porém, nunca obtiveram uma resposta. Nas escolas japonesas é comum os professores serem transferidos para outros lugares e perderem o vínculo com o antigo ambiente. A atitude desses pais foi mais um pedido de ajuda, ou seja, um pedido de socorro para suas filhas. De certa forma, eles tentaram resgatar determinado vínculo do passado, sem ter êxito algum.

Mandamos carta para a escola e não voltou. Eu não consigo fazer nada. Como vou fazer algum amigo para ela? Como vou fazer algum contato com professor? (Anexo A/Sr. Ito).

Continuando:

Não houve retorno. É complicado também, porque lá no Japão os professores mudam muito. Eles não ficam estabilizados numa escola só. De tempos em tempos eles estão mudando de lugar. É um aperfeiçoamento constante. Eles têm até aulas na faculdade. Então, aquela professora e aquele professor não poderiam estar mais lá. A carta endereçada foi para lá,

mas lá não tem o professor. Não tem esse. De repente não conseguiu um outro contato. Ela falou que sonhava. É duro essa questão de sentimento. (Anexo A/Sr. Ito).

Essas crianças filhas de *dekasseguis* quando chegam ao Brasil e por não manterem vínculos de amizade com a terra japonesa temem ser esquecidas pelos seus professores e amigos que ficaram no Japão.

Para essas crianças filhas de *dekasseguis*, quais são os lugares de “origem” e de “destino”?

Identidade Híbrida: Filhos de *dekasseguis*, os legítimos nipo-brasileiros

Será que alguns momentos de refúgios dessas crianças no Brasil estão na identidade brasileira que nem parece estar clara ou bem definida para elas?

A questão da identidade é um assunto para ser discutido em virtude de sua complexidade, tratando-se de crianças descendentes de japoneses, e da quarta geração de imigrantes.

Afinal, qual é a identidade dessas crianças filhas de *dekasseguis*?

Para Hall (2005, p. 7), o sujeito contemporâneo é descentralizado, distinto da modernidade que era considerado unificado. O sujeito na pós-modernidade é fragmentado, originando novas identidades que o autor denominou “*crise de identidade*”.

A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2005, p. 7).

As duas irmãs Eiko e Letícia, no Japão, se consideravam japonesas. Para confirmar a naturalidade de Eiko em seu registro de nascimento constava o nome da cidade japonesa “*Matsumoto*”.

Na verdade existe um problema de choque cultural pelo o seguinte. A gente, engraçado, elas consideram japonesas. Olha só que coisa engraçada! Ela no registro de nascimento dela ela nasceu no Japão. Está lá “Matsumoto” (nome da cidade japonesa), tudo direitinho. É uma coisa engraçada assim. Aparência física de “nikkey” “nikkey”, ela se achava assim. Quando ela entrou na escola pública lá e tudo mais, na verdade fala assim: Por que papai e mamãe não é japonês? (Anexo A/Sr.Ito).

Ela tinha uma certa vergonha. Um certo preconceito. Não que seja preconceito. O preconceito que nem lhe expliquei agora. Por que ocorre esse preconceito? Devido a isso, ela “eu sou japonesa”. É engraçado ela ouvir dizer que amiguinhos dela chegou, que eram

brasileiros. Fala que é “gaijin”. Que “gaijin” o que minha filha? Você é brasileira. Não é mamãe, não é, por quê? Tenho aparência de japonês. Quando a gente fala português. Ela queria que a gente fosse japonês. Da melhor maneira possível, ela fala: Fala que é japonês! (Anexo A/Sr.Ito)

Na tentativa de justificar a identidade brasileira de suas filhas, o pai das crianças acaba se contradizendo, ao dizer que a avó tem costumes de “*nikkei-jin*”, ou seja, a avó portanto, seria uma japonesa que está morando fora do Japão e que a língua japonesa falada em família era normal.

*Isso lá no Japão. Porque lá, ela tinha um certo constrangimento por ser brasileira. Minha filha você é brasileira. Como os amiguinhos nunca estavam com essa aparência. Não só aparência, mas nossos costumes. Tenho uma avó muito rigorosa. Costumes de “*Nikkei-jin*”, “*nissei*”. Para a gente falar o japonês era simples. Fácil (Anexo A/Sr. Ito).*

A questão da identidade não pode ser considerada somente uma discussão macrossocial e sim, também uma discussão microssocial nessas famílias de descendentes de japoneses.

Essa descentralização identitária do sujeito acaba afetando também as crianças filhas de *dekasseguis*. Diante das mudanças geográficas e da própria construção da e/imigração japonesa que favorecem a experiência de vida entre duas culturas, criando novas identidades, a híbrida.

O problema da identidade da criança Goro enunciava pela sua aparência de mestiço, por sua mãe ser “*nikkey*” brasileira e o pai não ter descendência japonesa.

Tiveram muitas dificuldades, hem. Incluse já pela aparência do meu filho por ser mestiço. Ele era mestiço. Então, ele se sentia muito complexado por ele não ter olho puxado. Já começou por aí. Ele ficava me perguntando: “– Mamãe, por que eu não tenho o olho puxado?” Pra ele, os japoneses eram bonitos e ele era feio. Eu falava para ele: – Nossa meu filho! Você está pensando diferente, porque os japoneses querem ser ocidentais. Tanto é que lá os homens e as mulheres eles fazem o possível para terem os olhos grandes, o cabelo enrolado. Quer parecer com ele. Eu falei para ele: “– Quer parecer com você, mas ele não aceitava isso” Até hoje ele fala isso, que bonito é o japonês. Que ele é feio. Já começou por aí. (Anexo D/Sra. Haru).

No Japão, a nacionalidade brasileira de Goro era algo que justificava a sua diferença entre as demais crianças japonesas e as suas dificuldades de aprendizado na escola japonesa.

Ele sempre vinha falando pra mim: “Mamãe eu não vou conseguir! Eu não consigo, porque é difícil”. Ele sempre colocava muitos empecilhos e ele não conseguia. Aí, ele falava até que, porque eu sou brasileiro. (Anexo D/Sra. Haru).

O conflito identitário vivido por essas crianças é constante em suas vidas, em um momento se veem japoneses e em outro se veem brasileiros. Na citação abaixo, Goro nega completamente a sua identidade brasileira.

Os coleguinhas dele no primeiro ano, até queriam chegar e saber mais dele. Só que ele acabava afastando as crianças. As crianças queriam: Como que é o Brasil? Como se fala isso em português? Mas ele não queria, ele detestava falar sobre o Brasil. Porque pra ele, ele não quer ser brasileiro, não aceitou o Brasil. Então, ele falava assim: – Eu não sou brasileiro! Eu sou japonês! Ele falava pra mim. Por ele ter sido criado lá e crescido lá, ne. (Anexo D/Sra. Haru).

Para Eiko a confusão identitária é também formada pelo ambiente exterior, onde apesar de ter passado um século dos primeiros imigrantes japoneses no Brasil, ainda continuam vivendo esse conflito identitário. Portanto, em território japonês o *dekassegui* descendente de japonês é visto como “brasileiro”, ocorre ao contrário quando esse descendente encontra-se em terras brasileiras, é visto e chamado de “japonês”.

Eiko: Hum, acho que nenhum dos dois, no Japão também as minhas amigas e meus amigos ficavam falando que eu era brasileiro e no Brasil falava que eu era japonês, e não conseguiu do qual sou brasileiro ou japonês. (Anexo B/1ª Entrevista).

O sentimento de não pertencimento de Eiko fica claro nessa citação acima, não sabendo definir a sua própria identidade. Essa indefinição identitária dos descendentes de japoneses brasileiros ainda continua nessa nova geração que morou no Japão por algum tempo e que chega ou retorna ao Brasil.

Gosto. Às vezes fico chateada e triste. Porque colega consegue e eu não. Eu também sangue de brasileiro. (Anexo B/5ª Entrevista).

Eiko não compreende tantas dificuldades que vem enfrentando no ambiente escolar, já que o seu sangue é brasileiro não deveria tê-las.

Eiko- Fui, mas tinha que vir, não tinha jeito. Eu também queria conhecer o Brasil. Porque o Brasil na minha memória, não consigo lembrar nada. Só vendo a foto que consigo entender que estava aqui. (Anexo B/11ª Entrevista).

Hall (2005) explica que o sujeito contemporâneo passa a não ter uma localização social sólida. O indivíduo perde a sua referência de lugar no mundo social e cultural e de si mesmo.

O hibridismo é definido por Hall (2005) como uma mistura entre distintas tradições culturais e novas formas de construções culturais na modernidade tardia. Essa modernidade tardia é conhecida pelo nome de globalização.

Para Naputano (2012), em sua tese de mestrado *Identidades culturais em imigrantes de segunda geração – Os filhos de Pedrinhas*, o hibridismo não é soma de culturas distintas, porém considera um processo de formações culturais. Para o autor, “a cultura é sempre híbrida no sentido de ter uma perspectiva de construção histórica datada e de tensões político-sociais em sua formação” (NAPUTANO, 2012, p. 108).

Se os primeiros imigrantes japoneses que vieram para o Brasil se sentiam japoneses mesmo depois de muito tempo; se os filhos desses imigrantes se sentiam brasileiros filhos de japoneses, os filhos dos *dekasseguis* que acompanham seus pais em longas temporadas de trabalho no Japão ou que nasceram no Japão e vieram para o Brasil dificilmente vão deixar de incorporar identificações profundas com ambas culturas, produzindo uma identidade híbrida: nem brasileiros, nem japoneses, mas sim nipo-brasileiros.

10 CONCLUSÃO

O desamparo psíquico abordado na pesquisa, no processo de adaptação/readaptação dos filhos de *dekasseguis* na chegada ao Brasil, pode ser identificado nas crianças e também nos próprios pais *dekasseguis*.

Os pais sentem-se desamparados antes mesmo de retornarem para o Brasil. A terra-mãe oriental que, até então, gerava um sentido de amparo ao assegurar o sustento da família, pelo trabalho, e possibilitar outras realizações pessoais, é deixada para trás no retorno para aquela outra terra-mãe nativa de onde antes havia partido.

Para os pais *dekasseguis*, sobretudo para aqueles evadidos após a crise econômica de 2008, a possibilidade de continuarem morando em terras orientais foi abruptamente interrompida e com isso, seus sonhos se esvaíram. Em decorrência da falência do *Lehmans Brothers* e de outros conglomerados financeiros e empresas norte-americanas, em 2008, o Japão sofreu uma das suas piores crises econômicas dos últimos tempos, desencadeando um alto índice de desemprego no país. Em razão dessa situação, muitos imigrantes *dekasseguis* têm retornado para o Brasil. Além disso, os abalos sísmicos continuam manifestando em todo território japonês, disparando medo e insegurança nas pessoas que moram no arquipélago, especialmente nos imigrantes brasileiros, pouco acostumados a catástrofes naturais.

O Sr. Ito mencionou explicitamente a frustração do seu projeto de permanecer por mais tempo no Japão, até para concluir a formação profissional dos seus filhos, quando teve que abreviar sua permanência por causa da crise econômica que o deixou bastante inseguro. A senhora Haru acrescenta aos motivos econômicos o temor dos terremotos que, mesmo acontecendo à distância de onde morava, acentuava a sensação de insegurança e a iminência de uma condição de desamparo em terras estrangeiras. O sentimento de desamparo vivido na terra dos avós os faz buscar e voltar à terra ocidental brasileira. Assim, teriam o “continente” brasileiro como amparo, ou seja, seria um porto seguro para suas inseguranças.

Os pais, ao chegaram ao Brasil, perceberam que o fator idade da criança imigrante é relevante para se adaptar ao novo meio. Quando se deslocam bebês ou menorzinhas para outros lugares, ou países, parecem poder assimilar mais facilmente a nova vida.

Para os pais, a sua filha Eiko teve muito mais dificuldades na chegada ao Brasil, em virtude do fator idade do que a irmã Letícia, que chegou menorzinha. Quando chegou ao Brasil, Eiko tinha nove anos (quase 10 anos) de idade e Letícia, sete anos. Além do fator idade, temos que levar em conta o grau de escolaridade dessas crianças quando no ato da migração. Eiko alfabetizou-se na língua japonesa e concluiu no Japão a 3ª série, iniciando a 4ª

série do ensino fundamental. Ao passo que Letícia, aos seis anos e meio, cursou a metade da 1ª série escolar no Japão e retornou aos sete anos de idade para o Brasil. A criança Goro chegou aos nove anos de idade ao Brasil, tendo cursado no Japão até a 2ª série do ensino fundamental. Será que o fator idade pode intensificar ou não o desamparo emocional dessas crianças e/imigrantes?

Conforme Grinberg e Grinberg (1984), a experiência migratória é vivida de forma distinta em cada fase da vida. Portanto, a criança que migra menor, poderá assimilar mais rapidamente o novo entorno.

A criança Letícia chegou ao Brasil com 7 anos de idade e ingressou na metade da 1ª série/2º ano escolar. Apesar das suas dificuldades, Letícia está aprendendo a língua portuguesa com mais facilidade em relação à irmã Eiko e ao primo Goro, e se expressando sem o sotaque japonês. Diferentemente da irmã Eiko, que continua tendo dificuldades escolares acentuadas, por ainda não conseguir compreender a língua portuguesa instrumental e abstrata. Assim, se percebe e se sente prejudicada, por ter ingressado na 4ª série/5º ano, pois ingressou num nível escolar sem ter nenhum conhecimento na língua portuguesa, e em outro país. Demonstra muitos sofrimentos emocionais por não conseguir ainda se adaptar ao Brasil. Entretanto, o primo Goro, apesar de ter iniciado da 3ª série, não cursou a primeira e nem a segunda série no Brasil. A senhora Haru interveio para que o filho fizesse o curso de alfabetização em língua portuguesa e de matemática, antes mesmo de ingressar na escola, e também que iniciasse a 3ª série, não sendo diretamente matriculado na 4ª série do ensino fundamental como a escola propunha. Assim, a criança Goro não perderia mais um ano escolar no Brasil.

A senhora Haru fez o processo inverso da irmã Natsu, fornecendo ao seu filho Goro alguns recursos para que não ficasse totalmente desamparado na escola. Diante da situação, mesmo a criança chegando com alguma bagagem na escola, não deixa de se sentir desamparado emocionalmente. O estranhamento e o choque cultural, especialmente ao se deparar com a nova língua instrumental e abstrata, traz o sentimento de desamparo.

Além da idade, o tempo de permanência das crianças imigrantes em outro ambiente escolar, ou seja, na escola japonesa, é relevante para a adaptação na escola brasileira. Elas apontam que estão “atrasadas” no aprendizado, tendo que correr atrás de um “tempo perdido”, que não existiu em terras brasileiras. Portanto, as crianças maiores parecem se deparar mais com as dificuldades escolares, elas já chegam com uma linguagem cultural mais elaborada do que as crianças menores.

As três crianças chegaram ao Brasil sem saber o idioma português. O desamparo emocional vivido por elas, que não sabiam a língua portuguesa ao chegarem ao Brasil, reflete

no sentimento de perda do conhecimento da única cultura, que é perder a sua própria língua, a qual traz conhecimentos abstratos promovendo um trânsito entre os dois mundos, do emocional (interno) e da realidade externa. As crianças, ao perderem a língua japonesa, passam a se sentir “estrangeiras dentro do próprio lar”. O desconhecimento da língua portuguesa é a principal barreira dessas crianças filhas de imigrantes *dekasseguis* na chegada ao Brasil.

Podemos pensar em dois momentos de grande sofrimento e desamparo psíquico com relação à língua instrumental e cultural na história de vida dessas crianças, logo ao chegarem ao Brasil:

- 1) O rompimento abrupto da comunicação na língua japonesa dos pais com as filhas Eiko e Letícia ao inserirem de forma autoritária a língua portuguesa na vida dessas crianças.
- 2) O estranhamento e as dificuldades da língua para acompanhar o novo currículo na chegada à escola.

Mesmo a mãe da criança Goro ter agido de forma distinta da irmã Natsu, não tendo rompido abruptamente a comunicação japonesa em família, o filho não se livrou da pressão para aprender a língua portuguesa em casa e na escola.

Para Mey (1998, p.76), “a língua se relaciona com a sociedade porque é a expressão das necessidades humanas de se congregarem socialmente, de construir e desenvolver o mundo”. Portanto, a língua não é somente um representante singular no sentido pessoal, é, acima de tudo, a expressão social e cultural do indivíduo. A língua dá a interpretação de mundo.

Para Eiko, surge a preocupação e o medo de esquecer a língua oriental, tendo que estudar para que não caia no esquecimento. Esse medo de perder a língua dominante nos remete a pensar que Eiko teme em perder as suas próprias referências orientais.

Qual a língua nativa dessas crianças? Será que elas têm língua “emprestada”? Talvez a língua portuguesa para esses filhos de *dekasseguis*, logo na sua chegada ao Brasil, tenha sido por certo tempo, uma língua que eles não pudessem sentir como sendo sua, e que frustrantemente acabavam utilizando-a de forma “forçada” ou “emprestada” para a comunicação no ambiente familiar e no país. Podemos dizer que, hoje, a língua portuguesa faz parte da experiência cultural desses filhos de *dekasseguis*, portanto, faz parte do seu novo mundo. Enfim, diante de tanta complexidade, nos leva a pensar que se trata de crianças bilíngues.

Como menciona Eiko, em seu relato, a língua japonesa é considerada uma “ponte”, que faz a ligação entre os dois mundos, o japonês e o brasileiro. Entretanto, para a compreensão desse novo mundo precisa interpretar na língua japonesa e traduzir para a língua

portuguesa. Não somente a língua mecânica instrumental, vai muito além disso, pois estamos falando de uma linguagem cultural representada simbolicamente para dar sentido à interpretação da nova vida. Entretanto, Eiko enfatiza a importância do “bilinguismo”. Parece que é uma maneira de conseguir se integrar, não esquecendo a mãe japonesa, mas se unindo com a mãe brasileira. Podemos pensar que o bilinguismo facilitaria a formação de vínculos de amizades com as crianças da escola, livraria Eiko de viver isolada?

Essas crianças possuem vivências em duas culturas: a japonesa e a brasileira. Portanto, são crianças consideradas híbridas, uma vez que elas transitam rapidamente da língua portuguesa para a japonesa. Elas vivem entre dois mundos; estudaram em duas escolas: a japonesa e a brasileira; falam duas línguas; adquiriram costumes e hábitos de dois países, portanto, carregam consigo uma experiência bicultural, embora a coexistência de referências pessoais a duas culturas não seja algo fácil de ser assimilado e de ser harmonizado na composição da identidade.

O desejo de retornar ao Japão não é sentido somente pelos adultos, é manifestado também pelas próprias crianças filhas de *dekasseguis*. Elas parecem viver um eterno retorno, sempre em busca de um “paraíso perdido”. A condição de ser criança e os desastres naturais soam para os filhos como impedimentos para o desejado retorno imediato ao Japão. No entanto, o desejo de reencontrar, um dia, a “mãe-oriental” não cessa de se manifestar e não deixa de ser expresso diretamente. Por isso a importância de manter os vínculos de amizade que foram construídos no Japão e o temor de perdê-los em função das dificuldades de prosseguir relacionamentos e vínculos de amizade, mesmo com tantas tecnologias avançadas de comunicação. Às vezes, nem mesmo as mais novas tecnologias resultam em conexões entre país de origem e país de destino. Portanto, o transnacionalismo não acontece com essas crianças filhas de *dekasseguis*.

Entretanto, pais e crianças têm que lidar com a possibilidade do “fim” do sonho de retornar ao Japão, mesmo que seja por um determinado tempo. Sonho esse que possui sentidos muito diferentes para pais e filhos, cujas matrizes de identidade cultural podem atingir graus acentuados de inclinação para a cultura japonesa ou para a cultura brasileira. Para os filhos que se sentem japoneses, voltar ao Japão representa reaver a pátria-mãe; para os pais que se sentem brasileiros representa, ao contrário, abandonar a pátria-mãe. Trata-se de casos nos quais a identidade familiar não coincide inteiramente com a identidade cultural.

Afinal, qual é a identidade dessas crianças?

Essas crianças filhas de *dekasseguis* não têm uma identidade homogênea relativamente às referências culturais. São tratadas como “japonesinhos brasileiros” e podem se reconhecer dessa forma ou se opor a tal imagem híbrida.

No Japão, a questão da identidade estava muito presente no cotidiano familiar por causa dos conflitos identitários que, inevitavelmente, assolam os imigrantes e afetam particularmente os *dekasseguis* premidos pelas referências de si enquanto brasileiros descendentes de japoneses vivendo no Japão. Essa pluralidade de referências culturais e de filiação, muitas vezes conflitivas, também é vivida por essas crianças que se sentem japonesas, filhos de nipo-brasileiros, vivendo no Brasil ou no Japão.

Definir a sua identidade não é um assunto simples para Eiko, pois vive um grande conflito identitário. Não sabe dizer se é brasileira ou japonesa. Portanto, no Japão, os japoneses falavam que era brasileira e no Brasil, os brasileirinhos falam que é japonesa. Porém, sente que o Japão é a sua casa. Além do mais, Eiko está vivendo paralelamente a fase da adolescência, tornando ainda mais aguda as crises de identidade. A irmã Letícia se declara brasileira por ter nascido em terras brasileiras. Apesar das irmãs, no Japão, se considerarem japonesas, lá já viviam crises identitárias e passam a implorar para que os próprios pais afirmem uma identidade japonesa, portanto, não aceitando a identidade brasileira. Entretanto, a identidade do primo Goro sofre oscilações, vai de acordo a situação do momento; no Japão queria ser japonês e no Brasil diz ser brasileiro.

Qual será o refúgio dessas crianças no Brasil, já que Letícia e Goro não trazem lembranças de um Brasil anterior? Eiko, apesar de ter nascido no Japão, veio para o Brasil bebê e permaneceu por quase dois anos e meio de vida. Ela têm poucas lembranças anteriores de experiências em terras brasileiras.

Ter o sangue brasileiro, para Eiko, parece remeter-se a identificações com o país. Talvez a identidade brasileira seja o refúgio para essas crianças em alguns momentos de sofrimento emocional e também o desejo de superar as dificuldades na condição de ser criança imigrante no país que deveria ser familiar. Outro momento de refúgio é o sentimento de retorno ao Japão. Pensar em voltar para o Japão é a maneira de evitar se sentir desamparada em terra brasileira.

O sentimento de culpa dos pais está ligado à tomada de decisão unilateral de retornar ao Brasil, sem ouvirem os filhos e, também, pelo tratamento educacional rígido que dispensam a eles. Os pais, ao perceberem a radicalidade da mudança e os sofrimentos emocionais que acarretam na família, se culpam por não terem sido capazes de enfrentar os contratempos e temores vividos no Japão e permanecido lá em prol de seus filhos. Além dos pais sentirem culpa por tantas experiências dolorosas, as crianças manifestam também sentir culpa, por não conseguirem corresponder às expectativas desses pais em relação à dura e difícil realidade, e a culpa também surge por não atingirem as médias nas avaliações

escolares, portanto, temem a perda desse amor. Entretanto, essas crianças vivem em suas fantasias experiências de abandono que acarretam em desamparo emocional. Esses pais e as crianças imigrantes parecem padecer de um sofrimento duplicado de culpa, ou seja, uma “culpa dobrada”.

Os pais, desorientados emocionalmente diante da vivência migratória, acabam não conseguindo servir satisfatoriamente de “capa protetora” para suas filhas.

A senhora Haru, percebendo as dificuldades da criança pelo desconhecimento da língua portuguesa, tenta amenizar a situação, dizendo que no Japão a criança ingressa na escola japonesa e passa a falar em casa a língua japonesa. Portanto, argumenta que o filho Goro não deu opção para que pudesse desenvolver a língua portuguesa dentro da própria casa, ou seja, em família. A mãe se sente vítima da condição de imigrante, se ausentando do sentimento de culpa. No Brasil, logo na chegada, a senhora Haru tenta fazer a reparação, fornecendo um ambiente mais acolhedor ao seu filho.

Além de tantos sentimentos disparados nessas famílias *dekasseguis*, o sentimento de vergonha é outro que eclode dentro desses turbilhões de afetos.

O sentimento de vergonha dessas crianças imigrantes está explícito em seus comportamentos e em seus relatos. O sentimento de vergonha está ligado ao não saber, ao medo de errar e de se expor diante do outro. Elas trazem em suas fantasias enraizadas a cultura japonesa, como se não pudessem falhar. O sentimento de fracasso gera o sentimento de impotência. Além do mais, essas crianças continuam desvalorizando a terra presente e valorizando a terra ausente. Assim, a terra-mãe oriental continua idealizada e bem viva no mundo interno dessas crianças.

Concluimos que são inúmeras as dificuldades da família *dekassegui* na chegada ao Brasil, tendo como pano de fundo o estranhamento do ambiente que antes era bastante familiar. Aquelas imagens de si, ligadas a registros de experiências anteriores vividas no Brasil não coincidem e não se atualizam naquelas que emergem do presente, gerando um estranhamento de si mesmo. Também é nesse momento que os pais se defrontam com a identidade cultural de seus filhos, fortemente enraizada na cultura japonesa, o que não se tornava tão evidentemente quando viviam no Japão. A língua será o principal indicador das raízes mais profundas da identidade cultural dos filhos e o desafio maior a ser enfrentado.

O fator idade, o tempo de permanência no exterior e o grau escolaridade que essas crianças se encontram no ato da imigração, acabam contribuindo para as dificuldades de adaptação/readaptação na escola. Eiko não fez vínculos de amizade e vive isolada, Letícia e Goro estão se integrando ao novo entorno. Porém, a problemática da língua continua para as

três crianças, em níveis distintos de dificuldades. O sentimento de desamparo faz parte da saga familiar desses imigrantes *dekasseguis*, que passam por separações e muitas perdas nesse trânsito migratório.

Outro aspecto a ser ressaltado, nesta pesquisa, à guisa de conclusão, foi a notável importância do espaço criado pelas entrevistas realizadas para que os participantes, sobretudo os filhos dos *dekasseguis*, pudessem, ali, na relação e no vínculo estabelecido com o pesquisador, expressar, compartilhar e elaborar suas angústias, dificuldades e desafios, rompendo com sentimentos de solidão e retraimento que irrompem na experiência do desamparo. Ao longo das sessões de entrevistas foi possível observar uma progressiva desinibição, segurança e confiança na relação, que permitiam àquelas crianças e adolescentes se arriscarem a falar, a se comunicar, a expor seus problemas, seus sentimentos, seus desejos, projetos, dilemas, enfim, tudo que as afetava nessa rica, porém difícil, experiência de ter que passar a habitar, repentinamente, um outro mundo, muito diferente daquele ao qual estavam habituadas. A dificuldade maior, tal como pudemos constatar, é não terem espaços e oportunidades, seja na escola, na própria família seja em outro lugar, justamente para poderem falar e serem escutadas em suas agruras e desafios. As sessões de entrevistas que se alongaram por um tempo significativo acabaram por constituir um “espaço continente”, onde podiam aportar, com segurança e confiança, para elaborar os acontecimentos de suas derivas e aventuras pelo desconhecido. Assim, esperamos que esse espaço possa ser valorizado e tornar-se um “espaço multiplicado”. Portanto, alguns desafios se colocam com mais premência e precisam ser enfrentados pelas instituições que lidam diretamente com a realidade dos *dekasseguis*:

Como as escolas poderiam se preparar para lidar com as dificuldades de adaptação/readaptação, sobretudo no que diz respeito ao aprendizado da língua portuguesa?

Ensinar a língua portuguesa por meio do conhecimento da língua japonesa, seria um caminho a ser traçado dentro da instituição escolar? Assim, promoveria o aprendizado do bilinguismo?

Como acolher os *dekasseguis* retornados, de forma a minimizar seus problemas de adaptação/readaptação na chegada ao Brasil?

Como favorecer o transnacionalismo nas crianças mediante a continuidade de vínculos de amizade com os colegas que deixaram no Japão? Como ajudá-las na formação de laços de amizade com crianças brasileiras? Como promover o transnacionalismo nessas crianças?

REFERÊNCIAS

- ALBORNOZ, S. G. Jogo e trabalho: do *homo ludens*, de Johann Huizinga, ao ócio criativo, de Domenico De Mais. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 12, n. 1, jun. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172009000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 out. 2013.
- AMARAL, T.; CORES, L.; MATSUO, S. História de escolarização no Japão e Brasil de filhos de dekasseguis na década de 1990. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 33., 2010, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPEd, 2010. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT21-6956--Int.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2011.
- ASARI, A. Y.; TOMITA, L. M. S. Migrações internacionais para o Japão e a formação escolar dos filhos de dekasseguis. Maringá-Paraná-Brasil. **Revista Geografia**, Londrina, v. 9, n. 1, p. 54-55, 2000. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/10175/8950>>. Acesso em: 18 ago. 2011.
- ASSIS, O.; CAMPOS, E. C. De volta para casa: a reconstrução de identidades emigrantes retornados. **Revista Tempo e Argumento** [on-line], Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 80-99, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/tempoarticle/view/1834/1437>>. Acesso em: 19 ago. 2011.
- BÍBLIA SAGRADA. Traduzida das línguas originais com uso crítico de todas as fontes antigas pelos missionários capuchinos. Revisão e atualização das Introduções, Livros principais, Notas e Índices. Lisboa, 1971-1972. (Nova Edição Papal).
- BIRMAN, J. **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- BRANT, F.; NASCIMENTO, M. **Música: Encontros e despedidas**. 1985. Disponível em: <http://www.paixaeromance.com/80decada/encontros_despedidas/h%C2%ADencontros_e_despedidas.htm>. Acesso em: 13 ago. 2013.
- COSTA, J. F. **O risco de cada um e outros ensaios de psicanálise e cultura**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- DEBIAGGI, S. D.; PAIVA, G. J. (Orgs.). **Psicologia, E/Imigração e Cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- DELIBERADOR, L. M. Y. **Estratégia de adaptação dos imigrantes japoneses e problema de readaptação dos filhos de dekasseguis ao Brasil**. Universidade Estadual de Londrina. Disponível em: <<http://www.tulips.tsukuba.ac.jp/limedia/dlam/B16/B1624221/5.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2011.
- DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO ILUSTRADO: Veja Larousse. São Paulo: Abril, 2006. v. 7.
- ENCICLOPÉDIA DELTA UNIVERSAL. Homem Pré-Histórico/Jogos. Rio de Janeiro: Delta, 1980. v. 8.

ENNES, M. A. **A Construção de uma Identidade Inacabada**. Nipo-Brasileiros no Interior do Estado de São Paulo. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

FERREIRA, A. B. H. **Mini Aurélio**. O dicionário da língua portuguesa. 7. ed. Curitiba: Positivo, 2008.

FERREIRA, R. H.; GARCIA, L. B. R. O lugar e o migrante de kassegui. In: GERARDI, L. H. de O.; MENDES, I. A. **Do natural, do social e de suas interações: Visões geográficas**. Rio Claro: Programa de Pós-Graduação em Geografia – UNESP; Associação de Geografia Teórica – AGETEO, 2002. p. 133-142. Disponível em: <<http://www.rc.unesp.br/igcegeografia/pos/downloads/2002/o-lugar.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2011.

FORTES, I. Masoquismo e desamparo no sofrimento contemporâneo. **Revista Pulsional de Psicanálise**, São Paulo, Ano 21, n. 4, p. 27-38, 2008.

FRANÇA, S. et al. **Estratégias de controle social**. Errância-criminalização-gestão de risco. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.

FREUD, S. (1886-1889). Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos. In: _____. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. I, p. 335-396.

_____. (1893-1895). Estudos sobre a histeria. In: _____. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. II, p. 13-318.

_____. (1911-1913). O Caso Schreber, Artigos sobre Técnica e outros trabalhos. In: _____. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XII, p. 161-171.

_____. (1920-1922). Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos. In: _____. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XVIII, p. 13-145

_____. (1925-1926). Um estudo autobiográfico, inibições, sintomas e ansiedade, análise leiga e outros trabalhos. In: _____. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XX, p. 77-170.

_____. (1927-1931). O futuro de uma ilusão e o mal-estar na civilização e outros trabalhos. In: _____. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XXI, p.13-73.

_____. (1932-1936). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos. In: _____. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XXII, p. 85-112.

FUSCO, W.; SOUCHAUD, S. De volta para casa: a distribuição dos brasileiros retornados do exterior. **Revista Confins** [on-line], n. 9, 2010. Disponível em: <<http://confins.reveus.org/6469>>. Acesso em: 19 ago. 2011.

GALIMBERTTI, P. **O caminho que o de kassegui sonhou (Dekassegui no yumê-ji), cultura e subjetividade no movimento de kassegui**. São Paulo: Educ, 2002.

GOMES, O. M. C. **Violência domésticas e migrações**. Curitiba: Juruá, 2012.

GRINBERG, L.; GRINBERG, R. **Psicoanálisis de La Migración y Del Exilio**. Madrid: Alianza, A. A., 1984.

HALL, S. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaraeira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HASHIMOTO, F. **Sol Nascente no Brasil: Cultura e Mentalidade**. Assis: HVF Arte & Cultura, 1995.

HASHIMOTO, F.; TANNO, J. L.; OKAMOTO, M. S. (Orgs.). **Cem anos da imigração japonesa**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

HIGA, M. M. **Conflitos intrapsíquicos e interpessoais em um grupo de migrantes brasileiros no Japão**. 2006. 354 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

HINATA, N. **Dicionário japonês-português romanizado**. Japan: Kashiwashobo, 1998.

HOMO Economicus. **Wikipédia**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Homo_economicus>. Acesso em: 18 maio 2013.

JAPÃO retoma em Miyagi as buscas por desaparecidos do tsunami. **Folha de S. Paulo** [online], São Paulo, 11 ago. 2012. Mundo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/1135737-japao-retoma-em-miyagi-as-buscas-por-desaparecidos-do-tsunami.shtml>>. Acesso em: 13 set. 2013.

JUSTO, J. S. A chegada dos imigrantes japoneses e a partida dos decasséguis: Dois lados da mesma viagem. In: HASHIMOTO, F.; TANNO, J. L.; OKAMOTO, M. S. (Orgs.). **Cem Anos da Imigração Japonesa: história, Memória e arte**. São Paulo: Editora UNESP, 2008. p. 99-123.

KANAAN, B. R. **Homo Faber: Uma etnografia de práticas de trabalho na Serra Gaúcha/Rio Grande do Sul**. 2013. 229 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/78172/000896320.pdf?...1>>. Acesso em: 09 out. 2013.

KAWAMURA, L. Brasileiros no Japão: Direitos e Cidadania. In: HASHIMOTO, F.; TANNO, J. L.; OKAMOTO, M. S. (Orgs.). **Cem Anos da Imigração Japonesa: história, memória e arte**. São Paulo: Editora UNESP, 2008. p. 79-98.

KLEIN, M. (1946-1963). Sobre o sentimento de solidão (1963). In: _____. **Inveja e gratidão e outros trabalhos**. Tradução de Belinda H. Mandelbaum. 4. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p.340-353.

_____. (1946-1963). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides (1946). In: _____. **Inveja e gratidão e outros trabalhos**. Tradução de Belinda H. Mandelbaum. 4. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 17-43.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de psicanálise**. 2. ed. Santos: Martins Fontes, 1970.

_____. **Vocabulário de psicanálise**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEHMAN Brothers anuncia que vai declarar concordata. **Folha de S. Paulo [online]**, São Paulo, 15 set. 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u444893.shtml>>. Acesso em: 13 dez. 2013.

MACÊDO, K. B. O desamparo do indivíduo na modernidade. **ECOS – Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, Campos dos Goytacazes, RJ, v. 2, n. 1, p. 94-107, 2012.

MAFFESOLI, M. **Sobre o Nomadismo**: vagabundagens pós-modernas. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MAHER, T. M. Sendo índio em português. In: SIGNORINI, I. (Org.) **Língua(gem) e Identidade**: Elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: FAPESP, FAEP/UNICAMP, 1998. p. 115-137.

MARCEL, G. **Homo Viator**. Torino: Borla. 1967.

MASSAO, O. **Dicionário básico japonês-português**. Tokyo: Aliança Cultural Brasil-Japão, 1989. (The Japan Foundation, Tokyo, Japan).

MEY, J. L. Etnia, identidade e língua. In: SIGNORINI, I. (Org.) **Língua(gem) e Identidade**: Elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: FAPESP, FAEP/UNICAMP, 1998. p. 69-88.

MICHAELIS: dicionário prático japonês-português. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão, 2003. (Dicionários Michaelis).

MIURA, I. K. Dekasseguis: Relato de identidade a partir da experiência de trabalho temporário no Japão. In: DEBIAGGI, S. D.; PAIVA, G. J. de (Orgs.). **Psicologia, E/Imigração e Cultura**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2004. p. 191-207. (Coleção Psicologia Social – Inconsciente e Cultura).

NAPUTANO, M. **Identidades culturais em imigrantes de segunda geração** - “Os filhos de Pedrinhas”. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2102.

NICOLELIS, G. L. **O segredo da casa amarela**. Literatura Infanto-juvenil. 37. ed. São Paulo: Atual, 1991.

NIKKEY CLUBE. Disponível em: <www.nikkeymarilia.com.br>. Acesso em: 19 set. 2008.

OCADA, F. K. **Nos Subterrâneos do Modelo Japonês** – Os 3Ks: Kitanai (sujo), Kiken (perigoso) e Kitsui (pesado). 2002. 168 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2002.

OHNO, M. **Dicionário básico japonês-português**. São Paulo: Aliança Cultural-Japão, 1989.

OSAWA, C. C. Trabalho "porco, perigoso e pesado" dos *dekasseguis* e incidência de doenças psíquicas. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 129-137, jan./jul. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0103-73312006000100010&script=sci_arttext>. Acesso em: 26 maio 2013.

PORTES, A.; GUARNIZO, L. E.; LANDOLT, P. The study of transnationalism: pitfalls and promise of an emergent. **Ethnic and Racial Studies**, v. 22, n. 2, p. 217-237, mar. 1999.

QUINODOZ, J. M. **A solidão domesticada**: a angústia de separação em psicanálise. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

ROUANET, P. S. **A Razão Nômade**: Walter Benjamin e outros viajantes. Rio de Janeiro: Editora da URFJ, 1993.

RUIZ, C.; INIGO, T.; VARA, A. S. **Por quê? Como? Quando? Onde?** Tradução e adaptação de Maria Luisa de Abreu Lima Paz. Barueri: Girassol, 2011.

SAKANE, S.; HINATA, N. **Dicionário português-japonês romanizado**. São Paulo: Casa Ono, 1997.

SANTAMARIA, E. **La Incógnita Del Extraño**: una aproximación a La significación sociológica de La "inmigración no comunitaria". Barcelona: Anthropos, 2002.

SASAKI, E. M. A questão da identidade dos brasileiros migrantes no Japão. In: DEBIAGGI, S. D.; PAIVA, G. J. de (Orgs.). **Psicologia, E/Imigração e Cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 209-226. (Coleção Psicologia Social – Inconsciente e Cultura).

_____. Movimento de kassegui: a experiência migratória e identitária dos brasileiros descendentes de japoneses no Japão. In: REIS, R. R.; SALES, T. **Cenas do Brasil migrante**. São Paulo: Boitempo, 1999. p. 243-274.

SCHILLER, G. N. Nuevas y viejas cuestiones sobre localidad: teorizar la migración transnacional en un mundo neoliberal. In: SOLÉ, C.; PARELLA, S.; CAVALCANTI, L. (Coords.). **Nuevos retos Del transnacionalismo em el estudio de las migraciones**. Barcelona: Grafo, 2008. p. 07-217.

SOLÉ, C.; PARELLA, S.; CAVALCANTI, L. (Coords.). **Nuevos retos del transnacionalismo em el estudio de las migraciones**. Barcelona: Grafo, 2008.

TURATO, E. R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

USINA nuclear de Fukushima tem novo vazamento de água contaminada. **Folha de S. Paulo** [on-line], São Paulo, 05 jun. 2013. Mundo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2013/06/1290023-usina-nuclear-de-fukushima-tem-novo-vazamento-de-agua-contaminada.shtml> Acesso em: 13 set. 2013.

WAKISAKA, K. (Coord.). **Michaelis**: Dicionário prático japonês-português. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão, 2003.

WINNICOTT, D. W. (1896-1971). **A família e o desenvolvimento individual**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Psicologia e Pedagogia).

_____. **O brincar & a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975. (Psicologia Psicanalítica).

GLOSSÁRIO

Anata no namae, dore desuka: É uma pergunta que significa: Qual é o seu nome? (Tradução nossa).

Anime: Desenhos animados transmitidos em vídeo (Tradução nossa).

Arigatoo: Obrigado(a). Forma de agradecimento (Tradução nossa).

Asobu: [v] Brincar, divertir-se (OHNO, 1989, p. 31).

Asoko: (pron) lá, ali [indica um lugar fisicamente distante dos interlocutores] (OHNO, 1989, p. 31).

Bukatsu: É a abreviação de *kurabu* (club). *Katsudou*, ou atividades em clube. Refere-se aos clubes de esportes, arte e cultura que os japoneses em idade escolar frequentam após as aulas (Tradução nossa).

Bunka: [s] Cultura, civilização (OHNO, 1989, p. 59).

Bunkyo: Educação, cultura (Tradução nossa).

Burajiru: Brasil (Tradução nossa).

Chan: Forma de tratamento usada pela pessoa quando são próximos (Tradução nossa)

Chyugakko: Ensino fundamental – séries finais (7º ao 9º ano) (Tradução nossa)

Daijoobu: [adj-v] seguro, certo (OHNO, 1989, p. 83).

Dame: [adj-v] inútil, ruim; sem esperança; impossível; dever, não poder (OHNO, 1989, p. 87).

Daruma: É um boneco que representa o fundador do *zen* budismo na China. Símbolo de concentração e resistência, é usado para fazer pedidos. (Tradução nossa).

Dekassegui: originado do japonês *Deru* (sair) e *Kasegu* (ganhar dinheiro). Aquele(a) que sai para trabalhar fora em serviços temporários para ganhar dinheiro. Anteriormente o termo *dekassegui* era usado para os japoneses das ilhas do norte e nordeste que se deslocavam temporariamente para as regiões do sul do Japão em busca de trabalho para fugir dos invernos rigorosos da região. Entretanto, o termo *dekassegui* também é usado para os descendentes de japoneses que se deslocam para o Japão em busca de trabalhos temporários (Tradução nossa).

Depaato: Loja (f) de departamentos, magazine (m) (HINATA, 1998, p. 60).

Doozo: Sirva-se (no sentido de ficar à vontade) (Tradução nossa).

Full Moon: Revista de histórias japonesas (Tradução nossa).

Futon: Acolchoado (m) (HINATA, 1998, p. 84).

Gaijin: [s] Estrangeiro (OHNO, 1989, p. 141).

Games: Jogos eletrônicos (Tradução nossa).

Geemu baka: De game ou jogos [*geemu*] e bobo [*baka*], denota meninos que são viciados por jogos de videogames (Tradução nossa).

Genki desu: Estou bem! (Tradução nossa).

Genki: [s, adj-v] energia, vitalidade; saúde (OHNO, 1989, p. 149).

Gohan: Arroz (m) [já cozido]; refeição (HINATA, 1998, p. 95).

Gomen: [*Gomen-nasai*] [comp] sinto muito, desculpe-me (OHNO, 1989, p. 154).

Haloween: Festa do dia das bruxas comemorada nos Estados Unidos (Tradução nossa).

Happy: Feliz (Tradução nossa).

Hidoi: [adj] forte, intenso, violento, extremo, cruel, terrível, atroz (OHNO, 1989, p. 191).

Hiragana: Forma de escrita japonesa. O *hiragana* é usado para palavras de origem japonesa (Tradução nossa).

Hoikuen: Escola infantil. (Tradução nossa).

Hottikisu: Grampeador (apropriação de *hotkeys*) (Tradução nossa).

Ijimeru: judiar de..., tratar mal... (HINATA, 1998, p. 146).

Jinbei: Traje masculino de verão, pode ser considerado um *kimono* de verão (Tradução nossa).

Kaikan: Salão (m) (HINATA, 1998, p. 179).

Kanji: Forma de caracteres da escrita japonesa (Tradução nossa).

Katakana: Forma de escrita japonesa. O *katakana* é usado para palavras de origem estrangeira (Tradução nossa).

Ki: [s] árvore, arbusto, madeira (OHNO, 1989, p. 345).

Kibishii: [adj] severo, rigoroso; intenso (OHNO, 1989, p. 349).

Kiken: [s,adj-v] perigo, risco, perigoso (OHNO, 1989, p. 355).

Kimonos: [s] quimono (roupa típica japonesa), roupas, vestuário (OHNO, 1989, p. 357).

Kirai: [adj-v] desgosto, antipatia, aversão, ódio (OHNO, 1989, p. 360).

Kirigami: Uma prática artística, como origami, que utiliza como matéria-prima papel cortado (Tradução nossa).

Kitanai: [adj] sujo (OHNO, 1989, p. 368).

Kitsui: Apertado(a), duro(a), pesado(a), áspera, severo(a) (HINATA, 1998, p. 219).

Kohai: Novatos, calouros (Tradução nossa).

Koko ni: [pron] aqui, este lugar; este [aqui, este lugar; indica um lugar fisicamente próximo de quem fala] (OHNO, 1989, p. 381).

Koko: Ensino médio (Tradução nossa).

Kokugo: [s] língua japonesa; língua pátria (OHNO, 1989, p. 383).

Kumon: Escola de idiomas (japonês, português, inglês e matemática) (Tradução nossa).

Kun: Senhor (a) [tratamento que acrescenta ao nome de um inferior] (HINATA, 1998, p. 245).

Mangás: História (f) em quadrinhos, desenho (m) animado, tira (f) cômica, cartum (m) (HINATA, 1998, p. 263).

Moshi moshi: Alô! Alô! (Tradução nossa).

Moto benkyooshite: Estude mais (Tradução nossa).

Naganaga: Nagai (adj) comprido, longo, prolongado (OHNO, 1989, p. 505).

Naganagai: Nagai (adj) comprido, longo, prolongado (OHNO, 1989, p. 505).

Namiyanagui: Nome próprio (Tradução nossa).

Nani iateru: O que falou? (Tradução nossa)

Naruto: Desenhos, histórias japonesas (Tradução nossa).

Nihon: [s] Japão (OHNO, 1989, p. 538).

Nihongo: Língua japonesa (Tradução nossa).

Nihonjin: Japonês nato (Tradução nossa).

Nikkei: [*Nikkei no*] de origem japonesa.

Nikkei-jin: Pessoa (f) de origem japonesa (HINATA, 1998, p. 315).

Nikkei Clube de Marília: Associação cultural e desportiva.

Obaa-chan: Avó (Tradução nossa).

O-baa-san: Avó (f), vovó (f); velha (f), velhinha (f), anciã (f) (HINATA, 1998, p. 327).

Ogenki desuka: Forma de cumprimento japonês (Tradução nossa).

Ohayoo: [*Ohayoo gozaimasu*] Bom dia! (Tradução nossa).

Ojii chan: Avô (Tradução nossa).

O-jii-san: Avô (m), vovô (m), velho (m), velhinho (m), ancião (m) (HINATA, 1998, p. 330).

Omeage: Presente. Os japoneses costumam presentear os recém-chegados com pequenos agradados, no sentido de serem bem vindos (Tradução nossa).

Onsen: [s] Termas (OHNO, 1989, p. 579).

Origami: Dobradura (f) (HINATA, 1998, p. 338).

Owata: Do verbo *owaru*, significa fim, terminar, concluir (Tradução nossa).

Patinko: Casa de jogos do Japão (Tradução nossa).

Romanji: O alfabeto romano (Tradução nossa).

Samui: Frio (a), [*samui-sa*] frio (m) (HINATA, 1998, p. 371).

San: [suf] Senhor(a) e senhorita (OHNO, 1989, p. 622).

Sansei: Sansei (MF), cidadão (cidadã) brasileiro(a) neto(a) de emigrante (imigrante) japonês; terceiro(a) (HINATA, 1998, p. 373).

Sashimi: Peixe (m) cru [cortado em fatias] (HINATA, 1998, p. 375).

Seikatsu: (Vida) *sakai seikatsu* (vida social). 2. Vitalidade (MICHAELIS, 2003, p. 396).

Senpaisenpai: (s) sênior; veterano; o mais velho; o mais antigo (MICHAELIS, 2003, p. 404).

Sensei: Professor(a); mestre(a); instrutor(a); doutor(a) (HINATA, 1998, p. 386).

Shiro: Cor branca (Tradução nossa).

Shoogakko: Ensino fundamental – séries iniciais (1º ao 6º ano-Japão) (Tradução nossa).

Sora: [s] céu, atmosfera (OHNO, 1989, p. 706).

Sushi: Bolinho de arroz com peixe cru ou legumes (Tradução nossa).

Tambarin: Apropriação de “tamborim” (Tradução nossa).

Tanoshii: [adj] agradável, feliz, apreciável, alegre, contente (OHNO, 1989, p. 759).

Teiji: Horário (m) ou período (m) estabelecido (HINATA, 1998, p. 465).

Tsunami: Maremoto (Tradução nossa).

Urashima Taro: Conto infantil japonês (Tradução nossa).

Ureshii: [adj] estar feliz, contente, satisfeito, alegre (OHNO, 1989, p. 855).

Uwa-baki: Sapatilha que se usa dentro das escolas japonesas (Tradução nossa).

Wakata: Do verbo *wakaru* significa entender, saber (Tradução nossa).

Yoochi-en: Jardim da infância (Tradução nossa).

ANEXOS

ANEXO A - 1ª Entrevista: Pais de Eiko e Leticia – Sr. Ito (“Pai”) e Sra. Natsu (“Mãe”)

Dia 12/04/2012 (Quinta-feira, às 14:00 horas)

A entrevista foi gravada com o consentimento do casal (duração de 2 horas).

O casal chega meia hora antes do horário marcado. Vestiam trajes sociais para o nosso encontro, típico de *nihonjin*³⁹.

1) Você e seu cônjuge perceberam alguma dificuldade de adaptação das suas filhas no Japão e no retorno ao Brasil?

Pai: Com certeza! O processo de adaptação no Japão e no Brasil devido à idade. Acho que o processo de adaptação foi mais acentuado, a dificuldade maior foi aqui no Brasil do que no Japão, devido à idade. Ela (Eiko) foi com 3 anos e retornou já estava com 10. Então, essa questão de como ela foi muito pequena para lá, a adaptação ficou até mais fácil e a aceitação foi bem melhor do que agora.

O retorno é engraçado... Assim, a questão da idade realmente pega bastante no processo de adaptação. Nossa filha caçula foi? melhor: ela foi menorzinha, ela foi de colo, com 6 meses, e voltou agora com 6, 7 anos. O processo de adaptação dela foi mais tranquilo. Então essa questão idade pega bastante.

Pesquisadora: Quais foram essas dificuldades que vocês perceberam nas suas filhas? A filha mais velha, vocês estavam falando a questão da idade quando ela chegou no Japão e quando retornou para o Brasil?

Mãe: A cultura. A cultura é muito diferente.

Pesquisadora: A cultura...

Mãe: Sentiu bastante a falta da avó, porque a gente morava junto. Quando a gente foi, a coisa que sentiu falta [...] Quando ela voltou para cá foi bem mais difícil.

Pesquisadora: O que vocês perceberam?

Mãe: Ela fala que as crianças daqui são bem diferentes, para fazer amizade é mais difícil. Não sei... O colégio também.

Pesquisadora: Onde ela estuda?

Mãe: No “B” (escola particular). Tem muita dificuldade para fazer amizade aí.

Pesquisadora: Tem dificuldades para fazer amizades. Tem mais dificuldades que você perceba?

³⁹ *Nihonjin*: Pessoa (f) de origem japonesa (HINATA, 1998, p. 315).

Mãe: É bem diferente. Apesar de criança [...] os adultos e os professores, fala assim. Porque lá no Japão os professores deixa a classe, faz isso e eles fazem. Agora aqui, ela fala: “Nossa! A professora tem que ficar gritando para eles obedecerem!” Não sei por que acontece isso. Aqui é diferente.

Pai: Isso vem de berço, né. Na verdade, as duas culturas são bem distintas. A gente também quando foi para o Japão também sentiu. Realmente existem... Vamos dizer assim, o japonês fala *senpai*⁴⁰, *kohai*⁴¹; na verdade, é aquela submissão, até que eles mantêm o sistema de idolatrar o imperador. Por exemplo, aqui no Brasil é tão democrático, é tão que chega a ser democrático demais. Todo mundo tem a liberdade, tem o excesso de liberdade que acaba se tornando de certa forma... Confunde, fica... Tem... As pessoas têm liberdade demais, até. Então, talvez seja um choque. Infelizmente... Assim, a democracia é legal, mas às vezes não se impõe limite; essa é uma questão que realmente até a gente, até adulto sente. Deveria ter um pouquinho mais de submissão. Não vou dizer que é uma submissão, mas é o respeito, um respeito à autoridade, respeito a tudo, à cadeia social em geral. Lá é engraçado; se você for analisar vai ver: no Japão, o segundo melhor salário é o professor e o primeiro melhor salário é o médico. Mas os dois são chamados de professores, de *sensei*⁴²; tanto um como outro é *sensei*. Então é diferente. Infelizmente é diferente. Lá a pessoa fala: se é um professor, independente [sic] se é um professor do que for, quando se fala que é um professor, um mestre, impõe respeito, e aqui não então existe essa. Aliás, então é a grande diferença, é um choque na verdade até para os adultos, pra gente também. Você esteve lá e acho que percebeu bem, por que uma coisa lá funciona e aqui não funciona. Infelizmente no nosso país não tem nada que faça. Só tem a copa do mundo. Mas criar um certo patriotismo... Mas isso é realmente... Faz a diferença da cultura. No caso delas, é essa liberdade, né... Às vezes acaba atrapalhando, porque os amigos ou as amiguinhas fazem o que interessa fazer. Na verdade então, existem leis de jogo de interesse, não existe o ideal, seria comunitário. Infelizmente nosso país é movido nessa política de interesses. Até para amizade de repente pode acontecer. Não vou dizer que não tem complicador. Isso pode acontecer. Se existe algum interesse ou não. Como era novidade, ela tinha bastante amigo no começo, mas depois também já...

Pesquisadora: Há quanto tempo vocês voltaram do Japão?

Pai: 3 anos.

Pesquisadora: Ela está com quantos anos?

Mãe: Ela estava com 10 anos.

Pesquisadora: Hoje ela está com?

Mãe: Vai fazer 13 anos agora.

Pesquisadora: Além dessas dificuldades, apareceram núcleos, digamos, sintomas, alguma coisa que vocês ligam ao processo de adaptação?

Pai: Teve uma fase muito complicada que foi uma fase de rebeldia. Uma rebeldia muito grande. Ainda existe hoje um sentimento muito forte nela de tentar descontar em alguma

⁴⁰ *Senpaisenpai*: (s) sênior; veterano; o mais velho; o mais antigo. (MICHAELIS, 2003, p. 404).

⁴¹ *Kohai*: Novatos, calouros (Tradução nossa).

⁴² *Sensei*: Professor (a); mestre (a); instrutor (a); doutor (a). (HINATA, 1998, p. 386).

coisa, mas é uma frustração, uma rebeldia. No começo o problema foi assim... O fator, a gente... Assim, devido aos motivos, assim, a gente acabou optando por colocar em rede publica do Japão. Incrivelmente... Incrivelmente, é até estranho dizer, mas você, como esteve lá também e conhece, sabe que na verdade no Japão nós temos escolas particulares entre aspas, que não são bem escolas, são adaptações, improvisações de escolas, mesmo sendo privadas, pagas, com mensalidades e tudo mais. Elas carecem de estruturas, né, e o público lá, o público é até uma coisa de você ficar até assustado. Realmente, não só defendendo a questão econômica, mas também a questão de bem-estar mesmo, porque muito se ouvia que isso não era escola, um depósito de criança e não sei o quê... A criança fica o dia inteiro confinado, e coisa e tal... Então realmente, né, era muito fraco, em termos de estrutura. De repente não vou desclassificar os profissionais que davam aula lá, mas a estrutura era fraca. Aí optamos por colocar em colégios públicos, em escolas públicas e muito bem servidas mesmo realmente.

Pesquisadora: Desde o início?

Pai: Desde o início. Foi feito um levantamento, eu e ela. Ela também estava preparando. Falou assim: “Como a gente vai resolver?” Lógico pensar em voltar...

Tínhamos... Tínhamos um projeto na verdade, o projeto era até mais longo. É que fatos e fatos ocorrem que acabou mudando todo o nosso projeto. Mas dentro daquele momento, daquela fase, falamos assim: “bom a intenção era terminar os estudos lá no Japão. Então, pelo projeto inicial a gente previa até ficar mais tempo, muito mais tempo no Japão. De repente porque não qualificar ela lá, e depois deixar para ela decidir, o que seria melhor seguir?”

Mas infelizmente em determinados momentos, problemas de crises e outras situações que aconteceram que não era previsível, pegou. Na verdade era uma coisa que pegou todo mundo, vamos dizer assim, e acabou forçando e mudando todo o contexto, aquele projeto, e tive que repensar, calcular... Vamos ver como vão fazer, recalcular e como resolver a situação.

Inicialmente era em escola pública, justamente pelo bem-estar. Era realmente magnífico. Quando voltamos para cá, para não sentir tanto assim, falei: “Vamos colocar em uma instituição particular aqui.” Devido aqui as condições do Brasil se invertem... Quase as melhores, se não for a segunda melhor, é a primeira melhor, e tem uma estrutura fantástica. Para não sentir tanto esse choque, choque tanto cultural dos receios das crianças... Queira ou não queira, não quero desqualificar as crianças dizendo assim: “Quanto maior ou menor a sua renda, ou coisas, pode ter uma educação familiar um pouco mais precária;” Mas é lógico, tem tanto assim, pelo o que eu imaginava. Então, tanto em termos de estrutura também, porque lá ela tinha aula de música e tudo mais, né? Espera aí, vou por numa escola a altura para não sentir esse choque tão grande, né?

Mas o choque não é muitas vezes só essa questão do ambiente também. Um pouco é o emocional. O emocional é difícil trabalhar. Porque como ela ficou 5 anos estudando lá... Voltou para cá, não dominava a língua. Inicialmente teve um problema com a língua, a dificuldade de comunicação da leitura de texto e acompanhamento da matéria, a língua portuguesa. Mas os métodos de adaptação foram um pouco drásticos. Tentamos inicialmente, um ponto inicial, forçar o português de tudo qual jeito. Foi forte, foi brusco, de tudo que ela tinha aprendido na cultura dela, tudo que ela levava e vivia simplesmente jogar [...].

Inicialmente foi feito um tipo de uma coisa, vamos falar assim: - De cortar a utilização do poder, de cortar por exemplo a língua japonesa, cortar desenhos, cortar, tentar tirar um pouco. Isso foi muito drástico, foi uma revolta muito grande e não estava dando.

–Pesquisadora: Isso foi logo no início?

Pai: Logo no início. Na verdade ela tinha excesso de dados, tinha aula particular, a gente ficava todos os dias até sete e oito horas da noite estudando. Passava o dia inteiro estudando e contando um para o outro: “A língua portuguesa, não sei!” Então, cortamos todas as regalias. Acaba indo, naturalmente, ela acaba indo para a língua japonesa. Forçamos bastante nesse quesito, mas não houve resultado positivo. Então, era muito, não aceitava. Chorava muito. Então, para aceitar estava muito difícil. Por incrível que pareça nesse meio termo, depois de meio do ano desse sofrimento, percebemos que não havia melhora, não havia avanço. Por incrível que pareça a gente fez ao contrário. Procuramos a escola.

Na verdade estávamos tentando procurar alguma coisa que motivasse ela no Brasil; que não era o fim; que existia, que escola oferecia, tinha teatro e aula de música, tinha um monte de coisa. Vamos tentar. Tentando achar alguma coisa que fora os horários de estudos e que a gente estava proporcionando, ter alguma coisa que fosse meio lazer e... era brincadeira aprender. Não estávamos encontrando. Por incrível que pareça, depois de seis meses a gente resolveu colocar na escola japonesa. Totalmente o oposto, que todo mundo falou. Mas, foi realmente onde ela se encontrou de novo.

Que é muito engraçado isso daí, porque é totalmente ao contrário. Foi de contramão. Ela gosta. Na escola japonesa são duas vezes por semana. São três dias na semana, à sexta-feira é cultural, é uma brincadeira, é uma parte mais cultural. “*Seikatsu*⁴³”, “*bunkyō*⁴⁴”, “*bunka*⁴⁵”, então se divertem muito. É incrível. Ai a gente começou a perceber algumas coisas, porque até então eu dei aula particular[...] mas não trouxe resultados. Talvez tenha trazido resultados, mas esses resultados não “aparecia”. Até hoje fala que quer falar japonês. Fantástico assim!

Fico muito triste quando vejo as notas dela. Realmente o primeiro ano de adaptação... O segundo ano ela passou? Claro que não passou. Depois de muita conversa com a diretoria da escola. Esse ano não sei como vai ser. Está muito difícil, mas é uma coisa que ao longo do tempo para aprender. Essa parte dela pulou. Praticamente ela pulou o primário inteiro.

Então a adaptação, a língua é meio complicada, isso daí. Eu falo assim, ela tem capacidade. Uma capacidade enorme, porque na língua japonesa... Eu gostaria que fosse no português, mas no japonês. Ela fez um teste proficiência há um ou dois anos atrás, ela tirou a pontuação máxima. Dentro da pontuação máxima é 180 pontos. Se passar no teste de proficiência tem que atingir 80 pontos. Esse é um teste a nível regional do caso do sul ao sudoeste. Seria lá em Londrina, foi realizado lá. Ela atingiu a pontuação máxima de 180 pontos. Foi uma nota de repercussão até na escola. Quando ela fez o concurso de oratória, isso também a nível regional, porque a “Escola Kumon” que temos aqui em Marília fazemos parte padrão, escola modelo. Ela tinha uma assessoria da JICA, é um órgão internacional do Japão, quem envia professores seniores. Realmente esses concursos são a nível regional e a nível nacional. O interessante que dentro desses concursos ela vai muito bem. Ela fez um concurso de escrita

⁴³ *Seikatsu*: (Vida) sakai seikatsu (vida social). 2. Vitalidade. (MICHAELIS, 2003, p. 396).

⁴⁴ *Bunkyō*: Educação, cultura (Tradução nossa).

⁴⁵ *Bunka*: [s] Cultura, civilização (OHNO, 1989, p 59).

que até foi convidada para ir em congressos. Ela foi e não foi e até por insistência dos professores, e ela não foi, porque disse: “não vai nenhuma amiga e não vai ninguém.”

Pesquisadora: Essa escola é o “*Kaikan*⁴⁶”?

Pai: É o “*Nikkei*”. Hoje, ela fala muito de voltar para o Japão, que a terra dela é lá e coisa e tal. Eu falo se vai voltar, então estuda. O japonês está indo bem. O problema é o português. Pensa então, “tem estudar” o português. Tem uma amiga dela que está fazendo uma faculdade agora e está tentando uma bolsa de estudos no Japão. Eu falo: “Você viu! Ela está fazendo uma faculdade. Para fazer uma faculdade para você ingressar lá. Primeiro tem que aprender o português, sair bem nos estudos de português e entrar na faculdade. No Brasil também pode cursar uma universidade lá. Você precisa dos dois.” A gente está buscando realmente, porque talvez seja é um caminho que já teve e é uma coisa que leve ela passar, não precisa estudar. Verdade que isso realmente não é fácil. É difícil. Engraçado que são duas filhas e a mais nova não tem problema nenhum. Incrível, incrível, incrível! [...] Ela fez o primeiro ano só.

Pesquisadora: A caçula fez o que lá?

Mãe: Fez “*Shoo-gakkoo*” (primário) .

Pai: Ela só fez o primeiro ano.

Mãe: Ela fez meio ano.

Pai: Ela fez “*yoochi-en*⁴⁷”. Eu não sei o que é, mas ela é bem diferente essa nossa caçula.

Mãe: Porque é bem sociável. O jeito dela é bem diferente. A mais velha é mais retraída. Agora a caçula não é, conversa com todo mundo. Da classe dela, ela é amiga de todo mundo. Ela consegue fazer amizade fácil. Também é diferente.

Pesquisadora: A caçula está tendo problema na escola? Como ela está?

Mãe: Ela tinha bastante [...]. Foi um pouco difícil. Só que talvez ela consegue se soltar. Ela não segura para ela. Acabou ficando bom para ela. Só que ainda, fala de voltar para o Japão. Fala que gosta mais de lá.

Pesquisadora: Quem? A caçula?

Mãe: A caçula.

Pesquisadora: Como os pais escutando isso, como que pais pensam?

Pai: Sinceridade, eu tenho uma tristeza muito grande. Porque na verdade eu tomei toda essa decisão de retorno. A gente acabou mudando todo o foco do projeto, a busca de... Não vou dizer que é só minha. A gente passou por uma consequência. Na verdade, não foi uma escolha para elas. Não foi uma escolha que elas: “aí, então, vou embora.” Na verdade eu preciso ir. Falei: “vamos voltar. Vamos ver como vai ficar.” Isso realmente engana muito, porque não dei um fator de escolha para elas. Assim, daqui para frente fico imaginando isso,

⁴⁶ *Kaikan*: Salão (m) (HINATA, 1998, p.179).

⁴⁷ *Yoochi-en*: Jardim da infância (Tradução nossa).

pensando assim. Na verdade os pais é uma coisa assim que não tinha prestado atenção, a gente vive em prol dos filhos. Até fico comentando com ela (esposa): “Será que a gente não deveria ter pegado, se sacrificado? Nem se fosse ‘para mim’, sacrificar o ideal, alguma coisa?” O nosso propósito era montar alguma empresa aqui, e tudo mais, ser “sucedido” e coisa e tal. De repente se era para o bem delas teria que ser empregado pelo resto da minha vida. Mas não imagina assim. Eu imaginei uma forma mais fácil e fui até um pouco egoísta, pensando na minha questão e não na questão dela. Só que fui perceber aqui. Já era bem tarde. Fica um pouco complicado. Agora, toda a situação econômica que está surgindo lá, aconteceu muita coisa. Hoje por exemplo temos familiares, nossos últimos familiares nosso lá, “*O-jii-chan*⁴⁸” e “*O-baa-chan*⁴⁹”, que estão lá.

Pesquisadora: No Japão?

Pai: No Japão. Estão retornando. O mês que vem. Então, fica aquela questão. Aquele valo. Na verdade, falo assim: “Você largaria em prol da felicidade das suas filhas? Você largaria de tudo? Voltaria a viver, sacrificaria a sua vida?” Falo assim, pra felicidade delas. Acho que sim. Viveria, sacrificaria, mas a situação não permite isso. Agora, entrou no contexto que a gente percebeu, que por mais que a gente tente preparar tudo e dizer vão voltar pra lá. Tem gente que voltou. Conheço pessoas daqui mesmo, que vieram e tentaram o mesmo caminho que a gente. Teve a crise. Teve os problemas lá. A coisa ficou no mundo. Então, retornaram. Por questão dessas dificuldades de adaptação dos filhos, retornaram para o Japão. Acabaram retornando para o Japão. Agora, entendi. Compreendi. Muitas vezes comentei com ela. Se tivesse uma condição boa lá, a gente retornaria, até se sacrificaria a vida, mas é por essa opção. Você realmente quer dar o melhor para eles. É duro, né? Às vezes a melhor coisa não é nem ser a melhor escola. É duro, né? O país inteiro. Todas as questões. Às vezes ficam se comentando, comentando... “Por que tem tantos buracos na rua? Por que tem quebra-mola?” É complicado, né!? Por quê, né? Até eu às vezes fico pensando: “Por que tem tantos encargos? Por que tantos impostos? Você vai para exterior, existem outros lugares que realmente... Você foi lá e voltou, [...]você viu a, o valor de gasolina mais barata e está tão cara aqui. Lá não se produz uma gota.” Você fica assim.

Pesquisadora: É verdade! Vocês estão aqui há 3 anos? Vocês foram para lá, qual era o ano? Quando chegaram lá?

Mãe: Em 2003.

Pesquisadora: Vocês foram casados e com filhos. Qual foi o motivo de irem para o Japão?

Pai: Na verdade é econômica, né? Eu vim de uma criação mais simples. Eu trabalhei era comerciante, era feirante, né? A gente busca sonhos. Lógico, dar condições. Seria iniciar algo. É tão engraçado, eu saí daqui com um sonho. Vamos lá e adquirir uma casa própria, coisas assim. Por que realmente, por isso que há 15 anos atrás eu saí daqui em época de inflação, não tinha nem plano real. Fui lá e ela foi depois. Conheci ela lá. Casamos. Retornamos. Nesse tempo todo você começa a medir a questão “valores”. O que você valoriza mais. Será que tudo é o dinheiro, será que não é. Acaba mudando um pouco. Aquela primeira ideia que “a tudo custo” e “fazer o seu pezinho de meia” vai mudando. Então, o nosso caso não foi diferente. Foi lá e acabou mudando certos valores. Foi o que realmente...

⁴⁸ *O-jii-san*: Avô (m), vovô (m), velho (m), velhinho (m), ancião (m) (HINATA, 1998, p.330).

⁴⁹ *O-baa-san*: Avó (f), vovó (f), velha (f), velhinha (f), anciã (f) (HINATA, 1998, p. 327).

Acho que tudo tem o momento certo para fazer e se você não aproveitar esses momentos para fazer, depois não faz mais. Realmente tem que aproveitar [...]. Você foi lá, fez, por exemplo: subir o Monte Fuji, foi para termas, comer alguma coisa, foi “*patinko*⁵⁰”, comer, coisas assim. Depois você não fazer isso. Falar: “Vou subir o Monte Fuji., Não dá para subir o Monte Fuji.” Tem determinadas coisas que tem que priorizar aquele momento. [...]É do momento. Se você não prioriza o momento... Assim é a questão das crianças. “Puxa! O dinheiro vale tanto?” Vale! Realmente é importante. Mas colocar elas numa escola, você não quer dar um conforto...? Aquela idade. Aquela fase. Todos são[...] Tudo são essas questões que acabam envolvendo. O que você valoriza mais? Se for dinheiro, dinheiro. Então você vai tentar de qualquer maneira o dinheiro em primeiro lugar. Se você quer bem-estar. Se você quer igualdade, boa educação, ai gera, desfalca um pouco, muitas vezes na parte econômica. Até então foi essa maneira.

Pesquisadora: “*O-jii -chan*⁵¹” que está lá, de quem ele é pai?

Pai: Dela.

Pesquisadora: Eles foram depois?

Mãe: Depois.

Pesquisadora: Vocês já estavam lá com as crianças e eles foram depois?

Mãe: Depois.

Pesquisadora: Vocês moravam na mesma cidade?

Mãe: Morávamos juntos.

Pesquisadora: Vocês moravam juntos?

Mãe: É, um tempinho, né? Depois, acabamos separando. Tinha minha irmã também e era muita gente, e tinha filho também. A gente acabou mudando. Mas morávamos na mesma cidade.

Pesquisadora: Qual região que era do Japão?

Pai: “*Nagano-Ken*”.

Pesquisadora: Ah! “*Nagano*”!

Pai: Conhece?

Pesquisadora: Não passei, mas era perto de “*Shizuoka*”.

Pai: Perto de Shizuoka.

Pesquisadora: De 2003, vocês retornaram então em 2009. É isso?

⁵⁰ *Patinko*: Casa de jogos do Japão (Tradução nossa).

⁵¹ *Ojii chan*: Avô (Tradução nossa).

Pai: É, na crise. Da quebra do “*Lehman Brothers*”. Da crise imobiliária que teve nos Estados Unidos. Então, afetou muito o Japão, né? Foi uma época difícil. Não tinha muito serviço. Também queria pegar aquele auxílio-desemprego.

Pesquisadora: Ficou desempregado lá?

Pai: Chegou. Nunca vi uma crise tão forte no Japão. De você sentir muito ruim. Os brasileiros saíam “*teiji*”(17:00 horas). Realmente quando nunca tinha imaginado aquilo. Foi realmente incrível.

Pesquisadora: Vocês ficaram desempregados? Você trabalhava?

Mãe: Eu trabalhava no hotel. Só que o meu trabalho era de 4 horas. Trabalhava com [...]

Pesquisadora: Era um período de 4 horas no hotel?

Mãe: Isso! Da tarde para noite. Isso!

Pesquisadora: Era diário? Até domingo?

Mãe: Isso!

Pesquisadora: E você?

Pai: Operário.

Pesquisadora: Operário na fábrica?

Pai: Tinha de manhã e a noite.

Pesquisadora: Fazia o que na fábrica?

Pai: Fazia diversas coisas, né? O meu último era no almoxarifado. Era despache e entrega. Era muita entrega, né? Em geral, era operário, né? Foi uma crise inesperada. Ninguém imaginava naquela proporção.

Pesquisadora: Aí, quando vocês ficaram desempregados, optaram por estar retornando ao Brasil?

Pai: Exatamente! Qual que seria? Na verdade é assim, onde você se lança e fala assim: “O que conta no bolso? Ou espera?” Realmente vê e utiliza das suas economias e o que pode ser feito. Lógico, na verdade o retorno para o Brasil você lança do mesmo jeito. Quer dizer, a diferença básica na verdade você não consegue mais ver, prever o futuro, daquela maneira que a gente se previa. Vamos fazer um cálculo anual e pronto, fica sem saber direitinho. Como agora também. Atualmente monta uma empresa e a gente não sabe bem o dia de amanhã. Até pelo menos você conseguir formar e engajar a empresa fica complicado mesmo. O momento de incerteza. Com certeza, infelizmente é ruim. É ruim para todo mundo. Na verdade, a incerteza é ruim. No momento a gente resolveu assim, né? Naquela época da crise pensava em ser empreendedor mesmo, já que era obrigado a viver pela incerteza, né?

Pesquisadora: Você já tinha ido para o Japão antes de ter as meninas? E você também?

Mãe: Eu sai aos 17 anos daqui. Eu terminei o colegial e já fui para lá. Fui com a intenção de voltar para pagar uma faculdade.

Pesquisadora: Vocês casaram no Japão?

Mãe: Não. A gente voltou e casamos aqui.

Pai: A família é muito tradicional. A gente quer a coisa certa. Eu pedi a mão. Eu tinha que conhecer pai e mãe. Na verdade o sogro eu não conhecia. Ela tinha uma avó japonesa. Voltei, voltamos compromissados. A “*O-baa-chan*⁵²”: “Você vai dormir separado?” Certinho. A família dela é fantástica, sempre nos apoiou e tem nos apoiado. Eu fico muito grato com a família dela. O apoio e a união e tudo. Na verdade a família é muito importante. Acredito que de repente “*O-baa-chan*” voltando, “*O-jii-chan*” voltando já é de bom tamanho. A gente começou também ter concentração nos negócios. A gente precisava concentrar um pouco [...]

Pesquisadora: Vocês não são de Marília. Vocês escolheram Marília, como?

Mãe: A irmã. A gente foi para o Japão para construir.

Pai: Na verdade, quando casamos e vamos para lá. Eu vou trabalhar, e você vai cuidar das crianças. Eu achava assim, a mãe tinha que cuidar das crianças. Praticamente assim, na escolinha brasileira eu senti muita dó daquilo. Não tinha o poder de mudar aquilo. Mas é assim, são valores e valores. A mãe vai ficar aí. Tudo bem que é uma questão de levantar uma renda. A gente começou a trabalhar [...]

Pesquisadora: Isso no Brasil?

Mãe: No Japão.

Pesquisadora: Lá no Japão? Você já estava trabalhando?

Pai: Ela ia. Ia aparecendo. No começo bem devagar. Fui conhecendo e ganhando mercado. Ganhando as pessoas. Fazer decoração. Sempre falávamos assim: “Se um dia voltarmos para o Brasil, como vai ser? Será que a gente não poderia investir não no ramo de eventos?” Lógico, todo mundo sonha. Quem está lá sonha em voltar, adquirir e ter um negócio. Ter alguma coisa própria. Foi aí que a gente se lançou nesse projeto. “Vamos fazer um projeto? Vamos fazer um bufê?” Primeiro Infantil, né? Foi uma alternativa. Essa ilusão, essa guinada. Quando compramos o terreno, em Marília tinha o (Salão comercial) . Conhecemos. Realmente sentimos que a gente tinha algum potencial para brigar por isso, só precisava ter capital. “Vamos retornar de novo?” Era para dois anos e acabou ficando para cinco.

Quando voltamos agora de novo, bufê infantil, tinha leigo que apareceu, outros e outros. Era só (Salão comercial) que tinha. A concorrência deles era uma coisa bem mais evoluída. Era bem diferente. A questão de emprego e fazer um levantamento, você percebe que eles têm um parque de diversão que a questão financeiramente não conseguia atingir. Então, a gente

⁵² *O-baa-chan*: Avó (Tradução nossa).

falou assim: “Vamos tentar pegar uma coisa um pouco diferente, partir uma coisa, para tentar entrar no mercado.” E nem assim. Chegar à concorrência é meio complicado. Então, a gente arriscou tudo o que tinha. Festas íntimas. O espaço é meio multifuncional. Tem as partes “corporativa” também. Atendemos uma gama de eventos, não só uma coisa. Aí, aonde a gente investiu. Só que também teve por outros motivos que levam, infelizmente é assim. Tem muitas coisas que não são contáveis. Existem fatores e fatores no Brasil que fogem do nosso conhecimento contável. Construí uma obra que ele acabou consumindo todas as nossas economias. “Você iniciou, ou você termina ou você termina!” Porque se você não terminar, você não consegue trabalhar. Vai ficar com o dinheiro parado? O plano inicial era chegar e ela fala assim: “Cadê os meus pratos? Cadê as minhas colheres?” Eu falo: “*Gomen*⁵³”. Conseguimos atingir até um certo ponto e partir disso vê se dá certo. Claro, um dia a gente ia conseguir chegar nesse patamar que estava e daí continuar. Estamos quebrando a cabeça sim. Mas desistir? O que move é aquela esperança. Acreditar. Não tem outro caminho mais. Já foi. A última, seria assim, o fator cruel assim, talvez fator assim de extremo, seria entregar o prédio para a locação, que não seria interessante para gente. Depois de tanto tempo. É um projeto que tem mais de 10 anos. Então, eu acho assim, ou tenta. De qualquer maneira tem que tentar, porque se não você não vai ficar sem saber. Fica aquela incógnita. No último caso seria, se realmente falar assim: “Não tem jeito. Então, a gente desiste. E passa para a locação.”

Pesquisadora: Vocês moram do lado ou na frente?

“Mãe: Não.

Pesquisadora: Vocês moram aonde?

Mãe: A gente mora com a minha irmã.

Pesquisadora: Com a sua irmã!

Mãe: Isso! A gente está morando junto na chácara.

Pesquisadora: Aqui é o negócio.

Pai: Só o negócio.

Pesquisadora: De 2003 a 2009, vocês não retornaram para cá. Vocês ficaram lá direto?

Pai: Direto.

Pesquisadora: Vocês já andaram falando, mas é uma das questões.

2) Você poderia me descrever detalhadamente as dificuldades que perceberam e ao que vocês atribuem essas dificuldades?

Pesquisadora: As dificuldades do retorno. A do retorno das suas filhas. Podem falar o que perceberam e o que vocês atribuem isso.

⁵³ *Gomen*: [*Gomen-nasai*] sinto muito, desculpe-me (OHNO, 1989, p.154).

Pai: Na verdade a dificuldade já começa lá no Japão. Você vai sair de lá e medo de crianças, escola. O ano letivo lá não casa com o ano letivo daqui. Então, esse é um problema muito grande nessa questão. Porque lá eles seguem o ano, seguem a estação. Termina assim, quando termina o inverno e começa a primavera. Em abril começa a primavera. Tem esse problema, que na verdade ela termina o ano lá e já se inicia ano letivo aqui. Praticamente é fevereiro que se começa. Já perderam uns meses. Tem essa questão. Termina uma série lá e teoricamente para ela continuar essa mesma série aqui é difícil. Acaba retrocedendo. É feito um levantamento mais ou menos de conhecimento para ver onde que ela serve. Que não dá para voltar para o primeiro ano. Tem que ser engajada.

Pesquisadora: Quando chega aqui eles fazem uma provinha, para ver que série que vai ingressar?

Pai: Existe uma psicóloga que ela vai conversar. Na verdade, ela vai sentir a criança e tudo. E tentar ver. A escola também vai tentar da melhor maneira fazer a adaptação. Esse trabalho de adaptação. Existe sim isso daí, né? Já no nosso caso que ela não sabia quase nada... O português ela era muito ruim mesmo.

Pesquisadora: Vocês conversavam em português dentro de casa com elas no Japão?

Mãe: Só japonês.

Pai: Na verdade existe um problema de choque cultural pelo seguinte: a gente, engraçado, elas consideram japonesas. Olha só que coisa engraçada! Ela no registro de nascimento dela ela nasceu no Japão. Está lá “Matsumoto” (nome da cidade japonesa), tudo direitinho. É uma coisa engraçada assim. Aparência física de “*nikkey*” “*nikkey*”, ela se achava assim. Quando ela entrou na escola pública lá e tudo mais, na verdade fala assim: “Por que papai e mamãe não é japonês?” Querendo ou não querendo, eu não sei se é, porque, de certa forma existe um certo preconceito. Existe todos os países, existe um certo, o patriotismo, que é o tal “*gaijin*”⁵⁴ (estrangeiro) de pessoas de fora. A sociedade é formada e educada de um certo jeito. Chega uma pessoa e ela não conhece essa formação e essa educação. Ela faz de hábitos diferentes, causa certo... como que se fala... chama a atenção. De chamar atenção e muitas vezes chama atenção infelizmente pelo lado negativo.

Vamos dizer assim: no Brasil muitos jovens. O brasileiro não vai fazer a limpeza. Eu fui criado no Brasil, onde sempre teve servente na escola. Quem faz a limpeza é a servente. Existe toda uma cultura enraizada em cima disso. Sem querer resolver é uma cultura minha. Só que lá não. Tem que limpar. Lá não tem servente e quem que limpa é o próprio aluno. De repente nisso, nesse contexto acaba se criando uma atenção, uma atenção negativa, porque se fosse positiva... De repente “não, olha que bacana!” Sempre causa negativo. Aí cria-se aquela questão de racismo. “Moleque, você é brasileiro!” Eu ouvia muito isso! Devido a forma física de ser nissei achava que era japonesa. A minha filha começou a perguntar para mim: “O que a gente era?” – “Brasileiro. Por quê?”

Pesquisadora: Quem que nasceu no Japão?

Mãe: A mais velha (Eiko).

⁵⁴ Gaijin: [s] Estrangeiro (OHNO, 1989, p. 141).

Pesquisadora: A mais velha nasceu no Japão. Ela ficou quanto tempo lá?

Mãe: Ela nasceu e a gente voltou uma vez. Só que aí a gente foi de novo para o Japão.

Pesquisadora: Aí ela (Eiko) já tinha 3 anos?

Mãe: É.

Pesquisadora: Ela nasceu e vocês ficaram quanto tempo?

Mãe: Quando tinha dois anos.

Pesquisadora: Dois anos de idade (Eiko)?

Pai: Depois de 1 ano e meio, nasceu a caçula (Letícia).

Pesquisadora: A caçula nasceu aqui. Na cidade?

Pai: Tupã.

Pesquisadora: Tupã!

Pai: Ela tinha uma certa vergonha. Um certo preconceito. Não que seja preconceito. O preconceito que nem lhe expliquei agora. Por que ocorre esse preconceito? Devido a isso ela “eu sou japonesa”. É engraçado ela ouvir dizer que amiguinhos dela chegou que eram brasileiros. Fala que é “*gaijin*”. “Que ‘*gaijin*’ o quê, minha filha? Você é brasileira!” “Não é, mamãe, não é! Por quê? Tenho aparência de japonês.” Quando a gente fala português, ela queria que a gente fosse japonês. Da melhor maneira possível, ela fala: “Fala que é japonês!”

Pesquisadora: Desde lá do Japão?

Pai: Isso, lá no Japão. Porque lá, ela tinha um certo constrangimento por ser brasileira. Minha filha você é brasileira. Como os amiguinhos nunca estavam com essa aparência, não só aparência, mas nossos costumes. Tenho uma avó muito rigorosa. Costumes de “*Nikkei-jin*”, “*nissei*”. Para a gente falar o japonês era simples. Fácil.

Pesquisadora: Vocês já dominavam a língua japonesa?

Pai: Ela tinha avó dela e morou em casa. Eu tinha minha avó. Era o japonês. Para mim não era dificuldade.

Pesquisadora: Vocês escreviam também?

Mãe: Sim.

Pai: Ela escreve melhor.

Pesquisadora: Então, vocês já ouviam dentro de casa a língua japonesa.

Pai: A gente pensava que existia um certo preconceito. Não entendia direito a questão do preconceito. “Nós somos operários, que coisa chata.” Depois que a gente passou a frequentar a escola japonesa, escola pública, começamos a ganhar a sociedade. Nós que criamos os nossos próprios preconceitos. Falando que eles são preconceituosos. É uma falta de entender a cultura deles. Você está no local diferente e você tem que adequar a cultura deles. Na verdade o homem é assim. Como não conhecemos a cultura, fala que é preconceito, preconceito. Não é. É que a gente está fazendo errado. O que rege os costumes, o que rege a educação, a gente não conhecia. Falava que era preconceito. Da escola passamos para biblioteca. Queria deixar de ser operário e pegar um serviço que trabalhava com japoneses. O preconceito estava na gente mesmo, na nossa formação. O que mudou? A partir daí, ela começou a ter contato. Eu também peguei um serviço melhor. Não mais na linha, era no almoxarifado.

Pesquisadora: Era fábrica do que?

Pai: Componentes eletrônicos. Ela era hotel.

Mãe: Trabalhava bastante. Arrumava os “*futons*”⁵⁵ e ajudava a preparar os eventos. [...]

3) Como lidaram com essas dificuldades? Que fizeram para superá-las?

Pesquisadora: Com as crianças.

Pai: Complicado, né? Na verdade, não tínhamos o que fazer. Dentro do possível é conversa, é conversar, né? É muito complicado assim, porque realmente, não está entendendo o porquê elas se revoltaram tanto. Foi difícil. Na verdade a ficha foi cair muito tempo depois, né? Ela falou que chorava bastante e sonhava. São difíceis contar sentimentos. Na verdade assim, ela dormia e coitada ela sonhava, e aquilo era tão forte, tão forte para ela, que mexia. Quando ela acordava, amiguinhos. Tem um fato que ela contou para gente e que me marcou. Eu fiquei muito sentido. Ela me falou que os amigos estavam esquecendo. Que todo mundo estava esquecendo dela.

Pesquisadora: Lá do Japão? Os amigos do Japão estavam esquecendo?

Pai: Mandamos carta, para a escola e não voltou. Eu não consigo fazer nada. Como vou fazer algum amigo para ela? Como vou fazer algum contato com professor? A escola japonesa daqui, com uma professora japonesa da JICA (Agência Internacional de Cooperação Japonesa) do Japão mandou carta. Vamos mandar para a escola? Não houve retorno. É complicado também, porque lá no Japão os professores mudam muito. Eles não ficam estabilizados numa escola só. De tempos em tempos eles estão mudando de lugar. É um aperfeiçoamento constante. Eles têm até aulas na faculdade. Então, aquela professora e aquele professor não poderiam estar mais lá. A carta endereçada foi para lá, mas lá não tem o professor. Não tem esse. De repente não conseguiu um outro contato. Ela falou que sonhava. É duro essa questão de sentimento.

Mãe: Por mais que a gente fale e fale. A gente explica e conversa bastante com ela. Realmente aqui é diferente. Ela tem que se adaptar. Por mais que a gente fale acho que o sentimento não acompanha.

Pesquisadora: E hoje, você percebe o quê? O que está permanecendo? Continuando?

⁵⁵ *Futon*: Acolchoado(m) (HINATA, 1998, p. 84).

Mãe: Ela não aceitou da gente morar aqui. Ela acha que a gente tem que voltar para lá.

Pesquisadora: Ela fala isso claramente? Ela fala em português ou em japonês?

Mãe: Em japonês.

Pesquisadora: E o português dela, como está?

Pai: O português dela está bem gradativo.

ANEXO B - 1ª Entrevista: Filha – Eiko

Dia 19/04/2012 (Quinta-feira)

As entrevistas com a criança Eiko foram realizadas em meu consultório de psicologia clínica. A primeira entrevista foi gravada com o consentimento dos seus pais.

Eiko é uma menina de 12 anos e meio de idade, que apresenta todos os traços físicos de uma criança nipônica. O som de sua voz quase não se ouve, misturada com uma fonética trêmula. A forma de se expressar e de andar tem um jeito contido, mostra-se diferente do comportamento de uma criança brasileira. Porém, Eiko é brasileira nascida no Japão. Diante da crise econômica japonesa em 2008, a família resolve retornar para o Brasil. As crianças retornam juntamente com os seus pais, sem saberem o idioma português. Na época Eiko tinha 9 anos de idade.

Quando Eiko chegou ao Brasil, deparou-se com as diferenças culturais e as dificuldades de adaptação para se reintegrar ao novo e desconhecido país. Entretanto, Eiko não considerava o Brasil seu país de origem, e sim o país de destino, porém aquele que ela não escolheu para viver.

Em agosto de 2009, Eiko ingressou numa escola particular. Ela foi matriculada na 4ª série/5º ano do ensino fundamental. Atualmente está cursando a 7ª série/8º ano dessa mesma escola. Nesse meio ano que Eiko frequentou a escola, não conseguiu acompanhar os estudos, pois havia chegado do Japão no mês de julho de 2009. Em decorrência desses fatos, Eiko foi reprovada.

No nosso primeiro contato cumprimentei Eiko usando a língua japonesa.

Pesquisadora: “*Ogenki desuka*⁵⁶”? Como vai? (Percebi que ela olhou em direção aos meus olhos com ar de surpresa, porque falávamos a mesma língua, a língua que ela conhecia, a japonesa).

Eiko: “*Genki*⁵⁷”! (Bem!)

Os pais de Eiko, o senhor Ito e a senhora Natsu trouxeram a filha até o meu consultório. A adolescente Eiko apresenta ser uma menina tímida e anda com todo cuidado e delicadeza de uma pequena japonesinha. Neste dia estava usando um vestido branco abaixo dos joelhos e sandálias brancas. Seus lindos cabelos negros estavam soltos.

Os pais resolveram matricular Eiko e a sua irmã Letícia no curso de idioma japonês do “*Nikkey Clube*”, após seis meses morando no Brasil. Nesse novo ambiente e tão conhecido por Eiko, passou a se sentir em casa.

Na escola japonesa Eiko, havia iniciado a 4ª série. Dentro da própria escola aprendeu a tocar um instrumento musical chamado “pianica” (parecido com um mini piano, um instrumento de sopro). Atualmente toca flauta, mas gosta da “pianica”.

⁵⁶ *Ogenki desuka*: Forma de cumprimento japonês (Tradução nossa).

⁵⁷ *Genki*: [s, adj-v] energia, vitalidade; saúde (OHNO, 1989, p.149).

Pesquisadora: Eiko, tem alguma situação difícil para você?

Eiko: Não aprendo o português. Aprendi com a mãe, o pai e a irmãzinha. Tinha palavra que o som era alto e não conseguia falar e ficava com vergonha.

Pesquisadora: Dê um exemplo?

Eiko: A palavra hífen.

Pesquisadora: O que é vergonha?

Eiko: Vergonha é falar errado, outras conseguem. Exemplo: Irmãzinha é mais nova que eu, não consigo e fico com vergonha.

Entrevista

Expliquei para Eiko que era uma pesquisa sobre crianças filhas de “*dekasseguis*” e que precisaria gravar. A entrevista teve a duração de 16 minutos.

1) Você está sentindo alguma dificuldade de adaptação no retorno ao Brasil?

Eiko: Hum... Com a palavra em português está um pouquinho difícil. E também não conseguindo ir junto com os meus colegas, eu atrasei um pouquinho.

2) Você poderia me descrever detalhadamente as dificuldades que está sentindo e o que você atribui essas dificuldades?

Eiko: O que é atribui?

Pesquisadora: O que acha que é, no sentido, por que você está tendo essas dificuldades? Seria isso.

Eiko: Porque... [hesitação] Os colegas “fala” em português e tem algo nas palavras que não sei. Eu me sinto com pouco de dificuldades.

Pesquisadora: Por que dessas dificuldades da língua portuguesa? Por que você acha que está com essas dificuldades?

Eiko: Porque tem muitas palavras que eu ainda não aprendi e não consigo entender.

3) Como você lida com essas dificuldades? O que faz para conseguir melhorar?

Eiko: O que é lida?

Pesquisadora: Lidar é como você faz para conseguir melhorar.

Eiko: Pergunto para o meu pai e mãe, a irmãzinha que sabe mais português [...]. Olho um pouquinho no dicionário, pergunto para professora e colegas. Não consigo “aprendi” muito.

Pesquisadora; Por que você acha que não consegue aprender muito?

Eiko: Hum... Porque me acostumei no Japão e eu nunca usei o português no Japão. E acostumei falar japonês e não estou conseguindo aprender muito o português e é difícil.

Pesquisadora: Você no Japão estudou em qual escola?

Eiko: *Namiyanagui*⁵⁸ *Shōgakkō* (No Japão o ensino *Shōgakkō* se inicia na primeira série e termina na sexta série. Equivale ao ensino fundamental I do Brasil).

Pesquisadora: É escola japonesa? Lá só tinha o idioma japonês na escola?

Eiko: Uhum.

Pesquisadora: Como que foi? Você se lembra de quando você chegou no Japão?

Eiko: Quando cheguei no Japão tinha acho que 3 anos. Não estou lembrando muito, mas eu entrei na escola infantil e aprendi japonês aí.

Pesquisadora: Ai foi direto para escola japonesa?

Eiko: Uhum.

Pesquisadora: Em casa qual a língua que você falava?

Eiko: O japonês.

Pesquisadora: Seu pai falava japonês com você? A sua mãe?

Eiko: Eu com minha irmãzinha falava japonês. Às vezes ensinava falar português, mas não conseguia aprender escrever, mas minha mãe e meu pai conversava em português e eu não entendia”.

Pesquisadora: Como era para você lá no Japão?

Eiko: O Japão é importante.

Pesquisadora: Fala um pouquinho dessa importância. O que você pensa do Japão? Como você vê o Japão?

Eiko: O Japão é mais, acostumei mais Japão, e consigo ficar, não ficar com vergonha e assim, não ficar sem conversar com colegas. “Conversa” com colegas, então eu gosto de lá.

Pesquisadora: O que é o Brasil? O que você pensa do Brasil?

Eiko: Legal e importante para mim. Mas a língua é diferente do Japão, eu fico um pouquinho com dúvidas e, não consigo falar muito com colega e fico um pouquinho com judiada com comigo mesmo.

⁵⁸ *Namiyanagui*: Nome próprio (Tradução nossa).

Pesquisadora: Como é ficar judiada com você mesmo?

Eiko: Porque não consigo, não consigo ficar, falar o que eu quero e de conversar. Tenho vergonha de falar errado e fico quietinha, não consigo.

Pesquisadora: Você gostaria de poder fazer o quê?

Eiko: Meus colegas ajudar, brincar, estudar essas coisas, mas não consigo fazer.

Pesquisadora: Na escola, você tem amiga?

Eiko: Um pouquinho.

Pesquisadora: E no “*Nikkei Clube*”, você tem? Como é? Como que são as amizades?

Eiko: É legal, não usa muito o português e elas também “conversa” comigo, não fico vergonha e não fico quietinha.

Pesquisadora: Isso no “*Nikkei*”? No “*Nikkei*” você conversa.

Eiko: Uhum.

Pesquisadora: Na escola que estuda você tem amigo?

Eiko: Tenho pouquinho. Não consigo ficar muito amiga comum que eu fico no “*Nikkei*”.

Pesquisadora: No “*Nikkei*” já é diferente. Você sente que consegue ter mais amizades no “*Nikkei*”.

Eiko: Uhum!

Pesquisadora: Você acha que é brasileira ou japonesa?

Eiko: Hum, acho que nenhum dos dois. No Japão também as minhas amigas e meus amigos ficavam falando que eu era brasileira e no Brasil falava que eu era japonês, e não “conseguiu” do qual sou brasileiro ou japonês”.

Pesquisadora: Quando você ficar mais velha qual a sua intenção? Qual é o seu objetivo?

Eiko: Que é intenção?

Pesquisadora: Vontade. Qual a sua vontade?

Eiko: Quero ir no Japão fazer outras coisas, fazer minha faculdade, mas também quero ficar no Brasil e fazer o (Nome do comércio dos pais). Meu pai e mãe “vai” (Nome do comércio dos pais), porque fica velho no (Nome do comércio dos pais), então também quero ficar no Brasil e no Japão.

Pesquisadora: Você quer falar mais alguma coisa importante?

Eiko: Não.

Pesquisadora: Quando você estava no Japão seu papai e sua mamãe eles falaram que resolveram vir para o Brasil. Como foi para você?

Eiko: Fiquei um pouquinho triste, mas eu também queria vir no Brasil, porque queria conhecer. Estava pensando quando era pequena, ouvi onde que eu fiquei, quando era fica no Brasil (sussurrou as últimas palavras).

Pesquisadora: Você nasceu no Japão?

Eiko: Em “*Matsumoto*”.

Pesquisadora: “*Nagano*”?

Eiko: “*Nagano*”.

Pesquisadora: Você tinha curiosidade de conhecer o Brasil?

“Eiko”: Uhum.

Pesquisadora: Essa tristeza como que foi?

Eiko: Não queria sair da escola, porque tinha amigas e amigos, professoras e professores que eu gostava e tinha minhas primas, tias e tios e avós.

Pesquisadora: Seus avós são por parte de pai ou da mãe que estão no Japão?

Eiko: É da mãe.

Pesquisadora: E os tios?

Eiko: Os tios, não sei. Casado com a minha tia.

Pesquisadora: Seus avós moravam na mesma cidade que vocês?

Eiko: É.

Pesquisadora: Você gostava de ter os seus avós ali por perto?

Eiko: Uhum.

Pesquisadora: Onde eles estão hoje?

Eiko: Ainda no Japão. Na mesma cidade que a gente morava. Os tios e tias e primas estão em outra cidade. Às vezes eles mandam cartas e eu fico com saudades.

Pesquisadora: Você escreve para eles?

Eiko: Uhum.

Pesquisadora: E os seus avós, vão ficar lá no Japão?

Eiko: Nesse ano, avós, tias e primos vão voltar e o tio diz que não.

Pesquisadora: Eles vão voltar para o Brasil?

Eiko: Uhum.

Dia 10/05/2012 (Quinta-feira)

2º Contato com Eiko:

Pesquisadora: Você quer brincar?

Eiko: Sim.

Pesquisadora: Com o quê?

Eiko: Jogo da vida.

Pesquisadora: Você já o conhece?

Eiko: Já, mas é um pouco diferente.

Pesquisadora: Como se fala brincar em japonês?

Eiko: “*Asobu*”⁵⁹”

Pesquisadora: “*Asobu*”. Podemos aprender juntas.

(Ela foi separando o dinheiro e organizando na mesa).

Pesquisadora: Você conhece a estória de “*Urashima Tarô*”?

Eiko: Sim. Ele era um japonês que salvou a tartaruga dos rapazes que estavam maltratando-a. Veio a tartaruga maior e levou para o reino no mar e depois ele quis voltar para cima e lá embaixo tinha uma princesa que deu “um” caixinha para ele e ele abriu.

Pesquisadora: O que ocorreu?

Eiko: O tempo do mar é bastante diferente do tempo da terra.

Pesquisadora: Como assim?

Eiko: O tempo do mar era devagar de passar e o tempo da terra era rápido.

Pesquisadora: Parecem-me os dois mundos, o Japão e o Brasil. Como que é para você?

⁵⁹ *Asobu*: [v] Brincar, divertir-se (OHNO, 1989, p. 31).

Eiko: O tempo passa rápido quando estou muito alegre e quando não estou alegre o tempo passa devagar. (Silêncio)

Pesquisadora: Está pensando?

Eiko: Por exemplo: quando está na aula com prova, passa rápido. Porque não consigo perceber o tempo que está. Porque é uma coisa séria. Quando brinco com colegas, irmãzinha, o tempo passa rápido, quando percebe está na hora de dormir.

Pesquisadora: O tempo sempre passa rápido para você?

Eiko: Quando tem coisa triste o tempo passa devagar. Quando vejo o relógio só passou 5 minutos. Quando “está” alegre o tempo passa rápido. Quando “está” chateada o tempo passa devagar. Eu não encontro resposta por que o tempo algumas vezes passa rápido e outras vezes passa devagar.

Pesquisadora: Você ainda não sabe?

Eiko: Parece que na prova parece estar em outro mundo. Só tem eu e a prova, não consigo pensar em outras coisas. A prova não gosto. Não consigo perceber o tempo, está passando rápido.

Observações:

Nós começamos a brincar com o “Jogo da Vida” que estava em meu consultório. Eiko pede para brincar. A partida que iniciamos não deu tempo de terminá-la, mas Eiko estava com mais dinheiro e por isso ganhou o jogo. Algumas questões foram feitas por Eiko: “O que são sogros? Esse jogo não recebe após ter passado pelo dia do pagamento?”

Na sala de espera Eiko disse-me que está prestando atenção na aula, mas não entende algumas palavras que o professor fala e não consegue perguntar. Ela relata que sente vergonha e teme que os colegas possam rir de suas atitudes.

Disse-lhe que se o coleguinha fosse morar no Japão e fosse para à escola japonesa, também não saberia as palavras japonesas. São através das perguntas, ou seja, perguntando que vamos conhecendo.

Pesquisadora: Você viveu alguma situação que não sabia e perguntou ao professor e os colegas riram?

Eiko: Eu perguntei pequeno.

Pesquisadora: Você falou baixo?

Eiko: Não ouviu. (Parece-me que aqui Eiko encontra-se em desamparo psíquico)

Quando Eiko se encontra em outro país, percebe-se estando em um mundo a parte, distinto do qual já conhece. Surge um estado de congelamento do tempo, do espaço e dos seus sentimentos. Às vezes esses turbilhões de emoções, percepções se desmoronam diante da

vida. Podemos fazer uma analogia com o conto japonês de “*Urashima-Taro*”, onde um pescador que se descongelou dos anos que viveu no fundo do mar, ao se deparar com a nova realidade, percebeu que o tempo não pode mais voltar e o espaço havia mudado diante dos anos.

Dia 17/05/2012 (Quinta-feira)

3º Contato com Eiko:

Eiko entra na sala trazendo o seu “Jogo da Vida” brasileiro que ganhou do seu pai no aniversário de 12 anos de idade.

Eiko: Meus avós, tia e primos retornam do Japão no final de semana.

Pesquisadora: Você está contente com o retorno deles?

Eiko: (Sorri) Sim.

Pesquisadora: Como que é ter seus avós, tia e primos pertinho de você?

Eiko: Vai ser um pouquinho barulhento.

Pesquisadora: Parece-me que é um barulho de felicidade.

Eiko: (Sorri).

Observações:

O “Jogo da Vida” de Eiko é um pouco diferente, porque tem outras regras e algumas regras são parecidas com o meu “Jogo da Vida”. Parece-me que esse jogo representa o mundo de Eiko. Nos dois jogos usamos a mesma linguagem, percorrendo os caminhos pela vida, onde nos deparamos com os obstáculos e conquistas. Nesse dia ganhei a partida no “Jogo da Vida” de Eiko.

Dia 31/05/2012 (Quinta-feira)

4º Contato com Eiko:

Eiko chega ao meu consultório junto com a irmã menor Letícia.

Pesquisadora: *Ogenki desuka?* (Como estão?)

Eiko e Letícia: *Genki desu!* (Bem!).

Convido Eiko para entrar em minha sala de atendimento.

Pesquisadora: Como está na escola?

Eiko: Teve prova de ciências hoje. Teve muitos exercícios que não consegui. Eu não entendi as palavras, o que tem que fazer.

Pesquisadora: Como que sentiu?

Eiko: Senti mal.

Pesquisadora: Você perguntou para o professor?

Eiko: Sim. Ele explicou um pouquinho o significado. Eu respondi tudo. Deixa em branco, erra tudo. Então, coloquei tudo.

Pesquisadora: Como que foi na prova?

Eiko: Mal. Porque a matéria que está estudando são coisas de células, onde foi criada, nomes, memorizar é muito difícil.

Pesquisadora: O que é ir mal à prova?

Eiko: Achei que “vai” tirar nota vermelha na prova. Tem que aprender mais. Se não conseguir recuperar a nota, acho que terei que fazer recuperação. Fico preocupada com o futuro.

Pesquisadora: Como assim, preocupada com o futuro?

Eiko: Ficar de recuperação. Acho que não vou conseguir recuperar a nota. Fico com medo.

Pesquisadora: Você sente que o outro te compreende quando fala?

Eiko: Acho que sim.

Pesquisadora: Você se sente compreendida?

Eiko: Às vezes.

Pesquisadora: Como?

Eiko: Não penso muito nessas coisas.

Pesquisadora: Você percebe que está falando bem melhor o português?

Eiko: Percebo um pouquinho. Quando converso com a Letícia (irmã) e o primo e a prima.

Pesquisadora: Quem são os seus primos?

Eiko: São filhos da tia (irmã da mãe). A prima acho que tem 15 anos, é um pouquinho mais velha e o primo é uns dois anos mais novo que minha irmã, acho que tem 7 anos.

Pesquisadora: Eles já foram para o Japão?

Eiko: Nunca foram para o Japão.

Pesquisadora: Essa tia que chegou, tem quantos filhos?

Eiko: Tem um primo de 9 anos, um outro primo de 3 anos e um de 1 ano”.

1º DESENHO: A chegada ao Brasil

Entreguei para Eiko uma caixa de lápis de cor, uma folha de papel sulfite e um apontador.

Pesquisadora: Desenha a sua chegada no Brasil. Como foi para você?

Observações:

Eiko iniciou o desenho da esquerda para a direita. O primeiro desenho que fez foi um avião. O segundo desenho é a figura de uma mulher que se encontra à frente na folha de sulfite. Nomeia que é a sua mãe. O terceiro desenho são 3 pessoas que estão abaixo do avião, da esquerda para direita, sendo que o primeiro desenho é o seu pai, o segundo é a irmã e o terceiro, Eiko. O quarto desenho é de uma figura feminina que nomeia a tia materna. O quinto desenho são as duas figuras, os primos: um menino “R” e a menina “K”.

Pesquisadora: O que estão fazendo?

Eiko: Conversando. A gente, o meu pai estava vendo avião. Estava sorrindo, alegre.

Pesquisadora: O que estavam conversando?

Eiko: Eu, Letícia (irmã) e meu pai que o avião era muito grande. Meus primos estão vendo o avião. O tio não desenhei, porque ele estava em outro lugar fazendo alguma coisa. Ele estava esperando estacionar o carro, veio um minuto e já foi.

Pesquisadora: Como foi?

Eiko: Todo mundo estava esperando, eu me senti feliz.

Pesquisadora: Depois daqui, como que foi para você?

Eiko: Depois “foi” em casa e dormi. Dormi rapidinho. Estava com sono. Era outro lugar. A gente “dormi” a primeira vez. Não consegui dormir até chegar “amanhã”. Eu e a irmã, estávamos brincando no corredor de desenhar. No avião, dão presentes só para crianças e estávamos vendo e outras coisas.

Pesquisadora: Porque não conseguiu dormir?

Eiko: O ar é diferente. O lugar que no Japão dormia era deixar o colchão no chão e dorme. Nunca dorme na cama. Fiquei um pouquinho estranha e não consegui dormir.

Pesquisadora: O que mais sentiu diferente no Brasil?

Eiko: Muito grande. Em casa entrava com sapatos. Tinha o banheiro não podia dar descarga com papel higiênico. No Japão podia. Todo mundo falava outra língua, então era difícil.

Pesquisadora: Você conseguia falar com a sua tia, tio e primos?

Eiko: Tia entende um pouquinho o japonês. O tio não entende. Só o português. Com o primo só brincava e não falava. Com a prima foi acostumando com o japonês e foi entendendo algumas palavras.

2º DESENHO: A chegada ao Japão

Pesquisadora: Como foi a sua chegada ao Japão?

Eiko: (Silêncio) Nasci lá.

Pesquisadora: Faça o que você lembra e o que pensa.

Eiko: Lembro que estava fazendo coisas que não podia.

Pesquisadora: Que coisas são essas?

Eiko: Tirando a caixa de guardanapo e esparramando na casa toda (Eiko ri muito). A mãe quando acordou disse que era neve. “Nevou dentro da casa” (Eiko ri muito).

Pesquisadora: Por que nevou dentro da casa?

Eiko: Porque tirei o guardanapo.

Observações:

O primeiro desenho inicia da esquerda para direita e diz que era o seu bonequinho que deixava na cama. O bonequinho não tinha nome, porque era pequeno. O segundo desenho está ao lado do bonequinho, é o pai dormindo e fazendo o barulho de ronco (“zzz”). O terceiro desenho é a mãe dormindo e roncando (mesmo barulho “zzz”). A lâmpada do quarto dos pais está apagada. O quarto desenho é de Eiko. Disse-me que estava aprontando muito. “Eu estava aprontando muito (ri). Quando era pequena aprontava muito”. O quinto desenho é de Letícia, a irmã de Eiko.

Pesquisadora: O que vocês estão fazendo?

Eiko: (ri) Letícia me “ajudando aprontar”. Eu aprontava muito. A gente estava tirando guardanapos do quarto até acabar. A lâmpada do quarto de Eiko estava acesa. Tem a caixa de guardanapos e os guardanapos soltos. O som de “zzz” significa que a pessoa está roncando.

Pesquisadora: O que você aprontava muito?

Eiko: Um dia meu pai chegou com uvas pequenas e eu só comi uva grande. À noite fui ao quarto dos meus pais e esmaguei as uvas na cama, a minha mãe ficou brava. Fiz escondida.

Pesquisadora: Você fez escondida?

Eiko: (Ri muito)

Pesquisadora: Eiko, o que é aprontar?

Eiko: Aprontar é fazer que as pessoas normais não faz.

Observações:

Quando Eiko riu, colocava as mãos em frente da sua boca. Parece-me um rir por ter aprontado, mas ao mesmo tempo como se tivesse que ficar contido e com um sentimento de vergonha. Eiko está mais solta em sua linguagem. Antes expressava o português com oscilações acentuadas, às vezes espremido e outras vezes os sons das suas palavras pareciam interrompidos, como se não pudessem estar completos. Percebo hoje uma linguagem um pouco mais solta.

Dia 14/06/2012 (Quinta-feira)

5º Contato com Eiko:

Pesquisadora- “*Ogenki desuka*”?

Eiko: “*Genki desu*”.

Pesquisadora: E na escola está bem?

Eiko: Tem prova do livro.

Pesquisadora: Do quê?

Eiko: De aventura.

Pesquisadora: Você leu o livro?

Eiko: Está na metade.

Pesquisadora: Que livro é?

Eiko: “Crescer é uma aventura”.

Pesquisadora: Você está gostando?

Eiko: Mais ou menos. Tem muitas palavras que não entendo. Não gosto. Gosto mais de aventura. Não é desse tipo de livro que gosto.

Pesquisadora: Que tipo de livro você gosta?

Eiko: Tipo de livro. “A viagem no centro da Terra”. Faz aventuras. Vai em outro lugar, que gosto.

Pesquisadora: Qual seria para você outro lugar que gosta?

Eiko: O que os homens não foi. O centro da Terra. O Sol. Coisas que ninguém conseguiu fazer (ri). Fico imaginando dentro, assim.

Pesquisadora: Como que é dentro?

Eiko: O centro da Terra eu imagino que é um lugar muito lindo, tem árvores com folhas muito lindas, cachoeiras que brilham. Nunca as pessoas imaginam que tem na realidade.

Pesquisadora: E o Sol?

Eiko: “No Sol imagino... como que fala...? Tem o Deus, a casinha de Deus. “Tem Deus nasceu”. A cidade de Deus. Têm os pais e os amigos, essas coisas.

Pesquisadora: E por que ainda ninguém conseguiu chegar lá?

Eiko: Porque aonde as pessoas “conseguiu” ir, ela já foi. Não tem graça. Não conseguiu imaginar, quero imaginar. Não quero ninguém contar para mim, quero imaginar.

Pesquisadora: Você quer ter sua própria imaginação?

Eiko: Uhum (afirmando).

3º DESENHO: Como foi o seu primeiro dia de aula na escola quando chegou ao Brasil?

Observação:

Inicia o primeiro desenho aproximando do centro da folha de papel sulfite. Utiliza primeiro um lápis salmão e depois o lápis preto. O desenho é iniciado pela cabeça. O desenho é uma figura feminina que se encontra do lado esquerdo. O terceiro desenho é o balão amarelo e o quarto, o balão azul.

Pesquisadora: Quem são essas pessoas?

Eiko: Eiko e a amiga.

Pesquisadora: Essa sua amiga é descendente de japonês?

Eiko: Não.

Pesquisadora: O que elas estão fazendo?

Eiko: Está conhecendo. Falando prazer, essas coisas. Está cumprimentando.

Pesquisadora: Qual o nome da sua amiga?

Eiko: Esqueci. Já saiu da escola.

Pesquisadora: O que estão falando?

Eiko: O que eles estão falando? “Será que eles não entendem japonês?”, estava pensando. E aqui nesse balão a amiga estava falando coisa que não entendia.

Pesquisadora - O que escreveu no balão?

Eiko: “*Nani iateru*⁶⁰”? (O que estão falando/ falam?) Eiko: No balão da amiga, não entendia o que estava falando (Por isso os traços no balão estão em amarelo).

Pesquisadora: E na sala de aula como foi?

Eiko: A professora falou nova aluna, é japonesa, vai estudar aqui. Todo mundo fez: “Oooo...” Todo mundo veio, começou a conversar.

Pesquisadora: O que eles conversavam?

Eiko: Se é japonesa ou chinesa?

Pesquisadora: O que disse?

Eiko: Era japonesa. Era difícil de usar um pouquinho o “brasileiro”.

Pesquisadora: Quais eram as palavras que sabia?

Eiko: Algumas palavras eu entendo. Não sei falar e nem escrever. Não sei perguntar. “O que estava falando?” Eu respondia: “japonesa”. Quando perguntavam as palavras japonesas eu respondia.

Pesquisadora: Quais eram as palavras?

Eiko: Como se fala xícara em japonês, se no Japão come “*sushi*”, se na escola põem sapatos...

Pesquisadora: E lá no Japão põe sapato?

Eiko: Só sapatos dentro da escola. Chama “*uwa-baki*”. Não é sandália e nem sapato. Parece um chinelinho fechado.

Pesquisadora: Como que você se sentiu nesse dia?

Eiko: Nossa! Um pouquinho! É realmente “brasileiro”? Estão no Japão? Muito assustada! Eles conseguem falar muitas palavras em “brasileiro”. Lugar é diferente. A professora parece brava. Senti totalmente diferente.

Pesquisadora: Como diferente?

Eiko: Que no Japão e no Brasil é diferente. A escola é muito diferente. Estranhava. Não era escola. Pensava que não era escola. Porque usava caneta, usava dentro da escola sapatos, era muito grande a escola. Os professores, amigos e outras pessoas não “era” japonês. O rosto do japonês percebe que é japonês. O rosto do brasileiro parece italiano. Não limpava a escola. A escola acaba antes do almoço aqui. Eu estava pensando se era escola de verdade. Pensava que era outro lugar”.

Pesquisadora: Que lugar que pensava?

⁶⁰ *Nani iateru*: O que falou? (Tradução nossa).

Eiko: (Ri). Biblioteca. Até parecia. Acho que é biblioteca.

Pesquisadora: Quando foi percebendo que era escola?

Eiko: Eu estava usando uniforme e as amigas também. Tinha as aulas que estava assistindo. Tinha prova. Essas coisas. Eu fiquei um pouquinho “escola ou biblioteca”? Passava o tempo e eu entendi que era escola. Que a escola normal do Brasil era assim.

Pesquisadora: Hoje, você gosta da escola do Brasil?

Eiko: Gosto. Às vezes fico chateada e triste. Por que colega consegue e eu não. Eu também sangue de brasileiro. Por que eles conseguem fazer essas coisas e fico chateada e triste.

Pesquisadora: O que você gostaria de conseguir?

Eiko: Conversar mais. Eu não quero ser tímida. Quero mais amigos e amigas.

Pesquisadora: Você acha que a timidez lhe atrapalha em alguma coisa?

Eiko: Sim. Quando pede para ler, não consigo. Os colegas vão rir de mim. Fico tímida e acabo não lendo.

Pesquisadora: Você tem medo de errar quando está lendo?

Eiko: “No Japão já acostumei muito se fala errado, fala tudo bem (amigos japoneses), mas no Brasil, ainda não acostumei. Eu fico assim: ”eu errei”. Parece que todo mundo está bravo.

Pesquisadora: Eles ficam bravos mesmo?

Eiko: Fico pensando, parece que todo mundo está bravo.

Pesquisadora: Por que bravo?

Eiko: Quando erra, ri. Falam: “Oh Deus! Nossa!” Todo mundo fala isso, então não posso errar.

Pesquisadora: *Eiko*, eles erram também. Se eles fossem para o Japão, como seria?

Eiko: Errava um monte de coisa! Não vai entender. Vai tirar nota vermelha.

Pesquisadora: Parece que é muito difícil para você. O que sente?

Eiko: Quero ler, mas se errar? Tenho medo. Todo mundo vai falar que a Eiko não consegue.

Pesquisadora: Eles falam?

Eiko: Eu penso essas ideias. Não acontecem na realidade. Tenho medo de errar e não ler”.

Pesquisadora: Nesse dia, o primeiro dia de aula o que mais ficou para você?

Eiko: No primeiro dia fiquei perdida. Quando terminou o lanche, “foi” no banheiro. Eu entrei no banheiro. As amigas foram beber água. Eu estava no banheiro, no primeiro andar. Eu saí do banheiro e não sabia onde estava o bebedouro. Não sabia onde estavam as amigas, mas procurei. Eu estudava no segundo andar. Eu procurei no terceiro andar e também no primeiro. Eu não sabia. Eu abria a porta e via o professor e os alunos. “Nossa! Tinha esse amigo nessa sala?” Até passei na minha sala. Não conseguia achar a minha sala.

Pesquisadora: E como achou?

Eiko: Eu estava perdida. Uma moça perguntou: “O que estava acontecendo?” Eu respondi: “Perdi.” Ela perguntou: “O que perdeu?” Eu respondi: “Eu.” A professora estava procurando eu.

Pesquisadora: Você me disse que se sentia estranha. Como é se sentir estranha?

Eiko: Aqui é diferente. Assim, ficar um pouquinho com dúvida. Um lugar que nunca vi e nunca fui.

Pesquisadora: Onde você se sente estranha?

Eiko: Mesa é diferente... Mesa, piso parece uma pedra, o clima, o ar é diferente, é quente. Tem pessoas falando línguas diferentes. Tem outras pessoas com rosto que não é Japão.

Pesquisadora: Você gosta de vir aqui conversar comigo?

Eiko: Sim. Porque a professora (psicóloga) entende o que eu falo.

Observações:

Eiko disse-me que, quando não consegue compreender o colega de classe, faz uma menção de “não” com a cabeça e desenha para eles entenderem o que ela quer expressar. Disse que eles acabam a compreendendo.

No desenho tem um emblema vermelho que é do uniforme da escola. Do lado de fora do balão azul está escrito “Ooo” (Eiko disse-me que simboliza quando alguém está pensando). No balão amarelo é porque a pessoa está falando, quando não tem nenhuma ligação direta com a pessoa.

Na escola japonesa que estudava, havia três brasileiros, dois meninos e uma menina e eles se comunicavam no idioma japonês.

Dia 28/06/2012 (Quinta-feira)

6º Contato com Eiko:

1) Qual é a paisagem do seu sonho?

Eiko: Tem várias paisagens. Às vezes o meu pai e a minha mãe assistem filmes de terror. Sai um zumbi e as coisas que dão medo. Quando não tem zumbi sai normal. Eu estou andando no arco-íris. Na compra em supermercado estou ajudando...

Pesquisadora: A paisagem do seu sonho é do Brasil ou do Japão?

Eiko: Às vezes aparece do Japão, dos amigos e dos professores. Às vezes do Brasil. Não sonho muito com o Brasil. Às vezes sonho com paisagem que eu criei também.

Pesquisadora: Como que é a paisagem que você cria?

Eiko: Tem nuvens parecidas com formas de estrelas. “Os animais dá para falar”. Sonho com rio com cor de arco-íris.

Pesquisadora: Você sonha com mais paisagens do Japão ou do Brasil?

Eiko: Com mais paisagens do Japão, porque lembro muito tempo, fica na cabeça. No Brasil consigo ver a paisagem e eu esqueço, dá para ver de novo. No Japão não dá para ver de novo, acaba sonhando com do Japão.

Pesquisadora: Fale de um sonho que teve?

Eiko: Uma vez sonhei que tinha minhas amigas e amigos, estávamos na escola estudando e brincando. No Japão quando a gente vai à escola, vai andando sozinho. Sonhei com os meus amigos, vindo embora da escola. A gente ia ao caminho certo e fomos para outro caminho. A gente queria descobrir o que tinha no outro caminho. Tinha uma lagoa muito grande, um cachorrinho acompanhando a gente. Tinha muitas coisas que nunca vimos. Chegou ao caminho que tinha um barranco e o menino caindo. E o menino conseguiu puxá-lo.

Pesquisadora: Vocês estavam em quantos amigos?

Eiko: Eu, dois amigos japoneses, uma amiga japonesa e uma amiga brasileira. Eiko: Eu acostumei a falar “*San*⁶¹” (*Significa senhor(a) na língua japonesa no sentido de respeito. “Chan*⁶²*” é usada para menina e “Kun*⁶³*” para os meninos*). No Brasil pensei que tivesse falando mal, porque não usava “*San*”. Fiquei um pouquinho estranhada, estava falando mal de mim. Fiquei com dúvidas. Quando voltei para casa perguntei para meu pai e a minha mãe; eles falaram que no Brasil não se usa essas coisas. “Ah! Entendi! Então eles não usam!”

2) Qual a língua que você fala no sonho?

Pesquisadora: Qual a língua que você fala no sonho?

Eiko: Todo japonês (ri). Quando sonho no Brasil é japonês, não sei o porquê. Nunca sonhei português, nem inglês e língua diferente.

Pesquisadora: O que pensa de sonhar na língua japonesa?

Eiko: Não sei o porquê. Eu já acostumei a falar em japonês. No Japão nunca sonhei em português. As pessoas que estão no sonho falam inglês, português e japonês; e eu só falava japonês e eles me entendem.

⁶¹ *San*: [suf] sr., sra., srta. (OHNO, 1989, p.622).

⁶² *Chan*: Forma de tratamento usada pela pessoa quando são próximos. (Tradução nossa).

⁶³ *Kun*: Senhor (a) [tratamento que acrescenta ao nome de um inferior]. (HINATA, 1998, p.245).

Pesquisadora: Quem falava inglês?

Eiko: A professora de inglês do Brasil. Eu não entendia o inglês, mas respondia algumas palavras que eu entendia. Eu respondia o que eu sabia. A professora de inglês respondia em inglês e eu falava com ela em japonês e ela entendia o japonês.

Pesquisadora: Como você está na escola?

Eiko: Não é mau, mas também não é muito bom.

Pesquisadora: Quais são as dificuldades hoje na escola?

Eiko: Hoje a dificuldade está na palavra. Tenho prova de português e inglês e não sei algumas palavras. A professora fala que não pode responder e eu não posso perguntar. Fico com dúvidas. Será que eu consigo?

Pesquisadora: Você está conseguindo prestar atenção na aula?

Eiko: Às vezes. Às vezes os meninos e as meninas fazem algumas coisas. Eu penso: “O que será que está acontecendo?” Elas fazem coisas engraçadas e todo mundo ri. A professora está explicando a matéria e não consigo prestar atenção. No sexto ano, eu estava concentrando na prova de português e o menino falou: “Borracha. Onde está?” Todo mundo riu e eu também. Não consegui concentrar depois.

Pesquisadora: Quanto tirou na prova?

Eiko: 3,5. Era nota vermelha.

Pesquisadora: Você sabe hoje a sua nota de português?

Eiko: Hoje não sei. Esqueci. A nota vermelha ficou de língua portuguesa e ciência. Ciência não estava muito ruim. Estou estudando bactérias e eu troco com vírus.

Pesquisadora: É a língua que não compreende e fica difícil de compreender o texto?

Eiko: (Faz uma menção com a cabeça afirmando) Cai outras palavras: fungos, bactérias, celulares. Eu confundo. “Qual era qual?” Quando tem a explicação da professora e pergunto: “Fungo era o quê?” Não consigo. Na apostila o que é fungo, o que é bactéria, eu errei. Troquei. Acho que a explicação era da bactéria e coloquei no fungo. Fiquei um pouquinho com dúvidas nisso.

Pesquisadora: Você pergunta para a professora?

Eiko: Às vezes a professora de história fala que pode perguntar algumas palavras. A professora de português não disse para perguntar as palavras. É difícil entender o português.

Pesquisadora: Qual seria a solução?

Eiko: Não quero que os professores e professoras coloquem as palavras difíceis. As palavras tem milhões. Eu procuro no dicionário e eu não entendo nada. No dicionário está escrito

difícil. Procuo e acho mais uma palavra difícil. Fico fazendo isso. Se eu perguntar para a minha mãe, ela responde, mas tem limite. Seu eu perguntar trinta palavras para minha mãe, tem limite, fica brava. Não consigo perguntar muito. Se perguntar para o meu pai também fica bravo. No computador, às vezes não sei trocar a palavra japonês para português. Eu ensino japonês para a minha prima e ela ensina português para mim. Ela digitou isso, não era o que eu queria falar, “sussurrar”, e a flor não fala baixinho. “*Sasayaatteru*” (Sentido de estar alegre e reunida). Na internet saiu sussurrando; não é esse o significado. No computador às vezes está errado.

Pesquisadora: Você gostaria de compreender melhor o português?

Eiko: Não quero que coloca palavra difícil. Minha cabeça confunde. Vou procurando no dicionário e eu esqueço, por procurar muitas palavras. No computador se eu digitar no Google “aspectos” e sair em japonês, falo que entendi. Aí se a tradução estiver errada, acabo aprendendo errado. Por isso não consigo aprender muitas palavras.

Dia 05/07/2012 (Quinta-feira)

7º Contato com Eiko:

Neste dia Eiko traz o seu caderno de músicas. As músicas que estão escritas a lápis são do Japão e as músicas que estão escritas à caneta são do Brasil.

Pesquisadora: Por que são separadas as músicas?

Eiko: Eu não queria misturar assim. Eu gosto de separar. Se eu copiei no Japão, é no Japão. Não posso misturar com do Brasil. Igual o “*origami*” (pássaro de papel) que vem tudo misturado e tem que separar. Não quero misturar. Igual à comida do Japão: é toda “separado”.

Pesquisadora: Por que não poderia estar juntando?

Eiko: Porque se juntar, não sei. Alguma coisa dentro de mim fala: “Separa, separa essa coisa.” Então separo.

A Música é: O que você deu?

Eiko: “No final do verão, eu falei com você. Os sonhos do futuro. Eu vou esquecer, o que você deu. O sentido de amor. Depois de 10 anos no mês de agosto vai conseguir ver você de novo. Tem memória legal da sua vida. Ela não esquece de mim”.

A Música é: Diamante Preto.

Eiko: Fala dos pedidos. “O que você quer?”

Pesquisadora: Quais são os seus pedidos?

Eiko: Quero mais o bem da minha família, amigos e professores. De quem eu gosto. Bem do mundo e até dos animais. Se Deus conseguir realizar isso, não preciso pedir nada mais. Só quero isso. Esta é a música do “*Naruto*⁶⁴”.

Pesquisadora: Por que você gosta do “*Naruto*”?

Eiko: É pequeno, é um pouquinho mais chato, depois cresce e ele quer ficar amigo de todos. Quando era pequeno tinha um monstro dentro dele, ninguém gostava dele. Ele tinha um monstro que ia destruir a cidade. Tem uma força interna do “*Naruto*” que é um monstro. Ele esquece que é amigo. Esse monstro entra no “*Naruto*” e quer matar as pessoas. Os professores ajudam prender o monstro. No início ninguém gostava dele. Achei que era triste. Ele era bonzinho. Não queria ser sozinho. Ele ficou forte. Ele lutou com um malvado e não o matou. “*Naruto*” só falou: “não quero que destrua a cidade. Por que você não obedece o meu professor?” Ele conseguiu vencer. Os mortos voltaram para os seus corpos. O malvado morre por “*Naruto*”.

Pesquisadora: Como é o seu esforço?

Eiko: Vou estudar mais um pouquinho. Vou tentar conversar com os amigos e os professores.

Pesquisadora: Você está tentando conversar?

Eiko: Por exemplo: A Letícia fala de tudo: “A minha mãe construiu uma loja. Tenho vergonha. Sou tímida. “O que eles pensam de mim?”

Dia 12/07/2012 (Quinta-feira)

8º Contato com Eiko:

1º Desenho do Rabisco

A pesquisadora iniciou o desenho do rabisco e Eiko o terminou.

Pesquisadora: O que desenhou?

Eiko: Eu fiz um cachorrinho.

Pesquisadora: Onde ele está?

Eiko: Acho que está onde vai comer a comida. Vai comer a carne.

Pesquisadora: Que lugar é este?

Eiko: Dentro da casa do cachorro. Onde ele dorme.

Pesquisadora: Ele tem nome?

Eiko: Não sei.

⁶⁴ *Naruto*: Desenhos, histórias japonesas (Tradução nossa).

Pesquisadora: Que nome daria para este cachorro?

Eiko: “*Naganagai*⁶⁵”. O rostinho dele é comprido. No Japão é comprido. “*Naganaga*⁶⁶” sem o “i” é comprido. O rostinho ficou comprido, “do que o corpo”. O olho está brilhando, quer comer rapidinho. Pensei que ele gosta de comer carne e quer comer rápido. Se está com fome sai saliva”.

Pesquisadora: Você tem cachorro?

Eiko: Na prima tem cachorro e o outro que ela tinha já morreu. Eu tenho o “*shiro*⁶⁷” (*branco*).

2º Desenho do Rabisco

Dessa vez Eiko iniciou o desenho e a pesquisadora o terminou.

Eiko: Pensei que ia fazer um barquinho. Duas pessoas passeando na região norte do Brasil.

Pesquisadora: Desenhei o Japão.

Eiko: Lembro-me das coisas do Japão, professores, amigos, gatos, cachorros e o que tinha.

Pesquisadora: O que você sente mais falta?

Eiko: Nada falta (Percebo que não entendeu o sentido de falta).

Pesquisadora: O que tem mais saudades?

Eiko: As pessoas, amigos, os professores. Sinto saudades da escola, porque tinha as lembranças muito boas e tinha amigos na escola.

Pesquisadora: Hoje é difícil o Brasil para você?

Eiko: Mais ou menos. Porque as pessoas são diferentes do Japão. O país é muito diferente. Exemplo: Não pode brincar lá fora, porque tem mais ladrão. Não dá para passear andando até à escola, na cidade.

Nesse dia nós brincamos com jogo chamado “Uno”, que a própria Eiko trouxe para o nosso encontro.

Dia 19/07/2012 (Quinta-feira)

9º Contato com Eiko:

Pesquisadora: Eiko, você tem alguma dificuldade que ficou marcada quando frequentou a escola japonesa e a escola brasileira?

⁶⁵ *Naganagai*: Nagai (adj) comprido, longo, prolongado (OHNO, 1989, p. 505).

⁶⁶ *Naganaga*: Nagai (adj) comprido, longo, prolongado (OHNO, 1989, p. 505).

⁶⁷ *Shiro*: Cor branca (Tradução nossa).

Eiko: Na escola do Japão não fiquei chateada com os amigos e amigas. Fiquei chateada quando fui voltar para o Brasil. Fiquei chateada, se crescer “quer” me ver. Eu também quero ver. Estou pensando, se conseguir voltar lá no Japão, não vou conseguir ver os amigos. Vão mudar os rostos, altura e o modo com que as pessoas. Na escola do Japão não era quietinha, tinha medo que todos rissem de mim.

Pesquisadora: Eles riam de você?

Eiko: Quando fazia alguma coisa engraçada. Quando caía no chão, nunca riram de mim.

Pesquisadora: O que você falava de engraçado?

Eiko: Contava estórias engraçadas de livros de desenhos do Japão.

Pesquisadora: Parece-me que todos riam junto com você e não riam de você.

Eiko: É. Eu quero ir à faculdade do Japão, não dá para ir agora. Os amigos do Japão, lá têm pessoas que morrem. Não sei se consigo ver.

Pesquisadora: Você fala com esses amigos?

Eiko: Minha escola não usava internet, porque era a partir do quarto ano. Não tinha e-mail.

Pesquisadora: E no Brasil, teve alguma coisa que ficou marcada para você na escola?

Eiko: Na escola fiquei chateada. No começo com todo mundo fiquei um pouquinho. O rosto, a língua, a altura era diferente. Fiquei com medo.

Pesquisadora: Qual era esse medo?

Eiko: As pessoas do Japão não falam as palavras, ficam magoadas. No Brasil já ouvi tanto as palavras burra e chata.

Pesquisadora: Falaram para você?

Eiko: Não. As amigas falam para outras amigas. Fico com medo de ser falada. No Japão falava isso quando a briga era muito terrível. Exemplo: Jogava a cadeira e falava burro, chata e idiota. No Brasil falam brincando essas palavras, não percebem que o outro fica magoado.

Na escola japonesa do “*Nikkei*” a professora parou de dar aulas e os outros professores japoneses foram para o Japão. Estou um pouquinho magoada com isso.

Dia 02/08/2012 (Quinta-feira)

10 ° Contato com Eiko:

Pesquisadora: Eiko, como você se imagina no futuro?

Eiko: Eu quero ir na faculdade do Japão, aprender mais coisas do Japão. Se eu conseguir ir. Senão conseguir ir, quero trabalhar no lugar dos meus pais no Salão comercial. Quando os

pais ficarem velhos, vou trabalhar no salão também. Quando eles ficarem velhos, a metade vai ser minha e a outra da minha irmã.

Pesquisadora: O que você acha disso?

Eiko: Se eu for à faculdade, estou preocupada. Terei alguns anos lá. Quero que a irmã fique trabalhando aqui. A minha irmã disse que quer ir ao Japão. O salão comercial vai ficar sem ninguém trabalhando. Fica com os empregados fazendo as coisas erradas. Fico pensando se eu vou para o Japão, ou se trabalho no salão comercial.

Pesquisadora: Você tem dúvidas?

Eiko: É.

Pesquisadora: Como está a preocupação, pequena ou grande?

Eiko: Está pequena, porque sou criança. Os meus pais são novos. Então, não vou trabalhar ainda. No futuro a dúvida vai ficar maior. Se eu conseguir tirar nota boa na prova de japonês, vou entrar na faculdade com 18 ou 19 anos.

Pesquisadora: Você está indo no “*Nikkei*”?

Eiko: Eu parei de ir ao “*Nikkei*”. Agora, está um pouco com problema, com dinheiro também. Está complicado. Voltamos agora do Japão, o trabalho não dá. O salário não é bom. A gente estava tentando não sair da escola e não sair do “*Nikkei*”. Quando acabar esse ano, vai colocar em outra escola. As pessoas não vem muito. Não acreditam que o salão, não quer fazer festa no nosso salão. Está um pouco complicado. Os salões velhos todo mundo sabe. Dá para acreditar. Nossa loja é novinha. Então é difícil de entrar os clientes que querem fazer a festa.

Pesquisadora: O que pensa de ter que parar com o “*Nikkei*”?

Eiko: Sinto um pouquinho triste. Tenho que segurar um pouco. Quando era pequena pedia qualquer coisa e eles compravam e agora tenho que ajudar um pouquinho. No ano que vem vai colocar novamente no “*Nikkei*”, se conseguir.

Pesquisadora: Como é a sua tristeza?

Eiko: Que não vou conseguir ver o amigo todos os dias. Tem amiga “*Y*” brasileira que fala japonês e português. Ela tem 18 anos. “*R*”, de 12 anos, nasceu no Japão e sabe português e japonês”.

Pesquisadora: Vocês não se encontram?

Eiko: Às vezes dá para encontrarmos. A forma de marcar um encontro não consegue muito.

Eiko: As pessoas que voltam para o Brasil, a gente gosta do Japão. O Brasil era muito quente, falava língua diferente. Eu ficava resmungando essas coisas. Se passar muitos anos no Brasil acaba gostando um pouquinho.

Pesquisadora: O que pensou que fosse encontrar aqui no Brasil?

Eiko: Índios, desertos, índios pelados e que comem bichos. Os japoneses ficavam falando e tinham uma foto também. Eu pensei que fosse assim. Vi uma foto de Cristo: “Nossa! Homem branco que está grande! Está morando lá.” Pensei que tivesse o dourado e o rosa em outras cidades. Acho que tem no Amazonas. É um lugar muito conhecido em outros países. Foi melhor quando chegou (Eiko encontra o mundo real).

Pesquisadora: Como está na escola?

Eiko: A matéria eu consigo entender mais ou menos. Não consigo entender o que está pedindo na pergunta. Vou procurar no dicionário e não consigo entender. Vou procurando e aí já esqueci a primeira palavra que estava procurando.

Dia 16/08/2012 (Quinta-feira)

11º Contato com Eiko:

Pesquisadora: Você foi consultada sobre o retorno para o Brasil?

Eiko: Fui, mas tinha que vir, não tinha jeito. Eu também queria conhecer o Brasil. Porque o Brasil na minha memória, não consigo lembrar nada. Só vendo a foto que consigo entender que estava aqui.

Pesquisadora: Qual foi o sentimento que teve ao ver a foto do Brasil?

Eiko: Fiquei um pouquinho feliz vendo a foto. Vendo a foto eu consegui sentir que era brasileira também.

Pesquisadora: Como é a foto?

Eiko: Por exemplo: eu morava em Bastos. Tinha museu, ossos de dinossauros. Lembrava quando via a foto. Só parte da foto que lembrava do Brasil. Outros não “conseguem” lembrar. (Como se faltasse uma parte de si mesma).

Pesquisadora: Quantos anos você tinha nesta época?

Eiko: Acho que 3 anos.

Pesquisadora: Depois de 3 anos aqui no Brasil, estudando numa escola brasileira, você tem dificuldades?

Eiko: Um pouquinho. Ainda não consigo entender o exercício. Às vezes a professora fala e eu não consigo entender. E a minha língua que falo, o português é muito difícil de entender.

Pesquisadora: É difícil que o outro lhe entenda?

Eiko: Acho que sim. A professora de matemática pediu para cortar o papel e eu cortei “*kirigami*” e o papel dobrado “*origami*”. Eu escrevi um livro, tinha que apresentar o que fez. A minha vez não tive coragem de mostrar para a professora, para entender para os outros. A

professora leu, todo mundo da classe ficou com rosto de dúvida. E disse que era difícil de entender. A irmãzinha disse também. Eu pareço tudo com japonês e a irmã com brasileiro.

Pesquisadora: A professora pediu que você explicasse?

Eiko: “Não. Mas consegui entender. É difícil de entender um pouquinho.

Pesquisadora: Por que fala que é parecida com o japonês e a irmã com brasileiro?

Eiko: Quando era pequena no Japão era igual, até 3 anos. Depois que subi um pouquinho ficou diferente. Ela, a Letícia, estudou coisas de deuses. O Japão não acredita em Jesus, mas os brasileiros acreditam. Eu fiquei parecida com o japonês. Quando escrevo a letra e a irmã, fica muito diferente. A letra fica muito redonda.

Pesquisadora: Cada pessoa tem a sua forma de escrever.

Eiko: Hum? Forma?

Pesquisadora: O jeito de escrever.

Eiko: Mas eu gosto da minha letra. Porque as professoras falam que a minha letra é bonita.

Pesquisadora: E você, acha a sua letra bonita?

Eiko: Às vezes acho bonito. Às vezes tenho um pouquinho de preguiça. Às vezes escrevo um pouquinho feinha.

Pesquisadora: Em relação a viver no Brasil, tem dificuldades?

Eiko: Agora, por enquanto não. Vou ao shopping com as amigas japonesas do “*Nikkei*”. Estou com saudades do “*Nikkei*”. No ano que vem vou voltar, então não me preocupo muito.

Pesquisadora: Como está sendo o contato com a Cizina?

Eiko: Eu achei muito bom. Porque eu não conversava com os brasileiros. Melhorei um pouquinho. O que eu não consigo conversar, converso com a Cizina. Eu acho legal também aqui. Porque eu não conversava com os brasileiros, tinha um pouquinho de vergonha de errar a palavra. Tinha vergonha de falar a palavra: “O que eu faço? Como eu explico essa palavra?” Eu pensava tudo na cabeça em japonês. Eu trocava em português. Quando não consigo trocar uma palavra, não consigo responder. Exemplo: a palavra japonesa “*hottikisu*” significa prendedor de folha. Eu não conseguia trocar essa palavra. Não respondi a pergunta que a amiga deu”.

Pesquisadora: Qual era a pergunta da amiga?

Eiko: No Japão tem coisas gostosas. Roupas que vestia. Eu não conseguia trocar as palavras do Japão para o Brasil. Tem coisas que não tem no Brasil e é difícil de explicar. Exemplo: “DS”, “*games*” (São jogos desconhecidos pelas crianças brasileiras).

Relata-me Eiko que são raras às vezes que participa do recreio e que fica com as colegas de classe. Sempre procura a irmã menor e às vezes passa o intervalo da escola com a prima de 16 anos de idade. Disse-me que têm amigas e citou o nome de 3 colegas.

Eiko: Às vezes elas tem coisas para fazer e eu não quero ir. Às vezes tenho que estudar. Às vezes não quero sair lá fora, não gosto do sol, que é muito forte para mim. No Japão é fraquinho, aqui parece um deserto e acabo ficando com minha irmã e a prima. Eu fico me escondendo do sol. Fico resmungando um pouquinho.

Observações:

Percebo que temos um vínculo bom. Eiko está mais comunicativa nos últimos encontros para a realização da pesquisa.

ANO DE 2013.

No ano de 2012 participei do “*Programa de Desenvolvimento de Apoio Psicológico no Estado de São Paulo voltados aos dekasseguis e seus descendentes que retornam ao Brasil*”. É um projeto da JICA ((Japan Internacional Cooperation Agency), em parceria com a UNESP/Assis (Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita de Filho”). Desloquei-me em setembro para o Japão, por um período de três meses.

Dia 05/03/2013 (Terça-feira)

12º Contato com Eiko:

Nosso primeiro contato após a minha permanência no Japão. A adolescente Eiko está com 13 anos de idade. Está frequentando a 7ª série/8º ano e continua na mesma escola particular. A turma de classe é a mesma do ano anterior. Disse-me que foi aprovada para o oitavo ano, sem ter conseguido atingir a nota média para ser aprovada em ciências.

Esse ano Eiko não irá frequentar a escola japonesa, porque os seus pais estão com dificuldades financeiras.

Pesquisadora: “*Ogenki desuka*”? (Como está?).

Eiko: “*Genki desu*”⁶⁸. (Bem). “*Arigatoo*”⁶⁹! (Obrigada!).

Pesquisadora: Começaram as suas aulas?

Eiko: ”Está” na mesma escola.

Pesquisadora: Como foi o segundo semestre de 2012?

Eiko: Algumas notas vermelhas. Fiquei de recuperação. Minha mãe ajudou estudar. Fiz recuperação de ciências e português. Consegui tirar nota de português, mas de ciências não consegui. Mesmo assim, oitavo ano.

⁶⁸ *Genki desu*: Estou bem! (Tradução nossa).

⁶⁹ *Arigatoo*: Obrigado (a). Forma de agradecimento (Tradução nossa).

Pesquisadora: Como ficou sabendo?

Eiko: A escola telefonou para a minha mãe.

Pesquisadora: Ficou feliz?

Eiko: Fiquei, porque consegui passar.

Pesquisadora: Eiko, como está o português?

Eiko: Está um pouquinho difícil. A professora está na revisão do sétimo ano e para entender é difícil.

Pesquisadora: Para você escrever?

Eiko: Para escrever esqueço o acento em algumas palavras.

Pesquisadora: O que não está entendendo?

Eiko: Tem algumas palavras novas que eu não consegui entender, por exemplo: História. Quando a professora explicou eu entendo, mas quando ela fala não consigo entender, a palavra legislativo, judiciário e executivo.

Pesquisadora: Você conseguiu entendê-las?

Eiko: Já fiz prova periódica e já consegui entender.

Pesquisadora: Hoje você tem dificuldades?

Eiko: Tenho dificuldades de ler na classe, de entender e às vezes de fazer o exercício. É difícil um pouco.

Pesquisadora: Por que ler na classe?

Eiko: Tenho vergonha, ainda um pouco. Já li uma vez que a professora pediu.

Pesquisadora: Como foi?

Eiko: Todo mundo ficou um pouco contente.

Pesquisadora: O que sentiu na hora em que estava lendo?

Eiko: Senti que não posso errar. Tenho medo de ser “*hidoi*” para todo mundo.

Pesquisadora: Eiko, o que é “*hidoi*”?

Eiko: Eu não sei falar em português.

Pesquisadora: Fale do seu jeito.

Eiko: “*Hidoi*” é todo mundo falando que ela errou. Tenho medo de ter sido “zoada”. Uma vez na aula de artes, eu fiquei conversando com as amigas, disse que a voz era pequena.

Pesquisadora: Como assim?

Eiko: A voz muito baixinha.

Pesquisadora: Elas ficaram zoando de você?

Eiko: Elas falaram que também tem vergonha de ler o que está escrito nas apostilas. Eu também tenho que expressar mais um pouquinho.

Pesquisadora: Você percebeu que todos sentem vergonha?

Eiko: Eu achei esquisito quando elas têm que falar e não falam. Elas conversam quando não precisam.

Pesquisadora: Você sente muita vergonha?

Eiko: Alguma coisa não deixa falar.

Pesquisadora: Você tem vontade de falar?

Eiko: Quero falar também, mas tenho medo.

Pesquisadora: Como estão sendo os seus intervalos na escola?

Eiko: Teve uma vez que pedi para amiga lanchar junto comigo e elas me deixaram. Fui ao banheiro e me esqueci de perguntar onde elas iam comer. Eu não consegui encontrá-las. Procurei por alguns minutos. O horário estava passando e lanchei sozinha. Voltei para sala de aula e pedi desculpas para as amigas. Elas também me pediram desculpas, porque não me disseram onde iriam comer.

Pesquisadora: Hoje, você lanchou com quem?

Eiko: Hoje fiquei sozinha. Às vezes eu fico sozinha para ir à biblioteca e ficar desenhando.

Pesquisadora: Você conseguiu lanchar alguma vez com essas amigas?

Eiko: Sim. Eu gostei. Mas quando estava lanchando, os meninos vieram e não tinha lugar para sentar. Tive que mudar de lugar. Perto do banheiro onde tinha um cantinho.

Pesquisadora: Você ficou sozinha nesse cantinho?

Eiko: Não. As amigas também mudaram.

Pesquisadora: Parece-me que não gostou de mudar de lugar?

Eiko: Não. Tinha sombra e ventava mais no lugar

Pesquisadora: Você gostou de mudar do Japão para o Brasil?

Eiko: Ainda um pouco de saudades do Japão também. No Brasil também tem coisas legais, mas acho bom ter mudado para o Brasil também.

Pesquisadora: Quais as saudades que sente do Japão?

Eiko: Ainda o meu tio está lá. O pai do meu primo. Estou preocupada um pouquinho. No Japão acho que vai vir um “*tsunami*” de novo. Eu quero ver os amigos e as amigas. Esse “*tsunami*” é muito grande e faz tempo que não vem. Se vir, o Japão pode sumir. Tenho medo, um pouquinho. Meu avô disse que o Japão está gastando muito dinheiro. As pessoas estão viajando para onde quer. Não sabe quando vão vir. Antes de morrer querem comprar as coisas e viajar. Têm muitas pessoas assim.

Dia 19/03/2013 (Terça-feira)

13º Contato com Eiko:

Nesse dia as meninas chegaram com três álbuns de fotos. Eu pedi as duas crianças que entrassem na minha sala, para vermos as fotos. A maioria das fotos são dos lugares que estiveram no Japão. São parques de diversões, passeios de “*Kimonos*⁷⁰” (Traje japonês) juntamente com a família. A escola japonesa que Letícia frequentava antes retornar para o Brasil.

As duas irmãs fazem o uso dos dois idiomas, a língua japonesa e a portuguesa. Eiko ainda tem muitas dificuldades com a língua portuguesa, e a sua irmã Letícia acaba intervindo na tentativa de compreender e ajudar Eiko.

Eiko diz que frequentou a escola japonesa “*Hoikuen*⁷¹” (Escola do estado) e Letícia estudava na escola japonesa “*Yochien*” (Escola da prefeitura).

Pesquisadora: Como era a escola?

Letícia: Eu tinha preguiça de ir à escola. Eu não queria dormir. Eu chorava. À noite eu não dormia. De dia mais ou menos dormia.

Eiko: No “*Yochien*”, se a Letícia dormia de dia, não conseguia dormir à noite. Eu dormia. Não conseguia dormir, porque era dia.

Letícia: Eu acho que ela pensou assim: Porque é de dia. Quando faz tarefa, não pensa. Não pensa em nada.

Pesquisadora: Como que é isso, Eiko ?

Eiko: Como eu posso resolver? Não consigo! O que vou fazer? Eu quero brincar.

Letícia: Ela pensa: “por que o céu é azul?”

⁷⁰ *Kimonos*: [s] quimono (roupa típica japonesa), roupas, vestuário (OHNO, 1989, p. 357)

⁷¹ *Hoikuen*: Escola infantil (Tradução nossa).

Eiko: Eu fico no mundo da lua.

Pesquisadora: Lá no Japão também ficava no mundo da lua?

Eiko: Também.

Letícia: Ela esquece de tudo.

Eiko: Eu fico conversando com uma pessoa invisível.

Pesquisadora: Como é isso?

Letícia: É o amigo imaginário.

Eiko: São os “ares”. (Eiko fica se abanando como se mostrasse os ventos passando pelo seu rosto e ri)

Letícia: Ele não faz nada. Só fica quietinho. Igual você, Eiko, fica quietinha.

Pesquisadora: Você tem, Letícia, também um amigo imaginário?

Letícia: Não. Na tarefa, eu concentro em tudo!

Estávamos vendo as fotos da escola onde Letícia mostrou vários ambientes juntamente com a turma da classe. Estava uniformizada, usava uma camiseta e um short. Tive a sensação que as crianças ficaram com uma só aparência. Às vezes não conseguia identificar quem era a Letícia entre as meninas japonesas.

Pesquisadora: A sua professora era boazinha?

Letícia: Era boazinha. Ensinava o que podia e o que não podia. Ensinava coisas de Jesus.

Eiko: No Japão é raro as coisas de Jesus. Eu não aprendi nada de Jesus. Letíciaque dizia quem era. Eu pensei que fosse um bonequinho. No “pré” a gente não estuda tanta coisa. Fica só brincando.

Letícia: Porque você não sabe de nada, Eiko.

Eiko: Só aprendeu somar a barra de chocolate.

Pesquisadora: No Japão, vocês eram chamadas pelo nome japonês?

Letícia: Quando entrei na escola me chamava pelo nome.

Eiko: Eu nunca fui chamada pelo sobrenome.

Letícia: Eu tenho ciúmes dela. Porque não fui tanto na escola japonesa. Só um ano e meio. Ela tinha uma tartaruga na classe dela. Eu peguei e fez um fedor.

Pesquisadora: Você queria estudar mais no Japão?

Letícia: Sim. Ter amigas.

Eiko: A Letícia queria fazer “*bukatsu*⁷²”?

Pesquisadora: O que é “*bukatsu*”?

Eiko: Eu estava na quarta série e tinha que fazer várias aulinhas. Fotos, revistas. Eu escolhi ajudar as pessoas. Pegar lixo. Não conseguia ir, porque não conseguia levantar. Dormia. Só fui uma vez.

Pesquisadora: Você, Eiko, era uma boa aluna?

Eiko: Da primeira até segunda série, sim. Da terceira até a quarta fiquei ruinzinha. Porque na primeira e segunda série tinha medo dos meninos e não conseguia falar as coisas. Porque o menino batia na menina.

Letícia: De repente, essa menina virou um menino.

Eiko: Eu já não tinha medo de menino. Eu ficava protegendo a menina. (Eiko ri. Mostra o seu punho fechado e um soco). Eu ganhei um apelido dos meninos que era demônio.

Pesquisadora: Como se sentiu?

Eiko: Eu fiquei um pouquinho triste.

Letícia: Infelizmente era igual.

Eiko: Eu vi no espelho que parecia um demônio. Fiz os socos. Vi que parecia.

Pesquisadora: O que sentiu?

Eiko: Vi e fiz: “Xaxa” (Fez novamente o movimento com os punhos e emitiu um som que representasse o mesmo). Assim. Sete meninos falaram que amavam Letícia. Ela não gosta. Ela gosta de coração e não de aparência.

Letícia: A gente sempre acreditava no Papai Noel. Desenhei um urso colorido, com azul, rosa e verde.

Pesquisadora: Você queria ganhar um urso?

Letícia: Sim. Quando ganhei o presente, percebi que não existia Papai Noel. Dentro da sacola tinha um presente que eu mais odiava. Tinha um peão e um jogo de cartas. Percebi que todo mundo acreditava, que não existia.

Eiko: Eu pedi coisa de bonecos e celular.

Letícia: Eu falei que Papai Noel não existia. Eu acabei contando a estória do ursinho para ela.

⁷² *Bukatsu*: É a abreviação de *kurabu* (club). *Katsudou*, ou atividades em clube. Refere-se aos clubes de esportes, arte e cultura que os japoneses em idade escolar frequentam após as aulas (Tradução nossa).

Pesquisadora: Parece-me que vocês não eram correspondidas.

Eiko e Letícia: Sim.

Eiko: Eu ficava esperando.

Letícia mostra-me a foto de um “*onsen*⁷³”, onde meninos e meninas estão desnudos.

Pesquisadora: Você não ficou com vergonha?

Letícia: Fiquei. Não tinha jeito. Todo mundo reclamava. Eu falei tudo bem. Só preciso do “*onsen*”. A comida no Japão era gostosinha. Não reclamava.

Eiko: Ela não gosta de estrogonofe. A minha mãe fica preocupada pensando qual comida irá fazer. Porque ela não come.

Eiko explica-me que é normal queimar os “*darumas*⁷⁴”(bonecos de que se pintam os olhos). Quando queima um “*daruma*”, vai se realizar o pedido.

O álbum de Letícia só tem fotos do Japão. Passamos para o álbum de Eiko e logo na primeira página do seu álbum tinha fotos de Eiko sozinha e também junto com a sua família no Brasil e as diversas imagens do Japão.

Vimos as fotos de Eiko vestida com trajes japoneses, “*kimono*” branco com flores azuis. Relata-me que visitaram vários parques de diversões. Expressava Eiko em sua face sorrisos de felicidade.

Eiko: “*Kimono*” é das meninas. “*Jinbei*⁷⁵” é dos meninos.

Pesquisadora: O que Eiko você tem mais saudades?

Eiko: “*Sushi*⁷⁶”. O “*sushi*” no Brasil é muito caro. Não estou comendo muito. “*Sashimi*⁷⁷”. Eu como.

Letícia: Comida.

Pedi para que Letícia me aguardasse na sala de espera e que ficaria a sós com Eiko. Depois seria a vez de Letícia.

Pesquisadora: Eiko, quando você vê o seu álbum de fotos, recorda o Japão. O que sente? O que pensa?

⁷³ *Onsen*: [s] Termas (OHNO, 1989, p. 579).

⁷⁴ *Daruma*: É um boneco que representa o fundador do zen budismo na China. Símbolo de concentração e resistência, é usado para fazer pedidos (Tradução nossa).

⁷⁵ *Jinbei*: Traje masculino de verão, pode ser considerado um *kimono* de verão (Tradução nossa).

⁷⁶ *Sushi*: Bolinho de arroz com peixe cru ou legumes (Tradução nossa).

⁷⁷ *Sashimi*: Peixe (m) cru [cortado em fatias]. (HINATA, 1998, p.375)

Eiko: Quero ir de novo ao Japão. Eu quero ir brincar. Tirar fotos. Quero comprar para o meu pai e mãe. Exemplo: Disney, comer.

Pesquisadora: Hoje, você quer ir para o Japão?

Eiko: Ainda quero. Quero ver meus amigos. Brincar no parque de diversão. No futuro ir à faculdade do Japão.

Pesquisadora: Parece-me que sonha muito com o Japão.

Eiko: Sim.

Pesquisadora: Como você se imagina lá?

Eiko: Que o Japão está mais lindo, mais desenvolvido, mais alegre, feliz, assim.

Pesquisadora: E aqui no Brasil, como está?

Eiko: Está um pouco difícil de falar a verdade. O sentido verdade para as pessoas. Tenho um pouco, já me acostumei no Japão. No Brasil tem coisas, costumes diferentes. Não consigo me acostumar muito com os costumes e a cultura. Não consigo ficar muito alegre.

Pesquisadora: Por que está falando que está difícil de dizer a verdade?

Eiko: Minha personalidade tem bastante e “igual eu”. Fácil de falar e comunicar, mais do que no Brasil. No Brasil a personalidade é diferente das personalidades das pessoas. É difícil falar, não consigo muito.

Pesquisadora: Por que não consegue ficar muito alegre?

Eiko: Algumas vezes trago notas vermelhas. A minha mãe não fica muito brava. Fico um pouco triste. Não consigo falar a verdade para amigas e amigos.

Pesquisadora: Do que você tem medo?

Eiko: As minhas ideias são diferentes dos brasileiros. Eu tenho medo. Tenho medo de falar dessa ideia esquisita. Tenho medo de passar que os japoneses têm ideias esquisitos. Então, não falo.

Pesquisadora: Você se sente muito sozinha?

Eiko: Não sinto, mas às vezes sim.

Pesquisadora: Dê um exemplo dessa ideia esquisita?

Eiko: Agora, tem um trabalho de ensino religião. Não sabe de Japão e nem japonês. Eu queria falar várias coisas.

Pesquisadora: Quais são as coisas que gostaria de falar?

Eiko: Se fazer assim, não fica bom. Se achar esquisito, fico um pouquinho triste e não fico falando.

Pesquisadora: Parece-me que tem receio de não ser compreendida.

Eiko: É.

Pesquisadora: Gostaria que as pessoas lhe compreendessem.

Eiko: Fico um pouquinho triste.

Pesquisadora: Você consegue compreender todo mundo?

Eiko: Às vezes. Quando eu não gosto, não.

Pesquisadora: Como seria no Japão? Você seria compreendida?

Eiko: Acho que sim. A gente usa ideia dos outros. Usa de todo mundo. A gente vai indo e consegue fazer.

Pesquisadora: No Japão, você sente que todo mundo pode ajudar a todos. No Brasil você se sente sozinha.

Eiko: É.

Eiko comenta sobre as provas já realizadas na escola e que não foi bem. A prova da leitura do livro tinha o peso de 5 pontos e Eiko tirou a nota 1.7. Na prova periódica de História o valor máximo era 10 pontos e Eiko conseguiu 5 pontos. Disse-me que abaixo de 6 pontos é considerado nota vermelha. Ela relata-me que seus pais estão sabendo e que não ficaram bravos.

Pesquisadora: Qual foi a sua maior dificuldade nessas provas?

Eiko: Dificuldade de entendimento. Também falta de estudo.

Dia 26/03/2013 (Terça-feira)

14º Contato com Eiko:

As duas irmãs Eiko e Letícia como sempre são trazidas pelos pais ao meu consultório, onde após o término do horário combinado esses retornam para buscá-las. Percebo que continua usando a língua japonesa para a comunicação entre eles.

Eiko entra na minha sala enquanto Letícia aguarda a sua vez. Ficamos de conversar sobre a revista do “*Naruto*” que trouxe do Japão para elas. Havia dito que poderia escolher um presente e elas me pediram o “*manga de Naruto*”.

Eiko relata-me que a estória é vivida em cinco países (fogo, vento, água, terra e trovão). “*Naruto*” vai defender o mundo do “*Malvado*” que quer destruir o mundo para acabar com todas as guerras. Diz Eiko que assim matará todo mundo que está vivendo.

A revista está escrita em japonês. Ela leu um parágrafo sem titubear, com uma bela dicção.

Pesquisadora: Você teve dificuldade com a leitura japonesa?

Eiko: Não tive dificuldade de ler.

Pesquisadora: É mais fácil ler o japonês do que o português?

Eiko: É muito mais fácil, porque já estou acostumada e sei bastante o japonês.

Eiko vai dialogando sobre o personagem de “*Naruto*”. Diz que dentro dele há um monstro. Quando criança nem o “*Naruto*” como também o monstro não se gostavam. Os pais de “*Naruto*” foram mortos pelo o monstro interno que vive dentro de “*Naruto*”. Teve uma situação em que o monstro de “*Naruto*” atacou uma cidade e por isso as pessoas não gostavam de “*Naruto*”. Em outro episódio, “*Naruto*” salvou a cidade e todos passaram a gostar dele. Atualmente “*Naruto*” e o monstro são amigos.

Eiko: Eles falam que os seres humanos são todos iguais e cruéis.

Pesquisadora: Você sente que tem algum monstro dentro de você?

Eiko: Não. Porque eu acredito no monstro. Não acredito que tem dentro um monstro. Acredito no monstro de “*haloween*”⁷⁸ e os bonitinhos eu gosto.

Eiko: “*Naruto*” é loiro de olhos azuis. Ele é um pouquinho burro. O amigo dele é inteligente. O “*Naruto*” nasceu burro.

Pesquisadora: Por que ele nasceu burro?

Eiko: Não tirava nota boa. Tirava nota zero. Os pais de “*Naruto*” morreram pelo monstro. Ele ficou com o governo anterior do pai. Ele treina para fica mais forte. Para conseguir controlar o poder do monstro dentro dele.

Pesquisadora: O que você gosta do “*Naruto*”?

Eiko: Fala coisas boas. Fala as tristezas da pessoa. Passou muito tempo sofrendo. “Tinham” pessoas que falavam que não precisavam existir no mundo. Ele fala que entende esse sentimento.

Pesquisadora: Parece-me que está falando que “*Naruto*” compreende a tristeza do outro.

Eiko: Sim.

Pesquisadora: Você sente que está sendo compreendida?

Eiko: Mais ou menos. Consigo falar um pouco com amigos.

⁷⁸ *Haloween*: Festa do dia das bruxas comemorada nos Estados Unidos no dia 31 de outubro (Tradução nossa).

Pesquisadora: Na hora do intervalo tem ficado com quem?

Eiko: Fico dois dias com a Letícia lanchando e dois dias sozinha. Fico um tempo com os amigos e depois fico sozinha.

Pesquisadora: Você não tem vontade de ficar com os amigos?

Eiko: Tenho! Tenho coisas para fazer. Ir à biblioteca. Tenho que estudar japonês.

Pesquisadora: Por que tem que estudar japonês?

Eiko: Para não esquecer e não perder para a minha amiga.

Eiko foi visitar o “*Nikkei Clube*” e viu uma foto da amiga no quadro onde mostra que foi aprovada na prova de proficiência em japonês.

Eiko: Se consegue passar nessas provas, consegue ir para o Japão fazer uma faculdade. Eu tenho o nível cinco e quatro. Agora terei que fazer a prova do nível três que equivale os 6º e 7ºano.

Pesquisadora: Parece-me que é importante você querer ir ao Japão.

Eiko: Quero ir e trabalhar. Ser professora de japonês. Não sei se vou conseguir. Porque se ficar adulta e tímida não vou conseguir dar aula de japonês.

Pesquisadora: Se tivesse que construir um novo mundo. Como você construiria?

Eiko: Eu quero ter no mundo paz. Essas coisas. Sem destruição e queimadas. Gentil com os animais. Sem insetos, porque não gosto muito. Quero todas pessoas felizes.

Pesquisadora: O que levaria para esse novo mundo? Por quê?

Eiko: Várias coisas: Todos os países e aurora boreal. Se ficar à noite daria para ver outros planetas e outras coisas legais.

Pesquisadora: O que não levaria para esse novo mundo? Por quê?

Eiko: Não quero colocar judiação e insetos que são nojentos.

Pesquisadora: O que traria do Japão para o Brasil?

Eiko: No Japão tem judiação. Os japoneses não gostam de pessoas de pele negra. Tem japoneses que fazem judiação. No “*shoogakko*⁷⁹” (Ensino fundamental I) tem judiação com as palavras. No “*chyugakko*⁸⁰” (Ensino fundamental II) batem. No “*Koko*⁸¹” (Ensino médio) morreu um aluno, porque veio de outro país.

⁷⁹ *Shoogakko*: Ensino fundamental, séries iniciais (1º ao 6º ano) (Tradução nossa).

⁸⁰ *Chyugakko*: Ensino fundamental, séries finais (7º ao 9º ano) (Tradução nossa).

⁸¹ *Koko*: Ensino médio (Tradução nossa).

Pesquisadora: Se você hoje fosse para o Japão, o que levaria do Brasil?

Eiko: Histórias que passei no Brasil. As coisas que não tem no Japão. A comida. As músicas não levaria, porque os japoneses não gostam de sertanejos.

Pesquisadora: No Brasil tem outros estilos de músicas também.

Eiko: “Eu só sei música português em ritmo sertanejo. O tio coloca no rádio sertanejo, quando me leva para escola. Não gosto, mas fico ouvindo um pouquinho.

Pesquisadora: Por que não gosta de sertanejo?

Eiko: Acho que não entendo muito. Tem umas palavras feias. O ritmo também não gosto muito.

Dia 02/04/2013 (Terça-feira)

15º Contato com Eiko:

15º Contato com Eiko:

Eiko traz as revistas “*mangas*” escritas na língua portuguesa. Ela vai me relatando as histórias de “*Full Moon*”⁸², sobre uma adolescente que se apaixonou por um rapaz. Os dois são sonhadores, como todos os adolescentes. A moça deseja ser cantora e o namorado visitar os planetas. A moça tem um problema na garganta e é necessário fazer uma cirurgia. Porém, no final dá tudo certo.

Eiko disse que na escola estava normal, mais ou menos. Que lanchou sozinha e foi estudar o idioma japonês na biblioteca.

Pesquisadora: Como foi ler o “*manga*” português?

Eiko: Consegui entender algumas partes e outras não. Se fosse em japonês entenderia tudo.

Pesquisadora: Qual é a parte difícil do português?

Eiko: Onde tem que entender o significado. Tem significado igual e muda as palavras. Não consigo entender. O japonês entendo bem melhor”.

Eiko conta-me que na aula japonesa do “*Nikkei*” a professora estava explicando sobre as formas e diferenças dos cumprimentos dos japoneses em relação aos brasileiros. Que os japoneses confundem o beijar e abraçar como sendo de verdade. Para os japoneses somente quem beija e abraça o outro é porque tem um vínculo amoroso.

Eiko: Eu bati no menino. Eu pensei que fosse de verdade. Eu tinha vergonha. Até em abraçar as meninas. Eu não estava acostumada, porque no Japão não tinha essas coisas.

Pesquisadora: Hoje como você os cumprimenta?

⁸² *Full Moon*: Revista de histórias japonesas (Tradução nossa).

Eiko: Com os meninos faço diferente, dou as mãos. Tenho vergonha. No Japão abaixo a cabeça que é normal. As meninas ainda beijar não. Cumprimento no rosto, só encostando.

Pesquisadora: Parece-me que é difícil o cumprimento aqui.

Eiko: Quando estava estudando no “*Nikkei*” tínhamos a mesma idade. Tinha um menino da minha idade que havia chegado do Japão. Eu brincava de pular as meninas. Ele ficou assustado, porque não estava acostumado. É que no Japão é muito diferente. Essas coisas de abraçar faz no ensino médio. Quando está namorando.

Eiko faz educação física na escola somente com as meninas. Alega que tem medo de fazer junto com os meninos.

Eiko menciona que nos “*mangas*” brasileiros e japoneses as imagens são iguais, porém as palavras e a língua são diferentes.

Eiko: Eu entendo mais o japonês.

Na escola japonesa tirava notas vermelhas na escrita em “*kanji*” e ficou de recuperação até conseguir a média de 6 pontos.

Eiko: “O “*kanji*” era um pouco difícil de aprender, porque veio da China. Confundia com vários outros “*kanjis*”. O adulto tem que aprender o “*kanji*” e dá para entender mais coisas e palavras.

Pesquisadora: Como se sentia no Japão?

Eiko: Não tinha medo. Tinha que fazer a recuperação até tirar nota azul. Eu conseguia. Eu fiz duas vezes. Estava difícil.

Dia 09/04/2013 (Terça-feira)

16° Contado com Eiko:

Eiko traz os seus cadernos de desenhos e uma sacola de jogos japoneses. Eiko parece-me uma adolescente com exímio talento para desenhos em quadrinhos. A maioria são figuras humanas inteiras ou de seus rostos com fortes expressões de raiva, felicidade, susto e tristeza. Eiko utiliza alguns sites da internet e transfere esses desenhos para o seu caderno utilizando a imagem visual. Também faz os seus próprios desenhos. Sempre com muita perfeição.

O seu primeiro desenho feito no Brasil foi de um rosto de uma menina chamada Leo. Diz que ela é forte e legal. Que a força está na consciência e nos braços.

Pesquisadora: Como é à força da consciência?

Eiko: Exemplo: Ela vai na guerra e luta sozinha contra bastante gente. Ela não desiste.

Pesquisadora: Você sente que está lutando sozinha?

Eiko: Não sinto muito. Um pouco.

Pesquisadora: Como é esse pouco?

Eiko: Contra as provas e os exercícios também.

Pesquisadora: Parece-me que essa luta é difícil. Você sente que está conseguindo?

Eiko: Mais ou menos. Às vezes sou derrotada também.

Pesquisadora: O que é derrotada?

Eiko: Quando tem prova e tira nota vermelha. Sou derrotada.

Pesquisadora: Como você fica?

Eiko: Fico um pouquinho triste. Como fala...? Não é “consigo”...

Pesquisadora: Tentar?

Eiko: Sim.

Pesquisadora: Quando você tenta, consegue ou não?

Eiko: Quando tento, percebo que não consigo. Não quero desistir.

Pesquisadora: Você já desistiu alguma vez?

Eiko: Quando tenta, tenta e tenta. Não consigo e desisto. Se crescer mais um pouquinho, volta e faz. Às vezes no mesmo dia. Às vezes demora um ano.

Pesquisadora: Parece-me que precisa de um tempo para poder aprender.

Eiko sorri e afirma que necessita de um tempo para o desenvolvimento do seu aprendizado.

Num outro desenho disse-me que a figura expressa o desejo de vencer. Indago-a sobre o seu sentimento de querer vencer também. Responde-me que sim e que não deseja perder as coisas como as provas e as amizades. Expressa o desejo de vencer nos estudos e na vida.

Pesquisadora: Você está feliz morando no Brasil?

Eiko: Às vezes sim e às vezes não.

Quando Eiko ganha um presente se sente feliz. Cita que não fica feliz quando a professora expressa que não ficou contente com a classe. Que os alunos berram quando ficam sem a professora e ela fica brava. No Japão os alunos permanecem em silêncio quando a professora precisa participar de uma reunião. Que antes, quando frequentava o sexto ano, ficava muito assustada com esses tipos de comportamentos dos alunos brasileiros. Hoje não mais assusta.

Observações:

Eiko está gradualmente mais expressiva, apesar da sua voz ter fortalecido, porém continua trêmula.

Dia 16/04/2013 (Terça-feira)**17º Contato com Eiko:**

Nesse dia a adolescente Eiko acompanhada de sua irmã chega ao meu consultório. Carrega três cadernos em seus braços. Nesses cadernos estão suas produções artísticas, são os seus desenhos. Disse-me ter desenhado aqui no Brasil. Alguns desses desenhos ela mesma criou e outros são olhados na internet e traçados. Ela é uma garota muito crítica, quando não fica do jeito que quer, diz redesenhá-los. Percebo a perfeição dos traços, a expressão marcante nos olhos dessas figuras que parecem mostrar os sentimentos, muitas vezes de alegria como de tristeza, preocupação e raiva. A clareza e leveza dos seus traçados faz reconhecer que Eiko já é uma grande artista. A maioria dos seus desenhos é dos rostos, que parecem falar, ou seja, ter voz.

A cada página pergunto a Eiko sobre o desenho e que o ele está expressando. Eiko mostra-se descontraída e sorridente para falar de seu mundo. Um mundo distante dessa realidade. Parece-me poder ser ela mesma. Não deixo de elogiá-la pelas produções.

O primeiro desenho é de uma menina com nome japonês. Essa menina escorregou no rio e morreu, mas o seu desejo era ver os seus amigos novamente. Diz Eiko: “Os amigos mudaram tudo, a aparência e a personalidade. Ela voltou de novo para realizar o sonho. Esse no último episódio”.

Pesquisadora: Você sente que ela é parecida com você? Tem vontade de ver os amigos?

Eiko: Sim!

Pesquisadora: Fale dessa sua vontade de ver os amigos.

Eiko: Na verdade quero ver. Tenho medo de ver. Se está vivo, se não machucaram, se não ficou pessoa ruim, se eles não se esqueceram de mim. Também quero ir à faculdade do Japão.

Pesquisadora: Você tem amigos específicos?

Eiko: Acho que todo mundo.

Pesquisadora: Quando saiu do Japão, você despediu dos seus amigos?

Eiko: Os amigos não foram até o aeroporto. Na escola abriram uma festa de despedida. Eles mandaram mensagens, “fez” joguinhos e eu dei joguinhos.

Pesquisadora: O falavam as mensagens?

Eiko: “Era legal ficar com você”. “Você era gentil também”. É coisas boas e de verdade que “estava” falando. Mas também não sei se sou gentil e “bonzinho”.

Pesquisadora: Por quê?

Eiko: Têm pessoas que só vê o lado bom e lado ruim. É difícil só acreditar do lado do bem. Muda muito fácil e pode ser mentira. É difícil de acreditar. Se o outro falar eu ainda acredita. Se eu falo é difícil acreditar.

Pesquisadora: Por que não pode acreditar nas suas coisas boas?

Eiko: Ainda quero acreditar. Se o lado bom faz o bem para outras pessoas. Não sei se esse lado é bom ou mau.

Pesquisadora: O que é bom? O que é lado ruim?

Eiko: Ajudar as pessoas. O lado ruim é ficar falando mal dos outros. Judiar dos outros. Não obedecer a mãe e o pai.

Pesquisadora: Parece-me que fica em dúvida qual é o lado que você tem.

Eiko: Uma pessoa tem o lado ruim e o bom também.

Pesquisadora: Você tem os dois lados.

Eiko: Sim!

Passamos para o próximo desenho. Eiko diz que é uma figura de uma menina que tem sonhos. Apresenta uma aparência adulta e que não precisa ter amigos.

Eiko: Todos ficam falando dela. Não é verdade, ela também quer. Não consegue mudar muito a personalidade dela.

Pesquisadora: Você se sente assim?

Eiko: Quero ter mais amigos.

Pesquisadora: Parece-me difícil para você?

Eiko: É um pouquinho difícil. A minha aparência na escola é silenciosa e gelada com todo mundo.

Pesquisadora: O que é aparência silenciosa?

Eiko: Não fala muito. Muito baixinho.

Pesquisadora: E aparência gelada?

Eiko: Exemplo: As pessoas falam: “Vamos brincar?” Eu falo: “Não.” “Não quer mesmo?” “Não.” É gelado com as pessoas. Não quer brincar muito.

Pesquisadora: Você tem vontade de brincar quando te convidam?

Eiko: Tenho! Não gosto de brincar.

Pesquisadora: Parece-me que já fica indisposta a não ir brincar.

Eiko: Sim! Eu gosto de desenhar, “do que” movimentar o corpo e a cabeça. Fico desenhando.

Pesquisadora: Deve ser triste ficar sozinha.

Eiko: É... Mas quando estou desenhando a atenção está toda no desenho. Então, o professor entra na sala e não vejo. Dou atenção aos desenhos. Não consigo ficar ligada a outras coisas.

Pesquisadora: Parece-me que fica distante daqui. Como se não estivesse no Brasil. Distante.

Eiko: Está longe o que eu penso dos sentimentos dos outros. Meus sentimentos no Japão e os sentimentos dos colegas no Brasil. Quando eles vêm conversar diminui um metro. Eles ficam berrando para alcançar os meus sentimentos.

Pesquisadora: Parece-me que eles querem você perto deles.

Eiko: Eu não fico ligando. Fico no cantinho da sala.

Pesquisadora: Deve ser difícil não se permitir fazer contato com o outro.

Eiko: Parece que sim! Na aula de reforço de português me chamou para ir à lousa. A vontade quer ir, mas o corpo não quer ir, não quer mover.

Pesquisadora: Ficou dividida.

Eiko: Todo dia é assim. Penso: “Vou me esforçar”. O corpo fica parado. Não consegue mover.

Pesquisadora: Você já tentou ajudar o corpo a se mover?

Eiko: Já tentei! Fui ao meio do caminho e voltei.

Pesquisadora: Qual é o sentimento que aparece aí?

Eiko: Quero mudar um pouquinho. Ainda está igual quando veio no Brasil, mas o corpo acostumou. Não quer acreditar de verdade. Já acostumou com pessoas do Japão, cultura e língua. O corpo sente mais do que sentimento, não quer fazer mexer.

Pesquisadora: Lá no Japão era diferente?

Eiko: Era bem diferente no Japão. Estou brincando e conversando com os amigos. Estou sozinha no Brasil. Estou juntos com os amigos no Japão. Quando começava a aula todos prestavam atenção. No Brasil berram. Não prestam atenção, então é difícil um pouquinho.

Pesquisadora: Quando você olha e vê que está no Brasil, como que é?

Eiko: Já conversei com a mãe. O meu sentimento e corpo não quer acertar isso. Estou sentindo que estou no Brasil. O sentimento de verdade não quer acertar. Está muito difícil.

Pesquisadora: Se fosse para o Japão hoje, como seria?

Eiko: Fico muito feliz! Acho que até chorar. Fico feliz!

Pesquisadora: O que você imagina?

Eiko: Vou voltar aonde nasci e cresci. Acho que consigo encontrar com amigos e amigas. Brincar de novo nos lugares. Falar o japonês. Fico muito feliz!

Pesquisadora: Você fica sentindo que está lá no Japão?

Eiko: É!

Eiko mostra-me outro desenho de uma garota que tem a cara séria.

Pesquisadora: Que cara você tem na escola?

Eiko responde-me que tem uma cara séria. Novamente a indago, perguntando-lhe o que é séria. Eiko diz que é “Uma cara que não está muito feliz e não triste”. Manifesta a sua preocupação com a prova de geografia e que ainda não estaria gravado em sua cabeça. Pensa que vai esquecer o que já estudou. Menciona que fica muito preocupada e que não quer tirar nota vermelha. Na avaliação de inglês tirou um pouco mais do que três pontos, numa prova que valia dez pontos. Disse-me que está bom, porque aumentou um ponto. Expressa suas dificuldades pela conjugação verbal e que não consegue entender os tempos verbais. Em sua mente pensa que está escrevendo corretamente e depois descobre que estava errado. Cita a palavra “feliz” em inglês, e que escreve do jeito que pronuncia “*hapy*” e que seria “*happy*”⁸³.

Faz um comentário sobre o que pensava que iria encontrar no Brasil. Havia pensado que no Brasil era a época de dinossauros, aqueles dinossauros carnívoros. Quando estava chegando ao Brasil Eiko avistou muitas árvores grandes; que achou legal, porém no Japão não tinha esses tipos de árvores. Também percebeu outros tipos de flores e que foi bom conhecer.

Pesquisadora: Se tivesse dinossauros no Brasil, poderia ser a comida deles.

Eiko: Sim! Mas eu gostava do outro. Daquele enorme, que não é carnívoro.

Observações:

As duas irmãs aguardam os seus pais na recepção. Observo que Letícia quer ensinar a irmã Eiko fazendo perguntas sobre o texto da prova. Às vezes Letícia diz que ela não consegue aprender e tem que prestar atenção. Eiko diante de tudo isso, sorri. Algumas vezes percebo que usam o idioma japonês para se comunicarem e outras vezes, quando tentam entender o significado de alguma palavra do idioma português, buscam a compreensão no idioma japonês.

Dia 23/04/013 (Terça-feira)

⁸³ *Happy*: Feliz (Tradução nossa).

18º Contato com Eiko:

Hoje está frio e Eiko usa uma saia curta, meias grossas e pretas que vão até os seus joelhos, cabelos semipresos. Traz uma sacola cheia de cadernos escolares e tarefas. Pergunto-lhe se não está com frio. Ela me responde que esfriou.

Observo o comportamento nipônico marcante de Eiko e da sua irmã Letícia, sendo que a mais velha ainda permanece contida, porém a mais nova apresenta-se mais descontraída, ou seja, moldando-se a cultura brasileira.

Eiko mostra-me o seu material escolar. Percebo o capricho com que cuida dos seus cadernos, a letra arredondada, o texto todo colorido para destacar os assuntos considerados importantes.

Manifesta Eiko que a classe faz muito barulho e que às vezes fica brava passando a fazer uma letra horrível no seu caderno. Surgem os pensamentos de Eiko: “Por que a classe é barulhenta?” “Eu queria que ficasse em silêncio.” Espera o silêncio da classe.

Eiko relata-me que os professores anteriores a elogiam, à sua caligrafia e que esse ano a professora não tem tempo, não olha os cadernos. Então, não sabe se a sua caligrafia continua bonita.

Na sexta série, Eiko recebeu uma ocorrência na disciplina de língua portuguesa, porque fez uma menção de “não” com a cabeça quando a professora pediu que lesse verbos. Com a disciplina de matemática recebeu a segunda ocorrência, porque se esqueceu de fazer a tarefa. A forma de calcular a divisão no Japão é diferente da forma brasileira. Eiko enfatiza que sofreu muito para aprender matemática e que chorava muito, porque a sua mãe não conseguia compreendê-la. Argumentava Eiko com a sua mãe que a divisão do Japão era diferente da divisão do Brasil. Em suas lembranças traz pensamentos que não havia aprendido: “Não sei fazer essa coisa”. A matemática significa “*coisa*”, diante de tantas dificuldades. Surge o sentimento de desprezo para com as exatas. Afirma: “Aprendi divisão chorando”.

Pesquisadora: Parece-me, Eiko, que a sua mãe não pode entender que era diferente a forma de divisão do Japão e do Brasil.

Eiko: Não! Eu vi na apostila do Japão e mostrei para a minha mãe. Ela entendeu. Foi no ano passado. No quinto ano ficava pensando e a aula acabava. Não vi essa conta. Como posso fazer? O que significa? É menos? É mais? Não perguntava. Pensei: “Acho que é uma forma do Brasil. Acho que não é de menos e não mais”.

Pesquisadora: Parece-me que se sentiu sozinha. Como se não tivesse ninguém para lhe ajudar.

Eiko: Sim! Teve um formulário e tive que escrever, eu não entendia o que era “emprego”, só “trabalho”. O sétimo ano era muito difícil.

Nesse questionário tinha uma pergunta que era sobre o tipo de raça e Eiko ficou se imaginando nas cores, amarela, branca e negra. Optou por branca. Ela ri e fala que não sabia, portanto sente que mentiu na escrita. Hoje sabe que sua raça é amarela. Ela cita um exemplo

dos degraus da escada, que está nos primeiros degraus e os colegas nos degraus acima, e que a prova está classificada por Eiko como décimo degrau.

Dia 30/04/013

19º Contato com Eiko:

Eiko fala dos contatos que está tentando fazer através do “*facebook*” (Site de relações sociais) com outras crianças que já foram para o Japão. Porém, é através da irmã Letícia que sabe como funciona o “*facebook*”. Disse-me que abriu uma conta no “*facebook*” nesse mês de abril, porque já tinha e-mail e o “*Orkut*” (Site de relações sociais).

Eiko diz que as pessoas começaram a lhe perguntar sobre o endereço de seu “*facebook*” e resolveu ter seu próprio endereço, porque ficou popular.

No “*facebook*” costuma conversar com um amigo descendente de japonês que conheceu no “*Nickey Clube*”, porém ele não responde as mensagens que recebe. Esse amigo é um ano mais novo que Eiko.

Eiko: “Você está bem? Responde alguma coisa! Se não responder, vou entrar no meio do seu “*facebook*” e vou aprontar. Se eu encontrar com você vou te dar um chute.” Ele (Menino) falou para a amiga. Ele disse que não quer encontrar Eiko. Se eu encontrar com Eiko ela disse que vai me matar.

Pesquisadora: Parece-me que você espera uma resposta dele.

Eiko: Uhum.

Pesquisadora: Vocês vivem como o gato e o rato. Quem é o gato dessa estória?

Eiko: Ele é o rato. Ele é mais inteligente de português. Eu sou inteligente de japonês. O gato tenta pegar o rato, mas o rato está com o cachorro e não consegue.

Pesquisadora: Eiko, parece-me que pegou uma pessoa para conversar com você que não fala.

Eiko: Uhum. (Ri)

Pesquisadora: Por que ele não consegue falar?

Eiko: No Japão fala “*gemu baka*⁸⁴”. As pessoas adoram jogos até ficarem loucas.

Pesquisadora: Então, ele é um “*gemu baka*”!

Eiko: Ele fez o pedido para o “*faceebook*”. Eu fico um pouquinho brava no computador. Parece que estou conversando sozinha. Parece que estou conversando eu mesma e por isso fica brava.

Pesquisadora: Qual a sensação de conversar com você mesma?

⁸⁴ *Geemu baka*: De game ou jogos [*geemu*] e bobo [*baka*], denota meninos que são viciados por jogos de videogames (Tradução nossa).

Eiko: É um pouquinho esquisita. Parece que estou conversando com “eu”.

Pesquisadora: E fora do computador, você tem conversado consigo mesma?

Eiko: Eu fico conversando com o cachorro. Oi “*Shiro*”! Você está bonitinho! Mas eu não entendo as palavras dos cachorros!

Pesquisadora: Por que fica conversando com “*Shiro*”?

Eiko: Não consigo sentir que os cachorros são animais. Parece-me que é família, ser humano. Ele também entende um pouquinho o que a gente fala.

Pesquisadora: Quando você procura o “*Shiro*” para conversar?

Eiko: Quando “vê” ele passando na frente e dá vontade de conversar.

Pesquisadora: Por que pensa que “*Shiro*” está entendendo alguma coisa?

Eiko: Desde bebê a gente ensinou a sentar, pular, dar as patinhas.

Pesquisadora: Quando não entende, o que pensa?

Eiko: Quando ele não entende ele faz assim com a cabeça e os olhos, que não entendeu. Fico um pouquinho triste que não entendeu. Às vezes acho bonitinho.

Relata-me que “*Shiro*” entende mais o idioma japonês e pouco o português. Que o cachorro desde pequeno só ouvia a língua japonesa. Argumenta que o cachorro parece gente. Quando pede para obedecer aos seus comandos fica chorando ou bravo para não realizar. Que quando era bebê ele obedecia. Diz Eiko: “O português ele ouve, mas não sabe”.

Pesquisadora: Você se sentiu igual ao “*Shiro*”, ouve o português, mas não sabe?

Eiko: Sinto muito! É ruim! Eu não entendi o que estava escrito. “Eu sou fiel”. O que é fiel? É muito ruim! Se não entender, não dá sentido nada. Se não entender a fala, só fica vendo desenho.

Pesquisadora: Parece-me que não pode compreender o sentido completo. Sentindo que compreende as coisas pela metade.

Eiko: Uhum.

Pesquisadora: No Japão, aconteceu isso?

Eiko: Quando estava no Japão entendia, mas não conseguia responder. Estava no infantil. Tinha 3 ou 4 anos.

Pesquisadora: Como fazia?

Eiko: Respondia com a cabeça, mãos (gestos).

Pesquisadora: Qual foi mais difícil, o Japão ou o Brasil?

Eiko: Quando voltou para o Brasil foi mais difícil. Eu não entendi nada. Os amigos e amigas pediam para trocar para o japonês (os amigos pediam para falar o japonês, traduzir o português para o japonês). Era difícil fazer, mas fazia. Não gostava, porque tinha que pensar. Só sabia algumas palavras em português. Não sabia as regras, os costumes. Ainda está sendo muito difícil. É mais fácil acostumar com os costumes, um ano... Estava muito tempo no Japão. Não pode tirar os sapatos. Não pode dar descarga no vaso com papel higiênico. Não sabia o banheiro masculino e feminino. Eu entrei no banheiro de homem. Se tem figuras, tudo bem! Foi numa loja. Pensei: “Banheiro de menino. Sabia o que era mulher, menina e menino e homem. Não sabia masculino e feminino. A porta do banheiro é diferente. No Japão quando está ocupado fica vermelho e azul quando está sem ninguém. Já fui devagar na porta e tinha uma pessoa, me assustei.

Pesquisadora: Você fala que estranhou muito o Brasil. Você ainda estranha?

Eiko: Às vezes um pouquinho. Quando anda de carro fica barulhento. Fazer coisas que não vi no Japão.

Dia 07/05/2013 (Terça-feira)

20º Contato com Eiko:

Eiko traz uma sacola e dentro dela estavam dois jogos japoneses. Conversamos inicialmente sobre a sua reprovação. Eiko reprovou a 4ª série/5º ano. Não sabia o que era uma reprovação, dizendo que não manifestou nenhum sentimento e que no momento não considerava importante essa situação.

A primeira vez que Eiko ouviu a mãe dizer que iria voltar para o Brasil estava na primeira série, e que quando chegasse na sexta série iria retornar para o Brasil. Argumenta que faltava um mês antes da viagem de partida para o Brasil, quando ouviu de verdade. Na época estava no início da quarta série no Japão. Até então não sabia.

A princípio Eiko sentiu-se feliz, queria ver o Brasil novamente. Porém, sentiu saudades ao deixar os amigos.

Eiko: Pensei que fosse morar no Brasil e depois voltar para o Japão.

Eiko percebe que não poderá voltar ao Japão após um ano estando morando no Brasil; que não pensou sobre o que os pais vieram fazer no Brasil.

Pesquisadora: Por que pensou que fosse retornar para o Japão?

Eiko: Eu acho o Japão minha casa.

Pesquisadora: Como considera o Brasil?

Eiko: Um país diferente.

A adolescente diz que pensou que as cidades brasileiras fossem mais bonitas que as cidades japonesas. Viu ruas sujas e feias. Porém, gosta da natureza do Brasil, do arco-íris que só viu uma vez no Japão, neblina, cachoeiras, etc...

Eiko ensina-me jogar “*game*” e a construir fotos nesses jogos. É interessante que Eiko tira uma foto minha e junta com uma foto dela. Minha aparência é de uma mistura japonesa com a brasileira. “Eu e ela misturadas numa só imagem”.

Dia 04/06/2013 (Terça-feira)

21 ° Contato com Eiko:

Depois de um mês sem termos contato, Eiko chega com uma sacola onde trazia um jogo eletrônico japonês para brincar comigo.

Algumas de suas notas bimestrais foram:

Geografia: 7,45;

Ciência: 4,0;

História: 5,25.

A adolescente fala que a mãe fica um pouco brava; que a mãe falou em japonês para estudar mais: “*moto benkyooshite*⁸⁵”.

Ela relata-me que ficou um pouco chateada, porém, não muito, porque tirou notas vermelhas. Pensa em não ficar para recuperação.

Pesquisadora: O que não entendeu?

Eiko: Tinha falta de estudo também. Algumas esqueci e confundi. Tinha algumas coisas de palavras. Eu escutei, escrevi na apostila, mas não sabia o que significa.

Pesquisadora: Parece-me que está difícil de entender os significados.

Eiko: Uhum.

Eiko diz sentir-se preocupada e com dúvida e que não dá para perguntar para a professora na prova.

Eiko: Amanhã terá prova de inglês. Eu não sei ler e nem escrever. Não consigo entender muitas coisas.

Pesquisadora: Você fica sem entender?

Eiko: Às vezes sim. Às vezes não. Eu não quero perguntar. Espero um pouquinho a professora, quando está explicando para alguém. Essa mesma pessoa está perguntando para ela e eu não preciso perguntar.

⁸⁵ *Moto benkyooshite*: Estude mais (Tradução nossa).

Disse-me que ainda não fez prova de português.

Pesquisadora: Quais dessas provas são mais difíceis para você hoje?

Eiko: Todas.

Pesquisadora: Matemática está difícil?

Eiko: Agora está um pouquinho difícil, porque dividiu em geometria.

Pesquisadora: No Japão, qual a disciplina que era a mais difícil?

Eiko: Acho que era o “*Kokugo*” que é a língua do país. Tinha “*Kanji*”. Eu tinha mais dificuldade em “*Kanji*”.

Pesquisadora: Por que tinha dificuldades em “*Kanjis*”?

Eiko: Eu achava difícil. Tinha que decorar para a prova. Na vida inteira tinha que deixar lembrado. A forma de escrever é diferente. Tem iguais e isso é muito difícil.

Eiko disse-me que na escola japonesa havia uma classe internacional, onde crianças de outros países aprendiam o idioma japonês. Eiko era uma das crianças que frequentava a aula de reforço para aprender a língua japonesa. Também diz que não sabia nada em relação ao ano que se encontrava na escola. Não sabia se estava adiantada ou atrasada. Tudo era muito confuso.

Eiko: Eu estou aprendendo e esquecendo coisas que aprendi no 6º e 7º ano. Estou esquecendo.

Pesquisadora: Por quê?

Eiko: Se eu aprender coisas novas, esqueço que aprendi no passado.

Eiko retira o seu jogo eletrônico da sacola e ensina-me a brincar.

Dia 11/06/2013 (Terça-feira)

22º Contato com Eiko:

Nesse dia Eiko chega e pede para deixar a sua irmã Letícia entrar junto com ela. Ela justifica que tem um jogo de cartas japonês e que são necessários três pessoas para jogá-lo. São cartas escritas em “*hiragana*”, que apresentam desenhos de demônios japoneses. Essas figuras de demônios são representações de figuras humanas de um olho só, fantasmas, etc...

Eiko se preocupava em me explicar todos os detalhes das figuras. Relata-me que esses jogos são comuns no Japão; que Letícia ganhou da professora.

A regra do jogo é procurar as letras que estão escritas em “*hiragana*” o mais rápido possível. Eu e Letícia empatamos.

Eiko relata-me que descobriu que no teto da sua casa tem várias teias de aranhas. Elas ficam no alto do corredor.

Pesquisadora: Vocês gostam da casa?

Eiko: Agora, já estou mais acostumada. A casa é diferente. O cheiro do Japão é um pouquinho de chuva.

Letícia: No Brasil cheira muito fedido. Não tem esgoto. Cheira “xixi” e “cocô”.

Pesquisadora: No Japão tem cheiro de esgoto?

Eiko: Não cheira no Japão. Lá o lixo tem lugar para por. Às vezes voltava da escola estava cheirando um pouquinho, mas não era esgoto.

Quando terminamos de brincar com o jogo de cartas, disse-lhes que ensinaria uma brincadeira de escrever o mais rápido possível os nomes de coisas. Como os nomes de pessoas, animais, flores, cidades, etc... Nós usamos o alfabeto e incluímos as palavras japonesas.

Elas demonstraram interesse em aprender a brincadeira, pois as crianças da escola brincam e elas desconheciam o jogo. Essa troca com as crianças, de receber e também dar, é de extrema importância para o conhecimento de ambas as partes. As crianças estavam descontraindo, brincando e aprendendo o “brincar brasileiro”.

Dia 25/06/2013 (Terça-feira)

23º Contato com Eiko:

As irmãs não puderam vir nessas duas semanas anteriores por impossibilidades dos pais para trazê-las.

O Japão havia jogado com o Brasil no domingo, dia 23 de junho de 2013, na Copa das Confederações. Questiono Eiko sobre para qual time torceu para ganhar a partida. Ela me responde: “Se torcer, quer torcer no Japão”.

Disse-me que não assistiu ao jogo, porque a televisão não passa esse programa. “Na verdade não tem nenhum programa. A gente fica assistindo o CD de “*Anime*”⁸⁶ (animação japonesa).

Pesquisadora: Por que torce para o Japão?

Eiko: Porque é meu país.

Pesquisadora: O Brasil ganhou de 3 a 0 contra o Japão.

Eiko: Eu acho o Brasil forte.

⁸⁶ *Anime*: Desenhos animados transmitidos em vídeo (Tradução nossa).

Pesquisadora: Quem você acha que vai ganhar, Brasil ou Japão?

Eiko: Acho que Japão. Eu acho 30% de vencer. O Japão também ficou forte. Se perdeu do Brasil, acho um pouquinho fraco.

Nesse dia Eiko traz uma revista de piadas que ganhou da tia materna. Ela lê algumas piadas simples e ri e outras piadas não consegue entender. Procuro ajudá-la na compreensão da língua portuguesa. Somente após a explicação de algumas palavras que demonstra em sua face sorrindo que teve um significado.

Relata-me as suas dificuldades em geografia com as definições das chuvas e tipos de correntes marítimas. A nota da avaliação de português foi de 3,4 numa pontuação de 10.

Eiko: Difícil diferenciar objeto direto de complemento nominal. Adjunto adverbial é parecido.

Pesquisadora: Você está entendendo?

Eiko: Estou aprendendo coisas.

Pesquisadora: Você entende o significado das palavras?

Eiko: É um pouquinho difícil.

Dia 02/07/2013 (Terça-feira)

24º Contato com Eiko:

Comentamos sobre a forma de cumprimentos. Questiono o cumprimento japonês em relação ao brasileiro. No Japão as pessoas se cumprimentam fazendo uma menção com a cabeça, enquanto no Brasil é usado o aperto de mãos e beijo no rosto.

Eiko relata-me que quando chegou ao Brasil e viu esse cumprimento de se beijarem no rosto não teve dúvidas que essas pessoas eram namorados.

Eiko: “Pensou” que está namorando. Demorou muito tempo para descobrir. A minha mãe falou que não era namorado. Veio uma menina querendo me beijar, eu fiquei fugindo.

Relata-me que hoje já se acostumou com isso. Pode cumprimentá-la pelas duas formas.

Pesquisadora: O que pretende fazer nas férias?

Eiko: Nas férias estudar um pouquinho de japonês, que está esquecendo e brincar um pouquinho.

Pesquisadora: Parece-me que você tem medo de esquecer a língua japonesa.

Eiko: Para mim o japonês é uma ponte que atravessa a língua portuguesa. Não quero quebrar.

Pesquisadora: Como que é essa ponte?

Eiko: Para mim, não consigo falar inglês e nem entender, não dá certo. Falta a língua portuguesa e a japonesa. Para aprender a língua portuguesa, tem que usar a língua japonesa. Exemplo: Uma palavra que não sabia, pergunto para a minha mãe e ela traduz. A minha mãe explica em japonês para entender mais fácil o português.

Pesquisadora: Você sente que precisa do japonês para entender a língua portuguesa.

Eiko: É.

Pesquisadora: Quando não sabe a palavra na língua japonesa e nem a portuguesa?

Eiko: Se é palavra em japonês, se não entender, fico procurando no dicionário japonês. Em português não consigo. O dicionário explica difícil. Pra mim, não “entende”.

Pesquisadora: Então, você fica sem entender.

Eiko: É.

Nesse dia Eiko trouxe um jogo de xadrez. Ela vai me explicando todas as regras da brincadeira.

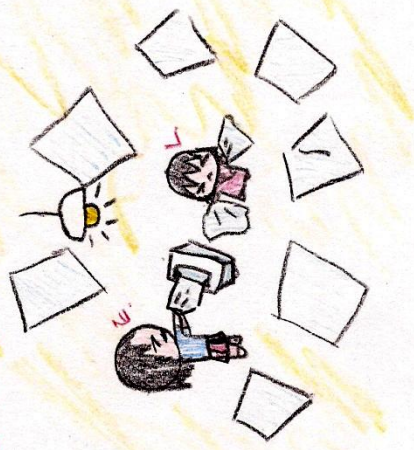
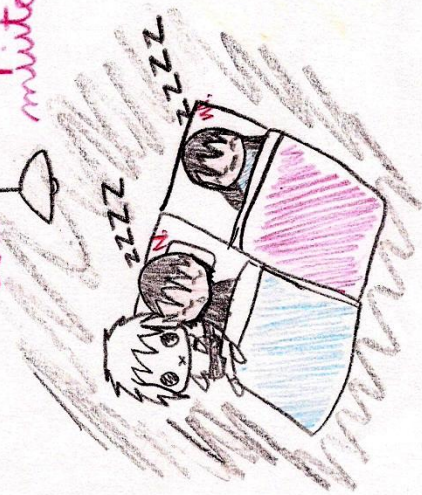
Chegada no Brasil 31/5/2012

Sai feliz, porque as tias são
O Brasil, sente que é um
muito diferente de Japão.
No 1º dia que não no Brasil
não consegue dormir e fiquei
brincando com a Vermanzinha



A degada no Espaço 31/5/2012

Eu nasci no Espaço, mas voltei no Brasil rápido e no Brasil nasci adivina!
Eu apresentava muito e as vezes adivina, ajudavam depois de acaí bary de apontar, a minha mal ficava muito brava.



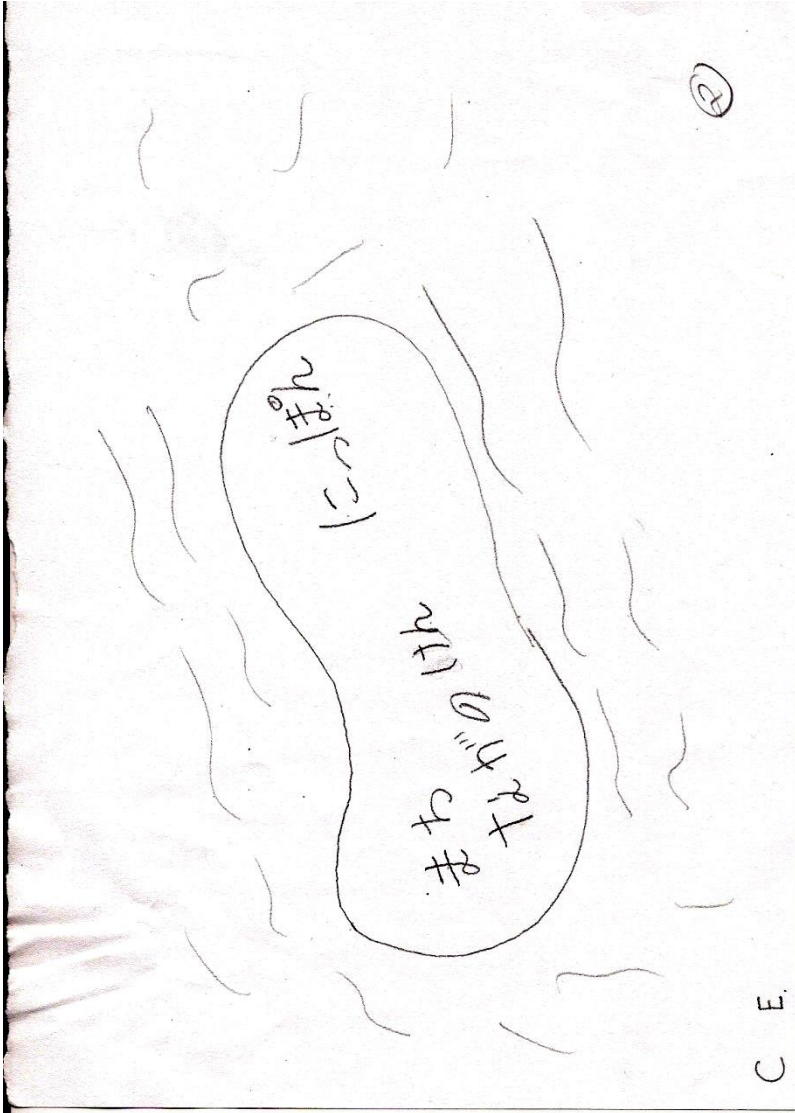
11/16/2012



Li



E. 12/7/2012



②

ANEXO C - 1ª Entrevista: Filha – Letícia

Dia 03/05/2012 (Quinta-feira)

Letícia nasceu na cidade de Tupã, no Estado de São Paulo, Brasil. Os seus pais retornaram para o Japão quando Letícia tinha sete meses de vida, e assim, permaneceram no Japão por mais 6 anos. Quando Letícia retornou para o Brasil, ingressou na primeira série do ensino fundamental. A criança havia frequentado somente escola japonesa e a comunicação no lar com os pais era com a língua japonesa. Letícia está cursando a 4ª série/5º ano de uma escola particular, aos 10 anos de idade. Letícia havia iniciado a primeira série no Japão e por isso não estava totalmente alfabetizada na língua japonesa como a sua irmã Eiko. Entretanto, seus comportamentos e traços nipônicos são distintos da cultura brasileira.

Letícia é uma criança de estatura baixa e comunicativa, o que facilita para se relacionar com as pessoas. O seu comportamento é delicado, parecido com o jeito de ser das crianças japonesas. Seus cabelos são longos e negros.

A primeira entrevista com a criança foi gravada. Teve a duração de 6 minutos.

Entrevista

1) Você está sentindo alguma dificuldade de adaptação no retorno ao Brasil?

Letícia: Eu tinha dificuldade, mas com família é melhor ficar sem dificuldade. Fico perguntando pra a minha mãe e pra o meu pai.

Pesquisadora: Quais são as dificuldades que você tinha?

Letícia: Japão e o Brasil é diferente, então eu achei “no primeiro” entra na casa sem sapato.

Pesquisadora: Lá no Japão?

Letícia: (Menção com a cabeça afirmando).

Pesquisadora: E aqui?

Letícia: Entra com sapato.

Pesquisadora: Você viu essa diferença e qual é a dificuldade?

Letícia: A dificuldade era saber português.

Pesquisadora: Você não sabia português?

Letícia: Não.

Pesquisadora: O que você falava no Japão?

Letícia: No Japão eu só falava japonês.

Pesquisadora: Você falava só o japonês! Você chegou aqui e já entrou na escola?

Letícia: Não rápido, mas eu entrei de 8 anos (7 anos).

Pesquisadora: Como foi para você?

Letícia: Pra mim era difícil ter amigos, mas a minha mãe ensina português, então os meus amigos entenderam muito bem.

2) Você poderia me descrever detalhadamente as dificuldades que está sentindo e o que você atribui essas dificuldades? O que ocorreu para que essas dificuldades aparecessem?

Letícia: Para dificuldades aparecerem eu primeiro não tinha aprendido muito o português, por isso eu chorava quando não aprendia português. Por isso quando ia na escola tinha um monte de palavras que não sabia então e eu colocava na cabeça e falava para minha mãe.

Pesquisadora: E você chorava?

Letícia: Chorava quando não aprendia o português era difícil de escrever.

Pesquisadora: O que você fez para aprender o português?

Letícia: Eu estudei mais ou menos com minha mãe e com irmã, fui aprendendo e quando quase há 4 anos, eu tava mais ou menos estava aprendendo.

Pesquisadora: Quando chegou você disse que não sabia o português. Como você fez para conversar com o seu amigo?

Letícia: Minha mãe comprou um livro de português. Eu não sabia ler, mas a minha mãe falou como era a letra então eu consegui ler mais ou menos.

Pesquisadora: E hoje?

Letícia: Hoje está muito fácil para ler e pra escrever.

Pesquisadora: Você fala bem o português?

Letícia: Eu não sei, mas acho que falo mais português do que o japonês.

3) Como lida com essas dificuldades? O que faz para superá-las? O que você faz para estar conseguindo vencer essas dificuldades?

Letícia: Nessas dificuldades tem um monte de palavras que não pergunto para a minha mãe e por isso eu tenho que procurar no dicionário e tem palavra de novo que não entendo, por isso procuro de novo no dicionário, aí então, entendo o que é.

Pesquisadora: Você é japonesa ou brasileira?

Letícia: “Brasileira”.

Pesquisadora: Por quê?

Letícia: Porque eu nasci aqui.

Dia 10/05/2012 (Quinta-feira)

2º Contato com Letícia:

Pesquisadora: Você tem amigos?

Letícia: A classe inteira sabe o meu nome e eu gosto de ficar conversando com eles.

Pesquisadora: Você acha que seus amigos a compreende?

Letícia: Sinto, quando meus amigos colaboram e meus pais também, eu aprendo o português, mas acho que é um pouquinho difícil e por isso tenho que estudar.

Pesquisadora: O que acha difícil no português?

Letícia: As palavras “R” e “L”, ficam muito difíceis de falar.

Pesquisadora: Quer falar mais alguma coisa?

Letícia: Eu vim no Brasil, eu sou feliz, aprender brasileiro e encontrar com novas pessoas.

Pesquisadora: Você gosta do Brasil?

Letícia: Primeiro não gostava, agora gosto. Achava que o Brasil era diferente do Japão, não sabia o que era. Eu não gostava então.

Pesquisadora: Você mora na casa da tia?

Letícia: Sim. No Brasil fico chateada, porque no Brasil tem muita grama e fica coçando a minha perna.

Pesquisadora: Como foi a sua chegada à escola?

Letícia: No primeiro dia, sentei na primeira carteira, não estava acostumada com as pessoas, eu não sabia quem era no lanche e no recreio. Comecei a falar com elas e elas tornaram minhas amigas. Foi difícil, porque as minhas amigas só falavam o português e eu não entendia.

Pesquisadora: Foi difícil?

Letícia: Eu queria falar em japonês, mas eles não entendem. Eu falava a palavra mais fácil.

Pesquisadora: Quais eram as palavras?

Letícia: A palavra era “compreensão”, “ritmo” e “felicidade”. Não entendia. Entendia só “feliz”.

Pesquisadora: O que é felicidade?

Letícia: Felicidade para mim, é uma felicidade de vir aqui no Brasil. Feliz para mim, é ir junto com a minha família e ir na escola.

Pesquisadora: Lá no Japão você tinha amigos?

Letícia: Tinha muitos amigos. Eu ficava no grupo. Brincava com várias pessoas. Gostava mais de brincar com as meninas.

Pesquisadora: Quais eram as brincadeiras?

Letícia: Areia, desenhar e parque. Tinha pessoas que eu não conhecia. Eu também não entendia as palavras do Japão. A palavra “*kanji*”, eu não sabia. Perguntava para minha mãe e irmã e elas não sabiam, procurava no dicionário e não encontrava.

Pesquisadora: Como se sentia quando não encontrava no dicionário.

Letícia: Sentia que minha mãe podia ensinar japonês. A minha mãe me ensinou algumas palavras em português. “Oi”. Só entendia “oi”.

Pesquisadora: O que você gostou no Japão?

Letícia: Onde eu morava. As comidas eram gostosas e a casa da minha avó.

Observações:

Quando terminamos, Letícia liga para o pai vir buscá-la. Ela fala em japonês no telefone: “*Moshi-moshi*⁸⁷”, “*owata*⁸⁸”, “*wakata*⁸⁹”. (Alô! Acabou. Entendi).

Dia 22/05/2012 (Terça-feira)

3º Contato com Letícia:

Contei para Letícia a estória de “*Urashima Tarô*”. Ela prestou atenção no conto.

Pesquisadora: O que pensou da estória de “*Urashima Tarô*”?

Letícia: Nesta estória, esse moço ajudou a tartaruginha. Ele não poderia aceitar o convite da princesa. Se eu fosse ele não teria aceitado. Passaram 300 anos, vou ficar triste, não vou ter pai, mãe e irmã. Vou achar esquisito”.

Pesquisadora: Como você resolveria?

⁸⁷ *Moshi moshi*: Alô! Alô! (Tradução nossa).

⁸⁸ *Owata*: Do verbo *owaru* significa fim, terminar, concluir (Tradução nossa).

⁸⁹ *Wakata*: Do verbo *wakaru* significa entender, saber. (Tradução nossa).

Letícia: Só iria no fundo do mar um ano; ou um dia para conhecer a princesa.

Pesquisadora: Você iria ficar pouco tempo?

Letícia: Sim.

Pesquisadora: O que pensa sobre isso?

Letícia: Eu acho que ele se sentiu muito triste. Ele viu as construções e os lugares. Eu ficaria muito triste também. Ele também tinha vida bem curtinha. Ele passou a vida no castelo da princesa.

Pesquisadora: Você mudaria a estória?

Letícia: Sim. Ele foi para o mar. Ele voltou de primeiro dia. Os pais preocuparam e o encontrou. Ele passou o resto da vida bem feliz.

Pesquisadora: Letícia, seus avós chegaram?

Letícia: Sim. Eles estão bem. Eu estou bem alegre, porque eles voltaram. Eu fico ajudando a minha tia e meus avós.

Pesquisadora: Você estava com saudades?

Letícia: Muitas saudades! Três anos que não os vejo. Eles mudaram também para o Japão. Eles viveram a vida feliz. Eu também vivi uma vida feliz nestes três anos (Aqui no Brasil).

1º DESENHO: A chegada ao Brasil

Pedi para Letícia desenhar a chegada ao Brasil.

Pesquisadora: O que desenhou?

Letícia: Eu.

Pesquisadora: O que você está fazendo?

Letícia: Eu estava suando com o calor do sol do Brasil. Eu tinha que tomar muita água, estava muito suado. Tinha chegado ao Brasil. O avião estava bem limpo. Quando estava no avião estava aliviada e quando saí estava com calor. No avião tem ar condicionado. Quando ficou de dia, ficou muito calor.

A criança inicia o desenho pela figura da menina, sol e avião. Pedi que Letícia escrevesse na folha.

Letícia: Quando cheguei ao Brasil era muito calor. Eu achei que o Brasil fosse frio como Japão e quando eu estava no avião eu estava bem aliviada, porque o avião tinha ar condicionado.

2º DESENHO: A chegada ao Japão

Pedi que Letícia desenhasse a chegada ao Japão.

Pesquisadora: Quem é essa?

Letícia: Eu.

Pesquisadora: O que está fazendo?

Letícia: Eu estava caminhando junto com a família. Quando havia chegado no Japão, acho que era verão, porque era muito calor. A primeira coisa que fiz lá, fui até a casa e um “*depaato*” (Loja). Eu ficava brincando. Eu tinha quase um aninho e estava com sono.

Pesquisadora: Por que o sol um está desse jeito preenchido e o outro não?

Letícia: Porque o sol no Japão é diferente.

Pesquisadora: Como diferente?

Letícia: O sol do Brasil é calor. O Brasil é mais quente.

Letícia: Quando eu cheguei no Japão era quente, porque o Japão estava no verão. E quando cheguei a nova casa caminhei fora do departamento.

Dia 31/05/2012 (Quinta-feira)

4º Contato com Letícia:

Pesquisadora: Como está?

Letícia: Bem. Tem palavras que não sei, mas pergunto para a professora.

Pesquisadora: Quais são as palavras?

Letícia: Não me lembro. Acho que foi... (Silêncio) Tem palavras curtinhas. Tem palavras longas. “Arquiteto” não sei.

Pesquisadora: O arquiteto é aquele que faz os desenhos da casa, dos edifícios e outras coisas.

Letícia: Entendi. Também não sei o que é “antiesportivo”. A professora disse que “anti” é contra.

Pesquisadora: Um jogo de futebol, quando um jogador agride alguém se torna antiesportista.

Letícia: Humm...

Pesquisadora: Quando não compreende o que sente?

Letícia: Eu procuro no dicionário. Mas procuro pedir para a professora e colega, porque é mais fácil e no dicionário as palavras são mais difíceis.

3º DESENHO: O primeiro dia de aula na escola do Brasil

Pesquisadora: Como foram os primeiros dias de aula na escola do Brasil?

Letícia: (Letícia inicia o desenho e vai falando). No Japão não lembro direito. No Japão, “lembro” das coisas do pré. Da escola não foi tanto, porque voltei rapidinho.

Pesquisadora: Que coisas são essas?

Letícia: Quando a gente brincava. Tinha muita educação física. Tinha que ir e voltar pulando coelhinho. Era muito difícil. Era estranho. Porque não era só com uma turma, era com outras turmas. Não tem professora de educação física. Era só uma professora. Eu gostava da educação física. Lembro-me das coisas de Natal. Eu ia para escola um pouquinho. A gente ia ganhar presente de Papai Noel. A professora pediu um bilhete para o Papai Noel. Eu desenhei um ursinho todo colorido. Era estranho, o corpo pinteí de rosa, as patas verdes. Queria assim, porque achei que o papai poderia trazer um bem melhor que eu desenhei.

Pesquisadora: Você ganhou o urso?

Letícia: Eu “decepionei”. Ganhei um peão e um caderno.

Pesquisadora: Você disse para o seu pai que decepicionou?

Letícia: Não. A gente ganhou tem que usar, né? No outro dia na escola a professora perguntou se havíamos ganhado o presente que desenhamos. Todos disseram que não.

Letícia disse-me que tocava um instrumento musical chamado “*tambarin*⁹⁰” e que era de bater e fazer barulho. Ela mesma escolheu quando estudava no pré.

Pesquisadora: Na sua sala de aula tinha algum aluno brasileiro?

Letícia: Não. A professora gostava que a gente ia para o parque, porque todo mundo brinca com todo mundo. No Japão é diferente daqui, lá tem mais horas nas escolas. No pré a minha mãe mandava comida, eu gostava e não conseguia comer tudo. Quando chegava em casa a minha mãe ficava brava, porque não tinha comido tudo. No primeiro ano na escola a gente não leva almoço, a escola dava. Era público, não precisava pagar. A escola era muito grande, tinha duas quadras, tinha lugar que não podia ir, só o terceiro ano. A minha irmã tinha muitos amigos. Ela queria brincar na escola e podia. Fui brincar na escola de passar no rio e caía. Chegava em casa molhada. Minha irmã dizia para minha mãe que tinha caído no rio (Brincadeira de atravessar a ponte).

Letícia foi contando e rindo da situação vivida no Japão.

Pesquisadora: O que você desenhou?

Letícia: Eu tinha ido para o Brasil. A professora tinha saído da classe. Eu estava com a mala. Fiz poucas carteiras, porque são muitas.

⁹⁰ *Tambarin*: Apropriação de “tamborim”. (Tradução nossa).

Pesquisadora: O que você estava fazendo?

Letícia: Estava esperando a professora. Quando ela chegou, me apresentou. Eu tinha vergonha.

Pesquisadora: Por que você tinha vergonha?

Letícia: Não sabia as coisas direito, não sabia as palavras.

Pesquisadora: Como era essa vergonha?

Letícia: Vergonha de falar. No Japão não tinha vergonha dos amigos da minha irmã.

Pesquisadora: Hoje, você sente vergonha?

Letícia: Não. Tem algumas palavras que não sei. Às 07:00 horas tem oração e depois ficamos cinco minutos conversando na sala de aula. É muito legal. Tem um amigo que quer aprender japonês.

Pesquisadora: Ele é descendente de japonês?

Letícia: Não. Ele fala “*ohayoo*⁹¹!” (Bom dia!).

Pesquisadora: Você gostaria que ele aprendesse o japonês?

Letícia: Não. Ele fala fazendo gracinha e não gosto.

Letícia: Minha colega me chama para aprender chinês. Eu falo que não. A outra amiga fala que não é chinesa e sim japonesa. A outra diz que é da mesma raça. Raça não é de cachorro?

Pesquisadora: Temos várias raças, como a raça negra, a raça branca, e os japoneses.

Letícia: Raça amarela.

Pesquisadora: Você ficou chateada?

Letícia: Não fiquei chateada, porque eles falaram de brincadeira.

Pesquisadora: O primeiro dia de aula, quem estava com você?

Letícia: Meus pais. Eles não entraram. Tive dificuldade de entrar na aula. Tinha vergonha de falar na frente de todo mundo. Prestavam atenção em mim. Eu virava estátua. Agora dá para conversar. Quando faz trabalho tem que ficar na frente, eu não gosto. Eu viro estátua (Na frente da classe). Fiz um trabalho junto com a minha amiga, senão iria virar estátua se fizesse sozinha.

Pesquisadora: O que é estátua?

⁹¹ *Ohayoo*: [*Ohayoo gozaimasu*] Bom dia! (Tradução nossa).

Letícia: É difícil de mexer, falar. É como se fosse um robô. Porque é uma vergonha quando falo. Não gosto de falar na frente de todo mundo, o meu coração quase explode de tanta vergonha. Agora não passo vergonha, eu respondo quando a professora pergunta.

Pesquisadora: Foi um momento difícil para você?

Letícia: Difícil! Muito difícil! Tinha dificuldade de falar português, não sabia se ia fazer amigo. O Japão é mais fácil que o Brasil, porque já acostumei com o Japão. No Japão era para eu estar no 4º ano e não no 5ºano. Lá é um ano atrasado, não tem nono ano.

Pesquisadora: No “*Nikkei*”, o “*nihongo*” está difícil para você?

Letícia: Está difícil! Porque estou na turma especial. É turma para quem sabe “*nihongo*”⁹². Estudo com minha irmã. Tem quatro pessoas na classe. Eu tinha que mudar de classe.

Pesquisadora: Por que não muda?

Letícia: Não quero. A outra turma da minha idade é fácil o “*nihongo*” e a outra é difícil. Eu não tenho turma. Eu acho estranho um japonês falar o português. O tom de voz fica esquisito.

Pesquisadora: Como assim?

Letícia: Como a palavra “exemplo”, em japonês fala “*exempuro*”. Os brasileiros também falam diferentes, porque acho que aprender japonês deve ser difícil para eles.

Dia 28/06/2012 (Quinta-feira)

5º Contato com Letícia:

Letícia: Às vezes eu sonho quando a minha família está em algum lugar, fugindo de alguma coisa e troca. Acho que estava fugindo de um monstro que a gente não estava conseguindo pegar e quase quando pega o monstro e vai para o outro sonho.

Pesquisadora: Como que é esse monstro?

Letícia: Era grande, maior que a gente, barrigudo, barba, cabelos, mãos, pernas e usava roupa. Parecia com o ser humano mesmo. Ele poderia dominar o mundo, e a gente não queria que ele dominasse, por isso que a gente quase o pegou e mudou para outro sonho. O outro sonho mudou para a nossa casa. Estava vivendo muito feliz. A porta e a janela estavam fechadas, a gente tremia de frio, a gente era muito feliz. Quando abriu a janela e a porta, nós morremos de frio e acabou o sonho.

Pesquisadora: Como é morrer de frio?

Letícia: A gente estava tremendo que quase a gente congelou de frio.

1) Qual é a paisagem do seu sonho?

⁹² *Nihongo*: Língua japonesa (Tradução nossa).

Pesquisadora: Qual era a paisagem do sonho?

Letícia: Era normal. Tudo normal. Não tinha sol e nem lua. Só tinha um céu e a noite ficava escura.

Pesquisadora: Por que não tinha nem sol e nem lua?

Letícia: Não sei. Só tinha um céu e a nuvem.

Pesquisadora: Qual é a paisagem, do Japão ou do Brasil?

Letícia: Do Brasil. Porque estou quase acostumando aqui e quase não vejo as paisagens do Japão.

2) Qual é a língua que você fala no sonho?

Pesquisadora: Qual a língua que você fala no sonho?

Letícia: Não tem som no sonho. Parece que estão falando, mais não tem um som. É muito esquisito. Às vezes eu acho que não estão falando.

Pesquisadora: Como é o sonho que não tem som?

Letícia: Quando eu sonho, é o barulho de destruição do monstro. O sonho não dá para mudar. Não sei por que não tem som.

Pesquisadora: E no Japão, você sonhava?

Letícia: Não me lembro do sonho. Lá no Japão só falava japonês. Não sabia o português. Sonhava falando japonês.

Pesquisadora: As pessoas falam com você no sonho?

Letícia: Elas falam, mas não sei o que elas estão falando. A minha resposta dá para ouvir, mas a dos outros não dá.

Pesquisadora: Que respostas são essas?

Letícia: Eu não sei as respostas que falo. Eu mudo de ideia e faço outra resposta.

Pesquisadora: Quando você dá a resposta, qual é a língua que você usa?

Letícia: Português mesmo.

Pesquisadora: O que é uma resposta?

Letícia: Você faz uma pergunta e você tem que responder. Para mim, resposta é uma coisa difícil. Quando eles falam dá para entender uma outra coisa. Então, é difícil de responder.

Pesquisadora: Como você está na escola hoje?

Letícia: As minhas amigas falam devagar. Dá para entender mesmo assim.

Pesquisadora: Você está indo bem nas disciplinas?

Letícia: Nas disciplinas estou indo bem. Eu tenho preguiça de estudar. Tenho que procurar as palavras no dicionário. Como tenho preguiça não procuro depois.

Pesquisadora: Qual é a disciplina que tem dificuldades?

Letícia: Quase não tenho. A minha mãe me ensinou um monte de coisas, dá para entender. Quase não tenho dificuldades nas disciplinas.

Pesquisadora: O que mudaria na escola para lhe ajudar?

Letícia: Que tivesse uma professora que soubesse falar japonês e explicar para mim as palavras que eu não sei.

Dia 05/07/2012 (Quinta-feira)

6º Contato com Letícia:

Pesquisadora: Qual é a música que mais gosta?

Letícia: *“O que você me deu?”*

Pesquisadora: Como que é essa música?

Letícia: É um desenho. É uma estória muito triste. Ela é uma menina que vem de novo no mundo deles. Tinha um menino que gostava dela. Ela aparece para o menino.

Pesquisadora: Você pode cantá-la?

Letícia: Não sei tudo cantá-la. Eu ouço no computador.

Pesquisadora: Por que você gosta dessa música?

Letícia: Ela não é tão ruim. Gosto de músicas tristes e alegres. Gosto de música do Japão. Tem música que não gosto.

1º Desenho do Rabisco

Pesquisadora: Letícia, vamos jogar! Este jogo não tem regras. Vou começar um desenho e você terminará.

Letícia: Eu ia fazer uma galinha.

Pesquisadora: O que desenhou?

Letícia: Galinha.

Pesquisadora: Por que desenhou uma galinha?

Letícia: Achei que fosse uma galinha mesmo. Porque parecia o corpo da galinha. Eu pensei que fosse um pintinho primeiro. Tive preguiça de apagar. Estava imaginando primeiro o pintinho e terminei assim.

Pesquisadora: É galinha ou pintinho?

Letícia: Acho que é uma galinha. Depois imaginei que fosse uma galinha.

Pesquisadora: Onde está essa galinha?

Letícia: No mato.

Pesquisadora: O que ela está fazendo no mato?

Letícia: Comendo ração que o dono deu.

Pesquisadora: No mato do Japão ou do Brasil?

Letícia: No mato do Brasil mesmo. Pensei no Brasil mesmo e fiz uma galinha.

Pesquisadora: No mato a galinha está sozinha, ou tem alguém com ela?

Letícia: “Ela está com os pintinhos que ela botou.

Pesquisadora: Como ela se sente no mato?

Letícia: Ela se sente feliz. Porque tem os filhos e as filhas. E também a ração que o dono deu.

2º Desenho do Rabisco

A pesquisadora inicia o desenho do rabisco e Letícia termina o desenho.

Letícia: O sol, eu não apaguei. Ele está brilhante, muito. É dia agora.

Pesquisadora: O que desenhou?

Letícia: Leão no mato e a carne dele, para ele comer. Ele está sozinho no zoológico, porque não vieram os amigos dele. Ele está preso numa cerca. Ele foi capturado e foi trazido no zoológico, para ele ser visto.

Pesquisadora: Onde fica esse zoológico?

Letícia: No Brasil. Aqui em Marília.

Pesquisadora: Por que está sozinho?

Letícia: Só foi capturado. Vendo as flores. Um capturador de animais capturou o leão.

Pesquisadora: Como ele está se sentindo?

Letícia: Está muito triste. Está sem os pais. Quer brincar com os amigos. Quer ter uma vida normal. Ele tem outros leões no zoológico e não são amigos dele. Ele nunca discutiu e ele não sabe.

Nesse encontro jogamos o “*Uno*” que Letícia havia trazido.

Letícia: Uma amiga foi para o período da tarde, mas vai voltar no mês de agosto. Ela é mestiça e não sabe falar a língua japonesa.

Dia 12/07/2012 (Quinta-feira)

7º Contato com Letícia:

3º Desenho do Rabisco

Letícia inicia o rabisco e a pesquisadora termina o desenho.

Pesquisadora: O que fez?

Letícia: Coração. Significa a minha família, amigos, são importantes para mim. Dentro do meu coração tem as lembranças, onde nasci. Guardo no coração as famílias e meus amigos.

Pesquisadora: Quem são os seus amigos?

Letícia: Amigos da classe. Da outra classe, do outro ano. Da escola “*Nikkey*” e da escola do Japão.

A pesquisadora inicia o desenho e Letícia termina-o.

4º Desenho do Rabisco

Pesquisadora: O que você fez?

Letícia: Ursinho. Ele está mostrando o dente, porque ele quer brincar com todo mundo.

Pesquisadora: E as pessoas querem brincar com ele?

Letícia: Não. Porque as pessoas estão com medo dele. O urso dá medo, mas eu gosto dos ursos.

Pesquisadora: Então, ele está sozinho?

Letícia: Sim! Sozinho. Ele gosta de conversar com o sol e com a lua. E Jesus. Quando vai dormir reza para Jesus.

Pesquisadora: O que ele reza?

Letícia: Ele reza que quer uma família. E ele vai ter. Ele quer comida e bebida. Jesus acredita nesse ursinho. Ninguém fala para ele, onde tem comida e bebida.

Pesquisadora: Por que ninguém fala para ele?

Letícia: Acho que ele não tem pai e nem mãe. Eles têm medo de briga e se ele morder.

Pesquisadora: Quantos anos tem o ursinho?

Letícia: Ele tem 5 anos de idade. Ele está na mata, na floresta. Tem muitos animais. Ele não consegue ver. Bate nas coisas. Só um amigo o ensina.

Pesquisadora: Quem é esse amigo dele?

Letícia: É o outro ursinho que tem a mesma idade. Parecem gêmeos, mas faz as coisas contrárias.

Pesquisadora: Como?

Letícia: Um consegue ver e o outro não. Eles trocam as ideias.

Pesquisadora: Quais as ideias que eles trocam?

Letícia: Ele é muito amigo. Porque está preocupado com esse ursinho. Esse ursinho que não vê é amigo. Ele perdeu a mãe e foi atropelado pelo carro e por isso não consegue ver.

Pesquisadora: E o pai dele?

Letícia: O pai morreu de tiro por um homem.

Pesquisadora: Parece-me que é um ursinho que vive sozinho.

Letícia: O amigo dele pensa que é amigo dele e a família dele. Ele vai conseguir ver só com dez aninhos. Vai ter muitos amigos. Vai para o hospital e vai melhorar. Os amigos dele parecem da família dele.

Pesquisadora: Letícia, o que você está fazendo nas férias?

Letícia: Estou estudando tabuada e os livros. No ano passado e atrasado eu não fazia, tinha preguiça. Eu queria brincar com todo mundo.

Pesquisadora: Era mais difícil?

Letícia: Era! Porque tinha que fazer trabalho. Trabalho dá trabalho. Eu não queria fazer e chorava.

Dia 19/07/2012 (Quinta-feira)

8º Contato com Letícia:

Pesquisadora: Letícia, você tem alguma dificuldade que ficou marcada quando frequentou escola japonesa e na escola brasileira?

Letícia: Dificuldade. Pensei e fiquei chateada, fazer amigo. Eu não sabia fazer amigo. Quando cheguei ao Brasil, achei que ninguém quisesse brincar comigo. No Japão tem algumas pessoas assim. Pensei se eu seria amiga de alguém. Uma menina japonesa queria ser minha amiga e ela me apresentou aos amigos dela. Essa amiga foi importante para mim. O nome dela é Lin. Ela é amiga. Ela veio de outro país. Ela nasceu no Japão, só que os seus pais vieram de outro país.

Pesquisadora: E no Brasil?

Letícia: No primeiro ano tinha a mesma dificuldade, eles pensavam que sou japonesa. E a professora me apresentou assim mesmo. Eu pensei: “Nossa! Não é assim não, no meu coração.” Eu fui conversar com uma menina e quis ser amiga dela.

Pesquisadora: O que vocês conversaram?

Letícia: Eu conversei de como era a escola, que eu não sabia. Ela me apresentou vários amigos.

Pesquisadora: Quando a professora falou que você era japonesa, como ficou?

Letícia: (Sorriu) As meninas perguntaram se eu era japonesa. Eu disse que era brasileira. Não sei por que ela disse isso. Eu acho que a professora me confundiu com a minha irmã. Eu não acho isso. As minhas amigas acham que sou japonesa e continua assim mesmo.

Pesquisadora: Por que são tão importantes os amigos?

Letícia: Porque não ter amigos é chato. Não ter uma conversa gostosa. Acho que é importante fazer amizades com todos. Eu acho que é importante fazer amizades com brasileiros e japoneses.

Pesquisadora: Hoje, você tem amigos?

Letícia: Tenho muitos amigos, a turma inteira e a outra também. Eu encontrei vários amigos no shopping domingo. Que coincidência! Porque são rostos conhecidos. No shopping vai conversa vai e demora muito. Gosto de encontrá-los na escola.

Pesquisadora: “*Samui*⁹³”? (Frio?)

Letícia: Não. No sul tem neve. Ah! Que tristeza! Quero ver neve. Quando tiver neve quero ver. Estou com saudades de neve.

Observações:

⁹³ *Samui*: Frio (a), [*samui-sa*] frio (m)]. (HINATA, 1998, p. 371).

Quando Letícia estava saindo disse-me: “Não sei por que a minha irmã Eiko gosta de vir aqui. Ela não gosta de brasileiros.”

Pesquisadora: Você gosta de vir aqui?

Letícia: Eu amo!

Dia 02/08/012 (Quinta-feira)

9º Contato com Letícia:

Pesquisadora: Como você se imagina no futuro?

Letícia: Eu imagino que quero uma casa. E eu terei uma casa, linda e grande. E quando crescer ter mais anos, eu queria virar cantora, e eu não sei se vou conseguir.

Pesquisadora: Você não sabe se vai conseguir ou não por quê?

Letícia: Porque não sei do futuro, não sei se vou virar as ideias, ou se vou morrer antes de virar cantora. Tem 50% de virar cantora. Eu posso falhar na prova de cantora e ficar muito triste.

Pesquisadora: Qual é o ritmo que canta?

Letícia: Gosto de muitos ritmos. Gosto de músicas tristes e alegres. Eu canto as músicas que eu mesma fiz. Eu canto e depois esqueço. Canto quando estou quase dormindo e eu não escrevo no caderno, tenho preguiça de escrever.

Pesquisadora: Você canta em japonês ou em português?

Letícia: Japonês. É difícil cantar em português. Japonês é mais fácil. Tem aquela palavra “inclusive”, eu achava que era menos.

Pesquisadora: Como descobriu?

Letícia: Eu perguntei para a minha mãe. “Inclusive os usuários” Aí “inclusive” não é menos. A minha mãe explicou direitinho e eu entendi.

Pesquisadora: Você pediu explicação para os professores?

Letícia: Eu não pedi explicação para os professores, eles falam em português e a minha mãe fala em japonês e ela entende mais.

Pesquisadora: Você vai parar de ir ao “*Nikkei*”?

Letícia: Os meus pais vão parar com o “*Nikkei*”, o negócio não dá certo. Eu não gostava mesmo. Quando ia ao “*Nikkei*” era muito gostoso. Eu não queria ir, mesmo quando ia gostava. Parece que a pessoa mudou. Estou feliz do mundo! Aqui dá para falar as coisas que não dá para falar em outros lugares. Tem muitas coisas no mundo que não são legais. O português era difícil. Tenho tristeza também com os avôs que estavam no Japão e dava

terremotos e eles vieram. No Japão tem uma “palavra” assim: “Pode falar em japonês e pode falar em português. Você encontra uma pessoa que você não sabe, e se torna alguma coisa dela e depois dá adeus.” A gente tinha no “*Nikkei*” uma amiga, quando encontrei a amiga ela parou com o “*Nikkei*”. Os pais dela “pensou”: “melhor ela esquecer o japonês”. Aí vai melhor o português. Esse ano meu amigo do “*Nikkei*” foi para o Japão. Depois encontrei a minha avó. Você encontrou uma amiga e depois vai falar adeus para amiga (Está falando de perdas, de encontros e despedidas).

Pesquisadora: Como é para você vir aqui? Você me encontrou?

Letícia: Hum. Para a minha mãe não falou tudo. Eu gosto de você. As coisas que falou do Brasil, eu falo para Cizina. As coisas do coração dá para falar. Eu amo conversar com as pessoas adultas. Estou aprendendo muitas coisas com você.

Pesquisadora: Você sabe que é psicologia?

Letícia: É conversar com o outro. A psicóloga da escola não escuta direito as coisas que tenho para falar. Não gosto de conversar com ela, fico dormindo. É uma conversa que não tem haver com a gente. Por isso não gosto da psicóloga da escola.

Pesquisadora: Por que vai à psicóloga da escola?

Letícia: Eu vou junto com as salas. Eu não faço coisas violentas. Cortar laços de amizades.

Pesquisadora: O que gostaria de falar com a psicóloga da escola?

Letícia: Eu gostaria de falar de sentimentos do meu coração. Não tem graça para mim. Não ensina nada para mim.

Pesquisadora: Você gosta de vir aqui?

Letícia: Encontrei a psicóloga mais legal do mundo. O coração tem um risquinho, não de ferida e você cura. Eu fico feliz sempre. Quando tenho coisas desesperadas e a Cizina dá para falar e dá para fazer amizades. E agora, eu gosto mais da escola, desde quando eu vim aqui. Aprendi muitas coisas, tive mais amigos e não brigar com eles. Eu cresci no coração mais um pouquinho. Aos sábados e aos domingos não penteava os cabelos e nas férias era pior. Tinha preguiça.

Pesquisadora: E hoje como está a “Dona Preguiça”?

Letícia: Às vezes deixo de pentear. Agora é uma preguicinha. Os cabelos ficam doendo.

Dia 16/08/2012 (Quinta-feira)

10º Contato com Letícia:

Pesquisadora: Você foi consultada sobre o retorno para o Brasil?

Letícia: A minha mãe não perguntou. Porque a gente foi direto para o Brasil.

Pesquisadora: Você queria voltar para o Brasil?

Letícia: Não sabia direito. Não queria voltar. Não entendia direito. Era bom eu ficar no Japão, porque tinha acostumado do que no Brasil.

Pesquisadora: Hoje, você se acostumou no Brasil?

Letícia: Sim! Acostumei.

Pesquisadora: Depois de 3 anos vivendo no Brasil, estudando em uma escola brasileira, você tem dificuldades?

Letícia: Agora, tenho poucas dificuldades. Eu pergunto para a minha mãe, tia, avó e professora mesmo.

Pesquisadora: Quais são as dificuldades?

Letícia: As palavras de Ciências Sociais, História e Geografia. Eu tenho mais dificuldades.

Pesquisadora: Em que sente dificuldades?

Letícia: Na palavra mesmo. Nas palavrinhas que existem. É difícil de ler e eu pergunto.

Pesquisadora: Em relação a viver no Brasil, tem dificuldades?

Letícia: Não tem. Depois da escola eu vivo normal. Na escola são as dificuldades.

Pesquisadora: E a comida?

Letícia: A gente come “*gohan*⁹⁴” (Refeição, arroz cozido). Eu como feijão, porque às vezes a gente comia.

Pesquisadora: Como é o contato com a Cozinha?

Letícia: Muito legal, porque às vezes é uma conversa muito legal. Converso do Japão e Brasil e dá para falar sinceramente.

Pesquisadora: O que mais gostou do Japão?

Letícia: A Disney, foi a coisa mais favorita que eu gostei e ficou legal.

Letícia é uma criança desinibida e comunicativa.

ANO DE 2013

Dia 05/03/2013 (Terça-feira)

11º Contato com Letícia:

⁹⁴ *Gohan*: Arroz (m) [já cozido]; refeição.(HINATA, 1998, p. 95).

Nosso primeiro contato após a minha experiência de três meses no Japão.

Letícia está com quase 11 anos de idade e frequenta o 5ª série/6ºano. Permanece na mesma escola.

Pesquisadora: “*Ogenki desuka*”? (Como está?)

Letícia: “*Genki desu.*” (Bem)

Pesquisadora: Fale da escola! Como está?

Letícia: Eu subi de ano. As coisas ficaram difíceis. Entrou uma aluna nova. Ela já estudou na escola. Já começaram as provas. Eu não recebi a primeira nota da prova. Tem um monte de professores e é difícil lembrar. Na escola os alunos estão roubando a sala, já sumiu um celular e dinheiro.

Pesquisadora: Sumiu alguma coisa sua?

Letícia: Eu não deixo nada na sala de aula.

Pesquisadora: Tem medo que suma alguma coisa sua?

Letícia: Ah! São caras as coisas. Eu acho que não é certo roubar. A gente comprou. Não pode ficar roubando.

Pesquisadora: Sei. Quais as coisas que ficaram difíceis?

Letícia: As matérias ficaram difíceis. A língua portuguesa que não sei. Ficou muito difícil a língua portuguesa. As palavras estão difíceis.

Pesquisadora: Quais palavras?

Letícia: Substantivos e advérbios.

Pesquisadora: Dê um exemplo?

Letícia: A letra da música está na língua coloquial e a gente tem que por na língua certa. Não pode por “você” e “te”.

Pesquisadora: Você acha que está difícil à língua portuguesa?

Letícia: Se estudar. Às vezes entendo, confundo com as palavras. Tem a língua verbal e não verbal.

Pesquisadora: Você pergunta para a professora?

Letícia: Ela explicou e eu entendi mais ou menos. Eu resolvi estudar em casa. Sozinha.

Pesquisadora: Hoje, o que está mais difícil?

Letícia: Esses dias não tenho tanto dificuldades. Às vezes penso. Eu fui para Bastos e a minha pulseira caiu no rio e não consegui tirar. Esses dias estou me sentindo estranha. Eu esqueço a apostila, material, desde fevereiro.

Pesquisadora: Como que é se sentir estranha?

Letícia: Antes queria estudar, a professora fala e eu penso em outra coisa. “O que eu vou fazer depois?” Será que meus pais vão sair para algum lugar? Agora, fiquei mais direitinha.

Pesquisadora: No intervalo na escola, como está?

Letícia: Agora, estou no fundamental dois e era acostumada comer às 9:00 horas e agora são às 9:30 horas. No pátio tem barulho e eu fico na escada comendo o lanche. A classe inteira é muito amiga.

Letícia fala que os meninos falam palavrões e ela não sabe os significados deles.

Letícia: Eu pergunto para as amigas: “Por que eles ficam falando se não podem falar?”

Letícia pensa que é importante ter amigos, assim não fica sozinha. Fala também que os alunos conversam e acabam atrapalhando o andamento do conteúdo disciplinar e do aprendizado.

Pesquisadora: Você quer saber alguma coisa do Japão?

Letícia: O Japão está tendo terremoto?

Pesquisadora: O Japão tem terremotos. É um país que vive com terremotos.

Letícia: Quando crescer quero ir ao Japão. Fazer doações de doces e moedas. Fazer uma fábrica de docinhos para crianças normais também. Eu quero tentar qualquer coisa. No Brasil o emprego é difícil também. Eu quero ser cantora também. Eu só sei cantar música do Japão.

Dia 19/03/2013 (Terça-feira)

12 ° Contato com Letícia:

Nesse dia pedi a Letícia e sua irmã Eiko que entrassem juntas na minha sala, porque elas estavam com álbuns de fotos. Detalhadamente o material encontra-se no Anexo B - 12º contato.

Pesquisadora: O que sente e pensa quando vê as fotos do Japão?

Letícia: Às vezes penso que quero voltar mais uma vez para o Japão.

Pesquisadora: O que iria fazer no Japão?

Letícia: Brincar mais. Fazer as coisas direito. Eu queria fazer e não conseguir fazer.

Pesquisadora: Você fala que tem vontade de voltar para o Japão?

Letícia: Muito!

Pesquisadora: Quais são essas coisas que gostaria de fazer no Japão?

Letícia: Ir para a escola e estudar direito. Fazer muitos amigos. Fazer compras nas lojas. Fazer uma casa.

Pesquisadora: Hoje, você sente vontade de voltar para o Japão?

Letícia: Tenho como antes.

Pesquisadora: Aqui no Brasil, como se sente?

Letícia: O Brasil é o lugar que nasci. Agora, estou de volta. De primeiro achava que era um lugar chato. Agora, estou gostando.

Pesquisadora: Por que achava o Brasil um lugar chato?

Letícia: Não era igual o Japão. No Japão é muito liso. No Brasil tem quebra-molas. E por isso, eu não gosto.

Pesquisadora: No Brasil têm obstáculos que você não gosta. Qual é o seu maior obstáculo?

Letícia: No Japão a comida e a escola são gostosas. No Brasil a comida é mais ou menos. As lojas não são bonitas. Eles vendem coisas que não prestam.

Pesquisadora: Você prefere o Japão ou Brasil?

Letícia: Os dois. Acho que é legal.

Pesquisadora: Você sente muita falta do Japão?

Letícia: É.

Pesquisadora: Você está sempre pensando no Japão?

Letícia: Sempre. Acordo e durmo. No Japão tinha coisas legais. Tinha neve. Coisas que eu interessava.

Pesquisadora: O que você gosta no Brasil?

Letícia: Gosto dos meus amigos que são legais. Coisas para aprender. Acho que gosto mais ou menos.

Pesquisadora: Está falando que do Brasil gosta mais ou menos. E do Japão?

Letícia: Eu gosto muito!

Pesquisadora: Você pretende algum dia voltar para o Japão?

Letícia: Quando crescer, eu quero tentar ir. Morar lá. Fazer faculdade.

Pesquisadora: Qual a faculdade que gostaria de fazer?

Letícia: Não sei ainda.

Pesquisadora: Você sonha com o Japão no seu futuro.

Letícia: Sim.

Letícia comenta que a comida e os doces brasileiros são quase todos fortes. Porém, está se alimentando de “*gohan*” do Japão, carne e feijão.

Dia 26/03/2013 (Terça-feira)

13º Contato com Letícia:

Letícia comenta da estória de guerra que leu sobre “*Naruto*”. Nesse “*manga*” retrata sobre pessoas poderosas de cada país e a volta dos mortos.

Quando é indagada sobre qual o idioma a leitura é mais difícil, japonês ou português? Letícia rapidamente me responde com toda convicção que a língua portuguesa é mais difícil. Diz: “O japonês já acostumei. O “*manga*” brasileiro não é igual”.

Diante de Letícia percebo a facilidade com que ela tem de ler as grafias em “*hiragana*” e “*katakana*”. Detalhista e delicada demonstra entusiasmo ao mostrar parte do seu mundo, algo significativo parecendo estar tão perto e tão longe ao mesmo tempo e no mesmo espaço.

Pesquisadora: Se tivesse que construir um novo mundo, como você construiria?

Letícia: Não tivesse briga. Não faltasse água. Preservar a natureza. Não acho certo matar os animais. Pensava se no céu vai comer carne. Quando era pequena falava coisas do passado.

Pesquisadora: O que levaria para esse novo mundo?

Letícia: Se eu fosse Deus levaria os seres humanos. Acho que o colégio não está economizando. As pessoas acham que o mundo tem água e não vai acabar. Eu não levaria as brigas. As coisas que os homens fazem e não são certas.

Pesquisadora: O que traria do Japão para o Brasil?

Letícia: Eu não sei o por quê. Eu não gosto que eles sabem. Acho que fui no Japão e eles ficam falando “*fácil*”. Eles não sabem que é difícil. Eles falam que lá é legal. No Brasil precisaria fazer coisas úteis. Eu traria comida para fazer. O doce do Brasil é doce. Eu traria os estudos do Japão para contar como foi. Eu acho que eles não vão gostar da escola japonesa. Eles falaram que não querem ir para a escola japonesa. Os brasileiros são muitos preguiçosos. Uma aluna disse-me que tinha feito a matéria e não tinha feito. São sem educação, porque a

professora pede para parar e eles não param. Depois ficam chorando que não conseguiu nota boa na prova.

Pesquisadora: Você tirou notas boas?

Letícia: São mais que “7”. A prova do livro tirei 5, a nota máxima.

Pesquisadora: O que levaria do Brasil para o Japão?

Letícia: Levaria os conhecimentos. Como as pessoas são. Têm pessoas boazinhas e outras não. Levaria um “*manga*” para todo mundo. Levaria comida. Ia falar que tinha muita diferença entre Brasil e Japão. As ruas japonesas são lisas e no Brasil não é bem feita. As roupas são diferentes. No Brasil está usando roupas verdes, os japoneses não gostam. Pensava que tivesse neve no Brasil. As casas são grudadas. Nossa! Por que as casas são grudadas? Por que será que é diferente?

Dia 02/04/2013 (Terça-feira)

14º Contato com Letícia:

A criança Letícia estava sonolenta e quis ficar dormindo no sofá da sala de espera. Depois foi até a minha sala onde estava com a sua irmã Eiko. Nós estávamos procurando sites do “*Naruto*” e “*mangas*” em português. Encontramos alguns sites que têm disponível alguns episódios.

Letícia toda empolgada ajuda sua irmã a procurar os sites em meu computador. Elas vão comentando sobre alguns personagens e mostrando os desenhos. Percebo que Letícia corrige o português de Eiko dizendo: “Não é assim que se fala”.

Pesquisadora: Qual é mais fácil, a leitura japonesa ou a portuguesa?

Letícia: O japonês. Mesmo a estória sendo igual, no “*manga*” fica diferente. O japonês dá para aprender mais. Não consigo entender tudo em português. Às vezes pergunto para minha mãe.

Dia 09/04/2013 (Terça-feira)

15º Contato com Letícia:

A criança Letícia encontra-se sonolenta na sala de espera. Conversamos sobre a festa japonesa que acontece anualmente na cidade de Marília. Letícia comenta que no ano anterior a festa estava melhor, porque pode cooperar com a organização ensinando as pessoas fazer os “*origamis*” e também participou de uma apresentação de dança.

Pesquisadora: Você sente feliz no Brasil?

Letícia: Às vezes sinto feliz. Às vezes acho chato ir para escola. Eu conheci amigos. A escola é boa. Pensei que o Brasil era um deserto. Monte de areia e muito quente.

Pesquisadora: No Brasil não tinha gente morando?

Letícia: Não.

Pesquisadora: Então, vocês seriam os primeiros habitantes.

Letícia faz várias comparações entre o Brasil e Japão. Criticando a tecnologia brasileira, sendo de baixa qualidade, o mau comportamento dos brasileiros em relação aos professores e a falta de consciência em jogar lixo na rua. Essas diferenças são nitidamente observadas pela criança. “Pensei que fosse um lugar muito chato. Depois comecei a gostar”.

Pesquisadora: No início foi difícil para você.

Letícia: Lembro que a professora falava alguma coisa para mim e não entendia nada. Pensava: “O que ela está falando?” Eu não conseguia fazer as tarefas.

Pesquisadora: Você conseguia falar?

Letícia: Eu não conseguia. Conseguia, mas não entendia muitas coisas que a professora e os amigos falavam.

Pesquisadora: Como você resolveu?

Letícia: Eu fazia de qualquer jeito. Depois que consegui entender como era. A professora explicava novamente e não entendia e por isso não falava.

Pesquisadora: Por que não falava?

Letícia: Porque mesmo falando... Não sei por que não falava.

Pesquisadora: Era difícil ficar sem entender o outro!

Letícia: Era difícil! Pensei que era outro país. Às vezes confundia as palavras. Ainda não sei os sinônimos das palavras. Antônimo é mais fácil, mas os sinônimos não. Tem que colocar o mesmo significado nas palavras. Ficava pensando: “Nossa! Todo mundo sabe! Menos eu. O que estou fazendo aqui?” Daí, nunca mais eu aprendi sinônimo. Não memorizei nenhuma coisa de sinônimo. Eu fico esperando a correção.

Dia 16/04/2013 (Terça-feira)

16º Contato com Letícia:

Letícia disse-me que também sabe desenhar. Entretanto, a sua irmã Eiko me mostrou vários desenhos.

Pergunto a Letícia se se despediu dos amigos antes de retornar ao Brasil. Ela responde-me que sim, que a mãe notificou a professora e que a classe fez uma despedida para a ela. Recorda-se que passou horas e horas esperando no fundo da classe os colegas arrumarem para a sua despedida. Diz que recebeu uma caixa de “origamis” e um texto produzido pelos colegas de classe. Conta-me Letícia que foi legal e ficou feliz. Fala da

saudade: “Eu sinto saudades deles. Eles me ensinavam. Brincavam comigo. Eu tinha uma amiga, que parecia menino. A mãe dela vestia de menino”.

Pesquisadora: Você pensa nesses seus amigos? O que pensa sobre os amigos que estão lá no Japão?

Letícia: Penso! Não sei. Fico só pensando. Será que estão bem na prova?

Pesquisadora: Se fosse retornar para o Japão hoje, como sentiria?

Letícia: Acho que pularia até o céu acabar. Eu morreria de saudades. Acho que não conseguiria dormir umas semanas, porque tenho que acostumar com o quarto e a vida.

Pesquisadora: Você gostaria de estar voltando para morar no Japão?

Letícia: Senão fosse o terremoto. A gente sempre saía. No Brasil a gente sempre fica presa. No Japão a gente ia andando, aqui não anda mais. Fico triste dessas coisas do Japão. Das coisas que fazia.

Pesquisadora: E hoje você não pode fazer mais.

Letícia: Hoje, não estou com isso agora. Posso ir e não ir. Os amigos, da escola e da professora, é um pouco triste. De primeiro no Japão pensou que fosse separar do Japão.

Pesquisadora: Foi difícil para você.

Letícia: Foi! Eu não queria separar dos meus amigos, mesmo que não goste das matérias é um bom lugar.

Pesquisadora: Como que você é na sala de aula?

Letícia: Uma pessoa que não fala tanto. Que estuda. A inteligência é igual para todo mundo. Presta atenção nas aulas. Esqueceram de mim, rapidamente. A classe toda. Só quatro amigas lembram de mim. Um exemplo, que eu não fui no encontro de vida. Eles foram, só perguntaram de mim após alguns dias. Pensei: “Nossa! A turma se esqueceu de mim!”

Pesquisadora: Você gostaria que eles olhassem para você?

Letícia: Não precisa se preocupar comigo! Cada um tem o seu problema. Eu fico lembrando de todos da minha classe.

Letícia relata-me que tem sido convidada para participar de festas de aniversários que são realizadas na própria escola. Lembra-se que já foi em uma festa, porém nunca saiu em grupo para passear. Comenta que antes tinha cinco amigas e que se afastaram de Letícia, acredita que se tornaram chatas, porém pode contar com duas amigas.

Diz que terá prova de geografia e que todos comentam sobre a avaliação após a realização. As dificuldades são comentadas pelas crianças, como sendo fácil e difícil. “Eu estou indo bem! Como sempre”!

Letícia destaca que algumas crianças exageram quando não conseguem atingir a média da prova, se deprimindo. Que diante da vida não tem muita importância. Afirma que ainda tem palavras da língua portuguesa que são difíceis e outras não. Pergunto-lhe se faz uso do dicionário, e responde-me: “O dicionário perde tempo. Eu pergunto para minha mãe, se ela não souber deixo de lado. Não quero saber mais. A minha curiosidade é muito baixa. Que não tenho muitas dúvidas. Tem palavras que são fáceis para todo mundo, mas eu não sei. Quando eu procuro no dicionário, como eu canso! A professora mistura português com matemática! Que as coisas são diferentes. Guarda as coisas importantes na cabeça”.

Pesquisadora: O Japão e o Brasil, ficam misturados?

Letícia: Não! Não é que o Japão é tão fácil. Eu fui para o Japão e ficou fácil para mim. Estudei desde criança. Quando vim para o Brasil ficou difícil para mim, porque não acostumava, não sabia ler.

Pesquisadora: Você assistia os filmes brasileiros no Japão?

Letícia: Não. Porque não sabia o português. Tinha uma loja de brasileiros, pequena e que vendia de tudo. Pensava: “O que eles estão falando?”

Pesquisadora: Você gostaria de saber o que eles estavam falando?

Letícia: Eu não queria saber! Porque pensava: Se eles forem bobos? Pensava que tivessem errando o japonês. Não pensava que tivesse o japonês e o português.

Letícia relata-me que quando conheceu o português pensou que era difícil, entretanto viu que todo mundo usava a mesma língua. Surge o aspecto surpresa em relação a língua falada.

Dia 23/04/2013 (Terça-feira)

17º Contato com Letícia:

Letícia como a sua irmã, estão de meias longas e grossas. Esse é um tipo de vestimenta entre as japonesas adolescentes. É muito comum no Japão.

Comenta Letícia que atualmente as tarefas escolares vêm diminuindo e com isso acaba mais cedo. Relata-me que as coisas melhoraram desde quando chegou ao Brasil: “Porque comecei aprender o português”. Fala que antes de aprender o português, aprendeu rápido e que não tinha tempo para sentir saudades das férias. Que em casa era mais difícil o português, porque a mãe comprou um livro muito complicado. Faz uma crítica da escrita pela internet, que sente raiva quando vê alguém escrevendo errado e que na escola não pode relaxar.

Dia 30/04/2013 (Terça-feira)

18º Contato com Letícia:

Letícia parece uma japonesinha, com vestido curto e meias grossas que vão até aos joelhos. Disse-me que o mês de abril passou muito rápido e relaciona com a semana de provas e que recebeu as notas de inglês (10) e matemática (9,0). Argumenta que o primo Goro foi

injustiçado pela escola que estuda. Que o primo tirou 8,0 numa prova e consideraram 7,0, porque não participa das aulas.

A criança fala que se sente incomodada quando a professora chama atenção da classe por mau comportamento, que isso tudo não deveria ouvir e que cansa, porque não é para ela e sim para os meninos. Pensa que dessa forma atrapalha o andamento da disciplina e do futuro. Faz a sua própria queixa em relação aos comportamentos de um menino, que puxou seu laço que tinha no cabelo. Não entrega o colega para a inspetora de alunos, porque pensa que é um amigo.

Dia 07/05/2013 (Terça-feira)

19ª Contato com Letícia:

Relata-me que está feliz, porque o seu avô paterno veio visitar a família. Estava com saudades do avô. Letícia diz saudades é “alguma coisa que quer encontrar, mas não dá”.

Letícia sente saudades do Japão e da pequena casa que sua família morava até o ano passado. Fala que a antiga casa é seu esconderijo e que pensa sobre o tipo de morte que poderá ter. Vem pensando sobre a morte desde cinco anos de idade, não sabe se irá sentir dor. Letícia imagina que possa morrer com um tiro no coração e não sabe quem possa atirar.

Letícia conta-me que está feliz, porque o tio vai chegar do Japão. Que sente saudades de tudo do Japão. Quando os pais resolveram retornar do Japão não sabe quantos dias antes ficou sabendo, talvez dois dias ou um mês antes.

Pesquisadora: O que é o Japão para você?

Letícia: O Japão é meu lugar favorito, porque é um lugar importante.

Pesquisadora: E o Brasil?

Letícia: É um lugar normal.

Dia 04/06/2013 (Terça-feira)

20º Contato com Letícia:

Letícia chega ao meu consultório com um livro “O segredo da casa amarela” (NICOLELIS,1991). Enquanto aguarda a sua vez, Letícia aproveita o momento para a leitura que a professora de português pediu para fazer.

A criança entra meio cabisbaixa, expressa um desânimo e uma sonolência.

Pesquisadora: O que está lendo?

Letícia: Eu tenho preguiça de ficar lendo, porque a estória é sem graça.

Pesquisadora: Como é a estória?

Letícia: Eu não entendi nada, mas vou ler mais uma vez. É difícil de falar.

Comecei a ler a estória em voz alta para a Letícia e percebi alguns termos em português que a criança não estava podendo compreender. Os termos são “xereta”, “chegar de fininho”, “tabuleiro”, etc...

Essas palavras difíceis para Letícia fui interpretando para a criança. Novamente indago o que havia entendido. Ela me relata as dez primeiras páginas que li e expliquei.

Dia 11/06/2013 (Terça-feira)

21º Contato com Letícia:

O encontro com Letícia foi registrado no **Anexo B - 22º contato com Eiko.**

Dia 25/06/2013 (Terça-feira)

22º Contato com Letícia:

A criança Letícia chega com um livro que está lendo. O livro é “Por quê? Como? Quando? Onde?” (RUIZ, INÍGO e VARA, 2011)

Pergunto a Letícia sobre o jogo Brasil e Japão e para quem ela torcia.

Letícia: Eles estão jogando futebeol? Eu torço para o Japão, porque o Japão está ficando forte. O Brasil a gente estava torcendo e ele perdeu. Por isso vou torcer para o Japão.

Pesquisadora: Entre o Brasil e o Japão, quem vai ganhar?

Letícia: O Japão. A minha televisão passa programa do Brasil.

Pesquisadora: O que você assiste nos programas brasileiros?

Letícia: Nenhuma coisa.

Pesquisadora: Você tem vontade de assistir programas brasileiros?

Letícia: A TV da avó passa. Eu assisto filmes. Não sei o nome do filme. Primitivo gosta de ficar vendo, mesmo não entendendo.

Letícia vai lendo o seu livro e me pergunta o que é catástrofe, e se era alguma coisa de morte. Disse-lhe que sim. Que era uma grande destruição.

Dia 02/07/2013 (Terça-feira)

23º Contato com Letícia:

A criança faz várias questões sobre o nosso espaço grupal com crianças que retornam do Japão, enfatizando a importância de se relacionar com outras pessoas e poder construir novas amizades.

Questiona as dificuldades da irmã Eiko de se relacionar e fazer vínculos de amizades. Que também sente dificuldades de fazer amigos e que a língua é um pouco difícil. Propõe que no grupo poderia ser ensinado o português.

Letícia: Dificuldades de fazer amigos e a linguagem, que aqui é um pouco difícil... Ensinar comunicar com as pessoas e ensinar o português.

Comenta que logo no início na escola brasileira as dificuldades que vivenciou:

Letícia: Foi difícil na linguagem. Fazer amigos foi mais ou menos difícil. A prova fazia de qualquer jeito, mas ainda era 2º ano (1ª série). Tem prova, mas ainda não consegue se adaptar na prova.

Pesquisadora: No seu caso, não era reprovada?

Letícia: Não. No caso de Eiko era difícil, porque começou no 5º ano e eram palavras difíceis.

Digo-lhe que me parece preocupar com a irmã. Ele responde que sim, porque precisa saber escrever bem para continuar com o negócio da família.

Cita algumas piadas que andou lendo na revista da tia.

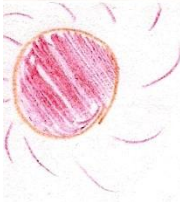
Pesquisadora: Quando viu as pessoas se cumprimentando e beijando no rosto, o que pensou?

Letícia: Pensei que estava namorando. No Japão faz com a cabeça ou pega na mão. Pensei que estava namorando menina com menina, tem país que aceita casamento gay.

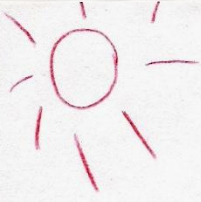
A chegada no Brasil

Quando cheguei no Brasil era muito calor eu
achei que o Brasil fosse frio como o Japão e quando
eu estava no avião eu estava bem abrigada
porque o avião tinha condicionador.

22/05/2012



L



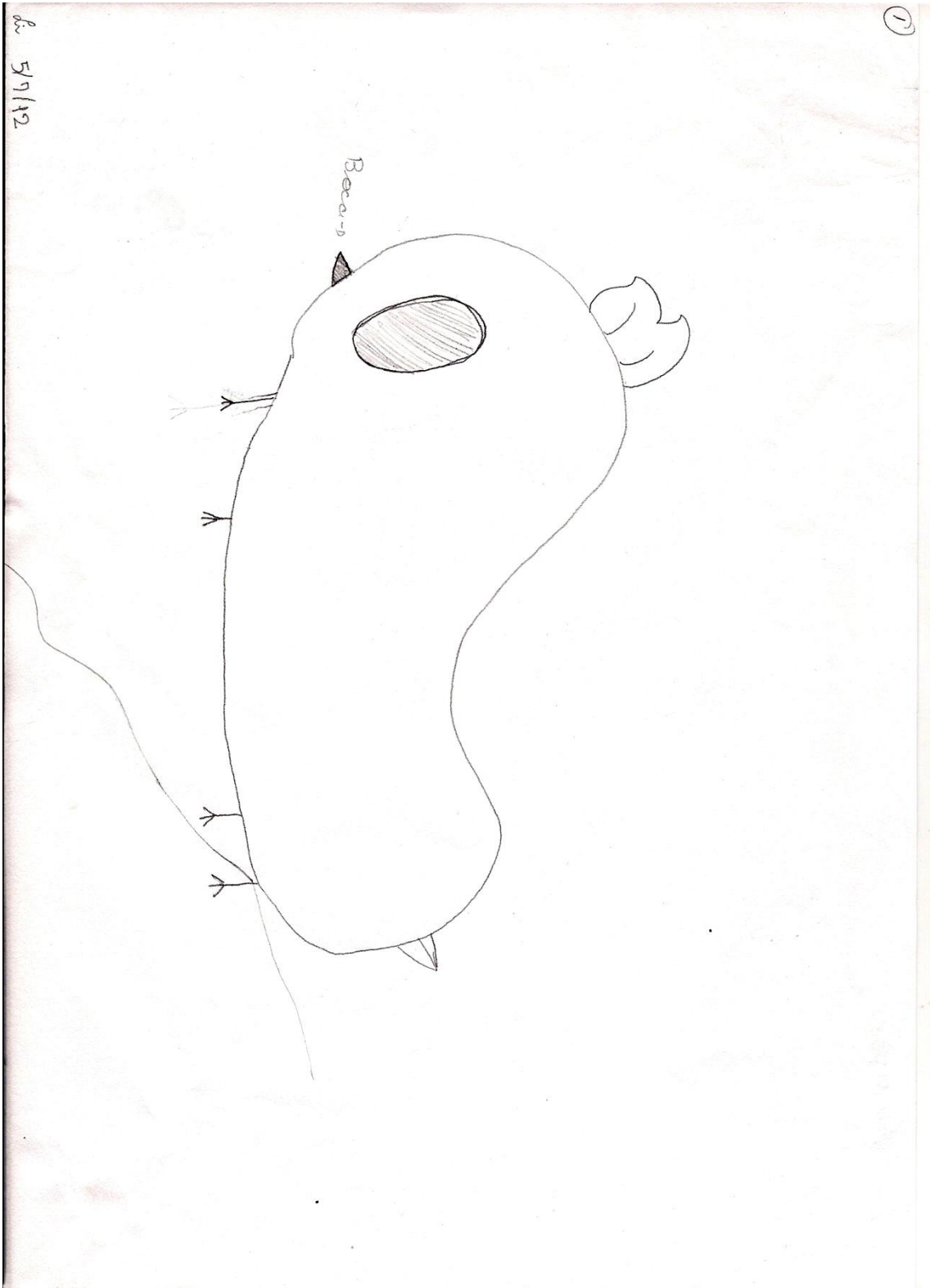
A chegada no fapão

Quando eu cheguei no fapão era
quente porque o fapão estava no
terão e quando cheguei a nova
casa com minha família deparar-
tamente.

22/05/12

L

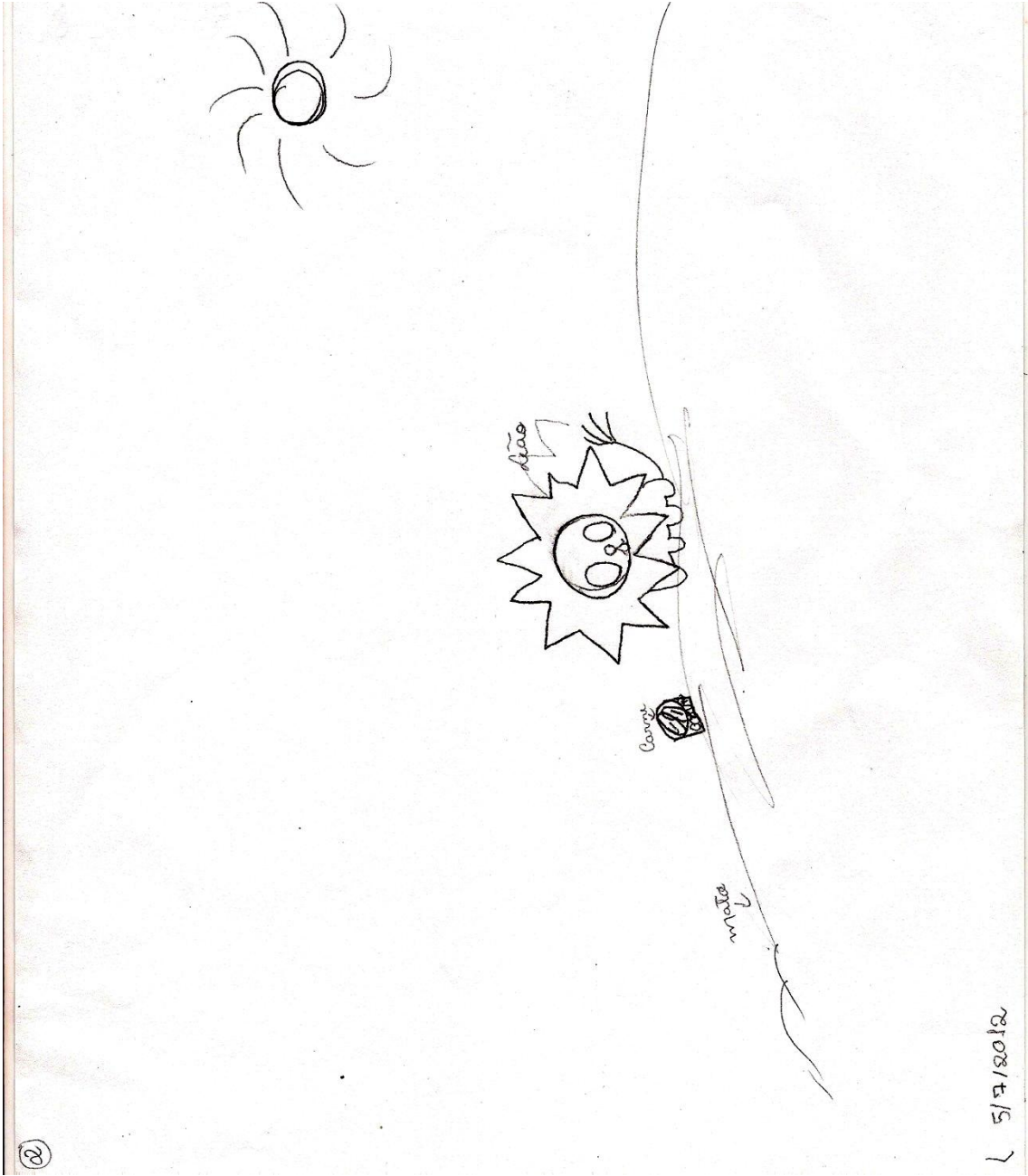




1

Bear-

5/9/12



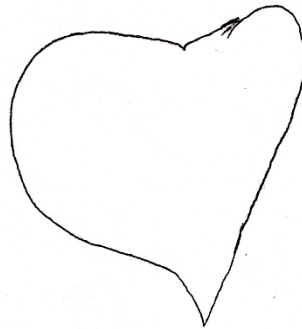
5/7/2012

12/07/2012



L

12/07/2012



L

ANEXO D - 1ª Entrevista: Mãe de Goro – Haru

Dia 28/06/2012 (Quinta-feira)

Haru tem 30 anos de idade. É “*sansei*” (terceira geração de japoneses). Ingressou numa Universidade Estadual no Brasil, mas não conseguiu concluí-la.

Goro tem 9 anos de idade, nativo da cidade de Bastos. A mãe estava grávida de seis meses quando se casou. Relata-me que a gravidez foi o motivo para casar-se. Haru não pôde terminar os seus estudos. Durante o namoro, Haru engravidou de Goro. Relata-me Haru: “Fiquei grávida antes de casar e por isso parei com a universidade”.

A separação ocorreu um ano após seu casamento. Foi de uma forma amigável. A família de Haru nunca aceitou seu casamento, porque o marido não conseguia ter um emprego estável e não demonstrava confiança. O pai de Goro tem o ensino fundamental concluído e não tem ascendência japonesa. Quando se casaram no civil, Haru foi morar na casa com os seus pais e o marido foi morar na casa dos pais dele.

O relacionamento era conturbado. Haru pediu a separação ao pai de Goro. Em 2005 quando Goro tinha um ano e nove meses de idade, Haru juntamente com a avó materna de Goro foram trabalhar no Japão. Como “*dekassegui*” trabalhou de operária em uma fábrica de cartuchos e conseguiu o cargo de líder. Permaneceram no Japão sete anos sem retornar ao Brasil. Moraram na Província de Nagano, na cidade de Matsumoto.

No Japão conheceu o seu atual companheiro, com quem tem um relacionamento estável de cinco anos. Ele é “*sansei*” (mestiço), com quem teve mais dois filhos, um menino de 3 anos de idade e o outro de 1 ano e meio de idade.

Haru retornou em maio de 2012 para o Brasil. Está morando no Brasil na casa com a irmã mais velha juntamente com os seus filhos e pais. O companheiro de Haru permanece trabalhando no Japão.

O menino Goro não conhece e não tem nenhum contato com o seu pai biológico.

Haru: Ele não sabe. A família para ele são os avós, mãe e a pessoa com quem moro e “que o chama” de titio. Goro fala que o pai não é aquele que o fez, mas aquele que o criou. Ele não tem vontade de conhecê-lo, só se eu for junto. Talvez ele conversasse por telefone. Eu tenho muito receio desse encontro, não sei o que ele vai ensinar. Goro e o pai se parecem muito. No Japão quando comemorava o Dia dos Pais ficava triste e na comemoração desenhava a figura da mãe ou da avó no lugar do pai.

Goro ingressou na escola “*Kumon*” para aprender o português e também matemática. Cursou sete meses. Goro terminou a segunda série no Japão.

Entrevista:

Essa entrevista foi gravada com o consentimento do entrevistado. Teve a duração de vinte e oito minutos.

1) Você e seu cônjuge perceberam alguma dificuldade de adaptação do seu filho no Japão e no retorno ao Brasil?

Haru: Tiveram muitas dificuldades, hein. Inclusive já pela aparência do meu filho por ser mestiço. Ele era mestiço. Então, ele se sentia muito complexado por ele não ter olho puxado. Já começou por aí. Ele ficava me perguntando: “Mamãe, por que eu não tenho o olho puxado?” Pra ele, os japoneses eram bonitos e ele era feio. Eu falava para ele: “Nossa meu filho! Você está pensando diferente, porque os japoneses querem ser ocidentais. Tanto é que lá os homens e as mulheres eles fazem o possível para terem os olhos grandes, o cabelo enrolado. Quer parecer com ele.” Eu falei para ele: “Quer parecer com você”. Mas ele não aceitava isso. Até hoje ele fala isso, que bonito é o japonês. Que ele é feio. Já começou por aí. Mas tirando essas coisas também, costumes, né? Os costumes dos japoneses, eles são mais frios. Então, principalmente os pais das crianças, a gente sente que a gente nunca vai se igualar a eles. Por mais que você saiba falar japonês, por mais que você tente entrar na sociedade e frequentar, a gente nunca vai ser igual a eles. Eles são sempre superiores a nós. Então fica difícil. Eles cultivam isso nas crianças também. Então, por isso começou a criar um certo complexo de inferioridade, onde gerou um pouco de insegurança nele. Percebia isso nele.

Pesquisadora: Como foi esse complexo de inferioridade?

Haru: Ele já começou a falar pela aparência. Ele começava sempre a se achar menos que os outros. Falava: “Fulano de tal é assim, mas eu não consegui.” Ele sempre vinha falando pra mim: “Mamãe eu não vou conseguir! Eu não consigo porque é difícil.” Ele sempre colocava muitos empecilhos e ele não conseguia. Aí, ele falava até que: “porque eu sou brasileiro.” Eu falava não, né? Que isso não tem nada a ver, todo mundo consegue. Ele falava: “Não, mas é porque sou brasileiro.” Ele colocou isso na cabeça dele.

Pesquisadora: Com quantos anos ele entrou na escola no Japão?

Haru: Foi com 7 anos.

Pesquisadora: Ele entrou em que série?

Haru: Na primeira série.

Pesquisadora: Ele fez parquinho?

Haru: Ele fez. Ele foi na creche, primeiramente.

Pesquisadora: Quantos anos ele tinha?

Haru: Ele já estava com 2 anos e meio, mais ou menos.

Pesquisadora: Estava com dois anos e meio de idade?

Haru: É. Dois anos e meio de idade.

Pesquisadora: A creche era japonesa?

Haru: Era japonesa.

Pesquisadora: Quantas horas ele passava lá?

Haru: No início eram só 8 horas. Foram 8 horas, porque a minha mãe que ia buscar. Como eu comecei a fazer mais horas extras, então não dava para acompanhar muito ele, no dia a dia. Então, era mais a minha mãe que ficava junto com ele.

Pesquisadora: A sua mãe não trabalhava?

Haru: Trabalhava. Ela trabalhava só um período de oito horas e dava tempo pra buscar. No meu caso, eu ficava 8 horas e mais 3 horas. Então, num total são 11 horas. Até chegar em casa, dava um total de doze, treze horas que “retornava”.

Pesquisadora: O que você fazia no Japão?

Haru: O primeiro serviço que fiz foi cartuchos de impressora. Era... Como é que fala...? Era uma montagem. Uma linha de montagem, né? Aí acabou não dando certo, porque era serviço temporário e eles não ficaram comigo por muito tempo, por ser temporário. Aí acabei mudando pra outro serviço. Também era cartuchos de impressora da Epson. Já era um serviço diferente, era inspeção das peças, porque tinha que mexer com microscópio e também com as pessoas, porque acabei virando líder da sessão. Então, eu tinha que conversar, falar o horário de almoço. Eu que tinha que fazer tudo isso. O horário dos intervalos, conversar com o chefe... Eu também tinha que conversar, porque o pessoal não entendia a língua. Eu tinha que fazer. Então, era um pouco estressante essa vida, porque lidar com pessoas já é complicado. Então, acabou ficando assim e era obrigado a fazer essas 3 horas a mais. Então, o total eram onze horas de serviço.

Pesquisadora: Na sua casa (Japão), vocês falavam que língua?

Haru: Japonês. Japonês, porque assim não “sofresse” na creche. Porque a criança de japonês, os japoneses eles ensinam já desde pequeno, já ler mais ou menos. Dá uma noção para a criança do que é isso, do que é aquilo, da fruta, cor, tudo, tudo lá. As crianças lá já sabem muita coisa, né? Os tipos de pássaros, até às vezes uma criança de 4 ou 5 anos já sabe. Eu não queria que ele sofresse... Como vou lhe dizer... Uma certa... Pode ser que ele não soubesse nada. Então, comecei ensinar o japonês, ensinar as frutas para ele, os animais, para ele começar a ter uma noção do japonês.

Pesquisadora: Como foi a sua escolha por uma escola japonesa?

Haru: Mais pela parte financeira. Porque no início a gente veio, a minha mãe tava com esse trabalho só de 8 horas, não ganhava muito e não dava para colocar numa creche brasileira. A creche brasileira é mais do que o dobro de que uma creche japonesa.

Pesquisadora: A creche japonesa tem algum custo? Tem pagar alguma coisa?

Haru: Tem que pagar, mas é baixo. No caso, como era divorciada, então o governo me ajudava e a prefeitura também me ajudava. Eu pagava menos na creche, as consultas médicas tanto minha como a dele voltavam (A senhor Haru recebia de volta o valor das consultas médicas pela prefeitura). Então, eu tinha ajuda de custo. Então, isso me ajudava bastante. Por

isso, na creche brasileira se eu fosse colocar, era aquele valor, “independente” se eu sou divorciada, não sou, isso ou aquilo. Posso ter os meus problemas, mas isso não tem nada a ver. Era aquele valor, era aquele valor. Era muito caro. Então, vou optar pela japonesa. Apesar de muitos brasileiros falarem que a creche brasileira tem criança que aparece espancada. Será que é verdade? Fiquei também de ver essa questão. Mas não é isso, que muitas pessoas dizem, né? Falam o chamado “*ijime*”⁹⁵ (*bullying*) que o pessoal fala muito, né? Então eu quero ver realmente se é essa questão. Será que vai sofrer o “*ijime*”? Mas eu não vi nada disso, porque a primeira creche que ele foi tinha muitos brasileiros. Então os professores eles mesmos já estavam acostumados a lidar com brasileiros. Apesar dos japoneses serem frios e tudo, o tratamento é igual, né? Eles cumprimentam e tudo. Os professores em si, eu não senti diferença, né? Eles tratavam as crianças iguais, mas por parte dos pais que a gente sente essa discriminação.

Pesquisadora: O que você sentiu dos pais japoneses?

Haru: Eles têm (Pensativa). Porque o brasileiro lá no Japão é muito mal visto, né? Já começa pela questão disso. Por causa de poucos que acabam fazendo muitas coisas, acidentes, rouba e isso e aquilo, matam. Então, por causa desses poucos nós somos muito mal vistos. Eles têm medo, têm receio de se aproximar da gente e da gente fazer isso. A cabeça deles ainda é muito fechada. Eles não conhecem muito o Brasil. Então, eles não sabem como que é o país, as pessoas de lá. Então, eles generalizam. Formou essa cabeça, esse pensamento com relação ao brasileiro. Então, é assim. É difícil a gente quebrar isso daí. Só que com a convivência eles sabem que não é bem assim. Na creche não foi tanto. Eu senti mais quando eu coloquei ele na escola. Eu me senti mal. Até pensei: “Será que o meu filho está se sentindo bem?” Porque o primeiro dia que teve a reunião dos pais, eu me senti uma pessoa totalmente diferente. Eles me excluíram assim de uma forma tão visível, que eu me senti mal.

Pesquisadora: Como eles te excluíram? Que você sentiu?

Haru: Assim, tem muita coisa que tem participar junto, conversar, né? Eles não perguntaram a minha opinião. Acabou assim: “Ela é brasileira, ela não entende. Pode passar e rodar.” Então, pensei que poderia perguntar e chamar, mas nem isso. Eles decidiram, é assim, é assim.

Pesquisadora: Qual era o Estado que vocês estavam e a cidade que vocês moraram no Japão?

Haru: Estado Nagano-Ken, a cidade Matsumoto-Shi. Só que eu tava lá era uma vila, que acabou virando cidade de Matsumoto. Lá o pessoal é muito mais fechado. Tem muito idoso. Então, a cabeça mais fechada deles. Eles não aceitam muitas coisas, né? Tanto é que a gente fala que é brasileiro, tem lugar que eles não dão serviço, né? Por ser brasileiro e fazer muitas coisas erradas. Então, a gente acaba ficando mal visto nisso, né?

Pesquisadora: Quando percebeu e quis perguntar “será que meu filho estava sentindo bem”, você chegou a fazer essa pergunta pra ele?

Haru: Eu perguntei pra ele. Só que ele não respondeu. Ele falou: “Mamãe ‘*daijoobu*’”, que não tem problema. Mas eu percebia que ele ia para a escola, mas não se sentia muito bem. Ele sempre falava que: “As crianças falam muito do meu cabelo.” Que o cabelo dele é enrolado. “Falam que eu sou ‘cabelo enrolado’.” Ficam me chamando de vários nomes. Comparam que

⁹⁵ *Ijimeru*: judiar de..., tratar mal... (HINATA, 1998, p. 146).

o olho dele é diferente de grande. Então, não tem nada a ver com japonês, e a pele dele é branca e não chega a ser amarela igual os japoneses. Então, ele fala: “Por que que sou assim diferente?” “Porque seu pai é brasileiro, diferente. Por isso que você é assim.” Mas ele não entendia. Acabava não entendendo. Os coleguinhos dele no primeiro ano, até queriam chegar e saber mais dele. Só que ele acabava afastando as crianças. As crianças queriam: “Como que é o Brasil? Como se fala isso em português?” Mas ele não queria, ele detestava falar sobre o Brasil. Porque pra ele, ele não quer ser brasileiro, não aceitou o Brasil. Então, ele falava assim: “Eu não sou brasileiro, eu sou japonês”, ele falava pra mim. Por ele ter sido criado lá e crescido lá, né?

Pesquisadora: Quando vocês decidiram retornar, ele foi informado? Você pediu a opinião dele?

Haru: Eu falei primeiro que a gente estava voltando. Uma, pela condição do Japão, né? Já estava apresentando risco. Nós já presenciamos o terremoto, lá em Nagano, apesar de ser um Estado longe, nós sentimos. Abalou. Até que as crianças ficavam meio assim. Toda vez que ficava balançando as coisas, eles ficavam com medo. Até tinha deixado uma bolsa de emergência junto, perto, quando acontecesse alguma coisa pra a gente poder correr, né? Então, eu falei assim: “Pra gente não sentir essa insegurança.” Ele falava “para onde a gente vai correr”, né? “Pra onde a gente tem que ir. Para onde a gente tem que ir.” Então, acho melhor a gente voltar para o Brasil, que lá já é um país mais assim, lá não tem essas coisas. E também a questão financeira lá e aqui vai dar na mesma. Porque lá a gente está trabalhando mas já está gastando tudo só pra viver e não dá mais nada pra guardar. **Então, a gente precisa voltar, né? Também tem essa questão, nós não somos japoneses e nunca vamos ser. Então, é bom voltar para onde é o nosso lugar, né?**

Pesquisadora: Qual foi a reação do seu filho?

Haru: Ele ficou triste. Tanto que até o último dia de aula, ele ficou meio assim. Não quis despedir dos colegas. Entregou os presentinhos, que é hábito quando sai da escola, sai da creche, sai de algum lugar, você entrega para cada criança alguma lembrança, né? Então, ele levou, entregou para crianças e professores, mas percebeu que ele ficou triste. Não queria ir embora.

Pesquisadora: Ele chegou a falar alguma coisa pra você?

Haru: Não. Ele não falou nada.

Pesquisadora: Quando chegou aqui no Brasil, como que foi pra ele?

Haru: Ele tinha uma visão muito ruim do Brasil. Ele achava que o Brasil era ruim. Quando ele chegou aqui, ele foi na casa da minha irmã, ele viu como é que é. Tem espaço, dá para brincar fora. Começou a ver que não era aquela coisa que ele estava imaginando, né? Agora, ele está aceitando. Até que aqui as pessoas são diversas raças, você encontra japonês, encontra de tudo aqui. Então, ele não sentiu essa diferença assim, né? Também ele está morando junto com a minha mãe. Acho que isso tem um pouco mais de segurança.

Pesquisadora: Ele está frequentando escola?

Haru: Ainda não. Ainda não, porque como nós chegamos em maio... Ele vai perder praticamente esse meio ano inteiro, né, estudando, né? Não vai aprender nada. Então, eu falei pra ele: “Vamos entrar e estudar no “*Kumon*”, para fazer a língua portuguesa e aprender um pouquinho, porque o ano que vem já pegar a escola o ano inteiro. Tanto que a professora do “*Kumon*” falou a mesma coisa para mim: “Não é bom você colocar na escola agora. Vai pagar e pagar e seu filho vai ser reprovado. Então, compensa mais você o quê? Dar mais uma assistência agora na língua portuguesa, adiantar ele para ver se o ano que vem ele consegue se firmar e seguir o ano que ele está”.

2) Você poderia me descrever detalhadamente as dificuldades que perceberam e ao que vocês atribuem essas dificuldades?

Haru: Quando a gente retornou pra cá?

Pesquisadora: Quando retornou pra cá e pode também falar das dificuldades lá do Japão.

Haru: Lá do Japão é mais a frieza dos japoneses. Você sente logo que você chega. Que eles são fechados. Até eles te aceitarem. E olha lá, vamos dizer se eles realmente te aceitaram, porque você não sabe se eles realmente te aceitaram ou não. Eles podem falar, te elogiar, mas no fundo, no fundo, não te aceitaram. Depois de muitos anos que vão se passando a gente vai vendo isso. Logo no início a gente acha isso: “Ah não, já aceitou.” Porque aqui no Brasil é assim. Todo mundo é tão assim. Mas não, o japonês não aceita. Ele tem essa cabeça. É essa cabeça. Sim é sim e não é não. Então, para eles não tem meio termo. Eles não são flexíveis. Então, eu pelo menos sofri muito. Mas de resto, o serviço acabou achando fácil. Mas acho que o meu filho deve ter sofrido um pouco com adaptação, apesar dele não falar na época.

Pesquisadora: Retorno ao Brasil?

Haru: Eu pelo menos estou sentindo muito. A gente sente primeiro a falta das coisas. A gente fala: “Ah, derramou, então vamos pegar a caixa de lenço.” E não tem. É muita coisa que a gente acostuma com o conforto, que a gente tem lá no Japão, com a praticidade. Lá é tão prático, você vai lá pagar as contas, já tem na esquina uma loja de conveniência. Lá tem tudo, vinte e quatro horas. Aqui não, fecham. Lá também as lojas também não fecham, como aqui fecham. Nossa! A gente sente uma falta! Nossa! Que falta que me faz o Japão nessas horas. Com relação as outras coisas não sinto falta, dificuldades. Agora, as crianças também estão sentindo um pouco: a comida que é diferente, até os chocolates para eles é diferente, porque é mais doce e mais forte, eles não comem. Biscotos assim também, não é qualquer coisa que eles comem. Eu falo: “Nossa como é difícil comprar coisas para vocês!” Porque isso não come e aquele não come. Tem que ficar vendo o que eles gostaram para comprar. É sempre um ou outro. O meu mais velho tem muita mania de não querer experimentar. Primeira coisa ele olha e fala: “É ruim.” Eu falo: “Experimenta, experimenta!” Aí ele come e vê que é diferente, aí fala que é gostoso. Aí ele come. Comigo no caso a saudade do pai que ficou, do tio, estão sentindo muito. As coisas, realmente a praticidade. A gente sente muita falta, que a gente fica mal acostumado. Você tem tudo na mão, na hora que você quer, você já tem. Aqui não. Você fala assim: “Como a gente vai fazer?” Não tem. Então, tem que lavar roupa, limpar a casa, tudo e tudo muito trabalhoso. Quando a gente vê a diferença, a gente fala: “Nossa! Que saudade do Japão!” A gente acaba acostumando, né?

3) Como que você lida com essas dificuldades? O que faz para superá-las?

Haru: Eu tento pensar que tudo é passageiro, né? Então, nós estamos ainda numa fase de adaptação. Como a gente foi para um lugar de país de primeiro mundo, lá tudo tem as coisas. Nós voltamos aonde? No Brasil que ainda está em desenvolvimento. Tem colocar isso na cabeça. Vai ser tudo muito mais difícil no início, até a gente acostumar. Tudo é uma questão da gente acostumar. Com um tempo a gente vai, né, como que se diz, superando tudo isso, né?

Pesquisadora: O seu filho, ele fala o português?

Haru: Ele não fala muito o português. Muito ruim o sotaque dele. Quando ele fala, inverte tudo.

Pesquisadora: Ele compreende o que você fala? O português?

Haru: O português ele compreende e na hora de responder é tudo o japonês praticamente. E comigo, não sei. Como ele sabe que eu entendo, ele não faz um menor esforço em aprender ou em responder em português. Já espontaneamente sem querer está falando só japonês comigo. Agora, com o primo que no caso dele está aqui e não sabe japonês, ele tenta. Vamos jogar “game”? “Game” pega o controle. Ele inverte, mas ele tenta, se esforça, e tenta se comunicar. Os dois se dão bem. Eles estão lá brincando. Eu pensei que fosse ter essa dificuldade: “Será que na escola ele vai se adaptar?” Por ele ser essa criança meio retraída. Ele chegou com o primo e já foi conversando. E com as primas, não tem jeito. As primas também são japonesas. Tem mais facilidade, né?

Pesquisadora: Hoje ele fala que é japonês ou brasileiro?

Haru: Hoje, ele fala que é brasileiro. Ele até fala que é brasileiro. Mas quando você vê esses jogos de “games” que precisam colocar a bandeira do país, ele não coloca a bandeira do Brasil. Você vê que a bandeira é do Japão. Ele escreve o nome dele em japonês... E a bandeirinha dele é japonesa. Eu falo para ele: “Mas a bandeira do Brasil não é essa, né?” Ele fala: “Mas não. Está bom essa.” Não faz questão de mudar. Quando eu coloco meu nome e coloco a bandeira do Brasil ele fala: “Mamãe, porque a mamãe colocou essa bandeira?” Eu falo: “Mas a mamãe não é japonesa. A mamãe é brasileira.” Ele fica meio assim. Não fala nada. Quando ele vai jogar ou desenhar assim, ele é japonês.

Pesquisadora: Os seus pais foram juntos com você para o Japão? A sua mãe foi junto com você?

Haru: A minha mãe foi junto. Fomos nós três. O meu pai foi dois anos depois.

Pesquisadora: Qual foi o motivo de ir para o Japão?

Haru: A situação financeira. Na época o meu pai estava construindo a casa. Minha mãe queria juntar um dinheiro e falei para ela: “Eu vou junto, eu ajudo terminarem de construir. Fico até mais algum tempo para guardar alguma coisa para mim.” Mais essa questão mesmo.

Pesquisadora: Lá vocês moraram juntas? Durante 7 anos?

Haru: Moramos juntos, durante quanto tempo, hein? Até 2009. Depois acabamos separando e fomos morar em outro lugar.

Pesquisadora: Você chegou ao Japão em...?

Haru: 2005.

ANEXO E - 1ª Entrevista: Filho – Goro

Dia 05/07/2012 (Quinta-feira)

Goro é uma criança com traços nipônicos. Os seus olhos são bem puxados para o japonês. O que o denuncia que não é um japonês nativo e torna visível essa diferença são seus cabelos enrolados. A sua comunicação com sua mãe se dá no idioma japonês.

Pesquisadora (Ficamos sozinhos na sala): Qual é o seu nome?

Goro: (Silêncio)

Pesquisadora: “*Anata no namae, dore desuka*”⁹⁶?

Goro responde o seu segundo nome japonês, que é costume no Japão.

Em meu primeiro contato com Goro tive a sensação de que eu estivesse no Japão. Ele compreende somente o idioma japonês. Parece-me que a língua portuguesa nunca pode ser usada por Goro.

Pedi que desenhasse a sua chegada no Brasil. Ele desenha uma árvore, um avião e céu. Em seguida, peço-lhe para desenhar a chegada dele no Japão. Ele também desenha um avião e nuvens.

A criança Goro se interessa pelos brinquedos. Ele escolhe o jogo “*Cara a cara*”, e depois o jogo “*Cilada*”. Fui tentando me comunicar com Goro na língua japonesa. Usei algumas palavras básicas, como: “*Ki*”⁹⁷, “*sora*”⁹⁸, “*Nihon*”⁹⁹, “*Burajiru*”¹⁰⁰, “*asoko*”¹⁰¹, “*koko ni*”¹⁰², “*doozo*”¹⁰³, etc. A criança pareceu se sentir mais a vontade.

A sua mãe havia acabado de chegar. Pedi para a sua mãe lhe perguntar se gostaria de voltar para o Japão. Ela perguntou no idioma japonês. Goro respondeu que sim, mas não deu nenhuma explicação.

Observação:

Não foi possível fazer a entrevista gravada com Goro, porque não compreende e nem fala o português.

Dia 12/07/2012 (Quinta-feira)

2º Contato com Goro

⁹⁶ *Anata no namae, dore desuka*: É uma pergunta que significa: Qual é o seu nome? (Tradução nossa).

⁹⁷ *Ki*: [s] árvore, arbusto, madeira. (OHNO, 1989, p. 345).

⁹⁸ *Sora*: [s] céu, atmosfera (OHNO, 1989, p. 706).

⁹⁹ *Nihon*: [s] Japão. (OHNO, 1989, p. 538).

¹⁰⁰ *Burajiru*: Brasil (Tradução nossa).

¹⁰¹ *Asoko*: [pron] lá, ali [Indica um lugar fisicamente distante dos interlocutores]. (OHNO, 1989, p.31).

¹⁰² *Koko ni*: [pron] aqui, este lugar; este [aqui, este lugar; indica um lugar fisicamente próximo de quem fala] (OHNO, 1989, p. 381).

¹⁰³ *Doozo*: Sirva-se (no sentido de ficar à vontade) (Tradução nossa).

Nesse segundo contato peço à criança Goro que faça um desenho da chegada na escola e do primeiro dia de aula no “*Kumon*”. Goro só está frequentando a escola “*Kumon*” para aprender o idioma português e a matemática.

Dia 16/08/2012 (Quinta-feira)

3º Contato com Goro

A mãe de Goro me relata que está sendo bom morar todos juntos com a irmã mais velha. Disse-me que o terreno e a casa são dos pais. Com esse contato direto com os tios e primos, percebe que Goro aprendeu um pouco do idioma português e também passou a falar e a compreender.

Nesse dia pedi para que a mãe de Goro fizesse a tradução.

Pesquisadora: Qual é a paisagem do seu sonho?

Goro: “Não sonho. Somente com paisagens do Japão. Tenho sonhos assustadores. Tenho medo.”

Sonha com uma senhora japonesa que usa botox e que ficou deformada. A mãe fala que Goro pensa que a pessoa negra é uma criatura de outro mundo.

Pesquisadora: Qual a língua falada no sonho?

Goro: “Falo a língua japonesa no sonho. Nunca sonhei com nada daqui.”

Haru: No Japão, Goro dormindo chorava muito à noite. Aqui no Brasil, ele sempre está mais alegre.

Pesquisadora: Goro, você conhece a estória de “*Urashima Taro*”? Você mudaria alguma coisa da estória?

Ele responde-me que sim. Que não mudaria nada na estória.

Pesquisadora: Você veio para o Brasil. Você pensa em retornar para o Japão?

Goro: “Não. Lá tem terremotos e tsunamis. Eu não quero morrer lá. Sinto falta dos brinquedos. Eu tinha amigos lá.”

Pesquisadora: Você está tendo dificuldades aqui no Brasil?

Goro: “Não tenho nenhuma dificuldade. Só o idioma. Falar.”

Pesquisadora: Quais as dificuldades na língua portuguesa?

Goro: “Dificuldade para formar as frases.”

Haru relata-me que seu companheiro quer voltar logo, porque está difícil o Japão. Diz: “É difícil por causa das crianças que sentem faltas e a casa está muito vazia. Ele está lá há dez anos. Ele está cansado também”.

O companheiro de Haru trabalhava como agricultor no sítio antes de ir para o Japão.

ANO DE 2013

Dia 23/03/2013 (Sábado)

4º Contato com Goro

Esse é o nosso primeiro contato desde meados de 2012. A criança Goro está frequentando a 3ª série/ 4º ano em uma escola particular, após ter cursado a escola “*Kumon*”, onde teve seu primeiro contato com a língua portuguesa escrita. Essa escola usa a metodologia de ensino japonês, porém Goro cursou um período de sete meses, onde foi alfabetizado no idioma português.

Sua mãe, Haru, argumenta que o filho está frequentando o Ensino Fundamental e por ser uma instituição particular precisou parar com a escola de idiomas, devido à questão financeira. Por enquanto o seu companheiro continua no Japão, com uma previsão de retorno para esse ano. Lembrando que Haru tem dois filhos desse companheiro que trabalha no Japão. Com o pai de Goro, nunca mais teve contato, desde que foi para o Japão. Goro é o filho mais velho.

Haru chega com os pais já idosos e com os três filhos. Deixa Goro comigo e disse-me que irá ao mercado. Percebo que Goro balbucia como se fosse um bebê que busca pela mãe. Sua mãe fala que depois virá buscá-lo. Tento me aproximar de Goro usando o idioma japonês para cumprimentá-lo.

Pesquisadora: “*Ogenki desuka*”?

Goro: “*Genki desu*”.

Pesquisadora: Vamos entrar! Comprei um livro para você! “*Omeage*¹⁰⁴” (Presente).

Percebo que a criança está menos resistente. Ele vai até minha sala onde entrego a revista “*manga*”. Ele olha a revista e fica em silêncio.

Pesquisadora: Como está na escola?

Goro: Mais ou menos, porque não entendo o português.

Pesquisadora: Quando não entende o português, o que faz?

Goro: “Tenta” falar, mas não consegue.

¹⁰⁴ *Omeage*: Presente. Os japoneses costumam presentear os recém-chegados com pequenos agrados, no sentido de serem bem vindos (Tradução nossa).

Goro fica olhando para os jogos que estão na prateleira sem se deslocar. Digo que pode ficar a vontade e se quiser poderá brincar. Ele vai e escolhe o jogo de damas e fomos jogar juntos. Ele desconhece as regras, pois nunca havia brincado com o jogo de damas.

Ensino-lhe as regras e vou passando os detalhes. Ele sorri quando ganha uma pedra. Percebi que era importante e necessário naquele primeiro momento que ele ganhasse a jogada. As jogadas são silenciosas para Goro. Somente surgia o som da minha voz explicando cada jogada. Terminado o jogo, Goro se levanta e escolhe o jogo chamado de “*Cilada*”. Esse jogo é solitário, uma só pessoa tenta encaixar as peças nos seus devidos lugares. Ele demora alguns minutos, após algumas tentativas ele consegue terminar o jogo.

Pesquisadora: Goro, desenhe o seu primeiro dia de aula nessa escola.

1º DESENHO: Primeiro dia de aula na aula

Goro inicia o desenho pelo lado esquerdo da escola onde estuda. Em seguida faz o desenho de uma árvore e a segunda árvore do lado direito. Depois escreve o nome da escola. Desenha algo que está em marrom que nomeia “terra”, “luz” e “árvores”. Logo abaixo faz uma figura humana muito pequena e usa a borracha para apagar o desenho. Novamente desenha a figura humana um pouco maior com uma bolsa que nomeia de Goro. Desenha dois amigos jogando bola na quadra. Por último uma rua, estacionamentos e o carro que o avô materno usa para levá-lo à escola.

Pesquisadora: O que você desenhou?

Goro: Eu indo para escola. As árvores ficam fora da escola. A luz e a terra são para ir à noite para escola.

Disse-me que a porta está fechada, porque a professor a fechou.

Pesquisadora: Como é o seu professor?

Goro: Mais ou menos.

Pesquisadora: O que é mais ou menos?

Goro: Bravo.

Pesquisadora: Ele é bravo com você?

Goro: Pouquinho.

Pesquisadora: O que ele fala para você?

Goro: Presta atenção.

Pesquisadora: O que sentiu?

Goro: Assustou.

Pesquisadora: Falou alguma coisa para ele?

Goro: Não. Assustou.

Pesquisadora: O que você pensou que fosse fazer?

Goro: Brigar.

Pesquisadora: Mas ele brigou?

Goro: Não. Está carregando a bolsa para ir à escola. Já está indo à escola. Amiga e amigo estão na quadra brincando de bola. Eu estou carregando a bolsa e logo vou chegar à escola.

Pesquisadora: Você tem amigos?

Goro: Todo mundo!

Pesquisadora: No intervalo como que é?

Goro: Conversa pouco. Eu tenho vergonha. Vai rir de mim.

Pesquisadora: Por que pensa que as pessoas vão rir de você?

Goro: Penso assim.

Pesquisadora: Você está podendo falar bem o português.

Goro: Uhum.

Goro cita as disciplinas que fez avaliação que são: Português, Matemática, Geografia, Ciências e História. As notas ainda não foram divulgadas.

Pesquisadora: Qual a disciplina que vai melhor?

Goro: Matemática. Sou bom de matemática.

Pesquisadora: E a disciplina que vai pior?

Goro: Português, porque erro bastante as letras.

Pesquisadora: Na sua casa, qual o idioma que conversa com a sua mãe?

Goro: Japonês e o português.

Pesquisadora: Qual a língua que sua mãe usa para conversar com você?

Goro: Japonês e o português. “*Oobasan*” e “*Ojichan*” também. O irmão só português.

Pesquisadora: Como está o Brasil para você?

Goro: Bom.

Pesquisadora: O que você gosta?

Goro: Comida, arroz com feijão, frangos e carnes.

Pesquisadora: Você tem saudades do Japão?

Goro: Não tem muito. Mais ou menos.

Pesquisadora: O que sente mais saudades do Japão?

Goro: Da guerra que vai começar. Gostava dos games e dos brinquedos. São chiques e duros.

Pesquisadora: Você é brasileiro ou japonês?

Goro: Brasileiro, porque nasci no Brasil, na cidade de Bastos.

Relata-me a criança que tinha poucos amigos japoneses e que eles pediam para Goro ensinar o idioma português.

Pesquisadora: Você ensinou o português?

Goro: Peixe.

Goro pega o brinquedo “*Engenheiro*” e tira as peças da caixa e vai construindo uma escola para a pessoa ir, um hotel e uma casa. Fala-me que é de alguém muito rico e chique.

Pesquisadora: O que é chique?

Goro: Banheiro, fogão, chuveiro... Fiz loja de supermercado, cidade, tudo, igreja e shopping.

Pesquisadora: O que gosta do shopping?

Goro: Têm muitas comidas e muitos tipos de brinquedos.

As primeiras vezes que tivemos contato Goro não falava o português. A sua dificuldade com o idioma português transparecia na tentativa de se comunicar com as pessoas. Quando conversava em japonês não podia ser correspondido. Parece que o pouco do pré-aprendizado do idioma português no Brasil na escola “*Kumon*” está podendo ajudá-lo e amenizar o choque cultural da língua.

Dia 06/04/2013 (Sábado)

5º Contato com Goro:

Havia marcado um horário para Haru mãe de Goro para conversarmos. Ela veio com o filho Goro. Goro ficou aguardando na sala de espera enquanto conversava com a sua mãe. Haru relata-me que Goro “ainda não está entendendo a leitura”. Faz uma crítica ao ensino e ao material didático utilizado pelas crianças brasileiras. “Quando era criança, eu não entendia.

Goro está sentindo dificuldade”. Pergunto se ele entendeu e me responde: “Eu entendi e não entendi”. Ele consegue entender a base do contexto, porém os pormenores ele não entende.

Um exemplo é que Haru coloca as dificuldades de Goro em Geografia. Não consegue dizer o que é movimento de rotação e de translação. A mãe passa um vídeo para explicar a matéria. Porém, se complica quando tem que dizer que a terra gira em torno de si. Percebe que o filho não entende mesmo usando também o idioma japonês e fazendo gestos com as mãos.

Goro fazendo um tratamento homeopático devido às dificuldades de concentração. A mãe diz que Goro apresenta dificuldades com o tempo. Não sabe quando é uma hora, pois pensa que é logo.

Haru: Um dia tem quantas horas?

Goro: 30 dias.

Depois disse 11 horas. “Nem na língua japonesa sabe a noção de tempo”. No Japão ele era atrasado em relação ao tempo. “Não conseguia entender 10 minutos”. Haru diz que Goro é uma criança desorganizada. “Ele não lava o rosto. Ele molha os dois dedinhos e passa nos olhos. Eu ensino. Ele come e não limpa a boca”.

Pesquisadora: Ele passou por uma avaliação neurológica?

Haru: Não. No Japão a criança foi para escola e a gente acabou falando o japonês. Eu falava o português e ele respondia em japonês. Ele não me deu opção. Na escola no Japão faz teste de positivo e negativo. Ele não tem iniciativa de resolver logo. Em matemática era bom.

Pesquisadora: Em relação ao tempo, já tinha essa dificuldade no Japão?

Haru: Ele era pior. Ficava no banho sentado e não tinha feito nada. Tudo que ele não gosta se dispersa. Ele viaja. Deixei um recado para a professora, ele não entregou. Ele tem muito receio de entregar. Ele leva muito ao pé da letra. Se a professora pede para ficar quieto, ele fica parado. Ele disse que a professora havia dito: “Azar o seu”. Não entendeu o que ela queria dizer. Entretanto, se lavasse a touca que usa para aula de culinária e rasgasse o problema era de Goro. Ele voltou contente daqui, dizendo que conversou com você. Com a professora não conversa. Acho que ela brinca demais. A visão de professora para ele é bem diferente. Tem ser mais madura. Ele dá muito crédito para essas pessoas.

Pesquisadora: Ele tem esse sentimento de vergonha.

Haru: Os japoneses não têm vergonha. O fato dele não ser japonês mexeu com ele. Tem esse complexo de inferioridade.

Pesquisadora: A vergonha está nos descendentes de japonês?

Haru: A gente repara que as crianças japonesas questionam os professores. Goro ainda não tem isso.

Pesquisadora: O que é vergonha para você?

Haru: Estar na frente de todo mundo e falar errado. Nossos termos são antigos. Eles usam muitos termos ingleses. Penso: “Será que falo? Ou não falo?”

Pesquisadora: Você fica na dúvida?

Haru: Sim. Penso: “Será que falo? E se falar errado?” Japonês é tudo sistemático. Às vezes você não se encaixa aí. Nós somos descendentes e somos criados nesses sistemas. Japonês é cheio de pormenores. Tudo tem uma palavra para usar. Eu ficava me perguntando: “Ai, e agora? O que falo?” Preferia nem falar. Têm coisas que a gente pergunta e é falta de educação. O brasileiro pergunta. Eu me preocupo falar coisas que ofendem. O jovem japonês é mais fácil falar. Com os mais velhos é melhor não falar nada. Com a professora japonesa eu falava, não tinha problema. Ela entendia, era uma pessoa de mais ou menos acima dos 50 anos de idade.

Pesquisadora: Como foi o primeiro dia de aula de Goro? Ele comentou alguma coisa?

Haru: Antes de ir para a escola ficava falando: “Como é? Será que as crianças vão rir de mim?” Ele voltou contente, porque todos mostraram a escola para ele. Antes de começar as aulas conversei com a professora e expliquei como meu filho era: “Ele é muito ingênuo de tudo. Têm coisas que ele acredita. Ele não é maturo”.

Pesquisadora: Quais as disciplinas Goro tem dificuldades?

Haru: Ciências não consegue entender. O “inglês” está aprendendo rápido. História e Geografia está com dificuldades. O “português” estava indo, agora com os verbos fica perdido justamente com o passado, presente e futuro, que mexe com ele. Ele pergunta: Por que o “português” tem tantos verbos?”

Pesquisadora: No idioma japonês, ele consegue pôr os verbos no tempo correto?

Haru: No japonês ele consegue pôr os verbos no tempo. A professora japonesa dizia que faltava leitura. Ele procurava livros com imagens no Japão. Fala que vai demorar de ler. O “português” fala que não sabe escrever e que prefere falar.

A mãe de Goro disse-me que precisou tirar o filho da escola de idioma português porque não tinha condições financeiras para mantê-lo em duas escolas particulares. Pensou que tivesse atrasado em Matemática aqui no Brasil, por isso fez as aulas de Matemática. Porém, não estava atrasado. O seu companheiro está retornando no mês de maio.

Conversei com Goro e disse-me que o “português” está mais ou menos, que o “inglês” está difícil em tudo. Diante das diferenças culturais a criança vai se comunicando na língua portuguesa. Às vezes espontaneamente acaba escapando algumas palavras japonesas.

Dia 13/04/2013 (Sábado)

6º Contato com Goro:

Pesquisadora: “*Ogenki desuka?*” (Como vai?)

Goro: “*Genki*” (Bem).

Pesquisadora: Vamos entrar! “*Doozo.*” (Fique a vontade)

Goro entra na sala de atendimento e senta. Fica olhando em direção aos brinquedos que estão sobre uma pequena estante. Digo-lhe que vamos conversar um pouco e que depois poderia brincar.

Pesquisadora: Goro, você estudou no “*Kumon*”. O que aprendeu?

Goro: Letras, palavras e comprar.

Pesquisadora: Você também aprendeu Matemática lá?

Goro: Uhum (Uma menção com a cabeça afirmando).

Pesquisadora: Como foi aprender as letras e as palavras na escola “*Kumon*”?

Goro: Foi legal! Porque aprendi bastante.

Pesquisadora: Você está podendo falar o “português”. O que pensa sobre isso?

Goro: Matemática hoje está bom, porque aprendi no “*Kumon*”.

Pesquisadora: E o “português”?

Goro: Está indo mais ou menos, porque eu erro palavras.

Pesquisadora: Quais são as palavras?

Goro: “Palavras compridos” e de acento.

Pesquisadora: Você lembra alguma palavra para me dizer?

Goro: Paralelepípedo.

Pesquisadora: Essa palavra parece um palavrão!

Goro: (Ri) Essa palavra não consegue escrever.

Pesquisadora: O que sente quando não consegue?

Goro: Sente com medo.

Pesquisadora: O que pensa?

Goro: Que vai errar.

Pesquisadora: O que poderá acontecer se errar?

Goro: Que a professora vai ficar brava.

Pesquisadora: Você tem sentido muito medo na escola?

Goro: Tem.

Pesquisadora: Qual é o seu maior medo?

Goro: Texto.

Pesquisadora: Então, o texto lhe assombra. Você sabe que é assombrar?

Goro: Não.

Pesquisadora: É ficar com muito medo.

Goro: Porque a minha mãe fica muito brava. Porque a minha mãe tirava nota mais ou menos e depois tudo dez.

Pesquisadora: Parece-me que sua mãe lhe cobra.

Goro: Ela era segundo e primeiro.

Pesquisadora: O que pensa sobre isso?

Goro: Que é bom. Aí, não precisa mais pagar a escola.

Pesquisadora: Como assim?

Goro: Se ficar em primeiro não precisa mais pagar a escola.

Pesquisadora: Você está me dizendo, que se ficar em primeiro lugar da classe não pagará mais a escola?

Goro: Uhum.

Pesquisadora: Você gosta de algum livro em português?

Goro: Não. Tem vez com “prigui”. Não gosto muito.

Pesquisadora: Tem vez que sente preguiça?

Goro: É.

Pesquisadora: Você acha difícil ler um texto em português?

Goro: É. Porque não sei muito palavra.

Pesquisadora: Parece-me que não sabe compreender o que está escrito. É isto?

Goro faz uma menção de afirmação com a cabeça.

Pesquisadora: Quando não consegue compreender, qual é o seu sentimento?

Goro: Vergonha.

Pesquisadora: O que é vergonha?

Goro: Todo mundo ri.

Pesquisadora: Isso está acontecendo?

Goro: Não.

Pesquisadora: Qual é mais fácil: O “português” ou o “japonês”?

Goro: Japonês. Porque é mais fácil de ler e escrever.

Goro olha em direção aos brinquedos. Digo-lhe que pode pegá-los e brincar. Ele levanta e pega o jogo “*Lego*”. Encaixa as peças, juntando num espaço pequeno três edifícios. Disse-me que é para fazer bolos.

Pesquisadora: O que pretende fazer no futuro? Você sabe o que é futuro?

Goro: Sim. Tenho medo. Porque vai bater o carro.

Pesquisadora: Fale um pouquinho sobre isso.

Goro: Estava vendo meu avô dirigindo o carro. Todo dia que vai na escola.

Goro pega o “*Jogo da Vida*” e retira da caixa e demonstra querer jogá-lo.

Pesquisadora: Por que pensa que vai bater o carro?

Goro fica olhando para o “*Jogo da Vida*” e permanece em silêncio. Parece-me que procura o caminho da saída e da chegada. Mostro-lhe o ponto da saída e ele sorri. Peço-lhe que leia o que está escrito. Goro lê devagar o português e algumas vezes percebo a escrita do jogo mais complexa e lhe pergunto se entendeu o que estava escrito. Ele me responde que não. Explico-lhe de uma maneira simples para que possa compreender o texto e as regras do jogo. Ele me disse que não conhecia o jogo, porém teve iniciativa de comprar um seguro para a casa e foi recebendo muito dinheiro durante a partida, chegando em primeiro lugar e ganhando o jogo. Demonstrava em sua face um sorriso.

Observações:

Observo que o “português” de Goro a cada dia tem se desenvolvido, apesar ainda de ter muitas dificuldades na língua falada e na escrita. Em meados de 2012, Goro somente se expressava na língua japonesa, usando raramente algumas palavras em português que havia acabado de aprender na escola de idioma que estava frequentando na época.

Dia 20/04/2013 (Sábado)

7º Contato com Goro:

Goro chega meio tímido a minha sala para o nosso encontro. Faço uso de expressões japonesas para cumprimentá-lo: “*Ogenki desuka?*” Ele me responde que está bem no idioma japonês.

Pergunto-lhe sobre as avaliações que tem feito na escola. Goro ligeiramente me diz que tirou 9,3 em Inglês e se sentiu alegre, porém a nota de Língua Portuguesa, 7,3. Parece-me que não ficou satisfeito e justifica que foi mais ou menos, porque quase se aproximou dos seis pontos que é a média para a aprovação. Goro menciona a insatisfação pela nota 5,8 em Ciências. Nomeia de nota ruim.

Pesquisadora: O que você não entendeu em Ciências?

Goro: Não entendeu as palavras e os bichos. Palavras que põem acentos. Do Japão é mais fácil.

Pesquisadora: Parece-me que as palavras portuguesas têm mais acentos. Quando não entende, o que sente?

Goro: Sinto com medo de não saber escrever. De não entender.

Atualmente disse-me que pergunta para a professora quando não entende o que está escrito ou falado.

Goro: No começo do ano não perguntava, porque tinha vergonha.

Pesquisadora: O que é vergonha?

Goro: De falar com os amigos.

Pesquisadora: E agora?

Goro: Eu converso com meu amigo e o outro não. Tenho dois amigos. A gente conversa de “*game*” e pega-pega.

Pesquisadora: Você gosta dos “*games*” brasileiros?

Goro: Gosto mais do Japão, porque faz barulho. A quadra é grande (ele quis dizer que a tela é grande desses jogos japoneses). A minha escola é grande no Japão. Até o sexto ano, tem sexto andar.

Pesquisadora: No Brasil como está a escola?

Goro: Está um pouco melhor. Eu fico mais conversando.

Pesquisadora: Como é a escola?

Goro: É pequeno, porque a minha mãe escolheu. No Japão tinha outra escola, mas eu mudei de escola. Tinha Artes e ideogramas, gramáticas. Tem laboratório. Ainda não faz no Japão.

Quando conta-me que a mãe lhe havia dito que o Japão está em guerra e que terá lutar com outro país. Que o companheiro de Haru ainda se encontra no Japão e está de viagem marcada para o Brasil. Goro mostra-me preocupado com a suposta guerra.

Pesquisadora: O que pensou quando sua mãe lhe contou que iria voltar para o Brasil?

Goro: “Eu ficou” com medo. Quando tinha dois anos fui para Japão e não “conheceu” nada. “Eu ficou” com medo.

Pesquisadora: Com medo do quê?

Goro: Da escola. Todo mundo brigou.

Pesquisadora: Alguém brigou com você lá?

Goro: “Não. Eu era novo.

Pesquisadora: O que sentiu? O que pensou?

Goro: Senti um pouquinho de medo. Ainda não conhecia meu tio, minha tia e meu Brasil.

Goro pensou que ao chegar ao Brasil fosse encontrar uma casa grande. A criança mora com a mãe e seus irmãos na casa dos avôs e tios maternos. Quando viu, a casa era grande, também tinha um cachorro que não gostava. Assinala que ficou assustado com a casa e que daria para jogar futebol.

Goro se despediu da sua professora e do diretor da escola. Relata-me que deu uma caneta para cada um. Os seus amigos ficaram assustados quando disse que iria vir para o Brasil.

Pesquisadora: Sua mãe falava do Brasil com você?

Goro: Não falava do Brasil.

Enfatiza que no Japão pode jogar o papel higiênico no vaso sanitário e aqui no Brasil não se usa fazer isso. Que não sabia disso.

Pesquisadora: Parece-me que está aprendendo a fazer novas coisas aqui.

Goro: Aí vai ficando mais fácil.

Goro pega o jogo de damas. Jogamos uma partida e o resultado foi o empate. Durante a partida vou lhe explicando as regras. Ele fixa os seus olhos no jogo e em direção aos meus olhos, como se esperasse uma aprovação.

Dia 08/06/2013 (Sábado)

8º Contato com Goro:

Goro entra na minha sala dizendo que tirou 9,5 em Ciências. Que talvez tire 10 em Geografia.

O companheiro da mãe voltou do Japão, ao qual Goro chama de pai.

Pesquisadora: Como que você o viu?

Goro: Alto.

Pesquisadora: O que sentiu quando viu o pai?

Goro: Feliz, por causa do “game”. Ele trouxe “game” 3D.

Pesquisadora: O que conversou com o seu pai?

Goro: Sobre a escola. Acho que vou mudar de escola. Meu irmão médio e pequeno vão estudar na escola estadual.

A criança pegou o giz e ficou fazendo contas de matemática. Como se ele fosse o professor e eu a aluna.

Pesquisadora: Foi difícil aprender matemática?

Goro: Foi difícil, porque não sabia fazer conta de cem. A divisão não sabia.

Pesquisadora: Você sabe por que voltou do Japão?

Goro: Vai ter guerra, se ficar vai morrer. Os coreanos vão fazer um míssil para explodir tudo.

Pesquisadora: Por que você voltou do Japão?

Goro: Também por causa da guerra. Meu pai demorou bastante para vir.

Pesquisadora: A prova de Português?

Goro: Acho que foi ruim, porque tinha bastante erro. Fiquei com medo, né? Não entendeu as palavras.

Nesse encontro a criança está menos inibida, parece-me usar o que sabe do português para se comunicar e ser correspondido. Ele pega os dinossauros, um boneco, uma casinha e carros. Constrói um mundo onde o homem e os dinossauros estão em guerra.

Dia 15/06/2013 (Sábado)

9º Contato com Goro:

A criança Goro, apesar das suas limitações com a língua portuguesa, a cada novo encontro está mais desenvolvido em seus comportamentos e ousando mais da língua portuguesa que tem aprendido na escola

Faz um comentário que está difícil e que terá que mudar de casa, mesmo não querendo essa nova mudança. O seu padrasto retornou do Japão e disse-me que já está trabalhando de vigilante.

Ele pega um giz e vai direto à lousa. Mostra-me uma conta de matemática que aprendeu a fazer na escola. Sempre vou elogiando tudo que Goro traz de suas experiências. Percebo que a necessidade dele me mostrar é incessante. Como se tivesse que aproveitar todo o tempo que tem para estar comigo, assim, podendo ser transparente e visto por mim. Parece-me à busca de um olhar que corresponda, o compreenda diante da sua necessidade.

Pergunto para a criança se pensou o que quer ser quando crescer. Ele ri e diz que no Japão pensou em ser uma girafa, mas não sabe o porquê. Aqui, talvez polícia e pensa que não dá para ser (Não explicou) . Também pensou em ser médico, mas por ter nojo de sangue não poderá escolher essa profissão. Pensa em coisas de construção.

Pesquisadora: Engenheiro? Arquiteto?

Goro: Sim.

Ele pega a bola de basquete e tenta fazer a cesta. Ele tenta algumas vezes até conseguir acertar a bola dentro da cesta. Quando consegue me mostra um grande sorriso de conquista diante das dificuldades.

Pesquisadora: Quando chegou ao Brasil, qual era a sua dificuldade?

Goro: De falar. É ruim um pouquinho, complicado para mim. Difícil de aprender.

Pesquisadora: Como fazia para falar?

Goro: Falar com cuidado, pra não errar.

Pesquisadora: Quando chegou ao Brasil, falava o português ou japonês?

Goro: Português. Alguns queriam que falasse japonês. Alguns meninos, né? Eu falava o “japonês” e português. Falava um pouquinho errado o português.

Pesquisadora: Parece-me que hoje você tem falado melhor o “português”?

Goro: Senão, as pessoas não entendem.

Pesquisadora: Parece-me que também tem conseguido entender melhor o “português”.

Goro: O “português”.

Goro pega o brinquedo de bolinha de sabão e faz diversas de bolas, salta, chuta, ri, etc. Fala que as bolinhas de sabão têm veneno e queimam qualquer coisa ou pessoa. Pega outros brinquedos, como o engenheiro usando para construir um hotel que logo é destruído pelos dinossauros. As brincadeiras da criança apresentam muitas destruições, não ficando nenhum sobrevivente em seu mundo; até a pesquisadora é destruída pela bola de sabão.

Dia 22/06/2013 (Sábado)**10º Contato com Goro:**

Pesquisadora: Para quem está torcendo, Brasil ou Japão?

Goro: Eu falei do Brasil. Eu estou morando no Brasil. Já na verdade, eu sou brasileiro. O meu pai gosta de assistir. Eu acho que o Japão fez um gol.

Pesquisadora: Quem ganhou o jogo?

Goro: Brasil. Não sei. O Brasil ganhou de 2 ou 3. O Japão fez 1 ou 2.

Goro traz uma revista de aprender fazer “*origamis*”. Retrata que é difícil entender o “*kanji*”. Relata-me que aprendeu a fazer as dobraduras japonesas na escola e com a sua mãe. Fala com orgulho que: “Na escola do Brasil sou bom. Eu gosto, mas não quero errar de dobrar”.

Pesquisadora: Parece-me que é muito importante para você fazer “*origamis*” ?

Goro: Sim! Dá para aprender.

Goro disse-me não gostar muito de futebol e que prefere brincar de jogos eletrônicos ou fazer dobraduras. Acrescenta que filmes japoneses entende mais que os filmes em português, porque o “português” “entende um pouquinho”.

Dia 06/07/2013 (Sábado)**11º Contato com Goro:**

Neste dia Goro parece-me pensativo.

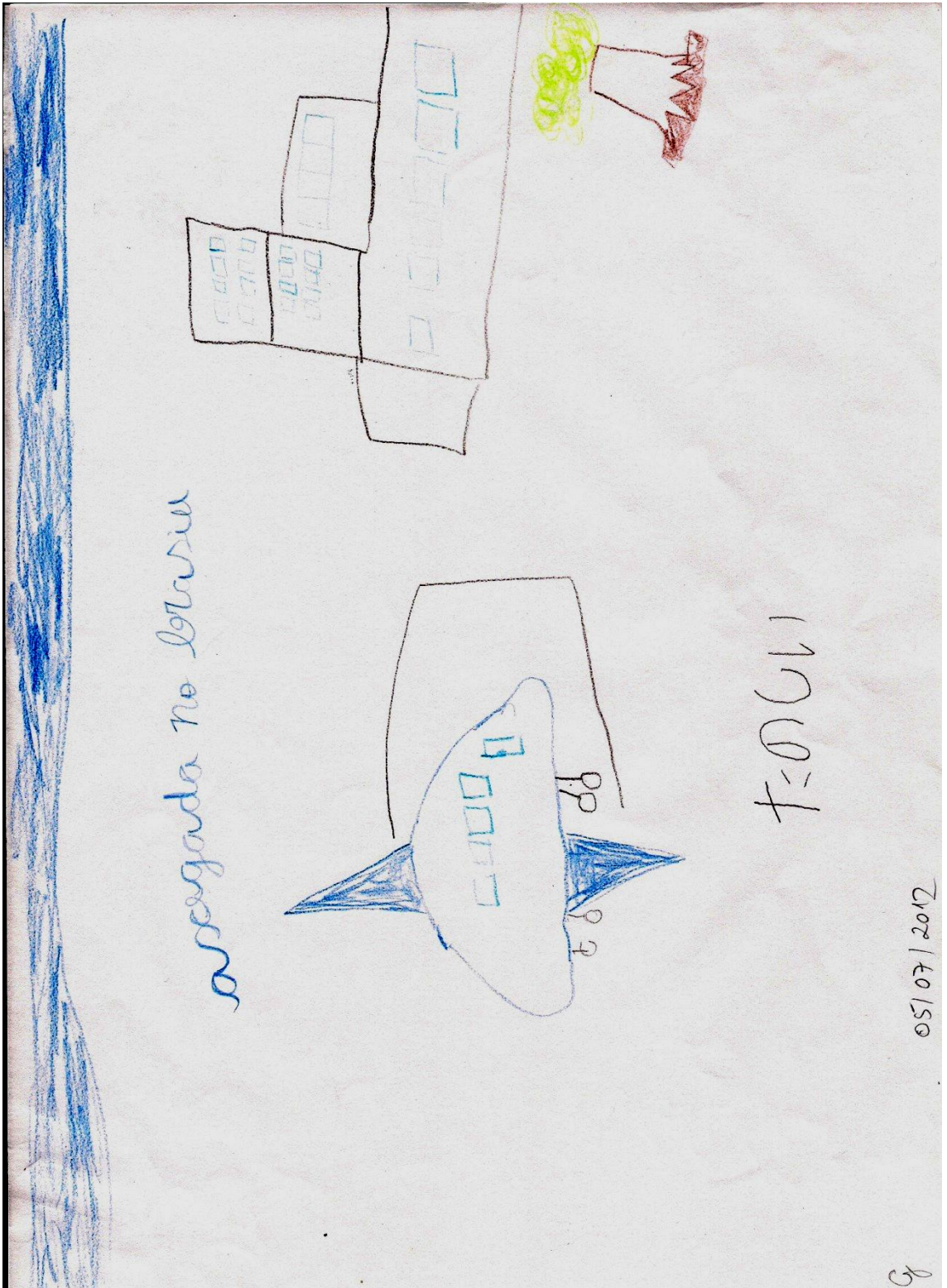
Pesquisadora: Está pensando?

Goro: “*Games*”. No computador.

Relata-me que gostaria de brincar com os brinquedos nas férias. Esses brinquedos são as pistolas que possam atirar.

Quando indagado de como está na escola, responde que está ruim ou mais ou menos. Disse que na disciplina de Ciências está com a nota 8,0 e Geografia com a nota 8,5 e as demais disciplinas não sabe. Portanto, a disciplina de Língua Portuguesa se queixa que tem que procurar no dicionário e que tem palavras que não tem no dicionário e pede para a professora emprestar o dicionário. Não gosta de História, porque tem que ler.

Goro pega o jogo de pintura e vai misturando as tintas e colocando-as no papel sulfite. Disse-me que nunca havia feito esta mistura. Juntamente com a criança também em outra folha vou misturando as tintas. Parece-me que a criança está podendo misturar comigo. Parece-me uma nova descoberta de Goro com o mundo. Algumas cores são verdes claros, porém, mostra muito o preto e o vermelho com laranja do sol. Penso que pode ser um novo sol, o sol brasileiro com a cor amarela e o sol japonês com a cor vermelha, resultando num alaranjado.

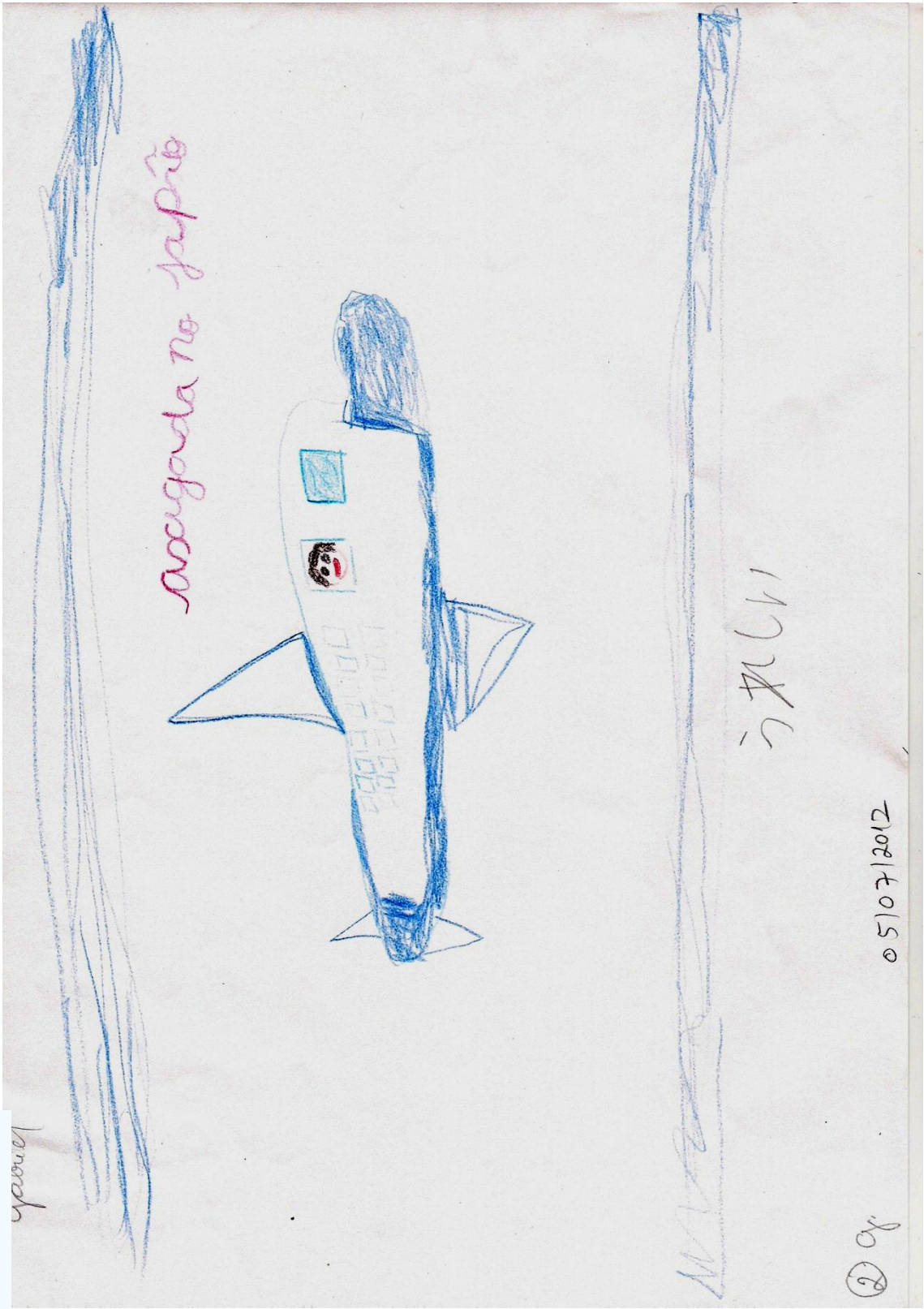


escolinha no jardim

f=0661

05/07/2012

g



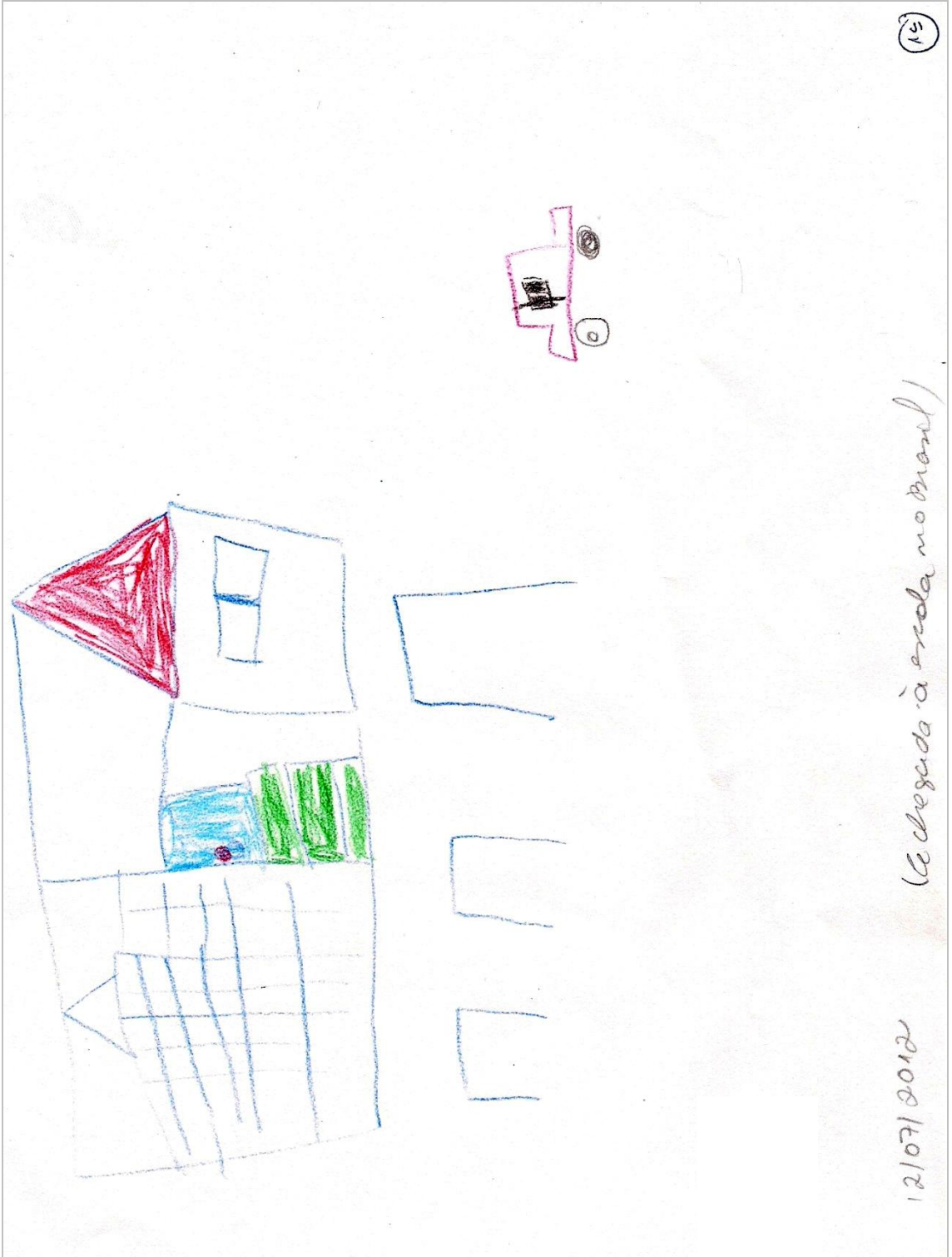
asciganda no japão

うたし

05/07/2012

② of

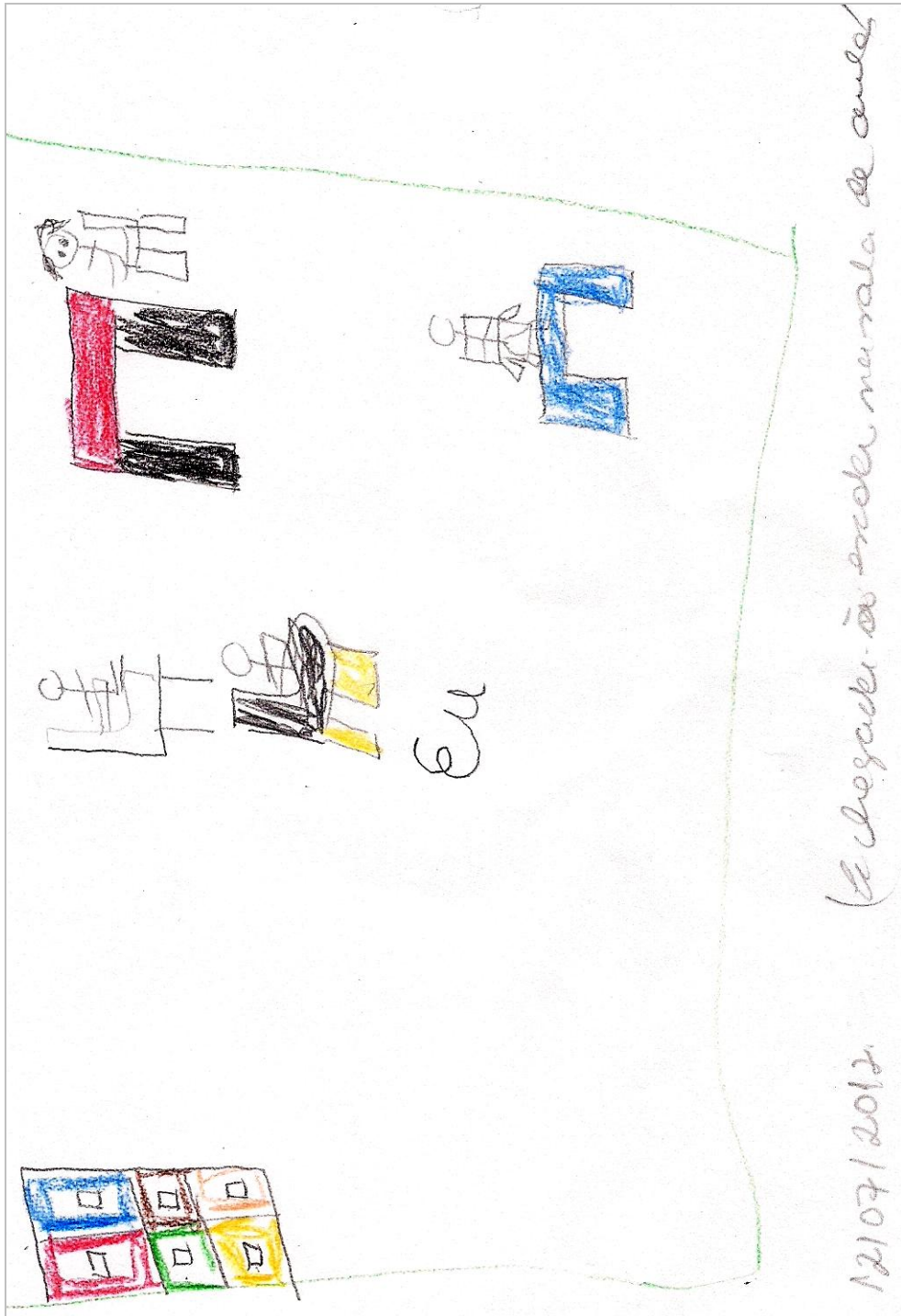
hand

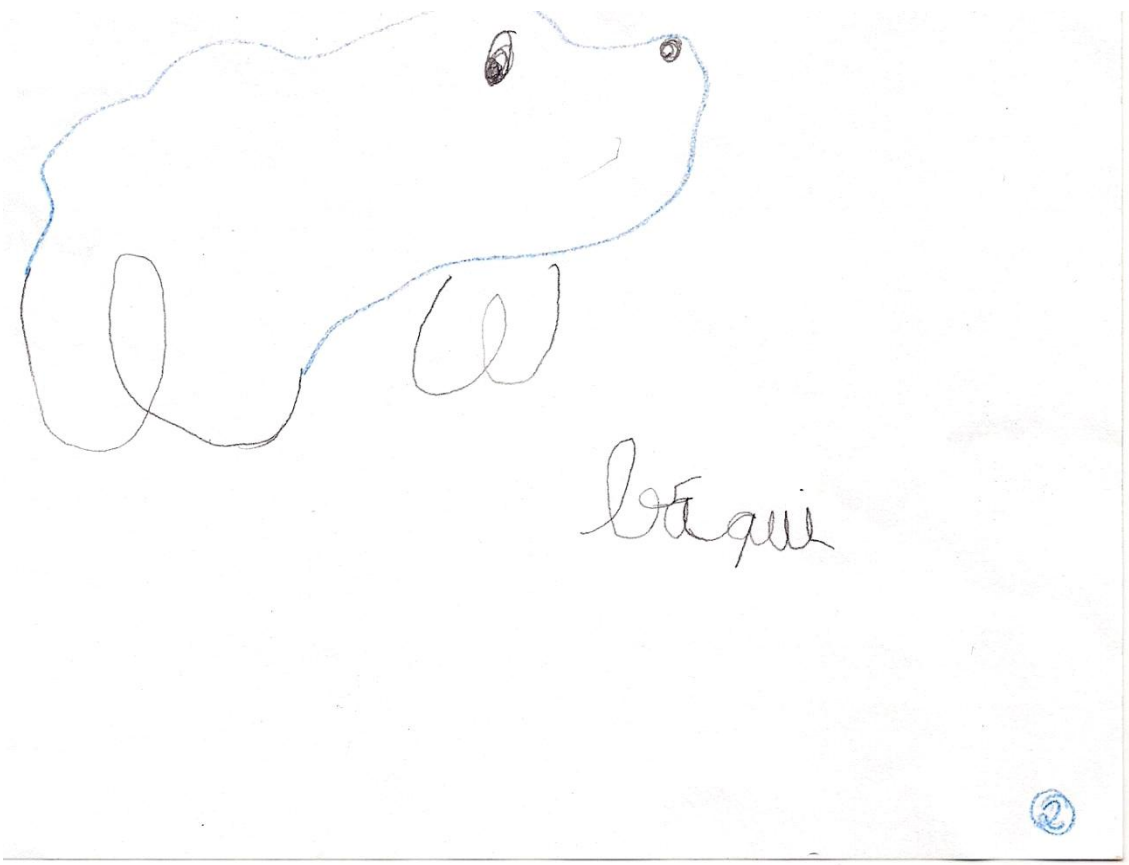
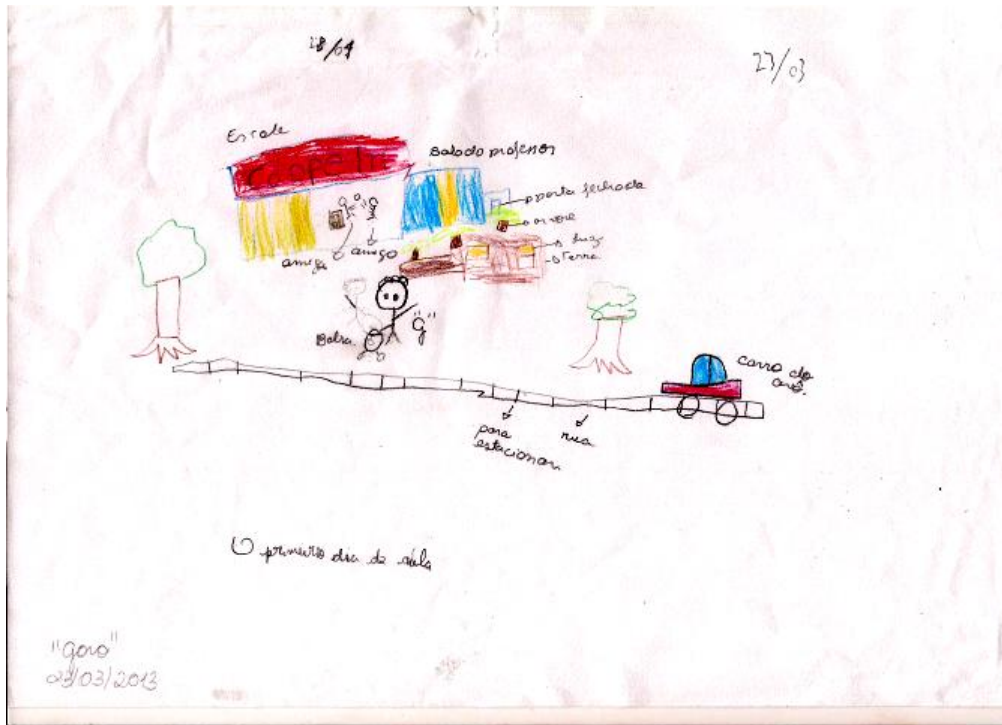


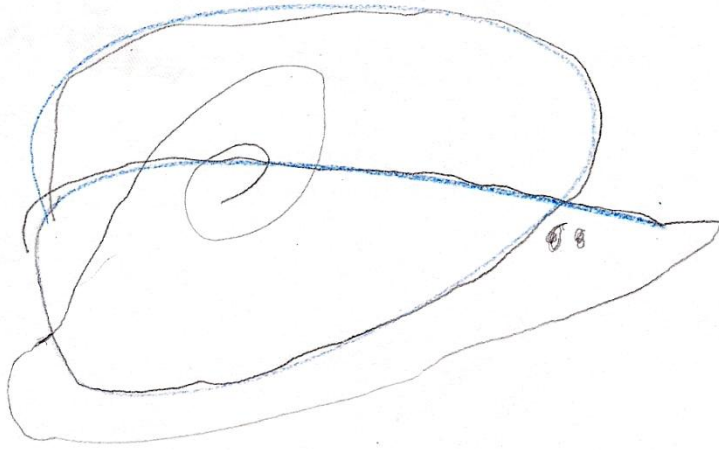
(A chegada à escola no manhã)

12/07/2012

(13)







Calacol

①



